URBANISMO ESPORTIVO NA AMÉRICA DO SUL

ordem, espetáculo e operações
imobiliárias (1920-1955)

Rodrigo Millan Valdes
Orientador: Dr. Renato Cymbalista

Rodrigo Millan Valdes

Urbanismo esportivo na América do Sul: ordem, espetáculo e operações imobiliárias (1920-1955)

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Área de Concentração:
História e Fundamentos da
Arquitetura e do Urbanismo

Orientador: Dr. Renato Cymbalista

São Paulo
Março 2019

Autorizo a reprodução total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Millan Valdes, Rodrigo

Urbanismo esportivo na América do Sul: ordem, espetáculo e operações imobiliárias (1920-1955) / Rodrigo Millan Valdes; orientador Renato Cymbalista. - São Paulo, 2019.
335 p.

Tese (Doutorado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo.

1. Urbanismo Esportivo. 2. Esporte e Lazer. 3. História da Arquitetura e do Urbanismo. 4. América do Sul. I. Cymbalista, Renato, orient. II. Título.

MILLAN VALDES, Rodrigo. *Urbanismo esportivo na América do Sul: ordem, espetáculo e operações imobiliárias (1920-1955)*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.

Data de exame da tese:

Banca examinadora:

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof(a). Dr(a).: _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

RESUMO

Urbanismo esportivo na América do Sul. Ordem, espetáculo e operações imobiliárias (1920-1955)

Esta tese de doutorado discute o processo de planejamento e construção de equipamentos esportivos e de lazer públicos em três cidades da América do Sul, entre os anos de 1920 e 1955, período marcado pela massificação do esporte como prática e como espetáculo urbano. Esse processo teve seu início nas primeiras décadas do século XX, quando passou a ser cada vez mais comum a construção de estádios, ginásios, piscinas, clubes esportivos, velódromos, praças de jogos infantis, equipamentos esportivos no interior de conjuntos escolares e universitários, impulsionados tanto pelo poder público quanto pelo setor privado. Ademais, nesse período, foram institucionalizados os eventos esportivos locais e internacionais como parte da oferta de entretenimento urbano.

Centrada em diferentes episódios da história urbana e cultural de Montevideu, Santiago e São Paulo, a tese defende a hipótese de que a urbanização esportiva foi o resultado da ação de uma série de agentes que, conduzidos por ideias e interesses diversos, promoveram a construção de equipamentos esportivos no continente. Mediante a consolidação de interações, práticas, políticas e instituições, esse conjunto de agentes criou o campo social do urbanismo esportivo. É possível afirmar que o urbanismo esportivo foi impulsionado por quatro grandes agendas: o crescimento da indústria esportiva do espetáculo; a incorporação do esporte e da educação física às políticas sanitárias e educacionais; o desenvolvimento de discursos nacionalistas que integraram esporte, fortalecimento dos corpos e patriotismo; e as visões de agentes públicos e privados que conceberam os equipamentos esportivos como parte de operações imobiliárias maiores.

Ao longo da tese será demonstrado como a produção desses espaços foi resultado de uma trama tensa de forças em disputa, mobilizada por agendas, práticas e referenciais teóricos diferentes. Procedentes de campos de conhecimento e de ação tão diversos como a política, a educação, a medicina, o jornalismo, a engenharia, a arquitetura e o planejamento urbano, argumento que esses discursos foram fundamentais para definir os equipamentos esportivos como bens públicos socialmente necessários, elaborar políticas públicas de incentivo à sua construção e participar dos debates sobre a localização, a construção e a elaboração de programas de uso desses locais.

Palavras-chave: Urbanismo esportivo; Equipamentos esportivos; Esporte e lazer; História da arquitetura e do urbanismo; Cultura urbana

ABSTRACT

Sport urbanism in South America. Order, spectacle and real estate operations (1920-1955)

This dissertation analyses the sport and leisure facilities' production in three important South American cities, during the 1920-1955 period, when the practice of physical activities and sport was on the rise. This process started during the first decades of the 20th century, when stadia, gymnasia, swimming pools, sporting clubs, velodromes, playgrounds, and other sport facilities within schools and university campuses were often erected by public and/or private agents. That was a time when local and international sporting events were also institutionalized as a part of the urban entertainment offer.

Focused on key episodes of the urban history of Montevideo, Santiago and São Paulo, this dissertation tests the following hypothesis: the development of sport and leisure facilities was the result of the combined action of different agents, through the conformation of new practices, policies and institutions. Sport urbanism was guided by four main agendas: the growth of a sport spectacle industry; the incorporation of sport and physical education to heart policies and the education curriculum; the development of nationalist narratives that related sports, fitness and patriotism; and the idea of public and private agents who understood sport facilities as part of major real estate business opportunities.

This work demonstrates how the development of sport facilities was the combined result of opposing social forces, mobilized by diverse agendas, interests and theoretical references. Those narratives, originated in various professional fields, such as politics, education, medicine, journalism, engineering, architecture and urbanism; were fundamental in the definition of sport facilities as social needs, drafting public policies to encourage their planning and building, and taking part in the debates about their location, financing strategies and final uses.

Key words: Sport urbanism; Sport facilities; Sport and leisure; History of architecture and urbanism; Urban culture.

RESUMEN

Urbanismo deportivo en Sudamerica. Orden espectáculo y operaciones inmobiliarias (1920-1955)

Esta tesis de doctorado discute el proceso de planificación y construcción de equipamientos deportivos y recreativos públicos en tres ciudades sudamericanas, entre los años 1920 y 1955, período caracterizado por la masificación del deporte como práctica y como espectáculo urbano. Este proceso tuvo su inicio en las primeras décadas del siglo XX, cuando fue cada vez más común la construcción de estadios, gimnasios, piscinas, clubes deportivos, velódromos, plazas de juegos infantiles, equipamientos deportivos al interior de escuelas y universidades, impulsados tanto por el poder público, como por el sector privado. Asimismo, en este período fueron organizados eventos deportivos locales e internacionales, como parte de la oferta de entretenimiento urbano.

Enfocada en distintos episodios de la historia urbana y cultural de Montevideo, Santiago e São Paulo, la tesis defiende la hipótesis que la urbanización deportiva fue el resultado de la acción de una serie de agentes que, conducidos por ideas e intereses diversos, promovieron la construcción de equipamientos deportivos en el continente. A través de la consolidación de intercambios, prácticas, políticas e instituciones, este conjunto de agentes estableció el campo social del urbanismo deportivo. En ese sentido, es posible afirmar que el urbanismo deportivo fue impulsado por cuatro grandes agendas: el crecimiento de la industria de espectáculo deportivo; la incorporación del deporte y la educación física a las políticas de salud y los currículos escolares; el despliegue de narrativas nacionalistas que relacionaron deporte, fortalecimiento corporal y patriotismo; y la idea, compartida por agentes públicos y privados, de concebir los equipamientos deportivos como elementos participantes de operaciones inmobiliarias mayores.

A lo largo de la tesis será demostrado como la producción de este tipo de espacios fue el resultado de una tensa trama de fuerzas en disputa, movilizada por agendas, prácticas y referencias teóricas diferentes. Procedentes de campos de conocimiento y acción tan diversos como la política, la educación, la medicina, el periodismo, la ingeniería, la arquitectura y el urbanismo, esos discursos fueron fundamentales para definir a los equipamientos deportivos como bienes públicos socialmente necesarios, elaborar políticas públicas de incentivo a su construcción y participar de los debates respecto a su localización, sus mecanismos de financiamiento y sus programas de uso.

Palabras-clave: Urbanismo deportivo; Equipamientos deportivos; Deporte y recreación; Historia de la arquitectura y del urbanismo; Cultura urbana.

ÍNDICE

Introdução.....	11
1. Entre formalismos e leituras críticas: os equipamentos esportivos na historiografia da arquitetura sul-americana	25
2. A modernização urbana pelos olhos de uma revista esportiva: Santiago na revista Los Sports (1923-1927)	61
3. Saúde, higiene e educação física nos anos do regime de Carlos Ibáñez del Campo (1927-1931).....	87
4. Três estádios e uma Copa. O utopismo urbano montevidiano do centenário (1929-1933).....	127
5. <i>Al Estadio! Al Estadio!</i> Visões Urbanísticas, Interesses Imobiliários E Programas De Uso Do Estádio Nacional De Santiago (1935-1945).....	175
6. O estádio e o bairro. O complexo esportivo e social do Pacaembu (1936-1950).....	219
7. O IV Centenário Esportivo de São Paulo: do entusiasmo à decepção (1951-1955).....	267
Considerações Finais.....	305
Fontes da Pesquisa.....	311
Bibliografia.....	313
Crédito das Imagens.....	330
Agradecimentos.....	333

La belleza del esgrimista que perfecciona los movimientos de su espada con la misma magnífica inutilidad del pintor perfeccionando su pincelada. Tanta belleza, ¿qué poeta le cantará?, ¿qué crítico de arte bajando de las nebulosas, se dignará consentirle un poco de estética?

Juan Emar, 1924

É que me parece que o problema está mal formulado, e que é menos o trabalho do que o lazer humano que é urgente organizar — o lazer, a que devemos a arte, os jogos, o amor, a invenção da escrita, etc.: em suma, tudo o que nos ajuda a suportar a vida.

Blaise Cendrars, 1936

INTRODUÇÃO

Sempre nadei. Desde criança e, logo depois, quando adolescente. Em piscinas públicas e privadas. Nadei em dezenas de piscinas em Santiago, a minha cidade. Como era relativamente bom, cheguei a ser nadador juvenil, participando de torneios e competições no Chile e no estrangeiro. De todos os lugares em que nadei, contudo, um sempre ressoava na minha memória: a Piscina Escolar de Santiago. O triste estado de conservação do local me chamou a atenção desde a minha primeira visita, em meados da década de 1990. Não esqueço dos pombos que lotavam o telhado e dos vestiários corroídos pela umidade, como sinais da decadência do velho edifício *art-decô*. Nada daquilo representava a importância que a construção devia ter tido para tantos que impulsionaram, projetaram e financiaram um local dessa qualidade. Como aquele espaço luxuoso tinha chegado a esse lamentável estado de conservação? Pessoas mais velhas me contaram que haviam nadado nessa piscina quando eram estudantes secundários ou universitários. Na memória deles, era um local tão prestigiado quanto o melhor clube privado *santiaguino*. Justamente por ser considerado tão prestigiado, sua localização era outra incógnita para mim. Como tal edifício, um dia luxuoso, foi construído no coração de um bairro popular e comercial, nas proximidades do maior mercado da região central da cidade, La Vega, que então e até hoje, se caracterizava pelo barulho dos vendedores de peixe fresco, o cheiro dos açougues, os caras bêbados nos corredores da feira, perto, além do mais, dos cortiços da Avenida Independência e a poucos quarteirões do Cemitério General? “Construído durante la presidencia de Ibáñez” dizia a placa de mármore localizada na entrada do prédio, agregando mais uma dúvida à série de interrogações. Quem havia idealizado esse lugar, descrito pela imprensa da época como a piscina mais moderna da América do Sul? Por que ela foi localizada ali? Por que Ibáñez, o ditador de finais da década de 1920, tinha sido o responsável por um edifício dessas características? Que relações existiam entre uma piscina, a promoção do esporte e o regime autoritário?

Ainda adolescente, tive uma curta – e pessimamente sucedida – participação nos torneios organizados pela Federação de Atletismo do Chile. Isso me permitiu conhecer algumas pistas atléticas do país, como as do Estádio Nacional, de Santiago, e de Playa Ancha, de Valparaíso. Conheci os vestiários, os túneis que levam para o campo atlético, as arquibancadas e até os postos médicos dos complexos esportivos. De alguma forma, essas experiências me interiorizaram com os programas arquitetônicos dos estádios, bem mais complexos do que se vê pela televisão. Fui descobrindo que alguns desses locais tinham salões em seu interior, baixos-relevos nas suas fachadas e esculturas em seus entornos, que contrastavam, por sua vez, com as estruturas mais contemporâneas de segurança e controle para as torcidas organizadas. Desde 1993, assisti a centenas de jogos no Estádio Nacional e outros campos do futebol profissional chileno, participando das mais diversas experiências coletivas de alegria, amargura, violência e paixão. Muitas vezes, aguardando pelo começo de um jogo, fiquei pensando nos diversos passados que conviviam nesses espaços. Misturavam-se, ali, reminiscências ao mundo clássico, sociabilidades alternativas as quais eu observava todos os finais de semana como torcedor do clube de futebol da Universidad de Chile, bem como uma sensação de estar em um lugar que, de alguma maneira, representava um certo utopismo de época. Nos últimos anos, a lembrança viva do uso do Estádio durante as primeiras semanas da ditadura civil-militar de Augusto Pinochet, mediante a construção de um monumento nas arquibancadas, adicionou mais uma camada de memórias, neste caso, das violações de direitos humanos, tortura e morte. Aquele megaprojeto, ancorado dentro de um terreno de mais de 60 hectares, sempre me pareceu desproporcional para o bairro onde se localiza – uma região majoritariamente residencial, de casas de um ou dois pavimentos, de classes médias e média-altas – e, inclusive, para a cidade como um todo, que não possui nenhum outro complexo poliesportivo do tamanho e com a diversidade de usos e usuários do Estádio Nacional.

Há cerca de quinze anos comecei a reunir imagens do Estádio Nacional e construir uma linha do tempo com os diversos eventos esportivos, culturais e políticos que foram realizados ali. Se, no começo, eu estava interessado na Copa do Mundo de futebol organizada no Chile, em 1962, logo comecei a ler mais sobre como o local foi utilizado como campo de detenção e tortura nas semanas seguintes ao Golpe de Estado de 1973. Também me interessei pelos usos extra-futebolísticos e extra-esportivos do conjunto esportivo, ora como palco dos megashows da cidade, ora como local de votação nas eleições, sede de comícios políticos ou lugar de atividades religiosas, entre muitos outros. Obsessivamente, perguntei-me pelos motivos que tinham transformado o Estádio em um dos principais espaços públicos da cidade e um dos lugares mais flexíveis de toda Santiago. Em 2011, junto a meus colegas Valentina Rozas e Gonzalo Cáceres, começamos a organizar um arquivo gráfico que contasse a história da constituição desse espaço público, utilizado, nesse momento, por mais de 70 anos para diversas funções e pelos mais diversos agentes. Essa pesquisa acabou sendo divulgada através do projeto *Estadio Nacional - Archivo Abierto*, um projeto digital e colaborativo que narrava visualmente a história dos usos do conjunto esportivo. Várias das minhas perguntas sobre os usos do Estádio durante seus anos de existência foram respondidas por meio do projeto, mas ainda restavam muitas dúvidas sobre o longo percurso prévio à sua inauguração, em 1938. Como esse estádio foi imaginado durante as primeiras décadas do século XX? Como foi decidido o local para construir um complexo esportivo desse tamanho e dessas características? Que interesses haviam por trás do projeto, da parte de políticos, autoridades esportivas e arquitetos projetistas? Todas essas perguntas eu não tinha conseguido responder nessa primeira pesquisa. Dessa forma, entendi como fundamental compreender os processos de urbanização por trás desse utópico megaprojeto construído no período entre guerras.

Ainda em 2011, participei como estagiário em docência, de uma disciplina sobre sociologia do esporte, oferecida pelo professor Francisco Sabatini, na Pontifícia Universidade Católica do Chile. Preparando parte do material do semestre, deparei-me com a tradução de *Pratiques sportives et pratiques sociales* um texto pouco conhecido de Pierre Bourdieu (2000), em que ele discute as condições históricas da conformação do esporte como prática social. Esse artigo, decorrente de uma conferência oferecida pelo sociólogo no Instituto Nacional do Esporte e da Educação Física francês, em 1978, entendia o esporte como um elemento central do processo de modernização das sociedades capitalistas do século XX. Durante a graduação em sociologia, conheci a teoria do campo social de Bourdieu, especialmente seus trabalhos sobre as estruturas do campo literário, a reprodução do capital cultural através do sistema educativo francês e os círculos auto-referenciais produzidos pela televisão e pelo jornalismo. Descobrir esse breve texto abriu, para mim, a possibilidade de pensar o esporte também como um espaço simbólico, em que existem agentes e interesses, distribuições diferenciadas de capitais, relações de forças e lutas pela definição dos mesmos limites e estruturas do campo. Centrado especialmente nas experiências europeias e norte-americanas, Bourdieu afirma, sobre o desenvolvimento do campo esportivo, que:

(...) deveríamos interrogar-nos sobre as condições históricas e sociais que fazem possível a aparição deste fenômeno social, o esporte moderno, que geralmente aceitamos como evidente com muita facilidade. Ou seja, sobre as condições sociais que têm possibilitado a constituição de um sistema de instituições e agentes direta ou indiretamente envolvidos na existência de práticas e consumos esportivos. Das “associações esportivas”, públicas ou privadas, cuja função é assegurar a representação e defesa dos interesses dos praticantes de um determinado esporte, ao mesmo tempo que elaboram e aplicam as normas que regulam a prática, até os produtores e vendedores dos bens (equipamentos, instrumentos, roupas especiais, etc.) e serviços necessários para praticar o esporte (professores, treinadores, médicos esportivos, jornalistas esportivos, etc.), assim como os vendedores de espetáculos esportivos e dos bens associados a eles (camisas dos times e fotografias dos craques, ou apostas no hipódromo, entre outras). Como foi o processo, progressivo, da constituição de um corpo de especialistas que vivem direita ou indiretamente do esporte?

Esse trecho condensa sua proposta de estudo das condições históricas e sociais que originaram e consolidaram o campo esportivo desde meados do século XIX no Ocidente. Tal leitura foi reveladora para pensar o esporte a partir de uma perspectiva complexa, para além da interpretação dominante da consolidação da prática física e do espetáculo esportivo como parte do processo civilizatório, proposta por Norbert Elias (1990). Mesmo assim, dentro do artigo de Bourdieu, eu senti que faltava um interesse pela produção dos espaços esportivos que era promovida no interior do campo do esporte moderno. Como muitos textos de teoria sociológica que li nessa época, a produção do espaço não era propriamente pensada, ou, pelo menos, era vista como secundária.

Minha tese de doutorado nasceu a partir dessas experiências, mas também dos meus interesses pela história das ideias urbanísticas, assim como pela relação entre cultura e espaço na produção da cidade latino-americana, especialmente durante a primeira metade do século XX. Da mesma forma, parecia que, dentro do campo da história da arquitetura e do urbanismo, não existiam trabalhos suficientes que abordassem os processos políticos, sociais e culturais por trás das iniciativas de construção de equipamentos esportivos no continente, nem sua centralidade no urbanismo e na urbanização. Uma parte desses trabalhos, muitas vezes monografias de arquitetos projetistas de complexos esportivos, centravam-se em análises formais dos edifícios ou em discussões sobre as inovações tecnológicas que eles representaram na época de sua construção. Essas pesquisas raramente discutiam as relações entre projetistas e clientes, nem os conflitos sobre a localização dos edifícios, tampouco as negociações entre o poder público e os agentes privados para conseguir modificações legais, financiamento de obras ou projetos de saneamento e urbanização mínima. Focados nas decisões de projeto dos arquitetos, esses trabalhos contribuíram para a compreensão das complexidades dos programas da edificação esportiva, mas não conseguiram incluir, em suas perspectivas de análise, outros agentes sociais participantes desses processos.

Um segundo enfoque, bastante comum entre os trabalhos sobre a história do esporte sul-americano, tem sido os relatos sobre a formação de clubes e sua inserção na vida social de suas cidades. Muitos desses trabalhos, alguns escritos com maestria, têm construído histórias institucionais relevantes para compreender a consolidação de práticas esportivas, a construção de associações e federações e, inclusive, a constituição de bairros. Mesmo que a tese tenha se nutrido de muitas dessas análises valiosas, continuei sentindo a falta de um interesse pela lógica da construção dos lugares que fizeram possível a existência dos clubes. Tal como na descrição do campo social do esporte feita por Bourdieu, várias dessas pesquisas, ao meu ver, não prestaram suficiente atenção à produção social dos espaços, nem problematizaram as agendas e interesses que definiram localização, financiamento e construção dos complexos esportivos.

Do mesmo modo, existe outro enfoque, predominante, sobretudo, nos estudos antropológicos e sociológicos sobre o esporte, que se interessa pelas práticas sociais e as interações dos indivíduos nos espaços destinados à atividade física e ao espetáculo esportivo. Centenas de trabalhos foram produzidos, nas últimas décadas, sobre fenômenos tão diferentes como esportistas amadores no espaço público, dinâmicas cotidianas de clubes ou experiências das torcidas organizadas de clubes de futebol, entre muitos outros. Boa parte desses trabalhos têm a virtude de oferecer estratégias e metodologias de análise sobre os usuários e suas interações com os espaços; porém, às vezes, não conseguem discutir os benefícios e defeitos dos espaços arquitetônicos e urbanísticos projetados por especialistas, que podem propiciar ou dificultar determinadas práticas dos indivíduos.

A falta de pesquisas sobre os interesses por trás da construção de complexos esportivos na América do Sul me pareceu ainda maior quando examinei a produção de equipamentos esportivos e de lazer entre o começo da década de 1920 e meados da década de 1950, período que representa a primeira grande onda de investimentos públicos e privados nesse tipo de espaço de uso público. Com algumas exceções notáveis – como os trabalhos de Gaffney (2008), Peixoto Mehrtens (2010), Elsey (2011), Gambeta (2013), Hora (2014), Piglia (2014), Rozas (2014) e Carelli e

Lynch (2017) –, pouco tem sido discutido sobre a tendência, na época, de construção de estádios, ginásios, piscinas, clubes esportivos, velódromos, praças de jogos infantis e equipamentos esportivos no interior de conjuntos escolares e universitários, assim como sobre a organização de atividades esportivas transitórias nas grandes cidades da América do Sul. Esse processo formou parte da modernização e metropolização urbana que as cidades do continente experimentaram a partir do período do entre guerras, que envolveu a participação e ação de diferentes agentes e instituições, tais como governos nacionais, estaduais e municipais, empresários, esportistas, jornalistas, diretores esportivos, pedagogos, médicos, arquitetos, engenheiros e sanitaristas, entre outros, que progressivamente conformaram um campo social. A massificação dos lugares destinados à prática esportiva e ao lazer formou parte da expansão dos equipamentos urbanos durante a etapa da história urbana latino-americana que Luis Alberto Romero (1976) descreveu como sendo de transformação das “*cidades burguesas*” em “*cidades de massas*”.

Beatriz Sarlo afirma, na introdução de *Modernidade Periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*, que todo livro “*começa como o desejo de outro livro, como impulso de cópia, roubo, contradição, como inveja e confiança desmedida*”, seguramente em um exercício de sinceridade, mas também do (desejo de) posicionamento do seu trabalho dentro de uma tradição que o antecede. No meu caso, minha vinda para São Paulo teve muito a ver com o fascínio que me produziu a leitura de *Orfeu extático na metrópole*, de Nicolau Sevcenko (1992), que ganhei de presente há quase dez anos, quando ainda tinha grandes dificuldades para compreender o português. Seu texto foi fundamental para pensar um certo utopismo que permeou a década de 1920 em São Paulo, mas existente, também, em outras cidades da América do Sul, em que as visões sobre o futuro configuravam e produziam o espaço, enquanto a própria urbanização impactava nas mentes, ritmos e velocidades cotidianas dos habitantes da cidade. Ao longo do livro aparece uma ideia de aceleração do tempo e da urgência – Sevcenko fala da “*mobilização social dos corpos*” – que atravessou as ações dos diferentes agentes envolvidos na progressiva transformação da paisagem paulistana. O urbanismo esportivo sul-americano também respondeu a essa urgência: era necessário construir mais e melhores edifícios esportivos e de lazer, ora para que os clubes pudessem obter mais lucros por meio da venda de ingressos, ora para oferecer oportunidades a crianças e adolescentes para se afastarem do alcoolismo e, assim, adquirirem certos valores patrióticos através da educação física. Ademais, esses empreendimentos poderiam também ser úteis para atrair obras de urbanização e dinamizar a venda de lotes e casas de um bairro que, por si mesmo, não conseguia ser tão atrativo quanto pretendiam seus urbanizadores. Às vezes, essas agendas conviveram e convergiram. Em outras ocasiões, elas foram contraditórias ou, pelo menos, sobrepuseram-se umas às outras, demonstrando as ambiguidades do processo de produção da cidade em um período em que foi dado um forte impulso à democratização do consumo de bens culturais (Miceli, 2010).

A massificação do equipamento esportivo nas cidades mais populosas da América do Sul teve um papel central dentro da modernização urbana da primeira metade do século XX. A popularização do esporte como prática e espetáculo teve a capacidade de transformar o espaço público, agregando novos lugares e experiências ao cotidiano das grandes metrópoles. Foi cada vez mais comum que parques públicos urbanos acolhessem a prática de esportes coletivos e que, dentro deles, fossem projetados edifícios dedicados exclusivamente a esses usos. Por sua vez, também eram projetados, desde a virada do século, novos espaços para o ócio e o lazer, especialmente pelas incipientes indústrias do entretenimento. Os primeiros grandes estabelecimentos que misturavam espetáculo e esporte foram os hipódromos, planejados para públicos heterogêneos (Hora, 2014). Ainda que tudo parecesse concebido para sociedades aristocráticas, estas assumiam, relutantemente, a ascensão das burguesias locais – muitas vezes, imigrantes recém-chegados à cidade – surgidas da atividade econômica urbana. Já durante as primeiras décadas do século XX, as grandes cidades da América do Sul – que iniciaram um período de crescimento demográfico e de expansão urbana durante o período entre guerras – viviam a primeira fase de consolidação da indústria do espetáculo de massas (Sevcenko, 1992; Gorelik, 1998; Rinke, 2002). O que as classes sociais mais abas-

tadas desfrutavam havia décadas era agora experimentado pelas classes médias que cresciam vinculadas às atividades comerciais. Lentamente as classes populares, que sustentaram a primeira fase da industrialização latino-americana com seu trabalho, conseguiram jornadas laborais um pouco menos extenuantes, o que também lhes permitiu ter acesso a um tempo livre durante as noites e os finais de semana.

Nas primeiras décadas do século XX, centenas de milhares de pessoas aproveitaram as oportunidades de lazer que começavam a ser oferecidas em suas cidades: salões de baile, cinemas, teatros e espetáculos musicais (Santoro, 2002; Bongers, 2010; Benzecry, 2012; Purcell, 2012; Iturriaga, 2015), restaurantes, bares e cabarés (Salinas, 2006), parques e passeios, assim como a possibilidade de desfrutar de experiências turísticas (Cáceres et al., 2002; Booth, 2004; O'Donnell, 2013). Nesse contexto, foi desenvolvida uma prolífica fase de produção de espaços esportivos, ora produzidos pelo poder público, ora por clubes ou outras associações privadas. Essa tendência não foi exclusiva das principais cidades do Cone Sul, como Buenos Aires, Montevideu e Santiago, nem das grandes metrópoles brasileiras, como Rio de Janeiro ou São Paulo, mas esteve presente também nas maiores urbes colombianas, como Bogotá, Cali ou Medellín, e nas capitais dos países andinos, entre outras. Esse processo, desenvolvido com diferentes ênfases, velocidades e escalas em cada metrópole do continente, teve seus progressos locais, mas também regionais; seja por meio da circulação de esportistas e dirigentes; da fundação de federações nacionais e continentais; da organização de competições nacionais, sul-americanas, pan-americanas e mundiais; e pela coordenação de encontros de especialistas profissionais, que permitiram o intercâmbio de ideias de educação, saúde, arquitetura e urbanismo.

Essa transformação, mais um processo do que um momento específico, modificou parte da fisionomia de algumas cidades do continente, ganhando força com intensidades diferentes segundo o grau de penetração das novas práticas, da capacidade de articulação de indústrias esportivas, dos esforços governamentais para impulsionar a chamada “cultura física” e dos projetos urbanos que entenderam esses equipamentos como parte do processo de modernização das cidades. Do ponto de vista das elites, esses anos foram compreendidos como a ruptura da cidade homogênea que eles mesmos tinham construído para seu próprio uso. Esse processo foi ainda mais forte ali onde a urbanização e o desenvolvimento industrial avançavam no sentido de acelerar radicalmente o processo de formação da metrópole, como foi o caso de Buenos Aires e São Paulo (Morse, 1954).

O desenvolvimento de espaços esportivos e de lazer nas cidades do continente foi resultado da ação de uma série de agentes, ideias e interesses, mediante a conformação de políticas, procedimentos e instituições. Tal processo, que teve seu início durante a virada do século, se acelerou a partir da década de 1920 na América do Sul. Nesse período foi cada vez mais comum a construção de estádios, ginásios, piscinas, clubes esportivos, velódromos, praças de jogos infantis, equipamentos esportivos no interior de conjuntos escolares e universitários, assim como a criação de calendários de atividades esportivas transitórias nas grandes cidades da região, impulsionados pelo poder público e pelo setor privado.

As grandes cidades do continente começaram a ganhar novos espaços destinados à prática e ao espetáculo esportivo: por meio de investimentos de clubes sociais e esportivos, a maior parte das vezes com sócios pagando taxas, clubes adquirindo dívidas com bancos privados ou recebendo empréstimos ou doações dos governantes em mandato (Archetti, 2001; Rein, 2015); ou através de projetos do poder público que promoviam a construção de conjuntos esportivos de diferentes escalas. Muitos desses projetos foram expressões da rápida profissionalização do futebol e do boxe, que ajudaram na formação de uma complexa indústria esportiva nas áreas metropolitanas (Alabarces, 2002). Uma expressão da popularização do esporte foi o crescimento das audiências radiofônicas e a relevância que adquiriram as seções esportivas nos jornais (Franzini, 1998), assim como a popularização e sucesso das revistas esportivas, como *El Gráfico*, na Argentina (criada em 1919, mas constituída como exclusivamente esportiva nos inícios da década de 1930),

Esporte Ilustrado, no Brasil (1938-1954), *Los Sports* (1923-1931) e *Estadio* (1941-1982), no Chile. O nome desta última foi uma referência explícita, inclusive em sua identidade visual, ao Estádio Nacional de Santiago, inaugurado em Dezembro de 1938. O dinâmico cenário esportivo das décadas de 1920 e 1930 na América do Sul incluiu diversas realizações, como: a implementação dos campeonatos sul-americanos de futebol e atletismo, a partir de 1916 e 1919, respectivamente; as medalhas douradas uruguaias no futebol olímpico (1924 e 1928) e de prata do chileno Manuel Plaza na maratona de Amsterdã; os combates, nos Estados Unidos, dos boxeadores argentinos Torito Suarez e Luis Angel Firpo, assim como dos chilenos Luis Vicentini, Tani Loayza e Arturo Godoy; as participações olímpicas da nadadora brasileira Maria Lenk (1932 e 1936); a vitória, no US Open, da tenista chilena Anita Lizana (1937), entre outros momentos notáveis.

Nesse mesmo período, foram várias as cidades que ganharam importantes complexos esportivos, como o Estádio Centenário de Montevideú (1930), o Nacional de Santiago (1938) e o Pacaembu, em São Paulo (1940). Tais casos não foram excepcionais, mas parte de uma clara tendência nas metrópoles do continente. Desse modo, foi comum que o poder público, representado por governos nacionais e municipais, financiasse total ou parcialmente a construção de estádios de propriedade pública ou, inclusive, de clubes privados. Foi o caso de alguns estádios do continente, até hoje existentes e em uso até hoje, como, por exemplo: São Januário, no Rio de Janeiro, e Hernando Siles, em La Paz (ambos inaugurados em 1927); Libertadores de America, em Buenos Aires (1928); Gigante de Arroyito, em Rosario (1929); Playa Ancha, em Valparaíso (1931); Couto Pereira, em Curitiba (1932); assim como a reforma do Parque Antártica, em São Paulo (1933). Da mesma forma, em diferentes cidades foram construídas arenas fechadas, planejadas para receber espetáculos esportivos e culturais, encontros políticos e atividades sociais. Entre esses projetos, podem ser incluídos o Luna Park, em Buenos Aires (1934), e o Teatro Caupolicán, em Santiago (1936), que tentavam reproduzir o que o Madison Square Garden, de Nova York, o Sportpaleis, na Antuérpia, ou o Earl's Court londrino tinham conseguido décadas antes: constituírem-se em espaços de usos múltiplos, disponíveis para o boxe ou o basquete, shows musicais, apresentações de dança e teatro, além de grandes comícios e encontros sociais.

Certamente existiu também uma visão, ou mesmo expectativa, que esses novos conjuntos colaborassem para a consolidação de um processo de definição identitária dos Estados nacionais e os ajudassem a se inserir dentro do processo de modernização das cidades ocidentais (Frau, 2007), visão essa compartilhada por diversos agentes, como dirigentes e jornalistas esportivos, políticos, empresários e pedagogos, entre outros. Isso fica evidente, por exemplo, na candidatura uruguaia para a organização da Primeira Copa do Mundo de futebol, em 1930, assim como na tentativa de Buenos Aires e do Rio de Janeiro para sediar os Jogos Olímpicos de 1936. Também se expressa na ideia de alguns educadores chilenos que, em meados da década de 1930, entenderam a construção do Estádio Nacional de Santiago como uma possibilidade para sediar os Jogos Olímpicos de 1944.

Apoiados na dinamização das tecnologias de transporte e comunicação – Vigarello (2008) entende o esporte como símbolo do progresso da capacidade para viajar e se locomover dos seres humanos, assim como do crescente acesso ao tempo livre –, o impulso à construção dos edifícios esportivos fomentou um complexo processo de modernização das práticas e hábitos culturais, que, por sua vez, fomentou a aparição e consolidação de esportistas, cronistas da imprensa, médicos e fisioterapeutas, professores de educação física e arquitetos especialistas, entre outros. Tais agentes promoveram a construção de arquiteturas esportivas, pois estas eram imprescindíveis para a consolidação do próprio campo profissional esportivo. Ana Castro e Joana Mello (2016), inspiradas no trabalho de Bernard Lepetit (2001), afirmaram que a arquitetura e a cidade deveriam ser pensadas em sua capacidade de gerar e suportar um “complexo campo de forças econômicas, territoriais, especulativas, políticas, sociais e culturais, historicamente produzidas a partir do envolvimento de diversos agentes, comportando ainda uma terceira dimensão, também fundamental, da representação”. Dessa forma, o intuito da tese é analisar e discutir quais foram as forças, provenientes do Estado e do setor privado, que

promoveram a construção de complexos esportivos e de lazer a uma velocidade e escala maior do que nos anos precedentes. Nesse sentido, a pesquisa se interessa pelas agendas, motivações e interesses dos agentes envolvidos no processo, e que sustentavam a construção de um urbanismo esportivo sul-americano.

Para compreender esse processo transnacional de edificação de equipamentos esportivos nas cidades sul-americanas, elaborei a categoria de “urbanismo esportivo”, procurando explicar os interesses dos diversos agentes envolvidos no campo social do esporte que impulsionavam a construção desses tipos de edifícios e conjuntos. No início da investigação, formulei a seguinte hipótese: antes que um fenômeno mono-causal, a produção desse tipo de lugares foi mobilizada por agendas, práticas e referenciais teóricos diferentes, procedentes de campos de conhecimento e ação tão diversos como a pedagogia, a medicina, o jornalismo, a política, a engenharia, a arquitetura e o planejamento urbano. Em termos gerais, o urbanismo esportivo foi configurado por quatro grandes forças, exercidas pela ação e interação dos agentes recém-nomeados, que explicam a ampla massificação desse tipo de imóveis nas cidades da América do Sul, entre os anos de 1920 a 1955.

Mesmo que, desde o começo, eu não acreditasse em uma explicação única para o fenômeno da expansão da oferta de equipamentos esportivos nas cidades, isso não significa que, nessa primeira fase da pesquisa, eu dimensionasse as características e complexidades das agendas que operaram no campo do urbanismo esportivo. As primeiras leituras me levaram a textos que reiteravam algumas narrativas fundamentais do período do entre guerras que, às vezes, pareciam incontestáveis. A centralidade dos discursos do aprimoramento racial, da defesa da sociedade por meio da higiene e do fortalecimento da ordem e da pátria através do impulso à cultura física – conceitos que, hoje, parecem extemporâneos, ou pelo menos o eram até alguns anos – pareciam totalizantes. O trabalho no arquivo foi me ajudando a compreender outros agentes que também participavam da discussão sobre a necessidade e pertinência de construir equipamentos esportivos, incidindo, em distintos graus, sobre a elaboração dos projetos arquitetônicos e urbanísticos. Seus interesses, expectativas e práticas foram mostrando um universo bem mais complexo, a partir do qual percebi ser necessário elaborar uma categoria de análise mais abrangente, capaz de interpretar as diversidades de agendas por trás do desejo de expandir os complexos esportivos pela paisagem urbana. Isso me fez pensar que todo processo de construção desse tipo de equipamentos urbanos passou pela interação de quatro macro-agendas, que, por sua vez, por meio de ações e representações, impulsionaram esse processo.

Em primeiro lugar, o urbanismo esportivo teve como um elemento central o processo de expansão da indústria do espetáculo nas incipientes metrópoles sul-americanas das primeiras décadas do século XX. Essa expansão promoveu uma diversificação das atividades e formas de entretenimento urbano, incluindo, dentro dessa oferta, novos esportes, cenários e experiências para espectadores. Atletas, jornalistas esportivos, narradores radiofônicos, dirigentes esportivos, promotores de combates, proprietários de lojas de artigos esportivos, fotógrafos e cineastas, entre outros, participaram da conformação de uma rede de interessados em fomentar o esporte como uma atividade de lazer disponível para o consumo. Esses agentes tinham interesses diversificados e, às vezes, ambíguos e contraditórios – o que pode ser bom para a diretoria de um clube, por exemplo, não é, necessariamente, positivo para o proprietário de um meio de imprensa, e vice-versa. Porém, eles compartilhavam duas visões: por um lado, referiam-se ao esporte de um modo laudatório, notabilizando a força dos corpos, a velocidade das máquinas, a coordenação das equipes ou o heroísmo dos atletas; por outro lado, eles entendiam que o desenvolvimento da indústria e a reprodução dessas narrativas passavam pela construção de mais e melhores espaços para a prática esportiva. Afinal, como seria possível alimentar a fantasia de sediar os Jogos Olímpicos em Santiago sem ter um grande estádio olímpico? Como organizar um combate pelo título mundial de boxe ou então um campeonato mundial de basquete em São Paulo se a cidade não tinha seu próprio Madison Square Garden? O urbanismo esportivo estava mobilizado pelos interesses de uma indústria, que tinha expectativas de crescer e obter lucros pela venda de ingressos, jornais, periódicos, apostas,

artigos esportivos. Os edifícios construídos para a prática física e o espetáculo esportivo eram imprescindíveis para ativar toda uma cadeia de consumo e produção de ídolos do esporte. Formada, majoritariamente, por agentes privados, essa rede precisava do poder público para conseguir verbas ou terrenos para a construção dos imóveis, sancionar leis e decretos que favorecessem a indústria, ou financiar a organização de um campeonato. A interação entre o poder público e os distintos agentes privados era fundamental para avançar na construção e modernização dos equipamentos esportivos.

Em segundo lugar, o urbanismo esportivo foi impulsionado por políticas sanitárias e educacionais, que entendiam a promoção da atividade física como uma tarefa fundamental para a construção da ordem social, para o progresso econômico e para a formação ética e moral da população. Durante boa parte das décadas estudadas, mas, especialmente, no período entre guerras, essas agendas estavam fortemente influenciadas por narrativas moralizantes e discursos eugênicos que, por meio de duvidosas explicações científicas, promoviam o “aprimoramento racial”, o “fim das doenças sociais” e o término do ciclo degenerativo das classes populares, que lotavam a “*cidade impura*” (Armus, 2007). Decerto, existiram relações entre o pensamento eugênico e o fomento a educação física pelos governos nacionais e segmentos do campo médico; contudo, o avanço da investigação foi mostrando como alguns dos projetos pedagógicos mais radicais da época também colocaram a atividade física e o esporte ao ar livre como elementos centrais dos seus modelos. De alguma forma, se o projeto inicial de pesquisa associava a educação física e o esporte amador quase exclusivamente aos setores mais conservadores das sociedades sul-americanas, os documentos foram mostrando como a prática física era, igualmente, parte da agenda de interesses dos segmentos liberais e de esquerda da sociedade. Nesse sentido, se para os primeiros o esporte era um campo de disciplinamento e formação cívico-moral, para os setores mais progressistas ele poderia ser um espaço de emancipação, abertura e criatividade em relação às velhas práticas pedagógicas caracterizadas pela repetição e reprodução mecanizada de conteúdos. Entre os agentes que participaram dessa agenda estiveram autoridades políticas dos mais diversos níveis, médicos e obstetras, professores de educação física, assistentes sociais, assim como também diretores de clubes e jornalistas esportivos sensibilizados pelo discurso do esporte como ação redentora. Portanto, não é estranho que, dentro desse grupo, muitos apoiassem a construção de conjuntos esportivos de pequeno e médio porte, ao invés de grandes estádios, bem como que se opusessem à profissionalização dos esportes, que acabaria transformando a população em espectadores de eventos esportivos, em vez de praticantes cotidianos da educação física e do esporte.

Em terceiro lugar, a expansão do urbanismo esportivo também foi resultado dos discursos nacionalistas existentes dentro das elites locais, governos nacionais e metropolitanos, corpos militares, jornalistas e empresários da indústria do espetáculo, que entendiam a expansão do esporte como uma questão de orgulho patriótico e de demonstração do progresso econômico e social das nações. Nessa medida, o esporte foi visto, já nas primeiras décadas do século XX, como um espaço de exibição dos avanços nos processos de modernização social e urbana nas cidades e nos países do continente. A competição internacional, desenvolvida desde cedo junto às organizações das federações esportivas continentais, fomentou a consolidação de novas instâncias de projeção de identidades nacionais e de comparação com outros times nacionais da região. Para esses agentes, a construção de estádios, ginásios, piscinas e campos esportivos, entre outros, era essencial, uma vez que ali seriam formados os campeões, batidos os recordes e “construídos” os atletas que se transformariam em modelos para a sociedade. Além disso, essas construções também mobilizaram o orgulho de ter um moderno edifício ou complexo esportivo que seria utilizado para todo tipo de competição nacional e internacional. Como poucos âmbitos da vida moderna, o esporte se baseia na competição contínua, na hierarquização e na rivalidade. Desse modo, esse princípio impulsionou o avesso do nacionalismo, o internacionalismo (que, em algumas das suas características, pode ser descrito como cosmopolitismo). Para muitos dos agentes envolvidos nessa agenda, o progresso do esporte nacional passava, necessariamente, pelas relações que se estabeleciam com instituições e organi-

zações internacionais. As conexões internacionais, verificadas nas competições atléticas, mas também nos encontros profissionais de especialistas em medicina esportiva, educação física, jornalismo esportivo e arquitetura, entre outros, foram fundamentais para consolidar um campo regional de saberes e práticas. Para eles, a construção de complexos esportivos era importante, pois seria nesses locais que se poderia verificar os avanços dos procedimentos médicos, das novas técnicas pedagógicas e programas de treinamento, ou das novas técnicas construtivas e programas arquitetônicos desenvolvidos para esse tipo de edifícios.

Por último, o urbanismo esportivo não poderia ser explicado sem analisar como os equipamentos esportivos foram progressivamente incorporados dentro de planos de transformação urbana, bem como parte de operações imobiliárias públicas e privadas. Campos esportivos e balneários, por exemplo, foram peças importantes dentro de algumas propostas de transformação de certas áreas das cidades estudadas, ou formaram parte de intervenções específicas em determinados bairros, como projetos orientados à provisão de bens urbanos de acesso público, como praças infantis, piscinas ou quadras esportivas. No entre guerras, o urbanismo assumiu a localização dos grandes estádios como um problema de planejamento. A problemática dos fluxos dos milhares de pessoas que chegavam e saíam dos complexos esportivos era relevante, o que abriu um debate sobre a necessidade de localizar esses edifícios de capacidade multitudinária dentro das principais áreas verdes da cidade ou nas periferias urbanas. Se, no primeiro caso, era criticada a possibilidade de substituir flora urbana por concreto, no segundo era discutido o impacto que esses projetos teriam para o desenvolvimento e a expansão dos limites urbanos. Como conduzir o crescimento da cidade e quais impactos teriam esses megaprojetos sobre os mercados imobiliários foram questões amplamente discutidas entre especialistas, parlamentares e na opinião pública. À vista disso, não é por acaso que o urbanismo esportivo foi âmbito de interesse de incorporadoras, construtoras, escritórios de arquitetura, departamentos habitacionais do setor privado e, às vezes, também de autoridades políticas, que entenderam os complexos esportivos como oportunidades para dinamizar suas próprias operações urbanas. Em certas ocasiões, esses agentes privados estavam dispostos a ceder terrenos, fazer empréstimos e, inclusive, financiar obras. Em contrapartida, esperava-se do poder público a realização de mudanças na legislação, execução de obras de saneamento básico, e abertura de ruas e avenidas. Em outros casos, esses agentes faziam negociações sigilosas para conseguir estabelecer a localização dos megaprojetos em determinadas áreas da cidade das quais eram proprietários, aguardando que a chegada do investimento público dinamizasse a venda de lotes e habitações da região. De fato, ambas situações demonstram as interações entre o poder público e segmentos das elites para executar projetos de edificação esportiva que serviriam como meios para assegurar a realização de operações urbanas maiores.

Até aqui, refiro-me ao urbanismo esportivo como uma categoria que dá conta de diferentes processos de produção da cidade, especificamente centrados na construção de espaços destinados à prática de fazer atividade física ou assistir espetáculos esportivos. Com efeito, a potência da categoria está em que ela funciona como uma matriz de análise – como lentes através das quais se observam fenômenos, processos e objetos – para compreender os diferentes agentes, interesses e práticas que operam impulsionando a construção de edifícios esportivos. Mas ela também funciona como categoria operativa, procurando compreender os interesses, as interações e as estratégias dos diversos agentes que participam, direta ou indiretamente, da produção dos equipamentos esportivos urbanos. Além disso, ela tem a virtude de incorporar à análise agentes distintos dos profissionais que elaboram efetivamente os projetos, isto é, os arquitetos, engenheiros e urbanistas. O urbanismo esportivo compreende a ação de agentes diversos (sejam parlamentares, jornalistas esportivos, diretores de clubes, médicos e professores, entre outros) como fundamental para definir a edificação desses lugares como uma necessidade social, para elaborar políticas públicas de incentivo e financiamento de complexos esportivos, ou como participantes dos debates sobre a localização de um estádio.

Desse modo, a categoria de urbanismo esportivo foi construída para analisar uma região – especialmente, três cidades da América do Sul – e um recorte temporal específico – entre 1920 e 1955. Entretanto, ela tem a potencialidade para analisar os processos de planejamento, gerenciamento e construção de edifícios esportivos em outras cidades (onde existiram economias liberalizadas, vale dizer) e em outros períodos (desde inícios do século XX em diante). Nesse sentido, a tese tem uma pretensão transnacional e, inclusive, global em termos de enraizamento historiográfico. Ao longo da tese, a construção de todos os edifícios esportivos estudados foi impulsionada pelas quatro macro-agendas acima descritas. Porém, isso não quer dizer que em todos os casos operaram as quatro forças com a mesma intensidade. Se, em alguns casos, foi mais evidente o impulso do mercado imobiliário à construção de um complexo esportivo, como foi no caso do Estádio do Pacaembu, em São Paulo, isso não significou que o nacionalismo estadonovista ou os novos modelos pedagógicos promovidos pelo Departamento de Cultura de Mário de Andrade não tiveram influência sobre a realização do projeto. Da mesma forma, seria incorreto afirmar que o desenvolvimento de uma política pública de investimentos em infraestrutura esportiva, como a do regime autoritário chileno de Carlos Ibáñez del Campo (1927-1931), não teve o apoio de setores da imprensa ligados à indústria do espetáculo esportivo. Em termos gerais, as ações da indústria do espetáculo esportivo, assim como das operações imobiliárias, parecem mais fáceis de serem observadas em diferentes processos e em diferentes momentos históricos de produção da cidade.

Já as outras duas agendas, muitas vezes misturadas entre si, podem parecer mais difíceis de distinguir em outros períodos de tempo. Mas, por exemplo, se refletirmos sobre as condições atuais de construção de equipamentos esportivos, veremos que as agendas sanitárias de hoje – afastadas das associações eugênicas entre cultura física e raça – aparecem como discursos sobre os benefícios do esporte para o bem-estar pessoal, assim como se associam a políticas de prevenção da delinquência juvenil e do uso de drogas entre os adolescentes. Os interesses nacionalistas também assumem outros formatos – apesar de, nesses últimos anos, em muito se parecem, preocupantemente, com a década de 1930, em termos da irrupção de discursos patrióticos e xenófobos –, tomando, por exemplo, outras unidades territoriais como base identitária, como acontece com os regionalismos e os discursos das economias criativas e a competitividade urbana. Existe, além disso, um certo orgulho identitário que carrega o esporte como prática social e que alimenta as agendas pela construção de mais edifícios esportivos. Isso explicaria, por exemplo, porque, mesmo sendo um negócio questionável para os orçamentos fiscais (Rolnik, 2015), ainda existem governos e administrações metropolitanas dispostas a desenvolver grandes investimentos públicos na construção de equipamentos esportivos para a realização de megaeventos que, muitas vezes, têm altíssimos custos de construção, gerenciamento e manutenção para o setor público e enormes lucros para o setor privado, que capitalizam esses investimentos fiscais. As narrativas nacionalistas no esporte, assim como a ideia do internacionalismo e a circulação de agentes, continuam vigentes e são explicativas das motivações e interesses de diferentes agentes, localizados no poder público, na imprensa, no setor privado ou nas grandes associações transnacionais, como o Comitê Olímpico Internacional, a FIFA ou os proprietários dos direitos de transmissão televisiva.

Embora a tese tenha no seu horizonte a construção de uma história regional do urbanismo esportivo na América do Sul, este trabalho se centra em três cidades específicas do continente: Santiago do Chile, Montevidéu e São Paulo. A escolha responde tanto a meus próprios interesses de pesquisa, como a questões relativas à centralidade que alguns agentes e projetos locais tiveram dentro do processo continental. A tese aprofunda, por exemplo, algumas pesquisas que eu já havia realizado sobre o Estádio Nacional de Santiago, interessando-se em questões que não tinham sido discutidas antes, como o debate sobre a localização do conjunto esportivo, os projetos que não prosperaram desde a década de 1910, e as discussões sobre o financiamento das obras. Da mesma forma, no começo da tese eu tinha a mesma obsessão que vários jornalistas esportivos sul-americanos dos anos 1920: por que o Uruguai, uma nação de poucos habitantes e em uma posição periférica dentro do circuito esportivo mundial, tinha conseguido vencer duas vezes

no futebol olímpico (1924 e 1928) e sediar a primeira Copa do Mundo da FIFA? A pesquisa foi mostrando, primeiro, que o esporte uruguaio não estava nas margens dos circuitos esportivos nem do trânsito dos bens culturais, e que, segundo, seus triunfos futebolísticos respondiam a uma série de ações públicas e privadas orientadas a promover a prática esportiva no espaço público, o que fazia parte de um processo de modernização urbana e institucionalização maior de políticas de bem-estar. Por sua vez, São Paulo apresentava-se como um excelente laboratório para compreender um processo de produção de equipamentos esportivos diferente das capitais do Chile e do Uruguai. Minha intuição inicial apostava por uma cidade em que a participação do poder público no processo seria menor, e onde o planejamento e construção de complexos esportivos seriam desenvolvidos, majoritariamente, pelos agentes privados, tal como tinha acontecido, pelo menos até os inícios da década de 1920, com o mercado imobiliário e a expansão residencial da cidade. Dessa forma, mesmo que, nominalmente, cada capítulo da tese tenha um recorte temporal específico, os processos históricos de constituição do urbanismo esportivo em cada cidade foram mais amplos do que, por exemplo, os anos entre a realização de um concurso de arquitetura para um estádio e sua inauguração.

A escolha dessas três cidades não exclui que outros casos da narrativa da tese. Durante boa parte das décadas de 1920 e 1930, o esporte em Valparaíso era tão importante e divulgado quanto as competições realizadas em Santiago, um equilíbrio que provavelmente se quebrou na década de 1940, quando, após sua inauguração, o Estádio Nacional de Santiago se transformou no principal palco das competições de escala nacional e internacional. De forma semelhante, o desenvolvimento do campo esportivo em Buenos Aires aparece continuamente como uma referência para Montevideú e Santiago, por meio de canais tão diferentes como campeonatos esportivos, notícias de periódicos especializados, congressos de medicina esportiva, encontros de professores de educação física ou consultorias sobre projetos de arquitetura esportiva e de lazer, entre outros. A especialização do campo evoluiu progressivamente, acelerando os intercâmbios de conhecimentos, práticas e experiências no Rio de la Plata e nas trocas transandinas. No caso de São Paulo, a sombra do Rio de Janeiro – capital federal de então – estava continuamente presente, questão que ficou em evidência no final da década de 1940, quando a imprensa paulista passou a considerar o estádio do Pacaembu ultrapassado – embora tivesse sido inaugurado há menos de dez anos – e pouco funcional em relação ao gigantesco e moderno Maracanã, o “templo do futebol”.

Teria sido difícil estabelecer a categoria do urbanismo esportivo sem ter discutido, ao longo de toda a tese, as relações entre cidade e cultura. Para isso, a pesquisa se alimentou continuamente do conceito de “arena cultural”, criado por Richard Morse no início da década de 1980, e reivindicado por vários investigadores latino-americanos nas últimas décadas (Gorelik, 2004; Castro, 2013; Gorelik e Peixoto, 2016; Domingues, 2017). O historiador norte-americano propôs, quase como um programa de investigação, entender as mútuas relações e dependências entre cidade e cultura, observando o projetado e/ou construído e as formas por meio das quais era representado. Nesse sentido, as agendas de impulso à edificação esportiva são compreendidas para além das análises formais dos edifícios ou das discussões econômicas sobre a produção do espaço urbano. Ao observar os projetos de complexos esportivos em cada uma das cidades estudadas, foram examinados diferentes discursos e narrativas referentes a como deveriam ser construídos e utilizados os espaços públicos, que imagens seriam dadas a esses locais, que tipos de corpos deveriam ser “produzidos” ou que tipo de práticas pedagógicas poderiam ser estimuladas nesses lugares. A categoria foi útil para analisar alguns dos episódios centrais da tese, como, por exemplo, o caso da construção do Estádio Centenário de Montevideú, articulando, na análise, as comemorações do centenário da independência uruguaia, os projetos de modernização urbana montevidiana, o cosmopolitismo da cultura popular do Rio de la Plata e os novos modelos pedagógicos que estavam sendo instituídos no país. Da mesma forma, a categoria ajudou a discutir as relações entre as visões do que deveria ser, segundo a proposta do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, dirigido por Mário de Andrade, uma cultura nacional e popular e o projeto desenvolvido pelo Escritório Técnico Severo e Villares para o Estádio Municipal do Pacaembu.

O conceito criado por Morse é extremadamente profícuo, também, para discutir diferentes momentos de uma mesma cidade, assim como para desenvolver uma análise de um mesmo período em diferentes metrópoles, sem ficar presos nas rígidas matrizes que, às vezes, a história comparada impõe como método. Em um dos textos que compõem *Olhos de Madeira* (1998), Carlo Ginzburg afirma que “as semelhanças transculturais podem ajudar a compreender a especificidade dos fenômenos de que partiram”. Desse modo, a escolha de três cidades significa a narração de, pelo menos, três trajetórias histórico-sociais diferentes entre si. Digo pelo menos três, porque a tese descreve diferentes períodos dentro de cada cidade, o que significa regimes políticos e instituições diferentes, bem como visões diversas sobre a saúde pública, a educação escolar, o uso do tempo livre e o desenvolvimento urbano. Mesmo assim, a tese também propõe também ser capaz de narrar uma história urbana e sul-americana transnacional sobre a massificação do esporte nas grandes metrópoles. Um dos principais desafios que a tese enfrenta é a possibilidade de construir uma história sobre um campo social específico e uma produção espacial particular a partir de uma perspectiva regional, com as vantagens e dificuldades que isso implica. Nesse sentido, a categoria urbanismo esportivo é efetiva para analisar as relações e circulações de ideias existentes no interior da região, assim como nos fluxos entre a América do Sul, a Europa e os Estados Unidos. Essas interações foram importantes para as definições arquitetônicas e urbanísticas dos projetos de edificação esportiva, mas também para a construção dos discursos sanitaristas e pedagógicos que promoveram a educação física e o esporte como prática cotidiana nas cidades do continente.

Com efeito, a tese também nasceu do desejo de multiplicar os enfoques, objetos e períodos estudados (Gorelik, 2004). Nesse sentido, o trabalho pensa o esporte como um impulso modernizador das cidades sul-americanas, das práticas urbanas e das representações sobre as sociedades metropolitanas da primeira metade do século XX. Se, até inícios da década de 1980, foram predominantes os trabalhos que estruturaram suas discussões em relação aos processos de urbanização e de produção de rendas fundiárias, nos últimos 40 anos foram produzindo-se mais trabalhos interessados pela construção do urbanismo como campo disciplinar, ou, pelos processos de modernização urbana e urbanística (Almandoz, 2018). Esses trabalhos conseguiram estruturar historiograficamente diferentes processos de produção do espaço, a partir de miradas panorâmicas e visões comparativas, que, por sua vez, foram conformando uma história sobre o urbanismo latino-americano e as instituições urbanísticas do continente. Esses trabalhos foram extremamente úteis para sistematizar os conhecimentos sobre as práticas urbanísticas no continente, discutir as especificidades da relação teórica e conceitual entre história e espaço construído, legitimar um campo de pesquisa e, inclusive, definir seus próprios limites disciplinares. Dessa forma, a tese se situa em um momento diferente da disciplina, em que começam a aparecer “outros urbanismos” dentro da discussão historiográfica e urbanística no continente. Isso pode ser entendido como a aparição de pesquisas com interesses sobre processos e âmbitos mais específicos, baseadas em abordagens setorializadas, que compreendem a produção espacial como o resultado de uma complexa trama de forças e agentes. Alguns trabalhos de colegas do Programa da Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da USP, como o de João Carlos Kuhn (2018) sobre os esforços da Igreja Católica para ter presença na cidade de São Paulo em meados do século XX, ou o de Samira Bueno Chahin (2018), sobre as escolas de Anísio Teixeira e o Plano Educacional de Brasília, dão conta de como determinados campos sociais estavam produzindo edifícios, programas e políticas de produção do espaço. Por sua vez, seguindo esses exemplos, o urbanismo religioso e o urbanismo educacional, junto ao urbanismo esportivo, dão conta da diversidade de agentes e interesses que operam na produção da cidade latino-americana, assim como das complexidades e contradições que convivem no Estado e nas principais instituições que definem a vida cotidiana de milhões de pessoas.

Assim, a tese está estruturada em sete capítulos que testam a categoria analítica do urbanismo esportivo, mostrando sua pertinência e sua potencialidade de oferecer novas chaves de compreensão da história das cidades da América do Sul, além de uma seção final de conclusões. Dos sete capítulos, apenas o primeiro,

“Entre formalismos e leituras críticas: os equipamentos esportivos na historiografia da arquitetura sul-americana”, não se refere especificamente a uma das três cidades estudadas. O foco deste texto está na análise da reflexão historiográfica sobre os equipamentos esportivos nas cidades da América do Sul, centrando-se em três períodos específicos de produção escrita sobre arquitetura e urbanismo, buscando, com isso, compreender as formas pelas quais o urbanismo esportivo foi entendido e sua relação com alguns dos debates disciplinares.

O segundo e terceiro capítulos analisam a produção de equipamentos esportivos na cidade de Santiago durante a década de 1920 e inícios de 1930, ainda que sejam diferentes os recortes temporais, as perspectivas de análise e as agendas de impulsionaram o urbanismo esportivo. Em “A modernização urbana pelos olhos de uma revista esportiva: Santiago na revista *Los Sports* (1923-1927)”, descrevo, a partir de um periódico esportivo, o processo de promoção da modernização dos equipamentos esportivos da cidade, desenvolvido, majoritariamente, por agentes privados e patrocinados pelo poder público. Esse capítulo mostra as formas através das quais eram financiados e gerenciados os equipamentos esportivos da cidade, além de indagar as relações entre diferentes agentes, como autoridades do governo, diretores de clubes e de federações, professores de educação física e jornalistas de *Los Sports*. Ademais, o texto também tem a intenção de discutir, metodologicamente, as potencialidades de um meio de imprensa especializado como fonte de análise das transformações urbanas de uma cidade. Por sua vez, o terceiro capítulo da tese, “Saúde, higiene e educação física nos anos do regime de Carlos Ibáñez del Campo (1927-1931)”, discute, quase exclusivamente, as relações entre os discursos sanitaristas e nacionalistas e o incentivo ao urbanismo esportivo durante o regime autoritário de Ibáñez del Campo. Seguramente, esse capítulo é o espaço da tese em que são discutidas com maior profundidade as relações entre ciência, eugenia, política e equipamentos esportivos. Ao longo do texto, é exposto o desenvolvimento de uma política pública de promoção do esporte, que incluiu a construção de equipamentos esportivos de grande escala como eixo central, bem como o fortalecimento das instituições do Estados encarregadas do fomento da educação física e da promoção do esporte amador.

O quarto capítulo, “Três estádios e uma Copa. O utopismo urbano montevidéano do centenário (1929-1933)”, reflete sobre um momento particular da história de Montevidéu em que vários projetos de modernização urbana da cidade coincidiram com as comemorações do centenário patriótico, em 1930. O capítulo articula três grandes projetos de estádios que estavam sendo discutidos e executados na cidade, relacionando-os com os desejos de cosmopolitismo das elites liberais uruguaias, com as políticas de promoção da cultura física entre crianças e jovens, presentes desde a década de 1910, e com alguns projetos de transformação da fisionomia da cidade, promovidos tanto pela Intendência municipal quanto por interesses privados.

Os capítulos cinco e seis da tese também utilizam os debates em relação à construção de grandes complexos esportivos como ponto de partida para a análise da conformação do urbanismo esportivo, em Santiago e em São Paulo, durante a década de 1930. O capítulo “*Al estadio! Al estadio! Visões urbanísticas, interesses imobiliários e programas de uso do Estádio Nacional de Santiago (1935-1945)*” narra o debate sobre a localização do Estádio Nacional de Santiago da primeira década do século XX até 1937, quando o governo de Arturo Alessandri Palma (1932-1938) definiu a localização definitiva do complexo. A análise desse longo percurso permite compreender as tensões que um projeto dessa envergadura produziu no interior das elites políticas, especialmente do Congresso Nacional, em que se discutiu a pertinência de financiar um complexo esportivo de características olímpicas, quando outros problemas estruturais da sociedade chilena, como a habitação ou a educação básica, não eram atendidos com o rigor necessário. Da mesma forma, o texto examina as visões urbanísticas que estavam por trás das diferentes alternativas de localização do estádio, assim como os interesses dos promotores e detratores de cada uma desses locais. Isso ficará claro ao analisar o processo de definição do terreno escolhido, uma área de expansão residencial da cidade, com importantes interesses imobiliários ao seu redor.

O sexto capítulo da tese, “O estádio e o bairro. O complexo esportivo e social do Pacaembu (1936-1950)”, também toma como ponto de partida a proposta de construção de um grande estádio em São Paulo. Nesse caso, será uma companhia incorporadora, a Companhia City, a principal interessada, inclusive antes do poder público, em construir um complexo esportivo na região do Pacaembu – local onde a incorporadora era a principal proprietária de terrenos. Em primeiro lugar, o texto tentará responder porque uma incorporadora privada, determinada a construir um bairro de alto padrão orientado às classes altas da sociedade paulistana, decide incluir em seu projeto um estádio público. Ademais, serão discutidas as relações que a incorporadora estabeleceu com o poder público e outros agentes privados, como o Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares. Atravessado pelas tensões políticas da década de 1930, o texto discutirá, ainda, as expectativas e interesses das administrações municipais de Fábio Prado (1934-1937) e Prestes Maia (1937-1945) em relação ao projeto do estádio e seu calendário de atividades.

O sétimo e último capítulo da tese, “O IV Centenário Esportivo: do entusiasmo à decepção em São Paulo (1951-1955)”, analisa o programa de atividades esportivas organizado em ocasião das comemorações dos 400 anos da cidade de São Paulo. Pouco estudado, esse calendário, que cristalizaria uma fase de internacionalização do esporte paulista, exigindo a construção de uma série de edifícios esportivos na cidade, que serviriam como sede para campeonatos internacionais das mais diversas disciplinas durante todo o ano de 1954. O texto discute os interesses de diversos agentes da indústria do espetáculo e das entidades esportivas da cidade para impulsionar a construção dos edifícios sede dos torneios, bem como as dificuldades que a Comissão do IV Centenário enfrentou, junto com o poder público, para cumprir com os compromissos de edificação de complexos esportivos e organização dos torneios. Atentando para problemas de financiamento e gerenciamento das obras, o capítulo explica porque as festividades esportivas dos 400 anos da cidade acabariam sendo um completo fracasso e, para alguns, um novo motivo de vexame frente a comunidade esportiva carioca, que acabaria organizando a maior parte das competições não realizadas em São Paulo.

Quando iniciei a pesquisa, há quatro anos, me propus a fazer um trabalho que conseguisse dar conta das complexas histórias por trás do planejamento e construção dos equipamentos esportivos na América do Sul. O trabalho de pesquisa foi me ajudando a definir esse conjunto de agendas, que categorizei como urbanismo esportivo, e a entender melhor o sempre tenso e conflituoso processo de produção do espaço. Creio que, no final da tese, o leitor terá compreendido melhor a trama de relações sociais que fizeram possível a construção desses novos espaços na paisagem urbana do continente. Além disso, acredito que a leitura do trabalho ajudará a perceber os interesses que mobilizaram os distintos agentes que faziam parte do campo social do esporte, as representações que esses mesmos atores sociais atribuíam à prática física, assim como as transformações nas visões respeito do uso do tempo livre e do lazer.

1. ENTRE FORMALISMOS E LEITURAS CRÍTICAS: OS EQUIPAMENTOS ESPORTIVOS NA HISTORIOGRAFIA DA ARQUITETURA SUL-AMERICANA

O presente capítulo analisa um pequeno e pouco estudado fragmento da historiografia da arquitetura sul-americana, relativo à análise da produção dos equipamentos esportivos e recreativos nas principais cidades do continente. Diferentemente dos capítulos seguintes desta tese, o texto não se centra em um projeto ou em um episódio particular dentro do urbanismo esportivo da América do Sul, mas nas descrições, análises e críticas que foram realizadas, em diferentes momentos, à produção desse tipo de espaços públicos durante o período compreendido entre as décadas de 1920 e 1950. Durante esses anos aumentaram os espaços disponíveis para a prática esportiva e de lazer, surgindo novos estádios, ginásios, clubes esportivos, piscinas e praças de jogos infantis, entre outros. Para que isso acontecesse, tiveram que confluir diferentes agentes e interesses que mobilizaram pessoas, instituições e recursos. Se, por um lado, as ideias sobre salubridade e higiene das ciências médicas (Armus, 2007) e as políticas de control e ordem das “enfermidades sociais” (alcoolismo, prostituição e doenças sexualmente transmissíveis) foram um importante motor da construção de edifícios que ajudariam a sanar e redimir as classes populares urbanas, por outro, a indústria do espetáculo esportivo também foi fundamental, interessada em locais maiores e mais confortáveis para o público, fonte principal do seu lucro.

Essa indústria tinha, já no começo do período estudado, a capacidade de reunir milhares de pessoas todos os finais de semana, organizar torneios internacionais, informar sobre os acontecimentos na Europa e nos Estados Unidos e construir, por meio da imprensa, ídolos de escala nacional e internacional. No entanto, também existiram agendas públicas e privadas que compreenderam esses equipamentos urbanos como oportunidades para negócios imobiliários e propostas de transformação urbana, orientadas a construir novas paisagens e dispositivos de integração e melhorar a qualidade de vida da nova classe média metropolitana (Liernur, 2010). Da mesma forma, essa produção arquitetônica pode ser entendida em relação à realização (ou, pelo menos, à promessa de organização) de eventos esportivos nacionais e internacionais, que serviriam para impulsionar o esporte local e posicionar os respectivos países e cidades dentro do circuito internacional de espetáculos esportivos.

Esses anos inauguraram o que Nicolau Sevcenko (1992: 54) chamou, para a cidade de São Paulo, de uma época de “*mobilização física dos corpos*”. Tal processo, em continuidade com as ideias de salubridade e higiene social, presentes desde as últimas décadas do século XIX em várias das cidades do continente – com suas próprias versões locais da *haussmanização* urbana (Sevcenko, 1984; De Ramón e Gross, 1984; Almandoz, 2000) –, considerou a promoção do esporte como um elemento fundamental das novas práticas que deveriam ser adotadas amplamente pela população. Essas ideias foram promovidas por políticos, médicos e obstetras, assistentes sociais, jornalistas, esportistas e diretorias de clubes, produtores audiovisuais¹, além de arquitetos, urbanistas e incorporadores imobiliários, muitas vezes interessados em questões para além dos discursos eugênicos.

A arquitetura, como disciplina profissional, fazia parte da produção de espaços esportivos já em inícios da década de 1920, mesmo que muitos dos complexos esportivos não tivessem sido projetados por arquitetos, mas por engenheiros e construtores civis. Vários profissionais, locais e estrangeiros trabalhando nas cidades sul-americanas, foram contratados para desenvolver projetos ou incorporaram, dentro de suas propostas urbanísticas, os equipamentos esportivos. No entanto,

¹ Para o caso do regime autoritário de Getúlio Vargas, no Brasil, Clara Alves Teixeira (2011) analisa alguns dos filmes do *Cinejornal Brasileiro* produzidos pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, entre os anos 1937 e 1945, que apresentavam as principais notícias esportivas, assim como as melhoras nos índices físicos do povo brasileiro. Alguns dos títulos analisados na pesquisa foram “Pelo aperfeiçoamento da raça”, “Preparo físico das novas gerações” e “Para a defesa da raça”.

a arquitetura escrita, por meio de suas revistas especializadas, publicou, desde o início do período estudado, resenhas e análises de edifícios esportivos nacionais e internacionais. Da mesma forma, a arquitetura como campo político também incorporou esses programas dentro do seu campo de ação e interesse. Não por acaso, em junho de 1930, durante o IV Congresso Panamericano do Rio de Janeiro, foi estabelecida, pela primeira vez, uma comissão especial sobre “Parques Escolares, Universitários, Atléticos e de Diversões”, com a finalidade de trabalhar para o “desenvolvimento da raça e da cultura intelectual, física e social do povo”. Essa comissão foi presidida pelo arquiteto chileno Ricardo Müller, nesse momento diretor da Seção de edificações esportivas do Ministério de Obras Públicas e, logo depois, responsável, a partir de 1935, da realização e execução do projeto do Estádio Nacional de Santiago.

Ainda que o recorte temporal do período analisado seja entre as décadas de 1920 e 1950, outro assunto que nos interessa discutir é o período de textos historiográficos que descrevem e problematizam a produção arquitetônica. O período de produção de projetos de arquitetura esportiva será analisado observando três momentos de escrita sobre arquitetura e transformações urbanas nas cidades da América Latina. Seguindo a classificação feita por Montaner (2014), tentaremos analisar três momentos de produção de textos sobre arquitetura, sejam de história, crítica ou teoria, na América Latina. Primeiro, o período entre as décadas de 1920 e 1950, através dos documentos sobre arquitetura esportiva publicados em revistas especializadas, que, às vezes, funcionaram mais como catálogos de obras que como reflexões críticas sobre a produção das arquiteturas locais. Para isso serão utilizadas cinco publicações: *Arquitectura y Arte Decorativo e Urbanismo y Arquitectura* (ambas do Chile), *Revista de Arquitectura* (Argentina), *Arquitectura-SAU* (Uruguai) e a primeira década da *Acrópole* (Brasil), complementando-as com leituras específicas de periódicos esportivos e magazines da época. O segundo período enfoca as décadas de 1950 a 1980, analisando ensaios de história e crítica da arquitetura latino-americana, contidos, em sua maioria, em livros-manuais. Por fim, no terceiro momento, analisamos os últimos trinta anos, observando algumas pesquisas sobre arquitetura e urbanismo interessadas na produção de espaços esportivos e de lazer que estabeleceram vínculos com outras disciplinas, como a história social.

Neste primeiro capítulo, portanto, serão discutidos criticamente os eixos mais relevantes das análises produzidas nos diferentes momentos estudados. Nas páginas seguintes, tentaremos provar a seguinte hipótese: as análises da modernização dos equipamentos esportivos do período 1920 a 1950 transitaram da fascinação pelas formas arquitetônicas e pelos novos estilos, até leituras que discriminaram essa produção arquitetônica segundo sua adequação (ou adscrição) a um certo cânone modernista. Entretanto, os trabalhos dos últimos anos, coincidentes com o que Peter Burke (2008) chamou de “*virada corporal*” historiográfica, têm privilegiado analisar as condições sociais e culturais de produção desses equipamentos urbanos, discutindo as ideologias, projetos políticos, utopias urbanas e negócios fundiários que foram a base da imaginação e/ou construção desses complexos esportivos. A periodização escolhida servirá para compreender os diferentes momentos da historiografia da arquitetura sul-americana, considerando as ênfases, omissões e principais tendências em cada momento estudado.

Urbanismo esportivo nas revistas de arquitetura da América do Sul: linguagens e tecnologias

Para começar, serão analisados alguns dos projetos de arquitetura esportiva publicados em dois periódicos de arquitetura chilenos. O primeiro deles, *Arquitectura y Arte Decorativo* (revista homônima à italiana, publicada em Milão, entre 1921 e 1931), foi editado, entre 1928 e 1931, pela Associação de Arquitetos chilena, que conseguiu publicar treze números. O segundo periódico, *Urbanismo y Arquitectura*, também foi uma produção da associação gremial, dessa vez entre 1936 e 1940, totalizando 21 números publicados. Embora não tenham sido as únicas revistas especializadas publicadas no Chile durante as décadas de 1920 e 1930, elas foram

escolhidas por dois motivos principais. Primeiro, elas apresentaram informações sobre os equipamentos esportivos que acabaram sendo discutidos nos capítulos da tese que analisam o urbanismo esportivo em Santiago. Segundo, esses periódicos foram as publicações oficiais da Associação, que, com toda probabilidade, foi a instituição com melhores registros das obras construídas, o que pode ser visto na divulgação de fotografias, planos e textos dos próprios arquitetos responsáveis pelos projetos analisados.

Em 1929, a *Arquitectura y Arte Decorativo* (AyAD) apresenta o projeto do Estádio de las Zorras, que seria localizado perto da área portuária de Valparaíso². O projeto incluiu um coliseu central para treze mil espectadores com quadra de futebol, basquete e pista atlética. O complexo tinha, ainda, dentro do seu programa arquitetônico, uma piscina e um pequeno anfiteatro. Seu acesso tinha uma estética eclética, que continuava com o padrão anglo-saxão predominante dos prédios de imigrantes que conformavam a elite da cidade (Benavides et al., 1994; Martland, 2017). O projeto de Ítalo Scasso, servidor público da prefeitura de Valparaíso, era parecido com outros que já tinham sido construídos alguns anos antes em Santiago, como o caso do Estádio El Llano, projetado pelo arquiteto Ricardo Gonzalez Cortés e inaugurado em 1922³, e o Estádio Policial, inaugurado em 1923 na margem sul do rio Mapocho. Os dois complexos tinham em seu interior um programa misto de atividades, que incluiu equipamentos culturais como bibliotecas, salas de leitura, salões de baile e jardins de médio porte. Em paralelo, a Prefeitura da litorânea cidade de Viña del Mar, a cidade espelho de Valparaíso, desenvolvia dois projetos de piscinas-balneários na beira do mar, nas praias de Miramar e Recreo (Cortés et al., 2015). Ignorados pela AyAD de Santiago, esses espaços, tal como afirmam alguns trabalhos recentes sobre a história urbana *viñamarina*, foram parte importante das melhorias urbanas impulsionadas após a sanção da Lei Nacional de Fomento ao Turismo, em 1928.

De acordo com Booth (2002), e como será analisado no terceiro capítulo, a modernização autoritária do governo Ibañez ajudou a concretizar os falidos intentos de alguns agentes privados que tentaram abrir a cidade ao mar nas primeiras décadas do século XX. Essa ideia inspirava-se nas cidades de Biarritz, Brighton ou Mar del Plata, e buscava orientar a cidade ao mar através de passeios, hotéis, cassinos e balneários modernos, mesmo que isso significasse transformar Viña del Mar em um espaço de consumo para as classes médias, diferente da exclusividade elitista que há poucos anos predominava nesse balneário. Ao analisar o desenvolvimento de equipamentos de lazer, Booth descobre que essas operações imobiliárias conseguiram alterar o padrão de urbanização da cidade, que tinha privilegiado uma ocupação mediterrânea do território durante a *belle époque* viñamarina (Vicuña, 2001). Isso não foi uma exceção do balneário chileno, mas uma fórmula aplicada também em outras cidades litorâneas, como foi o caso de Montevideu. Na capital uruguaia, a Prefeitura municipal, em conjunto com o Clube Atlético Peñarol, desenvolveu uma proposta para um novo estádio, que faria parte uma operação imobiliária maior orientada a consolidar a orla fluvial como área de lazer metropolitana – episódio que será narrado com maior detalhe no quarto capítulo.

AyAD omite qualquer análise sobre os projetos litorâneos, o que pode ser interpretado como um reflexo de um centralismo editorial. Porém, chama a atenção que o periódico não houvesse participado de qualquer discussão sobre a Piscina Escolar de Santiago, enquanto os principais jornais e periódicos de outros campos, como a revista *Educación Física*⁴, publicavam extensas reportagens sobre o novo edifício esportivo. Ora, a piscina não era um lugar qualquer, ainda que a cidade já tivesse outros complexos aquáticos públicos ou dentro de clubes esportivos. A Piscina Escolar foi a primeira piscina coberta e de água aquecida de Santiago, uma novidade para uma cidade em que o clima frio pode se estender entre os meses de

² “Anteproyecto para la construcción del Estadio de Las Zorras, Valparaíso”. *Arquitectura y Arte Decorativo*, 3, 1929, p. 11.

³ “Las últimas obras del arquitecto don Ricardo González C.”. *Arquitectura y Arte Decorativo*, 6-7, Novembro/1929, p. 222.

⁴ “Está en Santiago la mejor piscina de Sud-América”. *Educación Física*, 1929, 7, p. 51.

Imagem 1.1. Nadadores participantes de campeonato noturno organizado pelo clube Green Cross. Piscina Escolar, Santiago, 1930.

abril a novembro. O espaço, projetado pelo arquiteto Luciano Kulczewski e executado pelo Ministério de Obras Públicas, foi inaugurado em 1929, representando um novo patamar em termos da qualidade do projeto arquitetônico, da edificação e das tecnologias aplicadas. Essas inovações só foram possíveis pelo investimento público em equipamentos esportivos, garantidos por meio da Lei Geral de Educação Física, sancionada também nesse ano para garantir o financiamento das obras de edificação esportiva e de praças infantis.-

Kulczewski, responsável por outros equipamentos recreativos da cidade construídos no início da década – como o elevador, o terraço e o café do cerro San Cristóbal, inaugurados entre 1921 e 1924 (Riquelme, 1996) –, propôs para a Piscina um edifício de linhas geométricas marcadas, afastando-se um pouco do ecletismo gótico que predominava em seus projetos prévios. Se as inovações formais chamavam a atenção – até hoje vários folhetos turísticos definem o edifício como uma das peças mais bem-sucedidas do *art decô* santiaguino –, alguns textos da época também olharam para as tecnologias empregadas na Piscina, tais como os sistemas de aquecimento e os filtros químicos da água. Aliás, o edifício também tinha um ginásio e um *solarium* – voltado às terapias solares muito em voga nesses anos como parte dos tratamentos para as doenças respiratórias. Mais que um balneário, a Piscina Escolar foi projetada como um espaço de formação de atletas de alto rendimento⁵, mesmo que também fosse utilizada, em alguns horários da semana, por estudantes das escolas públicas da cidade. A partir de sua inauguração, o calendário dos esportes aquáticos em Santiago foi ampliado para o ano inteiro. Esse projeto seria o principal natatório de acesso público da cidade até 1945, quando o professor Arthur Mund inaugurou seu complexo aquático privado no bairro de Ñuñoa, nas imediações do complexo esportivo do Estádio Nacional. A piscina do principal complexo esportivo da cidade não seria inaugurada até 1961, quando foi construída no contexto das reformas do estádio antes da Copa de Mundo de Futebol de 1962.

⁵ No ano seguinte, *Educación Física* informou sobre a contratação do professor alemão Arthur Mund pela Dirección Geral de Educación Física do Estado chileno. Sua missão seria capacitar aos professores chilenos nas disciplinas da natação, polo aquático e saltos ornamentais. Apesar de não sabermos como o Estado chileno fez os contatos com Mund, a nota de imprensa destaca sua condição de campeão europeu de saltos ornamentais e competidor nas Olimpíadas de Amsterdã-1928. Cf.: “Mund, el nuevo entrenador de natación”. *Educación Física*, 16, Agosto/1930.

Não deixa de ser surpreendente constatar que a Piscina Escolar nunca foi publicada no principal periódico de arquitetura da época, inclusive quando, nos mesmos meses em que era a piscina de água aquecida estava sendo construída, a revista mobilizava uma campanha solicitando mais espaços livres para a cidade de Santiago, referindo-se, especialmente, à pouca disponibilidade de áreas verdes⁶. O periódico chegou a divulgar outros projetos esportivos que estavam sendo desenvolvidos no país, como o já mencionado Estádio de Las Zorras, de Valparaíso, o que, de alguma forma, poderia descartar a hipótese do centralismo editorial da publicação. Mas chama a atenção a omissão da Piscina, quando o periódico demonstrava um forte interesse nas inovações tecnológicas que estavam sendo introduzidas nas novas construções da cidade, como sistemas de ventilação, instalações elétricas ou impermeabilizantes⁷. Provavelmente, os equipamentos esportivos não fossem prioridade para os editores de uma publicação que não conseguia estabelecer uma periodicidade específica. Nem sem|qestral nem mensal, a revista deve ter privilegiado projetos mais emblemáticos, como os novos edifícios do centro da cidade – como, por exemplo, os do Banco Central, do jornal La Nación e da Caja Nacional de Ahorros⁸ –, assim como debates sobre o desenvolvimento do urbanismo como prática profissional, o que pode ter relação com a participação chilena no IV Congresso Panamericano de Arquitetos, em 1930, e com a contratação do urbanista austríaco Karl Brünner pelo governo chileno, no mesmo ano⁹.

O desinteresse na Piscina não condiz com o interesse que o periódico demonstrava por outros edifícios da cidade, que também apresentavam importantes inovações tecnológicas – alguns deles formais e estruturais. Foi o caso, por exemplo, do conhecido edifício Oberpaur, loja de departamentos projetada pelos arquitetos Sergio Larrain e Jorge Arteaga, inaugurado em 1929. Com claras referências à loja de departamentos Schocken de Chemnitz, na Alemanha, projetada por Erich Meldelsohn e inaugurada um ano antes (Cardinal-Pett, 2016), o edifício do centro de Santiago foi um elemento publicitário de uma indústria de janelas de aço que anunciava em AyAD. A Piscina Escolar não provocou nenhuma atenção desse tipo pelos anunciantes, o que pode ser atribuído ao tamanho do mercado chileno: quantas outras piscinas, públicas ou privadas, poderiam ter sido construídas naqueles mesmos meses? Como analisaremos nas próximas páginas, os fornecedores de produtos que anunciavam na *Revista de Arquitectura* de Buenos Aires (RArq) utilizaram frequentemente as obras esportivas como expressões das potencialidades de novos materiais e tecnologias disponíveis para projetos de diferentes portes. A estética do concreto achou no esporte um novo parceiro, capaz de representar práticas e hábitos modernos, higiênicos e estilizados.

Alguns anos depois do fim da AyAD, a Associação de Arquitetos do Chile colocou em circulação um novo periódico. Seu nome, *Urbanismo y Arquitectura* (UyA), era reflexo da ampliação dos âmbitos de interesse da associação, especialmente após a mencionada contratação de Karl Brunner para a realização de um plano diretor para a cidade de Santiago e a conformação de um departamento de urbanismo no interior da Direção de Arquitetura do Ministério de Obras Públicas. O primeiro número da revista, de 1936, entra no debate sobre a localização do Estádio Nacional, projeto para o qual o Ministério de Obras Públicas chileno tinha convocado um concurso público no ano anterior. As bases do concurso estipulavam a construção do estádio no interior do principal parque da cidade, o Parque Cousiño. Porém, tal decisão foi revertida, reabrindo-se um debate que já existia, pelo menos, desde meados da década de 1910, sobre a melhor área para localizar o novo complexo esportivo – o que será apresentado no quinto capítulo da tese. UyA decide, então, participar ativamente da discussão, especificamente, por meio

6 “Faltan espacios libres en Santiago”. *Arquitectura y Arte Decorativo*, 4, Abril/1929, pp. 132-134.

7 “El teatro real. Sala de estrenos de la Compañía Paramount en Chile”, *Arquitectura y Arte Decorativo*, 2, Setembro/1931, pp. 62-74.

8 “El nuevo edificio de La Nación”. *Arquitectura y Arte Decorativo*, 2, Fevereiro/1929, pp. 51-55. “El Banco Central de Chile”. *Arquitectura y Arte Decorativo*, 4, Abril/1929, pp. 126-131. “Por primera vez en Chile se aplica el vidrio Pavé en la construcción de las cúpulas”. *Arquitectura y Arte Decorativo*, 1, Novembro/1930, pp. 43-45.

9 “Algunos aspectos del IV Congreso Pan Americano de Arquitectos”. *Arquitectura y Arte Decorativo*, 12, Agosto/1930, pp. 520-521.

de um texto que, na prática, opera como uma declaração de princípios dos editores (e, provavelmente, também da direção da Associação de Arquitetos): localizar o estádio na periferia da cidade, “no meio da natureza”, seguindo o padrão suburbano norte-americano e “adiantando-se ao desenvolvimento futuro da cidade”¹⁰. A cidade já estava experimentando processos de suburbanização e migração das elites para a região leste da pré-cordilheira, acompanhados pelo deslocamento de equipamentos culturais para essas áreas da cidade, como foi o caso do recém-inaugurado Teatro Oriente, do bairro Providencia, publicado também por UyA, em 1936¹¹.

O Estádio Nacional não foi o único complexo esportivo que interessou a UyA. Também em 1936 foi publicada uma fotorreportagem sobre o Estádio de Playa Ancha, em Valparaíso, projetado e construído pela Prefeitura da cidade, com Onías Velasco como arquiteto responsável. Inaugurado em 1933, o Estádio fazia parte de uma extensa reportagem sobre as obras desenvolvidas durante a década de 1930 na cidade portuária. O texto enfatizou a combinação do pitoresco e do moderno da paisagem construída de Valparaíso, que constituía um caráter único, um “estilo portenho”¹². Sobre o Estádio de Playa Ancha, UyA assinalou: “O estádio Valparaíso é modelo em sua classe para o resto do país. Construído em concreto armado, contém uma bela quadra de futebol, uma pista atlética de cinza, quadras de basquete. É uma construção de estilo sóbrio e rigoroso”. O projeto era bem maior que o Estádio de Las Zorras, projetado no final da década de 1920 na cidade, seu programa era mais completo em relação aos diferentes esportes que poderiam ser sediados em seu interior, e abandonava a madeira como material principal, substituindo-a pelo concreto armado. O estilo “sóbrio e rigoroso” se referia ao estilo clássico no qual foi projetado o acesso principal do estádio. A arquitetura esportiva de estilo neoclássico tinha sido amplamente desenvolvida nos Estados Unidos durante as primeiras décadas do século XX, com o Soldier Field, de Chicago, e o Memorial Coliseum, de Los Angeles, entre as obras mais conhecidas. Da mesma forma, também o revivalismo clássico da produção arquitetônica do fascismo italiano era uma referência em circulação. Não por acaso, o *Stadio dei Marmi* (estádio dos mármore) romano, inaugurado em 1932 por Mussolini, ilustrava um artigo sobre o mármore como um “material insuperável”¹³.

De certa forma, a seleção dessa imagem era um reflexo das diferentes visões sobre como representar o esporte – e, também, a vida saudável e os princípios higiênicos, conjunto de conceitos que eram agrupados sob o conceito de “cultura física” – através da linguagem arquitetônica. Em um artigo posterior, de 1940, UyA afirma lamentar que “os muros de concreto armado ainda não houvessem sido estucados” e, desse jeito, estivessem à altura do monumentalismo da fachada neoclássica do Estádio de Valparaíso¹⁴. Do mesmo modo, esse monumentalismo não conseguia se expressar no interior do estádio: “o interior, ainda que seja de um volume considerável, não tem uma aparência monumental, pois é demasiado amplo, de pouca altura e sem ornamentos”. Diferentemente do *Stadio dei Marmi*, o campo principal do estádio da cidade-porto chilena não estava rodeado por esculturas clássicas que lhe conferissem essa aparente aura de estar ancorado em uma tradição milenar do Ocidente.

Um programa moderno em formas clássicas era o que propunha a edição do periódico, publicada dois anos após a inauguração do principal complexo esportivo no país: o Estádio Nacional. Este projeto, dos arquitetos Ricardo Müller, Anibal Fuentealba e Alberto Cormatches, foi resenhado pelo UyA em 1940¹⁵. Além de expor algumas das características do programa arquitetônico do complexo, assim como dos materiais utilizados, o artigo mostra imagens de alguns dos espaços mais interessantes do lugar. Cinco fotografias chamam a atenção: 1) a cobertura da

¹⁰ “El futuro Estadio Nacional”. *Urbanismo y Arquitectura*, 1, 1936, p. 19

¹¹ “Teatro Oriente (1935)”. *Urbanismo y Arquitectura*, 1, 1936, pp. 14-15

¹² “Valparaíso, la perla”. *Urbanismo y Arquitectura*, 1, 1936, pp. 11-15.

¹³ “Mármoles”. *Urbanismo y Arquitectura*, 3, 1936, p. 30

¹⁴ “Estadio de Playa Ancha”. *Urbanismo y Arquitectura*, 2 (6), 1940, p. 264.

¹⁵ “Lo que será el Estadio Nacional”. *Urbanismo y Arquitectura*, 2 (10), 1940, pp. 519-522.

Imagem 1.2. Stadio dei marmi, projeto referencial em várias dos periódicos de arquitetura e de educação física publicados na América do Sul durante a década de 1930. Foro Mussolini, Roma, c.1933.

Imagem 1.3. Acesso principal do Estádio de Playa Ancha, Valparaíso, c.1935.

tribuna preferencial e 2) as treliças que a estruturam, que expressam os avanços e as virtudes do concreto armado; 3) o eixo monumental coroado com um elemento escultórico, com a fachada do coliseu no fundo, que exibem a transição de uma linguagem mais clássica para uma que se liberta das ornamentações; 4) um dos salões nobres do interior do edifício principal, representando em uma fotografia que salienta o mobiliário modernista, os muros livres de qualquer enfeite e a passarela de circulação no mezanino; e 5) a publicidade de um dos fornecedores da construção do estádio, especificamente de estuques e decorações, que fixa a atenção na escultura greco-romana que faz parte do projeto paisagístico do complexo. Nessa coleção de imagens está contido um debate sobre as representações e a transição de estilos na arquitetura produzida no Chile ao longo da década de 1930. Entre vanguarda e classicismo, o projeto combina linguagens, técnicas construtivas e materiais diferentes. *UyA* não tinha uma posição tão clara em relação a sua predileção por um ou por outro estilo arquitetônico. Às vezes, o periódico parecia mais uma mostra de alternativas construtivas e tecnologias disponíveis, assim como das preferências estilísticas dos arquitetos-editores. A revista apresenta uma leitura da transformação do presente, sintetizada no desenvolvimento industrial e sua nova estética, em paralelo à permanência de algumas formas clássicas, representadas em alguns elementos formais da composição dos conjuntos esportivos ou em peças da composição paisagística.

Em termo gerais, é possível dizer que ambos periódicos tiveram um interesse particular nas linguagens arquitetônicas que estavam sendo desenvolvidas nos equipamentos esportivos, discutindo escassamente sobre outras questões, como os modelos de financiamento e gerenciamento dos projetos ou os interesses imobiliários por trás das propostas. Talvez a única exceção a isso tenha sido a esporádica participação no debate sobre a localização do Estádio Nacional, um debate que se estendeu por mais de duas décadas, em que, certamente, outros espaços de opinião, como periódicos esportivos e jornais, tiveram um protagonismo maior que as revistas de arquitetura.

Ao analisar três décadas do periódico de arquitetura argentino *Revista de Arquitectura (RARq)* foi possível descobrir diferentes características no tratamento da arquitetura esportiva e dos espaços de lazer projetados para Buenos Aires e outras cidades do país, como Rosário, Córdoba e Mendoza. Ao revisar os números dos primeiros anos da década de 1920 é claro que existiu certo conservadorismo e elitismo na seleção dos casos apresentados em suas páginas. Embora a frequência da publicação tenha se tornado mensal apenas em 1923 – o que aumentou o número de projetos exibidos anualmente –, a *RARq* privilegiou uma agenda interessada no desenvolvimento do centro histórico e na extensão dos domínios da elite para a região norte de Buenos Aires, especificamente nas áreas de Palermo, Belgrano e San Isidro. Tradicional e aristocrata, nesses anos foram analisados em

Imagem 1.4. Portão principal do complexo esportivo do Estádio Nacional (acesso norte), capa do periódico *Urbanismo y Arquitectura*, Santiago, 1940.

Imagem 1.5. Cobertura da tribuna oeste do Estádio Nacional, Santiago, 1940.

Imagem 1.6. Treliças da cobertura, tribuna oeste do Estádio Nacional, Santiago, 1940.

Imagem 1.7. Fachada oeste e acesso à tribuna da honra do Estádio Nacional, Santiago, 1940.

Imagem 1.8. Salão na tribuna oeste do Estádio Nacional, Santiago, 1940.

Imagem 1.9. Anúncio publicitário de Demars Fantinatti Ltda., companhia fornecedora da construção do Estádio Nacional, Santiago, 1940.

detalhe dois projetos: o novo edifício do Tiro Federal Argentino¹⁶ e o concurso, patrocinado pela SCA e o Centro de Estudiantes de Arquitectura, ambos editores do periódico, para as instalações do clube Gimnasia y Esgrima de Buenos Aires (GEBA)¹⁷, localizado na região do hipódromo de Palermo. As publicações do começo da década de 1920 também incluíram um concurso de anteprojetos para o Club de Regatas La Marina, na região norte bonaerense do Tigre¹⁸, e um memorial do projeto do Mar del Plata Golf Club, localizado na maior cidade-balneário do país. De estilo tudor, o clube de golfe foi reproduzido pelo periódico nos anos posteriores, como em 1926, quando os autores do projeto, os arquitetos Calvo, Jacobs

¹⁶ "Nuevo edificio del Tiro Federal Argentino". *Revista de Arquitectura*, 30, 1921, pp. 81-83.

¹⁷ "Concurso de anteproyectos para nuevo campo de deportes del Club de Gimnasia y Esgrima". *Revista de Arquitectura*, 31, Setembro-Outubro/1922, pp. 130-141.

¹⁸ "Concurso de Club de Regatas La Marina". *Revista de Arquitectura*, 29, 1921, p. 9.

e Giménez, afirmaram ter escolhido esse estilo pois era a melhor representação das “origens do esporte”¹⁹. Ademais, argumentaram, o motivo principal de terem vencido o concurso teria sido que, durante os cinco anos da faculdade, eles “praticaram o nobre e cavaleiroso golfe pelo menos três vezes por semana”²⁰. Clubes sociais e esportivos da elite foram predominantes na publicação de espaços esportivos e de lazer, mesmo que, excepcionalmente, o periódico tivesse publicado, em 1920, o projeto da *Institución popular de cultura física e espiritual*, do arquiteto Antonio Galfrascoli, premiado no X Salão de Belas Artes argentino²¹. Essa exceção higienista pode ser entendida, também, como parte de um pensamento paternalista, que privilegiava operações construídas sobre o princípio da caridade e do controle social das classes populares urbanas, vistas por alguns setores da elite como a principal ameaça ao *status quo*.

O elitismo da seleção dos casos nesses primeiros anos da década não tem relação com a produção material que estava sendo desenvolvida na cidade de Buenos Aires e em outras cidades do país. Por que os estádios dos clubes do futebol argentino, um dos equipamentos urbanos que mais proliferaram durante esses anos pelos bairros portenhos, não foram interessantes para os editores do periódico? Como uma hipótese preliminar, podemos afirmar que esse tipo de produção de arquitetura foi, em sua maioria, construída em madeira e, muitas vezes, feita sem a participação de arquitetos. É o caso do estádio do River Plate, no aristocrático bairro da Recoleta, em Buenos Aires. O projeto, feito pelo engenheiro e ex-jogador do clube, Bernardo Messina, foi inaugurado em 1923, sofrendo sucessivas reformas nos anos seguintes, chegando, no final da década, a uma capacidade de mais de 50 mil espectadores (Fabbri, 2006). O estádio de futebol foi se tornando, progressivamente, um complexo poliesportivo, com quadras de tênis, piscina e sede social, até que a diretoria do clube decidiu, em 1937, construir um novo complexo poliesportivo, o Monumental, no bairro do Nuñez, na zona norte da cidade. Como é possível que um dos maiores espaços públicos da cidade fosse completamente omitido pelo periódico de arquitetura?

Em contrapartida, o jornalismo esportivo da época conheceu e escreveu muito mais sobre os conjuntos esportivos nacionais e estrangeiros que a imprensa especializada em arquitetura, tal como discutiremos no próximo capítulo da tese. Suas crônicas dos eventos esportivos são também relatos de viagens, nos quais analisam os equipamentos disponíveis para o desenvolvimento da prática esportiva profissional e amadora de cada país ou cidade que visitam. Os jornalistas viajavam pela América do Sul, trocavam artigos e dados entre si, transformavam-se em correspondentes de outros periódicos. Os arquitetos também estabeleceram esse tipo de trocas dentro da prática profissional, mas não se interessaram em demasiado pela arquitetura esportiva ao editar seus periódicos. Aparentemente, esses equipamentos não eram parte da sua agenda. Seus esforços estavam em olhar o avanço da modernização arquitetônica de outras cidades do continente, visto através da edificação de edifícios públicos, residências, prédios comerciais ou fábricas, majoritariamente. Por sua vez, periódicos esportivos como *Los Sports*, do Chile, ou *El Gráfico*, da Argentina, tiveram, em várias de suas crônicas, o intuito de revelar as transformações que diferentes agentes sociais tentavam produzir na esfera do tempo livre e do lazer, ora motivados por políticas de saúde pública – que incluíam tanto campanhas contra as doenças sociais quanto discursos raciais –, ora interessados em impulsionar a indústria do espetáculo esportivo, da qual esperavam obter lucros significativos. Os periódicos esportivos tinham interesse no processo de formação da indústria do entretenimento e consumo esportivo, que requeria a produção de infraestrutura básica para seu funcionamento. Por exemplo, entre as várias regulamentações ao futebol em Buenos Aires, no início do século XX, os clubes não podiam participar dos torneios até que eles construíssem um estádio com certos padrões arquitetônicos aprovados pela Associação de Futebol local e as leis de edificação da cidade (Gaffney, 2008). Além da moderni-

¹⁹ “Mar del Plata Golf Club”. *Revista de Arquitectura*, 66, Junho/1926, pp. 205-228.

²⁰ *Ibid.*

²¹ “Premio Estímulo. X Salón de Bellas Artes. Institución popular de cultura física y espiritual, arquitecto Antonio Galfrascoli”. *Revista de Arquitectura*, 27, 1920, p. 6

Imagem 1.10. Estádio do Club Atlético River Plate, bairro Recoleta, Buenos Aires, 1928.

zação das práticas, a transformação das formas construídas era também parte do âmbito de interesse desses periódicos²², questão que continuará, pelo menos, até meados da segunda metade do século XX, com seções como “Geografia Esportiva” do tradicional periódico esportivo chileno *Estadio*, que apresentou reportagens sobre estádios, ginásios, vilas olímpicas e poliesportivos do mundo inteiro.

Nesse sentido, dentro de RArq, as arquibancadas de madeira ficaram fora das análises, pois não tinham nem a novidade dos novos materiais que eram divulgados desde a década de 1920 mediante projetos e publicidade de produtos (especialmente com os anúncios dos fornecedores locais, como da Companhia Argentina de Cimento Portland), nem o destaque estilístico do ciclo da arquitetura *beaux-arts* e dos diversos ecletismos. Em termos gerais, a arquitetura esportiva aparecerá, primeiro, representada pelos clubes das elites, e, logo depois, por meio de alguns projetos de estudantes de arquitetura, interessados em desenvolver propostas para essa nova demanda social em expansão, resultado do crescimento das classes médias urbanas. Ao menos a partir de 1928, foram divulgados, pela publicidade, materiais e produtos que serviam para a construção de equipamentos esportivos, agora de pequeno e médio porte, orientados para uma demanda dos clubes esportivos e sociais dos novos bairros bonaerenses ou do interior do país. Tal como afirma Colomina (1994), a arquitetura conseguia se mostrar como moderna através da imprensa, que fazia um trabalho complementar de divulgação. Já na década de 1930, quando a edificação em concreto começou a ser cada vez mais comum nas páginas do periódico, foram publicados vários projetos esportivos de médio e grande porte, projetados por agentes privados e por diferentes instituições públicas do país. Desse modo, a publicação, na capa do periódico, de uma emblemática obra esportiva internacional, o estádio de Florença, de Pier Luigi Nervi²³, inaugura um novo ciclo de interesse pelas obras funcionalistas que valorizam a expressividade do concreto.

Em relação aos projetos estudantis, foram várias as propostas de quarto e quinto ano da formação em Arquitetura, a maioria delas produzidas dentro da cátedra de

²² Os periódicos esportivos não foram os únicos interessados na expansão do futebol dentro da cultura urbana de Buenos Aires. *Caras y Caretas*, um dos magazines mais importantes da história da imprensa argentina durante a primeira metade do século XX, publicou, em 1934, um especial com a história dos principais clubes argentinos de futebol da época. Poderíamos considerar essa proposta editorial como uma estratégia de “invenção de tradições” da indústria do entretenimento esportivo, pois vários dos clubes resenhados não tinham nem vinte anos de existência, mas a maioria deles já era proprietário ou alugava um estádio no interior da cidade.

²³ “Estadio municipal Giovanni Berta. Firenze - Italia, por el ingeniero Pier Luigi Nervi”. *Revista de Arquitectura*, 155, Novembro/1933, pp. 491-498.

Imagem 1.11. Torre da maratona do Estádio Giovanni Berta (atual Artemio Franchi) em primeiro plano. Projeto de Pier Luigi Nervi. Florença, Itália, c.1932. Capa do periódico *Revista de Arquitectura*, 1933.

Imagem 1.12. Projeto do estudante de arquitetura Ernesto Natino para um estádio com capacidade para 60 mil pessoas, 1937.

René Karman, arquiteto francês residente em Buenos Aires e professor da Escola de Arquitetura da Universidade Nacional de Buenos Aires. De alguma forma, esses trabalhos davam conta da inclusão dos programas esportivos dentro das disciplinas de projeto, mas também da relevância crescente que esse tipo de edifícios e conjuntos tinham dentro da sociedade argentina. Ginásios, clubes esportivos e náuticos, casinos e hotéis balneários, colônias de férias, piscinas, estádios e arquibancadas são cada vez mais comuns nas páginas destinadas à divulgação dos trabalhos dos alunos. De 1927, quando foi publicado o projeto de um clube esportivo e social em estilo tudor, desenvolvido pelo estudante do segundo ano Bartolomé Repetto, até 1945, foram publicados dezenas de propostas que evidenciam as transformações das linguagens arquitetônicas e o uso de novos materiais que o campo profissional argentino experimentava. Por exemplo, em 1938, o estudante Ernesto Natino projetou um estádio de grande porte, para 60 mil espectadores²⁴. O projeto lembrava alguns elementos dos estádios que estavam sendo produzidos no continente nessa década, como a torre da maratona, projetada por Juan A. Scasso e José H. Domato para o estádio Centenário de Montevideu, ou as arquibancadas de dois andares, como as do estádio do River Plate, projetado pelo escritório Aslan e Ezcurra, a ser entregue nesses mesmos meses. O projeto de Natino misturava elementos formais do *art déco* com um monumentalismo de formas clássicas e formava parte de um complexo esportivo maior, que incluiu quadras de tênis, piscina, clube social e estacionamentos. O projeto é muito parecido ao do estádio do Club Huracán, que acabaria sendo construído durante a década seguinte, e inaugurado em 1947. Não temos certeza se Natino participou do projeto desenvolvido pelo escritório Curuchet, Gálvez y Olivera, mas as semelhanças são evidentes. Essa história é parecida com a do Estádio do Pacaembu, em São Paulo, e o projeto do estudante Plínio Botelho de Amaral, produzido uma década antes da inauguração do complexo esportivo paulistano, como detalharemos no sexto capítulo da tese.

Em 1941, também no contexto da disciplina de projeto de René Karman, o estudante Amancio Williams projetou um clube de iate, publicado nas páginas de trabalhos acadêmicos destacados da RArq²⁵. Dessa proposta só foram publicadas algumas poucas imagens (fachada, perspectiva, plantas e corte do edifício principal), mas servem para descobrir que algumas decisões de projeto da interessantíssima *Casa del Puente* (1943-1945) – tal como elevar o edifício principal do solo – já

²⁴ "Un Estadio. Proyecto Final. Alumno Ernesto A. Natino". *Revista de Arquitectura*, 205, Janeiro/1938, pp. 38-41.

²⁵ "Un Yacht Club. Quinto Curso. Alumno Amancio Williams". *Revista de Arquitectura*, 243, Março/1941, pp. 142-144.

REVISTA DE ARQUITECTURA

Supervisor: Sr. FEDERICO GARDOLINO
Comercio y transporte: Sr. FERRER y BERGOLINI
Publicidad: CLUB ATLÉTICO NEWELL'S OLD BOYS DE ROSARIO

MAS PILETAS DE NATACION...

El momento en que se construye una piletta de natación es un momento muy interesante. En el momento en que se construye una piletta de natación se construye una obra de arte. La piletta de natación es una obra de arte que se construye con hormigón armado. La piletta de natación es una obra de arte que se construye con hormigón armado. La piletta de natación es una obra de arte que se construye con hormigón armado.

Compañía Argentina de Cemento Portland
FABRICANTE DEL "SAN MARTIN" CEMENTO APROBADO
RECONQUISTA 46 U. T. 35, Avenida 5251 al 5275 BUENOS AIRES

Dos interesantes OBRAS de HORMIGON

MEDIANTE la adopción del hormigón armado se construyen obras sólidas y prácticas para los deportes. Hoy mostramos dos interesantes obras construidas en el local del Club Ferrocarril Oeste, calle Cucha Cucha 350. Un trampolín sobre su amplia piletta de natación y un soporte para la cancha de basketball. Fueron construidas con los cementos "SAN MARTIN" e "INCOR" por los señores Gerardo Hinos.

TRAMPOLIN

LA construcción de un trampolín de hormigón armado ofrece numerosas ventajas de solidez, seguridad y larga duración, permitiendo a la vez la adopción de un diseño apropiado para hacer más atractivos los piletas de natación.

CESTO de BASKET-BALL

Es una interesante solución la que se ha logrado en este caso con hormigón armado, pues al aprovechar el punto vertical sobre una columna, se consigue separar el costo del piso de la columna de sustentación absteniéndose una gran masa resistente.

COMPAÑIA ARGENTINA DE CEMENTO PORTLAND
FABRICANTE: CEMENTOS "SAN MARTIN" e "INCOR" APROBADOS
RECONQUISTA 46 U. T. AV. 351 5271 al 5275 BUENOS AIRES

168 - JUNIO 1935 - REVISTA DE ARQUITECTURA
ORGANO OFICIAL DE LA SOCIEDAD ARGENTINA DE ARQUITECTOS y CENTRO EDUCATIVO DE ARQUITECTURA

Imagem 1.13. Piscina do clube Newell's Old Boys no anúncio publicitário da Companhia Argentina de Cimento Portland, 1931.

Imagem 1.14. Piscina e quadra de basquete do clube Ferrocarril Oeste no anúncio publicitário da Companhia Argentina de Cimento Portland, 1935.

estavam na proposta para o Yacht Club, ainda que o projeto não fosse tão radical como acabou sendo a casa de Mar del Plata.

Os três projetos escolhidos são representativos das transformações que a prática projetual na Argentina experimentava. Também expressam parte das linguagens que foram salientadas no decorrer da revista entre finais dos 1920 e princípios da década de 1940. Se observamos os projetos esportivos construídos e publicados neste mesmo período na revista, notaremos que foram os clientes privados da elite que dominaram a década de 1920, além de algumas encomendas privadas de clubes de menor tamanho, cuja base social pertencia às classes médias bonaerenses ou do interior do país. Também apareceram alguns projetos públicos, especialmente desenvolvidos pelo governo da cidade de Buenos Aires. Os anúncios de publicidade foram efetivos para mostrar vários dos projetos esportivos privados que estavam sendo construídos no país. Por meio deles soubemos que a Companhia Argentina de Cimento Portland tinha sido a fornecedora desse material para a construção das piscinas dos clubes Newells Old Boys, em Rosario (1931), Ferrocarril Oeste (1935) e Círculo General Urquiza (1936), ambas em Buenos Aires, do balneário municipal de Mar del Plata (1937), e de dois clubes no interior da região pampeana: o Clube Atlético Estudiantes de Pahuajó (1938) e o Automovil Club de Lincoln (1938). Os anúncios publicitários também mostram que, desde 1930, existiu uma oferta bem estabelecida de jogos para praças infantis. Seguramente, esses produtos estavam orientados aos clubes esportivos e sociais que incorporavam playgrounds dentro de suas instalações, mas também às Prefeituras do interior de Buenos Aires e do resto do país, onde também estava mudando a noção dos programas e atividades de uma praça pública.

Esses anúncios publicitários mostram um mercado de contratação de arquitetos, engenheiros e construtores em expansão. Em meados da década de 1930, o esporte como indústria – e, mais especificamente, a do futebol – passava por um período de transformação. Convertido em paixão popular e espetáculo massivo na vida urbana das grandes cidades argentinas, o futebol já gerava adesão local e fervor nacional. Ainda que os lucros dos clubes de futebol fizessem que a indústria vivesse uma fase de auge – no caso do futebol, já existiam consideráveis arrecadações pela venda de ingressos –, as instituições não tinham a capacidade para financiar, por si mesmas, a construção de estádios modernos. Tal como assinala Silvestri (2004), a profissionalização do futebol argentino, com a criação da Associação do Futebol Argentino (AFA), exigiu que os maiores clubes começassem um processo de reforma, modernização e construção de novos estádios. O problema era que, mesmo que os clubes fossem solventes financeiramente, não conseguiam levar por sua conta todo o investimento que obras

Imagem 1.15. Piscina municipal de Mar del Plata no anúncio publicitário da Companhia Argentina de Cimento Portland, 1937.

Imagem 1.16. Estádio Monumental do Club Atlético River Plate (bairro Núñez, Buenos Aires) no anúncio publicitário da Companhia Argentina de Cimento Portland, 1938.

desse tamanho exigiam. Desse modo, em 1936, o governo argentino autorizou empréstimos em condições especiais para a construção de novos estádios para os dois clubes mais populares do país, Boca Juniors e River Plate. A ajuda financeira serviria para a realização dos projetos do estádio Monumental, inaugurado em 1938, e da Bombonera, no bairro da Boca, aberta ao público em 1940.

Em 1936, a RArq, interessada pelos Jogos Olímpicos e a produção arquitetônica que estava sendo produzida antes e depois da chegada do nazismo ao poder, publicou uma extensa reportagem sobre o Estádio Olímpico de Berlim, projetado por Werner March²⁶, tal como várias publicações de arquitetura e educação física da época. O texto era uma apologia à utilização do concreto armado, à monumentalidade dos complexos esportivos e à convivência de usos esportivos (estádio, piscinas, quadras de tênis, centro de hipismo), educacionais (Escola Superior de Educação Física) e culturais (teatro Dietrich Eckart). O artigo não poupou esforços em descrever sua fascinação pelas formas e usos promovidos nesse local. Quatro anos antes, o periódico já tinha publicado uma fotorreportagem sobre o Sport Forum, também projeto de March, e sobre a Escola de Educação Física, como parte de um número especial sobre a arquitetura moderna alemã, que salientava a relação entre estéticas monumentais e vanguardas políticas²⁷.

Chama a atenção que o periódico não publique sequer um artigo parecido sobre os principais estádios que estavam sendo planejados na mesma época em Buenos Aires: já em 1932, foi organizado o concurso de projetos para o estádio do Boca Juniors, enquanto a construção do Monumental começou em 1935. Novamente, foi a publicidade quem informou sobre o principal estádio que estava sendo construído na cidade. A Companhia Argentina de Cimento Portland mostrou, em sua propaganda, a aplicação do concreto armado em um projeto de grande escala que serviria, simultaneamente, a milhares de pessoas que, por sua vez, desfrutariam de um dos passatempos mais atrativos da cultura urbana bonaerense. No entanto, por que, nos anos seguintes, não foi publicada nenhuma informação sobre a Bombonera do bairro de La Boca? Para responder isso, temos duas hipóteses: em primeiro lugar, a cara visível do projeto era José Luis Delpini, engenheiro especialista no desenvolvimento de peças pré-formadas de concreto (Silvestri, 2004), que já tinha desenvolvido outra obra emblemática na cidade: o Mercado de Abasto (concurso de 1928, inaugurado em 1934). Pode ter operado, nessa omissão da revista, um filtro profissional de exclusão? Talvez por ser engenheiro, e não arquiteto, seu trabalho não foi difundido no periódico oficial dos arquitetos argentinos. Mas, por

²⁶ "El Campo de Deportes de Berlín". *Revista de Arquitectura*, 185, Maio/1936, pp. 238-249.

²⁷ "La arquitectura moderna en Alemania". *Revista de Arquitectura*, 136, Abril/1932, pp. 178-179.

que, então, publicar o estádio de Florença, desenhado por outro especialista em engenharia civil e construção em concreto, como Pier Luigi Nervi? Em segundo lugar, seu sócio, o arquiteto Viktor Sulcic, esloveno que chegou a Buenos Aires em 1926, nunca validou seu diploma na Argentina, o que o impediu de assinar planos como responsável pelos projetos²⁸. A dupla, em parceria com outro engenheiro, Raúl Bes, desenvolveu o projeto da Bombonera, que instigou mais interesse entre periódicos especializados estrangeiros que no principal meio especializado local²⁹.

Que mecanismos de censura ou desinteresse operavam ali? Foram operações editoriais de desprezo da cultura popular de massas, uma *baixa cultura*, que começava a se manifestar em grandes obras públicas? Ou, quiçá, era a expressão da continuidade de uma mentalidade, que existiu em boa parte das décadas de 1920 e 1930, contra a profissionalização do esporte e a favor da permanência do amadorismo? Talvez essa segunda hipótese seja mais fácil de provar se consideramos uma série de projetos que foram publicados no periódico e que mostravam o aumento do interesse público no desenvolvimento de equipamentos esportivos orientados a um público amador. Nesse sentido, deve ser considerada a proposta, feita pela Comissão de Urbanismo da Sociedade Central de Arquitetos à Intendência Municipal de Buenos Aires, para construir um estádio nacional na cidade³⁰. Encaminhada às autoridades no mesmo período da realização dos Jogos Olímpicos de Los Angeles, em agosto de 1932, o documento explicita as posições dos especialistas em relação ao tamanho do edifício e, especialmente, sua localização dentro da cidade, criticando qualquer possibilidade de construir o complexo esportivo dentro das áreas centrais de Buenos Aires. Esse debate, que acompanhará os projetos dos grandes estádios construídos na América do Sul durante a década de 1930 e 1940, foi promovido pela RArq, assim como a UyA também participou dentro da discussão sobre a melhor localização para o Estádio Nacional de Santiago.

Da mesma forma, também são importantes os diversos enfoques em relação ao esporte que configuraram os termos do debate. De certo modo, RArq tem uma inclinação pela compreensão da atividade como prática física, espaço pedagógico e bem público urbano, em vez de simples espetáculo de massas. Isso fez que se interessasse pelos conjuntos esportivos no interior de parques, de campus universitários e no interior de espaços comunitários de tamanho médio. Nessa medida, o projeto do Parque Sud, de 1935, por exemplo, foi importante, pois explicitou o intuito de parte dos planejadores territoriais do município de levar o bem-estar aos novos limites da cidade, aos bairros que possuíam problemas de higiene e saneamento que deveriam ser combatidos³¹.

Foi possível verificar que os intercâmbios entre a Argentina e o Uruguai foram contínuos e institucionalizados. A RArq publicou, durante toda a década de 1930, notas sobre as visitas de arquitetos uruguaios à Sociedad Central de Arquitectos (SCA), em Buenos Aires, assim como das turnês argentinas para Montevidéu. Não foram poucas as viagens dos argentinos que incluíram visitas ao Parque Battle e ao estádio Centenário, uma das principais obras de Juan Antonio Scasso. Em outubro de 1934, a RArq detalha a visita de Scasso à Argentina, convidado pela Faculdade de Ciências Exatas Físicas e Naturais de Buenos Aires em seu papel de chefe da Direção de Parques e Passeios Públicos de Montevidéu. Em duas conferências reproduzidas pelo periódico, Scasso explicou a importância dos espaços livres nas grandes cidades, antecipando a discussão sobre o desenvolvimento do

²⁸ Osojnik, Andrés. “El arquitecto olvidado”. *Página 12*, 11 de abril de 2010. Disponível em <http://www.pagina12.com.ar/diario/sociedad/3-143667-2010-04-11.html>. Acessado em: 25 de Abril de 2018.

²⁹ Foi o caso da *Revista Municipal de Engenharia*, editada pela Secretaria Geral de Viação, Trabalho e Obras Públicas no Rio de Janeiro. Em 1941, um ano depois da inauguração do estádio, foi publicado um artigo sobre a Bombonera. O texto, escrito por José L. Delpini, era uma tradução de um artigo originalmente publicado pela revista do Centro Argentino de Engenheiros, *La Ingenieria*. Cf.: “O novo estádio do Clube Atlético Boca Juniors”. *Revista Municipal de Engenharia*, Maio/1941, pp. 60-80.

³⁰ “Sobre la construcción de un gran Stadium Nacional”. *Revista de Arquitectura*, 141, Setembro/1932, pp. 423-425.

³¹ “Los espacios libres de Buenos Aires y el Gran Parque del Sud”. *Revista de Arquitectura*, 178, Outubro/1935, p. 412.

Imagem 1.17. Maquete do Centro Olímpico Argentino, bairro Bajo Flores, Buenos Aires, c.1945.

Parque Sud, em Buenos Aires³², projeto municipal a ser localizado na zona sul da cidade, na beira do Riachuelo. Esse ambicioso projeto tentava reproduzir os efeitos que, no começo do século, foram produzidos pelos Bosques de Palermo (Gorelik, 1998), oferecendo uma grande área verde a uma zona da cidade que expandia aceleradamente sua densidade habitacional. O projeto do Parque Sud teria um grande complexo esportivo no seu interior, tal como o Parque Batlle montevideano, lugar em que foi construído o estádio Centenário, em 1929. Um artigo posterior da revista analisou as vantagens do estádio uruguaio, salientando especialmente a virtude do projeto para resolver o problema dos fluxos dos milhares de pessoas que voltavam às ruas depois de um espetáculo esportivo³³.

O Parque Sud e seu complexo esportivo não foram construídos na década de 1930, mas a vontade pública de edificar o maior centro esportivo da cidade continuaria na década seguinte, quando foi proposta a criação do Centro Olímpico Argentino na mesma região da cidade³⁴, como parte do projeto da nova urbanização de Bajo Flores. Foi dada uma importância similar aos equipamentos esportivos dentro da discussão para uma cidade universitária em Buenos Aires, uma ideia que estava sendo colocada nas páginas da revista por meio de vários exemplos internacionais³⁵. Com as universidades norte-americanas e europeias no horizonte da imaginação, os planos de complexos esportivos dentro do campus universitário ganhavam força. Nenhum desses projetos foram executados no curto prazo, diferentemente das piscinas municipais, construídas pela Prefeitura de Buenos Aires nos bairros de Parques Patricios e Parque Chacabuco. Esses complexos aquáticos de médio porte representavam uma escala diferente de projeto: o bairro, como

³² Em dois textos diferentes, o periódico salientou a necessidade de estabelecer uma grande área verde nessa zona da cidade, em consonância com o Plano de Urbanização promovido pelo governo municipal da cidade de Buenos Aires desde o começo da década de 1930. Cf.: “Los espacios libres de Buenos Aires y el Gran Parque del Sud”, Op. cit. “Gran Parque Sud de la Ciudad de Buenos Aires”, *Revista de Arquitectura*, 183, Março/1936, pp. 127-131.

³³ “Hacia la definición de una política urbanística. Campo, táctica y frutos posibles de una acción racional y sostenida”. *Revista de Arquitectura*, 214, Outubro/1938, pp. 457-472.

³⁴ “Urbanización del bajo de Flores. Dibujo de los arqs. Itala Fulvia Villa y Horacio E. Nazar”. *Revista de Arquitectura*, 297, Setembro/1945, pp. 339-357.

³⁵ Entre esses exemplos, foi apresentado o projeto do Marcelo Piacentini e Vittorio Morpurgo para a Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, assim como um número especial sobre cidades universitárias que tomava majoritariamente exemplos de campus universitários nos Estados Unidos, Itália, Espanha e Grã-Bretanha. Cf.: “El centro o la ciudad universitaria de Buenos Aires”. *Revista de Arquitectura*, 213, Setembro/1938, pp. 394-452. “La Universidad del Brasil en Rio de Janeiro”. *Revista de Arquitectura*, 219, Março/1939, pp. 106-134.

PARQUE CHACABUCO

PILETAS DE NATACION Y VESTUARIOS EN LOS PARQUES DE LOS PATRICIOS Y CHACABUCO

Imagem 1.18. Piscina municipal do Parque Chacabuco, Buenos Aires, 1942.

entidade social e cultural, também devia ser sujeito de intervenção pública na política de equipamentos esportivos. Esses dois espaços, existentes até hoje, foram desenvolvidos pela arquiteta María Luisa García Vuilloz e publicados na *RArq* em 1942³⁶. As piscinas, pela sua forma, atendiam diferentes tipos de usuários: aqueles que estavam em fase de aprendizagem poderiam utilizar a seção recreativa da piscina, enquanto quem fazia natação competitiva poderia utilizar as raias centrais e a área de saltos ornamentais. Aliás, quem quisesse apenas desfrutar do sol, poderia ficar na praia ou no *solarium*.

Os bens públicos urbanos para a classe média ganharam força dentro da publicação em finais da década de 1930 e inícios da de 1940. Em 1942, quando o periódico fez um balanço das obras desenvolvidas pela Prefeitura, exibidas no III Salão de Arquitectura Argentina, os clubes populares de natação obtiveram certo reconhecimento, quando foram colocados como parte de um grupo maior de investimentos sociais, que incluíram hospitais, mercados e salas de exposições³⁷. O V Salão, de 1944, manteve essa tendência: a *RArq* publicou o memorial do programa dos Centros Juvenis de Recreación, proposta dos arquitetos Prats e Pastor³⁸, que consistia em uma rede de complexos esportivo-culturais distribuídos pela cidade – especialmente nos bairros populares e das novas classes médias –, planejados para que “nenhum cidadão tivesse um momento de ócio”. O Estado se preocuparia coletivamente da recreação dos habitantes da cidade, utilizando espaços ao ar livre que os afastassem da moradia anti-higiênica, dos bares e do tédio da vida cotidiana. Os centros ofereceriam quadras para fazer esporte, aulas complementares à educação formal e salas de exibições para obras de arte, filmes e shows musicais. A arquitetura esportiva alcançou um novo patamar nas páginas da *RArq*, que foi dando, progressivamente, mais espaço aos edifícios que misturavam funções esportivas e culturais, em detrimento de outras arquiteturas, como as de espetáculo esportivo, que não estavam orientadas pelos princípios do fortalecimento moral e cívico da população.

³⁶ “Piletas de natación y vestuarios en los Parques de los Patricios y Chacabuco. Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires, Inspección General de Arquitectura, arquitecta María Luisa García Vouilloz”. *Revista de Arquitectura*, 259, Julho/1942, pp. 305-306.

³⁷ “III Salón de Arquitectura. Municipalidad de la Ciudad de Buenos Aires”. *Revista de Arquitectura*, 253, Julho/1942.

³⁸ “V Salón de Arquitectura. Mención Especial. Centros Juveniles de Recreación. Arquitectos Prats y Pastor”. *Revista de Arquitectura*, 277, Janeiro/1944, pp. 36-38.

No caso da revista *Arquitectura SAU* (Sociedade de Arquitetos do Uruguai), há um interesse pela produção municipal de equipamentos esportivos e de lazer já em meados da década de 1920. Talvez pelo tamanho da comunidade arquitetônica e pelo seu envolvimento dentro das instituições do Estado, como veremos no quarto capítulo da tese, os editores do periódico seguiram atentamente os projetos e obras que eram discutidos no interior do poder público, mas também as iniciativas que vinham de associações privadas. Por exemplo, em 1925, foi publicada uma crônica sobre os projetos do Conselho de Administração Departamental montevideano, em que se discute a possibilidade do grande estádio municipal³⁹, um anseio da comunidade esportiva uruguaia desde meados da década anterior. Essa iniciativa não se concretizou, mas foi um passo que antecedeu o impulso do urbanismo esportivo em torno do centenário de 1930. A partir de 1928, o periódico analisou as bases do concurso para o estádio do Club Peñarol⁴⁰, um projeto que seria importante tanto para o clube, quanto para o poder público, pois este último patrocinava a competição e doava os terrenos. Da mesma forma, em 1930, a publicação também apresentou os detalhes do concurso de anteprojetos para o estádio do Nacional, outro dos clubes de futebol mais importantes do país⁴¹. Por esses dias, eram três os grandes estádios que estavam sendo projetados ou construídos na cidade, em uma situação que dava conta dos desmesurados planos públicos e privados para desenvolver equipamentos esportivos destinados, especialmente, à indústria do espetáculo. Além dos projetos de estádios para os dois maiores clubes do Uruguai, na cidade de Montevideu estava em execução as obras do maior e mais moderno estádio do continente, o Centenário do Parque Batlle, sede da primeira Copa do Mundo da FIFA. Esse projeto foi apresentado na revista por meio de plantas, fotografias do canteiro de obras e alguns comentários, a maioria se referindo aos avanços da construção em concreto armado e das virtudes da arquitetura moderna, em que, como se fosse uma referência a Adolf Loos, “as linhas puras obtidas dos volumes edificados vão constituir seu ornamento mais adequado e exclusivo”⁴².

Ao contrário das outras revistas, em que os grandes estádios foram noticiados pelos anúncios publicitários, no caso da *Arquitectura SAU* esses equipamentos urbanos tiveram muito mais atenção. Inclusive, foram parte dos exemplos das aplicações do concreto armado na arquitetura moderna em uma reportagem sobre as melhores aplicações e as instruções de uso do material⁴³. Os equipamentos esportivos eram, para o periódico, resultado das inovações tecnológicas dos materiais e das técnicas construtivas. Os edifícios esportivos podiam ser entendidos como a ponta de lança do desenvolvimento de uma nova era de equipamentos públicos metropolitanos.

Em relação ao periódico *Acrópole*, seguramente ele é um dos melhores para compreender algumas transformações dentro da divulgação e debate arquitetônico brasileiro – mas, especialmente, paulista – sobre a construção de edifícios esportivos nas cidades do país. Um dos projetos mais conhecidos que surgiram nos primeiros anos da revista foi o Estádio Municipal do Pacaembu, divulgado pela primeira vez no periódico em 1939⁴⁴. Esse artigo salienta várias características do projeto: a capacidade técnica dos arquitetos responsáveis (o Escritório Severo e Villares, em conjunto com a Companhia City, incorporadora do bairro) de localizar o complexo esportivo no fundo do vale, resgatando “a pitoresca paisagem do bairro residencial que ornamenta as colinas em circundante anfiteatro”, transfor-

39 “Iniciativas encomiables”. *Arquitectura SAU*, 96, Novembro/1925, pp. 243-244.

40 Cf.: “Crônica general”. *Arquitectura SAU*, 124, Março/1928, pp. 71-74. “Actas de sesiones de la Comisión Directiva de la Sociedad de Arquitectos”. *Arquitectura SAU*, 138, Maio/1929, pp. 95-96. “El estadio de Peñarol”. *Arquitectura SAU*, 142, Setembro/1929, p. 173.

41 “Actas de sesiones de la Comisión Directiva de la Sociedad de Arquitectos”. *Arquitectura SAU*, 148, Março/1930, pp. 71-72.

42 “Estadio de Montevideo”. *Arquitectura SAU*, 151, Junho/1930, pp. 214-221.

43 “Pliego de condiciones para obras de hormigón”. *Arquitectura SAU*, 152, Julho/1930, pp. 284-289.

44 “Novo Estádio Municipal de Pacaembu”. *Acrópole*, 15, Julho/1939, pp. 1-7. No ano seguinte, a Revista Municipal de Engenharia de Rio de Janeiro publicou um artigo similar, escrito por Ricardo Severo, onde expôs o memorial do projeto. Cf.: “Novo Estádio Municipal de São Paulo”. *Revista Municipal de Engenharia*, 7 (1), Janeiro/1940, pp. 13-18.

Imagem 1.19. Concha acústica do Estádio Municipal do Pacaembu, c.1940.

mando imediatamente o local em um “*dos atrativos de maior sucesso da capital paulista*”. Sua localização, que oferecia fácil conectividade com outros bairros paulistanos e a boa acessibilidade, conformava um avançado trabalho de planejamento urbano. O texto também salientava a praça que seria construída em frente à fachada do estádio, a atual Praça Charles Miller, que facilitaria os fluxos de pedestres e de veículos motorizados.

Além disso, o texto fez referência ao programa arquitetônico do complexo, que o transformava em um conjunto esportivo-cultural: junto ao campo principal seriam construídos outros edifícios, como um ginásio, a piscina, as quadras de tênis, um pavilhão de recepção e festas, além da concha acústica, que serviria para shows artísticos. Esses dois últimos espaços representavam o caráter polifuncional que os projetistas queriam impor ao estádio municipal. Contudo, o periódico não tem interesse em discutir quem seriam os usuários desses espaços, nem quem definiria o calendário cultural da concha acústica. Como analisaremos no sexto capítulo da tese, diferentes interesses foram representados no projeto arquitetônico do estádio, o que foi aproveitado por uma ativa e flexível agenda de usos logo após sua inauguração, em abril de 1940.

Embora a *Acrópole* tenha começado a circular apenas em 1938, são vários os casos de projetos esportivos divulgados no periódico que não poderiam ser inscritos como parte da arquitetura do movimento moderno, já fortemente discutida nas páginas da publicação paulista a partir da década de 1940. Entre esses projetos esteve o Estádio Municipal do Pacaembu, assim como outros complexos esportivos desenvolvidos pelo mesmo escritório Severo e Villares, como foi o caso do Clube Esperia, o São Paulo Atlético Clube e a Sociedade Harmônia de Tênis. Da mesma forma, também foram acompanhadas pela revista a execução das obras de outros clubes privados, como o Clube de Regatas Tietê (Lindenberg, Farias e Assumpção), o Clube Atlético Libanês e o Sport Clube Germania (os dois últimos projetados pela Companhia Construtora Nacional SA). Tal como no periódico argentino *RARq*, a fotorreportagem desses seis clubes, todos construídos antes de 1940, salientava a expressividade do concreto armado como material, que era útil para a construção de piscinas, plataformas de saltos, quadras de basquete, sedes sociais e salões de festas. Ademais, as imagens buscavam representar a amplitude dos espaços e sua versatilidade para funcionar em horário diurno ou noturno, produto do uso de sistemas de iluminação. Também em 1938, foi publicado o projeto de Elisário Bahiana para o Hipódromo do Jockey Clube (1938), desenvolvido com o investimento do clube e do Banco de Comércio e Indústria, e com a colaboração da Prefeitura Municipal e da Companhia Light & Power⁴⁵. Essa informação é uma

⁴⁵ “O Novo Hipódromo” *Acrópole*, 4, Agosto/1938, pp. 41-44.

novidade, uma vez que, geralmente, as operações financeiras e os modelos de gerenciamento dos projetos não eram discutidas. Além disso, a crônica salientou o “estilo moderno” do edifício principal, uma linguagem que hoje qualificaríamos como *art déco*, comum a outras obras que o arquiteto tinha projetado no centro de São Paulo, como o edifício Saldanha Marinho e o novo Viaduto do Chá. Alguns anos depois, em 1946, o periódico publicou o projeto de Bahiana para o complexo aquático do SC Corinthians, no Parque São Jorge, no bairro de Tatuapé, que incluiu três piscinas (competição, aprendizagem, saltos), um trampolim e vários volumes de arquibancadas⁴⁶.

Algumas propostas pedagógicas da época que incluíam programas esportivos no seu interior, como o caso dos Parques Infantis da cidade de São Paulo, também foram parte das obras divulgadas nas páginas de *Acrópole*. O programa de Parques Infantis, organizado pelo Departamento de Cultura de Mário de Andrade durante a gestão do Prefeito Fábio Prado (1934-1937), já tinha quatro sedes construídas entre 1935 e 1938, antes que a *Acrópole* lançasse seu primeiro número. Os Parques Infantis Dom Pedro II, Ipiranga, Santo Amaro e Lapa serviam como um programa de educação infantil não-escolarizada para as crianças das classes populares da cidade (Niemeyer, 2002; Vieira, 2004), na qual a educação física era parte importante do projeto pedagógico. O periódico publicou algumas imagens do projeto para o Parque Infantil da Barra Funda, de responsabilidade da Sociedade Construtora e de Imóveis⁴⁷. Ao invés de um parque aberto, esse projeto tinha características mais parecidas às de um edifício escolar, diferente de outras experiências latino-americanas, como as praças infantis e de esportes uruguaias, que promoveram grandes espaços de jogos no espaço público.

A experiência uruguaia foi vista como exemplo durante a década de 1930 em outros lugares do Cone Sul, tal como aconteceu no Chile, onde chamaram a atenção dos agentes públicos que participavam do debate pedagógico no país, tal como será analisado no final do terceiro capítulo da tese, a partir do livro *Las plazas de juegos y los deportes* (1933), do diretor do Instituto de Educação Física da Universidade de Chile, Miguel Maraboli. Seu livro explica como as praças de jogos infantis teriam promovido o desenvolvimento físico e intelectual das crianças, além da sua “personalidade moral e social”. Nesses espaços, segundo Maraboli, as crianças teriam adquirido hábitos higiênicos e gosto pela cultura física, o que explicava que o Uruguai fosse o país mais avançado do continente. Contudo, para que isso tivesse acontecido no Chile, por exemplo, teria sido fundamental o precoce desenvolvimento de projetos de praças públicas nas cidades – o que, no caso uruguaio, poderia ser atribuído à criação de uma Comissão Nacional de Educação Física, já em 1911.

Na década de 1940, a *Acrópole* também se voltou para a produção arquitetônica nacional que fazia parte do que hoje denominamos como o movimento moderno. A maior parte dos projetos publicados foram encomendas paulistas. Por sua vez, outros projetos de fora do Estado, os quais anos mais tarde seriam bem reconhecidos pela crítica especializada nacional e internacional – caso do concurso de projetos para o Estádio de Maracanã –, não tiveram espaço na revista. Em 1943, foi publicado o projeto vencedor para o Estádio Municipal de Santos, feito por Gregori Warchavchik e Isaías de Carvalho Whitaker⁴⁸. A proposta era um grande complexo esportivo, que incluiu uma arena central com arquibancadas para 26.700 espectadores sentados, uma pista, velódromo para motocicletas e bicicletas, uma piscina coberta, além de dois pavilhões para a prática de tênis, basquete e voleibol. As arquibancadas estavam divididas em vinte acessos para evitar congestionamentos e as estruturas dos edifícios eram de concreto armado. O interessante, e que revela as complexidades de assumir o modernismo só como uma questão de uso de materiais específicos, é que o memorial do projeto também especifica outros materiais, como a madeira, que era parte relevante da estrutura das coberturas

⁴⁶ “S.C. Corinthians Paulista. Piscina e Arquibancada. Arq. Elisiário Bahiana”. *Acrópole*, 103, Novembro/1946, pp. 194-195.

⁴⁷ “Parque Infantil da Barra Funda - São Paulo”. *Acrópole*, 22, Fevereiro/1940, pp. 13-15.

⁴⁸ “Estádio Municipal de Santos”. *Acrópole*, 60, Abril/1943, pp. 405-412.

ESTÁDIO DO CLUBE ATLÉTICO MINEIRO – Belo Horizonte
Arq.^{os} ÍCARO DE CASTRO MELLO
OSWALDO CORRÊA GONÇALVES

PISCINA COBERTA
"ADHEMAR DE BARROS"
com água aquecida para o Departamento
de Esportes do Estado de S. Paulo.

PROJETO:
Arq.^{os} ÍCARO DE CASTRO MELLO
CONSTRUÇÃO:
SOC. CONSTRUTORA BRASILEIRA LTDA.

DETALHES TÉCNICOS:
Capacidade para 4.000 espectadores sentados.
Piscina: 25x18 m., com 8 metros.
Profundidade mínima: 2,00 m., máxima: 3,00 m.
Temperatura de água: 30 graus.
Estrutura de concreto armado-cilindrica do telhado:
chegar de dentro.
O edifício tem dependências para o Departamento de
Esportes, federações amadoras, vestiários, instalações
sanitárias para os atletas e o público.

Iniciativa do Departamento de Esportes do
Estado de São Paulo, sob a direção do sr.
Capitão Sylvio de Magalhães Pazilha.
LOCAL: PARQUE ÁGUA BRANCA

ACRÓPOLE
MARÇO-1950 269

Imagem 1.20. Projeto de Ícaro de Castro Mello e Oswaldo Corrêa Gonçalves para o estádio do Clube Atlético Mineiro, c. 1948.

Imagem 1.21. Projeto de Ícaro de Castro Mello para a piscina coberta do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo (DEESP), c. 1949.

dos pavilhões. Isso será salientado também em parte das obras de Ícaro de Castro Mello, que foi considerado, já em meados da década de 1950, como o principal especialista em arquitetura esportiva no Brasil. Assim que começou sua produção de projetos de arquitetura esportiva, Ícaro de Castro Mello foi rapidamente divulgado nas páginas da *Acrópole*. Em 1949, o periódico divulgou seu projeto para o estádio do Clube Atlético Mineiro de Belo Horizonte, feito em parceria com Oswaldo Corrêa Gonçalves⁴⁹. O memorial da proposta salienta o caráter funcionalista do projeto:

A estrutura será de concreto armado, e armado de tal forma, a servir essencialmente a função a que se destina. Assim os pisos dos degraus funcionarão como lajes e os espelhos dos degraus funcionarão como vigas. Ambos se apoiarão nas vigas assentadas sobre pilares que se sucedem cada 6 metros⁵⁰.

A descrição continua destacando, ao invés das formas, a otimização das funções e a praticidade do projeto: “No estádio previmos arquibancadas com uma capacidade mínima de 45.000 mil pessoas (...) O escoamento do público de dentro para fora, pode ser feito no prazo de 15 minutos”. Uma nova narrativa apareceu a partir das análises das obras esportivas do Ícaro de Castro Mello. Seu trabalho, junto a outros que começavam a surgir naqueles anos, representava a chegada da linguagem funcionalista às leituras da arquitetura esportiva brasileira. Se, antes, havia predominado análises formalistas ou, simplesmente, fotorreportagens, ou mesmo textos breves descritivos dos programas arquitetônicos dos edifícios e projetos, agora surgia um interesse pelas decisões técnicas e projetuais.

O projeto fazia parte de uma fase de modernização dos grandes estádios de algumas das cidades do sudeste brasileiro, ainda que vários dos projetos dessa época, como a proposta de Warchavchik e Whitaker para a Prefeitura de Santos e a de Ícaro e Corrêa Gonçalves para o Atlético Mineiro, acabassem não sendo construídos. Com certeza, a Copa de 1950, com o concurso do Maracanã e a inauguração do Estádio Vila Capanema curitibano, em 1947, promoveram o desejo, em outros clubes e prefeituras, de modernizar seus campos esportivos. Além disso, a institucionalização de organismos públicos orientados à estruturação do esporte e à construção de equipamentos esportivos, como foi o caso do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo (DEESP), ajudaram a dinamizar uma série de investimentos em novos estádios, piscinas e ginásios, entre outros.

⁴⁹ “Estádio Clube Atlético Mineiro”. *Acrópole*, 132, Abril/1949, pp. 334-336.

⁵⁰ Ibid.

Como arquiteto-chefe do DEESP, Ícaro de Castro Mello desenvolveu, a partir da segunda metade da década de 1940, projetos para a cidade de São Paulo e para o interior paulista, como no caso dos ginásios de Sorocaba (1950) e Ribeirão Preto (1951). Vários desses projetos foram divulgados na *Acrópole* e em outras revistas especializadas nacionais e estrangeiras, como analisaremos nas páginas seguintes. Contudo, é importante dizer que um desses edifícios, a piscina coberta do DEESP, no Parque da Água Branca (1950), foi significativa, para muitas dessas publicações, em razão da expressividade da sua concepção estrutural. A *Acrópole* só apresentou os planos do projeto, mas sabemos pelas publicações posteriores em revistas como *Habitat*, *Brasil Arquitetura Contemporânea* ou *Arquitetura e Engenharia*, que a Piscina e, logo, o Ginásio do Ibirapuera, produziram um impacto na crítica especializada em razão da sua linguagem. Nem os possíveis impactos do projeto sobre a “higiene social” da população, nem em relação a sua implantação na cidade de São Paulo apareceram como temas a serem discutidos. Começou, assim, um período de consagração das leituras canônicas do modernismo arquitetônico, que, como analisaremos nas próximas páginas, teve nos livros manuais e nos trabalhos internacionais sobre a arquitetura brasileira alguns dos seus representantes mais relevantes.

Urbanismo esportivo nos manuais de arquitetura: leituras consagradoras

Examinaremos, agora, alguns dos livros-manuais de arquitetura produzidos entre as décadas de 1950 e 1980 na América Latina e que influenciaram uma leitura quase exclusivamente “modernista” dos espaços esportivos da região – em termos da linguagem arquitetônica das obras escolhidas. Esses manuais “esquecem” boa parte dos projetos e trabalhos de arquitetos, engenheiros, construtores, clubes, instituições públicas e privadas que também desenvolveram arquitetura esportiva, pelo menos, desde a primeira década do século XX. O intuito dos seguintes parágrafos é revelar algumas omissões e apagamentos de uma produção contínua e estimulada nas cidades do Cone Sul, orientadas às crescentes classes médias e populares urbanas, e, ao mesmo tempo, analisar a construção de leituras consagradoras de um certo tipo de produção arquitetônica.

Para analisar o caso brasileiro, existem vários manuais e periódicos da década de 1950 que são úteis para discutir o tipo de produção arquitetônica que foi valorizada dentro da crítica especializada. Dificilmente uma leitura desse período poderia não conter o *Brazil Builds*, de Philip Goodwin (1943), o catálogo da exposição inaugurada no MOMA, da Nova York, em 1942, que exibia a arquitetura colonial e moderna do Brasil. A seção moderna do livro foi estruturada em diferentes seções, segundo o tipo de programa arquitetônico. A categoria “edifícios de recreação” só incluiu três edifícios do Conjunto da Pampulha, projetado por Oscar Niemeyer em 1942: o Clube de Iate, o Casino, e a Ilha-Restaurante. Além disso, era parte daquelas páginas outro projeto do Niemeyer, feito em parceria com Lúcio Costa: o Pavilhão brasileiro da Feira Mundial de Nova Iorque de 1939. O catálogo, uma consagração do cânone modernista⁵¹, exclui obras esportivas emblemáticas que tinham sido construídas no país, como o Estádio Municipal do Pacaembu, em São Paulo, até esse momento o maior coliseu no Brasil⁵². Evidentemente, o complexo esportivo projetado pelo Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo e Vilares tinha uma linguagem diferente da que tinha sido privilegiada e exibida na mostra

⁵¹ Em 1979, Carlos Lemos afirmou que a publicação de *Brazil Builds* trouxe um reconhecimento internacional da “excelência e personalidade da arquitetura moderna brasileira”, que teria ajudado a que os profissionais tivessem um incremento importante nas encomendas públicas. Lemos coloca dois exemplos: Portinari transformando-se no “pintor oficial”, após a receber uma menção honrosa do Carnegie Institute de Pittsburgh, em 1935; e a consagração de Costa e Niemeyer após a recepção internacional do Pavilhão na Feira de Nova York (1939). Esse projeto teria servido para que Juscelino Kubitschek contratasse Niemeyer para desenvolver o conjunto de Pampulha em Belo Horizonte, em 1942, cidade em que era prefeito. Lemos tem razão quando assinala as vantagens trazidas pelo reconhecimento internacional, mas não deixa de ser certo, também, que a arquitetura latino-americana vinha exigindo, desde a década de 1930, fosse nos congressos panamericanos, fosse por ordens e sociedades de arquitetos locais, a instauração da lógica dos concursos públicos nas encomendas do Estado.

⁵² Peixoto e Bispo (2016) analisaram o caso de outro prédio emblemático da São Paulo dos anos 1930: assim como o Estádio Municipal do Pacaembu, o Edifício Martinelli também não teve o reconhecimento do *Brazil Builds*, em razão de sua dupla condição de novo e velho, de moderno e ultrapassado.

do MOMA. O Pacaembu era parte de outro ciclo de produção arquitetônica, ainda que fosse contemporâneo a várias das obras publicadas no catálogo. Seu estilo, com rasgos de classicismo, do *art déco* e, talvez, do racionalismo monumental italiano, não tinha nada a ver com aquilo que Goodwin entendia como a nova produção que o Brasil oferecia ao modernismo arquitetônico. Em uma análise sobre as produções arquitetônicas do país, Goodwin assinala que:

Por meio de viagens ao estrangeiro e especialmente pelas publicações especializadas, o Brasil familiarizou-se logo com todas as minúcias da arquitetura moderna da Europa, não apenas a da França, mas ainda a da Alemanha e da Itália. Os exteriores muito simples do projeto da Escola Normal da cidade de Baía, por exemplo, são de inspiração germânica, ao passo que muitos edifícios de São Paulo traem a influência italiana de um moderno mais pesado e mais pretensioso (Goodwin, 1943: 81).

O complexo esportivo do Pacaembu poderia ser incluído como parte daquela produção de influência italiana, especialmente se consideramos alguns dos seus elementos mais característicos, como a composição simétrica do edifício principal, as colunas da fachada ou o projeto escultórico grecorromano original, parecido ao do *Stadio dei Marmi* do Foro Mussolini, em Roma, projetado pelo Enrico Del Debbio e inaugurado em 1932⁵³.

Seria impreciso dizer que o projeto do estádio paulistano não teve repercussão nos principais meios especializados da época: a *Acrópole* publicou uma ampla reportagem em 1939⁵⁴, na qual detalhava o programa arquitetônico, assim como as características da execução do projeto e as vantagens da sua localização ao interior da cidade. Um número do mesmo periódico, do ano 1940, publicou com detalhe outros quatro espaços esportivos e de lazer projetados pelo escritório Severo e Villares: o Clube de Regatas Tietê e o Clube Esperia (ambos localizados na beira do Rio Tietê, ao lado da Ponte Grande), e os clubes de elite São Paulo Atlético Clube (no bairro da Consolação) e a Sociedade Harmonia de Tênis (Jardim América)⁵⁵. Aliás, essa publicação incluiu dois projetos construídos pela Cia Construtora Nacional S/A: o Clube Atlético Libanez e o Sport Clube Germania⁵⁶. Esses projetos eram, tal como o estádio do Pacaembu, representantes do que Segawa (1998) chamou como a “*estética do concreto armado*”, exemplares do que, na época, foi denominado como arquitetura moderna-gênero *Perret*.

Segawa (1998) descreve, a partir de um concurso de arquitetura esportiva, sua ideia da adoção da “*estética do concreto armado*” na prática arquitetônica brasileira no período de entreguerras, especialmente na produção herdeira do trabalho do francês Auguste Perret. Em 1925, quinze anos antes da inauguração do Pacaembu, o projeto do arquiteto Elisiário Bahiana para o estádio do Clube de Regatas Flamengo, na Gávea (Rio de Janeiro), conseguiu o segundo lugar com uma proposta de estilo moderno, de gênero *Perret*⁵⁷. O primeiro lugar foi adjudicado a um projeto clássico, que adotava a linguagem *beaux-arts*. Segawa descreve a trajetória profissional de Bahiana como arquetípica de um viés específico daque-

53 Esse estádio foi amplamente divulgado nas revistas especializadas do continente da década de 1930: a *Revista de Arquitectura*, da Argentina (145, Janeiro/1933) e *Urbanismo y Arquitectura*, do Chile (1, Janeiro/1936), tiveram reportagens sobre o complexo esportivo do fascismo italiano. Cf.: “Viaje de los alumnos de la Escuela de Arquitectura”. *Revista de Arquitectura*, 145, Janeiro/1933, p. 32. “Mármoles”. *Urbanismo y Arquitectura*, 3, Abril/1936, p. 30.

54 “Novo estádio municipal”. *Acrópole*, 15, Julho/1939, pp. 1-7.

55 Cf.: “Clube de Regatas Tietê”. *Acrópole*, 24, Abril/1940, pp. 1-4. “Clube Esperia. Ponte Grande”. *Acrópole*, 24, Abril/1940, pp. 6-7. “São Paulo Atlético Clube”. *Acrópole*, 24, Abril/1940, p. 8. “Sociedade Harmonia de Tênis”. *Acrópole*, 24, Abril/1940, pp. 10-11.

56 Cf.: “Clube Atlético Libanez”. *Acrópole*, 24, Abril/1940, p. 5. “Sport Clube Germania”. *Acrópole*, 24, Abril/1940, p. 9.

57 Perret não teria impactado só a arquitetura brasileira, mas também teria sido influente em outras cidades do Cone Sul. Em 1936, Perret visitou Buenos Aires, convidado pelo Centro de Estudantes de Arquitectura da Universidade Nacional de Buenos Aires, e patrocinado pelo Instituto da Universidade de Paris em Buenos Aires. Suas conferências foram publicadas em diversos números da *Revista de Arquitectura* entre os meses de Setembro de 1936 e Março de 1937. Da mesma forma, Perret também visitou Montevidéu, convidado pela Faculdade de Arquitectura da cidade. Cf.: “Las conferencias del arquitecto Perret”. *Revista de Arquitectura*, 189, Setembro/1936, pp. 424-436. “Los programas de ayer, los de hoy y la influencia de los nuevos materiales sobre dichos programas”. *Revista de Arquitectura*, 190, Outubro/1936, pp. 511-515. “Augusto Perret”. *Arquitectura SAU*, 187, 1936, pp. 8-9.

Imagem 1.22. Estádio Municipal de Lyon, França, projetado pelo arquiteto Tony Garnier, 1926.

les anos da arquitetura brasileira: formado nos valores das beaux-arts, infringe os ensinamentos “adotando uma linguagem distinta da boa norma acadêmica”, em busca de uma arquitetura moderna. A opção seria diferente dos princípios propostos por Le Corbusier ou pela Bauhaus e outros funcionalistas europeus. Desconhecemos se Bahiana estava interessado, especificamente, na produção de Perret e de outros arquitetos franceses, como Tony Garnier. A modo de hipótese, também poderíamos colocar o trabalho de deste último como uma influência para os projetos de arquitetura esportiva, especificamente o estádio Gerland, da cidade de Lyon, projetado antes da Primeira Guerra Mundial e inaugurado apenas em 1926. Tal projeto também tinha sido construído em concreto armado, seguindo o plano da *Cité Industrielle*⁵⁸, e tinha um programa feito à medida dos princípios socialistas de Garnier e do prefeito da cidade, Edouard Herriot (Pevsner, 1968). O estádio municipal seria de uso aberto para escolas e clubes esportivos amadores da cidade, com um programa arquitetônico que incluía, além do futebol e do atletismo, um velódromo e equipamentos de ginástica.

Em seu livro *Arquitectura y Urbanismo en Iberoamérica*, Ramón Gutiérrez (1983) analisou a importância da estética do *art déco* como um elemento de articulação entre o academicismo e a adoção do racionalismo na prática arquitetônica no continente, do México até o Cone Sul. Embora Gutiérrez reconheça que, na América, existiram diferentes cronologias e ênfases, ele considera a *art déco* – junto a alguns ecletismos, como a *art nouveau* e o neocolonial – fundamental dentro das estéticas da modernização latino-americana, especialmente nas incipientes metrópoles que anunciavam uma vocação internacionalista e moderna – parte da ideia de *modernidade periférica* que Beatriz Sarlo (1988) descreve para Buenos Aires na década de 1920 –, e que adotavam novos espaços de lazer e entretenimento como parte da paisagem cultural da cidade. Cinemas, cafés, teatros, hotéis e salões de baile, além de estádios, piscinas e ginásios, foram construídos seguindo esse estilo, como se a modernização das práticas sociais tivesse que ir acompanhada de uma linguagem nova que fosse suficientemente demonstrativa da radicalidade das possibilidades de uso do tempo livre.

⁵⁸ Em sua história sobre a arquitetura argentina do século XX, Liernur (2001) afirma que a *Cité Industrielle*, de Tony Garnier, teve uma rápida influência sobre a produção local, o que poderia ser visto no projeto da “Ciudad Azucarera Tucumana”, desenvolvido pelos arquitetos Alberto Prebisch e Ernesto Vautier. Cf.: “Ensayo de estética contemporánea” *Revista de Arquitectura*, 47, Dezembro/1924, pp. 405-419.

Gutiérrez descreve dois casos específicos, tomando como referência a cena arquitetônica uruguaia: a rápida difusão da *art decò* para projetos de cinemas e teatros, e a acelerada divulgação das ideias de Gustave Kahn sobre a Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas, de Paris, em 1925. As ideias de Kahn, divulgadas originalmente pela *Architectural Review*, foram republicadas na revista uruguaia *Arquitectura* no mesmo ano⁵⁹. No ano seguinte, a Prefeitura de Montevideu encarregou ao arquiteto Juan A. Scasso um novo mercado de flores para a cidade, que incorporou alguns elementos da *art decò*, que, então, serão definitivamente desenvolvidos em seus projetos para residências privadas e escolas públicas a partir de meados da década de 1920⁶⁰. Também em 1926, outro importante arquiteto uruguaio, Carlos Surraco, adotou a mesma linguagem em seu projeto para o escritório da Ford na cidade e em algumas residências particulares no bairro de elite de Pocitos⁶¹. Já o estudante da Faculdade de Arquitetura, Román Fresnedo Seri (que logo se transformaria em um dos nomes mais importantes da arquitetura uruguaia do século XX) também produzia trabalhos nessa estética⁶². Ora, Scasso, diretor da Direção de Parques e Passeios Públicos de Montevideu, foi o arquiteto responsável pelo projeto do Estádio Centenário. Projetado também seguindo a linguagem da *art decò*, o Centenário teve na geométrica torre da maratona seu emblema característico. Mesmo que o projeto tivesse sido somente para um estádio de futebol, na prática os diversos edifícios projetados e construídos no interior do parque – como a pista atlética, o velódromo e as quadras poliesportivas –, completariam o conjunto esportivo, que se assimilava mais a um complexo olímpico. Além da linguagem, o Centenário antecipou o que outras cidades do Cone Sul tentariam construir: grandes estádios nacionais, que se constituíssem como grandes complexos esportivos abertos ao público geral e, ao mesmo tempo, ao esporte de alto rendimento⁶³.

Essa breve digressão pode servir para compreender melhor a produção escrita sobre a arquitetura esportiva produzida sobre o Brasil. Poderia algum outro edifício esportivo da época ter sido parte do *Brazil Builds*? Aparentemente não, pois o projeto do Goodwin era uma leitura consagrada, além de um projeto de difusão da contribuição da arquitetura brasileira ao movimento moderno. A partir disso, seu catálogo pouco se interessou pelos projetos que poderiam ser classificados entre o colonial e o moderno (Tinem, 2006), compreendendo o moderno como aquela produção emparelhada aos trabalhos de Le Corbusier. No ano seguinte à exibição no MOMA, a *Acrópole* publicou a proposta dos arquitetos Gregori Warchavchik e Isaías de Carvalho Whitaker para o Estádio Municipal de Santos⁶⁴, que acabaria não sendo construído. O mesmo aconteceu com o projeto de urbanização, em São José dos Campos, para o Instituto Tecnológico Aeronáutico, de Oscar Niemeyer, que incluiu um importante complexo esportivo, analisado em 1947 nas páginas da *Architectural Forum*⁶⁵. Esses projetos seriam uma antecipação do que, no final da década de 1940, seria divulgado fortemente no interior das revistas especializadas: uma arquitetura esportiva edificada em concreto armado, liberada de ornamentações e, às vezes, aplicando algumas inovações da arquitetura brasi-

59 “La Exposición Internacional de Arte Decorativo e Industrial Moderno de París. Fragmentos de un artículo de Gustavo Kahn”. *Arquitectura SAU*, 91, Julho/1925, pp. 151-156.

60 Entre 1926 e 1930, Scasso projetou várias residências nesse mesmo estilo em Montevideu, como as casas Amorín, Rovira de Tourell, Bernasconi de Sassi e Arzadun. Da mesma forma, também foi responsável pelos projetos das escolas de Manga, Maroñas e Malvin. Cf.: Gatti e Alberti (2010). “Residencia Privada. Juan A. Scasso, arquitecto”. *Arquitectura SAU*, 102, Maio/1926, pp. 104-106.

61 “Arquitectura industrial. Arq. Carlos A. Surraco de la firma Topolansky Surraco”. *Arquitectura SAU*, 107, Outubro/1926, p. 229. “Residencias privadas. Carlos A. Surraco, arquitecto de la firma Topolansky Surraco”. *Arquitectura SAU*, 109, Dezembro/1926, pp. 273-275.

62 “Composición de ornato. Tema: un refugio”. *Arquitectura SAU*, 105, Agosto/1926, p. 190.

63 Essa discussão teve seus primeiros projetos em um dos piores momentos da vida política e econômica da Argentina no século XX: em 1932, no meio da crise econômica e da quebra da democracia liberal (Halperin, 2003), no que alguns analistas chamaram como a *Década Infame*. Em setembro de 1932, a Sociedad Central de Arquitectos, através da Revista de Arquitectura, enviou uma carta aberta ao Intendente da cidade de Buenos Aires, na qual foram expostos os detalhes para um estádio municipal, inspirado no Estádio Olímpico de Los Angeles. Cf.: “Sobre la construcción de un gran Stadium Nacional”. Op.cit.

64 “Estadio Municipal de Santos”. *Acrópole*, 60, Abril/1943, pp. 405-412.

65 “New town for brazilian aeronautical center, SP, Oscar Niemeyer (architect)”. *Architectural Forum*, 87 (5), Novembro/1947, pp. 76-77.

leira que começava a ser reconhecida no estrangeiro, tais como o uso de pilotis, grandes janelas de vidro e brise soleil em vários dos projetos.

Possivelmente, a consagração definitiva da arquitetura esportiva modernista chegou em finais da década de 1940, quando duas situações ajudaram à massificação desse tipo de equipamentos no país: a Copa do Mundo de 1950 e o programa de infraestrutura esportiva do Estado de São Paulo, desenvolvido através do seu Departamento de Educação Física e Esportes (DEESP). Para o Campeonato Mundial da FIFA, o Estado brasileiro construiu dois novos estádios: o Sete de Setembro (hoje conhecido como Independência), em Belo Horizonte, e o Maracanã, no Rio de Janeiro. O projeto mineiro não foi divulgado na imprensa especializada, enquanto o grande coliseu carioca foi amplamente exibido no Brasil e no estrangeiro⁶⁶, certamente como exemplo da escala dos equipamentos para massas que eram construídos no país. Da mesma forma, a proposta com que Oscar Niemeyer participou do concurso para o Estádio de Maracanã também foi divulgada e notabilizada por diferentes questões técnicas, como a solução semi-enterrada, as condições de visibilidade e fluxos de circulação, e especialmente, a proposta do arco que, por meio de tirantes, sustentava uma marquise com um vão de 80 metros⁶⁷.

Por sua vez, o caso do DEESP também é importante, pois essa instituição foi um agente fundamental na construção de equipamentos esportivos na cidade de São Paulo e em cidades do interior do Estado, tais como Ribeirão Preto, Sorocaba, Bauru, entre outras⁶⁸. Além disso, por quase uma década, o DEESP teve o arquiteto Ícaro de Castro Mello como seu arquiteto-chefe, ele que, anos depois, seria reconhecido pela crítica nacional e internacional como o principal projetista desse tipo de programas arquitetônicos no Brasil e uma das principais referências mundiais nesse tipo de projetos. O DEESP foi criado em meados da década do 1930, para promover as práticas esportivas da população do Estado de São Paulo, garantindo seu controle médico, com o fim de definir os tipos físicos mais adequados para determinadas modalidades esportivas (Gomes e Dalben, 2011). Foi assim que, além de organizar torneios esportivos amadores e fomentar a prática esportiva no interior das escolas, o DEESP desenvolveu um departamento de arquitetura esportiva que desenvolveria projetos para diferentes disciplinas e de diversos tamanhos. Ao longo da década de 1940, a instituição foi responsável pela criação de colônias de férias no Estado (Dalben e Soares, 2011), e, posteriormente, de importantes complexos esportivos na cidade de São Paulo e no interior paulista, tudo isso por meio de um ambicioso plano de provisão de equipamentos para o esporte amador e profissional.

Dividindo sua semana entre as atividades no seu escritório privado e seu cargo como arquiteto-chefe do DEESP (1946-1955), Ícaro de Castro Mello instigou a atenção da imprensa especializada, primeiro com algumas encomendas privadas, como o Estádio Brinco de Ouro, em Campinas (em parceria com Oswaldo Corrêa Gonçalves, 1948), o Ginásio do Clube Atlético Santista (1948) e o projeto não construído do Estádio do Clube Atlético Mineiro em Belo Horizonte (1949). Já na década de 1950, ele apresentou três projetos públicos: o Ginásio de Sorocaba e a Piscina Coberta do Parque da Água Branca, ambos de 1950, e o Ginásio do Ibirapuera, cujas obras começaram em 1952 e foram inauguradas só em 1957⁶⁹. O ginásio sorocabano foi o primeiro equipamento de tamanho médio desenvolvido pelo arquiteto no interior paulista; entretanto, a piscina paulistana foi, sem dúvidas, um dos seus projetos mais republicados durante toda sua carreira profissio-

⁶⁶ Cf.: “Stade Municipal à Rio de Janeiro”. *L’Architecture d’aujourd’hui*, 42-43, Agosto/1952, pp. 112-113.

⁶⁷ “Projet pour un Centre Athlétique national a Rio de Janeiro, O. Niemeyer”. *L’Architecture d’aujourd’hui*, 76, Fevereiro/1958, pp. 112-113.

⁶⁸ “Gymnasium Municipal de Sorocaba”. *Acrópole*, 155, Março/1951, pp. 273-277. “Ante projeto do gymnasium para a Prefeitura de Ribeirão Preto”. *Acrópole*, 162, Outubro 1951, pp. 201-206. “Estádio em Bauru para futebol e atletismo”. *Acrópole*, 177, Janeiro/1953, pp. 321-323. “Ginásio da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil”. *Acrópole*, 223, Maio/1957, pp. 239-241.

⁶⁹ Cf.: “Clube Atlético Santista”. *Acrópole*, 129, Janeiro/1949, pp. 276-279. “Estádio do Clube Atlético Mineiro”. *Acrópole*, 132, Abril/1949, pp. 334-336. “Piscina coberta Adhemar de Barros com água aquecida para o Departamento de Esportes do Estado de S. Paulo”. *Acrópole*, 143, Março/1950, pp. 269-272. “Gymnasium de esportes no Ibirapuera”. *Acrópole*, 221, Março/1957, pp. 158-161.

nal. Nessa medida, após ser publicada na Acrópole, foi replicada nos periódicos *Arquitetura e Engenharia* (1951), *Habitat* (1953) e *Brasil Arquitetura Contemporânea* (1954)⁷⁰, a revista editada por Henrique Mindlin. Alguns dos manuais da arquitetura brasileira e latino-americana reconheceriam nesse projeto um dos momentos mais interessantes da arquitetura esportiva no continente. Em seu livro *Latin American Architecture since 1945*, Henry Russell-Hitchcock (1955) coloca a piscina, junto a outros três projetos esportivos, como os pontos mais altos do desenvolvimento desse tipo de programas arquitetônicos no pós-guerra. Assim, junto ao Estádio de Baseball, de Cartagena das Índias (1947)⁷¹, o Estádio Olímpico da Cidade Universitária da UCV, de Caracas (1950-1951)⁷², e o Estádio Olímpico da Cidade Universitária da UNAM, em Cidade de México (1951-52)⁷³, a piscina do Parque Água Branca é considerada como uma prova da elegância alcançada na relação entre arquitetura e engenharia, que fica explicitada nas curvas da cobertura. O mesmo arquiteto também terá parte de sua produção privada publicada em diferentes periódicos especializados. Foi o caso do Esporte Clube Sírio, um clube social e esportivo, com diversos edifícios projetados no terreno, como pista atlética e campo de futebol, ginásio, um conjunto aquático, um estádio de tênis e quadras descobertas, além de uma sede social⁷⁴.

Ao longo da década de 1950, foi cada vez mais comum que os periódicos noticiassem sobre projetos de clubes esportivos privados no eixo Rio de Janeiro - São Paulo⁷⁵, mas também em outras cidades como Belo Horizonte ou Porto Alegre⁷⁶, o que dá conta de uma crescente demanda para os arquitetos, que combinam programas sociais e esportivos dentro dos seus projetos. Essas novas encomendas constituirão um campo de promoção e dinamização do urbanismo esportivo nas grandes cidades, mas também nas cidades de tamanho médio, assim como uma possibilidade para que arquitetos experimentem soluções programáticas e outras tecnologias (Millan, 2016b). É interessante descobrir que alguns arquitetos, como Ícaro de Castro Mello, são contratados pelas elites do interior do país para, além de construir um edifício esportivo, trazer uma imagem de modernidade e futuro ao clube, tal como descrevem Frazatto e Rego (2018).

O número especial sobre o Brasil editado pelo periódico francês *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, também incluiu a Piscina do DEESP, projetada por Ícaro de Castro Mello, assim como outros quatro projetos: o Clube Libanês de Belo Horizonte⁷⁷ e um projeto para um Centro Atlético Nacional⁷⁸ (ambos projetos de Oscar Niemeyer), um projeto para a Piscina do Clube Palmeiras (de Carlos Frederico Ferreira) e o Estádio de Maracanã, dos arquitetos Bastos, Galvão, Dias Carneiro e Azevedo. Se, em 1930, *Arquitetura SAU* salientava a ausência de ornamentos do Estádio Centenário de Montevideu, durante a segunda metade da década de

⁷⁰ Cf.: "Piscina Coberta". *Arquitetura e Engenharia*, 17, Maio-Junho/1951, pp. 32-35. "Piscina Coberta". *Habitat*, 11, Abril-Junho/1953, pp. 4-6. "Piscina Coberta - São Paulo". *Brasil Arquitetura Contemporânea*, 4, 1954, pp. 30-31.

⁷¹ Projeto inaugurado em 1947, desenvolvido pela equipe conformada pelos arquitetos Edgar Burbano, Jorge Gaitán Cortés, Alvaro Ortega e Gabriel Solano, e o engenheiro estrutural Guillermo González Zuleta.

⁷² O estádio da Universidade Central da Venezuela, em Caracas, foi projetado pelo arquiteto Carlos Raúl Venezuela, responsável pelo plano diretor de toda a Cidade Universitária, assim como de boa parte dos edifícios mais importantes do conjunto. Cf.: Moholy-Nagy (1964).

⁷³ Cf.: Cruz Gonzalez-Franco (2011).

⁷⁴ Cf.: "Esporte Clube Sírio". *Arquitetura e Engenharia*, 16, Março-Abril/1951, pp. 41-45. "Piscina do Esporte Clube Sírio". *Acrópole*, 220, Fevereiro/1957, pp. 124-125.

⁷⁵ Cf.: "Ampliação das dependências dos esportes amadores do Fluminense". *Arquitetura e Engenharia*, 28, 1953, pp. 52-55.

⁷⁶ "Club Libanais à Belo Horizonte, Minas Gerais". *L'Architecture d'aujourd'hui*, 42-43, Agosto/1952, p. 107.

⁷⁷ Em 1952, Niemeyer explicou que procurou uma solução estrutural diferente à utilizada em projetos anteriores, que evitasse os pilotis. Ele assinalou: "A nossa preocupação, ao projetar o Clube Libanês, foi encontrar uma solução que, aproveitando todas as possibilidades do concreto armado, constituísse, plasticamente, obra interessante. A planta adotada, que é simples e construtiva, apresenta estruturalmente dois únicos elementos: uma placa curva e outra plana, apoiadas ambas em arcos. A primeira corresponde à cobertura e a segunda ao piso das salas. No jogo desses dois elementos baseou-se o nosso projeto, que evita os clássicos pilotis". Cf.: "Clube libanês de Belo Horizonte". *Arquitetura e Engenharia*, 20, Fevereiro-Março/1952, pp. 44-47.

⁷⁸ Esse projeto é particularmente parecido à proposta feita por Niemeyer para o concurso do Estádio Maracanã de 1947.

1950 eram valorizados os projetos pela sua audácia estrutural e sua escala. Tal como nas décadas anteriores, os edifícios eram analisados isoladamente – em termos físicos e históricos –, quase sem discutir suas relações com o entorno nem os percursos históricos que explicavam a construção dos complexos esportivos.

Em *Modern Architecture in Brazil* (1956), Henrique Mindlin também realça a qualidade do projeto de arquitetura da Piscina de Ícaro de Castro Mello, situando-a junto a outros dois projetos dentro dos prédios esportivos e de recreação notabilizados em várias publicações nacionais e estrangeiras: o Iate Clube da Pampulha, de Niemeyer (1942) – que vinha sendo salientado, pelo menos, desde o trabalho de Goodwin, em 1943 – e o estádio de Maracanã. Essa era a primeira vez que um dos grandes estádios brasileiros seria publicado dentro das compilações canônicas das décadas de 1950 e 1960, ainda que, nos periódicos especializados, eles já estivessem sendo publicados, como, por exemplo, além do Maracanã, o Estádio do São Paulo Futebol Clube, no bairro paulistano do Morumbi⁷⁹ – projeto de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi, provavelmente uma das peças do brutalismo paulista mais difundidas durante a segunda metade do século XX. Em *Modern Architecture*, conforme afirma Tinem (2006), Mindlin não presta demasiada atenção ao trabalho de Vilanova Artigas, ainda que tenha incluído quatro obras suas entre os projetos publicados. Tinem faz referência a um pequeno trecho do texto de Mindlin, de 1956, sobre o arquiteto curitibano:

Artigas pensa no homem moderno dominando e ordenando o meio ambiente na busca de uma agradável moldura para uma sociedade integrada e harmoniosa. Assim, em lugar da submissão à paisagem e à fusão com a natureza prefere uma clara e honesta expressão dos métodos e técnicas contemporâneos (Tinem, 2006: 72).

Desconhecemos se Mindlin estava fazendo menção a algum projeto em específico da obra de Artigas, ou se o seu comentário era direcionado a toda sua obra. Contudo, é possível compreender esse texto como uma reflexão sobre a construção de paisagens através da expressividade do concreto, impressão que poderia ter sido ainda maior no caso do estádio em Morumbi, um projeto quase de colonização daquela área de expansão da cidade de São Paulo, que era, até o momento do início do projeto, em 1952, quase completamente despovoada.

Mindlin já havia publicado o trabalho de Ícaro de Castro Mello na *Brasil Arquitetura Contemporânea*. Além da Piscina da Água Branca, o projeto não construído do Jockey Clube de Uberaba tinha sido divulgado na revista, em um número de 1955⁸⁰. Uma análise posterior de Yves Bruand (1981) sobre o complexo esportivo mineiro oferece informações relevantes sobre os mais que prováveis intercâmbios de experiências e circulação de ideias no campo da arquitetura esportiva. Bruand afirma:

É pena que o ginásio do Jockey Clube de Uberaba (1955) jamais tenha sido construído: a calota elipsoidal, vazada por um lanternim e sustentada por púlares em forma de “V” invertido, que fora prevista, oferecia uma antecipação das propostas mais audaciosas que Nervi e Vitellozzi iriam desenvolver com sucesso, três anos depois, no pequeno ginásio de Roma. Essa evolução acentuou-se ainda mais em certas obras recentes, como os ginásios da colônia de férias do SESC, em Bertioiga, e da Associação do Banco do Brasil, em Itapeverica, perto de São Paulo (1965-1967)⁸¹.

Talvez Bruand desconhecesse que Castro Mello tinha participado, pelo menos durante toda a década de 1960, na Comissão de Construções Esportivas e Recreativas da UIA, bem como que suas obras foram apresentadas nas exposições paralelas dos Jogos Olímpicos de Helsinki-1952, Tokio-1964 e Cidade de México-1968⁸². Tal

⁷⁹ “Estádio em São Paulo” *Habitat*, 11, 1953, pp.12-13

⁸⁰ “Jockey Club de Uberaba. Ícaro de Castro Mello, arquiteto”. *Brasil Arquitetura Contemporânea*, 5, 1955, pp. 34-37.

⁸¹ Cf.: Bruand (1981: 265).

⁸² Essas informações foram descobertas na pesquisa no acervo profissional do arquiteto Ícaro de Castro Mello.

Imagem 1.23. Capa do número especial sobre equipamentos esportivos editado pelo periódico francês *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, Fevereiro/1958.

Imagem 1.24. Ginásio de Bauru, Estado de São Paulo, projetado pelo arquiteto Ícaro de Castro Mello, c. 1955.

como veremos ao longo da tese, são vários os arquitetos que foram especializando-se nos programas esportivos, alguns deles, inclusive, reconhecidos esportistas (como atletas e remadores) que decidiram dedicar-se profissionalmente à arquitetura. Esses *arquitetos-esportistas*, ou *esportistas-arquitetos*, participavam de encontros internacionais, viajavam para conhecer projetos construídos em outros lugares e até desenvolviam projetos para cidades no estrangeiro, como foi o caso do próprio Ícaro de Castro Mello.

É difícil que Bruand não tivesse conhecido o número especial da *L'Architecture D'Aujourd'Hui* sobre construções esportivas, publicado em fevereiro de 1958⁸³, em que, junto a todo o Complexo Olímpico de Roma-1960⁸⁴, foram apresentados quatro projetos de Ícaro de Castro Mello: a Piscina da Água Branca, os ginásios da cidade de Bauru e do Ibirapuera, em São Paulo, e o Centro Esportivo da Cidade Universitária da USP. O número trazia outras obras importantes, de arquitetos internacionais como Kenzo Tange, Eero Saarinen, Dagoberto Ortensi e Louis Saint-Calbre, esses dois últimos também parte da Comissão de Construções Esportivas e Recreativas da UIA. Como vários dos críticos da arquitetura brasileira da segunda metade do século XX, Bruand propõe uma análise formalista, tal como fez com o Ginásio do Ibirapuera, quando discute a forma da planta, dos acessos e da fachada. Além disso, ele decide indagar as relações entre tecnologias e estética a partir de uma breve análise da cúpula:

O ginásio do Parque do Ibirapuera (1952-1954), edificado por ocasião da celebração do IV Centenário da fundação de São Paulo, mostra outro aspecto do racionalismo claro de Ícaro de Castro Mello. O programa e a localização não se opunham à adoção de uma forma pura, muito pelo contrário, e o arquiteto optou sem vacilar pela figura geométrica mais perfeita: a planta é circular. Toda orientação do edifício foi cuidadosamente evitada: as cinco entradas, distribuídas a intervalos regulares, são estritamente iguais; o exterior é uniforme em todo o contorno; sua plasticidade resultado do jogo cruzado de suportes verticais aparentes e das lâminas horizontais dos *brise-soleil* da parte mais alta, a que se soma o aumento do volume global. A cúpula leve, inteiramente metálica, permitiu arranjar um óculo central, que distribui largamente pelo terreno a luz do alto, desejável nesse tipo de realização. As soluções escolhidas, sempre motivadas por razões funcionais, levam a uma estética simples, dominada pelas preocupações estruturais (Bruand, 1981: 265).

⁸³ *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, 76, Fevereiro/1958.

⁸⁴ O complexo incluiu o Palazzetto degli Sporti (Vitellosi e Nervi), o Velódromo Olímpico (Ligini, Ortensi e Ricci), o Ginásio Municipal (Piacentini e Nervi), o Estádio Nacional (Nervi) e a Piscina Olímpica (De Dobbio e Vitellosi), todos projetados e construídos entre 1957 e 1960.

Tal como já dissemos anteriormente, a breve discussão sobre os edifícios esportivos na história da arquitetura contemporânea de Bruand prescinde de qualquer contextualização do projeto, para além de dizer que foi construído no contexto das comemorações do IV Centenário da cidade de São Paulo. Em nenhum lugar é debatido as dificuldades da execução do projeto, que incluíram atrasos na entrega do ginásio, acidentes no canteiro de obras e até o traslado do Campeonato Mundial de Basquete, torneio para o qual tinha sido construído. Conforme analisaremos no último capítulo da tese, o conjunto do Ginásio de Ibirapuera sofreu modificações entre o projeto original e o executado e, pelos motivos recém-mencionados, não conseguiu ser inaugurado em 1954, mas em 1957, três anos após os festejos.

Outro dos casos revisados foi a produção escrita de Francisco Bullrich, um dos principais críticos da arquitetura latino-americana deste período. Em primeiro lugar, seus escritos não atenderam demasiado à arquitetura esportiva produzida no período estudado. Como vários dos seus colegas, ele estava mais interessado na produção que tivesse sintonia com os princípios do movimento moderno, ainda que fosse um entusiasta das experiências arquitetônicas locais e de suas próprias complexidades, seguramente pelo impacto que ele atribuiu à conformação da União Internacional de Arquitetos (UIA) como estratégia política e internacional para quebrar com as leituras hegemônicas que deixavam a América Latina só na posição de receptora de linguagens estrangeiras. Em *Nuevos caminos de la arquitectura latino americana* (1969), ele incluiu a Piscina do DEESP dentro da compilação; já em *Arquitectura latinoamericana* (1969), ele salientou, além do bem resenhado Estádio Olímpico de Caracas, um projeto que foi produzido em anos posteriores ao período que estamos estudando aqui: o monumental projeto do Estádio Azteca da Cidade do México, dos arquitetos Pedro Ramírez Vasquez e Rafael Mijares, construído em meados da década de 1960 (Adriá et al., 2014).

Essas leituras canônicas das grandes obras de arquitetura esportiva da década de 1950 continuaram reproduzindo-se até trinta anos depois. Um desses casos foi o livro do Enrique Browne, *Otra arquitectura en América Latina* (1988), em que as obras esportivas consideradas como mais relevantes eram os mesmos projetos que tinham sido apresentados e analisados na obra de Russell Hitchcock (1955): o Estádio de Baseball de Cartagena de Índias e o Estádio Olímpico da Cidade Universitária de Caracas. Browne (1988: 18) utiliza a categoria arquiteturas do desenvolvimento (“*arquitecturas del desarrollo*”) – que reconhece ser expressão original da Mariana Waisman – para explicar a arquitetura da pós-guerra, caracterizada pela “juventude e vigor” da sua expressividade, “poderosa e eloquente” através do uso do concreto armado, e “desenvolvimentista” em razão a sua posição diante da realidade socioeconômica dos países do continente. Essa definição quebra a promessa oferecida no título do livro: mais que uma outra leitura da arquitetura, Browne continua o viés da análise formalista, sem discutir em profundidade as condições de produção dos projetos, nem as agendas e interesses envolvidos na trama clientes / autoridades / projetistas. Por exemplo, se observamos sua análise sobre o projeto da Cidade Universitária de Caracas, de Carlos Villanueva (1944-1957), encontraremos uma descrição que, primeiro, salienta a capacidade de Villanueva para construir uma estratégia de conexão dos diferentes prédios que faziam parte do complexo através de um sistema de marquises – quase simultaneamente ao que Niemeyer propôs com a marquise para o Parque do Ibirapuera, em São Paulo –, que, por sua vez, serviam como abrigo às condições climáticas dos trópicos. Depois, descreve o “*expressionismo estrutural*” das arquibancadas e da cobertura do Estádio Olímpico, resolvidas na mesma estrutura em forma de “C”. O texto quase prescinde de qualquer referência a um mais que provável projeto de política esportiva e sanitária dos sucessivos governos venezuelanos que participaram da gestão do projeto da Cidade Universitária, e também desconsidera uma análise em relação à possível incorporação do debate sobre o desenvolvimento dos campus universitários e os seus complexos esportivos no contexto latino-

americano⁸⁵, ou mesmo as conflituosas relações entre regimes autoritários – como o de Marcos Pérez Jiménez –, modernização urbana e equipamentos esportivos.

Contudo, seria injusto testemunhar só contra Browne, considerando que boa parte dos trabalhos de crítica e história da arquitetura produzidos entre 1950 e 1980 tiveram um escopo semelhante. Segawa (1998) descreve o resgate de algumas trajetórias profissionais, como a de Carlos Villanueva, a partir de meados da década de 1990, com leituras mais complexas sobre sua obra e o cenário político e social que ajudou a sua definição. Mas não deixa de ser revelador que a transição rumo ao “giro historiográfico” tivesse muitas reticências em trazer perguntas que abrangessem outros campos disciplinares.

O giro historiográfico: novas linhas de pesquisa

Por fim, nessas últimas páginas discutiremos alguns dos enfoques e linhas de pesquisas que, acreditamos, têm ajudado a construir novos trabalhos sobre a relação entre esporte, arquitetura e cultura urbana. Para isso, apresentaremos alguns dos novos rumos que têm percorrido as pesquisas interessadas em diversos problemas, centradas, especificamente ou não, no urbanismo esportivo. Vários dos trabalhos que são aqui apresentados não tem como foco principal de interesse nem estádios nem ginásios ou velódromos. Porém, suas metodologias e perspectivas têm sido úteis para construir uma tradição intelectual interessada em pensar historicamente as condições políticas, sociais, culturais e fundiárias que permitiram o impulso à construção de equipamentos esportivos nas cidades da América do Sul. Evidentemente, esta tese também se alimenta desse corpo de trabalhos; a eleição dos casos não é uma casualidade, mas a explicitação de uma série de ideias que têm sido importantes para a construção da categoria do urbanismo esportivo.

Em primeiro lugar, são vários os trabalhos produzidos no continente desde inícios da década de 1990 que propuseram novas formas de pensar a construção da cidade latino-americana. Entendendo a urbanização como resultado de múltiplas operações imobiliárias, mas também de projetos políticos, pedagógicos e culturais, essas pesquisas têm se interessado na trama de contínuas relações entre campos sociais, agendas e interesses. Diferentes momentos das prolíficas carreiras intelectuais de autores como Beatriz Sarlo, Adrián Gorelik, Graciela Silvestri, Nicolau Sevcenko, Francisco Liernur ou Armando de Ramón – vários deles influenciados pelos trabalhos seminais de Richard Morse e Marshall Berman – mostram a relevância de pensar a materialidade da cidade e a cultura urbana em um contínuo intercâmbio, conformando um campo de tensões entre enfoques e perspectivas diferenciadas (Gorelik, 2004). O escopo desses autores quebra com a ideia do gênio isolado na prancheta que prevaleceu em várias das leituras de meados do século e que ainda perdura em algumas formas de análises, especialmente naquelas que, pela preocupação pelas formas, esquecem toda história de agentes, negociações, tensões e acordos que acabaram produzindo um projeto arquitetônico ou urbanístico.

Da mesma forma, os trabalhos desses autores problematizam a noção de modernização do campo arquiteto, afastando-se das noções puramente formais e examinando os desencontros e singularidades do processo específico na América Latina. É o caso do trabalho *Modernidade Periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*, de Beatriz Sarlo (1992). Agudo em suas análises, o texto transita por duas décadas da cultura urbana portenha argentina, tentando compreender as transformações da cidade

⁸⁵ Os campos universitários, especialmente os dos Estados Unidos, foram motivo de interesse para políticos, acadêmicos e arquitetos da América Latina e da Europa durante boa parte do século XX. Por exemplo, já no final da década de 1910, Enrique Molina, reitor do projeto da Universidade de Concepción, é enviado pelo governo chileno para conhecer várias experiências de campus universitários norte-americanos. Suas crônicas da viagem foram publicadas em 1921 (*De California a Harvard. Estudios sobre las Universidades Norteamericanas y algunos problemas nuestros*) e relembram algumas passagens do livro de Mardges Bacon (2001) sobre a visita de Le Corbusier aos Estados Unidos, em 1935. Segundo a autora, essa viagem, especialmente a visita ao Estádio de Princeton, e a experiência pública e massiva dos assistentes aos estádios universitários, teria chamado poderosamente a atenção de Le Corbusier, servindo depois para a realização do seu projeto para Centro Esportivo de Paris (1936-1937). Cf.: Molina (1921), Bacon (2001), Millan (2016a).

a partir de diferentes campos disciplinares – a sociologia, os estudos literários e culturais –, posicionando a cidade no centro do debate ideológico e estético. Sem falar especificamente de equipamentos esportivos urbanos, como foi feito por Graciela Silvestri, Sarlo consegue, como assinala Sérgio Miceli no prólogo da edição brasileira do livro, esquadrinhar relações, contrastar autores e obras, comparar itinerários políticos e intelectuais. Seu trabalho, como o de Nicolau Sevcenko, consegue abordar diversas camadas de registros e convertê-los em insumos básicos para uma pesquisa sobre o desenvolvimento urbano que não prescinde da ideologia para analisar tanto o impacto da urbanização sobre a vida cotidiana, quanto as pautas que a cultura e a política conseguem introduzir no projeto arquitetônico e urbano. A escrita de Sevcenko, aliás, ajudou a compreender melhor as possibilidades para narrar o fenômeno da metropolização, compreendendo a cultura urbana em sua dimensão temporal e espacial.

Dezenas de trabalhos na América Latina têm sido influenciados pelas novas diretrizes de pesquisa abertas por esses autores, vários deles fontes secundárias importantes para o desenvolvimento desta tese. Por exemplo, o trabalho de Carlos da Costa Niemeyer sobre os Parques Infantis paulistas (2002), os interessantes textos de Rodrigo Booth sobre a urbanização balneária em Valparaíso e as arquiteturas turísticas no Chile, e a pesquisa de Hora (2014) sobre a história cultural do hipismo argentino, entre outros, dão conta de perspectivas de análise interessadas na formação de políticas e instituições, que, por sua vez, vão configurando o espaço e as interações que nele acontecem. O primeiro desses trabalhos tem ajudado a compreender melhor o jeito que as visões pedagógicas e salubristas das décadas de 1920 e 1930 influenciaram a consolidação de um sistema de provisão de parques infantis, que tinha a educação física e a prática esportiva como um eixo fundamental. Niemeyer consegue descrever diferentes agendas que confluíram na concepção dos parques infantis, que iam de estratégias de ordem social, que substituíram a punição pela instrução e a disciplina, até projetos pedagógicos que concebiam os espaços esportivo-culturais como lugares em que as crianças mais pobres da cidade poderiam ter uma educação diferente da hierarquizada escola centrada na transmissão de conteúdo.

Por sua vez, Booth (2002) consegue descrever a construção de uma paisagem litorânea no começo do século XX, definida pelas contraditórias ações de um Estado que quer industrializar e agentes privados que investem na nova indústria turística. Apesar da pesquisa poder parecer um projeto de gestão territorial, o escopo de Booth permite compreender as visões sobre lucros, prazeres e disponibilidade do tempo livre que sustentam as duas posições em combate. Já Hora (2014) consegue compreender as formas pelas quais o hipismo fez parte constitutiva da vida cultural urbana na virada do século XIX para o XX, conseguindo penetrar em diversas classes sociais e fazer parte da paisagem urbana por meio de espaços físicos e institucionais relevantes da cidade, como hipódromos, casas de apostas, jornalismo especializado, clubes sociais, e até salões do governo. Seu trabalho, assim como o de Melina Piglia (2014) sobre o automobilismo argentino, é extremamente útil para compreender as dinâmicas de conformação de um campo social, neste caso, vinculado diretamente com o esporte e o lazer. Como vários dos trabalhos desse período, a pesquisa examina as tensões existentes em relação ao uso do tempo livre, que variam de visões que enfatizam o aproveitamento desses períodos da semana para impulsionar processos educativos e moralizantes, até os que entendem esses tempos como completamente livres, disponíveis para que cada pessoa faça o que quiser, incluindo beber ou apostar.

Nesses três casos, como vários outros trabalhos citados ao longo da tese, priorizou-se uma leitura complexa da produção de arquitetura que assume diferentes estratégias metodológicas – dois dos trabalhos não se propuseram a fazer uma história dos projetos arquitetônicos, mas os consideraram como elementos centrais no desenvolvimento dos planos de urbanização –, e que concebe a produção da cidade como uma complexa trama de agentes e forças sociais e culturais, que ajudam na definição dos projetos de arquitetura e das propostas urbanísticas.

Em segundo lugar, e relacionado com esse último ponto, existe uma outra linha de trabalhos que exploraram a dimensão econômica e fundiária dos equipamentos esportivos, vistos como elementos importantes no interior de operações imobiliárias maiores. Em vários dos casos estudados na tese, os complexos esportivos funcionam como atrativos para a chegada de investimentos públicos e privados às regiões onde eles serão construídos. Algumas pesquisas já atenderam a essa dimensão do urbanismo esportivo, tal como o estudo pioneiro do historiador norte-americano Steve Reiss (1981), que descreve a estratégia das elites locais de Los Angeles (Califórnia), na década de 1920, para conseguir sediar os Jogos Olímpicos de 1932 e construir um estádio monumental. No final da década de 1910, a cidade estava longe de ser uma grande metrópole: a décima cidade dos Estados Unidos em tamanho, passava pelo declínio da sua atividade turística depois da Primeira Guerra Mundial, o que preocupava parte dos empresários locais relacionados às indústrias do lazer e do espetáculo. Tentar dinamizar a economia do sul californiano era a proposta, por meio da construção de um estádio que pudesse ser utilizado também como arena de espetáculos. Em um país que já tinha uma arquitetura esportiva bem desenvolvida através dos grandes estádios do beisebol profissional e, especialmente, pelo esporte universitário da Costa Leste e do Mid-West – alguns deles com coliseus para mais de 50 mil espectadores –, a cidade de Los Angeles não tinha um espaço dessas características. A operação imobiliária foi estabelecida como uma parceria público-privada com base nas possibilidades de marketing urbano que a organização dos Jogos Olímpicos oferecia, em uma fórmula de gestão e desenvolvimento de megaprojetos de arquitetura esportiva.

No entanto, na América do Sul também têm sido desenvolvidas pesquisas que discutiram e analisaram a relação desses equipamentos urbanos com empreendimentos imobiliários privados. Dois dos casos comentados em capítulos desta tese, o Estádio Nacional de Santiago e o Estádio Municipal do Pacaembu em São Paulo, foram peças relevantes no interior das operações imobiliárias que fundaram novos bairros em ambas as cidades, orientados exclusivamente às classes médias e altas. No caso de Santiago, a historiadora Brenda Elsey (2011) descobriu as relações entre os financiadores do estádio (o Ministério de Obras Públicas chileno) e um dos proprietários do lote vizinho ao que foi localizado o complexo esportivo, coincidentemente, o sobrinho do Presidente da República, Arturo Alessandri Palma. O sobrinho, Guillermo Alessandri, teria sido beneficiado com a mudança do local (1937) em que seria construído o estádio, originalmente proposto no interior do Parque Cousiño, o principal e mais tradicional espaço verde da cidade, lugar privilegiado da prática esportiva desde inícios do século XX. Essa operação, que será detalhada no quinto capítulo da tese, mostrou as relações entre o poder público e os investidores financeiros, que fizeram possível a eleição de um terreno em uma área de expansão residencial de alto padrão. Por sua vez, Rozas (2014) também descreve a trama de interesses cruzados entre o governo, a equipe de arquitetos, construtores e os empreendedores imobiliários, que beneficiaram a construção de um grande negócio fundiário. Boa parte das residências adjacentes ao estádio, as casas-barco do bairro de Ñuñoa (Téllez, 1996), foram desenvolvidas assim que o estádio começou sua construção. Nesse sentido, o estádio foi uma peça chave na concepção do bairro residencial, tanto pelos negócios e capitalizações obtidas através da designação do local de construção, quanto como atributo nessa região da cidade, que atraiu novas camadas de interessados em investir na área.

Da mesma forma, Christina Peixoto-Mehrtens (2011) pesquisou a relevância que teve o projeto de um estádio para a consolidação do projeto imobiliário-residencial que a Cia City – uma das principais companhias urbanizadoras operando em São Paulo – tinha para o bairro do Pacaembu. Em sua pesquisa, Peixoto-Mehrtens expõe as fórmulas conseguidas pela Cia City para conseguir construir, em diferentes fases, com financiamentos que incluíram a participação de diferentes agentes públicos, tais como a Prefeitura Municipal e o Governo do Estado, e privados, como Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, encarregado do projeto. Um complexo arranjo financeiro entre o setor público e privado conseguiu gerir um projeto que, nas revistas especializadas da época, aparecia só como um problema de definição de estilo e programa arquitetônico. A pesquisa de Peixoto-Mehrtens abre novas perguntas às respostas dadas no final da década de 1930 e inícios de

1940: se o projeto final é resultado das forças e ações de diferentes agentes, qual é a lógica por trás da decisão de reservar um grande terreno para um conjunto esportivo? E, por que um estádio, nessa época, era compreendido como um bem público que rentabilizava um grande empreendimento imobiliário residencial, como o desenvolvido pela Companhia City no vale do córrego do Pacaembu? Essas perguntas são difíceis de responder, mas servem, como dizia Wright Mills (1959), como um exercício de imaginação investigativa cujos resultados serão apresentados no sexto capítulo da tese.

Em terceiro lugar, algumas das pesquisas recentes sobre os principais equipamentos esportivos da América Latina têm focado os intercâmbios e as circulações de ideias sobre programas arquitetônicos, gerenciamento de projetos e execução de obras. A figura do arquiteto-esportista é interessante para analisar a importância que suas participações em competições internacionais tiveram para a definição de suas vocações como especialistas. No caso do Estádio Nacional de Santiago, um dos seus arquitetos, Ricardo Müller, ex-campeão sul-americano de atletismo, participou como chefe da delegação chilena nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928. Essa experiência teria sido importante, segundo Rozas (2014), para a definição de alguns dos elementos característicos do coliseu chileno, como a cobertura da tribuna principal, construída sem colunas que atrapalhassem a visão dos espectadores. Uma experiência parecida foi descrita por Joana Mello (2005a), ao analisar o trabalho do Ícaro de Castro Mello: campeão sul-americano de atletismo, ele aproveitou sua participação nas Olimpíadas de Berlim, em 1936, em que foi classificado para o salto com vara, para fazer um estágio no escritório de Werner March, arquiteto responsável pelo complexo olímpico da capital alemã. Pouco analisada, mas também com uma trajetória parecida às de Müller e de Ícaro de Castro Mello, é a vida de Mario Recordón, campeão chileno e sul-americano de atletismo, formado em arquitetura na Universidade de Chile e especialista em projetos de arquitetura esportiva, responsável pelos projetos do estádio de Antofagasta, o ginásio coberto do Parque Cousiño e o velódromo do Estádio Nacional, ambos em Santiago, bem como pelo complexo esportivo na cidade de Valdivia, entre outros. As experiências como esportistas internacionais também teriam sido úteis para que alguns ex-esportistas se transformassem em participantes ativos das instituições de impulso à educação física e ao esporte, tal como aconteceu, na década de 1940, com a ex-nadadora María Lenk e o ex-atleta Sylvio Magalhães Padilha, fundadora da Escola Nacional de Educação Física do Rio de Janeiro e diretor do Departamento de Educação Física e Esportes de São Paulo, respectivamente⁸⁶.

Nos últimos anos também têm sido produzidos alguns trabalhos sobre projetos de arquitetura esportiva a partir da informação dos arquivos profissionais dos arquitetos. Esse foi o caso da pesquisa de Lourdes Cruz González-Franco (2011) sobre o Estádio Universitário da Cidade de México projetado pelo arquiteto Augusto Pérez Palacios, em parceria com Raúl Salinas Moro e Jorge Bravo Jiménez, e inaugurado em 1952. Por meio da sua pesquisa no acervo profissional de Pérez Palacios, González-Franco consegue descrever diferentes etapas do projeto, o impacto dos orçamentos sobre as decisões arquitetônicas, algumas referências que influenciaram o projeto, assim como informações sobre outros projetos que foram influenciados pelo estádio mexicano. É interessante que a pesquisadora conseguiu, a partir de documentos “secundários”, tais como escritos de viagens e correspondências, além de desenhos e croquis, construir uma história de referências e influências. É assim que ela descobre as turnês de Pérez Palacios para conhecer estádios no estrangeiro⁸⁷, procurando encontrar as melhores soluções para a encomenda feita pelo Estado mexicano. O acervo fotográfico de Ícaro de Castro Mello também é demonstrativo disso: centenas de fotografias de estádios, ginásios,

⁸⁶ “Entrevista: Maria Lenk”. Revista Sesc, 47, Abril/2001. Disponível em https://www.sescsp.org.br/online/artigo/884_entrevistamaria+lenk. Acessado em: 10 de Abril de 2018.

⁸⁷ Apesar da pesquisadora não especificar quais foram essas viagens, no parágrafo seguinte afirma que o arquiteto ficou impactado pelos estádios universitários de “Yale, Denver, Providence e Cornell, todos nos Estados Unidos, pois eles tinham sido construídos seguindo uma solução arquitetônica baseada no diagrama do Gavin Hadden”. Esse arquiteto norte-americano teria proposto uma solução formal que projetava as arquibancadas centrais com um maior número de cadeiras que as que ficam atrás dos gols (Cruz González-Franco, 2010).

Imagem 1.25. Ingresso da inauguração do Estádio Olímpico da Cidade Universitária, Cidade do México, 20 de Novembro de 1952.

balneários e complexos esportivos e culturais de diversas cidades do Brasil e do estrangeiro, dão conta do interesse do arquiteto por conhecer as características de projetos desenvolvidos em outras latitudes.

Ainda que esses trabalhos ajudem a pensar que todas as obras e conhecimentos são legados de outros, às vezes são extremadamente condescendentes com as evidências. Como podemos comprovar que um trabalho realmente influenciou um projeto posteriormente realizado? Uma visita a um estádio no estrangeiro não assegura que, na próxima proposta, sejam utilizados os princípios estruturais do edifício visitado. De alguma forma, a circulação de ideias é uma faca de dois gumes: pode ajudar a imaginar eventuais relações conceituais, mas, ao mesmo tempo, pode encerrar a análise e entregar respostas que não explicam rigorosamente uma produção arquitetônica ou urbanística. Não deixa de ser estranho que a maioria das análises sobre as arquiteturas esportivas e os arquitetos especialistas na América Latina remetam à Europa. Isso aconteceu na produção escrita do entre-guerras, mas, também, logo depois, durante a segunda metade do século XX. Por que os Estados Unidos, que influenciaram dezenas de aspectos da vida cotidiana no continente, não tiveram, nesse campo de produção arquitetônica, relevância para o desenvolvimento de equipamentos esportivos? Da mesma forma, existem poucos trabalhos que discutem a circulação de ideias de arquitetura esportiva no interior da América Latina. Nesse sentido, nos capítulos seguintes serão analisados alguns dos ricos intercâmbios de experiências profissionais, assim como algumas instâncias de encontro, consultoria e visita a canteiros de obras, todos âmbitos planejados para aprimorar projetos e fortalecer a prática do urbanismo esportivo no continente.

Um breve balanço

Nesta última seção, tentamos apresentar alguns dos trabalhos e novas leituras sobre o sempre inacabado tema de analisar a conformação das cidades na América Latina, assim como sobre a compreensão das relações entre as culturas urbanas e a forma construída. Quase como uma extensão da introdução, esse primeiro capítulo, estruturado como um exercício de periodização, descreveu algumas das transformações nas formas que a produção historiográfica da arquitetura e do urbanismo orientou suas análises ao longo de quase um século. Embora isso possa parecer uma tarefa extremamente generalizadora, o que é verdade se quiséssemos conseguir conclusões ainda mais precisas, decerto nos ajuda a entender quais foram os elementos estruturantes – e os eixos de sentido – que se repetiram em diferentes cidades do continente.

A arquitetura esportiva tem sido um tema pouco analisado nos estudos historiográficos, ainda que o esporte e o lazer tenham se constituído como esferas muito relevantes na vida do Ocidente durante todo o século XX. As transformações nas visões e usos do tempo livre passaram, em boa medida, também pela disponibilidade de edifícios que oferecessem possibilidades para assistir espetáculos esportivos e praticar esporte e educação física.

Quando os equipamentos esportivos estudados foram produzidos, quase sempre foram analisados a partir de uma perspectiva formal. O interesse dos textos publicados em revistas e periódicos especializados foi, majoritariamente, nas composições dos edifícios e dos conjuntos, assim como dos programas integrados nos projetos arquitetônicos. Posteriormente, começa uma etapa de certa fascinação pelos materiais e tecnologias, colocados ao serviço da vida saudável, da higiene e dos bons hábitos, mas também das estratégias de exibição das elites. Não foi até a abertura do debate urbanístico, na década de 1930, que os textos dos periódicos especializados se interessaram pela implantação e localização dos projetos esportivos nos novos bairros das cidades em processo de metropolização. Os estilos mudaram e as leituras também. A chegada do funcionalismo aos projetos de arquitetura esportiva foi um impacto para a comunidade arquitetônica de críticos, que não deixou de se maravilhar pela aplicação de novas linguagens para programas arquitetônicos que, às vezes, eram associados aos totalitarismos e regimes autoritários europeus das décadas de 1930 e 1940. Talvez seja por isso que os livros-manuais de arquitetura, que começam a ser produzidos no continente na década de 1950, afastaram os projetos das suas concepções políticas e ideológicas, voltando de novo para análises desses projetos em suas concepções formais. A consagração da busca do modernismo fez que os manuais tivessem uma coletânea de projetos que representavam melhor as concepções formais e estilísticas do movimento na produção continental, desestimando as diversas vicissitudes que cada um daqueles projetos teve que passar, assim como as diferenças nos princípios que orientaram sua concepção, financiamento, gerenciamento e execução.

Não foi até meados da década de 1980 que novas leituras surgiram, incorporando o caráter político e cultural da produção da cidade às pesquisas sobre o urbanismo esportivo no continente. Essas análises historiográficas da arquitetura se alimentaram de outras disciplinas – especialmente da história, dos estudos culturais e, mesmo, dos estudos literários, entre outros – para propor leituras mais complexas sobre uma diversidade de assuntos. Esses temas abarcam questões vinculadas tanto às rendas do solo e negócios imobiliários – qualquer semelhança com as críticas contemporâneas aos megaeventos esportivos não é mera coincidência –, quanto às circulações de ideias arquitetônicas e urbanísticas, às raízes das definições do estilo arquitetônico, e ao impacto de outros campos de saberes na concepção do esporte e lazer na vida cotidiana dos habitantes de cidades que passavam por processos de forte transformação. As sofisticações das análises ajudarão, ao longo da tese, a compreender melhor a função que tiveram as arquiteturas esportivas em questões centrais das cidades sul-americanas da primeira metade do século XX, e que, até hoje, podem persistir na forma de políticas, espaços construídos, hábitos pessoais e práticas coletivas.

2. A MODERNIZAÇÃO URBANA PELOS OLHOS DE UMA REVISTA ESPORTIVA: SANTIAGO NA REVISTA LOS SPORTS (1923-1927)

Este ensaio discute o modo através do qual a revista esportiva chilena *Los Sports* (1923-1931) discutiu, analisou e promoveu a modernização urbana de Santiago e a transformação dos hábitos e práticas dos seus residentes na década de 1920. O trabalho inclui uma análise da revista entre os anos 1923, data de publicação do primeiro exemplar, e 1927, ano do começo da presidência autoritária do Comandante Geral de Carabineros, Carlos Ibáñez del Campo (1927-1931). Esse recorte temporal teve uma motivação analítica principal: o primeiro período da revista (1923-1927) trata de um processo de lenta transformação da infraestrutura esportiva da cidade, desenvolvida, majoritariamente por agentes privados, ainda que houvessem sido construídos alguns recintos públicos orientados à prática do esporte e da educação física. Já o segundo período, de 1927 a 1931, que coincide com o mencionado governo de Ibáñez, teve um acelerado processo de modernização dos equipamentos, acompanhado do desenvolvimento de uma política de estado de promoção do esporte, o que incluiu a construção de projetos de maior escala (e maior complexidade em sua arquitetura e engenharia), assim como a criação de instituições públicas encarregadas da administração e gestão da prática esportiva, como foi o caso da Dirección General de Educación Física (1929), tal como será analisado no capítulo seguinte.

Nessa medida, procura-se examinar, ao longo do texto, a dimensão urbana do esporte a partir dos testemunhos de esportistas, políticos, dirigentes e editores de imprensa que foram reproduzidos nas páginas da revista. Nossa discussão estará centrada, portanto, na criação e manutenção de equipamentos esportivos, fossem eles permanentes ou temporários, adequados para a realização de treinamentos e competições oficiais nacionais e internacionais. Dessa forma, serão analisados os processos de modernização de um grupo amplo de práticas sociais que acompanharam as transformações urbanas.

De iniciativa privada, a *Los Sports* apareceu nas bancas de jornais durante o primeiro governo de Arturo Alessandri Palma (1920-1925), momento político de enorme transformação, pois foi nesse período que se determinou a transição do parlamentarismo aristocrata para um sistema presidencialista de governo, transição coroada pela promulgação da Constituição de 1925. De fato, a modificação política foi demonstrativa das transformações da sociedade chilena, muitas delas relacionadas com a expansão da classe média e da sua participação em âmbitos da vida cotidiana antes exclusivas das elites. Durante esses anos, já estavam claros os signos do fim do ciclo econômico extrativista do salitre, o que produziu uma grande migração do norte do país para Santiago – que experimentou sua primeira grande explosão demográfica do século XX.

Portanto, a revista situa-se em um momento da história da cidade em que as tensões sociais estão se reconfigurando e em que as chamadas “patologias sociais” – como o alcoolismo, as enfermidades de transmissão sexual, a tuberculose e a criminalidade – são entendidas como sujeitas de intervenção médico-social, às vezes mediante a aplicação dos princípios pseudo-científicos da eugenesia e do darwinismo social. Dentro do meio intelectual chileno, também estavam sendo discutidos novos modelos pedagógicos. Herdeiros dos trabalhos de Federico Froebel, John Dewey e Maria Montessori, entre outros, alguns professores impulsionavam a educação ao ar livre e a adoção das aulas de educação física como um eixo importante dentro dos processos educativos. O esporte era compreendido, assim, como dispositivo de controle social, campo de promoção do patriotismo, opção médico-social para enfrentar o “ciclo degenerativo” da raça chilena e possibilidade de radicalidade educativa. Desse modo, é difícil encontrar uma outra atividade social que tivesse tantas agendas, interesses e instituições diferentes por trás dela. Ademais, a expansão do esporte era promovida por distintos agentes envolvidos

na incipiente indústria do espetáculo e do lazer que estava sendo estruturada nesses anos em diversas cidades latino-americanas.

Foi nesse contexto que *Los Sports* surgiu, acolhendo essas diferentes agendas e se constituindo como mais um agente dentro da conformação do campo do urbanismo esportivo. Ao longo dos seus oito anos de existência, conviveram em suas páginas crônicas de campeonatos, combates e corridas, notícias encaminhadas pelos correspondentes internacionais, textos científicos, monografias sobre atletas e clubes, bem como extensas reportagens sobre novos edifícios esportivos construídos em Santiago e em outras cidades chilenas e estrangeiras. Dessa forma, o periódico foi um espaço privilegiado para a expressão das diferentes forças que configuravam o debate sobre o desenvolvimento do esporte como prática social e urbana. Esporte de elite ou operário, *santiaguino* ou do interior do país, masculino ou feminino, amador ou profissional: uma infinidade de dualidades esteve presente nas páginas da revista ao longo desses oito anos de publicação, mesmo que com distintas ênfases e ambiguidades. Esse capítulo procura, assim, analisar as diferentes formas através das quais *Los Sports* impulsionava o esporte como prática social e as ênfases e interesses que estavam por trás da divulgação de determinados conteúdos. Nas próximas páginas, então, analisaremos a visão do periódico em relação à transformação urbana de Santiago e de outras cidades chilenas, especialmente Valparaíso, e, também, em relação aos processos de modernização da sociedade urbana em expansão. Nesse sentido, será discutida a função que *Los Sports* atribui ao esporte dentro desse momento de transformação da educação física, da indústria do espetáculo e da paisagem urbana.

Além disso, esse ensaio assume um certo desafio metodológico. Ao longo de toda a tese os periódicos esportivos são uma fonte de informação de contínua consulta. Ora, essa não é uma excepcionalidade deste trabalho: boa parte da historiografia do esporte e da educação física tem utilizado seções esportivas de jornais e periódicos especializados como base para reconstruir episódios e elaborar suas argumentações. Antes de se voltar a documentações governamentais, debates legislativos ou planos diretores, as notas da imprensa esportiva se constituíram com a primeira fonte de referência em boa parte dos estudos dessa área, pelo menos no interior da historiografia latino-americana. Essas fontes têm sido úteis, no sentido de oferecer informações para além de estatísticas de campeonatos ou resultados de jogos: por meio de crônicas, colunas de opinião e foto-reportagens é possível conhecer a história da conformação de instituições, como clubes e federações, as tensões em relação à profissionalização do esporte e os conflitos entre os diferentes agentes do campo social da indústria do espetáculo esportivo.

Nesse sentido, é importante se perguntar pelas oportunidades que os periódicos esportivos oferecem para compreender os processos de edificação de recintos esportivos, as transformações nos programas arquitetônicos dessas construções e os processos de modernização urbana impulsionados por investimentos em infraestrutura esportiva. Dessa forma, pode um periódico esportivo como *Los Sports* falar-nos desses assuntos para o caso de Santiago, em meados da década de 1920? Este capítulo assume, então, o desafio metodológico de discutir e analisar as visões existentes no periódico, compreendendo-o como um agente cheio de interesses dentro do processo de conformação da indústria do espetáculo esportivo, mas também dentro dos debates sobre os rumos da educação física, considerando os diferentes modelos pedagógicos que estavam sendo discutidos para a educação pública do país. A partir da leitura de textos e imagens serão analisados os processos de modernização urbana e social que *Los Sports* procurava salientar e impulsionar da sua tribuna como meio especializado em esportes e cultura física.

A Santiago esportiva do começo da década de 1920

Antes de nos perguntar quais são as dificuldades de se trabalhar com um meio impresso especializado em esportes e produzido há quase 100 anos, deveríamos estabelecer qual era, afinal, o espaço que o esporte tinha na vida social de Santiago no período anterior à aparição da revista. Sendo assim, não é difícil imaginar que essa história seja parecida com a de outras cidades do continente: imigrantes, em

sua maioria europeus ou norte-americanos, que trouxeram algumas práticas esportivas e que jogavam, primeiro, esses esportes entre eles. Essas práticas foram, quase imediatamente, reproduzidas e adaptadas, em maior ou menor medida, pelas elites locais, classes médias em expansão e classes operárias, utilizando espaços da cidade já existentes (parques públicos, pátios de escolas, ruas e calçadas, espaços abertos no interior das fábricas) e, logo, promovendo a construção de espaços de uso exclusivo para a prática esportiva. Desse modo, o esporte foi ganhando espaço em diferentes áreas do país. Por suas características geográficas, as práticas esportivas chegaram primeiro às cidades portuárias do país – especialmente Valparaíso e Iquique – e, rapidamente, se expandiram pelo território. Contudo, é preciso levar em consideração que a dinâmica do eixo Valparaíso-Santiago fez com que as principais associações, torneios, clubes e equipamentos fossem desenvolvidos nessas duas cidades, ainda que isso não tenha impedido que existissem panoramas esportivos de destaque em outros lugares do país, como aconteceu com o boxe em Iquique (Guerrero, 2007; 2016), ou com a antecipada consolidação dos clubes de regatas nos rios de Valdivia, na região sul do país.

Os primeiros jogos de futebol e os torneios atléticos que ocorreram nas últimas décadas do século XIX, assim como outros esportes que estavam começando a aparecer em Santiago, ocupavam os espaços tradicionais de lazer e entretenimento da cidade, especialmente a Quinta Normal de Agricultura e o Parque Cousiño, as duas principais áreas verdes da capital¹. Junto a esses dois locais surgiu, em 1918, um novo espaço urbanizado frequentado por atletas, ciclistas e excursionistas: o Cerro San Cristóbal, transformado em local de esporte por meio de suas novas e sinuosas vias e de suas escadarias². Por exemplo, a Prefeitura de Santiago organizou, em 1926, uma corrida de ascensão do Cerro partindo do Parque da Quinta Normal, que foi vencida por Manuel Plaza, a principal figura do atletismo chileno da época³. Com efeito, não é por acaso que *Los Sports* valoriza o San Cristóbal como espaço esportivo da cidade. Paralelamente à transformação do Cerro em um dos locais privilegiados para a recreação na capital, entre 1921 e 1924, o arquiteto Luciano Kulczewski dirigiu o projeto de intervenção urbanística e paisagística do lugar, construindo um ascensor que unia a região de Bellavista e o cume do Cerro, onde foi erigido um restaurante e um pavilhão fotográfico, funcionando como um mirante aberto para toda a cidade (Riquelme, 1996).

O Parque Cousiño foi, desde a década de 1880, o local do desenvolvimento do futebol da capital (Marín, 1995): primeiro, em improvisados campos de futebol onde se disputaram torneios dos clubes e das escolas das elites, e, mais tarde, com competições de empresas comerciais e indústrias, clubes de classe média e operários. Tal como assinala Montealegre (2010), o Parque era compreendido, naquela época, como “uma provisão pública alimentada pelo espírito liberal, planejado como um passeio aberto a todos os cidadãos”. Entretanto, se o Parque pode ter tido concebido sob esse espírito geral, isso não impediu que, em seu interior, surgissem clubes privados das elites (como aconteceu com o Santiago Lawn Tennis Club, aberto em 1905), junto a outros equipamentos que tinham sido construídos pela Prefeitura da cidade, como o velódromo. No mesmo bairro, alguns anos antes, foi construído um dos primeiros locais para espetáculos esportivos da cidade: o Club Hípico de Santiago, aberto em 1870. Ali, a classe alta passeava pelo *paddock* e pelas tribunas, enquanto que, ao mesmo tempo, operários faziam suas apostas nos corredores das arquibancadas populares. No ano do lançamento de *Los Sports*, a cidade tinha dois hipódromos: a pista de areia do Hipódromo Chile, que havia sido inaugurada em 1906, quase vinte anos antes da inauguração do novo prédio do Club Hípico, inaugurava, em

¹ Outro grande espaço verde da cidade, o bem localizado Parque Forestal (inaugurado nas celebrações do Centenário da República, em 1910), não foi sede de competições esportivas relevantes durante seus primeiros anos de existência.

² “Una piedra blanca (acerca del Cerro San Cristóbal)”. *Pacífico Magazine*, 99, Junho/1920.

³ “Manuel Plaza se adjudicó el Premio Municipal en la ascensión al San Cristóbal”. *Los Sports*, 185, 24 de Setembro de 1926.

1923, um edifício de arquitetura neoclássica projetado por Josué Smith Solar⁴. A Quinta Normal, no começo do século XX, também possuía equipamentos esportivos em seu interior. Além da piscina, a primeira pública da capital, existia o Club Alemán de Tênis (Riege des Deutschen Turnvereins) que, apesar de privado, permitia que seus campos fossem utilizados pelos estudantes das escolas da vizinhança em suas aulas de educação física. Como analisaremos no terceiro capítulo, durante a década de 1930, as autoridades nacionais cogitaram a possibilidade de construir o tão desejado Estádio Nacional dentro do Parque, em terrenos pertencentes à Faculdade de Agronomia da Universidade de Chile.

Alguns esportes tiveram, como descreve Cavalla (2006), analisando o caso do tênis, uma marcada transição do âmbito privado ao público, uma vez que, antes, era praticado exclusivamente nos quintais das casas dos ricos imigrantes ingleses de Valparaíso⁵ e foi, rapidamente, levado aos clubes esportivos. Desse modo, foi criado, na cidade portuária, o International Sporting Club de Playa Ancha, em 1898, e o Club Alemán, em 1912. Em Santiago, esse esporte também foi adotado, com a constituição do International Sporting Club (1911), aberto no mesmo ano em que foi organizado o primeiro torneio nacional de tênis, no clube do Parque Cousiño.

Nessa medida, as elites de Santiago desenvolveram, nas primeiras décadas do século XX, seu próprio modelo de suburbanização, nos quais os clubes sociais e esportivos tinham como função fundamental apoiar os projetos imobiliários construídos nas proximidades da cordilheira. Seguindo esse modelo, foram inaugurados o Papperchase Club (1905), o Club de Golf Los Leones (1911) e o Stade Français (1917) – alguns dos primeiros clubes das colônias de imigrantes que chegaram ao país e conseguiram estabelecer um projeto esportivo-cultural a partir da criação de suas sedes sociais.

Com efeito, qualquer resenha sobre o esporte no Chile nesses anos não pode omitir a importância do boxe que foi, sem dúvida, uma atividade de amplo interesse público e de grande repercussão na imprensa. No ano anterior ao lançamento de *Los Sports*, o poeta Pablo de Rokha havia dedicado várias páginas a esse esporte -entretenimento em seu livro *Los Gemidos* (1922), um texto de escritos fragmentários sobre a natureza da sociedade e do processo de modernização acelerada das cidades⁶. Da mesma forma, em um breve ensaio de Gumbrecht sobre o boxe, encontrado em seu monumental trabalho sobre o ano de 1926 (1997), salienta a ubiquidade do boxe como referência cultural durante toda década de 1920, especialmente entre intelectuais da Europa e dos Estados Unidos, mas também na América Latina e na União Soviética. O boxe produz uma fascinação entre escritores, artistas e até cientistas, que utilizam sua imagem como metáfora de masculinidade, da velocidade do ritmo da vida cotidiana ou da possibilidade “de tornar a morte presente aos olhos dos espectadores”, e, assim, “*libertando-os dos medos inconscientemente tentam evitar a visão avassaladora da morte nas suas vidas cotidianas*” (Gumbrecht, 1998: 232).

O boxe foi especialmente relevante entre os jovens pobres das cidades chilenas, pois era visto como uma chance econômica e profissionalizante – ainda mais se considerarmos que o intercâmbio de boxeadores e treinadores entre o Chile e os Estados Unidos começa já na década de 1910. Ao mesmo tempo, autoridades,

4 Josué Smith Solar foi um dos principais projetistas da modernização de Santiago durante as décadas de 1920 e 1930. Junto com seus três filhos, José, Silas e Teodoro, conformaram o Escritório Smith Solar & Smith Miller, responsável por importantes edifícios, como o Club Hípico, a galeria comercial Portal Fernández Concha, a reforma da fachada sul do Palácio Presidencial de La Moneda, o Ministério da Fazenda, o Hotel Carrera e o campus da Universidade Federico Santa María de Valparaíso, entre outros (Pérez de Arce, 2011).

5 Modelo de residências isoladas da primeira fase de suburbanização da cidade-porto, em que as quadras de tênis conviviam com o verde ornamental dos jardins (Cáceres et al., 2002)

6 Sobre o interesse internacional do boxe e as narrações dos combates, De Rokha (1922: 135) escreveu o seguinte: “Sonoramente, Box, desparrama tus éxitos, como semillas, desde el Polo Norte a los Trópicos, el húmedo cable submarino, submarino, y tu voz estremece el gran hilo de cobre, internacional, con ruidos de muchedumbre cosmopolita, enorme, rumor de aplausos monumentales y aroma de laureles eternos, inmarcesibles, criados por Heródoto al margen, al margen de los siglos; la oscura conmoción hiere el oído de las aguas inmóviles, tranquilas, inmóviles”.

Imagem 2.1 IV Campeonato Sul-Americano de Boxe Amador, combate entre o chileno Carlos Uzaveaga e o uruguaio Andrés Miguez (peso galo). Hippodromo Circo, Santiago.

dirigentes e empresários acreditavam que essa prática contribuía à “saúde moral” do Chile e ao enaltecimento da “raça chilena” (Rinke, 2002). Nesse período, já existiam alguns locais destinados exclusivamente à prática do boxe, como o Hippodromo Circo, sala de espetáculos construída em 1874 (Pradenas, 2006) e que, na década de 1910, transformou-se no principal espaço dedicado ao boxe santiaguino. Do mesmo modo, não era estranho que teatros e cinemas fossem rearranjados para, alguns dias da semana, apresentar combates de boxe, como acontecia no teatro Politeama. Muitos empresários nacionais tinham dificuldades para rentabilizar em cima de uma programação exclusivamente cultural (Lorenzini, 2012) e, portanto, precisavam de programas adicionais, como o boxe, para incrementar seus lucros. A revista *Los Sports* descreve uma situação deste tipo, ocorrida no combate entre o chileno Manuel Bastías e o norte-americano Willie Murray, em maio de 1923:

A empresa organizadora deste interessante combate teve a boa ideia de adaptar o amplo American Cinema para sediar o espetáculo. De fato, com as chuvas da estação, os outros locais destinados a este tipo de torneios oferecem a dificuldade da sua distância em relação ao centro, com os desconfortos da lama e do frio. O American Cinema é um local bem mais amplo e confortável, seu acesso é muito fácil, a maioria dos bondes chegam até sua vizinhança⁷.

Tão importante quanto o conforto dos cinemas e teatros é sua localização central na cidade, bem diferente da maioria dos clubes de boxe, que se encontravam nas periferias e não ofereciam garantias para receber um grande público espectador.

Rinke (2009) afirmou que a construção do edifício Ariztia, o primeiro arranha-céu da cidade, inaugurado em 1921, demonstrou os déficits da modernização arquitetônica e urbana de Santiago, evidenciando os contrastes entre os novos prédios do centro, junto à área de expansão das elites, e os degradados bairros pobres da cidade. De fato, a construção de equipamentos esportivos oscilava entre as possibilidades encontradas em ambos os mundos: apostar na modernização dos programas arquitetônicos e das agendas de atividades a desenvolver nesses espaços, ou adaptar, mesmo que de modo precário, as antigas edificações, como estábulos e galpões, para os transformar e converter, por exemplo, em clubes de boxe. É evidente que existiam diferenças consideráveis entre os recursos disponíveis nos clubes operários e os recursos dos clubes sociais das elites, o que também determinava as possibilidades de construção dos equipamentos. Porém, é preciso levar em conta que existiam agendas diferenciadas entre esses mundos: enquanto

7 “El match Murray – Bastías”, *Los Sports*, 11, 25 de Maio de 1923.

alguns clubes das elites tentavam reproduzir estruturas tradicionais de sociabilidade em novos espaços arquitetônicos – e, aqui, vale lembrar a relevância que as atividades equestres e de caça de animais possuíam –, outros clubes, relacionados às classes médias ou operárias, compreendiam a si mesmos como donos de visões de progresso e transformação social, tal como acontecia com alguns clubes esportivos que serviram como espaço de relacionamento entre sindicatos, associações civis e partidos políticos (Elsey, 2011).

Los Sports, características gerais de um meio especializado e de massas

A revista *Los Sports* não foi o primeiro periódico esportivo publicado no Chile. Santa Cruz (2001) assinala que existiram outros treze projetos editoriais desse tipo desde 1897 até 1922⁸, ainda que a maioria deles tenham sido descontínuos e efêmeros. Dessa forma, *Los Sports* foi uma revista pioneira em termos de consolidação financeira e institucional, o que fez com que permanecesse nas bancas durante oito anos, semanalmente e sem interrupções, publicando 418 números até sua dissolução, em março de 1931. Nesse período, *Los Sports* conseguiu construir um corpo de discussões políticas e culturais em relação à importância que diferentes agentes sociais da época atribuíam à prática esportiva. Sua saída de circulação foi resultado da grave crise econômica que afetava o país. Os efeitos da crise mundial de 1929 e a debacle da economia chilena logo após a queda do preço mundial do salitre atingiram fortemente o Chile no ano seguinte e impactaram, também, o grupo editorial Zig Zag, proprietário da revista.

Los Sports também não foi o primeiro periódico esportivo moderno da América do Sul: na Argentina, *El Gráfico* tinha difusão nacional desde 1919, com um estilo marcadamente *criollo*, caracterizado pela glorificação do nacional e do masculino (Archetti, 1995). O mesmo Archetti assinala que, desde seu início, a revista argentina foi um dos porta-vozes mais importantes da ideologia da modernização, enfatizando a relevância da educação física no cuidado da própria saúde, divulgando hábitos de higiene, fazendo recomendações para evitar a proliferação de doenças e promovendo a realização de passatempos que ajudassem a educação física e moral dos “leitores-praticantes”. Com efeito, esse espírito de época não foi exclusivo nem de *Los Sports*, nem de *El Gráfico*. Em São Paulo, a *Gazeta Esportiva*, criada pelo jornalista e empresário da imprensa Cásper Líbero, que começou primeiro como uma coluna (1919) e, logo, como um suplemento especial (1928), também tinha características editoriais similares. As três revistas da América do Sul faziam parte, portanto, do jornalismo esportivo moderno que já estava sendo produzido na Europa e nos Estados Unidos, sobretudo por meios como *Sporting News* (1886, Estados Unidos), *La Gazzetta dello Sport* (Itália, 1896) e *L'Auto* (França, 1900), entre muitas outras.

Sem dúvida, *Los Sports* teve uma orientação e recorte de classe: os esportes da elite, como o golfe, a equitação, assim como os esportes mecanizados, como a aviação esportiva ou o automobilismo, tinham um importante número de páginas em cada novo exemplar da revista. Porém, ela não deixou de se interessar pelo desenvolvimento esportivo dos espaços públicos da cidade ou, inclusive, pelas práticas esportivas e de lazer de espaços populares, como nos bairros operários, nas fábricas ou nas empresas comerciais. Como Santa Cruz (2001) afirmou, o jornalismo liberal desses anos, dentro do qual *Los Sports* foi uma peça fundamental do caso chileno, movia-se entre nacionalismos e cosmopolitismos, entre uma cultura própria e a inserção em um sistema internacional, entre dispositivo ilustrado e pedagogia de massas.

⁸ Santa Cruz (2001) faz referência a todas as revistas das quais existe algum registro na Biblioteca Nacional do Chile. Elas são *El Ideal* (1897), *El Sportsman* (1907), *Sport y Variedades* (1907-08), *El Sport Ilustrado* (1909), *Campo y Sport* (1909-10), *El Sportsman Chillanejo* (1910), *Sport y Actualidades* (1912-14), *Variedades y Sport* (1914), *Deportes* (1915-17), *El Ring y El Eco Sportivo* (1917), *Deportes y Deportistas* (1920) y *Deportes* (1922).

Ademais, *Los Sports* estabelece uma outra possibilidade de pesquisa: sendo um espaço editorial em que as elites da época tinham uma função fundamental – como esportistas, editores, entrevistados ou leitores –, a revista rapidamente se transformou em uma espécie de fórum no qual participaram as principais autoridades políticas do país, além dos representantes das maiores instituições esportivas. Nesse sentido, é interessante observar que, nos primeiros quatro números da revista, foram publicadas entrevistas com o Presidente da República, Arturo Alessandri Palma, e com seu Ministro do Interior, Cornelio Saavedra Montt⁹. Ambas entrevistas se dedicaram, exclusivamente, a conhecer as visões desses políticos em relação à função do esporte no interior da sociedade chilena e à necessidade de investimento em equipamentos esportivos nas principais cidades do país. O mesmo aconteceu nas entrevistas com os diretores de associações e clubes esportivos das cidades de Santiago e Valparaíso, presidentes e diretores de confederações sul-americanas ou, ainda, agentes sociais que consideravam o esporte como parte fundamental do seu campo de ação, como foi o caso da entrevista com o secretário da Liga Contra el Alcoholismo de Valparaíso¹⁰.

Os relatos esportivos de caráter científico têm presença na revista desde sua origem, em 1923, mas se consolidaram apenas em 1925, quando começam a aparecer, com frequência, textos de opinião de Joaquín Cabezas e de Luis Bisquertt, Diretor e Subdiretor, respectivamente, do Instituto de Educação Física da Universidade do Chile¹¹. Tais textos tinham uma orientação clara: construir um campo de conhecimento que validasse a própria organização da qual eles eram autoridades: o instituto de formação pedagógica do esporte e das atividades físicas da principal universidade do país. Em um dos primeiros textos dessa série, Cabezas exige uma reforma do sistema educativo nacional para incorporar aulas de educação física obrigatórias¹², especialmente de ginástica como método de exercitar os corpos¹³. Em outro texto, Bisquertt critica o sedentarismo na sociedade *santiaguina*, além da necessidade de instaurar novos hábitos entre jovens, trabalhadores, mulheres e crianças¹⁴.

Não foi estranho que Bisquertt mencionasse o esporte feminino, uma vez que, dentro mesmo da trajetória de *Los Sports*, os editores tentaram promover a prática esportiva entre as mulheres desde o primeiro número da revista. Assim, foram publicadas reportagens sobre os esportes que podiam ser praticados pelas mulheres, tais como a natação, o tênis, a patinação, as provas de ciclismo de pista e os lançamentos atléticos¹⁵. Inclusive, buscando modernizar a conservadora sociedade *santiaguina*, a revista convidou as mulheres – ainda que como um tratamento contra a obesidade, a extrema magreza, a anemia e a tuberculose – a ocupar a cidade de um jeito novo: subir, todas as manhãs, o Cerro Santa Lucia, caminhar pelos passeios do cerro San Cristobal e atrever-se a fazer uma rotina diária de exercícios corporais¹⁶. Essas recomendações estavam alinhadas com as propostas de construção de um corpo feminino que eram reproduzidas em outros periódicos

⁹ “‘Debemos trabajar por la difusión de la educación física’ dice S.E. el Presidente de la República”. *Los Sports*, 1, 16 de Março de 1923. “Con el Ministro del Interior: ‘Estoy a las órdenes de todas las sociedades deportivas’”. *Los Sports*, 4, 6 de Abril de 1923.

¹⁰ “Crónicas porteñas”. *Los Sports*, 4, 6 de Abril de 1923.

¹¹ Cabezas era uma das principais vozes dentro do campo da educação física nacional: enviado, entre 1889 e 1893, pelo governo chileno para se formar no Instituto de Ginástica de Estocolmo, foi fundador, em 1906, do Instituto Superior de Educação Física e Manual, predecessor do Instituto de Educação Física, instituição que dirigiria até 1927. Delegado chileno nos Congressos Internacionais de Educação Física de 1902, 1905 e 1913, foi o responsável pela chegada de vários instrutores suecos ao Chile, como foi o caso dos professores Ruth Kock e Karl Linderholm. Os trabalhos escritos de Cabezas foram importantes como manuais de educação física durante a década de 1910 e 1920. Seu *Manual de Gimnasia Educativa*, um tratado prático sobre os princípios da ginástica sueca em oposição à rígida escola alemã de educação física, editado em 1915, se transformou-se em referência dentro das aulas de educação física nacionais. O livro foi reeditado em 1922, com mais de 300 exercícios físicos apresentados aos leitores. Cf.: “Sobre la fundación de nuestro Instituto”. *Revista Chilena de Educación Física*, 76, Abril/1953, pp. 412-16; Martínez (2015).

¹² “Entrevistas de Los Sports: Don Joaquín Cabezas”. *Los Sports*, 101, 13 de Fevereiro de 1925.

¹³ “La revista de gimnasia”. *Los Sports*, 145, 18 de Dezembro de 1925.

¹⁴ “El sedentarismo – divulgación científica”. *Los Sports*, 172, 25 de Junho de 1926.

¹⁵ Cf., entre outros: “La mujer en el deporte”, *Los Sports*, 19, 20 de Julho de 1923; “Los lanzamientos, excelentes ejercicios para las mujeres”. *Los Sports*, 36, 16 de Novembro de 1923. “La educación física de la mujer”. *Los Sports*, 118, 12 de Junho de 1925.

¹⁶ “La mujer chilena debe cultivar los deportes”. *Los Sports*, 26, 7 de Setembro de 1923.

Imagem 2.2. Anúncios publicitário: raquetes e bolas de tênis, futebol e bebida alcoólica.

da época, tal como era o caso do magazine *Familia*, também de propriedade do consórcio editorial Zig-Zag (Orellana, 2016).

Los Sports, como outras das revistas do grupo Zig Zag – o principal consórcio de imprensa do Chile na época –, tais como a própria revista *Zig Zag* (1906-1964), *Familia* (1910-1928), *El Peneca* (1908-1960) ou *Sucesos* (1902-1932), tinha um forte interesse em exibir o processo de modernização da cidade e dos hábitos cotidianos na sociedade chilena. É por isso que, em suas páginas, pelo menos durante os seus dois primeiros anos de vida, a revista se interessou pela aparição de novos clubes e associações esportivas que representassem coletividades de imigrantes, trabalhadores ou empresários, bem como pela expansão do esporte ao longo do território chileno. Nesse sentido, é importante salientar que *Los Sports* quebra, em todos os seus números, a exclusividade do eixo Santiago - Valparaíso. Seus correspondentes escreviam textos panorâmicos sobre torneios, clubes, novos estádios, ginásios ou poliesportivos de diversas cidades: Iquique, Antofagasta, Copiapó, La Serena, Rancagua, Talca, Concepción, Temuco, Valdivia, Punta Arenas, entre outras.

Certamente existia, nessa prática, uma ânsia dos editores da revista em construir um projeto jornalístico moderno, entrelaçado com boa parte das cidades do país e conectado com a imprensa especializada estrangeira, especialmente dos Estados Unidos e dos países limítrofes (Argentina, Bolívia e Peru). *Los Sports* também procurava se mostrar como um meio de imprensa sem fronteiras territoriais, isto é, com capacidade de reproduzir as notícias de um combate de boxe na mais austral das cidades chilenas¹⁷ e, simultaneamente, descrever *in situ* uma prova automobilística transandina, entre as cidades de Mendoza e Santiago¹⁸. Em meados de 1925, o correspondente de *Los Sports* em Buenos Aires fez uma pergunta que só poderia ter sido feita em um momento de rápida modernização: de que forma a rádio, como meio de comunicação, poderia ajudar a promover o esporte em todo o território nacional?¹⁹ Para ele, a tentativa de alcançar um público maior não estava motivada somente pelo interesse comercial de transmitir um espetáculo. Mais que isso, sua ideia era reproduzir aulas de ginástica via rádio de modo a educar fisicamente o povo, modelo que já se aplicava nos Estados Unidos e na Argentina. Um ano antes, a própria revista relatava o intento de ouvir diretamente, através de um rádio-transmissor de onda curta, o combate de boxe do chileno Luis Vicentini e o estadunidense Johnny Dundee, que ocorria no Madison Square Garden,

¹⁷ "En Punta Arenas". *Los Sports*, 3, 30 de Março de 1923.

¹⁸ "De Mendoza a Santiago en automóvil". *Los Sports*, 4, 6 de Abril de 1923.

¹⁹ "¿Contribuye la radio a difundir la educación física?". *Los Sports*, 136, 16 de Outubro de 1925.

Imagens 2.3-2.6. Anúncios publicitários: bicicletas, medicamentos e acessórios para tênis.

em Nova York. *Los Sports* impulsionava, em seu meio escrito, as possibilidades do imediatismo comunicacional²⁰.

Com efeito, a proposta gráfica da revista também era moderna: *Los Sports* usou intensivamente materiais fotográficos em suas reportagens – o que era uma prática própria da tradição dos *magazines* ilustrados que circulavam no mundo inteiro, inclusive no Chile²¹. Os corpos dos esportistas – muitas vezes, exaltando os corpos nus –, cenas das sessões de treinamento, novos edifícios, imagens de torneios estrangeiros ou de cidades sendo utilizadas temporariamente para disputar uma maratona ou uma corrida de ciclismo. Desse modo, qualquer crônica escrita deveria ter uma fotografia acompanhando, imagem esta que ajudaria o leitor a compreender melhor a magnitude do que, de outra forma, só poderia imaginar ao ler o texto. A revista também incorporou, desde o início, material infográfico em suas páginas. Assim, rotas de travessias aéreas ou das ruas nas quais seria realizada uma maratona ficavam documentadas de um jeito novo. Ao longo dos seus oito anos de existência, *Los Sports* também trocou muitas vezes a tipografia em sua capa – talvez essa tenha sido uma estratégia para se mostrar em constante renovação. Ademais, a presença da publicidade em cada um dos seus números também se configura como um elemento de modernidade na revista. Claro, a publicidade é parte da fórmula econômica de subsistência do meio impresso, mas, nesse caso, era, igualmente, uma estratégia de construção de audiência. Os mesmos que consumiam o esporte como leitores deveriam ser os compradores de luvas de boxe, bicicletas ou analgésicos para a possível dor depois de uma sessão de exercícios físicos.

²⁰ “El box y la radio...mania”. *Los Sports*, 65, 6 de Junho de 1924.

²¹ Além das já mencionadas revistas do grupo *Zig Zag*, existiram no país outros *magazines* ilustrados, tais como *Pacífico Magazine*, *Chile Magazine* ou *Corre y Vuela*, além dos jornais nacionais, criados nas duas primeiras décadas do século XX, como *Las Ultimas Noticias*, *El Diario Ilustrado* e *La Nación*, que também incorporaram a fotografia como um elemento essencial na divulgação da informação.

Como periódico especializado, é provável que *Los Sports* tenha incorporado muitas das práticas que são até hoje reproduzidas pelo jornalismo esportivo, como, por exemplo, exagerar nas características dos fenômenos, seja em relação à convocatória e número de público nos eventos, seja em relação à novidade dos acontecimentos ou ao impacto dos logros obtidos. Isso fica claro em algumas práticas recorrentes dos editores da revista, inclusive já em sua primeira edição: nas comemorações dos aniversários dos clubes, sem importar a antiguidade da instituição – fossem três anos ou três décadas –, *Los Sports* fazia uma resenha sobre a história e a relevância do clube na vida esportiva da cidade e do país. Obviamente, é bem possível que isso fosse parte de uma estratégia de consolidação de uma indústria do espetáculo, da qual a revista era um elemento importante. Essa “desproporção” acontece, também, ao contrastar textos e fotografias: às vezes, os estádios lotados das crônicas não são mais que algumas dezenas de espectadores presentes em um combate de boxe disputado em um clube recentemente inaugurado. Vale ressaltar, ainda, as decisões dos editores em relação à seleção dos acontecimentos esportivos: o esporte escolar é sempre analisado em detalhe, diferentemente das ligas esportivas operárias, que tinham pouca cobertura – ainda que existissem alguns grêmios, como o dos trabalhadores ferroviários, que eram continuamente noticiados²². Este foi o caso das partidas entre a seleção ferroviária de futebol da Argentina contra o seu homônimo chileno, em Valparaíso e Concepción, no inverno de 1923²³.

Nesse sentido, por meio da divulgação dos acontecimentos esportivos, os editores da revista podem ter compreendido a si mesmos como participantes da conformação e consolidação de uma nova indústria, na qual a imprensa tinha uma função relevante. É provável, ainda, que alguns deles tenham omitido algumas questões com o objetivo de, justamente, destacar características favoráveis à expansão dessa indústria do espetáculo esportivo, enquanto que, ao mesmo tempo, exageravam outras características do cotidiano do esporte nas cidades chilenas. Dessa forma, nas próximas páginas, discutiremos o modo pelo qual essa fonte documental, a revista *Los Sports*, produziu textos que refletiram sobre as transformações que estavam acontecendo, bem como sobre as transformações que eram necessárias que acontecessem para o desenvolvimento de uma cultura física no país – o que incluía o desenvolvimento de equipamentos esportivos e de instituições capacitadas para a administração dos imóveis.

Como parte da indústria, *Los Sports* também tinha o plano de construir um calendário esportivo anual que organizasse as diferentes atividades físicas no país. Por exemplo, todos os verões, a revista estabelecia a natação como o esporte privilegiado²⁴, enquanto perguntava aos seus leitores qual deveria ser o outro esporte a ser praticado nos dias estivais. Por outro lado, a revista criticava o calendário do boxe amador metropolitano, ou então a programação de importantes combates para dias de semana em vez dos fins de semana; discutia, ainda, a necessidade de programar, para o mesmo dia e horário, duas importantes partidas de futebol das ligas metropolitanas.

Ao longo de sua existência, a revista teve uma estrutura relativamente estável, construída baseando-se em quatro tipos de conteúdo: 1) contingência esportiva, que incluía resultados, estatísticas sobre clubes e esportistas, assim como resenhas de diferentes competições esportivas na Europa, nos Estados Unidos e em outros países da América do Sul; 2) artigos científicos que, em termos gerais, discutiam a relação entre saúde, esporte e raça; 3) textos sobre os equipamentos esportivos, a necessidade de nova infraestrutura e os requerimentos para uma

²² “Aniversario del Club Deportivo Ferroviario”. *Los Sports*, 27, 14 de Setembro de 1923; “Una visita al Gimnasio Ferroviario”. *Los Sports*, 32, 19 de Outubro de 1923.

²³ “Un match internacional entre ferroviarios”. *Los Sports*, 12, 1 de Junho de 1923. “El gran match del domingo entre ferroviarios argentinos y chilenos”. *Los Sports*, 13, 8 de Julho de 1923.

²⁴ Até 1929, a cidade de Santiago só tinha piscinas utilizáveis no verão. Nesse ano é inaugurada a Piscina Escolar, uma piscina moderna e aquecida que, pelo uso de caldeiras, possibilitou que a temporada de natação fosse anual. O projeto foi financiado pelo Estado que contratou ao arquiteto Luciano Kulcszewski. Foi administrado primeiro pelo Ministério de Instrucción Pública (Ministério de Educação) e, logo depois, pela Universidad de Chile, até hoje gestora do espaço.

arquitetura esportiva nacional; 4) artigos metodológicos, sobre como praticar alguma disciplina, que tipo de treinamentos são úteis para algum esporte ou como evitar lesões.

Antes de continuar com a análise da revista *Los Sports*, dos seus conteúdos e formas de apresentação, é importante assinalar que a maioria dos artigos não tinham a assinatura de seu autor, uma vez que, geralmente, os responsáveis pelos textos só assinavam usando um apelido²⁵. Uma das poucas exceções foram os textos assinados pelo escritor e dramaturgo anarquista Antonio Acevedo Hernández, que publicava perfis sobre os principais esportistas chilenos da época, tais como os boxeadores Quintino Romero, Luis Vicentini e Estanislao Loayza²⁶, os atletas Floridor Castillo e Manuel Plaza²⁷, e o futebolista Francisco Arellano²⁸. A partir de 1928, o cronista e romancista Enrique Bunster Tagle se incorporou à equipe de redatores da revista, assinando várias reportagens sobre seleção chilena de atletismo e a participação nacional nos Jogos Olímpicos de Amsterdã. Dito isso, para efeitos de análise, nas próximas páginas serão discutidos os textos da revista como se houvessem sido escritos por um autor coletivo, ainda que não fosse assim.

A cidade como cenário, a transformação nas ruas

A revista *Los Sports* oferece vantagens aos pesquisadores dedicados a analisar a história do esporte enquanto fenômeno sociocultural e de transformações urbanas: nesse periódico a cidade emerge como um cenário relevante, muito mais que só o contexto onde os eventos esportivos acontecem. No exame do período compreendido entre 1923 e 1927, foram várias as transformações físicas de Santiago (assim como as mudanças dos hábitos dos seus moradores) que aparecem em suas páginas. A cidade, e não só os equipamentos esportivos, dava suporte à atividade física e a indústria esportiva do período. Por exemplo, o centro da cidade era percorrido, todas as noites, quando o tráfego já tinha diminuído, por um importante atleta da época que encontrou, na pendente leste-oeste de uma rua recentemente asfaltada, o melhor espaço para treinar²⁹. Por sua vez, o asfalto novo na principal avenida de uma região do pericentro da cidade, o bairro de Ñuñoa, foi utilizado pelo automobilismo, que o aproveitou para fazer uma competição de velocidade nessa avenida, a modo de comemoração, precedida por uma exibição dos carros recentemente importados pelo país³⁰. Em outras ocasiões, as ruas de Santiago se transformaram em um circuito de corridas de motocicletas, como aconteceu no verão de 1924, quando o Parque Cousiño serviu como ponto de partida e chegada das 100 milhas³¹. A progressiva motorização, aquilo que Giucci (2007) chamou como “modernidade cinética”, era um motivo de interesse de *Los Sports*, fosse de uma forma laudatória – em termos de um certo fascínio pela destreza dos corredores, que se arriscavam em alta velocidade³² –, ou por meio das continuas

²⁵ Esse foi o caso de Carlos Zamora, “Chalo”, um dos principais redatores de *Los Sports*, contratado pelo diretor do periódico, Armando Venegas, desde o início da publicação. Zamora também foi jornalista da seção esportiva do jornal *El Mercurio*, onde foi chefe de redação (Acevedo Hernández, 1928).

²⁶ “Las entrevistas de Los Sports. Quintín Romero”. *Los Sports*, 52, 7 de Março de 1924. “Hacia la verdadera democracia: la obra del deporte”. *Los Sports*, 56, 4 de Abril de 1924. “Vicentini, adelante!”. *Los Sports*, 61, 9 de Maio de 1924. “La primera prueba: Romero en Nueva York”. *Los Sports*, 62, 16 de Maio de 1924. “El 11 de abril la esposa de Quintín irá a Norte América”. *Los Sports*, 107, 27 de Março de 1925. “Respuesta al manager de Tani”. *Los Sports*, 135, 9 de Outubro de 1925.

²⁷ “Chile, país deportivo”. *Los Sports*, 63, 23 de Maio de 1924. “El campeón Manuel Plaza”. *Los Sports*, 116, 29 de Maio de 1925. Logo após ganhar a medalha olímpica na maratona de Amsterdã, em 1928, Acevedo Hernández (1928) publicou um livro monográfico sobre a trajetória de Plaza e de seus méritos como representante da cultura física chilena.

²⁸ “Entrevistas de Los Sports: Francisco Arellano, el mono”. *Los Sports*, 416, 27 de Fevereiro de 1931.

²⁹ “Los hermanos Uranga demuestran cómo deben correrse las postas”. *Los Sports*, 10, 18 de Maio de 1923.

³⁰ “Los campeones del kilómetro lanzado para automóviles y motocicletas”. *Los Sports*, 31, 12 de Outubro de 1923. Errázuriz (2010; 2014) afirma que a importação de automóveis teve um período de auge entre os anos de 1917 e 1919, para, então, cair até 1924. Nesse ano, os índices de recuperação econômica melhoraram, o que fez que, a partir de 1925, o número de veículos importados retomasse seu ritmo, aumentando exponencialmente o parque automotriz da cidade. A redução das taxas de importação, em 1927, teria dinamizado ainda mais o mercado de venda de automóveis.

³¹ “El campeonato de las 100 millas en motocicleta”. *Los Sports*, 45, 18 de Janeiro de 1924.

³² “¿Quién es Aladino Azzari?”. *Los Sports*, 99, 30 de Janeiro de 1925. “El espíritu deportivo de nuestros campeones del volante. Una visita al garaje de Carlos Orrego”. *Los Sports*, 110, 17 de Abril de 1925.

Imagem 2.7. Largada da corrida de ascensão ao cerro San Cristóbal desde o Monumento a Alonso de Ercilla, Parque Cousiño, Santiago, 1924.

comparações com o automobilismo argentino³³, bem mais desenvolvido em termos de organização e competitividade (Piglia, 2014).

Nos quatro anos analisados aqui, foram dezenas de maratonas, corridas e competições de ciclismo, resenhadas na revista, que tiveram o centro de Santiago como ponto de largada ou de chegada. Algumas delas percorriam a cidade da pré-cordilheira até os bairros da zona oeste³⁴, enquanto provas ciclistas e maratonas ligavam a incipiente metrópole às pequenas cidades da província³⁵. As reportagens fotográficas permitem analisar os trajetos dessas corridas. Muitas vezes as imagens mostravam áreas no interior da cidade quase iguais aos limites dela – isto é, paisagens rurais no meio da cidade, habitações de adobe, ruas sem asfalto, esgoto ou eletricidade –, ao passo que outras exibiam espaços da cidade com uma completa provisão de serviços, monumentos, áreas verdes e espaços públicos bem mantidos. Por sua vez, os textos se centraram em descrever as transformações e transições da paisagem urbana, do centro rico e bem servido ao ritmo provinciano dos vilarejos que circundam Santiago, passando pelos cortiços, as pequenas lojas e as oficinas, até deixar o congestionamento do trânsito citadino³⁶.

A intenção recorrente do urbanismo moderno de trazer a natureza para a cidade também foi parte das reflexões publicadas na revista. Em seus primeiros anos existiu um interesse permanente de fomentar as atividades esportivas ao ar livre, tal como as excursões de escotismo³⁷ ou de clubes de excursões que praticavam o

³³ “El Gran Premio de Córdoba-1924”. *Los Sports*, 63, 23 de Maio de 1924. “El Gran Premio Nacional 1925, es ganado por el volante argentino Angel Marelli”. *Los Sports*, 105, 13 de Março de 1925. “El conductor Tomás Roatta triunfa en el Premio Nacional de automóviles”. *Los Sports*, 155, 26 de Fevereiro de 1926.

³⁴ Cf., entre outros: “La travesía de Santiago a pie”. *Los Sports*, 24, 24 de Agosto 1923; “La vuelta a Santiago en menos de 80 días”. *Los Sports*, 102, 20 de Fevereiro de 1925.

³⁵ Cf., entre outros: “El domingo se efectuó la carrera ciclista a Talagante”. *Los Sports*, 103, 27 de Fevereiro de 1925; “La carrera marathon a San Bernardo, ida y vuelta”. *Los Sports*, 129, 28 de Agosto de 1925; “De Santiago a Puente Alto, ida y vuelta en bicicleta”. *Los Sports*, 154, 19 de Fevereiro de 1926.

³⁶ “¡Castillo solo! ¡Castillo solo!”. *Los Sports*, 57, 11 de Abril de 1924.

³⁷ “La Asociación de Boy Scouts de Chile”. *Los Sports*, 46, 25 de Janeiro de 1924. Rojas (2010) afirma que o escotismo ganhou reconhecimento e visibilidade durante a administração de Arturo Alessandri, participando dos atos cívicos do governo e organizando apresentações públicas, constantemente registradas pela imprensa. Além disso, os grupos de escotismo receberam o apoio financeiro do Estado,

Imagem 2.8. “O basquete será um dos esporte mais populares no país”. Torneio organizado pela Associação Cristã de Moços na Avenida Alameda, centro de Santiago, 1923.

montanhismo. Além do descobrimento de novas rotas na cordilheira da região de Santiago, a revista descreve um lugar da cidade que também poderia ser utilizado: a crônica dos excursionistas noturnos que sobem o Cerro San Cristobal³⁸ estimula, de algum modo, um sentido de aventura na cidade. Contudo, a atividade física não é apenas desenvolvida no cerro, ela constrói uma memória própria: os editores de *Los Sports* consideravam relevante que existisse, no cimo do cerro, um monumento aos Boy Scouts que servisse como representação dos valores e princípios da vida saudável³⁹.

Dessa forma, dentro dos primeiros anos da revista existiu uma notável preocupação pela dimensão urbana do esporte. Como um campo social ainda em construção, o esporte precisava de equipamentos e infraestruturas para a realização de treinamentos e competições. Porém, a revista, autoconcebida como o fórum privilegiado dos esportistas, acreditava que os novos espaços não poderiam ser construídos de qualquer jeito. Eles deveriam cumprir com especificações precisas – seguindo os regulamentos das federações internacionais e nacionais –, mas também estar bem localizados. Não é estranho, portanto, encontrar crônicas que falam sobre a importância e centralidade do esporte nas cidades e que celebre, por exemplo, a construção de uma quadra de basquete no meio da Praça Victoria, no centro da cidade portuária de Valparaíso⁴⁰, assim como o uso temporário de duas quadras da principal avenida do centro de Santiago, a Alameda, para a organização de um torneio de basquete da YMCA⁴¹.

É interessante que, já nesses anos, existiam técnicas de promoção do esporte no espaço público. Algo assim aconteceu em abril de 1926, alguns dias antes do combate internacional de boxe entre o chileno Luis Vicentini e o norte-americano Joe

especialmente para a realização de excursões.

³⁸ “El excursionismo nos da a conocer las bellezas de Chile: Cuerpo Excursionista Jorge Matte Gormaz”. *Los Sports*, 2, 23 de Março de 1923.

³⁹ “Inauguración de la estatua del boy-scouts”. *Los Sports*, 11, 25 de Maio de 1923.

⁴⁰ Cf., entre outros: “Las plazas de deportes en Valparaíso”. *Los Sports*, 15, 22 de Junho de 1923; “Inauguración de una cancha de basket-ball en Valparaíso”. *Los Sports*, 17, 6 de Julho de 1923; “Liceo Concepción contra Audax Italiano”. *Los Sports*, 34, 2 de Novembro de 1923.

⁴¹ “El basket-ball llegará a ser uno de los deportes más populares en nuestro país”. *Los Sports*, 21, 3 de Agosto de 1923.

Imagens 2.9-2.14. Frames do documentário de Artuffo e Cariola sobre o combate pelo título Sul-Americano de boxe entre o chileno Luis Vicentini e o uruguaio Julio César Fernández, Campos dos Sports, Santiago, 1923.

Walls: em uma operação de *marketing* esportivo, os promotores anunciaram o evento nas ruas do centro de Santiago por meio de sessões públicas de treinamento, nas quais convidavam todos os pedestres para o combate do fim de semana⁴². *Los Sports* participava das estratégias comerciais que o boxe propunha: três anos antes, nos dias prévios ao combate pelo título sul-americano entre o mesmo Vicentini e o uruguaio Julio César Fernández foi realizada uma série de coletivas de imprensa no edifício da Zig-Zag, a casa editora proprietária da revista⁴³. O combate foi registrado pelo Estúdio Talleres Artuffo y Cariola, e transformado em documentário⁴⁴. No ano seguinte, em abril de 1924, um dos maiores cineastas e publicistas da época, Carlos Borcosque⁴⁵, produziu o filme *Músculo y Cerebro*,

⁴² “Luis Vicentini y Joe Walls se medirán el domingo en los Campos de Sports de Ñuñoa”. *Los Sports*, 163, 23 de Abril de 1926.

⁴³ “Vicentini y Fernández disputan Campeonato Sudamericano de Box”. *Los Sports*, 1, 16 de Março de 1923.

⁴⁴ É interessante que a própria biografia de Carlos Cariola (1895-1960), um dos proprietários do Estúdio, representava as relações entre instituições científicas, clubes esportivos e novos meios de comunicação. Jornalista, produtor cinematográfico e dramaturgo, Cariola fez, junto a Esteban Artuffo, o filme *Pájaros sin nido* (1922), encomendado pela Sociedad Protectora de la Infancia, instituição católica de beneficência às crianças órfãs da cidade. Em 1925, Cariola se transformou em Presidente da Federação de Futebol do Chile e, em 1930, em Presidente do popular Colo Colo. Uma cópia de *Campeonato Sudamericano de Box. Vicentini vs Fernández* foi restaurada pela Cineteca Nacional do Chile, em 2012, e disponibilizada no *site* da instituição.

⁴⁵ Borcosque (1894-1965), assim como Carlos Cariola, também representava aquela modernização dos hábitos e das formas que Sevckenko (1992) chamou como uma época de “*bombardeio sensorial e emocional*”. Nascido em Valparaíso, Borcosque se mudou aos 12 anos para Buenos Aires junto a sua mãe. Lá se transformou em cronista esportivo para *Caras y Caretas*, um dos principais magazines da época. Em 1914 obteve sua licença como aviador e piloto de balão, transformando-se no primeiro fotógrafo aéreo da Argentina. No ano seguinte retorna ao Chile, para trabalhar como instrutor de aviação. No início da década de 1920 realizou seus primeiros trabalhos cinematográficos. Em 1927, o regime de Ibáñez o nomeou como cônsul em Los Angeles, California, com a missão de conhecer os avanços do cine norteamericano. Ainda nos Estados Unidos, em 1930 fundou o periódico *Ecran*, especializado em

Imagem 2.15. Floridor Castillo, vencedor da prova atlética “Vuelta a Santiago”, 1925.

Imagem 2.16. Manuel Plaza junto ao Ministro da Previdência Social, José Santos Salas, 1925.

que consistiu em uma montagem de registros dos principais esportistas chilenos daquele ano, o que incluiu registros dos combates de Juan Beiza, no Panamá e de Luis Vicentini, nos Estados Unidos, a participação de atletas chilenos em um torneio na Argentina, as demonstrações dos aviadores Aracena, Barahona e Lagreze, além dos treinamentos dos clubes ciclistas de Valparaíso, entre outros⁴⁶. Borcosque estava interessado em promover o esporte e suas figuras em outros âmbitos da produção cultural chilena, tal como foi o caso do seu filme *Hombres de Tierra* (1923), protagonizado pelo próprio Luis Vicentini (Rinke, 2013). *Músculo y Cerebro* estreou no Hippodromo Circo – a principal sede da boxe na cidade –, com a presença do Presidente da República, Arturo Alessandri Palma⁴⁷. Impossível de verificar, a resenha de *Los Sports* afirma que a revista patrocinou o filme: teria sido um apoio na difusão? Ou isso significa que ela investiu capital na realização do projeto cinematográfico? Se for este o caso, teríamos, então, mais uma evidência da lógica da revista para buscar a consolidação da indústria do espetáculo esportivo, da qual ela mesma era uma peça fundamental.

Levando o espetáculo esportivo para fora das academias e ginásios, os promotores ajudavam a alcançar um propósito comum ao da revista: a construção de ídolos esportivos. Não foram poucos os esforços de *Los Sports* para criar um panteão de heróis do esporte nacional que se transformassem em exemplos vicários do que os editores da revista projetavam para o desenvolvimento da nação. O maratonista Manuel Plaza deve ser o melhor exemplo disso: campeão nacional, sul-americano e medalhista olímpico, em 1928, nos Jogos de Amsterdã, o atleta do clube Green Cross foi “construído” na imprensa a partir dos seus triunfos nas competições locais, sua rivalidade com Floridor Castillo – de quem a revista suspeitava que era atleta profissional, e não amador⁴⁸ –, seu êxito no campeonato sul-americano e, claro, sua medalha de prata olímpica. Uma capa de *Los Sports*, do dia 29 de maio de 1925, é uma das maiores demonstrações dos esforços da publicação, em conjunto com o governo, de construir um modelo exemplar efectivo por meio do esporte: Manuel Plaza, junto ao Ministro de Previsão Social, José Santos Salas, caminham rumo ao Palácio do Governo para a cerimônia de entrega de uma casa como prêmio pelos seus triunfos sul-americanos e seu sexto lugar nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924.

crítica cinematográfica. Nas seguintes décadas dividiu sua atividade profissional entre Santiago e Buenos Aires, sendo um dos fundadores, em 1942, de Chilefilms, o estúdio de produção cinematográfica fundado pelo governo de Juan Antonio Ríos, do Frente Popular.

⁴⁶ “Músculo y cerebro. La primera película deportiva nacional”. *Los Sports*, 61, 9 de Maio de 1924.

⁴⁷ “La primera película de índole deportiva filmada en Chile”. *Los Sports*, 56, 4 de Abril de 1924.

⁴⁸ “El campeón Manuel Plaza”. *Los Sports*, 116, 29 de Maio de 1925.

Em janeiro de 1925, *Los Sports* anunciou a constituição do “Clube de Boxe Los Sports”⁴⁹. Já não bastava informar, ensinar e discutir as práticas esportivas em suas páginas e reportagens: a revista agora promovia, por si mesma, a criação de novos espaços esportivos que considerava necessários dentro da cidade de Santiago. Por que implementar um clube? Talvez o interesse de algum dos editores da revista fosse construir um modelo de gestão institucional esportiva, ou poderia ter sido um interesse exclusivamente econômico, no sentido de encontrar a nova estrela do boxe chileno e latino-americano e se converter, então, em seu manager e promotor midiático – são hipóteses em aberto. O que é certo é que, nesse começo de ano, a redação de *Los Sports* publicou uma entrevista com a poetisa e educadora Gabriela Mistral. De volta ao Chile por poucos meses, logo após trabalhar na reforma educativa e na promoção da escola ao ar livre no México – tarefa impulsionada pela Secretaria de Educação de México de José Vasconcelos –, Mistral foi procurada por Antonio Acevedo Hernández para conhecer suas ideias sobre o fomento à educação física. Para ela, o esporte era absolutamente necessário, pois ele conservaria os corpos saudáveis, dispostos ao trabalho e às mais diversas tarefas do espírito⁵⁰. “*Quem não pratica esportes, relaxa-se*”, sentenciou. Porém, ela acreditava que os esportes não deveriam ter mais espaço que o necessário na vida cotidiana: o excesso da cultura física era prejudicial para os sentimentos afetivos: “*A vida não é bater o oponente, fazer recordes atléticos ou pular mais alto*”. O entrevistador se colocou do lado da escritora e, no meio do artigo, agregou: “*Gabriela pensa como nós, o esporte é uma disciplina, devemos evitar sua profissionalização*”.

Nesse sentido, o período estudado é essencial para conhecer a tensão permanente entre a continuidade do esporte como disciplina amadora e aberta a qualquer pessoa que desejasse se beneficiar da sua prática, e a ruptura radical que o esporte profissional – especialmente a indústria do futebol e do boxe – planejava fazer. A revista mesma ficou no meio desse debate, uma vez que, com certeza, membros da equipe da redação tinham posições diversas em relação a esse assunto. Essa tensão se acentuaria no final da década de 1920, quando as suspeitas sobre o pagamento aos esportistas foram cada vez mais comuns, tal como aconteceu em esportes tão diferentes como o futebol, a luta greco-romana ou o ciclismo, nos quais os atletas exigiram receber salários em vez de prêmios que disfarçavam as retribuições pecuniárias⁵¹. Esse debate seria amplificado pela *Los Sports* através da divulgação dessa transição no esporte internacional – especialmente europeu e norteamericano –, como no caso dos campeonatos abertos de tênis da temporada de 1930, que incluíram esportistas amadores e profissionais⁵².

Contudo, as tensões no caminho da profissionalização do esporte eram explícitas já nos primeiros meses da revista. Em 1923, o futebol e o boxe eram os espetáculos mais massivos e lucrativos dentro da indústria esportiva chilena. Como assinala Elsey (2011), ao longo da toda a década de 1920, existiu uma disputa no interior das diferentes associações de futebol entre os que achavam que os clubes deveriam operar como empresas privadas – e acreditavam nos espectadores como consumidores –, e os que pensavam que os clubes esportivos deveriam continuar sendo espaços de sociabilidade e vida comunitária – o que só poderia ser garantido se continuassem como modelo de esporte amador. Contudo, ainda que existissem diferenças em relação à visão que os clubes tinham a respeito de seus próprios futuros, eles aspiravam a projetos arquitetônicos e programas de atividades similares. A consolidação institucional incluía campos e quadras, vestiários, salões de espetáculo e bailes, cinematógrafos, bibliotecas, salas de atenção médica e praças de jogos infantis, além de outros projetos mais excepcionais, como coros e outros grupos musicais. Não obstante, essa consolidação não era fácil de conseguir, pois precisava de recursos para comprar lotes ou reformar e acondicionar prédios já existentes para a prática esportiva. Como veremos nos próximos capítulos sobre

⁴⁹ “Centro boxeril Los Sports”. *Los Sports*, 96, 9 de Janeiro de 1925.

⁵⁰ “Gabriela Mistral y el deporte”. *Los Sports*, 105, 13 de Março de 1925.

⁵¹ “Juan Estay Silva. Campeón de las 24 Horas Ciclistas”. *Los Sports*, 358, 17 de Janeiro de 1930.

⁵² “En el presente año profesionales y aficionados jugarán tenis”. *Los Sports*, 359, 24 de Janeiro de 1930.

Imagem 2.17. Jogadores da base do clube Ferroviários Centrales FC, jovens operários gráficos da Companhia Nacional de Ferrovias, Ferrocarriles de Chile, Estádio Ferroviário, Santiago, 1925.

as propostas de edificações esportivas para Santiago, esse problema não era exclusivo dos clubes, mas também de instituições centrais dentro do desenvolvimento do esporte na cidade, como o Instituto de Educação Física da Universidad de Chile, que, por décadas, procurou se mudar do velho casarão do centro da cidade para um moderno edifício, em que convivessem salas de aulas, campos esportivos e laboratórios médicos.

A organização institucional do futebol metropolitano herdou as disputas existentes, a nível nacional, entre a Asociación de Fútbol de Chile e a Asociación de Fútbol de Santiago (a maior, mas não a única associação da capital chilena), ainda que a disputa entre ambas tenha sido resolvida, institucionalmente, com a criação da Federação de Futebol de Chile⁵³. Nesse sentido, no primeiro fim de semana de junho de 1923, por exemplo, foi possível assistir a jogos de diferentes associações de futebol de Santiago, tais como da ainda existente Associação Santiago, da Liga Nacional, da Liga Metropolitana, da Liga Santiago ou da Liga Obrera. Só a Associação Santiago tinha 23 clubes registrados, vários deles com mais de um time participando da competição⁵⁴. As dificuldades para unificar as diferentes agremiações em uma federação – o que ocorreria apenas em 1933, quando o futebol profissional começa no Chile, marcando o declínio da era amadora do futebol local – tiveram sua expressão espacial bem descrita por *Los Sports*. A revista descreve o recém-inaugurado campo da Liga Metropolitana:

O campo, localizado na Avenida Vicuña Mackenna e Avenida Matta, cumpre com todos os regulamentos. Mas isso é só o campo. Em relação aos serviços... é melhor não detalhar (...). Do lado das arquibancadas há apenas uma cerca de arame. Isso só impede que a bola viaje, de um jeito gracioso, sobre as cabeças dos espectadores (...). Mais uma observação que também é adequada para a maioria dos campos de futebol da cidade: um pouco de água no campo, desejamos evitar a poeira no campo. E, por favor, uma vassoura para as arquibancadas⁵⁵.

No meio do caminho entre a precariedade dos equipamentos e suas instalações e a necessidade de ter um espaço para o desenvolvimento da atividade esportiva e institucional, a construção do campo da Liga Metropolitana é expressão das dificuldades para consolidar um projeto esportivo moderno no país. Entre arquibancadas de madeira, cercas de arame e campos de terra, os jogadores, vestidos nos uniformes dos seus clubes, tentavam entregar um espetáculo aos que pagavam um ingresso para assistir um jogo de futebol naqueles novos espaços que a cidade ganhava.

⁵³ “El primer congreso foot-ballístico nacional”. *Los Sports*, 8, 4 de Maio de 1923.

⁵⁴ “La temporada de foot-ball en Santiago”. *Los Sports*, 2, 23 de Março de 1923.

⁵⁵ “Por las canchas de football”. *Los Sports*, 13, 8 de Junho de 1923.

Imagem 2.18. Praças de jogos infantis no Santiago Football Club, Santiago, 1925.

Ainda que essa discussão estivesse orientada especialmente ao futebol, também houve argumentos sobre intervenções no espaço público direcionadas às crianças: *Los Sports* foi, nesse sentido, um animador do debate sobre a construção de praças de jogos infantis nas cidades chilenas. Em um artigo publicado em setembro de 1926, *Los Sports* descrevia as finalidades que os jogos infantis almejavam: melhorar a saúde ao ar livre; praticar atividades físicas que estimulem as funções do organismo; promover o interesse das crianças pelo esporte; e cultivar uma vida moral e bons hábitos, baseando-se na amizade que a convivência gera⁵⁶. As praças de jogos infantis cumpririam, portanto, objetivos diversos e complementares à função da escola e estariam à disposição das crianças de todos os bairros da cidade. Inclusive, a revista datou exatamente o dia da instalação da primeira praça de jogos em Santiago: 17 de setembro de 1923. Essa informação é contraditória com outros dados difundidos pela própria revista – como a de que no interior do Estádio El Llano havia sido instalada uma praça de jogos infantis –, mas isso pode ter relação com certo interesse da publicação por marcar acontecimentos da história do esporte e a recreação santiaguina dentro da sua própria biografia como meio de comunicação impresso. Para eles, o estímulo deveria se manter para conseguir o desenvolvimento da cultura física que outros países já estavam alcançando, como era o caso da Alemanha, Suécia, França ou Uruguai – este último, campeão olímpico de futebol em Paris, em 1924⁵⁷.

Entre sonhos realizados e promessas incompletas: os novos projetos

Em maio de 1918, o maratonista Juan Jorquera conseguiu o recorde mundial na prova durante sua participação nos Jogos Olímpicos Sul-Americanos de Buenos Aires. À sua volta, as autoridades nacionais homenagearam sua vitória no Parque Cousiño. Lá, aproximadamente dez mil pessoas o receberam e, enfileiradas ao redor do Palácio do Governo, pediram ao Presidente da República, Juan Luis Sanfuentes, que construísse um Estádio Nacional – o que já tinha acontecido em

⁵⁶ “Las plazas de juegos infantiles”. *Los Sports*, 185, 24 de Setembro de 1926.

⁵⁷ “Las plazas de juegos”. *Los Sports*, 183, 10 de Setembro de 1926; “Las plazas de juegos en el Uruguay”. *Los Sports*, 189, 22 de Outubro de 1926.

vários momentos dos últimos dez anos, tal como detalharemos no capítulo XX desta tese. O estádio demoraria vinte anos para ser inaugurado, depois de muitas discussões em relação à sua localização, ao projeto e ao programa arquitetônico. No entanto, isso não significa que durante o período que estamos analisando não existissem estádios na cidade, a maioria com capacidade de mais ou menos cinco mil espectadores. O mais famoso deles, os Campos de Sports, foi doado pela família de José Domingo Cañas, proprietária de vários lotes na região, ao Estado, sendo administrado pela Prefeitura de Nuñoa. Ele foi inaugurado no mesmo ano de 1918, contando com um campo de futebol, duas quadras de tênis, arquibancadas de madeira e jogos infantis. Aliás, foi bastante comum que esse campo fosse adaptado para sediar lutas de boxe, acomodando um ringue perto das arquibancadas. Seu programa era parecido ao que hoje chamaríamos de poliesportivo: diferentes disciplinas e esportistas convivendo no mesmo espaço, junto a estudantes e esportistas amadores, todos dividindo o local em diferentes momentos da semana.

A redação de *Los Sports* teve, desde seus primeiros números, uma opinião favorável – e, inclusive, uma atitude de promoção – à construção de novos espaços esportivos na cidade, especialmente de capacidade maior aos já existentes. Durante o primeiro ano da revista, foram três os estádios inaugurados oficialmente: Santa Laura, El Llano e o Policial, todos eles com um programa poliesportivo e pedagógico-cultural no seu interior.

O primeiro deles, Santa Laura, localizado na região norte da capital, foi projetado pela colônia dos espanhóis em Santiago e planejado para sediar todas as atividades esportivas do clube. Sem dúvida, sua criação foi marcante na trajetória dos equipamentos esportivos em Santiago, pois foi o primeiro estádio dessa envergadura construído, exclusivamente, com dinheiro privado⁵⁸. A abertura do campo de futebol foi rapidamente complementada com uma piscina, quadras de tênis⁵⁹ e, no ano seguinte, com um velódromo⁶⁰. Em relação ao estádio El Llano, a revista celebrou que essa fosse uma iniciativa levada a cabo por uma entidade financeira, a Caja de Crédito Hipotecario, orientada a servir a todos os trabalhadores das caixas de crédito do país⁶¹. O projeto, localizado na vizinhança do Parque Llano Subercaseaux, na comuna de San Miguel, um bairro de classes médias e populares na zona centro-sul da cidade, tinha um campo de futebol, três quadras de tênis, uma quadra de croquete, uma pista atlética e uma área de treinamento, serviços higiênicos, comedoria, terraços e um projeto paisagístico que incluía flora nativa, um parque de rosas e uma estufa. Misturando no mesmo espaço saúde física e atributos da natureza, o projeto, no entender do autor da crônica na revista, tentava se constituir como um espaço pedagógico em sentido amplo, promovendo a participação de homens, mulheres e crianças.

Em setembro do mesmo ano, foi inaugurado o terceiro dos grandes recintos esportivos daquela década. Como os outros dois, o Estádio Policial era um projeto poliesportivo, que incluía um campo de futebol, uma piscina e um área de ginástica. Na inauguração, com aproximadamente cinco mil espectadores – e fica a questão: foram os “cinco mil espectadores” uma medida de referência para os editores da revista quando desejavam dizer que um espetáculo esportivo tinha sido um sucesso? –, houve discursos das mais altas autoridades civis e policiais, apresentações equestres, uma partida oficial de futebol e a introdução de um esporte totalmente desconhecido na época, o jiu-jitsu⁶². Além das contribuições esportivas que o estádio iria fazer à sociedade santiaguina, os editores da revista destacaram a escolha da localização do recinto. Construído perto do centro da cidade, o espaço ficava na

⁵⁸ Ainda que os clubes das elites tenham sido financiados autonomamente, nenhum deles tinha capacidade para receber cinco mil pessoas em suas arquibancadas.

⁵⁹ “Las grandes bregas del año. España contra Italia”. *Los Sports*, 10, 18 de Maio de 1923.

⁶⁰ “Los ciclistas españoles ya tienen su velódromo”. *Los Sports*, 67, 20 de Junho de 1924.

⁶¹ “Santiago empieza a contar con campos deportivos. Una hermosa iniciativa de la Caja Hipotecaria”. *Los Sports*, 3, 30 de Março de 1923.

⁶² “Inauguración oficial del Estadio de la Policía de Santiago”. *Los Sports*, 29, 28 de Setembro de 1923.

Imagem 2.19. Jogo de basquete entre as equipes da Escola Industrial Benjamin Franklin e da Associação Cristã de Moços, Estádio Policial, Santiago, 1925.

margem do rio Mapocho, no final do Parque Centenário, em uma área nomeada pela revista como “o reino do lixo e seus exploradores (...) no meio da escória e da merda”. E completaram:

No meio de tanta pobreza, o verde puro e brilhante do campo do futebol; o telhado rústico, como se fosse do campo; do lado, o quiosque, tão elegante e de uma construção tão exótica; a dois passos uma cena do Antigo Egito... Todo esse conjunto de detalhes nos trouxeram, através da associação de ideias, a imagem do que o estádio será, uma vez que esteja cheio de flores e árvores: a Atlântida do Mapocho⁶³.

Não sabemos se quem escreveu a resenha fez referência apenas às condições ambientais da região, ou se haveria ali, ainda, uma crítica social ao bairro. Qualquer que seja a interpretação, sua descrição tem um conteúdo higienista explícito: o esporte leva saúde e higiene para lugares em que essas condições são inexistentes. Ele melhora as condições de vida de uma raça que, sem isso, cairia novamente nos vícios da vida da cidade. O discurso higienista, como analisaremos a seguir, apareceu frequentemente em *Los Sports*: recomendações sobre posturas corporais, hábitos de limpeza do corpo e da habitação, alimentação e metodologias de treinamento. Tal como afirma Martínez (2016), os benefícios da prática de exercícios físicos não foram recomendados, exclusivamente, por médicos, mas também por jornais, periódicos e casas comerciais, por meio de reportagens e publicidades de artefatos para treinamentos diários e domésticos, além de manuais e outras publicações de divulgação do esporte. Como o autor define, existiam, ali, estratégias de divulgação de conteúdos sanitários que se sustentavam na equação bem-estar físico/esporte/ saúde, a mesma equação que impulsionava a construção de edifícios esportivos, que deveriam levar novos hábitos às pessoas que os utilizassem. Muitas vezes parece que a promessa por trás dos recintos esportivos era que eles conseguiriam irradiar disciplina, rigor físico e amizade entre os esportistas e, ao mesmo tempo, lograriam parar o ciclo degenerativo dos seus entornos. Assim, para *Los Sports*, estádios, piscinas, campos esportivos e ginásios tinham uma função missionária dentro das cidades chilenas.

⁶³ “Una hermosa reunión en el Estadio Policial”. *Los Sports*, 17, 6 de Julho de 1923.

Imagem 2.20. Campeonato de natação na piscina do parque da Quinta Normal, Santiago, 1923.

Entretanto, nem todos os espaços esportivos da cidade foram poliesportivos. Santiago também ganhou locais especializados, como as piscinas do parque da Quinta Normal ou do Estádio Policial, que animavam a temporada esportiva do verão. A gestão dessas piscinas foi amplamente discutida nas páginas de *Los Sports*, pois esses espaços tinham uma disputa interna que poderia ser resumida em uma pergunta: se o governo desejava promover a cultura física entre dezenas de milhares de chilenos, por que restringia o acesso só a quem pudesse pagar pelo ingresso?

Em dezembro de 1923, a redação de *Los Sports* discutia, tal como era debatido em outros âmbitos da sociedade chilena, a democratização do acesso a um espaço público da cidade, como eram as piscinas acima mencionadas⁶⁴. Depois de ter promovido a prática da natação no verão anterior – por meio de textos e de material infográfico sobre os diferentes estilos de nado, assim como reportagens sobre torneios e recordes em Santiago, Valparaíso e Valdivia⁶⁵ –, agora a revista salientava as dificuldades dos pobres da cidade para pagar os ingressos de acesso às piscinas. O redator do texto assinalou uma questão fundamental: pode a piscina da Quinta Normal, que era financiada com dinheiro fiscal, proibir o acesso dos “filhos do povo que tentam se libertar da miséria e do alcoolismo através do exercício físico”? Além daquele local, existiam as piscinas do Instituto de Educação Física, junto às recentemente abertas dos estádios Santa Laura e Policial, assim como mais duas piscinas privadas no centro da cidade. Todas elas tinham uma tarifa de ingresso. Nesse cenário, o autor do texto propunha algumas alternativas, como estabelecer um dia de entrada gratuita, ou abrir as piscinas à população algumas horas antes da troca de água. Porém, tudo isso foi rebatido, na mesma nota, pelo administrador da piscina da Quinta Normal, para quem a alternativa era construir outra piscina dentro do Parque, que fosse totalmente de graça e que rompesse com a ideia da natação como um esporte de luxo. Ainda que tivesse sido feita em um tom paternalista com as classes populares da cidade, a crítica de *Los Sports* à administração da piscina demonstrou que o acesso aos equipamentos esportivos da cidade – e não estamos nos referindo aos clubes da elite em que eram praticados esportes “proibidos” a outros segmentos da sociedade, como o

⁶⁴ “Los baños de natación de Santiago”. *Los Sports*, 41, 21 de Dezembro de 1923.

⁶⁵ “Los Sports en Provincias”. *Los Sports*, 7, 27 de Abril de 1923.

golfe, a equitação, o rúgbi ou o polo – era diferenciado até mesmo no interior dos parques públicos da cidade.

Em contraste com a piscina da Quinta Normal, existiam outros lugares, como o Instituto de Educação Física da Universidade de Chile⁶⁶, no qual existiam atividades esportivas gratuitas, com a finalidade de promover a ideia de uma cultura física na população⁶⁷. Não é estranho que essa política de apoio ao esporte viesse de uma instituição pública, uma vez que o próprio Presidente da República, Arturo Alessandri Palma, acreditava e declarava que o esporte e a educação física eram elementos fundamentais na preservação da raça chilena, resultado da mestiçagem entre “os bravos conquistadores espanhóis e o sangue mapuche”⁶⁸. O Presidente da República, junto ao Diretor do Instituto de Educação Física, Joaquín Cabezas, inauguraram, no verão de 1924, o primeiro campeonato de esportes aquáticos organizado pela Associação de Waterpolo e realizado na piscina do Estádio Policial. *Los Sports* não poupou esforços em mostrar esse torneio de exibição como um avanço na institucionalização do esporte em Santiago. As imagens desse dia mostram a piscina circundada por dezenas de bandeiras chilenas, enquanto o discurso de Federico Helfmann, Presidente da Comissão Nacional de Educação Física, salientava a missão patriótica que a organização do esporte pelo governo representava:

Sua excelência: essa primeira festa, oferecida pela Confederação Nacional de Esportes, ficará gravada para sempre em nossos espíritos. A Associação de Waterpolo, uma instituição de organização admirável, tem patrocinado esse encontro. Aqui, ao ar livre, longe do barulho da vida cotidiana que tanto nos amarga, a mocidade virá a se fortalecer. Cada vez que um esportista venha a esse local, a lembrança desse dia o acolherá como uma sombra frondosa, ajudando-o a se esforçar. Esse local falará do seu amor à cultura e da sua façanha patriótica⁶⁹.

Alessandri, na entrevista que abriu o primeiro número de *Los Sports*, exigiu que o Congresso aprovasse o orçamento para o desenvolvimento de infraestrutura esportiva nas cidades chilenas (Elsey, 2011). Seu projeto para Santiago incluía, nesse momento, a construção do Estádio Nacional no bairro de Renca, na região norte da cidade, aproveitando a eletrificação ferroviária da área para o desenvolvimento de uma rede de bondes que ligasse o centro da capital com o novo complexo esportivo. Esse projeto nunca foi concretizado – mesmo tendo sido colocada a pedra fundamental para o complexo esportivo em Renca, em 1916 – e o Estádio Nacional teve que aguardar 15 anos para ser construído em uma área nobre da cidade, durante o segundo mandato de Alessandri (1932-1938), fazendo parte de uma operação imobiliária que envolveu, inclusive, o próprio sobrinho do Presidente (Elsey, 2011; Rozas, 2014), tal como será detalhado no quinto capítulo da tese.

Com efeito, a manutenção dos imóveis foi uma tensão permanente entre as federações – que utilizavam espaços construídos pelo poder público – e o Estado, fosse o Governo Nacional ou as Prefeituras Municipais. Em maio de 1923, por exemplo, existiu uma discussão, nas páginas de *Los Sports*, entre o Ministro do Interior e a Prefeitura de Santiago em relação ao estado de conservação do velódromo do Parque Cousiño. A Confederação Sul-Americana de Ciclismo, fundada no ano anterior, durante os Jogos Olímpicos Sul-Americanos de Buenos Aires, designou Santiago como a sede do primeiro campeonato continental. O problema foi que, nesse momento, a cidade só tinha, tal como assinalou o Presidente da Federação chilena, Armando Lazcano, um velódromo “*de terra, sem cercas nem pista*,

⁶⁶ O Instituto de Educação Física da Universidade de Chile teve um papel fundamental na consolidação da educação física como disciplina e campo pedagógico. Criado em 1906, fundou, em 1929, a revista *Educación Física*, mesmo ano em que foi sancionada a Lei Geral de Educação Física. Esse projeto editorial teve dois principais ideólogos: o diretor do Instituto, Joaquín Cabezas, e o sub-diretor, o doutor Luis Bisquertt. Os dois foram colaboradores contínuos durante toda a trajetória de *Los Sports*.

⁶⁷ “En el Instituto Superior de Educación Física”. *Los Sports*, 12, 1 de Junho de 1923.

⁶⁸ “‘Debemos trabajar por la difusión de la educación física’ dice S.E. el Presidente de la República”. Op. cit.

⁶⁹ “El primer Torneo Náutico verificado en Santiago bajo los auspicios de la Comisión Nacional de Educación Física”. *Los Sports*, 4, 11 de Janeiro de 1924.

Imagem 2.21. Inauguração do velódromo do Club Barcelona, bairro Matucana, Santiago, 1923.

desconfortável; sem água, sem vestiários, ginásio nem salões. Não é de nossa propriedade e tem o perigo de que, ao vencer a concessão atual nos primeiros meses do ano, o atual velódromo seja destruído”⁷⁰. A modernização do recinto não seria executada pela Federação nem pelos clubes associados, que não tinham o orçamento necessário para viabilizar um projeto dessa magnitude, mas também porque o governo “teve a chance de conhecer como, todos os dias, se fomenta no velódromo a saúde e vigor da raça chilena”. A Federação pedia, assim, ao Estado “um lote suficientemente grande para construir nele um recinto que seja motivo de orgulho pela sua beleza, no qual a força do povo se desenvolva e que faça possível que não sintamos nunca mais inveja pelos campeões e pelos records estrangeiros”. Dessa forma, a promessa de Lezcano propunha o fornecimento de infraestrutura em troca do investimento no aprimoramento da raça chilena.

A ameaça do alcoolismo, presente em muitos dos textos que a revista apresentava, era um argumento a mais na tentativa de conseguir o velódromo. “Cada recinto sportivo afasta da taberna a cem operários. Cada recinto sportivo economiza ao Estado em serviços de beneficência e caridade”. A reflexão de Lezcano estava presente também na entrevista dada, um mês antes, pelo secretário da Liga contra el Alcoholismo de Valparaíso, José Vásquez. Para ele, era necessária a obrigatoriedade da prática do boxe entre todos os estudantes das escolas públicas do país como método para impulsionar a vida saudável entre os jovens das classes operárias portenhas⁷¹.

A Federação desejava um novo velódromo, mas não em qualquer lugar da cidade. Para eles, a situação ideal era se manter no Parque Cousiño, conseguindo a propriedade definitiva do lote em troca do financiamento do projeto e construção do novo velódromo, que incluiria tribunas e arquibancadas, pista de asfalto ou madeira, ginásio e salões, salas de massagens e jardins. A infraestrutura era relevante, mas também o era a localização. Afinal, da posição do velódromo dentro da geografia da cidade, dependia conseguir atrair novos esportistas e espectadores.

Duas semanas depois, o Ministro do Interior, Cornélio Saavedra Montt, detalhou os termos da concessão do velódromo do Parque Cousiño, e as dificuldades que a realização do Campeonato Sul-Americano, que seria em outubro, enfrentava⁷². Para ele, o principal problema era que a Prefeitura de Santiago deveria assumir as tarefas de reforma e manutenção dos equipamentos esportivos públicos da cidade. A descentralização da administração dos equipamentos foi a alternativa planejada pelo governo central, e não seria modificada, pelo menos, até 1927, quando, no regime de Ibáñez del Campo (1927-1931), foi criada a Dirección General de Deportes, Educación Física y Moral, incorporada, em 1931, ao Ministério de Defesa.

O velódromo foi, então, fechado pela temporada de outono do ciclismo de Santiago, o que obrigou aos ciclistas a se concentrarem nas provas de estrada. Des-

⁷⁰ “El ciclismo en Chile”. *Los Sports*, 2, 23 de Maio de 1923.

⁷¹ “Crónicas porteñas”. *Los Sports*, 4, 6 de Abril de 1923.

⁷² “Con el Ministro del Interior: ‘Estoy a las órdenes de todas las sociedades deportivas’”. Op. cit.

sa forma, como tinha sido tradição desde começo do século, se multiplicaram as competições entre Santiago e as cidades da região (San Bernardo, Melipilla, San Felipe), ainda que a Federação continuasse suas tentativas para conseguir o apoio do Estado. O novo presidente da Federação, Pedro Musset, considerava que, além do velódromo, o país precisava de bicicletas mais econômicas, que estivessem “ao alcance dos operários, que poderiam rapidamente adotá-lo como seu meio de transporte”⁷³. O projeto de ampliação do acesso à bicicleta estaria acompanhado de um programa de conferências e uma biblioteca aberta para todos os associados à Federação. Infraestrutura, educação e formação ético-moral estruturavam a petição ciclista.

Aparentemente as negociações entre a Federação, os clubes ciclistas de Santiago, a Prefeitura e o Governo Central não prosperaram. Em novembro de 1923, o Club Ciclista Barcelona, com o patrocínio da Federação chilena, inaugurou seu velódromo no bairro Matucana⁷⁴. Uma pista de terra, arquibancadas de madeira, um campo de futebol no interior da pista e um ringue de boxe, tudo com condições bem piores às imaginadas no projeto apresentando pela Federação. Ainda que, em 1925, a Federação tenha comprado o velódromo do Club Barcelona, o projeto de modernização ficou truncado: nem pista asfaltada, nem ginásio, nem tribunas nas duas retas da pista. A realidade financeira e, seguramente, a incapacidade para convencer às autoridades da pertinência do projeto, fizeram que o projeto fosse esquecido: o velódromo do Parque Cousiño nunca foi construído. Novamente, o projeto de modernização esportiva ficava a meio caminho. A cidade teve que aguardar até dezembro de 1938, quando a inauguração do Estádio Nacional possibilitou o ansiado velódromo de pista asfaltada.

A esquiva modernização. A posição de *Los Sports* no campo da transformação do esporte

Como vimos, o trajeto para a modernização dos equipamentos esportivos em Santiago teve um desenvolvimento difícil durante a primeira metade da década de 1920. É certo que muita da infraestrutura criada nesses anos não conseguiu ser exatamente o que se planejava que ela fosse; mas também é verdade que muitos dos espaços esportivos e seus programas de atividades conseguiram se dinamizar, ainda que fossem em prédios e equipamentos precários. A modernização arquitetônica começaria apenas na segunda metade dos anos de *Los Sports*, ou seja, entre 1927 e 1931, justamente durante o que alguns autores denominaram o período de “modernização autoritária” do país, isto é, durante o primeiro governo de Carlos Ibañez del Campo (Cáceres, 1995; Valdivia, 1995). Nesse período, foram planejados e/ou construídos alguns importantes edifícios esportivos, como a Piscina Escolar, o estádio de Playa Ancha, em Valparaíso, e o estádio da Escuela de Artes y Ofícios, todos projetados em concreto armado.

Estudar a primeira fase da revista é útil para analisar o alcance dos projetos de edificação esportiva – muitos deles desenvolvidos apenas pelos setores privados, ou com pouco respaldo das autoridades – e suas dificuldades de implantação, inclusive em um marco ideológico conceitual favorável. Discursos de autoridades da época, como do Presidente da República, de congressistas e ministros, empresários importantes ou outros agentes sociais da elite, representavam um apoio à ideia de promover a cultura física em um país com altos níveis de alcoolismo, desnutrição infantil e sedentarismo. Contudo, embora existisse um discurso bem articulado entre profissionais da saúde pública, políticos e dirigentes esportivos, tais intenções não conseguiam produzir projetos de infra-estrutura de alta qualidade.

Desse modo, por que o poder público demorou para financiar fortemente esse tipo de projeto? Ainda que nem todas as respostas estejam contidas em *Los Sports*, podemos estabelecer algumas hipóteses a partir da nossa leitura da revista. A

⁷³ “Conversando con don Pedro Musset Castro, presidente de la Unión Ciclista de Chile”. *Los Sports*, 13, 8 de Junho de 1923.

⁷⁴ “Inauguración del velódromo del Club Ciclista Barcelona”. *Los Sports*, 39, 7 de Dezembro de 1923.

Imagem 2.22. Aviadores e ginastas nas comemorações do “Dia Esportivo do Exército e da Marinha”, Club Hípico, Santiago, 1924.

relação entre projeto arquitetônico-urbano, governo e modernização institucional não lograria se consolidar até o governo de Ibañez, pois foi só nesse momento que houve uma visão ampla de modernização, que tinha em sua agenda as grandes realizações. No caso dos equipamentos esportivos, a promulgação da Lei Geral de Educação Física estabeleceu fontes de recursos para construção de equipamentos esportivos e o fomento da educação física escolar, como descreveremos no seguinte capítulo.

Com recursos fiscais disponíveis, pelo menos até o impacto da crise mundial de 1929, o período de Ibañez ficou marcado pela primeira verticalização e pela transformação material da provinciana fisionomia do Santiago. É claro: a modernização nunca foi um processo homogêneo. O que *Los Sports* demonstra são diferentes agentes sociais tentando transformar a esfera do tempo livre e do lazer nas cidades chilenas, alguns deles motivados por um projeto de saúde pública nacionalista – que incluía desde campanhas contra as chamadas “doenças sociais” até discursos raciais –, enquanto outros operavam no interior de uma nova indústria – o espetáculo esportivo –, da qual esperavam obter lucros significativos. *Los Sports* se localiza, portanto, no interior deste campo em construção, formando uma opinião pública. Tal posição fez que seus textos e artigos também não fossem homogêneos: em um processo com tamanha diversidade de agentes e agendas, a revista cumpriu um papel mediador em que, simultaneamente, apoiava e/ou criticava os posicionamentos de dirigentes, esportistas, políticos e empresários.

Nesse sentido, estudar seriamente a revista *Los Sports* permite compreender a posição de diferentes agentes, seus discursos e conflitos – inclusive percebendo que muitos deles foram permanentes ao longo de toda existência da publicação. Evidentemente, o periódico não tem a capacidade de responder tudo nem de dar espaço para todos os agentes envolvidos. Como foi advertido, como todo meio de imprensa, ele tem posições e preferências, às vezes expressadas mais ou menos sutilmente. Em diversas ocasiões, o magazine esportivo não tinha profundidade suficiente para analisar alguns debates. Mas, mesmo não sendo um meio de jornalismo investigativo, foram várias as situações que começaram a ser problema-

tizadas ali, e que poderiam ter sido melhor indagadas, especialmente em termos de pesquisar mais sobre os agentes envolvidos e as lógicas de ação e decisão que marcaram seus posicionamentos.

Mesmo assim, *Los Sports* teve uma grande virtude por conseguir transitar, espacial e temporalmente, pelo esporte nacional e internacional. A revista se voltava tanto para o passado como para o estrangeiro. Mas isso não significa que ela via o passado como algo estranho, utilizando a conhecida frase de David Lowenthal que dá o título ao livro *The Past is a Foreign Country* (1985). O periódico constrói uma tradição de passado como estratégia para inventar um presente e um futuro para o esporte chileno. Os editores se posicionam construindo um campo de saberes, conhecimentos e práticas, assim como projetando uma série de ideais de competitividade, heroicidade e valor. *Los Sports* opera na chave do nacionalismo, que compreende o esporte como expressão dos avanços civilizatórios da sociedade chilena, seguindo a Elias e Dunning (1992).

Examinar o periódico também permite compreender melhor os avanços, dificuldades e até retrocessos pelos quais a indústria do espetáculo passou durante toda a década de 1920. Mais que uma narrativa linear, *Los Sports* nos mostra como os agentes que lidavam continuamente com problemas orçamentários, conflitos com o poder político e complicações para conformar uma massa crítica de esportistas e espectadores, ainda que seus esforços estivessem concentrados em demonstrar que o esporte avançava progressivamente. Além disso, especialmente por meio dos recursos fotográficos, o periódico nos ajuda a construir uma imagem, mais completa do que era a Santiago daquela época e das transformações estéticas, políticas e sociais que estavam em curso, entregando-nos uma leitura mais complexa sobre a modernização esportiva pela qual atravessava a cidade. Não é pouco para uma revista que nasceu com a pretensão de ser um meio de divulgação dos esportes no Chile que “*inculca na alma nacional o gosto pela cultura física*”⁷⁵.

⁷⁵ “Nuestro saludo”. *Los Sports*, 1, 16 de Março de 1923.

3. SAÚDE, HIGIENE E EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS DO REGIME DE CARLOS IBÁÑEZ DEL CAMPO (1927-1931)

Este capítulo, diferentemente dos outros que compõem esta tese, centra-se, quase exclusivamente, em uma das agendas que conformaram o urbanismo esportivo na América do Sul durante o período estudado. Ao longo das próximas páginas, serão discutidas as relações entre os discursos sanitaristas e nacionalistas e o impulso à construção de equipamentos esportivos nas cidades chilenas durante o regime autoritário de Carlos Ibáñez del Campo (1927-1931). Isso não quer dizer que, durante esses anos, não existisse uma indústria do espetáculo esportivo em fase expansiva, nem que não houvessem existido interesses imobiliários por trás de alguns projetos. Tal como foi analisado no capítulo anterior, clubes e federações de Santiago, especialmente de futebol e boxe, tentavam obter espaços em que pudessem sediar suas competições pois, até esse momento, contavam com campos ou ginásios improvisados, muitas vezes mal adaptados, para a prática esportiva. A maioria dos espaços esportivos da cidade estavam longe das expectativas dos organizadores dos espetáculos, bem como dos anseios de autoridades políticas, professores de educação física e médicos, entre outros, que entendiam a prática física e o esporte como uma ferramenta necessária para o desenvolvimento nacional, com repercussões para além de um simples espetáculo esportivo. Clubes e federações procuravam se tornar proprietários de solo, a maioria das vezes por meio do patrocínio do Estado, de quem esperavam ajudas financeiras, cessões de terrenos ou apoio na gestão de projetos para a construção de estádios, piscinas, velódromos ou campos esportivos. Por sua parte, o regime ibañista estabeleceu uma agenda de construção desse tipo de imóveis, mobilizado pelo interesse de promover transformações radicais nos hábitos físicos da população. Esse capítulo mostrará, assim, como a prática esportiva foi entendida, por diferentes segmentos da sociedade – incluindo boa parte do poder político –, como um meio para impulsionar o melhoramento das condições sanitárias, morais e espirituais da sociedade, aspectos reunidos sob o nome de “aprimoramento da raça”.

Mesmo que esteja centrado nos projetos desenvolvidos para a cidade de Santiago, o capítulo também examina planos de escala nacional executados pelo regime *ibañista*, assim como algumas experiências, falidas ou bem-sucedidas, nas cidades de Viña del Mar e Valparaíso, que servem como contraponto na hora de examinar a forma pelas quais as políticas de estudo e construção de equipamentos esportivos foram executadas em um país de lógicas fiscais centralistas. Nas páginas seguintes, serão examinadas as visões modernizadoras da administração de Ibáñez e as funções que esse regime atribuía ao esporte e à cultura física como fórmula de progresso, disciplina e educação.

O primeiro governo de Ibáñez (1927-1931) merece ser analisado em profundidade, pois representa um projeto de transformação das lógicas de funcionamento do Estado chileno, que pretendia fundar um projeto nacional de administração e gestão dos serviços públicos. Radical em suas promessas, o novo regime se auto impôs a missão de modernizar a estrutura fiscal e, por meio dela, promover as transformações sociais que considerava como necessárias para o progresso do país. Os planos modernizadores do *ibañismo* procuravam estabelecer novas estratégias de operação do setor público, agora entendido como um agente ativo em diferentes âmbitos da vida social, como o assistencialismo social, a promoção do emprego e a produção nacional, além de procurar transformar a educação pública (Errázuriz, 2014). Não por acaso, boa parte dos discursos políticos de Ibáñez e de sua equipe estiveram interessados em consolidar um forte presidencialismo que estruturasse um Estado burocrático moderno, em oposição à velha república parlamentar que entrou em crise com as intervenções militares de 1924 e 1925 e com a promulgação, também em 1925, durante os últimos meses do primeiro governo de Arturo Alessandri Palma, de uma nova constituição. Ibáñez, de militar de profissão e primeiro diretor da Escola de Carabineros – a escola de formação da polícia –, participou ativamente das duas intervenções armadas. Na segunda intervenção, ele foi designado como Ministro de Guerra da administração de Alessandri, cargo

a partir do qual liderou o processo de desestabilização do próprio governo. No fim de 1925, Ibáñez foi Ministro de Defesa e, logo, Ministro do Interior do governo de Emiliano Figueroa (1925-1927). Ibáñez utilizou essas duas plataformas para construir sua própria liderança, que o levaria à vitória eleitoral em 1927. Tal eleição, descrita por alguns historiadores como fraudulenta, deu início a um governo marcado pela gestão autoritária que teve a habilidade de incorporar corpos técnicos no interior dos serviços públicos. Rojas (1993) denominou o governo ibañista como uma ditadura, em razão da violência política, da repressão anticomunista e da desarticulação dos sindicatos operários que ocorreram durante o seu mandato. Segundo o historiador Ibáñez Santa María (1983), a administração ibañista ansiava que o país fosse conduzido pelos técnicos experimentados nos problemas nacionais, que substituíssem a velha classe política que era especialista apenas em arranjos parlamentares. Talvez uma das melhores explicações sócio-políticas do triunfo do ibañismo tenha sido dada por Silva (2010), que entende a tomada do poder de Ibáñez como uma expressão da predisposição de alguns setores da classe média chilena de se afastar do seu compromisso com as fórmulas democráticas e apoiar alternativas autoritárias, motivados pelo “medo do caos e do anarquismo popular”, em um contexto de crise econômica pelo declínio do preço internacional do salitre e progressiva pauperização dos segmentos populares urbanos.

O regime ibañista, como nomearemos essa administração de agora em diante, teve também um reconhecível intuito de transformar as cidades chilenas. Cáceres (1995) nomeia esse processo de “modernização autoritária”, analisando os projetos de transformação da forma urbana de Santiago, que teve seus episódios mais relevantes no mandato de Manuel Salas Rodríguez, na Prefeitura de Santiago (Walter, 2005), e na contratação do urbanista austríaco Karl Brünner pelo governo chileno (Mawromatis, 2015). Melhorias, progresso e desenvolvimento econômico foram os eixos que estruturaram a gestão dos tecnocratas, orientados à construção do “Chile Nuevo”. Esse novo país se sustentaria em três reformas prioritárias: a transformação da administração pública, o desenvolvimento de instituições crediárias e a constituição de um plano de investimentos em obras públicas. Contudo, ainda que esses três eixos possam ser considerados como centrais, também existiu um projeto significativo para criar e consolidar instituições públicas que promovessem a incorporação de hábitos higiênicos na população, o desenvolvimento da “cultura física” e uma forte campanha contra as chamadas “doenças sociais”. Embora possa parecer periférico ou de segunda ordem, essa agenda foi central dentro do campo de ação de diferentes instituições fiscais e privadas, que entendiam que os problemas sanitários da população eram de tal alcance que comprometiam as possibilidades de progresso e dinamização da economia nacional.

Um artigo de 1927 do periódico da Direção Geral de Sanidade, o *Boletín Sanitario*, descrevia os fatores de difusão e evolução da tuberculose. A falta de higiene, individual e coletiva, a insalubridade das moradias, a alimentação deficitária – e a quantidade era tão preocupante quanto a qualidade –, e a combinação com outras doenças sociais, como o alcoolismo e a sífilis, construía um diagnóstico que destinava os indivíduos à morte¹. Como um freio ao desenvolvimento da nação, as condições sanitárias da população e das cidades se transformaram em um dos núcleos da política de higiene social.

Desse modo, o governo assumiu o desafio de melhorar as condições sanitárias da população, fosse de modo preventivo – por meio de campanhas e lugares de higienização, educação física e cívica –, ou por tratamentos médicos. Nas próximas páginas, serão discutidos alguns dos projetos desenvolvidos pelo ibañismo. Primeiramente, analisaremos como foram entendidas as doenças sociais pelo Estado e pelas elites durante as primeiras décadas do século XX; logo, serão discutidas as políticas de fomento da cultura física, as instituições e práticas sanitárias desenvolvidas durante o período, e a relevância dada ao esporte na cura daquelas enfermidades. Em razão desse intuito, o esporte e a educa-

¹ “Lucha anti-tuberculosis”. *Boletín Sanitario*, 3, Março/1927, pp. 132-134.

Imagem 3.1. Aula de educação física na Escuela Normal de Niñas número 1, Santiago, 1927.

ção física serão entendidos como elementos destacados na promoção da higiene dos corpos e na criação de novas estratégias de prevenção à desordem.

Talvez quem melhor expressou o espírito que o governo promovia, na época, por meio das políticas sanitárias foi o Ministro de Educação Pública e ex-Comandante em Chefe do Exército, Mariano Navarrete, em seu discurso da inauguração do Instituto Bacteriológico, em dezembro de 1929:

Convencido o governo do excelentíssimo Sr. Ibáñez de que o esplendor dos povos se baseia, principalmente, no vigor físico da raça, pois a saúde facilita o desenvolvimento da capacidade intelectual e moral dos indivíduos, transformando-os em ativos e corajosos. É por isso que [o governo] tem salientado, através de todos os seus meios, o aprimoramento da higiene pública e privada, com a finalidade de assegurar, conjuntamente à adoção de leis de transcendência social, a vida dos seus compatriotas e das novas gerações, as quais devem incrementar a exígua população do nosso território.

(...) Contra os muros desta poderosa cidadela que a ciência tem fortificado por meio dos melhores elementos de defesa sanitária, os inimigos da saúde da nossa raça baterão contra a parede. No curto prazo, esse é o desejo do governo, observaremos como eles caem vencidos, ao mesmo tempo que ressurgem, como nos melhores tempos do passado, os homens fortes e capazes de impulsionar o progresso da nação².

O intuito dessa seção será analisar, então, a consolidação da ideia, principalmente entre políticos e pedagogos, da necessidade pública de novos edifícios esportivos, ideia que avançava simultaneamente à consolidação de uma série de instituições que promoviam melhorias nas condições higiênicas das cidades chilenas e da população que nelas residia. Mesmo que também tenham existido planos para o meio rural, esse capítulo se centrará nos projetos urbanos que foram desenvolvidos durante o ibañismo.

Como descobriremos, várias das instituições e discursos colaboraram para o fortalecimento do urbanismo como disciplina e âmbito de discussão no interior do Estado chileno, assim como espaço de encontro entre profissionais de diversas áreas. Dessa forma, será discutida a lógica através da qual o Estado chileno foi construindo uma trama institucional de melhoramento da saúde da população, por meio de tratamentos preventivos ou do atendimento aos chilenos afetados, especialmente, pelas chamadas “doenças sociais” (tuberculose, sífilis e alcoolismo, sobretudo), que eram produzidas pela pobreza, marginalidade, prostituição e “descuidos morais”. Nessa estrutura, o esporte aparecia como uma ferramenta de relevância para a prevenção da adoção de hábitos “desadaptados” ou “degenerados”, utilizando os conceitos mais comuns da época. Além disso, tentaremos

² “Inauguración del Instituto. 6 de diciembre de 1929. Discurso pronunciado por el Señor Ministro de Educación Pública Don Mariano Navarrete”. *Revista del Instituto Bacteriológico de Chile*, 1, pp. 11-12.

evidenciar as ligações existentes entre o discurso sanitarista e alguns projetos de edificação esportiva que se basearam em, ou, pelo menos, tiveram dentro da sua concepção, alguns desses preceitos. Combinando informes médico-sanitários e dados do planejamento e construção de projetos esportivos, serão descritos e discutidos alguns edifícios construídos em Santiago durante o *ibañismo*, como foi o caso da Piscina Escolar de Independência – a primeira piscina coberta e aquecida do país, descrita pela imprensa da época como a mais moderna da América do Sul –, assim como algumas políticas medianamente desenvolvidas pelo regime, como foi o caso do plano de construção de estádios e ginásios da Direção de Arquitetura da Direção Geral de Obras Públicas.

Antes do *ibañismo*: o diagnóstico sanitário

Durante os anos do *ibañismo* foram concretizados vários anseios da comunidade esportiva, que tinha proposto, durante boa parte da década de 1920 e através de diferentes agentes, a criação de uma instituição pública que liderasse a promoção da cultura física dentro da sociedade chilena. Foi assim que, em 1927, o governo de Ibáñez instituiu a Direção Geral de Educação Física. Diferentemente da sua predecessora, a Comissão Nacional de Educação Física (1923), a nova organização conseguiria ter seu orçamento próprio, assegurado pela promulgação da Lei Geral de Educação Física, em 1929³, que analisaremos nas próximas páginas.

Contudo, antes de nos aprofundarmos nos processos de constituição de instituições e nas leis de fomento à educação física no Chile, é preciso pensar o que era a cidade de Santiago naqueles anos e qual era a trama de problemas, situações e agentes que deveriam ser corrigidos ou reorientados por meio da ação de uma política pública de fomento à cultura física. A precariedade dos edifícios esportivos era um reflexo dos graves problemas de manutenção dos equipamentos públicos da cidade, tal como acontecia com escolas, postos de saúde e hospitais. Ao mesmo tempo, as autoridades do novo governo, impulsionadas pelo espírito modernizador e refundacional, entenderam o esporte como uma possibilidade para frear ou reverter alguns problemas sanitários fortemente enraizados dentro da população chilena, que, no seu entender, comprometiam a prosperidade econômica e social do país.

Desde a década de 1920, o número de residentes na cidade começou a aumentar progressivamente. Ao mesmo tempo, verificava-se a queda da produção mineira do salitre no norte do país e o incremento da concentração administrativa em Santiago (Gross, 1990). O crescimento demográfico – os 600 mil habitantes dos anos 1920 cresceram para um milhão de habitantes em meados da década de 1930 (Espinoza, 1988) –, proveniente das migrações do norte e da região central do país, explica a procura por lugares onde morar na cidade (De Ramón, 1990). Lotes vazios, margens dos rios e cortiços, na maioria dos casos em péssimas condições de manutenção, serviram como habitações para milhares de pessoas que chegaram massivamente à capital – alguns médicos salubristas os nomearam como “as novas populações anti-higiênicas”⁴ –, antecipando um processo que se intensificaria nas décadas seguintes.

Ao longo dos primeiros anos do século XX, frente à pobreza urbana, uma parte das elites agia seguindo quase o mesmo padrão da segunda metade do século XIX: expulsando aos pobres da “cidade culta”, afastando-os das áreas que experimentavam os processos de sanitização e regulação da cidade burguesa – redes de esgoto e água potável, eletrificação, estruturação de uma rede de bondes, etc. –, replicando, assim, a dicotomia civilização e barbárie (Espinoza, 1988). Porém, tal como assinala o próprio Vicente Espinoza, a relevância que a cidade de Santiago foi ganhando na geografia econômica e na política chilena fez com que ficasse quase impossível que os pobres passassem despercebidos. Eles despontavam tanto

3 A lei número 4740 do Ministério de Educação Pública, sancionada no dia 26 de Dezembro de 1929, criou fórmulas de financiamento para o fomento da educação física escolar e pós-escolar.

4 Ferrer, Pedro L., “Las nuevas poblaciones anti-higiênicas”. *Boletín Sanitario*, 3, Março/1927, pp. 127-131.

como ameaça política, quanto por meio da propagação súbita de epidemias, como nos surtos de varíola que afetaram diversas cidades do Chile entre 1900 e 1923 (Laval, 2003). Inclusive, as mobilizações e as organizações operárias eram uma realidade, bem como a repressão do Estado aos protestos populares, tal como ficou exposto de modo sangrento na greve portuária de Valparaíso, em 1903 (De Shazo, 1983), no *mitín de la carne* (protesto da carne), em Santiago, em 1905 (Grez, 2006), e na chacina na escola de Santa María, em Iquique, em 1907 (Devés, 1989). A narração de Espinoza sobre um surto de varíola, em 1905, é expressiva de algumas visões que imperavam nas elites *santiaguinas* da época:

Em algumas cidades foram fechadas igrejas para evitar o contágio; os estudantes de medicina suspenderam suas aulas para iniciar campanhas multitudinárias de vacinação; os moradores da rua e os enfermos deambulavam pela própria cidade, que cada vez era mais difícil de clausurar (...). O Conselho de Higiene não conseguia explicar por que, no Chile, podia se espalhar tanto uma peste que já tinha sido erradicada em todos os países civilizados; ninguém teve a ousadia de pensar que fora do “cordão sanitário” existia essa outra realidade (Espinoza, 1988: 21).

Nesse sentido, essa outra cidade, vista pelas elites como uma realidade totalmente alheia, cheia de perigos e incertezas, transformou-se, lentamente, em um problema de ordem pública, em espaço de intervenção política contra o perigo da desordem. Salazar (1988) interpretou esse momento como uma cruzada moralizante das elites contra o povo vulgar, em uma ação realizada que já não partia, exclusivamente, do princípio católico compassivo, mas que adotou uma estrutura “republicana”, “*assumindo a formalidade e a roupagem democrática*”. Segundo o autor, desde 1908, uma série de instituições apareceram, criadas para atender o mundo popular, várias delas de caráter obrigatório, como escolas, liceus, igrejas, centros de beneficência, círculos operários e universidades populares – uma vez que a grande chacina *salitrera* em Iquique, no ano anterior, teria impactado a consciência moral das elites. Com efeito, a imposição de práticas era parte do que Salazar chamou de “*reciclagem do roto chileno*”⁵, que não era mais do que o enfoque, nesses primeiros intentos de políticas sociais, em um segmento das classes populares chilenas. O político radical e congressista Enrique Mac Iver descreveu, em um conhecido discurso de 1900, a visão que parte da elite nacional tinha sobre as possíveis saídas à questão social:

Acredito que não existe melhor e mais transcendental negócio público no Chile que a educação das massas populares. É redimi-las dos vícios que as degradam e enfraquecem, libertá-las da pobreza que as escraviza. É a incorporação de elementos desenvolvimentistas de valor incalculável para o país (Mac Iver, 1900: 8).

Se, por um lado, Salazar tem razão quando afirma que a questão social da primeira década do século XX agitou as almas da elite, também é certo que o Estado chileno tinha fundado, já em 1892, o Instituto de Higiene, uma instituição relevante dentro do paradigma sanitaria. O Instituto surgiu como resposta institucional ao pedido de constituição de um Conselho de Higiene Pública, feito no I Congresso Médico Chileno, em 1889. A nova instituição, dividida em três departamentos (Higiene e Estatística, Química e Bacteriologia), teve sob seu comando o Desinfetório Público, inaugurado em 1896, no populoso bairro de La Cañada, na margem norte do rio Mapocho (Castillo, 2008). Criado em sintonia com os últimos avanços na bacteriologia internacional, o Instituto teve como missão a constituição de laboratórios químicos e bacteriológicos, orientados à fabricação de vacinas anti-rábicas e anti-diftéricas, soros e vacinas para animais. Nessa medida, o Desinfetório, como outras instituições que surgiram na época, estabelecia uma relação hierarquizada e cientificamente mediada entre o Estado (e seus

⁵ A expressão “roto chileno” corresponde a uma apelação às classes populares da sociedade chilena. Popularizada logo após a guerra contra a Confederação Peru-Boliviana (1836-1839), a expressão ganhou força quando, em homenagem à vitória das tropas chilenas na batalha de Yungay, no dia 20 de Janeiro de 1839, foi instituído, em 1888, o “Dia do Roto Chileno”. Em 1920, o escritor chileno Joaquín Edwards Bello publicou o já clássico romance “El Roto”, uma história que se desenrola no bairro proletário de Estación Central, mesma região que seria objeto de intervenção sanitária durante a administração de Ibáñez.

organismos sanitários) e os corpos doentes dos pobres da cidade, afetados pela cólera, raiva, difteria e varíola, entre outras enfermidades. O Instituto de Higiene funcionou até 1924, quando foi criado o Ministério de Higiene. Em 1929, nasceu o Instituto Bacteriológico, como continuação do Instituto da Higiene, que tinha sido fechado logo após a criação do Ministério da Higiene, Assistência e Previsão Social. Essa instituição foi importante no debate higiênico durante o ibañismo, pois serviu de base técnica e profissional para a criação da Escola Nacional de Higiene, em 1930 – antecessora da Escola de Salubridade da Universidade de Chile, organizada em 1943.

A escolarização nas escolas e liceus públicos de Santiago aumentou ostensivamente entre 1902 e 1924. Enquanto a matrícula masculina subiu de 8.835 para 20.409 alunos, o número de mulheres escolarizadas também cresceu, passando de 1.749 para 19.675 alunas (Salazar, 1988). O sucesso no aumento da matrícula contrastava com os severos problemas higiênicos dos estabelecimentos escolares, como bem analisa Patricio Gross (1985) a partir de uma série de crônicas jornalísticas escritas nas primeiras décadas do século XX. Uma reportagem do jornal *El Mercurio*, de 1903, descrevia a maior parte das escolas como desprovidas das condições higiênicas mínimas, em edifícios em péssimo estado de conservação, em que a umidade, os vazamentos dos canos e os esgotos abertos destruíam as paredes e o chão. Sem luz natural nem ventilação, as escolas eram focos de contágio das mais variadas enfermidades virais. Nas chuvas do inverno, as salas de aula e os pátios das escolas alagavam. Dez anos mais tarde, o periódico *Zig Zag* apontava que uma das causas do problema da higiene escolar era o fato de que, das 238 escolas primárias públicas de Santiago, só 6 delas tinham sido projetadas especificamente para esse uso. A ampla maioria das escolas eram edifícios particulares, adaptados mediante reformas precariamente realizadas, alugados pelo Estado, que, por sua vez, pagava um preço excessivamente caro considerando a qualidade dos prédios. Embora tenham sido sancionados sucessivos regulamentos sobre a edificação escolar higiênica, em 1883, 1899 e 1909 (Ibarra e Mora, 2011), nem a melhora nem a fiscalização avançaram no ritmo desejado.

É nesse contexto que a Dra. Eloísa Díaz desenvolve seus trabalhos sobre higiene escolar. Primeira mulher médica do país e da América Latina, Díaz foi professora da Escola Normal de Preceptoras da região sul de Santiago, uma das escolas de formação dos professores primários da cidade. Em 1901, ela apresentou no Primeiro Congresso Médico Latino-Americano, ocorrido em Santiago, o trabalho “Sanidad e Higiene Escolar”. Três anos depois, na segunda versão do congresso (em Buenos Aires), expôs seu trabalho “Disquisiciones sobre Higiene Escolar en Chile”. Tais textos resumiram parte das suas visitas às escolas públicas de todo o país exercendo sua função como médica-inspetora, cargo criado em 1897 pelo Instituto de Higiene. María Angélica Illanes (1991) descreve esses trabalhos como percursos do que seria o centro do problema da educação pública nas décadas seguintes:

De fato, todos os problemas centrais da escolarização popular tinham sido já assinalados nos relatórios de inspeção pública: o problema da incompatibilidade entre fome e aprendizagem, dos insustentáveis esforços das famílias proletárias para escolarizar os seus filhos, da insuportável condição de abandono das escolas para pobres por parte do Estado, da necessidade de criação de um sistema de proteção escolar: merenda, roupas e medicamentos. Ali está resumida a relação entre carência e deserção, a relação entre proteção e escolarização. Ali está contida a ideia da via escolar como solução à degeneração social e a criminalidade (Illanes, 1991: 31).

Em 1910, a Dra. Díaz conseguiu que fosse criado o Serviço Médico e Dental nas escolas públicas. No ano seguinte, o Estado chileno criou o Serviço Médico Escolar das escolas primárias, colocando Eloísa Díaz como a primeira chefe do serviço. Paralelamente à organização de instituições públicas, apareceram, em Santiago, algumas organizações privadas, constituídas pelas elites dentro do cânone da misericórdia católica e orientadas a melhorar as condições cotidianas dos estudantes, assim como das mães. Segundo Illanes (2006), a criação do Instituto de

Imagem 3.2. Aula de puericultura, bandeira e brasão do Chile na aula de clases, 1926.

Puericultura, em 1906, uma iniciativa privada do doutor Alcibíades Vicencio, mas subvencionada pelo Estado chileno, revela o primeiro momento de adoção de metodologias científicas e modernas do assistencialismo da elite às classes populares. O Instituto divulgava às mães instruções sobre os primeiros cuidados dos recém-nascidos, controles preventivos gratuitos na gravidez, serviços de atenção ao parto com médicos, enfermeiras e obstetras, além do acompanhamento da saúde do infante por meio de visitas das mesmas obstetras durante o primeiro ano de vida do recém-nascido. Em 1908, foi fundada a *Sociedad de Ollas Infantiles*, uma iniciativa para alimentar as crianças indigentes, mesmo intuito de outra organização civil criada em 1911, as *Gotas de Leche*⁶, instituição dependente do Patronato Nacional da Infância. As *Gotas* estavam localizadas nos bairros populares da cidade e tinham como missão a promoção da puericultura entre as mães. Tendo como referência países como a França e a Alemanha, os organizadores das *Gotas* (essencialmente mulheres da elite junto a médicos, como Manuel Camilo Vial) promoviam a entrega de leite esterilizado para lactantes cujas próprias mães não conseguiam amamentar, o que, muitas vezes, era o caso de mulheres operárias que não produziam leite pelo efeito das condições de emprego, falta de alimentação e debilidade do corpo por causa de múltiplas doenças (Illanes, 2006). Tais primeiras tentativas para criar um sistema de proteção à infância foram reforçadas pela promulgação, em setembro de 1912, da Lei de Proteção à Infância Desvalida⁷, primeiro documento que garantia a ação do Estado chileno frente ao abandono, exploração ou abuso por parte dos pais sobre os filhos⁸. Em caso de violação dos direitos das crianças, os menores de idade seriam internados, provisoriamente, em reformatórios – geralmente, privados e dependentes de instituições beneficentes –, até que um juiz ordenasse quem ficaria encarregado dos seus cuidados definitivos.

Aparentemente, como parte das comemorações da promulgação da lei foi organizado o I Congresso Nacional de Proteção à Infância, realizado em Santiago, entre os dias 21 e 26 de setembro do mesmo ano. Coordenado pelo Dr. Vial, o encontro

⁶ As *Gotas de Leche* replicaram um modelo existente na França desde a última década do século XIX. Embora os médicos Gaston Variot e Pierre Budin, em Paris, tivessem estabelecido, em 1892, postos clínicos para recém-nascidos, foi o projeto da *Goutte de Lait*, do Dr. Leon Dufour, na Normandia, que introduziu o conceito levado para a América Latina. O dispensário oferecia leite pasteurizado e impulsionava a prática do amamentação. Cf.: Jasienska (2013).

⁷ A lei número 2675 do Ministério de Justiça, sancionada no dia 4 de Setembro de 1912, estabeleceu medidas de proteção para crianças abandonadas ou exploradas pelos próprios progenitores ou outros adultos.

⁸ Junto à promulgação da Lei, foi organizado o Primeiro Congresso Nacional de Proteção à Infância, realizado em Santiago, entre os dias 21 e 26 de Setembro do 1912. O coordenador do encontro foi o Dr. Manuel Camilo Vial. Cf.: Congreso Nacional de Protección a la Infancia, 1913.

Imagem 3.3. Gota de leite
"Mercedes Lazcano", Rua Almirante
Barroso, Santiago, 1917.

reuniu membros das instituições públicas e privadas, como o Instituto de Puericultura, o Patronato Nacional da Infância, as *Gotas de Leche*, e outras organizações, como a Sociedade "Las Creches" (Dr. Roberto del Río), a Junta de Beneficência de Santiago, o Conselho Superior de Higiene Pública, a Faculdade de Medicina da Universidade de Chile e a Sociedade Médica de Santiago, assim como instituições higiênicas de outras cidades do país, como a Sociedade Protetora da Infância e o Centro de Propaganda contra a Tuberculose de Valparaíso e o Asilo da Infância de Curicó. As atas daqueles cinco dias de discussão servem como marco referencial para compreender os desafios que a comunidade higiênica tentava resolver. Entre outros temas discutidos estavam a mortalidade infantil, que era analisada na sua relação com as condições de insalubridade das habitações; a influência do alcoolismo, sífilis e tuberculose; a alimentação inadequada; a proteção das mães durante a gravidez, o parto e o puerpério; a promoção da higiene corporal das crianças e a adoção do hábito do banho diário; e a necessidade de popularizar os dispensários de medicamentos para crianças doentes. O congresso tinha as crianças entre 2 e 12 anos de idade dentro do seu escopo, promovendo a discussão sobre a necessidade de construir sanatórios litorâneos para o tratamento da tuberculose, o melhoramento das condições de manutenção da edificação escolar, a massificação de programas de higiene bucal e odontológica, a proteção das crianças aleijadas, assim como o auxílio às crianças em situação de rua. Vários desses objetivos foram progressivamente incorporados ao sistema público e privado de proteção da infância popular, embora só em 1928, já no regime de Ibáñez, tenham sido incorporadas como parte de uma nova lei de proteção dos menores, que criou a Direção Geral de Proteção de Menores e os Tribunais Judiciais de Menores.

O Estado assumiu uma responsabilidade maior na proteção da infância; não obstante, as instituições privadas da elite continuaram existindo e mantiveram uma interveniência nos assuntos públicos relativos à saúde das crianças e das mulheres grávidas. Em 1918, foi realizado o Congresso Mariano Feminino, encontro da conservadora Liga da Cruz Branca, organização criada em associação com a Igreja Católica para proteger as meninas vítimas do estupro e como proteção frente à possibilidade de entrarem na indústria do comércio sexual. Para isso, propuseram a construção de um hospício que funcionasse como escola industrial, assim como a promoção de uma lei contra a prostituição infantil e a exploração de menores. Aliás, sua estratégia estabelecia a educação das mães por meio de conferências dadas pelas próprias sócias da Liga nos bairros operários, e o compromisso "na

defesa da honestidade”⁹ dos proprietários de fábricas, indústrias e fazendas onde trabalham os menores de idade.

Ora, ameaça da prostituição para a moral católica apareceu durante as primeiras décadas do século XX. As crônicas urbanas da virada do século de Maximiliano Salinas (et al., 2007) mostram uma cidade em que a prostituição feminina estava espalhada por diferentes bairros, muitas vezes em regiões bem próximas das residências da elite. Entre 1910 e 1926, conforme assinala Salazar (1988), o número dos prostíbulos registrados da cidade se manteve em 178, ainda que a quantidade de mulheres empregadas neles tivesse quadruplicado. O mesmo autor afirma que mais da metade dessas mulheres tinha começado nesse ofício já na sua adolescência, antes de ter exercido qualquer outro emprego. A prostituição pagava duas ou mais vezes que o salário médio dos operários, o que explica, em grande medida, que, em 1926, uma em cada cinco mulheres da cidade estivesse envolvida na economia da prostituição. Esse dado pode parecer exagerado, mas não deixa de ser expressivo das estratégias de sobrevivência das mulheres que não tinham expectativas de inserção no mercado laboral, assim como das exíguas possibilidades das meninas *huachas* (órfãs) ou abandonadas para conseguir formas lícitas de sustento. Embora a elite católica tenha conseguido se posicionar de forma dominante no debate público sobre o tratamento das “doenças sociais”, ela não foi a única que propôs soluções à miséria de milhares de chilenos. Como bem afirma Labarca (2008: 94), a prostituição e as enfermidades venéreas obrigaram a sociedade chilena a falar de sexo “*nos púlpitos, nas instituições de caridade e no Congresso*”. Não por acaso, o governo levou adiante, a partir de 1927, uma forte campanha para conscientizar e educar sobre a prevenção das enfermidades venéreas, especialmente com manuais e folhetins. Esses textos expressaram uma mudança radical em relação a como essas doenças eram compreendidas e qual era a tarefa do Estado no combate a elas: se durante séculos tais enfermidades tinham sido quase exclusivamente motivo de vergonha, na década de 1920 elas passaram a ser problemas de “transcendência social” (Labarca, 2008: 105) que deveriam ser tratadas preventivamente e através de tratamentos profiláticos.

A sífilis era hereditária e a gonorreia produzia esterilidade, o que afetava diretamente a mortalidade infantil e a reprodução da própria sociedade. Nessa medida, como poderia um país como o Chile superar seus problemas econômicos se sua população estava doente ou destinada a morrer antes do primeiro ano de vida? Como poderia ser construído um modelo de progresso se o futuro estava, antes de tudo, cheio de incertezas e ameaças à vida das pessoas? Os tratamentos médicos davam conta dos enfermos, mas seria necessário estabelecer medidas para quebrar os chamados “ciclos degenerativos”. Por um lado, era imprescindível a adoção de planos de construção de complexos médicos e hospitalares para atender à população considerada como possuidora de patologias, como as já mencionadas enfermidades venéreas, mas também psiquiátricas e dependências químicas. Por outro, era necessário implementar práticas que dificultassem o consumo de álcool por crianças e jovens, ou a adoção de “condutas impróprias” que agudizassem os problemas sanitários da sociedade chilena. —

O regime de Ibáñez incorporou a edificação de prédios hospitalares e biocientíficos como parte de sua agenda de investimentos públicos, especialmente dentro da cidade de Santiago. Enquanto o esporte e a educação física avançavam no âmbito da prevenção e da adoção de hábitos saudáveis, a área médico-sanitária desenvolvia planos de reclusão e combate às patologias, combinando estratégias preventivas e educativas. Foi nesse período que o Estado chileno delineou um plano nacional de investimentos em sanatórios e manicômios, construiu várias Casas de Socorro (postos de saúde rurais) e postos policlínicos urbanos, projetou novas seções médicas nos principais hospitais de Santiago, além de fundar instituições como a Escola de Enfermeiras Sanitárias (1927)¹⁰, o Instituto Bacteriológico (1929) e a Direção Geral de Educação Sanitária, que faziam parte do organograma do

⁹ “La Cruz Blanca”. Cf.: Congreso Mariano Femenino (1918).

¹⁰ “El primer contingente de Enfermeras Sanitarias”. *Boletín Sanitario*, 11-12, Dezembro/1929, pp. 738-739.

Imagem 3.4. Primeira geração de estudantes da Escola Nacional de Enfermeiras Sanitárias, Santiago, 1927.

Ministério de Educação. Ademais, o governo deu início, em 1931, ao programa de Casas de Limpeza, que eram sistemas de higienização e desinfecção para os mais pobres da área central de Santiago. Nesse mesmo sentido, foram incrementados os postos de saúde orientados ao tratamento de doenças venéreas, e as autoridades tentaram universalizar a utilização da carteira de sanidade para todos os trabalhadores de Santiago, antes uma obrigação exclusiva para quem manipulava alimentos¹¹.

Em novembro de 1928, a Junta Central de Beneficência criou uma comissão para estudar as possibilidades de um plano geral de construção de manicômios de escala nacional, planejado para implementar o tratamento científico das enfermidades mentais¹². É importante dizer que os manicômios não foram projetados exclusivamente naqueles anos, pois já em meados do século XIX tinha sido inaugurada a Casa de Orates, no bairro Independência, em Santiago, a primeira instituição desse tipo na sociedade chilena. Tal como afirma Godoy (2010), a Casa de Orates foi um lugar de confinamento de pessoas consideradas como doentes crônicos – ou “degenerados”, segundo a análise de Sánchez (2014) –, até que, nas primeiras décadas do século XX, começaram a ser aplicados novos modelos da psiquiatria, como a psicanálise, e a criminologia surgia como campo de pesquisa científica. O plano proposto pela Junta de Beneficência ao governo, em fevereiro de 1929, sugeria a construção de três pavilhões psiquiátricos na região norte do país (nas cidades de Iquique, Antofagasta e La Serena), quatro na região central (Valparaíso, dois em Santiago e Talca), e outros quatro na região austral (Concepción, Temuco, Valdivia e Punta Arenas). Dos 5.750 novos leitos para o país, foram projetados 4.300 para Santiago, 180 para a região norte e 1.160 para a região austral. A proposta financeira incluiu as operações imobiliárias de venda do antigo Hospício de Santiago, assim como da Casa de Orates, que eram, até esse ano, os únicos complexos psiquiátricos da cidade, o que dá conta das ambições do projeto de modernização da edificação hospitalar especializada em transtornos mentais.

Também em 1929, a Direção de Beneficência e Assistência Social, que era uma secretaria do Ministério da Higiene, Assistência e Previsão Social, publicou, em seu *Boletín*, um plano de construção de equipamentos de saúde pública, planejados para atender às populações urbanas e rurais que enfrentavam a grande epidemia

¹¹ “Certificados de sanidad”. *Boletín Municipal de Santiago*, 1068, 13 de Março de 1929, p. 3.

¹² “Implantación de un plan general de manicomios en la República”. *Boletín de la Dirección General de Beneficencia y Asistencia Social*, 2, Março de 1929, pp. 7-10.

Imagem 3.5. Policlínico do bairro Estación Central antes da sua inauguração, Santiago, 1929.

Imagem 3.6. Promoção de hábitos higiênicos por meio de funções de cinema nos bairros populares. Caminhão da Dirección Geral de Educação Sanitária, Santiago, c.1930.

de tuberculose que afetava o país¹³. A proposta incluiu a construção das Casas de Socorro, centros de atenção médica primária em áreas rurais, e policlínicos urbanos. Um dos projetos, construído em Santiago, foi o policlínico do populoso bairro da Estación Central, que oferecia, além de primeira atenção para enfermidades infecciosas, consultas de medicina interna, ginecologia, oftalmologia, procedimentos cirúrgicos, serviços de laboratório, raios X e cura de feridas e queimaduras. Localizado em uma área tradicionalmente conhecida pelas diversas casas de prostituição, bares e cantinas, hotéis para viajantes e cassinos ilegais, além de cortiços e negócios populares, o policlínico era também uma operação de “profilaxia” na paisagem. Com efeito, o centro, de mil metros quadrados construídos, não seria o único: quatro outros equipamentos de saúde foram projetados naquele ano: dois na área central da cidade e dois na área de expansão da região leste de Santiago. Deles se esperava que, tal como o Estádio Policial nas margens do rio Mapocho resenhado no capítulo anterior, irradiasse novos hábitos e condutas higiênicas.

Com relação à tuberculose enquanto doença, o país tinha desenvolvido tratamentos desde antes do descobrimento do bacilo de Koch, em 1882. Tal como afirmam Duarte e López (2009), o sanatório como modelo institucional já existia previamente a esse avanço científico e permaneceu vigente até a incorporação do tratamento da quimioterapia. No Chile, assim como em vários outros lugares do mundo, era praticada a cura “dietético-higiênica”, que consistia em um tratamen-

¹³ “Los Servicios de Arquitectura de la Dirección General de Beneficencia y Asistencia Social”. *Boletín de la Dirección General de Beneficencia y Asistencia Social*, 2, 1929, pp. 12-13.

to composto por curas de ar, uma dieta específica e a cura de repouso – que, na maioria das vezes, consistia em permanecer deitado até morrer. Nesse contexto, o governo de Ibáñez planejou o primeiro sanatório moderno no país, comprando, em 1928, o terreno para a construção do futuro Sanatório El Peral, que demoraria uma década para começar a funcionar, tendo sido inaugurado em 1938.

Além das edificações, o regime também avançava na consolidação de outro tipo de estratégias pedagógico-sanitárias por meio das quais tentava continuar seu projeto de transformação de hábitos. O regime ibañista mostrou uma das suas caras mais autoritárias quando sancionou, em 1928, a regulamentação de censura cinematográfica, que proibiu a exibição de qualquer obra que fizesse a apologia ou incitasse a cometer um crime (Iturriaga, 2015). A cruzada moralizante do cinema não acabou ali: alguns anos após a promulgação do regulamento, o governo estabeleceu a promoção do cinema educativo e higiênico como outra estratégia de aproveitamento do espetáculo cinematográfico. Através de duas instituições o regime procurou utilizar o cinema como uma estratégia educativa. O Instituto de Cinematografía Educativa da Universidade de Chile, fundado em 1929, pretendia introduzir o cinema nas aulas, produzindo material próprio¹⁴ que fosse utilizado como conteúdo complementar às aulas dos professores das escolas primárias e secundárias chilenas (Álvarez et al., 2014). Por outro lado, em 1930, foi fundada a Sección de Propaganda Sanitaria no interior da recém-criada Escola Nacional de Higiene – dependente da Dirección Geral de Educación Sanitaria, também criada pelo regime ibañista, em 1929¹⁵. A Sección inaugurou um sistema de cinema ao ar livre¹⁶, instalado em um caminhão que levava as funções de cinema – filmes desenvolvidos para promover os hábitos higiênicos entre crianças e jovens – aos bairros populares¹⁷, em um esforço similar ao empreendido pelo mesmo organismo por meio dos programas radiofônicos de divulgação de práticas e tecnologias sanitárias¹⁸.

Educação física e pedagogias: discussões e perspectivas

Apenas duas semanas depois da vitória ibañista, ocorrida nas fraudulentas eleições do dia 22 de maio de 1927, o chefe da recém-criada Dirección Geral de Educación Física e Moral do novo regime, o Major do Exército Alfredo Portales, expôs as novas diretrizes da política esportiva ao periódico *Los Sports*¹⁹. A Dirección, instalada no interior do Ministério da Higiene, nasceu com a missão de controlar e desenvolver a cultura física e os esportes na sociedade chilena por meio de diferentes campos de ação, como, por exemplo: estabelecer pautas e recomendações alimentícias para a população das diversas áreas do país; organizar as sociedades e clubes ginásticos, e ajudar no financiamento de novos ginásios; projetar estádios, centros de treinamento e parques infantis; organizar torneios e apresentações esportivas; contratar técnicos especializados para as diferentes federações que os requeressem; organizar festas dominicais esportivas para estudantes, servidores públicos e operários, como meio de afastá-los do “entretenimento nocivo”; e promover a educação física entre enfermos, idosos e aqueles que estivessem impedidos de praticar atividades físicas cotidianamente. Na entrevista – uma carta de apresentação do militar à sociedade esportiva civil e aos leitores do periódico interessados no desenvolvimento do esporte no país – o Major Portales apresentou seus dois principais desafios: promover a adoção da cultura física dentro dos hábitos de todos os membros da sociedade, e impulsionar a construção de mais lugares para a prática esportiva. Pouco se conhece dos motivos pelos quais a

¹⁴ Uma das três primeiras produções do Instituto, dirigido pelo cineasta Armando Rojas, realizada em 1929, foi “Cultura Física”, um curta-metragem sobre a educação física no país (Álvarez et al., 2014).

¹⁵ “Creación de la Dirección General de Educación Sanitaria”. *Revista del Instituto Bacteriológico de Chile*, I (1), Dezembro/1929, pp. 24-25.

¹⁶ O Chile não foi o único país latino-americano que desenvolveu um programa de cinema sanitário na América Latina. Em 1927, o governo mexicano incorporou o cinema na Campanha Nacional contra as Doenças Venéreas, experiência estudada por Gudiño Cejudo (2016).

¹⁷ “Labor desarrollada por los Servicios Sanitarios durante un año (1930-1931)”. *Revista del Instituto Bacteriológico de Chile*, II (4), Outubro/1931, pp. 76-86.

¹⁸ Ibid.

¹⁹ “Conversando con el Director de Educación Física, Señor Alfredo Portales”. *Los Sports*, 221, 3 de Junho de 1927, p. 3.

instituição foi rapidamente dissolvida. Talvez o Ministério da Higiene não tenha conseguido inseri-la dentro do seu funcionamento, mas o mais provável é que o Ministério de Educação Pública, logo após a reforma educacional de 1927, exigiu ser responsável por essas matérias centrais dentro do desenvolvimento dos novos modelos pedagógicos.

Com efeito, os dois objetivos apresentados por Portales estavam orientados ao aprimoramento da raça chilena, que, na prática, significava mobilizar os corpos de crianças, jovens, adultos e idosos, homens e mulheres, especialmente das classes populares, impondo a eles um tipo de disciplina que a educação física transmitiria. A discussão médico-pedagógica permeava tanto instituições do governo, federações e clubes esportivos, quanto escolas, fábricas e partidos políticos. A cultura física parecia um objetivo prioritário e central para alguns agentes, que observavam nela uma oportunidade de frear, ou pelo menos estabilizar, os altos níveis de mortalidade infantil e os efeitos do alcoolismo na população jovem e adulta, assim como os estragos da aglomeração de pessoas mal alojadas nos cortiços da cidade e dos efeitos das doenças sociais em milhares de homens, mulheres e crianças. Mortes prematuras, alcoólatras, prostitutas, homens e mulheres sífilíticos apareciam como os principais inimigos daqueles que promoviam uma transformação das condições vitais de centenas de milhares de chilenos. As estimativas da época mostram que, em 1927, 10% da população chilena estava contaminada com sífilis (Rinke, 2001). Por sua vez, a mortalidade infantil era uma das maiores do mundo: em 1930, 234 de cada 1000 recém-nascidos faleciam antes do primeiro mês de vida (Lavrin, 1995). Segundo Lavrin, a situação chilena era ainda pior que a de outros países do Cone Sul, como a Argentina e o Uruguai, onde, desde o começo do século XX, as taxas de mortalidade tinham diminuído por meio das melhorias na puericultura pediátrica.

Para muitos dos que faziam parte deste ideário refundacional da nação, o regime ibañista enfrentava um momento decisivo na história chilena, pois o problema sanitário abrangia o núcleo do desenvolvimento social e econômico-capitalista do país. Foram vários os textos da época que anunciavam a necessidade de promover um ponto de inflexão nas formas pelos quais as elites entendiam a marginalidade. Em 1927, Joaquín Cabezas, fundador do Instituto de Educação Física da Universidade de Chile, instituição em que se formavam os futuros professores de educação física do país, assinalava:

Cada ano a nação perde um grande número de pessoas que sucumbem prematuramente; temos que somar aos alienados, os incuráveis, os vagabundos, os criminosos e os suicidas. A aplicação da lei de recrutamento e substituição nos evidencia que o número de inúteis para o serviço militar é enorme, e os relutantes, prófugos e isentos pelos motivos mais banais aumentam em uma progressão vergonhosa. Desses fatos se derivam duas consequências: a falta de potencialidade biológica no chileno atual e, o que é pior, a evidente decadência moral. (...) Não é possível continuar assim: se o Chile quer viver como uma nação, se o intuito é progredir, é preciso lutar contra todos os motivos da degeneração: é preciso abrir mão das reservas que a nossa raça possui para impedir esse mal. Aquelas forças em latência podem exteriorizar-se de diferentes maneiras. Uma delas é o exercício físico (Cabezas, 1927).

Ora, várias das presunções que estruturam o argumento do Cabezas se baseavam, em boa medida, na teoria da degeneração, muito popular nos círculos médicos e intelectuais da virada do século, e presente no debate das elites sobre os marginais da nação durante as primeiras décadas do século XX. Como analisa Marcelo Sánchez (2014), a teoria da degeneração considerava que as anomalias no comportamento humano eram reflexo das anormalidades do sujeito, anomalias que eram hereditárias e que reproduziam um círculo vicioso de decadência, produzindo assim indivíduos degenerados e socialmente inviáveis. O mal biológico, assim como o moral e intelectual, corresponderia às anomalias fisiológicas e morfológicas – o que explica a proliferação dos métodos biométricos, bem como a estruturação de tipologias raciais. Uma definição tão arbitrária como essa sustentava a ideia que todos os corpos que ficassem fora do cânone clássico, assim como todas as condutas que se afastassem das condutas aceitas no interior da burguesia, fossem

transformados em patologias. Dessa forma, utilizando o discurso científico como estratégia de “*regulação da moral tradicional*” (Sánchez, 2014: 390), a regeneração só podia ser alcançada se as leis de herança fossem modificadas. O próprio Sánchez discute essa possibilidade a partir dos elevados níveis de alcoolismo na população chilena; afinal, a psiquiatria do começo do século associava as enfermidades mentais às neuropatias, ao alcoolismo e à sífilis. A teoria dizia que, absorvidos pela bebida, os pobres ficavam impedidos de se inserir no mercado do trabalho, sujeito ao crime e condenando, dessa forma, toda sua descendência. O álcool, portanto, danificava os filhos dos alcoólatras, e o alcoolismo hipotecava o futuro das novas gerações. Como discutiremos nas páginas seguintes, a educação física foi se transformando em uma alternativa para frear o ciclo degenerativo: através da prática do esporte e dos exercícios físicos seria possível fortalecer os corpos, as mentes e as vontades das pessoas, especialmente das crianças e jovens e, assim, conter a continuidade do ciclo degenerativo inter-generacional.

Nesse sentido, o alcoolismo na população foi motivo de grande preocupação de sanitaristas, educadores e políticos da época. Algumas pesquisas sobre o período anterior ao que nos interessa, mostram Santiago como uma cidade festiva, em que as classes populares tinham suas próprias lógicas de entretenimento e sociabilidade, muitas delas com altos níveis de consumo de bebidas alcoólicas. Maximiliano Salinas (et al., 2007) descreve a Santiago do período entre 1870 e 1910 como um espaço na transição entre os modos de vida rural e urbano, no qual os esforços das elites pela construção de uma ordem eram insuficientes para diminuir o espírito festivo – considerado por vários cronistas da época como um comportamento desenfreado – dos pobres da cidade. Tal espírito se expressava em diferentes bairros da cidade e em variados tipos de lugares de entretenimento: cantinas, *chicherías*, *cocinerías*, restaurantes, prostíbulos, lupanares, *cafés chinoses*, *fondas*, depósitos de licores e cassinos ilegais. Enquanto diferentes regulações tentavam controlar as práticas, vários desses hábitos não conseguiam ser alterados. Ainda que tenham existido algumas restrições à localização dos locais de venda e consumo de bebidas alcoólicas – em 1892 foi sancionada a Lei que proibia a abertura desse tipo de comércio a menos de cem metros de igrejas, cadeias e escolas (Cataldo, 1985) –, a tradição alcoólatra chegava a um ponto tal que alguns autores descrevem esse período como uma oscilação dos trabalhadores populares entre “*trabalhar para beber ou beber para trabalhar*” (Herrera, 2008). É difícil pensar que as classes altas da sociedade chilena também não tivessem desenvolvido o hábito do consumo alcoólico, ainda mais considerando a produção vitivinícola bem estabelecida na região central do país. Porém, o problema, visto pelas elites, era que os pobres fossem alcoólatras, afinal, eles deveriam carregar o peso da produção econômica. Sem essa mão de obra não haveria possibilidade de dinamizar a debilitada economia nacional e fortalecer a acumulação mercantil capitalista.

De fato, uma das principais preocupações dos promotores das campanhas de temperança era com os efeitos da bebida sobre a produtividade operária, contida na figura do San Lunes (Santa Segunda-Feira), que não era mais que a extensão do fim de semana para o primeiro dia da semana laboral. Aos olhos dos proprietários, empresários agrícolas e autoridades urbanas, o absentismo afetava diretamente o progresso da nação, colocando em risco as possibilidades do crescimento econômico. Outros, impregnados por doses de classismo, argumentavam a partir de uma perspectiva moral: o abuso na bebida era a expressão da degeneração ética das classes populares. Contudo, enquanto o alcoolismo e a prostituição feminina estavam sendo combatidos pelos médicos, obstetras e sacerdotes, membros dessa mesma elite eram os proprietários ou administradores de alguns dos diversos depósitos de licores, prostíbulos e cortiços, que constituíam uma boa fonte de lucro após o colapso da economia do salitre (Salazar, 1987). Em 1929, o Boletín Municipal de Santiago publicou a concessão de patentes para a venda e distribuição de bebidas alcoólicas na capital para o período 1930-1933; entre lojas de licor, depósitos, restaurantes, bares, hotéis e cabarés foram autorizados 3.082 postos de venda²⁰ para uma cidade que, segundo o Censo de 1930, tinha quase 700 mil ha-

²⁰ “Matrícula de patentes 1930 a 1933”. *Boletín Municipal de Santiago*, 1231, 7 de Outubro 1929, pp. 1-17.

Imagem 3.7. Exame biométrico no Instituto de Kinesioterapia, dirigido pelo médico húngaro Martín Gondos, Santiago, 1929.

bitantes²¹. Várias das instituições de caridade – seguidas, prontamente, por alguns organismos públicos –, que atuavam contra o alcoolismo, orientaram sua ação na ideia da regeneração dos filhos dos inadaptados. Eles deveriam ser disciplinados por meio da revolução física e moral que o governo procurava produzir através dos seus organismos educacionais.

Isso explica porque o regime de Ibáñez promoveu a educação física dentro da reforma educacional, assim como no programa de construção de espaços públicos nas cidades, planejados para a prática de exercícios físicos. Com efeito, até o momento, a argumentação parece ter mostrado que, naquele período, só existiram agendas que promoviam o desenvolvimento de dispositivos disciplinares – tomando emprestado o conceito foucaultiano – explícitos em seus conteúdos e objetivos. Efetivamente, o debate nos meios oficiais teve várias vozes pertencentes às Forças Armadas, da qual o próprio Ibáñez fazia parte. Decerto, também existiu, entre os pedagogos da educação física, duas grandes formas de compreender à cultura física: enquanto alguns se inclinavam por uma pedagogia militarizada, a chamada escola alemã de raiz militar prussiana, outros preferiram a adoção da escola científica de origem sueca, vinculada, de certa forma, aos princípios eugênicos que circulavam no continente (Riobo, 2016). Contudo, é arriscado dizer que a educação física e, especialmente, a pedagogia ao ar livre, eram patrimônio do pensamento reacionário. Isso pode ser visto, conforme foi apresentado no capítulo anterior, no episódio da entrevista com a pedagoga e poetisa Gabriela Mistral, logo após seus anos no México, em que foi convidada pelo então Ministro de Educação, José Vasconcelos, para participar do processo de reforma pedagógica desenvolvido no país (Valenzuela, 2002). Naquele momento, Mistral defendia a adoção de princípios pedagógicos que estivessem mais próximos ao desenvolvimento da sensibilidade e de expressão própria de cada estudante. É difícil pensar que tal visão era exclusivamente dela, pois, na mesma época, desenvolvia-se um movimento de transformação do campo pedagógico entre os professores das escolas primárias chilenas²², organizados na Associação

²¹ A preocupação de alguns políticos e especialistas pelo número de locais de venda de bebidas alcoólicas se manteve ao longo da década de 1930. Segundo a vereadora Elena Döll, em 1937, existiam mais de 5 mil desses locais, o que representava um posto de venda para cada 35 homens adultos. A proporção equivalia a 13 cantinas por cada escola na cidade, ou 22 cantinas por cada padaria. Cf.: “Desnutrición y alcoholismo”. *Boletín Municipal de la República*, 91, 1938, pp. 62-65.

²² Em 1928, David P. Barrows, ex-presidente da Universidade da Califórnia, apresentou o projeto pedagógico da sua instituição durante uma série de palestras na Universidade de Chile. Na apresentação ele também manifestou algumas preocupações pela excessiva relevância dada pelos próprios jovens à educação física e as atividades atléticas, em detrimento da formação cultural e espiritual. Em “David P. Barrows. Las universidades norteamericanas”. *Anales de la Universidad de Chile*, ano 6, 1928, pp. 327-350.

Imagem 3.8. Apresentação de ginástica dos estudantes dos liceus masculinos de Santiago, Club Hípico, 1927.

Geral de Professores do Chile (Núñez, 2004). Os reformistas tentavam transformar o antigo modelo de formação pedagógica reproduzido da Alemanha Imperial, e que eles mesmos tinham recebido, substituindo-o por novos princípios e estratégias de ensino. A educação era qualificada como hierarquizada, enciclopédica, centrada na transmissão de conhecimentos e na promoção da erudição, sem vitalidade e na qual os professores serviam ao cumprimento do programa e não à formação integral dos estudantes. Os reformistas, inspirados nas propostas de John Dewey²³, María Montessori, Adolphe Ferrière²⁴, entre vários pensadores da época, promoveram uma pedagogia em que a centralidade do processo educativo eram as crianças e seus ritmos da aprendizagem, convertendo a escola em um espaço para fazer e a vida doméstica em um campo de saberes práticos²⁵.

Rojas (2010) faz referência a um documento publicado, em abril de 1928, pelo governo de Ibáñez, especificamente pelo diretor do Departamento de Educação Primária, Luis Gómez Catalán, quando o Ministério da Educação tomou como suas várias das ideias dos reformistas:

Se a criança é ativa, então a escola tem que ser ativa. A velha escola, com suas mesas e suas aulas estava planejada para escutar. A nova escola tem que servir para fazer. Devemos transformar a escola de auditório em laboratório. A escola deve ter oficinas para trabalhos manuais, cozinhas para os cursos de economia doméstica, laboratórios de história natural, granjas, hortos, etc. O que significa isso? Que a criança atuará em vez de ouvir; trabalhará com suas mãos, com seu corpo, com sua inteligência, com os seus sentimentos. Não aprenderá só por aprender (Associação, 1928).

Diferentemente de outras cidades do continente, em que houve projetos consolidados de pedagogias ao ar livre, tais como os parques escolares e as escolas experimentais de Montevideu (Craciun et al., 2014), ou os parques e colônias infantis do Estado de São Paulo (Abdanur, 1994; Niemeyer, 2002; Dalben e Soares, 2011),

²³ A discussão da pedagogia de John Dewey penetrou também em outros círculos, como aconteceu anos depois nos setores mais progressistas da Igreja Católica. Talvez o melhor exemplo disso seja “Le système pédagogique de Dewey devant les exigences de la doctrine catholique”, a tese de doutorado em pedagogia de Alberto Hurtado S.J. (Universidade Católica de Lovaina, Bélgica, 1935).

²⁴ Adolphe Ferrière visitou Santiago em Julho de 1930, como parte da sua turnê de seis meses por diferentes países da América do Sul, como Equador, Peru, Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil. Durante esse mês no Chile, ele apresentou suas ideias em Santiago, Valparaíso, Chillán e Concepción. Em Santiago, foi convidado pela Associação Geral de Professores de Chile para oferecer palestras sobre o movimento da escola nova e da escola ativa, projetos que ele foi forte impulsor dentro do meio europeu. Cf.: “Los mejores educadores son los individuos de mayor intuición”. *La Nación*, 2 de Julho de 1930, p. 1. “Sobre Escuela Nueva habló ayer a los profesores primarios”. *La Nación*, 3 de Julho de 1930, p. 14. Ferrière (1930; 1931).

²⁵ Coronel, Rafael. (1928), “¿Por qué no hay tareas escolares domésticas?”. *Revista de Educación Secundaria, Ministerio de Educación Pública*, 1, Setembro/1928, pp. 52-59.

Imagem 3.9. Aulas de ginástica na escola de preceptores José Abelardo Núñez, futuros professores das escolas primárias do país, Santiago, c.1920.

o processo chileno foi rapidamente desmontado. O impulso transformador seria precipitadamente apagado pelo próprio governo, em outubro de 1928, primeiro mediante a dissolução da Associação Geral de Professores e do Departamento de Educação Secundária do Ministério²⁶, e logo depois, por meio da promulgação dos decretos de exoneração dos professores “subversivos”. Mesmo assim, a reforma conseguiu que o Ministério de Educação fosse reestruturado²⁷, modificando algumas lógicas organizativas da instituição, o que permitiu um certo clima de transformação dentro do meio escolar e uma maior relevância da educação física e artística dentro do currículo. A nova organização incluiu uma superintendência que coordenaria os princípios pedagógicos e cinco departamentos: administrativo, educação primária, educação secundária, educação física e educação artística. A nova estruturação (e, especialmente, os dois últimos departamentos) davam conta de um clima diferente da pedagogia hierarquizada e tradicional que era empregada, majoritariamente, nas escolas chilenas.

Desse modo, mesmo que de forma breve, existiu, dentro do campo disciplinar e político, um posicionamento a favor dos benefícios da educação ao ar livre. Alguns trechos do Programa de Educação Física para as escolas primárias masculinas, produzido pelo Departamento de Educação Física do Ministério (1928), explicitam uma combinação de, pelo menos, duas visões pedagógicas: enquanto a adoção de hábitos higiênicos continuava sendo uma prioridade, também era importante que os alunos brincassem e encontrassem, nas atividades recreativas, um estímulo para participar da aprendizagem (García, 1928). Não por acaso, uma das primeiras instruções do manual para professores dizia “As aulas de classes [salas] devem ser abandonadas assim que o clima permita ao professor fazer sua aula no pátio da escola”. Disciplinamento e criação de hábitos deviam conviver com processos pedagógicos no exterior, como fica claro neste parágrafo sobre os comportamentos que os professores deviam ensinar aos alunos:

Todas as manhãs se lavarás, rapidamente, da cabeça até os pés. Escovarás os dentes, a boca, limparás tuas orelhas, as unhas e o cabelo. Não terás medo nem do calor nem do frio; só dos sofrimentos. Usarás roupas limpas e leves. Conseguirás muita resistência através dos exercícios ao ar livre. Evitarás qualquer ato contrário à tua saúde. Respirarás ar puro e praticarás metodicamente a respiração ao ar livre. Farás excursões fre-

²⁶ “El Ministro de Hacienda, don Pablo Ramírez, asume la cartera de Educación Pública”. *Revista de Educación Secundaria, Ministerio de Educación Pública*, 3, Novembro/1928, pp. 247-251.

²⁷ O decreto com força de lei (DFL) 7500 do Ministério de Educação Pública, sancionado em 10 de Dezembro de 1927, estabeleceu a organização do próprio Ministério, as funções e os regulamentos dos estabelecimentos educativos, entre outros conteúdos.

quentemente. Mascarás bem e engolirás lentamente. Beberás água pura e te absterás absolutamente do álcool e do tabaco, porque os dois são veneno. Dormirás à noite com a janela aberta. Tomarás banhos de água, de sol e de ar. Nunca faltarão exercícios respiratórios e de correção da postura corporal, especialmente para as crianças fracas ou deficientes. Tomarás cuidado da estética do bom porte, adotando uma boa postura ao ficar parado, ao andar ou quando marchar (Departamento de Educación Física, Ministerio de Educación Pública, 1928).

Quando analisa a socialização escolar no sistema francês do entre guerras, Antoine Prost (1995) mostra como a escola foi assumindo, progressivamente, a missão de difundir a higiene e o asseio, por meio de diferentes estratégias, que variavam de ensinar como lavar as mãos até respeitar as obrigações do tempo e do espaço segundo cada momento do dia. No caso chileno, o sistema educacional público também adotou essa missão. Mais do que o conservadorismo compassivo do ciclo anterior, o que apareceu foi um Estado assumindo uma nova função pública e que se alimentava de várias tradições, ideologias e modos de fazer que oscilavam entre o pensamento higienista, a eugenia que promovia o aprimoramento racial, e metodologias pedagógicas relativamente novas e transformadoras dos modos de aprendizagem – que começavam a ser incorporadas nos programas educacionais.

Na sua breve existência como movimento político-educacional, o Departamento de Educação Secundária explicitou, em seu periódico *Educación Secundaria*, sua visão sobre a educação física pedagógica, entendida como um contínuo para todas as idades. A cultura física deveria se manifestar “na escola, no liceu, na universidade, nos batalhões e nas delegacias”²⁸ e deveriam participar dela homens, mulheres, jovens, adolescentes e idosos. Seu programa, que nomeavam como “progressista”, não seguia a aplicação de métodos rígidos e repetitivos de um mesmo procedimento para os diferentes públicos e suas respectivas idades.

É importante apontar que o regime ibañista apoiou a formação dos professores de educação física e seu fortalecimento dentro do currículo escolar, tal como já vinha acontecendo em outros países do continente, como era o caso de Uruguai e a constituição do curso de formação de educadores físicos no interior da Comissão Nacional de Educação Física, em 1921 (Dogliotti, 2013). A cultura física promovida nas aulas escolares uruguaias era uma mistura dos princípios da ginástica sueca e dos jogos livres com exercícios ortopédicos e respiratórios, além de classes teóricas de higiene (Dogliotti, 2014). Esse programa era similar ao que os professores de educação física chilenos receberam no curso de verão de 1929, no qual tiveram disciplinas de ginástica teórica, prática e rítmica, jogos pedagógicos, esportes, tiro, esportes femininos, fisiologia, alimentação, higiene geral e antropometria²⁹. Esse curso de formação foi criado especialmente pelo Ministério de Educação Pública para conseguir transmitir aos professores de educação física das escolas, alguns deles sem formação no Instituto de Educação Física, os conhecimentos básicos que faziam parte do currículo escolar. A educação física, segundo o programa para as escolas primárias masculinas de 1928, deveria ser: higiênica para incrementar a saúde das crianças; psíquica, para completar e reforçar as faculdades intelectuais; fisiológica, para conseguir o funcionamento dos órgãos vitais; e social, para promover nos jovens os hábitos da fraternidade e da amizade (Departamento de Educação Física, 1928). Os alunos deveriam ser saudáveis, inteligentes, fortes e sociáveis; para tanto a cultura física era o caminho a ser percorrido.

Tendo isso em vista, poder-se-ia dizer que a educação física fazia parte de uma agenda educativa conservadora? No caso dos programas públicos, a modernização curricular abriu espaços para a inovação nos enfoques pedagógicos e nas estratégias de ensino. Mesmo assim, durante todo o primeiro quarto do século XX também existiram propostas que se afastaram de um tratamento vertical, apostando em metodologias pedagógicas comunitárias, como aquelas desenvolvidas

²⁸ García, Oscar. (1928), La educación física pedagógica. *Revista de Educación Secundaria*, Ministerio de Educación Pública, 1, Setembro/1928, pp. 72-75.

²⁹ “Programa General del curso de vacaciones para los profesores de educación física del país”. Ministerio de Educación Pública, Vol. 5500, Janeiro/1929. Arquivo Nacional de Chile.

Imagem 3.10. Aula das estudantes da Escola de Educação Física, futuras professoras de educação física do país, Santiago.

por uniões e federações operárias, mutuais, anarquistas e mancomunais, como nos Centros de Estudos Sociales e nas Escolas Racionalistas (Urrutia, 2015). Tais projetos desprezavam a exaltação do patriotismo e a religiosidade que as escolas públicas demonstravam, assim como suas estruturas hierarquizadas e autoritárias que perpetuavam o *status quo* da divisão de classes. Algumas dessas experiências, afirma Urrutia, optaram também pela educação ao ar livre, pois ali era possível estabelecer relações sociais horizontais que questionavam a ordem social existente. Em relação ao esporte e à cultura física não foi incomum que, no final da década de 1920, quando estava sendo discutida (e executada) em várias disciplinas, mas especialmente no futebol, a profissionalização dos esportistas, houvesse clubes e federações que rejeitassem a adoção de um sistema profissional de contratação de futebolistas. Embora isso significasse perder seus melhores jogadores, que aceitaram as ofertas dos clubes que já estavam se inserindo na profissionalização (Else, 2011), as ligas de trabalhadores se mantiveram em pé, em defesa dos valores anti-capitalistas (Gumbrecht, 2007) e de um modelo alternativo de sociabilidade e participação popular no esporte.

A raça em jogo: curar os corpos e as almas pela cultura física

Em setembro de 1927, dias antes da celebração das festas nacionais, o professor Dr. Luis Bisquertt, do Instituto Superior de Educação Física, assinalou que “os povos civilizados que descuidam dos seus corpos arrastarão à degeneração física da sua raça”³⁰. A política nacionalista do ibañismo (Rinke, 2001) também teve sua própria versão na política de promoção da educação física. Logo após a medalha de prata na maratona nos Jogos Olímpicos de Amsterdã, em 1928, conquistada pelo atleta Manuel Plaza, “o genuíno representante da nossa raça chilena”, como afirmava a capa de *Los Sports*³¹, o diretor da Direção de Educação Física, o Tenente Osvaldo Kolbach, publicou um artigo elogioso sobre as qualidades nacionais que Plaza representava³². Sua fala estava dirigida, para além das laudatórias saudações ao atleta, para um imaginário povo chileno representado pelos leitores do periódico e, mais especificamente, para os atletas e professores de educação física do país. Plaza era um exemplo vivo do “que os homens saudáveis de espírito e de corpo podem conseguir, formando assim a grandeza da Nação”. Plaza, o herói, deveria se transformar na referência para todos os professores, como exemplo da possibilidade de “moldar as consciências dos estudantes, polir racionalmente as esferas intelectuais, físicas e morais de cada criança, transmitindo os conhecimentos através de um plano metódico que garante grandes esperanças”. Plaza era só a “insinuação do que cada um de nós pode conseguir em razão dos seus esforços

³⁰ “Aspectos sociales de la educación física”. *Los Sports*, 236, 16 de Setembro de 1927.

³¹ “Manuel Plaza, el exponente genuino de nuestra raza”. *Los Sports*, 282, 3 de Agosto de 1928.

³² “Una circular del Departamento de Educación Física”. *Los Sports*, 284, 17 de Agosto de 1928.

Imagem 3.11. Manuel Plaza campeão sul-americano da prova atlética do cross-country, Santiago, 1927.

Imagem 3.12. Manuel Plaza na premiação da maratona olímpica. Detrás de Plaza, Ricardo Müller, arquiteto e chefe da delegação chilena, participa também da cerimônia. Amsterdã, 1928.

pessoais”. O último parágrafo do texto de Kolbach salientava a missão nacional que o governo estava desenvolvendo. Plaza era a demonstração dos “*imensos benefícios que o país tem obtido a partir da instauração da instrução primária obrigatória*”, benefícios que seriam acrescentados mediante “*a obrigatoriedade das aulas de educação física em todas as escolas*”. Esse desejo tomou a forma de projeto de lei em 1929, quando foi proposta a Lei Geral de Educação Física.

Em meados de 1929, o governo de Ibáñez começou a tramitação do projeto da Lei Geral de Educação Física, que fomentava a educação física no currículo escolar e nas atividades extra-escolares por meio da construção de infraestrutura esportiva, concessão de implementos esportivos para as escolas públicas e isenções tributárias à importação desses equipamentos, contratação e capacitação de técnicos e profissionais especialistas nacionais e internacionais, e financiamento das federações esportivas e universitárias. O projeto entregava as atribuições administrativas dos recursos à Direção Geral de Educação Física, criada em 1928 e dependente do Ministério de Educação. No entanto, é importante assinalar que essa não foi a primeira instituição pública dedicada exclusivamente ao fomento da educação física nacional. Fundado em 1906, durante o governo de Manuel Riesco, existiu o Instituto Superior de Educação Física e Manual, constituindo-se como o primeiro centro desse tipo na América do Sul. Surgido alguns anos depois da constituição do Instituto de Higiene, criado em 1902, o Instituto Superior nasceu como uma ideia conjunta entre o pedagogo Joaquín Cabezas, no momento professor de educação física no Instituto Nacional, e o reitor da Universidade de Chile, Manuel Barros Borgoño, que apresentou ao Conselho Universitário a proposta de incorporar aulas de educação física no currículo do Instituto Pedagógico. Dessa forma, em 1906, foi enviado ao Congresso o projeto de lei que sancionou a criação do Instituto de Educação Física e Manual que, além das aulas de educação física, ofereceu as disciplinas de trabalhos manuais, desenho, economia doméstica, caligrafia e taquigrafia. Administrativamente dependente do Ministério de Instrução Pública desde sua fundação, em 1918 mudou seu nome para Instituto Superior de Educação Física, incorporando-se à estrutura de institutos e faculdades da Universidade de Chile.

A Lei Geral era uma inovação em relação ao que existia até aquele momento. Se o Instituto já tinha conseguido formar várias turmas de especialistas e oferecer cursos abertos de ginástica e condicionamento físico à população, a Direção poderia coordenar investimentos e projetos de infraestrutura esportiva, formar corpos especializados de professores, fisioterapeutas e massagistas, além de coordenar o desenvolvimento da educação física dentro e fora das escolas. A proposta incluiu uma estratégia financeira de arrecadação de recursos de diversas fontes: enquanto a Lei Orçamentária Anual outorgava alguns recursos para despesas básicas de manutenção de edifícios esportivos e pagamento de salários aos servidores públicos, outras verbas seriam conseguidas através de uma porcentagem fixa dos impostos na venda de bebidas alcoólicas. Da mesma forma, uma proporção das arrecadações da Loteria de Concepción também iria para o orça-

mento nacional esportivo, juntamente com os 20% da venda de ingressos para os espetáculos esportivos realizados no país. Aliás, a Direção poderia conseguir novos recursos através de doações particulares. Conforme o juízo dos promotores da lei, o modelo financeiro conseguiria que o Chile “se colocasse do lado das nações nas quais a educação física tem alcançado o patamar superior”³³.

Um editorial do periódico *Los Sports* descreveu o projeto de lei como “uma conquista dos que entendem os jogos ao ar livre como a maneira de formar uma nova orientação ideológica na juventude”³⁴. A reforma era entendida como uma transformação na formação dos chilenos, assim como dos modelos pedagógicos que estavam sendo desenvolvidos nas escolas e universidades do país. A “orientação ideológica” estava particularmente relacionada com os princípios eugênicos, seguidos por alguns professores, médicos, militares e políticos, entre outros. O trabalho fundacional de Nancy Stepan (1991) dá pistas sobre como entender a eugenia dentro do campo científico e como movimento social:

Como ciência, a eugenia se baseou nos entendimentos supostamente novos das leis da hereditariedade humana. Como movimento social, envolveu propostas que permitiram à sociedade assegurar a constante melhoria de sua composição hereditária encorajando indivíduos e grupos “adequados” a se reproduzirem e, talvez mais importante, desencorajando ou evitando que os “inadequados” transmitissem suas inadequações às gerações futuras (Stepan, 1991: 9).

De acordo com Sánchez (2014), ao analisar a teoria da degeneração da virada do século, existiram algumas visões no interior do campo eugênico que acreditavam na possibilidade de proteção dos filhos dos “condenados” do processo degenerativo. Enquanto naqueles anos a alternativa era a inserção laboral e o aprendizado de um ofício, vinte anos depois o discurso era favorável à adoção de uma cultura física e higiênica entre os jovens, o que se estabeleceu como um elemento central para autoridades políticas e sanitárias.

Kolbach apresentou vários desses princípios em diferentes textos publicados nos meios oficiais do governo. Para ele, a educação física deveria se transformar na “pedra angular” do desenvolvimento da educação. Sua dedução era a seguinte: a educação era um “processo de direcionamento do crescimento dos poderes inatos de cada indivíduo para o aprimoramento da sua vida e da comunidade à que ele pertence”. Tais poderes inatos não poderiam ser ativados apenas por meio da transmissão de conhecimentos, mas “em razão e com a ajuda que se oferece às leis que ordenam o crescimento”; e essas leis não eram se não as de tipo fisiológico e anatômico, ou seja, leis de ordem física³⁵. A complicada explicação se ancorava na lógica eugênica de achar as causas físicas que explicavam a decadência das raças – que, em ocasiões, era entendida como equivalente à nação –, e que estabeleciam a fronteira entre a população regenerável e não regenerável (Schwarcz: 1993). A cultura física não só ajudaria os filhos dos adultos “inadequados”, como também conteria o ciclo degenerativo da sociedade, pois, como o próprio Kolbach assinalava, das “transformações que a educação física realiza nas crianças nascem as personalidades dos adultos”³⁶.

Dessa forma, para que tudo isso fosse possível, era necessário a construção de edifícios esportivos que servissem para os propósitos de clubes, federações, escolas, universidades e residentes da vizinhança em que fossem construídos. Ainda que a cidade de Santiago já contasse com alguns campos esportivos de propriedade pública no começo da administração de Ibáñez, tais como os Campos de Sports, os estádios Militar e Carabineros, a piscina da Quinta Normal, além de vários clubes privados que emprestavam ou alugavam suas dependências para as federações esportivas – como os estádios da casa comercial Gath y Chaves ou o clube

33 “El actual gobierno se preocupa de la Educación Física”. *Educación Física*, 3, Julho/1929, pp. 7-10.

34 “La nueva reglamentación deportiva”. *Los Sports*, 335, 9 de Agosto de 1929, p. 1.

35 “Consideraciones sobre la Educación General en sus puntos de contacto con la Educación Física”. *Educación Física*, 5, Setembro/1929, pp. 1.

36 “Trascendencias biológicas y sociológicas de la organización de los deportes escolares”. *Educación Física*, 15, Julho/1930, pp. 11-14.

Imagem 3.13. Sessão fotográfica das equipes de basquete de Santiago, local desconhecido, 1929.

da Unión Deportiva Española, as quadras de tênis do Clube Internacional e o velódromo do Clube Arco-Íris –, a intenção do governo era acelerar a construção de complexos esportivos que atendessem às necessidades do público recém-mencionado, o que fazia parte da agenda governamental desde 1927. Não por acaso, um dos primeiros projetos empreendidos pelo governo foi a construção do Velódromo Nacional nos Campos de Sports, desenhando e financiando as obras³⁷. O projeto era um velho anseio dos ciclistas da cidade, que viram como, logo depois da interdição do velódromo do Parque Cousiño, em 1923, a Federação de Ciclismo foi incapaz de arrecadar os fundos para as necessárias reformas do velódromo do Clube Barcelona, que havia se tornado a nova casa do ciclismo da cidade. Além disso, o programa arquitetônico incluiu uma praça de jogos infantis, arquibancadas, vestiários, quadras de tênis e de basquete, que serviriam ao desenvolvimento deste novo esporte – ainda que a Federação de Basquete e Voleibol tenha sido fundada no ano 1924, ela não contava com um lugar fixo onde desenvolver suas atividades em Santiago. As obras demoraram apenas três meses, sendo o velódromo dos Campos de Sports inaugurado no dia 18 de setembro, dia das festas patrióticas nacionais e 22 anos depois da fundação da União Ciclista do Chile³⁸.

Com efeito, a ideia de aumentar o ritmo da construção de campos esportivos circulava nos meios internacionais, especialmente após o Congresso do Comitê Olímpico Internacional, em Lisboa, em abril de 1926, em que foi criada uma comissão especial sobre campos esportivos. Nesse encontro foi recomendado a todos os comitês nacionais o desenvolvimento de campos esportivos e de jogos para, assim, promover a prática esportiva na juventude, que estava, preocupantemente, “preferindo assistir aos grandes jogos em vez de praticá-los”³⁹. É importante manter essa tensão à vista, pois ela é um dos elementos centrais que diferenciaram (e que ainda diferenciam) os que promoviam o esporte amador e os que tinham interesses na profissionalização do esporte e no desenvolvimento de uma indústria do espetáculo esportivo.

Vários desses argumentos foram enfrentados na discussão sobre a necessidade de um grande estádio para a cidade de Santiago. Nessa medida, os desafios propostos na reunião em Lisboa, junto aos investimentos dos governos locais e nacionais na América do Sul, ajudaram a consolidar um campo de intervenção profissional de arquitetos e urbanistas, diferente do âmbito de ação pública dos engenheiros – que tiveram um papel fundamental dentro da reorganização ibañista da estrutura

³⁷ “Ciclismo”. *Los Sports*, 221, 3 de Junho de 1927. “La dirigente del ciclismo inaugura mañana su velódromo”. *Los Sports*, 236, 17 de Setembro de 1927.

³⁸ “Al fin tenemos velódromo nacional!”. *Los Sports*, 239, 7 de Outubro de 1927.

³⁹ “Chile y el Comité Internacional Olímpico”. *Los Sports*, 311, 22 de Fevereiro de 1929, pp. 1.

Imagem 3.14. Estádio dos Carabineros nos dias prévios a sua inauguração, Santiago, 1929.

fiscal, convidados pelo Ministro da Fazenda, Pablo Ramírez⁴⁰, para formar uma tecnocracia no interior da gestão do Estado (Silva, 2006). Sem dúvida, a discussão referente à necessidade de um grande complexo esportivo para Santiago, assim como as propostas de projetos de parques públicos que tivessem áreas esportivas e recreativas no seu interior, ajudaram na consolidação de outra tecnocracia profissional, a do campo urbanístico, majoritariamente dominada por arquitetos e localizada dentro da Direção Geral de Obras Públicas e na Prefeitura de Santiago. Tal como analisaremos nas próximas páginas, a atuação de alguns profissionais como Ricardo Müller, Ricardo González Cortés e Italo Sasso, assim como do urbanista austríaco Karl Brünner, entre outros, foi fundamental para que se avançasse no debate sobre os programas recreativos na cidade e a organização dos planos de edificação esportiva no interior do Estado chileno⁴¹. É importante salientar que esses programas arquitetônicos e urbanos estavam sendo discutidos e projetados em diferentes cidades do continente, transformando-se em um dos novos eixos da agenda urbana sul-americana do entre guerras. Não por acaso, durante o IV Congresso Panamericano de Arquitetos, no Rio de Janeiro, em junho de 1930, foi organizada a *Comissão de Parques Escolares, Universitários, Atlético e de Diversões*, presidida pelo próprio Ricardo Müller – sobre quem logo discutiremos sua trajetória como arquiteto especialista.

Nessa medida, o planejamento e desenvolvimento das obras de vários estádios, ginásios, piscinas e parques infantis no país foi conseguido por meio de, pelo menos, duas operações que garantiram a viabilidade técnica e financeira dos projetos. Ambos esses processos foram relevantes na constituição da disciplina urbanística no interior do aparato estatal chileno. Em primeiro lugar, a reorganização da Direção de Arquitetura dentro da Direção de Obras Públicas, em 1929, impulsionou um plano extraordinário de investimentos em novos equipamentos urbanos, assim como a contratação de estudos e técnicos. A Direção de Arquitetura tinha três seções: estudos, construções e urbanismo, cada uma com sua própria equipe. A seção de estudos estava encarregada do desenho dos projetos, da planificação dos orçamentos, e da elaboração das especificações necessárias para a execução de novas obras. A seção de construções coordenava os corpos técnicos que desenvolviam a edificação dos projetos ao longo de todo o país. Por fim, a seção de urbanismo, organizada em outubro de 1929, tinha tarefa de propor regulamentos de edificação, planejar o desenvolvimento das áreas centrais das cidades chilenas,

⁴⁰ A relação do Ministro de Fazenda Pablo Ramírez com o Instituto de Engenheiros do Chile foi examinada por Ibáñez Santa María (1983). O autor assinala que vários desses técnicos, que foram convidados para encarregar-se da Contraloría General de la República, da Direção de Orçamento, da Direção de Impostos, e das Superintendências de Seguros e Alfândega, entre outros, foram conhecidos na época como “os meninos de Pablo Ramírez” (p. 51). A relação entre o governo e os profissionais pode ser analisada a partir de alguns artigos publicados no periódico *Anales del Instituto de Ingenieros de Chile*, tais como “El gobierno y los ingenieros” (1927, 12, pp. 615-617), “Presupuesto extraordinario de gastos y plan de obras públicas” (1927, 12, pp. 658-680) e “El Plan de Obras Públicas en 1928” (1929, 2, pp. 91-92).

⁴¹ Além do Brünner, a Direção de Arquitetura conseguiu contratar importantes arquitetos nacionais para que desenvolvessem estudos e projetos para o Estado chileno, tais como Josué Smith Solar e José Smith Miller, Alberto Schade, Fernando Valdivieso, Fernando de la Cruz, Alfredo Benavides, Gustavo Casali, Helmut Pauly, Italo Sasso, Federico Bieregél, Carlos e Alberto Cruz Eyzaguirre, entre outros.

cuidar do “embelezamento de praças, parques, passeios públicos, grandes avenidas e locais de recreação” e coordenar os projetos urbanos de diferentes prefeituras do país (Dirección General de Obras Públicas, 1930).

Ainda que as ideias urbanas para o Estádio Nacional em Santiago sejam aprofundadas no quinto capítulo da tese, é interessante dizer que o urbanista Karl Brünner apresentou, em maio de 1930, uma proposta de equipamentos esportivos que fazia parte do seu plano diretor para a capital chilena⁴². Seu *masterplan* incorporava o que chamou de um “parque de recreação popular” para a região sudeste da cidade, que incluía um grande complexo esportivo. Tal espaço tinha um grande estádio poliesportivo, uma piscina, quadras de tênis, uma área equestre e um restaurante, além de um centro de treinamento e o que ele chamou de “Casa do Esportista”, um complexo de alojamentos para as delegações. Toda a área esportiva estaria nas proximidades de uma lagoa artificial e circundada por um grande parque com árvores nativas. Embora essa lógica urbanística tenha sido executada antes no Chile – no projeto do estádio El Tranque, de Viña del Mar, inaugurado em 1929 – a proposta de Brünner era também uma demonstração de algumas tendências internacionais de localizar os grandes poliesportivos no interior de parques e áreas verdes urbanas, tal como estava acontecendo, por esses mesmos dias, em Montevidéu, onde estavam finalizando as obras de construção do estádio Centenário, sede da Copa do Mundo da FIFA de 1930.

Em 1929, no ano da reestruturação da Direção de Arquitetura dentro da Direção Geral de Obras Públicas, foram executadas as obras de diferentes complexos esportivos, como estádios e piscinas, além de instalações esportivas no interior de liceus e universidades. Não é fácil acreditar que a expansão da cultura física poderia ser conseguida em curto prazo, especialmente se considerarmos a precariedade da infraestrutura pública nesse campo. Ora, o grau de investimento requerido no país era importante, tendo em vista que a imensa maioria das escolas careciam até de pátios escolares adequados para os exercícios físicos dos seus estudantes. Aliás, o governo já tinha alguns projetos desenvolvidos que precisavam de recursos imediatos para sua continuidade, como a finalização das obras da Piscina Escolar, o Serviço de Cinesioterapia do Instituto Superior de Educação Física⁴³, e a própria revista *Educación Física*, projeto editorial da Direção Geral de Educação Física. Oito federações – futebol, atletismo, boxe, tênis, natação, ciclismo, esgrima, tiro, esportes equestres e excursionismo – também solicitaram a liberação de verbas diretas para cobrir suas despesas. Algo parecido aconteceu com as federações esportivas das universidades do Chile, Católica e de Concepción, que conformaram a Confederação Esportiva Universitária. Como grupo organizado, elas igualmente exigiram dinheiro do Estado para a organização de competições internas e inter-universitárias. O contexto não era favorável: a crise econômica mundial afetou rapidamente o orçamento nacional, o que fez que vários dos planos fossem descartados, adiados ou refeitos. Mesmo assim, alguns projetos conseguiram ser desenvolvidos – a maioria deles antes da grande desvalorização da economia chilena em 1930-1931.

Foi assim que, em 1929, a Direção de Arquitetura executou as obras da Piscina Escolar, dos natatórios da Escola Militar, do Instituto Pedagógico e da Escola Naval de Valparaíso. Também foram iniciadas as obras para os estádios da Escola de Artes e Ofícios e da cidade de Talca, bem como as obras das instalações esportivas do Liceu Feminino número 1, de Concepción, e do Liceu Masculino da cidade de Parral. Nesse mesmo ano foram desenvolvidos os estudos para os estádios das cidades de Angol, Chillan, Peñaflor, Los Angeles e Limache⁴⁴, além dos projetos preliminares para os ginásios e campos esportivos do Instituto Pedagógico, os Liceus

⁴² Brünner, Karl. (1930) “Conceptos urbanísticos de Santiago”. *Anales de la Universidad de Chile*, 8 (4), pp. 872-906.

⁴³ O Serviço de Cinesioterapia do Instituto Superior de Educação Física foi criado em 1914 para atender doentes, aleijados e inválidos por meio de terapias corretivas, massoterapias e fototerapias. Cf.: “El Instituto de Educación Física de Santiago de Chile (1906-1934)”. *Boletín de Educación Física*, 1, Julho/1934. pp. 29-36.

⁴⁴ “Construcciones de Educación Física. El plan extraordinario en ejecución”. *La Nación*, 15 de Setembro de 1929, p. 9.

Imagem 3.15. Projeto para um campo esportivo na cidade de Linares (Província Maule), desenvolvido pela Seção de Urbanismo da Direção de Arquitetura do Ministério de Obras Públicas, 1929.

Imagem 3.16. Campo esportivo de Constitución (Província Maule), projeto da Seção de Urbanismo da Direção de Arquitetura do Ministério de Obras Públicas, 1929.

Masculino e Feminino de Viña del Mar, o Liceu Masculino da cidade de Rengo e o Liceu Masculino número 5 de Santiago.

Alguns desses projetos tiveram grandes orçamentos, o que dá conta da sua relevância dentro dos planos da Direção de Obras Públicas. A nível de comparação, enquanto o custo das piscinas Escolar e Militar foi de \$ 1.746.532 e \$ 1.363.567, respectivamente, o investimento na reconstrução das escolas públicas, da cadeia e do prédio do governo após o terremoto do dia 1 de dezembro de 1928, na cidade de Talca, foi de \$ 1.835.964. Nessa mesma cidade, o governo investiu um pouco mais de 300 mil pesos chilenos na construção do complexo esportivo fiscal, composto por um estádio, piscina e quadras de tênis (Dirección General de Obras Públicas, 1930). Como explicar isso, para além da crítica ao centralismo chileno que, durante boa parte do século XX, privilegiou o investimento em infraestrutura urbana na cidade de Santiago, em detrimento de outras cidades do país? De fato, o programa esportivo-recreativo era importante para o regime ibañista, pois representava seu interesse moralizador das massas. Tal como afirmou o deputado Luis Mandujano Tobar, os esportes e a cultura física “*aprimoram a saúde do povo e são uma escola insubstituível de vontade e vigor*”⁴⁵. Seu irmão, o Tenente de Carabineros Armando Mandujano, argumentava favoravelmente à expansão da educação física na população chilena, pois “*o exercício muscular ajuda o cérebro do mesmo jeito que os outros órgãos do corpo, estimulando energicamente o desenvolvimento do corpo, da mentalidade e da vontade*”⁴⁶.

Provavelmente a Piscina Escolar seja o edifício esportivo mais importante construído pelo regime ibañista em Santiago. Sua inauguração coincidiu, não por

⁴⁵ “La Educación Física ante el Congreso Nacional” *Educación Física*, 16, Agosto/1930, pp. 9-14.

⁴⁶ “La Educación Física y la Higiene”. *Los Sports*, 296, 9 de Novembro de 1928.

Imagem 3.17. Piscina Escolar, fotografia externa, últimas obras prévio a sua inauguração. Santiago, 1929.

acaso, com a publicação da Lei Geral de Educação Física, no dia 26 de dezembro de 1929. A nova piscina era a melhor representação da nova política esportiva no interior de Santiago. Ela expressava o que o governo pretendia para o esporte: um espaço aberto a toda a comunidade escolar da cidade, mas também disponível para os clubes aquáticos associados à Federação de natação⁴⁷. Ali seriam lecionadas aulas para iniciantes, se organizariam torneios, sessões de treinamento na piscina e no ginásio, em espaços construídos com as tecnologias mais avançadas da época. A piscina seria diferente dos ginásios edificadas nos anos anteriores em antigos galpões, dos improvisados ringues em teatros, ou das piscinas mal mantidas nas quais poderiam ocorrer, inclusive, surtos de tifo, cólera ou difteria⁴⁸. Aberta durante todo o ano, das sete da manhã até a meia-noite entre os meses de novembro e março, os horários da Piscina convidavam qualquer pessoa que quisesse a se integrar na prática do esporte – com a única condição do pagamento do ingresso. A cobrança ficaria liberada para as aulas de natação dos alunos e alunas das escolas públicas, através de uma solicitação direta à Direção Geral de Educação Física (Universidad de Chile, 1930).

A Piscina tinha também um restaurante, no qual estava proibida a venda de bebidas alcoólicas e era fomentado o consumo de alimentos saudáveis. Evidentemente, essas restrições e recomendações estavam diretamente relacionadas com as campanhas contra o alcoolismo, mas também era reflexo do interesse das instituições esportivas e sanitárias do país pelo melhoramento das condições nutricionais da população. Com efeito, isso já estava sendo fortemente discutido por meio de projetos como a pasteurização obrigatória do leite⁴⁹, a purificação das águas potáveis⁵⁰, a entrega, a partir de 1928, de merendas escolares (Rojas, 2010) e a iniciativa de alguns Prefeitos do país de instaurar institutos de bromatologia⁵¹ (ciências alimentícias). Nesse sentido, isso seria complementado com a constituição de encontros nacionais de especialistas, tal como aconteceu, em 1931, durante o I Congresso de Alimentação Popular, que serviu como antecedente para a criação, durante a segunda metade da década de 1930, do Serviço de Restaurantes Populares (Yáñez, 2016).

A localização da Piscina também era fundamental em termos de sua representação dentro da luta pela higienização da cidade e dos seus habitantes. Estabelecida do lado norte do rio Mapocho, próxima do mercado da Vega Central, as águas cloradas e aquecidas da piscina contrastavam com a sujeira da vizinhança e a “decadência moral” das cantinas, prostíbulos e lupanares que atendiam carregadores, feirantes e camponeses que chegavam à cidade para vender seus produtos. A piscina era, então, uma peça chave dentro dos processos de requalificação local

⁴⁷ “Gran festival de natación de honor del Embajador de España Excmo. Sr. Don Ricardo Baeza y de la Colonia Española organizado por el Club de Natación El Chuncho”. Santiago: Imprenta Santiago, 1932. “Actividades de las diferentes ramas del Maccabi”. *Centro de Gimnasia y Deportes Maccabi*, 1, 1935, pp. 7-9.

⁴⁸ “Dos temas de interés”. *Los Sports*, 307, 25 de Janeiro de 1929, p. 1. “Nuestra campaña de higienización en las piscinas, juzgadas por el Doctor Bisquertt Susarte”. *Los Sports*, 318, 12 de Abril de 1929, p. 6.

⁴⁹ “Debemos beber leche pasteurizada y no hervida” *Boletín Sanitario*, 6, Junho/1927, pp. 287-292.

⁵⁰ “Las aguas potables y los diversos métodos de purificación”. *Boletín Sanitario*, 10, Outubro/1927, pp. 705-710.

⁵¹ “Las Municipalidades deben implantar los servicios de Bromatología”. *Comuna y Hogar*, 23, Maio/1931, pp. 219-220.

Imagem 3.18. Piscina Escolar, fotografia interna, últimas obras prvio a sua inaugurao. Santiago, 1929.

que alguns urbanistas pretendiam para alguns bairros da cidade. De fato, nessa mesma rea j existiam outros edifcios que pertenciam agenda de sanitizao urbana, como era o caso do Instituto de Higine. Em 1931, foi planejada a instalao da *Casa da Limpeza Santa Mara* na regio, uma instituio sanitria dependente da Direo Geral de Sanidade e criada para “asear as pessoas que, em razo dos seus empregos ou por qualquer outro motivo, tem suas roupas e os seus corpos em condies anti-higinicas”⁵². A Casa da Limpeza retomou os trabalhos que, em finais do sculo XIX, foram desempenhadas pelo Desinfectrio Pblico na mesma regio da cidade.

Antes dos efeitos da crise econmica mundial serem desencadeados, o que afetaria de sobremaneira a economia chilena – como vrias das economias do continente, o Chile sofreu pelo seu modelo mono-exportador de matrias-primas –, o governo considerava que a aprovao da lei no era suficiente para impulsionar a educao fsica no pas. por isso que, no final de 1929, incluiu, dentro da Lei Oramentria para o ano de 1930, fundos extraordinrios para que o Ministrio de Obras Pblicas executasse a construo de edificaes esportivas, como estdios, piscinas e praas de jogos infantis. Algumas dessas despesas permitiram, ainda, a contratao de novos treinadores estrangeiros, como foi o caso do alemo Artur Mund pela Federao de Natao⁵³ – quatro anos antes, outro alemo, Werner Kriebel, tinha sido contratado pela mesma federao⁵⁴– ou da continuidade dos cursos de aperfeioamento dos professores de educao fsica, que tinham comecado a ser implementados no vero de 1929⁵⁵.

O governo, junto a algumas das autoridades de federaes esportivas, entendeu como necessrio que sua gesto institusse alguns marcos no calendrio que reforassem o iderio nacionalista de refundao da vida social do pas, tal como tinha acontecido com a inaugurao do Veldromo dos Campos de Sports durante as festas patriticas de setembro de 1927. Aps a promulgao da Lei Geral de Educao Fsica, o governo criou o “Dia Nacional da Educao Fsica”, atividade que seria comemorada com a realizao de uma apresentao de ginstica em cada escola chilena. A festa seria celebrada simultaneamente em todas as escolas de cada uma das regies do pas, e o dia seria escolhido em cada territrio, segundo suas condies climticas⁵⁶. Ademais, a sincronizao dos tempos escolares era tm uma demonstrao da coordenao de objetivos em todos os cantos do Chile. O dia seria comemorado mediante a realizao de um torneio atltico escolar que, na prtica, funcionaria como um censo: todos os estudantes do pas

⁵² “La casa de limpieza de Santa Mara”. Jos German Falcn. *Revista del Instituto Bacteriolgico de Chile*, 2 (2), Abril/1931, pp. 91-98.

⁵³ “Conversando con el nuevo entrenador de la natacin”. *Los Sports*, 387, 8 de Agosto de 1930, p. 29.

⁵⁴ “Natacin con el profesor alemn Werner Kriebel”. *Los Sports*, 215, 22 de Abril de 1926, p. 5.

⁵⁵ “Se prepara una nueva era para la educacin fsica nacional”. *Los Sports*, 308, 1 de Fevereiro de 1929, pp. 5-6.

⁵⁶ “Se celebrar el ‘Da de la Educacin Fsica’ en todos los establecimientos educacionales del pas”. *Educacin Fsica*, 4, Agosto/1929, pp. 30-31.

Imagem 3.19. No meio, o Presidente Ibáñez participa da apresentação de ginástica dos estudantes do Instituto Nacional. Junto a ele o Ministro de Educação, o Reitor do Instituto Nacional e os Diretores de Educação Física e de Educação Secundária do governo. Estádio Militar, Santiago, 1929.

deviam realizar “exames físicos pedagógicos” que avaliariam a condição física de cada um dos jovens chilenos nascidos entre 1911 e 1916⁵⁷, quer dizer, para todos os jovens que tivessem entre 12 e 18 anos de idade. Junto ao Dia da Educação Física, o governo instaurou as “Olimpíadas Militares”, que coincidiriam com as festas nacionais de setembro. Na percepção dos editores do periódico *Educación Física*, as Olimpíadas, competição entre os diferentes corpos do Exército, serviriam para dar continuidade ao processo de formação de esportistas nacionais que representariam o Chile nos Campeonatos Sul-Americanos e nos Jogos Olímpicos, tal como acontecia nos países europeus. Além disso, como afirmou uma crônica fortemente militarista de *Los Sports*, as olimpíadas serviriam de preparação e “formação do espírito dos soldados” para um eventual conflito armado⁵⁸. Provavelmente patrocinadas pelo Estado, as Olimpíadas Militares se somavam a outras competições de grande alcance, como foram os Jogos Esportivos Universitários, criados em 1928 pela Federação Universitária de Esportes, e que em sua primeira versão, só teve competições atléticas disputadas por estudantes de Santiago. Nas versões seguintes, se integraram novas disciplinas esportivas, assim como novos competidores representantes das universidades de Valparaíso e Concepción⁵⁹.

As primeiras Olimpíadas Militares foram sediadas no Estádio Militar e tiveram competições de atletismo, futebol, basquete e esgrima. O presidente Ibáñez assistiu o torneio nas arquibancadas, o que era bastante comum nas competições esportivas e apresentações escolares de ginástica que eram organizadas em Santiago. Foi o caso, por exemplo, das exibições de ginástica do tradicional Instituto Nacional⁶⁰, a escola secundária masculina mais antiga do país, e do Liceu feminino número 4⁶¹, assim como da exibição final do ano escolar de 1930, quando cinco mil estudantes das escolas secundárias e especiais de Santiago encenaram uma apresentação de ginástica no Clube Hípico⁶². Dois meses antes, Ibáñez tinha assistido a inauguração do estádio da Escola dos Carabineros, o novo corpo policial que o próprio Ibáñez tinha fundado, em 1927. O novo complexo esportivo serviria aos estudantes da escola de formação policial, assim como às diferentes federações esportivas que precisassem utilizar as quadras de futebol, basquete e tênis, a pista atlética, a piscina, bem como as praças de jogos infantis⁶³. Uma anedota daqueles dias pode ajudar compreender a simultaneidade com que o esporte era entendido como espetáculo e a cultura física entendida como peda-

⁵⁷ Ibid, p. 30.

⁵⁸ “La Olimpiada Militar”. *Educación Física*, 5, Setembro/1929, pp. 59-64.

⁵⁹ “Se avecinan los terceros Juegos Deportivos Universitarios”. *Los Sports*, 397, 17 de Outubro de 1930, p. 8.

⁶⁰ “S.E. y la Educación Física”. *Educación Física*, 7, Novembro/1929, p. 19.

⁶¹ “En el Liceo de Niñas N.º 4”. *Los Sports*, 353, 13 de Dezembro de 1929, p. 37.

⁶² “Una imponente presentación gimnástica”. *Educación Física*, 20, Dezembro/1930, pp. 30-31.

⁶³ “Inauguración del Estadio de la Escuela de Carabineros”. *Los Sports*, 345, 18 de Outubro de 1929, p. 12.

Imagem 3.20. Os capitães de Colo Colo e Talleres de Mendoza junto a Josephine Baker, Campos de Sports, Santiago, 1929.

gogia. Nos mesmos dias que o governo preparava a inauguração do estádio dos Carabineros, a cantora, vedete e dançarina Josephine Baker chegava a Santiago, como parte da sua turnê pela América do Sul. Enquanto a participação de Ibáñez dotava de uma aura nacionalista a cerimônia do complexo esportivo policial, a visita da Baker era aproveitada e rentabilizada pela indústria do espetáculo esportivo: a artista norte-americana foi convidada para participar do jogo de futebol entre os times de Colo Colo, o clube mais popular do país, e Talleres de Mendoza (Argentina), transformando-se, assim, em uma das situações mais cosmopolitas que aconteceram dentro do campo esportivo durante os anos do ibañismo⁶⁴.

Talvez um dos espaços para a prática física menos estudados, e mais interessantes pelas tensões que existiam no seu interior, sejam as praças de jogos infantis. O desenvolvimento desses locais foi um velho interesse da comunidade esportiva e dos pedagogos nacionais, assim como de vários governos de outras cidades da América do Sul. Na mesma semana em que Ibáñez venceu as eleições, o periódico *Los Sports* publicou um breve artigo sobre a necessidade de mais praças infantis no país⁶⁵, uma demanda instalada desde a origem da publicação, em 1923. Nesse texto, os editores enfatizavam a importância que o novo governo deveria dar a esse problema, destinando mais recursos às prefeituras municipais, uma vez que elas contavam com recursos mínimos para desenvolver um plano de habilitação de praças infantis. O redator do artigo concebe as praças infantis como um espaço onde as crianças “vão procurar alegria, carinho e amizade que não conseguem nem em suas casas, nem no cortiço, nem em suas atuais escolas”, o que obrigaria que esses novos equipamentos fossem localizados nas áreas mais populosas da cidade.

Em 1929, o Diretor Geral de Educação Física, o Tenente do Exército Osvaldo Kolbach, afirmou que as praças infantis poderiam ter uma função relevante na luta contra a mortalidade infantil⁶⁶. Os dados que apresentou eram impactantes: só em 1928, 54.034 crianças menores de sete anos tinham falecido no país. Para ele,

⁶⁴ “El football de la semana”. *Los Sports*, 345, 18 de Outubro de 1929, pp. 9-10.

⁶⁵ “Nuestras plazas de juegos”. *Los Sports*, 220, 27 de Maio de 1927, p. 16.

⁶⁶ “La Educación Física en su rol regenerador de la raza”. *Educación Física*, 3, Julho/1929, pp. 28-29.

o futuro da nação estava em jogo. Tentando chamar a atenção dos leitores, ele assinalou que, nesse momento, “a educação física organizada e adaptada às necessidades da nossa população infantil é a única solução da qual não podemos abrir mão, só assim conseguiremos evitar a catástrofe definitiva da raça”. Nessa época, as praças eram entendidas como lugares que propiciariam o desenvolvimento intelectual e físico das crianças e dos adolescentes, assim como sua formação ética e moral. Ademais, as praças teriam um valor higiênico, tal como assinalou Miguel Maraboli (1933), Diretor do Instituto de Educação Física da Universidade de Chile na década de 1930. Esses locais ajudariam a promover melhorias na saúde dos moradores dos bairros populares, pois colocariam à disposição do povo quadras esportivas, vestiários, chuveiros e banheiros em horários específicos. Dessa maneira, as praças contribuiriam para a popularização dos exercícios físicos e a adoção de hábitos de higiene pessoal, transformando-se em “instituições de medicina preventiva, que operam como verdadeiros pulmões populares” (Maraboli, 1933: 25-26).

Las plazas de juegos y deportes, o livro de Maraboli publicado alguns anos após o afastamento de Ibáñez da Presidência da República, analisava os avanços e as dificuldades de desenvolver um projeto nacional e metropolitano de praças de jogos infantis públicas. Embora a publicação seja posterior às políticas de promoção da educação física do regime do Ibáñez, ela apresenta discussões que atravessaram aquela administração, e que eram suscitadas em diferentes países da América do Sul na década de 1920. Sua leitura da realidade chilena problematiza uma tensão da época, que persiste até nossos dias: era melhor investir na educação física e no esporte amador massivo, ou no esporte profissional, que oferece espetáculo e modelos exemplares à população? Na introdução, o autor afirma seu intuito:

Não é o estádio, não são as grandes construções para milhares de assistentes e muito pouco espaço para os agentes o que promovemos; é um amplo espaço para brincar, um campo de esportes simples e aberto, de grande capacidade para sediar o exercício, a recreação e o lazer de muitas crianças, adolescentes e adultos. É um lugar com pouco espaço para a passividade. O que desejamos é observar o surgimento de uma instituição popular em nossas cidades, vilarejos e áreas rurais. Queremos contribuir para a realização de uma obra pedagógica e não para a preparação de espetáculos (Maraboli, 1933: 5).

Decerto, as experiências de outras cidades do continente foram decisivas na discussão sobre a criação de praças infantis nas cidades chilenas. São constantes as referências aos casos de Montevideu e Buenos Aires nos textos da época. O livro de Maraboli começa com uma imagem da maquete de uma praça de jogos infantis de Buenos Aires, apresentada pela delegação argentina na Exposição Ibero-Americana de Sevilha, em 1929. A imagem representava o que o próprio Maraboli tinha descoberto no ano anterior em sua visita à capital argentina e a Montevideu, por ocasião da Convenção Internacional de Professores da América. O autor encontrou, no Uruguai, um sistema consolidado de construção e administração de praças infantis, originado em 1911 com a constituição da Comissão Nacional de Educação Física e, logo, em 1912, com a fundação do projeto Praças Vicinais de Cultura Física. Assim, em 1913, a Comissão abriu a primeira praça de jogos em Montevideu, construindo quarenta projetos até 1922. Em 1923, o governo uruguaio deu início ao projeto de assistência obrigatória das escolas nas praças de esportes (Dogliotti, 2012). Em 1933, existiam 75 praças no país, enquanto outros 43 projetos estavam em etapa de estudo. Tal prodigiosa e pronta adoção da promoção da cultura física era, para o autor, explicativo dos triunfos futebolísticos da seleção uruguaia nos Jogos Olímpicos de Paris-1924 e Amsterdã-1928, bem como do Campeonato Sul-Americano de Santiago, em 1926.

As praças uruguaias, descreveu Maraboli (1933), estavam divididas em quatro categorias: a) praças com quadras de futebol, beisebol, pista atlética e dois áreas de jogos (uma masculina, outra feminina), além de um ginásio ao ar livre e quadras cobertas de basquete e voleibol; b) praças idênticas às anteriores, porém sem campo de esportes e pista atlética; c) praças mistas, só com um ginásio ao ar livre; d) praças de pequeno porte, com um ginásio com poucos aparatos. Esses espaços

Imagem 3.21. Maquete de uma praça infantil de Buenos Aires, apresentada no pavilhão argentino da Exposição Internacional de Sevilha, 1928.

tinham diversas funções pedagógicas; além de serem espaços para brincar, neles eram praticadas apresentações de ginástica e danças típicas, além de atividades relacionadas ao estudo da natureza, o canto, a leitura e a música. Nenhuma das atividades poderia ser feita pelas crianças sozinhas, pois, na lógica da época, a praça de jogos era uma atividade pedagógica que deveria ser orientada pelos especialistas. Isso explica que o programa desses espaços incluísse um diretor de praça, além de uma equipe médica, que tinha um registro de cada criança, adolescente ou adulto que frequentava o lugar. Medições antropométricas⁶⁷, junto a estatísticas de participação nas atividades da praça, conformavam um registro de cada espaço, que era complementado com informações sobre resultados e assistência aos torneios esportivos e exibições de ginástica realizados. No caso uruguaio, existiu um agente relevante dentro do desenvolvimento da cultura física nacional, que logo se transformou em um especialista: Juan A. Scasso, arquiteto da Intendência de Montevideu desde 1920 e chefe da Direção de Passeios Públicos da cidade⁶⁸ – e, ademais, o arquiteto responsável pelo projeto do Estádio Centenário no Parque Battle para a Copa do Mundo de 1930. O trabalho da Direção de Passeios, em conjunto com a Comissão Nacional de Educação Física, será fundamental para definir locais e regiões da cidade onde instalar as praças. No capítulo seguinte, analisaremos mais detalhadamente as visões urbanísticas de Scasso para a definição do projeto do Centenário e de outros equipamentos esportivos projetados para a cidade.

No entanto, o processo desenvolvido em Buenos Aires foi também uma referência para Maraboli, especificamente o trabalho realizado pela Intendência Municipal a partir de 1919, quando foi criada a Direção de Praças de Exercícios Físicos. Esta instituição tinha como missão a construção e organização dos estádios municipais, praças de exercícios físicos e lugares públicos orientados para os jogos atléticos e recreativos-esportivos do povo. Como em Montevideu, as praças bonaerenses eram supervisionadas por pedagogos e servidores públicos. As praças tinham, geralmente, uma área de jogos e um ginásio ao ar livre. A Direção tinha, do mesmo modo que no Uruguai, a obrigação de organizar campeonatos nas praças, nas quadras de futebol, de basquete, tênis e nas pistas atléticas sob sua administração.

⁶⁷ Não deixa de ser revelador que, em 1935, quando Maraboli era diretor do Instituto de Educação Física da Universidade de Chile, o periódico publique um editorial solicitando ao governo a instauração de uma ficha antropométrica para todos os alunos das escolas do país. Inspirado nos trabalhos eugênicos do Instituto Biotipológico Ortogenético de Gênova (Itália), de Nicola Pende, a ficha seria uma forma de registrar “as características morfológicas individuais, assim como o grau de desvio ao tipo ideal das formas perfeitas”. Cf.: “La ficha antropometrica escolar”. *Boletín de Educación Física*, 4, Abril/1935, pp. 137-138.

⁶⁸ “Dirección de Paseos Públicos. Sección Arquitectura”. *Arquitectura (SAU)*, 115, Junho/1927, pp. 163-171.

Além disso, o organismo administrava, desde 1922, duas colônias de férias (Parque Avellaneda e Sociedade Rural), que serviam 3.500 crianças.

A doutora Cora Mayers, pediatra especialista em puericultura e defensora dos direitos à saúde das mulheres e as crianças, é uma figura importante dentro do debate sobre políticas sanitárias no Chile⁶⁹. Em 1922, ela representou ao país no III Congresso Americano da Criança, no Rio de Janeiro, onde conheceu de perto as experiências cariocas, bonaerenses e montevidéanas de praças infantis. Esse episódio teria ajudado, segundo Maraboli (1933), para que se comesçassem negociações com o governo de Alessandri para a execução das obras das primeiras praças de jogos infantis. Em 1923, foram inauguradas as duas primeiras praças, localizadas no centro da cidade. A primeira delas foi aberta no dia 17 de setembro, nas vésperas das festas patrióticas chilenas. Os projetos, gerenciados pelo Governo Central junto à Prefeitura de Santiago e com a participação de alguns agentes privados (por meio de doações, como das lojas Gath y Chaves e Casa Muzard), ficaram sob a responsabilidade da Junta Central de Beneficência, mesma instituição encarregada da administração de hospitais, manicômios, casas de socorro e orfanatos da cidade. No ano seguinte, pelo menos outras cinco praças foram inauguradas em Santiago, além da profusão de projetos desenvolvidos ao longo do país.

Apesar do forte entusiasmo nos primeiros anos, rapidamente as praças se danificaram e foram progressivamente abandonadas. Descuidadas, como a praça da avenida Matta⁷⁰, os brinquedos estavam quebrados e os professores-orientadores não foram mantidos. Desconhecemos os motivos da rápida decadência⁷¹, mas o próprio Maraboli afirmou que a gestão dos espaços foi péssima, chegando, inclusive, à completa desapareição das duas primeiras praças inauguradas no centro da cidade. O mesmo processo teria acontecido no interior do país. Sem verbas do governo nacional para manutenção – dependendo, então, apenas dos orçamentos das Prefeituras locais e de doações particulares⁷² –, nem escolas participando obrigatoriamente nas atividades das praças, os espaços teriam ficado sem usuários, desencadeando-se, assim, um círculo de obsolescência.

Com efeito, o regime ibañista retomou o entusiasmo inicial, pelo menos em termos discursivos, utilizando seu principal canal de comunicação no campo esportivo, o periódico *Educación Física*. Necessária na etapa pré-escolar, as praças infantis eram entendidas como o lugar dos primeiros exercícios físicos, e o local onde as crianças podiam brincar com condições mínimas de conforto e segurança, o que não tinham nos cortiços nem nos bairros em que moravam⁷³. O periódico pede, desse modo, aos pais que permitam que seus filhos brinquem⁷⁴ e propõe a quem quiser os passos para construir uma praça de jogos infantis⁷⁵, apresentando indicações sobre como escolher o melhor lote, a superfície requerida e o programa arquitetônico.

Aparentemente o governo transferiu a responsabilidade da habilitação desses espaços aos governos locais ou a agentes privados, pois foram poucas as praças infantis desenvolvidas pelo regime ibañista. Uma delas foi a praça frente à Escola de Professores Normalistas “José Abelardo Núñez”, localizada no centro da cidade e financiada com verbas do Ministério de Obras Públicas e da Prefeitura de

⁶⁹ Mayers ocupou o cargo de Diretora de Educação Sanitária do Departamento de Saúde Pública de 1925 até sua morte, em 1931. Em 1925 conseguiu, junto ao Ministro José Santos Salas, a promulgação da Lei da Raça (Decreto-Lei 355, Ministério de Higiene, 21 de Março de 1925) que outorgava atribuições ao Estado chileno para estudar e combater as enfermidades sociais que afetavam a população chilena, como a tuberculose, a sífilis e outras enfermidades venéreas, e o alcoolismo, assim como práticas sociais como a prostituição. Além disso, o Decreto-Lei estabelecia a formação de uma agência de fomento à educação física e moral no interior da Brigada de Higiene Social do Ministério.

⁷⁰ “Las plazas de juegos infantiles” *Los Sports*, 185, 24 de Setembro de 1926.

⁷¹ “Se necesitan muchas plazas de deportes y baños públicos. El problema infantil y la educación pública”. *Los Sports*, 201, 14 de Janeiro de 1927.

⁷² “Nuestras plazas de juegos”. *Los Sports*, 220, 27 de Maio de 1927.

⁷³ “Educación física pre-escolar”. *Educación Física*, 11, Março/1930, p. 29.

⁷⁴ “Padre: deje jugar a su hijo”. *Educación Física*, 11, Março/1930, p. 35.

⁷⁵ “Como instalar una plaza de juegos”. *Educación Física*, 17-18, Setembro-Outubro/1930, p. 26.

Santiago⁷⁶. O projeto estabelecia uma relação direta entre os alunos da Escola e as crianças usuárias da praça, transformando o espaço dos jogos infantis em um local de formação para os futuros professores.

Contudo, por que o governo não promoveu a edificação de praças infantis com a mesma ênfase com que desenvolveu projetos de estádios e piscinas? Por um lado, a concepção do projeto incluiu a presença contínua de instrutores, que teriam a função de desenvolver um programa de atividades nos locais. Ao que tudo indica, isso conseguiu ser parcamente executado, o que foi criticado, por exemplo, pela escritora Marta Brunet:

Santiago tem algumas praças de jogos que durante um tempo estiveram bem mantidas, mas, logo depois, por diferentes motivos, ficaram abandonadas. Qualquer justificativa que entreguem não detalhará o mais básico: quando foram inauguradas, as praças deveriam ter implementado, junto com as bancadas, os brinquedos e os tobogãs, a contratação de uma professora de jogos que colocasse em movimento esse pequeno mundo. Ela poderia organizar a praça e fazer que ali predominasse a alegria das canções, dos jogos e da atividade física⁷⁷.

Tal como afirmamos no começo do texto, no interior do meio esportivo existia uma tensão sobre fomentar o esporte amador através de campos esportivos nos bairros, ou construir grandes coliseus que transformariam os potenciais esportistas em assistentes dos espetáculos da indústria esportiva⁷⁸. Algo parecido aconteceu na Piscina Escolar, quando a imprensa esportiva criticou o uso intensivo do local por parte dos moradores da região, que a teriam transformando em um “banho público”, o que desfavorecia a prática dos esportes aquáticos e o desenvolvimento da cultura física por parte de estudantes e esportistas⁷⁹.

Decerto, como já dissemos previamente, a crise econômica que desestabilizou a ditadura de Ibáñez pode ter afetado o desenvolvimento dos projetos. Porém, também existiram discrepâncias em relação à focalização do gasto público e às vantagens de construir um tipo de espaço ou outro. Os elevados custos das piscinas e dos estádios poderiam ter sido equivalentes ao de dezenas de praças e campos de jogos infantis na cidade. Mas, a questão é se elas teriam o mesmo efeito político das grandes obras. O regime ibañista, autoconsciente de sua vocação pela construção de um “Chile novo”, valorizava o efeito que a cultura física tinha sobre a população – especialmente sobre os mais pobres do país –, mas também projetava, nos equipamentos públicos, sua própria visão de ser quem levava nas costas a modernização da Nação. Utilizando as palavras da época, a raça chilena precisava de um “aprimoramento”, o qual estava sendo conduzido pelas autoridades políticas e sanitárias. Porém, utilizando os termos de Richard Sennett (1997), o regime estava tão interessado nas transformações da carne como nas impressões que as pedras poderiam produzir no povo chileno.

O regime ibañista explorou outras estratégias financeiras para financiar a construção de complexos esportivos no país. Em 1930, o governo realizou um empréstimo anual às Prefeituras, designado para o desenvolvimento de infraestrutura e equipamentos públicos. Através do Departamento de Prefeituras do Ministério do Interior, o governo repassou verbas para a execução de rodovias, redes de esgoto e água potável, iluminação pública, construção de mercados, matadouros, postos de saúde, edifícios municipais, cemitérios, teatros e edifícios esportivos, além verbas para compra de lotes e desapropriações. O interessante da estatística é que, para o período 1930-1935, logo depois do gasto em pavimentação de caminhos (32,5% do total), o maior investimento realizado por meio do empréstimo foi a execução de obras de construção de “teatros, estádios, cassinos, velódromos, quadras esportivas, piscinas e banhos públicos”, que representou 11,7% do total

⁷⁶ “Un Campo de Juegos Infantiles frente a la Escuela Normal ‘Jose Abelardo Núñez’”. *Boletín Municipal de la República*, 26, Setembro/1932, p. 12.

⁷⁷ “Las plazas de juegos infantiles”. *Boletín Municipal de la República*, 30, Janeiro/1933, pp. 80-81.

⁷⁸ “La cuestión de los estadios”. *Educación Física*, 17-18, Setembro-Outubro/1930, pp. 9-11.

⁷⁹ “La Piscina Escolar”. *Los Sports*, 359, 24 de Janeiro de 1930, p. 4.

Imagem 3.22. Estádio e velódromo El Tranque, últimas obras prévias a sua inauguração. Viña del Mar, 1929.

daquele orçamento⁸⁰. Ainda que as cifras não estejam desagregadas por ano nem por tipo de equipamento – desconhecemos, por exemplo, a proporção investida em teatros em relação aos gastos das piscinas e banhos públicos –, é possível reafirmar que existiu uma tendência instalada no governo de Ibáñez, e mantida nos anos seguintes, de fomento da cultura física no país por meio de investimentos públicos.

O empréstimo, assim como outras estratégias de financiamento fiscal, promoveu também a edificação de equipamentos esportivos fora de Santiago. Enquanto na cidade-porto de Valparaíso começaram a ser construídos dois estádios durante o regime ibañista, a cidade vizinha, Viña del Mar, beneficiava-se da Lei Nacional do Fomento ao Turismo, sancionada em 1928, conseguindo inaugurar duas grandes piscinas-balneário nas praias de Recreo e Miramar, em 1930 (Cortés et al., 2015). Aliás, a Junta Pró-Balneário, organização criada para fomentar a construção de equipamentos recreativos para os *viñamarinos* e turistas, conseguiu financiar as obras de conclusão do estádio El Tranque, do velódromo⁸¹ e da piscina de Población Vergara⁸², todos inaugurados em 1929⁸³. Desse modo, o poder público dava continuidade ao plano, traçado desde 1927, de transformar Viña del Mar na capital turística do Chile (Booth, 2014) e no “primeiro dos balneários sul-americanos”⁸⁴. Mediante um conjunto de operações imobiliárias planejadas para alterar o padrão de urbanização mediterrânea da cidade da *belle époque* (Vicuña, 2001), uma série de investimentos públicos e privados tenderam a abrir a cidade para a orla marítima (Booth, 2002), tal como outras cidades atlânticas faziam no mesmo período, caso de Montevidéu, o que será discutido no capítulo seguinte.

Se o caso de Viña del Mar pode ser qualificado como um dos mais exitosos em termos de consecução dos projetos, Valparaíso é um contraponto das dificuldades que, em alguns casos, a agenda de construção de edifícios esportivos experimentou. Diferentes na concepção dos seus modelos financeiros, os exemplos das duas cidades podem servir para contrastar as diversas estratégias que o Estado estava desenvolvendo no país, com maior ou menor sucesso. Durante esses anos, as autoridades de Valparaíso, junto às federações e clubes esportivos locais, tam-

⁸⁰ “Progresos de la comuna. Obras, adquisiciones y gastos realizados con el empréstito municipal consolidado en el quinquenio 1930-1935”. *Boletín Municipal de la República*, 70, Janeiro/1936, pp. 6-8.

⁸¹ “Un nuevo velódromo y cancha de football en Viña del Mar”. *Los Sports*, 333, 26 de Julho de 1929, p. 10.

⁸² “Viña del Mar inauguró su piscina con gran éxito”. *Los Sports*, 312, 1 de Março de 1929, pp. 10-11.

⁸³ “Viña del Mar. Obras de hermoejamento emprendidas por la Junta Pro-Balneario”. *La Nación*, 22 de Setembro de 1929, p. 11.

⁸⁴ “Una hora con el Ministro Balmaceda”. *Zig Zag*, 1176, 3 de Setembro de 1927.

Imagem 3.23. Piscina de Recreo, localizada na orla marítima de Viña del Mar, c.1930.

bém tentaram desenvolver alguns projetos de edificação esportiva, como foram os casos dos estádios de Las Zorras e de Playa Ancha. O caso porteño tem uma trajetória mais complexa, pois demonstra, aparentemente, as tensões entre o governo nacional e as províncias, assim como as dificuldades que os governos locais, inclusive de uma cidade importante como Valparaíso, passavam no momento de projetar, financiar e edificar seus próprios imóveis. Em 1925, *Los Sports* anunciou a compra do lote para a edificação do estádio de Las Zorras, em uma operação que envolveu o governo central, a Prefeitura da cidade e a Associação Atlética de Valparaíso⁸⁵.

Por enquanto desconhecemos quanto cada uma das partes concedeu na compra do lote, pertencente aos senhores Archibald Balfour e David Blair, proprietário e representante, respectivamente, de duas grandes firmas de comércio de capitais britânicos (Couyoumdjian, 1986; 2000). Contudo, sabemos que, alguns meses após a compra do lote para a construção do estádio de Las Zorras, a Direção de Obras da Prefeitura divulgou na imprensa santiaguina a elaboração de outro projeto de estádio, localizado na região de Playa Ancha⁸⁶. A localização deste projeto teria existido como ideia, pelo menos, desde o governo de Jorge Montt (1891-1896), considerando que o lugar era, aliás, o preferido pelos esportistas da cidade para a prática cotidiana. O projeto, realizado pela Direção de Obras municipal, incluiu um estádio central, que sediaría o futebol e o atletismo, além de uma quadra de basquete e uma piscina, localizadas atrás das portarias. Em uma escala maior do que qualquer outro edifício esportivo existente no país, as arquibancadas foram planejadas para 40 mil espectadores. No exterior do estádio foram projetadas seis quadras de futebol e quatro de tênis, pensadas para atender o esporte amador e escolar da cidade. O texto não especifica a fórmula através da qual seriam financiados os \$2.500.000 do custo da obra; porém, alguns documentos dos anos seguintes mostram as dificuldades para arrecadar os fundos necessários para cobrir as despesas.

As “belas utopias” de Valparaíso⁸⁷ foram criticadas por presidentes de federações e editores da imprensa especializada de Santiago, que criticaram os lentos avanços em ambos projetos: o governo central não disponibilizou as verbas para os projetos da cidade, mas se mostrava disposto a financiar projetos de infraestrutura esportiva em Santiago⁸⁸. Na opinião do Alfredo Betteley, presidente da Associação de Desportos Atlético do Chile, o problema estava na inexistência de fundos do governo central – que eram a fórmula mais simples para financiar a construção de

⁸⁵ “Nuestra página porteña. El nuevo estadio de Valparaíso”. *Los Sports*, 115, 22 de Maio de 1925, p. 15.

⁸⁶ “Los porteños tendrán un gran estadio”. *Los Sports*, 138-139, 6 de Novembro de 1925, pp. 14-15.

⁸⁷ “El presidente de la Federación de Football de Chile habla para Los Sports”. *Los Sports*, 233, 26 de Agosto de 1927, p. 1.

⁸⁸ “En broma y en serio. La olla del pobre”. *Los Sports*, 220, 27 de Maio de 1927, p. 16.

Imagem 3.24. Fachada clássica e monumental do Estádio de Playa Ancha, Valparaíso, c.1935.

qualquer um dos estádios – e na estratégia errônea da Prefeitura de Valparaíso de acreditar que só através da venda de ingressos conseguiria sustentar a construção de um edifício para 40 mil pessoas⁸⁹. Provavelmente, a situação se manteve assim durante todo primeiro ano do regime de Ibáñez, até que, no começo do 1929, as autoridades municipais decidiram divulgar novamente seus planos para o estádio de Las Zorras. O projeto foi criticado pela imprensa esportiva, que o avaliou como um complexo esportivo bem mais modesto do que o plano original, ainda que oferecesse uma oportunidade para os atletas *porteños* de não precisar viajar todos os dias para o Sporting Club de Viña del Mar⁹⁰, muito distante de suas habitações e locais de emprego. O projeto de Las Zorras foi perdendo relevância até o ponto de ser descrito, em 1931, como um mito⁹¹. Já o caso do estádio de Playa Ancha foi diferente. Também projetado pela Direção de Obras, especificamente pelo arquiteto Ítalo Sasso, o complexo teve apoio do governo central mediante a concessão de verbas para a sua construção, ainda que isso não acalmasse a preocupação dos esportistas locais, que temiam que as verbas não fossem suficientes e as obras ficassem paralisadas, tal como no estádio de Las Zorras⁹². O súbito fim do regime ibañista impediu que o ditador inaugurasse o estádio de Playa Ancha, porém as obras continuaram até a inauguração do estádio “clássico monumental”⁹³, no dia 25 de dezembro de 1931, com o Presidente Juan Esteban Montero (1931-1932) na tribuna de honra.

O fomento do governo de Ibáñez à formação física pode ter tido uma forte relação com um mais que provável anti-intelectualismo. Nesse sentido, um episódio de 1929 pode ser expressivo desse caráter. Nesse ano, o Ministro de Fazenda e de Instrução Pública, Pablo Ramírez, sancionou um decreto que permitia a demolição da biblioteca do Instituto Nacional, com a finalidade de construir uma piscina no lote, que seria de uso dos estudantes da Faculdade de Direito da Universidade do Chile, localizada na frente do liceu (Araya et al.: 2014). A demolição foi executada, mas a piscina nunca foi construída, perdendo-se boa parte de um dos maiores acervos da Nação, conforme narrou Julio Barrenechea (1964), estudante da Faculdade de Direito, Presidente da Federação dos Estudantes de Chile, em 1930, e opositor do regime ibañista⁹⁴.

Nessa mesma linha, já em 1927, durante uma entrevista ao periódico *Zig Zag*, Ibáñez tinha manifestado sua preocupação pela quantidade desmesurada de profissionais liberais:

[Existe hoje] uma multidão de bacharéis e profissionais, médicos, advogados ou engenheiros, com uma inteligência menos que medíocre; a maioria deles só busca se aproveitar do orçamento fiscal. Essa multidão de pessoas sem inteligência e nem verdadeiramente preparados é a principal responsável pela situação atual do país. Minha ideia é que possam

⁸⁹ “Playa Ancha versus Las Zorras”. *Los Sports*, 236, 16 de Setembro de 1927, p. 11.

⁹⁰ “Alternativas en el deporte de Valparaíso”. *Los Sports*, 335, 9 de Agosto de 1929, p. 23.

⁹¹ “De nuestros lectores. Al margen de la concentración atlética”. *Los Sports*, 414, 13 de Fevereiro de 1931, p. 12.

⁹² “La triste situación del deporte porteño”. *Los Sports*, 388, 15 de Agosto de 1930, p. 14.

⁹³ “Estadio de Playa Ancha. Departamento de Arquitectura de la I. Municipalidad de Valparaíso”. *Urbanismo y Arquitectura*, II (6), 1940, p. 240.

⁹⁴ “Tiempo en conserva”. *Zig Zag*, 3105-3106, Outubro/1964.

Imagem 3.25. Fotografia aérea do Estádio de Playa Ancha. No fundo o porto da cidade. Valparaíso, 1934.

se formar como bacharéis só os que exibam, desde seus primeiros estudos, uma inteligência excepcional (...). O aluno inteligente ingressará na instrução superior, os outros não. Eles prosseguirão seus estudos nos cursos de aplicação: na Escola de Artes e Ofícios, e nas de Agricultura e Minas⁹⁵.

Poder-se-ia dizer que a visão de Ibáñez é contraditória, especialmente com relação à formação de corpos profissionais tecnocratas no interior do Estado que estava seu próprio governo estava desenvolvendo, sobretudo por meio das ações empreendidas pelo Ministro de Fazenda, Pablo Ramírez. No entanto, sua perspectiva ambicionava, por um lado, a formação de uma pequena elite técnica e altamente qualificada capaz de tomar as decisões de alta relevância, e, por outro lado, um alto interesse pelo estímulo do trabalho físico e manual entre as classes populares, que levariam o peso do progresso nas costas. Ibáñez considerava a Escola de Artes e Ofícios como representativa do “*espírito do Governo*”, pois através do seu ensino impulsionava o “*desenvolvimento industrial e econômico nacional*”⁹⁶. Tudo isso poderia explicar seu interesse pelo melhoramento das instalações da Escola de Artes e Ofícios de Santiago, que recebeu fundos para a construção de um novo edifício de aulas, além do projeto de um estádio poliesportivo. Este projeto, desenvolvido pelos arquitetos Ricardo González Cortés e Ricardo Müller, aparentemente entre os anos 1927 e 1928, era um estímulo às atividades do Clube Atlético da Escola, fundado em 1927, e de suas equipes de futebol, atletismo, tênis, basquete, boxe, tênis de mesa e caminhadas (Castillo, 2014). O plano do poliesportivo contava com um estádio de futebol, que teria pista atlética e arquibancadas, além de uma piscina, um ginásio coberto e uma praça de jogos infantis⁹⁷, os quais, desejava Ibáñez, estariam abertos não só as estudantes da escola, mas também aos moradores do bairro da região oeste da cidade⁹⁸.

O poliesportivo foi construído, embora tenha decepcionado parte da comunidade esportiva da Escola. Em 1934, o campo de esportes contava com duas quadras de futebol sem arquibancadas, e duas de basquete, uma pista atlética e seis quadras de tênis, mas não tinham sido construídas nem a piscina nem o ginásio, sendo a única Escola de formação superior sem ter um ginásio à sua disposição⁹⁹. O abrupto final da ditadura do Ibáñez e a depreciação do peso chileno modificaram as prioridades de investimentos e as relações entre o governo central e as diferentes instituições educacionais e esportivas. Até agora não temos mais informações a respeito do que aconteceu no caso do estádio da Escola de Artes e Ofícios, em-

⁹⁵ “Las ideas de S.E. el Presidente sobre instrucción pública”. *Zig Zag*, 1177, 10 de Setembro de 1927.

⁹⁶ “La visita de su excelencia”. *Renacimiento, Escuela de Artes y Oficios*, 8. 15 de Abril de 1928.

⁹⁷ “¡Tendremos un gran estadio!”. *Renacimiento, Escuela de Artes y Oficios*, 2, 31 de Agosto de 1927. Cf.: Castillo (2014).

⁹⁸ “La visita a la Escuela de S.E. el Presidente de la República D. Carlos Ibáñez del Campo”. *Renacimiento, Escuela de Artes y Oficios*, 8. 15 de Abril de 1928. Cf.: Castillo (2014).

⁹⁹ “Comisión de Deportes”. *Técnica y Cultura, Boletín Anual de la EAO*, 1, Dezembro de 1934, p. 42.

bora seja um bom caso para repensar algumas fragilidades que o próprio sistema de execução de obras públicas deve ter tido até esse momento. Não por acaso, o projeto do Estádio Nacional, que vinha sendo discutido durante toda a década de 1920, não conseguiu avançar, nem na definição da sua localização, nem nas características do seu programa arquitetônico.

Notas finais

Nas páginas anteriores tentamos analisar o impulso de um regime, a ditadura ibañista, na promoção da cultura física como parte de um sistema mais amplo de melhoramento das condições higiênicas e sanitárias do país. Impulsionado pelo anseio de aprimorar a raça chilena e afastar as crianças e jovens dos vícios e “doenças sociais” que ameaçavam suas próprias vidas e o futuro da nação, o governo encontrou no esporte e na educação física um local fértil para promover práticas patrióticas e nacionalistas, ao mesmo tempo que divulgavam um discurso moralizante em escolas, ginásios, estádios, universidades, piscinas e praças infantis. A administração de Ibáñez conseguiu construir um aparato legal específico, corpos técnicos especializados e mecanismos de financiamento para planejar, administrar e executar obras de maior escala que as das administrações anteriores.

Para fazer isso, o governo destinou importantes verbas para a execução de obras de equipamentos esportivos e de lazer, tanto em Santiago como em outras cidades do país. Apesar do ciclo expansivo ter durado até a grande crise econômica que desestabilizou Ibáñez, acelerando os protestos contra sua ditadura e obrigando-o a apresentar sua demissão da presidência, em julho de 1931, várias das grandes obras que tinham sido projetadas durante seu governo foram continuadas pelas administrações seguintes, como foram os casos dos estádios de Playa Ancha, em Valparaíso, ou do Fiscal, em Talca. A nova organização dos corpos profissionais no interior do Estado ajudou na concretização de vários desses projetos, uma vez que novas áreas de estudos, projeto e execução de obras foram instaladas no interior dos ministérios de Fomento e Educação. Essas divisões públicas ajudaram na formação de técnicos especialistas, caso do arquiteto Ricardo Müller, de quem falaremos com mais detalhe no capítulo sobre o projeto do Estádio Nacional de Santiago. Outras obras, como o estádio da Escola de Artes e Ofícios, não foram desenvolvidas segundo o plano original e foram reduzidas a projetos mais modestos. Por sua vez, o caso do projeto de um grande complexo poliesportivo para Santiago, o Estádio Nacional, também é importante de ser analisado: tanto pela envergadura do projeto, quanto pelas dificuldades de se concordar em relação à melhor localização para o estádio. Consequentemente a realização do projeto foi adiada, como já vinha sendo postergada desde inícios da década de 1910.

A construção de equipamentos esportivos e a promoção da educação física era desejada não só pelos esportistas e professores de educação física. Participaram na discussão pública sobre a necessidade desses espaços nas cidades chilenas pedagogos, pediatras, sanitaristas, militares, arquitetos, urbanistas, entre outros. A complexidade do problema das condições higiênicas e sanitárias de boa parte da população nacional fez com que vários se interessassem em desenvolver estratégias que ajudassem na melhoria das condições de vida de multidões – ou, em termos eugênicos, que promovessem a “*salvação da raça chilena*”.

É evidente que o esporte e a cultura física não conseguiriam resolver os problemas sanitários de Santiago nem de outras cidades chilenas por si mesmos. Uma série de instituições do campo médico-biológico também estavam operando no espaço urbano e na sociedade *capitalina*, por meio de campanhas sanitárias de conscientização e controle epidemiológico, regulamentos de usos e funcionamentos de locais, e, claro, em discussões sobre as condições materiais da moradia popular e dos serviços básicos¹⁰⁰. Não por acaso, em 1936, foi organizada a Caixa da Ha-

¹⁰⁰ Dois dos melhores textos da época para compreender a discussão do problema da moradia popular dentro do campo profissional dos arquitetos e dos urbanistas são “Urbanismo y Estadística” de Enrique Gebhard, e o “Informe de la Asociación de Arquitectos sobre el problema de la vivienda en Chile”, ambos disponíveis no *Boletín Médico-Social de la Caja de Seguro Obligatorio*, III (31), pp. 439-450.

bitação Popular, um novo sistema público de fomento à construção de conjuntos habitacionais populares (Hidalgo, 2000). O governo fortaleceu as instituições sanitárias do país, criando uma nova trama de departamentos, seções técnicas e corpos profissionais especializados, assumindo tarefas preventivas, pedagógicas, de controle epidemiológico e de isolamento. Novas instituições, metodologias e prédios, estavam sintonizadas com as transformações que aconteciam em outros lugares do mundo com relação ao desenvolvimento dos padrões sanitários das cidades e do tratamento das doenças na população. Nesse marco, a promoção da cultura física foi assumida por diferentes profissionais como parte da missão preventiva da política sanitária. Dessa maneira, o fortalecimento dos professores de educação física e do seu Instituto de formação foi fundamental.

Como analisamos ao longo do texto, foram vários os agentes que acreditavam que a educação física teria um efeito “purificador” sobre quem se exercitasse e adotasse um estilo de vida esportivo. Para quem fazia parte da comunidade eugênica do país, a chamada “cultura física” era capaz de reverter os efeitos hereditários da inadequação à sociedade. Através do esporte era possível incorporar hábitos que estavam longe dos que os predecessores carregavam. A cultura física era, portanto, capaz de oferecer disciplina, saúde, fortaleza física e amor à pátria, de uma forma que nenhuma outra atividade escolar ou pós-escolar poderia conseguir. Mesmo que o discurso eugênico tenha sido importante, ele não foi o único que mobilizou os agentes envolvidos no campo da educação física. Pedagogos e organizações políticas que representavam outras sensibilidades e ideologias – tais como a versão chilena do *escolanovismo*, assim como as coletividades operárias e anarquistas – também aderiram ao desejo de formar os jovens no ar livre, seguindo outras metodologias de ensino. Para eles, o desenvolvimento de espaços esportivos era igualmente importante, pois acreditavam na sua função social. O regime de Ibáñez compreendeu esse contexto e conseguiu convocar, em diferentes momentos, alguns desses agentes sociais, especialmente os pertencentes ao magistério dos professores primários e secundários. Não deixa de ser revelador que, no começo do seu governo, Ibáñez tenha fomentado algumas das novas metodologias no interior do Ministério de Educação Pública, mas rapidamente, mudou de opinião e desprezou o movimento dos professores secundários. Assim como o professorado, outras coletividades, como as federações estudantis e os sindicatos, também sofreram das relações ambivalentes estabelecidas pelo regime (Rojas, 1993).

Por último, é importante assinalar que o regime ibañista foi fundamental dentro da história do desenvolvimento de equipamentos esportivos na cidade de Santiago, uma vez que conseguiu formar uma série de instituições que ajudaram a coordenar, projetar e executar obras que, até aquele momento, tinham sido difíceis de levar a cabo. Tais projetos ajudaram na consolidação de um corpo de especialistas que, logo, formariam o campo nacional dos urbanistas. Como analisaremos no quinto capítulo, o postergado projeto do Estádio Nacional se alimentou de vários dos conhecimentos e experiências adquiridos na década de 1920, bem como de diferentes controvérsias em relação à localização do complexo poliesportivo, que enfrentou governos locais, ministros, congressistas, proprietários de lotes, arquitetos e urbanistas, pedagogos e esportistas. A década de 1930 será o momento de discutir projetos de uma escala e complexidade maior, com discursos arquitetônicos e urbanísticos diferentes, com pressões do mercado imobiliário *santiaguino* distintas, mas ainda com os mesmos discursos de aprimoramento racial e de salvação da pátria como parte do ambiente.

4. TRÊS ESTÁDIOS E UMA COPA. O UTOPISMO URBANO MONTEVIDEANO DO CENTENÁRIO (1929-1933)

Uma pintura da coleção do Museu Nacional de Artes Visuais (MNAV) de Montevideu serve como o ponto de partida desta história. No ano de 1919, o artista uruguaio Carmelo de Arzadun (1888-1968) representa um jogo de futebol em um bairro aparentemente montevideano. Poderia ser na *Ciudad Vieja* – Cidade Velha –, ou perto da Praia Capurro. O que se vê não é uma quadra oficial de futebol. Poderia ser futebol de várzea, ou talvez um jogo em alguma das praças de esportes que começaram a se espalhar pela cidade naqueles anos. Ou seja, é uma simples “pelada”, jogada por alguns rapazes do possível bairro. Filhos dos trabalhadores do porto, talvez eles mesmos estivadores dos navios. Jogam ao anoitecer, talvez na única tarde livre da semana. Na lateral veem-se umas meninas, ovelhas, roupas penduradas no varal e as fachadas de algumas casas de um andar. Do outro lado da baía o que parece ser uma representação da Fortaleza do Cerro. Esse futebol ao anoitecer, em uma das regiões mais tradicionais da cidade, constrói uma paisagem da vida social da época. Essa pintura é reconhecida, dentro do museu, como parte do imaginário da vida urbana daqueles anos em Montevideu.

É quase indiscutível que o futebol era uma paixão nacional no Uruguai durante a década de 1920. O campeonato nacional foi fundado em 1900, sendo um dos mais antigos do mundo. Dezenas de clubes participavam dos torneios da Associação Uruguaia de Futebol (AUF), sendo que a maioria deles existem até hoje, e a seleção nacional, a celeste – e, de agora em diante, utilizaremos seu mais conhecido apelido para nos referirmos a ela – participava dos Campeonatos Sul-Americanos desde a sua fundação, em 1916. A celeste venceu três das primeiras quatro edições da competição: em Buenos Aires (1916), em Montevideu (1917) e em Viña del Mar (1920). Além disso, em 1905, foi criada a Taça Lipton, uma partida anual entre Argentina e Uruguai disputada quase sem exceções, entre sua primeira edição e 1929, estabelecendo, desde bem cedo o *Clássico do Río de la Plata*, uma das mais áspers rivalidades do futebol mundial.

Ademais, vários campos de futebol foram construídos na capital nesse mesmo período, tais como o estádio de Las Acacias (Club Atlético Peñarol, 1916) e o Parque Nelson (Rampla Juniors, 1923), que se somavam aos já existentes Gran Parque Central (Club Nacional, 1900) e o estádio Belvedere (Montevideo Wanderers,

Imagem 4.1. “Partido de fútbol”, obra de Carmelo de Arzadun, c.1919. Hoje na coleção permanente do Museo Nacional de Artes Visuales, Montevideu.

1909). Rapidamente a imprensa incorporou o esporte às suas páginas, ajudando a transformar o futebol em um espetáculo importante dentro de cada final de semana montevideano. Uma fotografia da multidão lotando a Avenida 18 de Julio, logo após a vitória da seleção uruguaia no Campeonato Sul-Americano de 1920, disputado no Chile, demonstra a relevância pública do futebol e sua popularidade entre os montevideanos. Crianças e homens – aparentemente só duas mulheres aparecem na imagem – acompanham a chegada dos jogadores uruguaio; bandeiras dos clubes mais populares do país, Nacional e Peñarol, rivalizam com as bandeiras uruguaia, enquanto duas faixas sobressaem: “a educação física é a religião do país” e “valor e glória aos campeões sul-americanos”.

O que levou um pequeno país da América do Sul, com menos de um milhão de habitantes, a ser a sede da Primeira Copa do Mundo de Futebol, organizada pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), em Montevideu, em 1930? Poder-se-ia dizer que houve um processo ascendente de interesses comuns na organização desse evento – ora esportivos, ora políticos e sociais – que conseguiram justapor o Centenário da República uruguaia à Copa do Mundo. Um dos primeiros e mais comentados elementos que teriam sido decisivos na escolha do diminuto país da América do Sul no Congresso da FIFA de 1929, em Barcelona, foram os triunfos da seleção olímpica de futebol nos Jogos de Paris, em 1924, e em Amsterdã, em 1928. Para parte da imprensa uruguaia da época, a notícia da eleição do Uruguai teria sido um reconhecimento internacional à força esportiva do time celeste. Ainda que fosse, de fato, uma boa narrativa, os triunfos da celeste, por si mesmos, não conseguem justificar a escolha do país para um evento que tinha nascido como resposta da FIFA aos obstáculos que o Comité Olímpico Internacional (COI) colocava à profissionalização do esporte e uma reação a exclusão do futebol do programa olímpico de Los Angeles 1932 (Giglio: 2014).

Com efeito, para que fosse possível a realização da Copa do Mundo no Uruguai foi essencial que várias forças e processos confluíssem. Em primeiro lugar, era fundamental que o Estado uruguaio se comprometesse com as verbas necessárias para a construção dos complexos esportivos, para a organização da competição e, mesmo, para o pagamento das passagens das seleções estrangeiras para participar da Copa, tal como assinalou o próprio Jules Rimet, presidente da FIFA daquela época. Além disso, era muito importante que o futebol uruguaio tivesse atingido um nível tal de organização que fosse possível falar de uma incipiente indústria esportiva. Embora à primeira vista isso fosse correto, as dificuldades organizativas do evento, assim como a urgência para se ter um novo estádio pronto para a Copa, fizeram desse processo uma complexa relação de agentes públicos e privados com diferentes interesses em relação à realização do torneio internacional, à construção do complexo esportivo e à potencial transformação da região do Parque de los Aliados, hoje Parque Batlle.

Dessa forma, o desenvolvimento do espetáculo futebolístico em Montevideu foi resultado da interação desses agentes – muitas vezes representados pela mesma pessoa –, o que auxiliou na organização de torneios, na compra de lotes, no planejamento e edificação de estádios, ginásios e centros de treinamento. Nesse sentido, a história da realização da Copa do Mundo e da expansão da indústria do espetáculo esportivo em Montevideu é, também, a história do incentivo do Estado uruguaio à construção de equipamentos esportivos.

Todas essas explicações são válidas e precisam serem discutidas. No entanto, é importante analisar também algumas situações que estavam acontecendo na época, quase como um pano de fundo do desenvolvimento da Copa e da construção do maior estádio da América do Sul em Montevideu. Nessa medida, é necessário compreender o processo de acelerada modernização urbana pelo qual passava a capital uruguaia, expresso em grandes obras de transformação da cidade. Algumas obras faziam parte dos projetos comemorativos do Centenário da República, enquanto outras eram investimentos privados em novas áreas de interesse para os agentes imobiliários, especialmente na beira do Rio de la Plata, região de grande importância para a indústria turística.

Imagem 4.2. Comemoração na Avenida 18 de Julho do triunfo da seleção de futebol uruguaia, campeã do Campeonato Sul-Americano de Santiago. Montevideu, 1920.

Tal como assinalam Mazzini e Méndez (2011), o período de 1929 a 1933 foi um momento particular da história uruguaia, no qual o Uruguai ficou de “costas para o precipício”. Antes da grande crise mundial de 1929, a década de 1920 se caracterizou pelo entusiasmo e otimismo que as comemorações do Centenário da República produziram entre agentes públicos e privados. Os grandes investimentos do Estado visavam consolidar uma transformação física radical na cidade de Montevideu. Não por acaso, uma crônica do magazine *Mundo Uruguayo* refletia, logo após a vitória na Copa, sobre a tranquilidade que predominava no Uruguai. Em comparação direta com as crises políticas desencadeadas na Argentina, Bolívia e Peru, em 1930¹ – e que acabaram com as destituições dos governantes Siles, Leguía e Irigoyen, respectivamente –, os uruguaios viviam, até esse momento, “tranquilos, alegres e confiantes, com a Copa em casa”, sem a ameaça de “motins, tumultos nem revoluções”, concluindo que o futebol estava “salvando o Uruguai da explosão”². Ainda que seja um exagero incomprovado, essas palavras contêm uma grande verdade: a Copa teve uma dimensão política para além das planejadas ou esperadas pelo comitê organizador e pelas autoridades do futebol uruguaio. A realização do torneio em solo uruguaio era também uma prova da modernidade montevidense, bem como da capacidade econômica uruguaia para sediar um evento mundial e incorporar a construção do estádio dentro de um plano maior de investimentos urbanos.

Ainda que o *batllismo* (1903-1933) tenha sido um processo político de longa duração e com diferentes matizes e enfoques durante suas três décadas no poder, existiram alguns elementos que estruturaram seu projeto, como a expansão da educação e da saúde pública desde o começo do século XX, assim como a ampliação dos direitos sociais e políticos da população, como o direito a greve dos trabalhadores, a redução da jornada de trabalho para oito horas diárias e a criação de um sistema de aposentadoria, além de direitos civis como uma lei de divórcio (Espeche, 2016). Tal como analisa Bértola (2000), existiu um processo de rápido crescimento econômico desde início do século XX até 1913, baseado no setor pecuário, que no início da segunda década do século, incorporou a indústria frigorífica aos seus processos. Esse período coincide com o maior fluxo imigratório do século XX³, o que desafia o governo a constituir um modelo de cidadania próprio e que incorporasse os milhares de novos habitantes no país. Quando a crise econômica global da Primeira Guerra Mundial atinge o Uruguai, a queda do PIB era inevitável. O mesmo setor pecuário, assim como a agricultura, as manufaturas e o

¹ Pode-se adicionar nessa lista a Revolução de 1930 no Brasil, que depôs o Presidente Washington Luís e impediu a posse do Presidente eleito, o paulista Júlio Prestes. Esse fato acabaria marcando o fim da República Velha e da chamada política do “café-com-leite”.

² “Nos está salvando el fútbol”. *Mundo Uruguayo*, 610, 18 de Setembro de 1930.

³ Segundo Tajam e Yaffé (2007), a população no Uruguai aumentou quase 70% entre 1908 e 1930, quando passou de pouco menos de um milhão de habitantes para um milhão e setecentos mil.

setor imobiliário sofreram os efeitos da crise – ainda que o setor exportador tenha tido um bom desempenho (Tejam e Yaffé, 2007). Os níveis do período pré-guerra só seriam recuperados na primeira metade de década de 1920, quando as exportações continuaram crescendo e a demanda interna, impulsionada pelo aumento da população e dos salários reais, alimentou a expansão do setor industrial urbano.

José María Batlle y Ordóñez, principal político uruguaio da primeira metade do século XX e ideólogo da transformação da sociedade uruguaia, foi um “caudilho civilizatório”, para utilizar o termo de Ángel Rama (1996). Foi ele quem dirigiu a formação, ascensão e consolidação das classes médias através de um modelo liberal de formação de capital cultural escolarizado e de consolidação de uma “cosmovisão democrática”, propostas aplicadas simultaneamente às políticas de impulso da economia nacional e integração social por meio do reconhecimento legal da cidadania da população imigrante já residente no país. De certa forma, esse projeto era estimulado por alguns setores da imprensa, como o jornal *El Día*, fundado pelo próprio Batlle em 1886, a partir do qual era reproduzida a ideia do Uruguai como “um país aberto, democrático e onde o progresso é uma realidade” (Mazzini e Méndez, 2011: 77).

Desse modo, a organização da Copa era também um desejo de cosmopolitismo e reconhecimento internacional do governo do Partido Colorado para seu projeto. Não por acaso, em 1918, o governo de Feliciano Viera fez uma solicitação ao Barão Pierre de Coubertin para realizar os Jogos Olímpicos de 1920 em Montevideú⁴. Em um país onde, como afirma Caetano (2011), a opinião dos estrangeiros e viajantes era sempre ouvida e levada em consideração, ainda mais se era pronunciada por ilustres visitantes, a Copa era uma chance única para salientar a ideia do Uruguai como um país de vanguarda. Em Montevideú – a cidade que, em 1929, recebeu visitas tão diversas como a da cantora e dançarina Josephine Baker, do artista David Alfaro Siqueiros⁵, dos arquitetos Le Corbusier e Eugene Steinhof⁶ (Nudelman, 2015; Alemán, 2015), assim como a chegada da anarquista italiana Luce Fabbri⁷ – existia um certo anseio de *internacionalismo*, desejos por ultrapassar o provincianismo e fazer da cidade uma metrópole moderna e inserida no circuito cultural internacional, transformando-a na “*cosmópolis*” que as vanguardas literárias locais da época desejavam veementemente (re)produzir (Myers, 2016).

Nesse cenário, não pode ser omitida a importância que o futebol tinha dentro da constituição da vida cultural montevidense e de sua projeção internacional. Naqueles anos, o futebol já era uma das principais expressões da cultura popular da cidade, junto com as *murgas* de carnaval e o tango, popular em ambas margens do Rio de la Plata⁸. São várias as situações que levam a crer que o futebol foi se constituindo, rapidamente, como um elemento central no tempo livre dos montevidenses, muitos deles recém-chegados ao país. Enquanto milhares de pessoas lotavam as arquibancadas do Gran Parque Central para mais um jogo entre Uruguai e Argentina em 1920, dentro do governo do Partido Colorado, discutia-se o projeto de dupla cidadania para os residentes no Uruguai nascidos fora do país (Caetano, 2011: 101).

4 “Juegos Olímpicos”. *Uruguay Sport. Archivos de la Comisión Nacional de Educación Física*, 2, de Fevereiro de 1918.

5 Em Maio de 1929, Alfaro Siqueiros participa como delegado mexicano no Congresso Sindical Latino-Americano. Para mais detalhes cf.: Azuela de la Cueva (2008).

6 “Ciclo de conferencias del Prof. Steinhof”. *Arquitectura (SAU)*, 142, Setembro/1929, p. 169.

7 Em uma entrevista de 1988 Luce Fabbri descreve assim sua chegada à cosmopolita Montevideú: “Você não sabe o que era chegar ao Uruguai naquele momento. Aqui era possível chegar, desembarcar, ninguém perguntava nada, as pessoas eram acolhedoras, cordiais. Além de tudo isso, existia um espírito de abertura incrível para o mundo. Uma total ausência desse nacionalismo fechado, miserável, que era a nota comum e dominante em todo lugar, inclusive na Argentina” (Rago, 1997: 289-290).

8 São várias as situações em que os mundos do futebol e do tango interagiram. Talvez um dos episódios mais conhecidos seja o do dia 11 de Junho de 1930, quando Carlos Gardel cantou na concentração da seleção argentina em Montevideú. Ele teria repetido a visita à concentração argentina no dia 28 de Julho, e no dia seguinte teria feito uma apresentação na concentração uruguaia. A história, repetida pela imprensa sul-americana, assinala que, devido a sua paixão dividida pelos dois países, Gardel teria decidido não assistir à final da Copa no estádio Centenário.

Imagem 4.3. Arquibancadas lotadas do estádio Gran Parque Central, em ocasião da partida entre as seleções de Uruguai e Argentina. Montevideu, 1920.

Em um país onde era comum que o passado estivesse ancorado fora das fronteiras nacionais, era necessário, portanto, produzir novas narrativas que pudessem criar um senso coletivo. Foi assim que os triunfos da *celeste* foram rapidamente consagrados como elementos constitutivos da identidade coletiva, ora na imprensa da época, ora na cultura popular, como em algumas músicas de carnaval⁹. Tal como analisa Frau (2007), o futebol se transformou em um elemento fundacional da nova identidade uruguaia, órfã de heróis que fossem reconhecidos pela população nascida em outros lugares do mundo, assim como pelos que eram recém escolarizados no Uruguai. Para imigrantes, *mestizos* e negros marginalizados, o futebol foi, primeiro, uma prática recreativa e, depois, um sedutor entretenimento. Quando os triunfos internacionais dos anos 1920 chegaram, o futebol foi motivo de orgulho e de identidade compartilhada. Afinal, aqueles times eram formados, justamente, por imigrantes, *mestizos* e negros que, de certa forma, ajudaram a forjar uma heroicidade contemporânea, laica e popular (Morales, 1969)¹⁰.

De fato, o sucesso do futebol uruguaio era o resultado das políticas de impulso à prática esportiva, mas também da consolidação de um modelo econômico e social que produzia prosperidade e progresso aos seus cidadãos, ou pelo menos para as classes médias urbanas montevidéanas – o que era um foco de constante tensão política com o Partido Blanco, representante das forças conservadoras, católicas, agrárias e do interior do país. A concentração do progresso na capital uruguaia era um foco de conflito constante entre ambas forças políticas, pois as forças conservadoras entendiam o projeto *colorado* como impulso ao avanço de Montevideu em detrimento da modernização do setor agrário. Os efeitos da Grande Depressão de 1929 chegariam com certo descompasso ao Uruguai, atingindo as finanças públicas e privadas a partir de 1931, e levando o país a uma crise institucional que terminaria com a dissolução do Congresso e o início da ditadura de Gabriel Terra, em março de 1933.

⁹ Frau (2007) resgata a música de uma *murga* do Carnaval de 1927: “Uruguayos campeones / de América y el mundo / esforzados atletas / que acaban de triunfar / los clarines que dieron / las dianas en Coombes / más allá de los Andes / volvieron a sonar. / Invictos en Europa / del mundo son campeones / de América lo son / lo mismo que en Colombes / en campos de Ñuñoa / pasearon victoriosos / el patrio pabellón”. As menções para Colombes e Ñuñoa fazem referências aos títulos do futebol olímpico em Paris, em 1924, e do campeonato sul-americano de Santiago, em 1926.

¹⁰ Talvez quem melhor represente o caráter popular e a miscigenação racial no futebol uruguaio tenha sido José Leandro Andrade, uma das estrelas dos triunfos olímpicos e um dos primeiros craques negros do futebol mundial. Conhecido nos Jogos Olímpicos de Paris-1924 como *la Merveille Noire*, sua vida foi lendária dentro e fora do campo: boêmio, dândi, envolvido em *affairs* com Sidonie Colette e Josephine Baker, sífilítico e considerado por alguns como traidor da comunidade negra uruguaia. Sua figura foi relevante dentro da história do futebol uruguaio e das vanguardas artísticas e culturais europeias dos anos vinte interessadas – até o ponto, às vezes, de transformá-lo em fetiche – no valor simbólico da África e dos negros. Para mais informação, cf.: Chagas (2003) e Neves (2018).

Se a equipe de futebol de um pequeno país como o Uruguai tinha conseguido vencer nos campeonatos olímpicos e sul-americanos e se transformar em um orgulho nacional, por que esse mesmo país não poderia organizar a Primeira Copa do Mundo de futebol? Quando Rama (1996) analisa as culturas urbanas latino-americanas das primeiras décadas do século XX, ele afirma que a conjuntura nacionalista exacerbou a valorização da cultura popular como parte de uma cultura nacional que era reconhecida e articulada como própria pelos cidadãos. Se o tango adquiriu relevância em Buenos Aires e Montevideú, assim como os *corridos* na Cidade do México, por que o futebol não faria parte dessa mesma tendência? Foram vários os agentes, como políticos, empresários, dirigentes e torcedores que, por diversos motivos, acreditavam no poder do futebol como expressão de uma nova identidade nacional, moderna e urbana.

Nas páginas seguintes tentaremos analisar esse processo, somando a ele uma variável até agora pouco discutida, mas que é fundamental para compreender tanto a relevância do futebol dentro da vida social montevidéana, quanto as relações entre o poder público e os clubes esportivos. Ora, durante todo o debate sobre a construção do estádio da Copa, os dois principais clubes de futebol do país também desenvolviam seus próprios projetos de estádios. Nessa medida, qual seria a necessidade de se ter três estádios com capacidade para receber cerca de 80 mil espectadores cada um, dentro de uma cidade de pouco mais de 500 mil habitantes? Como foi possível que o governo municipal de Montevideú patrocinasse concursos públicos, entregasse lotes em comodato e, até mesmo, se compromettesse com essas obras?

Para explicar esses processos, analisaremos o que esses projetos significavam para representantes dos clubes, agentes do Estado e operadores imobiliários da cidade. Como hipótese, analisaremos a relação entre as propostas dos complexos esportivos do Peñarol e do Nacional com dois grandes projetos urbanísticos que estavam em pleno processo de desenvolvimento: a consolidação de um sistema de ramblas litorâneas e parques, e um novo plano diretor da cidade, proposto em 1930, mesmo ano da Copa, pela equipe liderada por Mauricio Cravotto. Poder-se-ia dizer que, nos dois casos, os estádios foram entendidos como elementos chave no território, pois ajudariam a fortalecer os planos de consolidação da beira do rio como lugar de lazer – no caso do estádio do Peñarol, localizado ao lado da Praia Ramírez e do Parque Rodó –, impulsionar a nova centralidade metropolitana e o processo de redistribuição das funções urbanas – no caso do estádio do Nacional, mas também do estádio Centenário – que tentava transferir a primazia histórica de usos e funções da Cidade Velha e da área portuária da cidade para o chamado “centro geométrico da cidade” ou “barocentro”.

Montevideú (e, por consequência, o Uruguai) em transformação

Ora, às vezes, parece que qualquer história do século XX uruguaio não tem como ser contada sem que se volte para o *batllismo* e o seu projeto reformista – iniciado em 1904, quando as forças governistas frearam a insurreição das forças conservadoras rurais. Isso não é um acaso, mas uma afirmação da indiscutível força que esse projeto político teve na definição da organização da sociedade uruguaia durante, pelo menos, três décadas, assim como sobre a cultura urbana e a configuração espacial montevidéana durante boa parte do século XX. De fato, são inegáveis as relações econômicas, mas também simbólicas, que o *batllismo* tinha com a cidade de Montevideú. A cidade era o espaço privilegiado de legitimação das reformas liberais e da construção de uma sociedade de princípios igualitaristas e cosmopolitas. Contudo, como alguns autores têm criticado, esse era, ao mesmo tempo, um espaço com uma forte inclinação à associação e definição das características da sociedade uruguaia à branquitude e ao europeísmo, sintetizado

no mito da excepcionalidade do Uruguai e na imagem do país como a “Suíça da América” (Caetano, 2011; Hentschke, 2012; Espeche, 2016). O próprio Gerardo Caetano assinala:

A matriz colorada – modernizada pelas inovações do *batllismo* novecentista – referia-se a uma visão cosmopolita da nação, relacionando sua definição à adesão aos valores “universais” – entenda-se como os norte-ocidentais – e à uma perspectiva progressista, onde a ação do Estado reformista devia quebrar as resistências do passado e as amarras tradicionais ainda presentes na sociedade, especialmente no meio rural (Caetano, 2011).

De alguma forma, esse processo proposto e levado à cabo pelo *batllismo* confiava que o desenvolvimento da prática urbanística propiciaria bem-estar para todos os uruguaios. Segundo Mazzini e Méndez (2011), o período entre 1907 e 1930 se caracterizou pela estratégia ativa de boa parte dos arquitetos do país de defesa da qualidade urbana, que foi efetivada por meio de diversas assessorias ao poder público, assim como mediante a incorporação desses profissionais aos corpos técnicos estatais, como foi o caso de Juan A. Scasso. Ele foi um dos estudantes da primeira turma da Faculdade de Arquitetura da Universidad de la República, que logo após se formar foi contratado para dirigir o Departamento de Passeios Públicos municipal, encarregado do planejamento e edificação de espaços de lazer da cidade, como parques e passeios litorâneos. A arquitetura e urbanismo foram, então, ferramentas de intervenção social, exercidas pelos arquitetos que, a partir da administração pública, projetavam as formas e relações do novo mundo que estava sendo construído (Craciun et al., 2014). Não por acaso, em suas crônicas da viagem pela América Latina em 1941, o urbanista Francis Violich (1944: 120) descreve o sistema de parques montevidéano como o maior e mais avançado de todo o continente, equiparando as capacidades de Scasso com os méritos de Robert Moses no comando do Departamento de Parques e Lazer de Nova York.

Durante a década de 1920, a cidade de Montevidéu passou por um grande processo de transformação física, impulsionada pelo fortalecimento da economia uruguaia, assim como pelos anseios de renovação e modernização da cidade por parte de agentes públicos e privados. Tal como assinala Articardi (2016: 23), as décadas do *batllismo* instituíram uma política anticíclica de investimento em obras públicas, como resposta às crises econômicas de origem interna ou internacional. Às vezes tomando a iniciativa, em outras seguindo os investimentos imobiliários privados, o Estado tentou projetar e conduzir o desenvolvimento da estrutura urbana montevideana durante essas primeiras décadas do século XX. Desse modo, o Estado buscou fazer isso primeiro através da consolidação da região *mediterrânea* montevideana, especificamente em alguns bairros como Centro, Cordón, Aguada ou Prado – esses dois últimos já eram o local das *casas-quinta* das elites desde as últimas décadas do século XIX e o lugar de passeio da nova burguesia comercial urbana –, e, logo depois, mediante investimentos litorâneos nas *ramblas* e na urbanização da costa.

Esse segundo movimento, ligado intimamente aos esforços de transformação de Montevidéu em uma cidade-balneário, assim como de estímulo à indústria turística (Da Cunha et al., 2012), foi primeiramente impulsionado pelas residências de verão das classes altas e, posteriormente, pela consolidação dos bairros de Pocitos e Carrasco, e pela fixação definitiva dessa população neles (Scheps, 2008: 138). Os lotes do bairro de Carrasco, seguindo a estrutura de bairro-jardim, foram colocados à venda em 1912. No entanto, apenas em 1916 será inaugurado um trecho da Rambla entre os bairros de Pocitos e Punta Carretas, anunciando a rede viária que estruturará a Montevidéu litorânea, e que será desenvolvida com toda força na década seguinte, a partir do projeto Rambla Sur. Como descreveu Vidart (1969), esse deslocamento das elites montevidéanas é sintomático das transformações sociais que o país experimentava nos anos do *batllismo*. Se os bairros de Prado e Miguelete abrigavam os casarões da aristocracia tradicional¹¹, os novos ricos da

¹¹ O padrão residencial das elites sofreu alterações, mas vários dos principais empresários da cidade decidiram permanecer na região do Prado, tal como o engenheiro Raúl Costemalle, proprietário da

Imagem 4.4. Praça de Esportes número 3, Parque Rodó, Montevideu, 1916.

Imagem 4.5. Praça de Jogos Infantis, Villa del Cerro, Montevideu, 1925.

cidade decidiram se afastar desse padrão residencial e escolheram a beira do Rio de la Plata como seu lar. A expansão física da cidade, acompanhada pela expansão transviária e automobilística, foi expressiva desses desejos por experiências residenciais diferentes por parte das novas elites montevideanas.

Enquanto o mercado promoveu a suburbanização litorânea – com apoio municipal através de estímulos financeiros de diversos tipos –, o poder público investiu, desde 1910, em um sistema de áreas verdes e parques, assim como de espaços para a prática esportiva, complementando o já existente Parque Prado, o único disponível na cidade desde 1873 (Myers, 2016). É nesse processo que são construídos o Parque Urbano – denominado Parque Rodó após a morte do autor de *Ariel* –, e o Parque Central – logo chamado Parque de los Aliados e Parque Batlle. Esse processo também incluiu a consolidação de uma generosa rede de praças de esportes, infantis e públicas, espalhadas por diferentes bairros da cidade, criadas a partir de 1913, com a instauração de uma política de construção desse tipo de equipamentos, quando foi inaugurada a Plaza de Esportes número 1, localizada na Cidade Velha (Etchandy, 2011)

Com efeito, o litoral suburbano não era a única zona da cidade que crescia durante as primeiras décadas do século XX. A industrialização da economia montevidéana, especialmente com a indústria frigorífica, fez que aparecessem alguns bairros

empreiteira Costemalle, uma das construtoras envolvidas no projeto do estádio Centenário. Sua nova residência foi projetada pelo arquiteto Julio Vilamajó na recém alongada avenida Agraciada em 1929. “Residencia del Sr. Ing. Raúl Costemalle”. *Arquitectura (SAU)*, 146, Janeiro de 1930, pp. 6-10.

operários, como, por exemplo, a Villa del Cerro, localizada do outro lado da baía. Formado, majoritariamente, por imigrantes – eslavos, espanhóis, libaneses, armênios, judeus, entre outros –, o bairro se transformou no símbolo do caráter internacional que a cidade ia adquirindo, assim como uma expressão do crescimento populacional montevidense¹². O cosmopolitismo montevidense estava, portanto, espalhado pelos diferentes cantos da cidade, em bairros como Lavalleja, Reus ou Aires Puros, entre outros.

Além do crescimento em extensão, Montevidéu também passou por um processo de verticalização da sua região central, especialmente na Avenida 18 de Julio, principal *boulevard* e via de acesso para a península da Cidade Velha. Durante a década de 1920, começaram a ser construídos os primeiros arranha-céus na capital uruguaia, sendo o Palácio Salvo o mais famoso deles. Projeto encomendado pelos irmãos Ángel, José e Lorenzo Salvo – empresários da indústria têxtil – ao seu compatriota italiano Mário Palanti, o edifício era um exemplo da renovação arquitetônica da cidade, que misturava dentro de si novas tecnologias (concreto armado), inovação tipológica (arranha-céus de múltiplos usos em suas diferentes plantas) e linguagem eclética¹³ (Alonso et al., 2010). Inaugurado em 1928, após cinco anos de obras, o edifício era uma novidade em termos programáticos, pois seus 31 andares concentrariam um hotel, apartamentos privados, clubes de baile, restaurantes, um teatro e lojas comerciais. Tal originalidade dava conta também da diversidade de experiências de consumo que a cidade abrigava, o que aparece no livro “Palacio Salvo”, escrito em 1927 pelo jovem escritor montevidense Juvenal Ortiz Saralegui. Maravilhado pela modernização da cidade, o poeta representa por meio de versos a nova velocidade motorizada das principais avenidas, as cores e luzes dos anúncios de publicidade, os novos e grandes edifícios, a vida noturna e boêmia do centro, e até o futebol que enche de atividade cada domingo. O poema que dá nome ao livro transmite o compêndio de experiências sensoriais que representava o novo arranha-céu, mesmo que ele não tivesse sido inaugurado ainda. Qual uma antena, o Palácio Salvo transmitia a modernidade para todos os cantos da metrópole-em-processo:

Imagem 4.6. Capa de “Palacio Salvo”, poemário de Juvenal Ortiz Saralegui, 1927.

Radiotelefonía de un anuncio luminoso.
Os olhos escutam cores;
están atentos
os radiouvintes dos horizontes.
Super SUPER... Suuuuper...
Transmite o PALACIO SALVO:
é o tango do anúncio
de uma orquestra
de 5 músicos verdes.
Super...
Arranha uma descarga.
- Oi, oi, alô alô...
Transmite PALACIO SALVO
- Ficam alerta
ficam alerta
os radiouvintes dos horizontes.¹⁴
(Palacio Salvo, 1927).

¹² Segundo Vidart (1969), o Departamento de Montevidéu tinha 288.500 habitantes em 1905; em 1933, sua população aumentou para 666.300 residentes.

¹³ Palanti tinha projetado também o Palácio Barolo em Buenos Aires, inaugurado em 1923. Liernur (2001) afirma que em sua megalomania o arquiteto italiano imaginou o Barolo e o Salvo como as “colunas de Hércules” sobre o Rio de la Plata.

¹⁴ “Radiotelefonía de un letrero luminoso / Los ojos oyen colores; / están alerta / los radio-escuchas de los horizontes. / Super SUPER... Suuuuper... / Transite PALACIO SALVO: / es el tango del anuncio / de una orquesta / de 5 músicos verdes. / Super... / Araña una descarga. / - Hola, hola, holahola... / Transmite PALACIO SALVO! / - Están alerta / están alerta / los radio-escuchas de los horizontes!”. Agradeço aos funcionários do Instituto de Estudos Brasileiros (IEB-USP) pelo empréstimo da cópia pessoal de Mário de Andrade, enviada pelo próprio Ortiz Saralegui em abril de 1928.

Imagem 4.7. Construção do Palácio Salvo no anúncio publicitário da Companhia Uruguaia de Cimento Portland, 1930.

Imagem 4.8. Cartão postal do Palácio Salvo e da Praça Independência, Cidade Velha, Montevideu, c.1930.

O fetichismo da novidade, tal como assinala Rocca (2005), está presente em várias das representações feitas sobre a vida urbana montevidense naqueles anos. Oscilando entre os impulsos futuristas de alguns e as visões dos que achavam na celebração do Palácio Salvo uma exaltação ao empreendedorismo capitalista, a dinamização da construção em Montevideu era vista com orgulho ou receio, segundo o posicionamento ideológico de quem fazia a crítica.

O Palácio Salvo não era a única edificação de grandes proporções que era construída naqueles dias no centro montevidense. Uma série de projetos residenciais e comerciais – alguns deles com outros programas no andar térreo, como teatros, lojas de departamentos e cinemas – eram cada vez mais comuns na Cidade Velha e na Avenida 18 de Julio. Dessa forma, são publicadas resenhas sobre os chamados “edificios de renta”, que acompanham os anúncios dos elevadores Otis e dos sistemas de aquecimento e ventilação oferecidos pela companhia Eugenio Barth & Cia. Os edifícios comerciais Centenário, da Cidade Velha, inaugurados em 1930, assim como o neoclássico Palácio Chiarino (de 1928), e os art-decô dos Palácio Díaz (de 1929) e do Lápido (projetado em 1929, inaugurado em 1933) são alguns dos exemplos mais expressivos dessa tendência.

Por sua vez, o Estado uruguaio foi tão ativo como o mercado imobiliário privado no desenvolvimento de obras públicas. Montevideu era o centro da política *batllista* e da modernização da sociedade uruguaia, o que repercutiu no que as autoridades ansiavam para a capital do país. Como afirma Caetano (2012), a nova Montevideu deveria expressar o processo integrador que os sucessivos governos colorados tentavam promover. Não é por acaso que durante toda a década de 1920 foram projetados e construídos novos hospitais, hotéis, ministérios, bancos, faculdades e escolas, além do alongamento de importantes avenidas, como a Avenida Agraciada, e a edificação de uma série de monumentos, que incluíram a grande estátua de Artigas da Praça Independência (1923). Foi nesse período que o Estado uruguaio, fosse por meio do Conselho de Administração nacional ou da Intendência de Montevideu, organizou a construção – ou pelo menos a imaginou, através de projetos e concursos – de edifícios importantes e tão diferentes entre si como, por exemplo, o Palácio Legislativo (inaugurado em 1925) e o Palácio Municipal (o segundo concurso é realizado entre julho de 1929 e dezembro de 1930), o Ministério de Obras Públicas, as sedes do Banco da República e do Banco de Seguros do Estado, o Hospital das Clínicas¹⁵, o programa de Parques Escolares e

¹⁵ O concurso de projetos para o Hospital das Clínicas foi realizado em 1929, resultando vencedora a

Escolas Experimentais (Craciun et al., 2014), e a Piscina de Trouville¹⁶. Ou seja, o poder público atuava em diferentes frentes e de uma forma em que a edificação era tomada como central para a estruturação das instituições e da provisão de serviços sociais.

Foi nesse contexto que a AUF deveria conduzir a construção de um grande coliseu para a Copa do Mundo. A tarefa não era simples: construir em menos de um ano um grande complexo esportivo que serviria de sede do maior evento esportivo internacional até esse momento desenvolvido em Montevideu. Em pouco mais de doze meses todos os agentes envolvidos na organização do torneio deveriam escolher a localização para o estádio, licitar a construção das obras e executar sua edificação. Aliás, deveriam também organizar uma dezena de outros assuntos, como convencer as seleções estrangeiras a participarem da Copa, assegurar seu traslado e hospedagem, criar um sistema de venda de abonos e ingressos para o público, estabelecer um sistema de rádio-transmissão dos jogos, etc. Um desafio enorme e que deveria ser cumprido em menos de um ano.

Um prazo impossível, um desafio aceito

A escolha do Uruguai como sede da primeira Copa do Mundo exigiu dos organizadores locais várias e rápidas decisões acerca dos locais dos jogos, da organização do torneio e da recepção das delegações estrangeiras. Em maio de 1928, durante o Congresso da FIFA em Barcelona, organizado alguns dias antes da inauguração da Exposição Internacional, a candidatura uruguaia venceu os desejos das federações da Itália e da Espanha, além das candidaturas da Holanda, Hungria e da Suécia, também interessadas em organizar o primeiro torneio mundial¹⁷. Para que isso acontecesse, nos dias anteriores à eleição foi discutido o financiamento da Copa no interior do Congresso uruguaio. Em uma tramitação célere, a Câmara e o Senado aprovaram o projeto de lei encaminhado pelo governo, assegurando verbas para a organização do torneio (300 mil pesos uruguaio) e para a construção do estádio (200 mil)¹⁸. Os deputados e integrantes da Comissão de Instrução Pública da Câmara, José Otamendi e José M. Penco, defenderam o financiamento da Copa, argumentando que o futebol tinha méritos suficientes para receber dinheiro público por ser uma das atividades mais populares, transversais e democráticas da sociedade uruguaia¹⁹. Tal apoio orçamentário deu esperança aos representantes uruguaio em Barcelona, Enrique Buero e Héctor Rivadavia Gómez, que almejavam conseguir sediar o evento baseando-se em três questões fundamentais: o poderoso nível do futebol uruguaio, demonstrado nos triunfos olímpicos nas cidades europeias de Paris e Amsterdã; a necessidade de impulsionar a capacidade organizativa do futebol sul-americano para além do que acontecia dentro dos campos; e a possibilidade de comemorar o centenário de uma jovem e moderna República através de um grande espetáculo internacional²⁰. Além disso, os representantes asseguraram ao comitê da FIFA que a primeira prioridade dos organizadores da Copa seria a construção de um grande e moderno estádio, com capacidade para 100 mil espectadores. Também se comprometiam a cobrir as despesas das viagens das delegações estrangeiras, assim como sua hospedagem, além de pagar

proposta de Carlos Surraco. O complexo hospitalar só seria inaugurado em Setembro de 1953.

¹⁶ A piscina de Trouville fazia parte das obras da orla fluvial do bairro de Pocitos. Uma versão do projeto foi publicada na imprensa especializada em 1930. Porém um projeto diferente da piscina original foi inaugurado no verão de 1934. Para mais informações, cf.: “Estudio de embellecimiento de la Punta Trouville en Pocitos”. *Arquitectura (SAU)*, 151, Junho/1930, pp. 172-173. “La fiesta inaugural de la pileta de Trouville evidenció los grandes beneficios que esta representa”. *Rush, revista del deporte uruguayo*, 34, 24 de Fevereiro de 1934, pp. 8-9.

¹⁷ “Nunca más seguro que hoy que la realización del Campeonato del Mundo en Montevideo”. *El País*, 10 de Maio de 1929, p. 13.

¹⁸ “La Cámara votó 300.000 pesos para el Campeonato Mundial de Football”. *El País*, 11 de Maio de 1929, p. 8. “Por unanimidad el Senado votó ayer el proyecto sobre el Campeonato Mundial”. *El País*, 16 de Maio de 1929, p. 9.

¹⁹ “Vamos ganando todas las posiciones para que Montevideo sea la sede del Campeonato”. *El País*, 11 de Maio de 1929, p. 10.

²⁰ “La palabra del ‘leader’ del Campeonato del Mundo”. *El País*, 15 de Maio de 1929, p. 9.

o equivalente aos salários perdidos pelos jogadores amadores que deixariam seus empregos por alguns meses para participar da Copa.

Enrique Buero, diplomata de profissão, não era um total desconhecido nos emergentes círculos do poder da FIFA. Embaixador nos Países Baixos e Bélgica, ele tinha estabelecido uma relação de proximidade com Jules Rimet, presidente da Federação Francesa de Futebol desde 1919 e da FIFA desde 1921. Algumas interpretações da imprensa uruguaia nutrem a teoria de que, em 1925, em um encontro em Bruxelas, Buero e Rimet falaram pela primeira vez sobre a possibilidade da FIFA organizar um torneio mundial de futebol, retirando do COI a exclusividade como organizador dos principais torneios internacionais entre nações. Baseado nas memórias de Rimet, uma reportagem do *El País* afirma que, já nesse primeiro encontro, Rimet descobriu as intenções favoráveis por parte dos uruguaios para planejar uma Copa, se isso fosse solicitado²¹. Uma comissão da FIFA é, então, formada e sucessivas reuniões aconteceram entre 1927 e 1928. Em maio de 1928, dois meses antes do início dos Jogos Olímpicos de Amsterdã, o Congresso da FIFA decidiu realizar um primeiro torneio mundial, aberto a jogadores amadores e profissionais, que seria sediado por alguma das associações afiliadas à Federação. Um encontro posterior, também em 1928, mas dessa vez em Zurique, definiu o regulamento do campeonato, bem como sua data (15 de maio a 15 de junho de 1930). Só faltava definir, portanto, a sede da Copa e as seleções envolvidas, questão que seria decidida no congresso catalão. Dessa forma, em fevereiro de 1929, José Ureña Bermudez e Roberto Espil, representantes da diretoria do Club Nacional de Football (CNF), propuseram à Associação Uruguaia de Futebol (AUF) que levassem a proposta de sediar a Copa no Uruguai (Almeida, 2006; Campomar, 2014).

Ainda que houvesse consenso entre os liberais do governo, inclusive entre as correntes internas do *batllismo*, e os conservadores da oposição sobre o patrocínio público para a Copa, isso não era compartilhado por todos os segmentos da sociedade. Uma crônica publicada no periódico *Mundo Uruguayo*, ligado ao conservador partido Blanco, criticava a excessiva figuração da seleção uruguaia e, mesmo, do ridículo de representar os atributos da nação através de um time de futebol:

Eu considero até ridículo que seja utilizado o futebol como o único meio para comemorar luxuosamente o centenário de uma independência pátria. Alguns dirão, e com razão, que aquilo é melhor que nada, tomando em consideração que nem a Rambla Sur nem a nova Avenida Agraciada, nem o Palácio Legislativo, nem os hotéis municipais que ainda aguardam na prancheta dos projetistas, conseguirão ser acabados e inaugurados na data certa em razão do pouco tempo disponível. Apesar disso, acredito que comemorar um centenário pátrio só através do futebol é, como já falei, uma coisa ridícula e até infantil²².

Se o cronista achava absurdo reduzir o patriotismo a um time de futebol que, segundo seu juízo, constituía-se como uma mistura de “corpo diplomático, exército, academia das artes e delegação científica do Uruguai”²³, também na esquerda as críticas eram fortes. Uma editorial do *Justicia*, o jornal do Partido Comunista uruguaio, reprovava a subvenção pública ao esporte burguês enquanto “o desemprego cresce, os salários diminuem e os aparatosos gastos do governo só se incrementam”²⁴. A transferência direta de meio milhão de pesos era vista como um novo descaso das elites com a classe operária e os camponeses do país. Do mesmo modo, também os esportistas comunistas criticaram a falta de apoio à participação uruguaia na *spartakiada*²⁵ do ano anterior, em Moscou (Jalabert, 2017).

²¹ “Historia de los mundiales de fútbol. Edición especial, Fascículo 1”. *El País*, 5 de Julho de 1989, p.12.

²² “El país del fútbol”. *Mundo Uruguayo*, 540, 16 de Maio de 1929.

²³ A ideia da síntese entre nação e seleção de futebol ficou expressa na capa do periódico *Mundo Uruguayo* do dia 13 de Junho de 1929, em que foi comemorado o primeiro aniversário do bicampeonato olímpico por meio de uma sessão fotográfica particular. Nela, o jogador José Nasazzi abraçava duas mulheres cobertas com a bandeira do Uruguai. As mulheres simbolizavam as vitórias de Colombes (Paris-1924) e Amsterdã (1928), enquanto Nasazzi era a representação da seleção.

²⁴ “El Campeonato Mundial de Football”. *Justicia*, 13 de Maio de 1929, p. 1.

²⁵ A *spartakiada* foi um evento poliesportivo internacional, organizado pela União Soviética entre 1928 e 1937. Contando com internacionalistas, operários, anti-nacionalistas e anti-profissionais, o grande evento esportivo do período estalinista foi criado em contraposição ao “olimpismo” aristocrata e

Quais eram, afinal, as verdadeiras intenções dos liberais do governo? Impulsionar o esporte na classe operária ou promover mais uma indústria do espetáculo capitalista?²⁶

Embora a eleição do Uruguai como sede tenha sido quase unânime dentro do Congresso de Barcelona (27 das 32 federações apoiaram a candidatura), a principal missão dos representantes uruguaios era persuadir os times europeus a participarem da Copa, mesmo sabendo que várias daquelas federações não tinham intenção alguma de fazer a viagem transatlântica. Enquanto os países britânicos desistiram antes mesmo do Congresso, por serem contrários a qualquer evento futebolístico que incluísse jogadores profissionais, outras nações, como Itália, Holanda, Áustria ou Checoslováquia, perderam o interesse em participar devido aos altos custos de deslocamento (Risolo, 2010) e de arcar com as despesas dos salários dos jogadores por quase três meses²⁷.

Montevidéu, assim como Buenos Aires, era um dos destinos de alguns clubes europeus que procuravam, ao mesmo tempo, rendas fora do continente e rivais de alto nível. Com certeza esse dado foi significativo para os diretores das associações filiadas à FIFA em Barcelona. Só nesse ano de 1928, a capital uruguaia seria visitada pelo Chelsea, da Inglaterra, pelo campeão húngaro Ferencvaros e pelos times italianos Bologna e Torino, campeão e vice-campeão da temporada anterior, o que evidencia a importância que tinha o futebol uruguaio aos olhos das diretorias dos clubes da Europa. É importante dizer que a circulação intercontinental não era exclusividade dos clubes europeus. Em 1925, o Nacional de Montevidéu fez uma turnê de seis meses pela Europa, disputando 38 jogos. Por sua vez, seu tradicional rival, o Peñarol, ficou três meses viajando por seis países, disputando 19 jogos. Outros clubes uruguaios, hoje de menor popularidade, também fizeram turnês internacionais, tal como o Rampla Juniors, que em 1929 jogou contra prestigiados clubes europeus, tais como Valencia, Benfica, Olympique de Marseille, Atlético de Madrid, Schalke 04 e Ajax de Amsterdã. Com efeito, outros clubes sul-americanos também viajaram pela Europa, o que demonstra a dimensão da relevância que o futebol da região tinha alcançado na Europa. Em 1925, o Boca Juniors se tornou o primeiro clube argentino a fazer uma turnê europeia, visitando Espanha, Alemanha e França²⁸. Dois anos depois, o chileno Colo Colo ficou sete meses no estrangeiro, primeiro em uma viagem pan-americana e, logo depois, visitando Espanha e Portugal. Alguns anos depois, os argentinos Sportivo Barracas (1929), Gimnasia y Esgrima de La Plata (1930) e Vélez Sarsfield (1931) também organizaram suas próprias turnês internacionais.

As viagens internacionais dos times uruguaios, assim como os convites para os clubes europeus visitarem o país, davam conta de certa capacidade administrativa e organizacional que esses clubes tinham alcançado durante a década de 1920. Embora a realidade dos principais clubes montevidéanos fosse radicalmente diferente das condições financeiras dos clubes do interior do país – não por acaso a profissionalização do futebol uruguaio foi fundada na separação do futebol da capital das associações futebolísticas das outras cidades –, o fortalecimento da Associação Uruguaia de Futebol, assim como seu rápido posicionamento dentro da hierarquia da FIFA, colaborou para a obtenção da sede.

Durante o congresso de Barcelona os representantes uruguaios conseguiram alterar as datas de realização da Copa, adiando o início do evento para um mês após a data original. Ora, adiar o começo para o dia 15 de julho tinha dois motivos principais e declarados: aproveitar as férias europeias e integrar a comemoração do centenário republicano ao calendário da Copa. Porém, esse atraso também pode ter sido uma estratégia para conseguir tempo extra para a edificação do complexo esportivo. Naqueles dias, a imprensa analisava as possibilidades de se construir

burguês do Barão Pierre de Coubertin (Edelman, 1993; Gumbrecht, 2007).

²⁶ “500.000 pesos para la AUF”. *Justicia*, 19 de Junho de 1929, p. 5.

²⁷ “Se mantiene incambiado en Europa el debate sobre retribución de salarios a los jugadores de football”. *El País*, 23 de Julho de 1929, p. 10.

²⁸ “Dos giras memorables”. *El Gráfico*, 1587, 6 de Janeiro de 1950, p. 26.

um estádio para 80 mil pessoas no prazo de um ano. Sabendo das dificuldades para realizar tal tarefa, um artigo do *El País* propôs que o Estádio Olímpico de Amsterdã, projetado pelo arquiteto holandês Jan Wils, fosse diretamente replicado. A crônica afirmava que não havia tempo para organizar concursos nem para planejar cuidadosamente os detalhes de um projeto dessa escala²⁹. Em seu relatório sobre o Congresso de Barcelona, Enrique Buero também recomendava que fossem copiados os planos do estádio de Amsterdã, ou então que se replicassem alguns elementos do estádio de Barcelona, construído por ocasião da Exposição Internacional e da mais que provável candidatura da cidade espanhola para sediar os Jogos Olímpicos de 1936³⁰. Fortemente pressionados pela possibilidade de não ter um estádio acabado na data da inauguração da Copa, o maior receio dos representantes uruguaios era danificar a imagem internacional do país. Vistos em perspectiva, os diagnósticos podem parecer, hoje, exagerados, considerando que o estádio Centenário foi realizado a partir de um projeto original do arquiteto Juan A. Scasso e o estudante de arquitetura José H. Domato. Contudo, tais receios antecipavam as dificuldades de planejamento e construção de um estádio em pouco tempo.

Antes mesmo de se começar a construção do complexo esportivo, era necessário que o Comitê Organizador da Copa conseguisse coordenar os diferentes agentes públicos e privados envolvidos e, dessa forma, assegurar o financiamento das obras. O Comitê, formado por políticos e representantes dos clubes do futebol uruguaio e comandado pelo senador e ex-ministro de Instrução Pública Raúl Jude (Morales, 2014), tinha que conseguir a cessão de um lote para a construção do estádio e fundos para o início das obras. Embora a AUF não fosse proprietária de nenhum lote do tamanho necessário para o prometido estádio de 100 mil pessoas, ela esperava que o Estado uruguaio cedesse um lugar adequado.

Ainda que o Estádio Centenário – também chamado de Estádio Nacional no momento em que era construído – tenha sido um projeto realizado para a Copa do Mundo, sua concepção e idealização vinha de, pelo menos, 1913, quando a recém-criada Comissão Nacional de Educação Física (CNEF) divulgou seus objetivos e seu diagnóstico das necessidades que deviam ser resolvidas para impulsionar a cultura física no Uruguai. Juan A. Smith (1913), presidente da Comissão e ex-diretor da Associação Cristã de Moços (ACM) local, afirmou, nesse mesmo ano, que a edificação de um estádio nacional era imprescindível para o desenvolvimento de um projeto nacional de educação física popular que promovesse a prática esportiva entre os diferentes segmentos da sociedade uruguaia. Nesse marco geral, o estádio era um dos três elementos fundamentais da complexa política esportiva que o Uruguai começava a implementar naqueles anos. Junto ao coliseu, a CNEF promoveu a construção de praças esportivas, que em alguns momentos foram denominadas praças de cultura física, e ginásios escolares. Esses três equipamentos, de diferentes escalas territoriais, foram entendidos como a base para a adoção dos hábitos de exercício físico nas diferentes cidades uruguaias, mas principalmente em Montevideo, onde se buscava garantir a provisão completa de equipamentos esportivos.

Enquanto o programa de praças esportivas e os ginásios escolares se espalhava pela capital, o Estádio Nacional era apenas um plano, pelo menos até 1923. Neste ano, a Direção de Passeios Públicos municipal, dirigida pelo arquiteto Juan A. Scasso, começou a movimentação de terra em um lote no interior do Parque de los Aliados³¹, seguindo a recomendação feita pelo arquiteto e paisagista Charles Thays em seu plano diretor para o parque de 1912³², e aprofundando, assim, a voca-

²⁹ “La cuestión del field para el Campeonato del Mundo”. *El País*, 22 de Maio de 1929, p. 10.

³⁰ “Nuestro delegado al Congreso de Barcelona presenta su informe”. *El País*, 25 de Junho de 1929, p. 9.

³¹ Originalmente chamado de Parque Central, foi renomeado como Parque de los Aliados logo após o fim da Primeira Guerra Mundial. O Parque Batlle foi planejado no final do século XIX pelo paisagista francês Edouard François André. Em 1906, a Direção de Obras Municipais, dirigida pelo arquiteto uruguaio Horacio Acosta y Lara financiou as obras de construção e arborização do parque. Mais informações, cf.: “Horacio Acosta y Lara municipal”. *Arquitectura (SAU)*, 140-141, Julho-Agosto/1929.

³² “El magnífico Parque de los Aliados donde se ha resuelto construir el gran stadium”. *Mundo Uruguayo*, 542, 30 de Maio de 1929.

Imagem 4.9. Projeto da Comissão Nacional de Educação Física para um Estádio Nacional, região de Punta Carretas, Montevideu. Fonte: Smith, 1913.

ção esportiva do lugar. Em 1917, havia sido construído um estádio de futebol para sediar o Campeonato Sul-Americano de futebol, que foi rapidamente demolido para edificar, nesse mesmo lugar, uma pista atlética, projetada pelo próprio Scasso, que já estava na Direção de Passeios, com a colaboração do assessor da CNEF e da ACM local, Jess T. Hopkins, e inaugurada em 1922 (Etchandy, 2011).

Logo após a ratificação do Uruguai como sede da Copa, Juan A. Scasso, já em seu duplo papel como diretor da Direção de Passeios e arquiteto responsável pelo projeto do estádio, escolheu manter aquela localização. Ainda que houvessem algumas críticas menores em relação à decisão, especialmente em razão da proximidade do estádio com o Hospital de Clínicas, outro projeto emblemático que era desenvolvido na mesma região³³, nos círculos políticos e arquitetônicos foi valorizado que se concretizasse, finalmente, um projeto que tinha sido discutido durante toda a década.

Nessa medida, a escolha de Scasso em prosseguir na ideia de construir um grande estádio no meio da cidade o colocava dentro de um debate internacional. À medida que esses programas arquitetônicos começavam a ser mais populares nas grandes metrópoles, uma pergunta fundamental aparecia: onde deveriam ser localizados esses edifícios capazes de congregarem mais de 100 mil pessoas simultaneamente? No meio da cidade ou em regiões suburbanas? Aparentemente, para Scasso essa dicotomia não era tão evidente, pois mais do que se o estádio deveria estar localizado na periferia ou nas regiões urbanas centrais, o mais importante, para ele, era que o projeto estivesse dentro de uma grande área verde que facilitasse os fluxos de entrada e saída. Isso não significa que sua visão fosse compartilhada entre os arquitetos da sua geração: em uma entrevista dada em 1972, Carlos Surraco, o arquiteto responsável pelo vizinho Hospital de Clínicas, declarou ter achado, na época, um total despropósito a desconfiguração do parque por meio da construção de diferentes edifícios esportivos e a localização do que seria o maior estádio da cidade no seu interior³⁴.

Em 1941, Scasso publicou *Espacios Verdes*, um trabalho retrospectivo de sua experiência como diretor da Direção de Passeios de Montevideu e, especialmente, de sua visita à Alemanha da República de Weimar, em 1932. Scasso foi servidor público por mais de uma década, encarregando-se do ordenamento, planejamento e gestão dos espaços públicos de lazer e áreas verdes de Montevideu. Seu interesse estava em compreender as transformações urbanísticas do conceito do espaço verde no interior das grandes cidades, especialmente nos usos sociais dos parques, para além da ideia do jardim contemplativo, que tinha sido aplicada originalmente

³³ "Se le van a oponer serias resistencias a la construcción del estadio en el Parque de los Aliados". *El País*, 7 de Junho de 1929, p. 10.

³⁴ "Entrevista al Arq. Carlos A. Surraco". *Arquitectura (SAU)*, 259, Dezembro/1989, pp. 5-13.

nos parques Prado, Urbano (hoje Rodó) e Capurro, entre as décadas de 1890 e 1910 em Montevideu (Scheps, 2008). O arquiteto uruguaio tinha o interesse em desenvolver programas múltiplos no interior dos parques, o que, como veremos mais à frente, terá coincidências com a proposta de um novo plano diretor para a capital uruguaia, desenvolvida pelo seu colega Maurício Cravotto.

O modelo de gestão e financiamento do projeto foi bastante conveniente para a Intendência de Montevideu. Boa parte do financiamento das obras foi feito através dos fundos transferidos pelo governo nacional. Esse contrato permitia que, por meio das verbas federais, fossem finalizadas obras que por anos ficaram aguardando investimentos. Pelo contrato estabelecido, a Intendência ficava como proprietária do estádio, delegando a administração do complexo esportivo à Comissão Administrativa do Field Oficial (CAFO), uma entidade público-privada, conformada por diretores da AUF e representantes do governo municipal. O contrato também determinava a livre disposição do estádio para o município, uma porcentagem específica da arrecadação dos ingressos e, inclusive, poder de veto às atividades que a AUF quisesse desenvolver no estádio. Uma nota publicada no *El País* criticava o excessivo privilégio da Intendência, absurdo e ilegal, segundo o autor do texto, de dispor de um dos seus técnicos para a realização do projeto arquitetônico do estádio sem organizar concurso algum³⁵. Essa opinião era representativa da visão de alguns setores conservadores, mas também da própria indústria do espetáculo esportivo que não desejavam uma excessiva participação do *batllismo* em um evento de entidades privadas, como era o caso da Copa³⁶. Por sua parte, a AUF conseguiu construir um dos maiores e mais modernos estádios da América do Sul quase sem gastar verbas próprias. Até hoje, esse lugar é a casa da seleção uruguaia e o principal palco dos torneios organizados pela Associação.

Se a Copa seria parte das comemorações do Centenário da República, o estádio também precisava fazer parte do calendário heroico. Foi assim que a CAFO decidiu agendar a colocação da pedra fundamental para o dia 18 de julho de 1929, data das festas patrióticas e, como logo seria definido, exatamente um ano antes da inauguração oficial do Estádio Centenário. Para esse dia foi programada, para além dos tradicionais discursos, uma visita para todos que quisessem percorrer o lote do complexo esportivo, o que ficou delimitado por uma série de monólitos que definiam os limites do terreno³⁷.

De fato, os organizadores tinham que resolver uma infinidade de problemas de diferentes ordens às pressas. Em agosto de 1929, enquanto se efetivavam os primeiros avanços das obras através da licitação da movimentação de terras no lote localizado no Parque de los Aliados³⁸, péssimas notícias chegavam da Europa com boatos sobre o descontentamento de alguns jogadores e treinadores que participaram das visitas dos clubes Chelsea e Ferencvaros a Montevideu. Para eles, na visita ao Uruguai, prevaleceu o pouco espírito esportivo dentro do campo e diversos problemas com os torcedores locais. Para a imprensa local, a desqualificação que estava sendo feita ao futebol uruguaio – e, por extensão, a toda sociedade montevidense – afetava diretamente as probabilidades das seleções europeias decidirem participar da Copa. Não por acaso, nesse período, a imprensa exigia que o Comitê Organizador estabelecesse um plano de difusão internacional dos avanços da organização do torneio e que, simultaneamente, mostrasse a modernização pela qual passava a cidade de Montevideu. Nesse sentido, é interessante que nos mesmos dias em que o treinador do clube italiano Bologna, o austríaco Hermann Felsner, falava da “*pobreza franciscana dos campos de futebol do Uruguai*” e da hostilidade da vida montevidense³⁹, recomendando, inclusive, que os futebolistas

³⁵ “Destapando el tarro”. *El País*, 15 de Junho de 1929, p. 9.

³⁶ “La Asociación no debe compartir la edificación del estadio, con nadie”. *El País*, 24 de Maio de 1929, p. 10.

³⁷ “El 18 de Julio se colocará la piedra fundamental en el estadio”. *El País*, 14 de Julho de 1929, p. 11.

³⁸ “Las primeras obras para el Estadio Nacional”. *El País*, 4 de Agosto de 1929, p. 9.

³⁹ “Las declaraciones calumniosas del Dr. Felsner, entrenador del Bologna F.C.”. *Mundo Uruguayo*, 563, 24 de Outubro de 1929. Na reportagem, feita pelo jornal *El País*, assinala-se que Felsner tinha ficado impressionado pela beleza dos campos de futebol do Brasil, e achava que os campos uruguaios seriam ainda melhores. Ele teria ficado decepcionado quando conheceu alguns estádios “em que mínimos arames que dividem o campo das arquibancadas, e tribunas onde quase todas as cadeiras estavam

levassem armas e um seguro de vida, o governo uruguaio estabelecia um convênio com o Serviço Radiofónico espanhol⁴⁰. Através desse meio de comunicação, os organizadores da Copa almejavam transmitir a urbanidade montevideana e a velocidade com a qual eram resolvidos, um a um, os desafios da organização do primeiro torneio mundial.

Com efeito, a construção do estádio suscitava interesses de diversos agentes da opinião pública. Ao passo que alguns ficavam preocupados pelos lentos avanços e pelas dificuldades para assegurar financiamento que o projeto enfrentava, outros ecoavam suas opiniões em relação a algumas características arquitetônicas da proposta de Scasso e Domato. Uma crônica criticou a decisão dos arquitetos de projetar um primeiro nível de plateias – a conhecida *geral* de alguns estádios brasileiros – na mesma altura do campo de futebol, pois aquela era a pior visão que qualquer torcedor poderia ter⁴¹, sendo inclusive, desprezada nos maiores estádios do mundo, como em Wembley, de Londres, Olímpico de Amsterdã, Metropolitano de Madri ou São Januário do Rio de Janeiro⁴². Outra crítica, publicada alguns meses depois, quando o estádio Centenário já estava sendo construído, condenou que as arquibancadas estivessem tão longe do campo, o que prejudicava a visibilidade dos torcedores localizados nos setores mais afastados⁴³.

No começo de outubro de 1929, o arquiteto Scasso detalhava que só faltavam alguns cálculos finais para ter o projeto executivo definitivo do estádio⁴⁴. Ainda que possa ser um pouco exagerado afirmar isso, de fato boa parte das elites interessadas no evento ficaram, até o começo da Copa, à beira de um ataque de nervos. As semanas se passavam, o fim de 1929 se aproximava e o terreno do Parque de los Aliados ainda era um grande descampado, em que apenas o trabalho de movimentação de terras tinha sido realizado. Tal como reconheceu o próprio arquiteto, em uma entrevista de 1972⁴⁵, essa primeira tarefa teve diversos problemas relacionados ao nivelamento do terreno e à cimentação do solo, o que preconizou a dificuldade que seria construir um estádio desse tamanho em menos de 9 meses.

No entanto, outros agentes avançavam em outras frentes. Por exemplo, o Ministério de Instrução Pública propôs ao Comitê organizador que todos os jogos da Copa fossem transmitidos por rádio, tal como acontecia com as corridas de cavalo aos domingos no Hipódromo de Maroñas e de Palermo, em Buenos Aires⁴⁶. O recém-criado Serviço Oficial de Difusão Radio Elétrica (SODRE)⁴⁷ se ofereceu para transmitir gratuitamente todos os jogos, proporcionando toda a instalação de linhas e aparatos de radiofônicos⁴⁸. Da mesma forma, uma produtora cinematográfica argentina se dispôs a filmar os jogos e, em contrapartida, o Comitê lhe entregaria uma porcentagem dos lucros⁴⁹. Nos dois casos os organizadores decidiram responder da mesma forma, propondo a realização de uma licitação pública. Honrando o compromisso de fazer da Copa uma comemoração nacional, o Comitê acabaria escolhendo dois serviços uruguaiois: o SODRE para as transmissões ra-

rotas”. “Perjudicando a Montevideo como sede del Campeonato Mundial de 1930”. *El País*, 9 de Outubro de 1929, p. 8.

⁴⁰ “Inauguración oficial del Servicio Radiofónico con España”. *Mundo Uruguayo*, 563, 24 de Outubro de 1929.

⁴¹ Dias antes da inauguração oficial do Estádio Centenário, o próprio jornal *El País* analisou novamente qual era o pior lugar do estádio para se assistir um jogo. Sua conclusão foi que o pior de todos os setores era a plateia América, pois tinha a pior visão e nunca tinha sol, o que fazia dela um lugar úmido e frio. “¿Qué localidad del estadio es la más cómoda?”. *El País*, 8 de Julho de 1930, p. 8.

⁴² “La construcción de plateas en el nuevo estadio”. *El País*, 18 de Agosto de 1929, p. 7.

⁴³ “El alejamiento de las tribunas del campo de juego perjudica la visibilidad”. *El País*, 14 de Abril de 1930, p. 8.

⁴⁴ “El field oficial”. *El País*, 4 de Outubro de 1929, p. 9.

⁴⁵ “Documentos para la una historia de la arquitectura nacional. Arq. Juan Antonio Scasso”. *Arquitectura (SAU)*, 255, pp. 23-27.

⁴⁶ “Estación difusora de radio telefonía CX-32. Radio Carve - Montevideo”. *Uruguay Radiotelefonía*, 2, p. 15.

⁴⁷ O Sodre foi criado em 18 de Dezembro de 1929, como iniciativa do Conselho Nacional de Administração. Suas funções iniciais foram transmitir espetáculos e shows artísticos, científicos e recreativos, com o intuito de “aprimorar o espírito dos uruguaiois”. (SODRE: 2009).

⁴⁸ “Preparativos para el Campeonato Mundial”. *El País*, 22 de Março de 1930, p. 6.

⁴⁹ “Resoluciones del Comité del Campeonato Mundial de Football”. *El País*, 8 de Outubro de 1929, p. 8.

diofônicas, e a Seção Foto-cinematográfica da Direção de Comércio Exterior do Ministério de Relações Exteriores⁵⁰.

Junto com esses acordos, o Comité procurava coordenar as reservas dos hotéis para as delegações que participariam da Copa⁵¹, inclusive de times que não estavam confirmados até poucos meses antes do início da competição. Também era uma preocupação do Comité que Scasso informasse logo o número definitivo de assentos em cada uma das arquibancadas e plateias, para assim começar a venda antecipada de abonos⁵².

Foi apenas em novembro de 1929 que foi publicada a licitação para a construção das arquibancadas e plateias do estádio, a informação mais aguardada pela imprensa. Não foi mera coincidência que, semanas antes da divulgação das bases, os clubes Nacional (Gran Parque Central) e Peñarol (Pocitos) tenham oferecido seus estádios para os jogos da Copa⁵³. O receio de não terem o estádio Centenário pronto circulava também no interior da AUF e dos clubes do futebol uruguaio. A estratégia do Comité organizador foi fazer uma chamada de poucos dias. A urgência de se começar a construção do complexo esportivo, mas também o desejo de assegurar a participação das maiores empreiteiras do país – as únicas que poderiam cumprir os requerimentos no curto prazo –, foram criticados pela imprensa de esquerda bem como por alguns canais do conservadorismo, que acusaram o favorecimento de algumas companhias em detrimento de outras, como a construtora Mauri y Amaro Cia., que tinha feito uma oferta consideravelmente mais econômica,⁵⁴ que as das empreiteiras Dyckerhoff y Widmann e Adolfo Shaw⁵⁵. Embora seja difícil de comprovar através da documentação disponível, tal denúncia dá conta de algumas das tensões produzidas pelas supostas relações entre o governo, o comité organizador da Copa e as grandes empreiteiras⁵⁶. Em janeiro de 1930, o *Justicia* denunciou as condições laborais dos operários, muitos deles imigrantes checoslovacos, iugoslavos e de outros países do Leste Europeu⁵⁷, que trabalhavam no canteiro do estádio. Turnos de doze horas que sempre eram estendidos, horas mal registradas nas carteiras de trabalho, horas extras pagas como horas normais, ameaças de demissão cotidianas, além de inspetores de trabalho completamente ausentes, foram algumas das acusações do jornal comunista à construtora Costemalle⁵⁸, a mesma que já tinham criticado anteriormente por ter conseguido a licitação das obras da estrada Montevideu - Colônia mesmo tendo oferecido um preço mais caro que os dos seus competidores⁵⁹. Portanto, não foi uma surpresa que, no meio desse clima de acusações e atrasos no início da construção, houvessem alguns que propusessem adiar o começo da Copa para, desse jeito, não prejudicar muito a imagem internacional do Uruguai.

A esse sombrio panorama da lenta construção do estádio se somavam as contínuas notícias que vinham da Europa informando sobre a ausência de diversas seleções nacionais do continente. Se a imprensa salientava a proeza internacional transatlântica do avião uruguaio Tydeo Larre Borges⁶⁰ – que, juntamente com o francês León Challe, tinha conseguido atravessar pela primeira vez o Atlântico

⁵⁰ “Será monopolizado el film del campeonato mundial”. *El País*, 3 de Julho de 1930, p. 6.

⁵¹ “Lo que hace el Comité Ejecutivo del Campeonato Mundial”. *El País*, 15 de Outubro de 1929, p. 9.

⁵² “Una sesión del Comité Ejecutivo del Campeonato del Mundo”. *El País*, 3 de Dezembro de 1929, p. 8.

⁵³ “Lo que hace el Comité Ejecutivo del Campeonato Mundial”. Op. cit.

⁵⁴ “Del deporte burgués”. *Justicia*, 3142, 3 de Janeiro de 1929, p.5. “Alrededor de la construcción del Field oficial”. *El País*, 29 de Dezembro de 1929, p. 8.

⁵⁵ “Documentos para la una historia de la arquitectura nacional. Arq. Juan Antonio Scasso”. Op. cit.

⁵⁶ Aladino Amaro e Santiago Mauri, proprietários da empreiteira, criticaram Juan A. Scasso por ter informado à Comissão Administradora do Estádio que os cálculos orçamentários do concreto armado estavam errados. Na carta enviada ao jornal *El País*, os empresários afirmaram ter sua moral profissional afetada e exigiram do arquiteto desculpas públicas. “Alrededor de la construcción del field oficial”. *El País*, 29 de Dezembro de 1929, p. 8.

⁵⁷ “Documentos para la una historia de la arquitectura nacional. Arq. Juan Antonio Scasso”. Op. cit.

⁵⁸ “En la construcción del stadium”. *Justicia*, 3115, 2 de Dezembro de 1929, p.2.

⁵⁹ “¿No sugiere serias dudas la licitación de la carretera a Colonia?”. *Justicia*, 2948, 18 de Maio de 1929, p. 1. O projeto é descrito em detalhe em “La carretera Montevideo — Colonia”. *El Progreso Arquitectónico en el Uruguay*, 22/23, 1929, p. 6-25.

⁶⁰ “La llegada de Larre Borges y Challe a Montevideo adquirió los caracteres de una verdadera apoteosis”. *Mundo Uruguayo*, 573, 2 de Janeiro de 1930.

Sul, desde Sevilha até o litoral do Rio Grande do Norte, no Brasil –, nas mesmas semanas, os jornais se perguntavam porquê o Uruguai não conseguia atrair os times nacionais da Europa. A celeste tinha feito duas vezes a viagem para o Velho Continente e vencido nas duas ocasiões e, em 1930 comemorava seu centenário republicano, evento que queria associar à realização do primeiro grande evento mundial do futebol organizado pela FIFA. Para vários jornalistas esportivos montevideanos, isso era motivo suficiente para que as federações europeias atuassem em reciprocidade.

Porém, enquanto a Federação Espanhola criticava a programação da Copa, pois seu torneio local acabaria menos de dez dias antes do início do Campeonato Mundial⁶¹, suecos e noruegueses afirmavam que o Uruguai era muito longe e a disputa não compensava o esforço⁶². Por sua vez, outras federações, como a francesa – da qual o Presidente da FIFA, Jules Rimet, era também diretor –, afirmavam ter intenção de participar mas precisavam, antes, resolver o problema do pagamento dos salários dos jogadores durante todo o tempo que durasse a viagem⁶³. Todas essas desculpas e pretextos fizeram com que a Confederação Sul-Americana de Futebol publicasse uma nota de repúdio a um suposto boicote europeu à Copa, durante seu congresso em Buenos Aires⁶⁴. No início de 1930, apenas a Bélgica tinha confirmado a sua participação, em boa parte graças à gestão de Enrique Buero, que tinha muitas amizades e influências nos meios diplomáticos⁶⁵, estratégia que o Uruguai estava desenvolvendo através dos seus corpos diplomáticos também na Suíça e na Iugoslávia⁶⁶. No entanto, o bloco americano assumia a Copa quase como um evento continental e se comprometeu a participar, com as seleções do Chile, Peru, México, Argentina e Bolívia já confirmadas⁶⁷. Dessa forma, o desejo de transformar Montevideu no “meridiano futebolístico do mundo” estava longe de ser realizado⁶⁸.

O próprio Buero declarou que, ainda ele tivesse conseguido que a FIFA concordasse em reduzir seu lucro na venda de ingressos, era necessário que o Comitê organizador arcasse com os custos das delegações e assumisse esse custo como parte do processo de profissionalização pelo qual o futebol mundial passava⁶⁹. Isso pode explicar o interesse de alguns clubes europeus, como o Sparta de Praga (Checoslováquia), em representar seu país⁷⁰, ou a súbita vontade do Taiti de participar da Copa⁷¹. Nesse cenário, a AUF propôs que a Comissão Nacional de Educação Física, a mesma instituição que tinha sido responsável por construir as praças de esportes infantis na cidade, contribuísse com 200 mil pesos para o Campeonato Mundial⁷². Aquele pedido foi fortemente criticado por diferentes agentes, que acharam uma total falta de vergonha querer utilizar a verba destinada ao esporte amador para o pagamento das viagens dos times profissionais europeus⁷³. Nesses mesmos dias de janeiro de 1930, a FIFA pediu às federações europeias que fizessem o esforço de viajar para o Uruguai, oferecendo-lhes o reembolso dos custos das passagens para dezessete pessoas, o pagamento de diárias durante toda a per-

61 “España explica los inconveniente que se oponen a su participación en el Campeonato del Mundo”. *El País*, 21 de Dezembro de 1929, p. 8.

62 “Preparando el Campeonato del Mundo”. *El País*, 24 de Dezembro de 1929, p. 8.

63 “Francia no vendrá al Campeonato del Mundo”. *El País*, 17 de Novembro de 1929, p. 7.

64 “La Confederación Sudamericana se dirige a los países afiliados a la F.I.F.A., reclamándole su participación en el Campeonato del Mundo”. *El País*, 21 de Dezembro de 1929, p. 8.

65 “Está en Montevideo el vicepresidente de la FIFA”. *El País*, 5 de Dezembro de 1929, p. 11.

66 “Los preparativos para el Campeonato Mundial”. *El País*, 3 de Janeiro de 1930, p. 8.

67 “Preparando el Campeonato del Mundo”. *Op.cit.*

68 A expressão “meridiano futebolístico do mundo” faz referência a uma frase resgatada por Myers (2016), publicada originalmente na revista de vanguarda uruguaia *La Cruz del Sur*, em 1927. A expressão original pretendia resolver a disputa entre portenhos e madrilenos sobre qual era o centro cultural do intelectualismo hispano-falante. A proposta da revista, tão séria como irônica, foi definir Montevideu como o “meridiano cultural do mundo” ou, ainda melhor, como o “meridiano espiritual do mundo”. A frase era, sem dúvidas, uma aposta anticolonialista e contra a vassalagem, uma proposta de um programa de pensamento livre produzido a partir do Uruguai.

69 “El miembro de la FIFA, Dr. Enrique Buero”. *El País*, 13 de Dezembro de 1929, p. 8.

70 “Sparta de Praga quiere venir”. *El País*, 11 de Dezembro de 1929, p. 8.

71 “Suiza no viene, pero en cambio Tahiti de la Oceania Francesa quiere venir”. *El País*, 7 de Dezembro de 1929, p. 9.

72 “Anoche celebró una importante sesión la Asociación”. *El País*, 4 de Janeiro de 1930, p. 13.

73 “200 mil!”. *El País*, 6 de Janeiro de 1930, p. 11.

manência em Montevideu, além de indenizações por todos os dias de trabalho perdidos durante os trajetos de navio ou trem, tudo por conta da AUF⁷⁴.

Como várias instituições do país, a CNEF também planejava as comemorações centenárias por aqueles dias. Ainda que fosse uma instituição com mais de quinze anos de trajetória e vários projetos desenvolvidos na cidade, poder-se-ia pensar que os investimentos centenários foram planejados também como um contrapeso ao gasto público no esporte profissional. Se o grande estádio que a cidade iria ter era exclusivamente para o futebol – ainda que o contrato entre o Município e a CAFO exigisse que esta última cedesse o uso para o primeiro sem custo quando o governo da cidade o requeresse –, a CNEF planejava novos equipamentos para outros esportes. Da mesma forma, a proposta pode ser entendida como uma contrapartida ao investimento fiscal nos novos complexos esportivos dos clubes Nacional e Peñarol. Foi assim que o Estado uruguaio destinou um milhão de pesos para um plano de obras e festejos a serem desenvolvidos segundo os estudos e projetos propostos desde 1928⁷⁵. O ambicioso desejo da Comissão do Centenário da CNEF era financiar a reforma e construção de novos edifícios no interior das praças infantis de esportes; habilitar novas praças; construir pistas atléticas e quadras poliesportivas no Parque de los Aliados; edificar piscinas em Montevideu e no interior, além de balneários populares e ginásios; organizar cursos de educação física e comprar equipamento esportivo nas escolas públicas do país que ainda não tinham a matéria no seu currículo.

Se a CNEF fazia seus próprios investimentos para o centenário, outros clubes de futebol também pediam ao governo, nesse caso, à Direção de Passeios Públicos liderada por Scasso, que os ajudassem em seu fortalecimento institucional. Enquanto o Rampla Juniors pediu que a Direção trocasse a grama do seu campo de futebol, o Montevideo Wanderers requereu a cessão de um terreno na cidade para a construção do seu estádio⁷⁶. Tal como veremos nas próximas páginas, era evidente que isso iria acontecer. Afinal, se o governo municipal de Montevideu e o Conselho Nacional de Administração estavam cooperando nos projetos do Nacional e do Peñarol, por que os outros clubes não teriam direito a pedir o mesmo tratamento e auxílio?

Ainda que as obras avançassem, durante os meses de março e abril houve uma crise na opinião pública sobre o déficit financeiro pelo qual passava a construção do estádio. As dificuldades não eram só econômicas, mas também sociais e trabalhistas, pois uma greve se desencadeou pelos baixos salários e as extenuantes condições laborais⁷⁷. As fundações já tinham sido feitas e se começava a construção das arquibancadas, mas as verbas disponíveis escasseavam, pelo menos segundo os comunicados da AUF. A Associação pediu 75 mil pesos extras às autoridades nacionais para continuar a construção, o que foi rebatido e criticado por diferentes agentes. O Conselho Municipal de Montevideu pediu, então, ao Congresso Nacional que aprovasse o gasto de verbas extraordinárias de apoio ao financiamento do estádio⁷⁸, enquanto o Conselho Nacional de Administração negou qualquer possibilidade de se obter mais fundos financeiros dentro da lei aprovada quase um ano antes⁷⁹. Não foram poucos os que achavam que a Copa do Mundo devia ser realizada fosse qual fosse o custo final, postura que foi duramente criticada pelos setores da esquerda que desprezavam a Copa e o Estádio como “*obras inúteis que nada ajudam aos trabalhadores, que hipotecam o país enquanto os operários morrem de fome como resultado do desemprego e os pobres salários*”⁸⁰. Para outros, a Copa era irrenunciável, pois através dela seria possível desenvolver toda

74 “Del campeonato mundial”. *El País*, 17 de Janeiro de 1930, p. 9.

75 “La celebración deportiva de 1930”. *El País*, 24 de Janeiro de 1930, p. 9.

76 “Las canchas para los clubs de football”. *El País*, 26 de Fevereiro de 1930, p. 8.

77 “En el Estadio Nacional hubo una protesta de parte de los obreros”. *Justicia*, 3189, 27 de Fevereiro de 1930, p. 5.

78 “75 mil pesos más para el Estadio”. *El País*, 9 de Abril de 1930, p. 9.

79 “El Consejo Nacional no podrá torcer ni el espíritu ni la letra de la ley”. *El País*, 24 de Abril de 1930, p. 8.

80 “Más todavía”. *Justicia*, 3226, 12 de Abril de 1930, p. 7.

uma região da cidade. Nesse sentido, a Intendência de Montevideu não podia atuar sem atender a esses interesses:

Pelo que essa obra representa para a cidade, pelo que significa para a cultura popular, nós entendemos que o Município deve ajudá-la, torná-la algo tangível, acabá-la pelo menos nos seus elementos essenciais (...). Não pensem que consideramos como contribuição municipal a cessão desses terrenos que tinham abandonado, em comparação ao esforço gigantesco que significaria sua adaptação e uso para o tesouro público local. Não esqueçam que a grande obra valorizará de uma forma inédita os terrenos próximos da sua propriedade e prestigiará o grande parque onde o estádio se localiza⁸¹.

Se o Partido Comunista atacou os gastos da Copa como supérfluos, o conservadorismo – por meio de um dos seus canais preferidos, o jornal *El País* – tampouco se inibiu de criticar, e até acusar de negligente, a administração dos recursos pela AUF, embora esse setor estivesse interessado na realização da Copa como uma forma de exaltação do caráter nacional no ano do centenário pátrio. O Partido Nacional denunciou a Associação que, segundo eles, tinha fundos próprios suficientes e disponíveis em conta, um texto fala de 80 mil pesos⁸², ou seja, até mais do que estava sendo pedido ao governo, e que ela não queria utilizar seus próprios recursos. Ainda que impossível de ser comprovado sem ter acesso aos dados contábeis da própria AUF, a declaração era um ataque direto à administração financeira dos organizadores da Copa. Uma nota do jornal *El País* protesta nominalmente contra o tesoureiro da AUF, Celestino Mibelli⁸³, que teria tido a prática recorrente de pedir verbas para assuntos que deveriam ser financiados diretamente pela Direção de Obras municipal, como a drenagem e a colocação da grama do campo, assim como por solicitar fundos para cobrir algumas dívidas da movimentação de terras. Além disso, o texto acusa a AUF de se apropriar de verbas públicas para reformar a sede da instituição, favorecer empreiteiras e superfaturar alguns dos custos da construção⁸⁴.

Eram poucos os otimistas naqueles primeiros meses de 1930. Para alguns, que o estádio não fosse concluído era tão lamentável como os europeus que haviam desistido de participar da Copa, privando-a de todo seu internacionalismo e qualidade técnica. De fato, a cada momento apareciam novos obstáculos que dificultavam o término da edificação do estádio. Aos problemas financeiros somou-se o clima inclemente: as contínuas chuvas de abril e maio alagaram o campo e impossibilitaram por vários dias a colocação da grama do campo, atrasando o ritmo da construção⁸⁵, que já tinha tido outras dificuldades e atrasos pelos alagamentos da cidade em meados de março⁸⁶.

Os novos pedidos de verbas da AUF ao Conselho Nacional de Administração enfrentaram, pela enésima vez, a oposição do conservadorismo e da esquerda. Dessa forma, a única opção possível, oferecida por um dos conselheiros à AUF, foi pedir um crédito ao Banco Hipotecário, hipotecando os bens imóveis da Associação. Nesse cenário, a AUF, em conjunto com a equipe de arquitetura e construção do estádio, decidiu reduzir a capacidade das arquibancadas e minimizar os trabalhos de alvenaria e ornamentação. Assim, foi descartada a construção do terceiro andar das arquibancadas Colombes e Amsterdam – que ficaram atrás dos gols – e do segundo andar da tribuna América. Desse modo, a capacidade do estádio foi reduzida para 80 mil espectadores, 25 mil a menos que o projeto original, o que

⁸¹ “Las obras del Estadio Nacional”. *El País*, 7 de Abril de 1930, p. 14.

⁸² “La AUF ha engañado a los poderes públicos y a los aficionados”. *El País*, 14 de Maio de 1930, p. 6.

⁸³ Que a pessoa denunciada pela imprensa conservadora fosse Mibelli não foi um mero acaso: tradicional militante do Partido Comunista – do qual foi expulso, em 1927, por atos de indisciplina –, ele era questionado por representar a penetração do batllismo e da esquerda na AUF. Para mais informações, cf.: Prats (2013).

⁸⁴ “Afirmamos que la Asociación ha engañado a los poderes públicos y a los aficionados; y afirmamos también, que no ha sabido administrar las obras del estadio”. *El País*, 19 de Maio de 1930, p. 8.

⁸⁵ “Las obras del Estadio Nacional están interrumpidas virtualmente”. *El País*, 11 de Maio de 1930, p. 11.

⁸⁶ “La ciudad inundada, varios aspectos del insólito acontecimiento”. *Mundo Uruguayo*, 584, 20 de Março de 1930.

Imagem 4.10. Fotografia aérea do Parque de los Aliados, obras de terraplenagem do terreno do Estádio Centenário, Outubro-Novembro de 1929.

Imagem 4.11. Canteiro de obras do Estádio Centenário, Montevideu, Março-Abril 1930.

Imagem 4.12. Canteiro de obras do Estádio Centenário, Montevideu, Março-Abril 1930. Fonte: Acervo Centro de Fotografia de Montevideu (CdF).

Imagem 4.13. Construção da arquibancada Colombes, Estádio Centenário, Montevideú, Março-Abril 1930. Fonte: Acervo Centro de Fotografia de Montevideú (CdF).

Imagem 4.14. Canteiro de obras do Estádio Centenário, Montevideú, Março-Abril 1930.

Imagem 4.15. Construção da arquibancada Colombes, Estádio Centenário, Montevideú, Março-Abril 1930.

produziria, nos planos da comissão administradora, uma economia de 200 mil pesos ao custo calculado antes do início das obras (\$820.000)⁸⁷. Posteriores negociações entre a AUF e o governo conseguiram que o Conselho de Administração enviasse ao Congresso uma modificação à lei de financiamento do estádio de 16 de maio de 1929, aprovando 150 mil pesos para completar as obras faltantes após a Copa. Com esses novos recursos seriam construídos o segundo andar da Tribuna América, os terceiros andares da Colombes e da Amsterdam, além de alguns trabalhos de alvenaria e revestimentos exteriores restantes⁸⁸.

Um pouco mais de um mês antes da abertura da Copa, as obras no estádio ainda não tinham sido finalizadas. Segundo o engenheiro Jose Otamendi, deputado da República e membro da Comissão Administradora do Estádio, a tribuna Olímpica – a única de três andares que tinha sido construída seguindo o plano original – seria acabada durante a primeira semana de junho. As arquibancadas Colombes e Amsterdam seriam finalizadas em meados de junho e a tribuna América só ficaria pronta no início de julho, ou seja, poucas semanas antes da comemoração do centenário nacional.

Embora tais notícias tranquilizassem aos mais pessimistas que não estavam seguros da possibilidade de se ter o complexo esportivo pronto para o Campeonato Mundial, houve novas questões conflituosas, como o proibitivo preço dos ingressos. Como alternativa ao déficit orçamentário, a AUF teve a intenção de reduzir o número de ingressos populares – a 20 centavos – para apenas 15 mil dos assentos, especificamente os localizados nas arquibancadas Colombes e Amsterdam⁸⁹. A notícia chegou até o Congresso e vários deputados exigiram um número maior de ingressos populares em troca do seu apoio à modificação da lei que aprovaria novos recursos para completar as obras do estádio após a Copa⁹⁰. Em defesa do caráter popular do futebol, os congressistas foram inflexíveis. Obrigados pelas circunstâncias, os diretores da AUF decidiram elevar a proporção de ingressos populares para um terço da capacidade do estádio, quase 30 mil pessoas.

No dia 20 de junho o navio Conte Verde zarpou de Gênova com a seleção romena, um dos quatro times europeus que acabaram decidindo participar da Copa⁹¹. Dias mais tarde, a equipe francesa embarcou em Villefranche-sur-Mer (Niza), junto ao presidente da FIFA, Jules Rimet, que levava o troféu do torneio em sua mala, alguns delegados e três juízes. A seleção da Bélgica se uniu à travessia no porto de Barcelona. A rota incluiu, ainda, paradas em Lisboa, Madeira e Ilhas Canárias, até chegar ao Rio de Janeiro, onde o time brasileiro embarcou. Assim, os estrangeiros já estavam a caminho do Uruguai e chegariam a Montevideu no dia 4 de julho – já não havia chance para os organizadores se arrependarem.

As imagens dos jornais ajudam a confirmar parte do cumprimento dos prazos das obras: no dia 21 de junho a tribuna Olímpica já estava pronta, assim como a Torre de los Homenajes e o bar que ficava no acesso da Avenida Dr. Ricaldoni, mas os trabalhos de alvenaria daquela fachada tinham sido descartados⁹². Uma fotografia de 29 de junho mostra as arquibancadas Colombes e Amsterdam quase completas, enquanto a Tribuna América tinha só a metade sul das arquibancadas completamente construída⁹³. No entanto, duas semanas antes do primeiro jogo da Copa, e poucos dias antes da chegada das primeiras equipes estrangeiras⁹⁴, o estádio estava longe de ficar pronto e vários detalhes ainda precisavam ser resolvidos,

⁸⁷ “La Comisión Administradora del Estadio ha decidido reducir las obras”. *El País*, 4 de Junho de 1930, p. 8.

⁸⁸ “El Consejo Nacional, eleva un proyecto a la Asamblea Nacional, por el que se destinan 150 mil pesos para el Estadio”. *El País*, 5 de Junho de 1930, p. 8.

⁸⁹ “Se insiste en reducir las entradas generales en el estadio”. *El País*, 17 de Junho de 1930, p. 7.

⁹⁰ “Hemos triunfado defendiendo a los aficionados”. *El País*, 18 de Junho de 1930, p. 11.

⁹¹ “World Cup stunning moments: the Conte Verde’s trip to Uruguay in 1930”. Disponível em <https://www.theguardian.com/football/blog/2014/may/13/world-cup-stunning-moments-25-conte-verde-uruguay> Acesso em: 2 de Junho de 2018.

⁹² “Torre de los homenajes”. *El País*, 21 de Junho de 1930, p. 21.

⁹³ “Las primeras delegaciones que llegarán”. *El País*, 29 de Junho de 1930, p. 7.

⁹⁴ Sobre a chegada das seleções dos Estados Unidos e do México: “Hoy llegan las dos primeras delegaciones”. *El País*, 1 de Julho de 1930, p. 9.

Imagem 4.16. Mirante da Torre de los Homenajes, vista para a região de Pocitos, Estádio Centenário, Montevideu, 1930.

como, por exemplo, fazer a licitação para a compra de 500 cadeiras para a tribuna de honra do setor América⁹⁵. Dez dias antes do começo da Copa, já era dado como um fato que os trabalhadores da construção do estádio deixariam o canteiro de obras apenas a noite de 12 de julho, o dia anterior ao primeiro jogo do torneio, uma vez que as chuvas tinham dificultado a concretagem dos últimos lugares das arquibancadas Amsterdam e América⁹⁶.

A chegada dos times participantes do torneio trouxe novas opiniões sobre o estádio, que foram rapidamente reproduzidas pela imprensa local. Não foi difícil achar textos elogiosos ao estádio, ainda que não estivesse devidamente acabado. A sua imponência no interior do parque, assim como a modernidade de sua forma e de seus materiais, foi salientada pelo diretor da FIFA e engenheiro de profissão, Maurice Fischer, que também pediu aos organizadores que considerassem aprimorar os acessos e coordenar a circulação de carros e pessoas nos dias dos jogos⁹⁷. Em outros meios, o estádio foi também descrito como o principal mirante da cidade, um privilégio ainda maior para quem tivesse a chance de subir à Torre de los Homenajes, tal como narra o correspondente do periódico chileno *Los Sports*: “da cúspide [da torre] contempla-se completamente a bela e ampla cidade de Montevideu, na beira do Rio de la Plata e do Atlântico, onde ficam os aprazíveis balneários de Pocitos, Ramírez e Carrasco”⁹⁸. Essa mesma imagem foi destacada em uma fotoreportagem do *Mundo Uruguayo* um mês antes do início da Copa, na qual foi salientada a perspectiva de uma das tribunas para toda a região de Pocitos e Buceo⁹⁹, funcionando, assim, como um grande mirante para a área de expansão litorânea da cidade.

Ainda que o desejo original de alguns dos organizadores fosse sediar todos os jogos da Copa no Centenário, finalmente foi decidido que a inauguração oficial do estádio seria no dia 18 de julho, data do Centenário republicano, e cinco dias após o início da Copa. Assim, os primeiros oito jogos do torneio foram levados para os estádios Parque Central (Nacional) e Pocitos (Peñarol).

⁹⁵ “Field Oficial. Llamado de licitación para la provisión de asientos”. *El País*, 30 de Junho de 1930, p. 15.

⁹⁶ “¿No estarán terminadas las tribunas?”. *El País*, 2 Julho 1930, p. 12.

⁹⁷ “Para la obra del estadio, nos dice el Ingeniero Fischer, yo tengo una sola palabra: imponente”. *El País*, 7 de Julho de 1930, p. 16.

⁹⁸ “Una visita al Estadio Centenario de Montevideo”. *Los Sports*, 384, 18 de Julho de 1930.

⁹⁹ “A mediados de Julio se inaugurará en Montevideo uno de los estadios mejores del mundo”. *Mundo Uruguayo*, 595, 5 de Junho de 1930.

Com alguns dias extras para entregar as últimas obras, o canteiro do Centenário trabalhava em capacidade máxima. Alguns mitos, reproduzidos pelo jornalismo esportivo uruguaio, afirmam que no dia da inauguração o cimento das arquibancadas ainda estava fresco. Embora uma nota de rodapé de uma revista da época afirmasse que, de fato, as últimas obras de cimentação tinham sido feitas, de fato, na noite anterior à inauguração do estádio¹⁰⁰, é possível entrever, a partir de algumas imagens da época, que ainda estavam montados os andaimes na tribuna Amsterdam na estreia do Centenário. Contudo, ainda assim, para os cronistas do período, o edifício era um obra única dentro da América do Sul, o que enchia de orgulho todo o continente, tal como assinalou o repórter do jornal argentino *Crítica*¹⁰¹. O correspondente da *Folha da Manhã*, de São Paulo, descreveu assim a inauguração:

*Com a partida uruguayos-peruanos, na disputa do Campeonato Mundial de Futebol, foi inaugurado hoje o grandioso estádio Centenário, a magnífica praça de desportos, que é das maiores não só da América, como de todo o mundo. A solenidade iniciou-se com o desfile de todos os quadros inscriptos para a disputa do campeonato. O desfile, diante a Tribuna de Honra, foi feito na seguinte ordem: Bélgica, Brasil, Bolívia, Chile, México, Estados Unidos, Peru, Paraguay, Rumania, Uruguay e Yugoslavia. O aspecto da praça de desportos era imponente, estando todas as dependências literalmente cheias. Aeroplanos uruguayos e argentinos evoluíram sobre a multidão, com gritos de entusiásticos aplausos. Na abertura dos portões, deu-se grande confusão, aliás explicável pelo entusiasmo reinante, invadindo o povo as diversas localidades, serenando, porém, tudo com a intervenção da polícia.*¹⁰²

O programa da inauguração do estádio incluiu o desfile das treze delegações participantes – Uruguai, Argentina, Brasil, Bolívia, Peru, Chile, Paraguai, México e os Estados Unidos pelas Américas, além da França, Iugoslávia, Bélgica e Romênia representando Europa –, discursos das autoridades organizadoras e o pontapé inicial do jogo entre Uruguai e Peru feito pelo Presidente da República, Juan Campisteguy. A “ *festa mais grandiosa da história esportiva do Uruguai*”, não poderia ter tido um palco melhor que o Centenário, incorporando-se às outras comemorações espalhadas pela cidade naqueles dias, como: os desfiles das forças militares e das escolas públicas da cidade nas vizinhanças do Palácio Legislativo e das praças Constitución, Cabildo e Cagancha no centro histórico montevideano; as apresentações de corais no interior do Palácio Legislativo; um grande prêmio comemorativo no Hipódromo de Maroñas; os concertos no auditório da Associação Cristã de Moços, entre outros.

Foi nesse exultante ambiente patriótico que a fase final do campeonato foi desenvolvida, não sem problemas organizativos, como a lenta habilitação de pontos de venda de ingressos¹⁰³ e das entregas das credenciais para jornalistas nacionais e estrangeiros¹⁰⁴, e até suspeitas de crimes, como as denúncias de revenda de ingressos no interior do comitê organizador da Copa¹⁰⁵ e a venda de ingressos falsos em diferentes pontos da cidade¹⁰⁶. Parte da imprensa também criticou que o povo tinha ficado de fora da festa do futebol, pois os preços e as redes de contatos necessárias para conseguir um ingresso afastaram justamente o público que seguia, todos os fins de semana, os clubes do torneio uruguaio, beneficiando uma onda de torcedores aristocratas que, por anos, tinham qualificado o espetáculo do futebol como uma “*idiotice brutal*”¹⁰⁷.

¹⁰⁰ “Notas de la construcción del Estadio Centenario”. *Mundo Uruguayo*, 603, 31 de Julho de 1930. A informação é confirmada pelo próprio Scasso, quem afirmou que uma parte das formas do concreto da Tribuna América não tinha sido retirada para o dia da inauguração.

¹⁰¹ “Los periodistas argentinos en Montevideo”. *Mundo Uruguayo*, 598, 26 de Junho de 1930.

¹⁰² “O campeonato mundial de futebol”. *Folha da Manhã*, 19 de Julho de 1930, p. 9.

¹⁰³ “Y las boleterías, ¿Para cuándo?”. *El País*, 10 de Julho de 1930, p. 8.

¹⁰⁴ “El desorden en la organización del Campeonato del Mundo”. *El País*, 13 de Julho de 1930, p. 7.

¹⁰⁵ “La Asociación se aprovecha del público”. *El País*, 18 de Julho de 1930, p. 6. “Varios prestigiosos abogados reclamarán los espectadores”. *El País*, 24 de Julho de 1930, p. 6.

¹⁰⁶ “Hay entradas falsificadas”. *El País*, 29 de Julho de 1930, p. 6.

¹⁰⁷ “El sacrificio de los aficionados modestos”. *El País*, 26 de Julho de 1930, p. 14.

Imagem 4.17. Arquibancada Colombes na inauguração do Estádio Centenário, Montevideu, 18 de Julho de 1930.

Imagem 4.18. Festejos do centenário da Constituição de 1830, Praça Constitución, Cidade Velha, Montevideu, 18 de Julho de 1930.

Imagem 4.19. Festejos noturnos do centenário da Constituição de 1830, Avenida 18 de Julho, Montevideu, 18 de Julho de 1930.

O decorrer do torneio levou às duas seleções favoritas, Uruguai e Argentina, ao jogo final, em uma repetição da final olímpica de Amsterdã. A partida gerou expectativas em ambos lados do Rio de la Plata, provocando a chegada de milhares de argentinos desejosos de conseguir um ingresso para a grande final no estádio Centenário. A Copa era acompanhada de perto e com altas expectativas nas diferentes cidades dos países sul-americanos que participavam do torneio. Porém, com certeza era em Buenos Aires que os jogos e as novidades do campeonato tiveram maior impacto. *Caras y Caretas*, o histórico magazine bonaerense, publicou uma fotografia da Avenida de Mayo completamente lotada de pessoas ouvindo a transmissão radiofônica, provavelmente pela rádio Prieto, emissora argentina que tinha seu próprio relator no Uruguai, Roque Sillitti¹⁰⁸. O jornalista Alberto Gurchenoff descreveu aquela atmosfera:

O desenvolvimento do torneio de futebol, que foi um dos grandes números da comemoração do centenário uruguaio, impactou na América do Sul com a intensidade de um acontecimento designado para persistir na memória dos povos representados no campeonato. A disputa no estádio eletrizou os nervos, dominou as emoções, tornou visíveis, na vida das cidades, os sentimentos dos que participavam naquele perigoso enfrentamento. O triunfo ou a derrota expressava para eles uma medida dos méritos coletivos, uma representação da energia nacional. E o jogador de futebol transformou-se, mais uma vez, em um ser transfigurado pela simpatia popular, e reconhecido como um herói em que o povo confia sua esperança na vitória e a fé da dignidade¹⁰⁹.

A Copa era, para argentinos, assim como para os uruguaios, uma questão de orgulho nacional e de representação da própria sociedade. Aquela heroicidade, às vezes passível de ser entendida quase como a expressão de uma religiosidade laica, seria julgada na final da Copa¹¹⁰. A Associação Argentina de Football conseguiu que a AUF lhe cedesse sete mil ingressos, que foram vendidos entre os sócios dos clubes associados em Buenos Aires¹¹¹. Outros quase seis mil torcedores argentinos, segundo o *El País*,¹¹² viajaram sem ingresso, com a esperança de conseguir algum no local. Não foram poucos os que compraram ingressos falsos e, logo, ficaram de fora do estádio, tal como centenas de uruguaios que não conseguiram um ingresso nas bilheterias do Centenário e do Parque Central.

As denúncias de revenda e de ingressos falsos ficaram em segundo plano após o triunfo uruguaio na Copa. A grande final da Copa teve quase 70 mil pessoas nas arquibancadas, provavelmente uma das maiores concentrações de pessoas da história da cidade até aquele momento. A vitória uruguaia foi a coroação das comemorações centenárias. De fato, o triunfo foi entendido como um tricampeonato e a comprovação das vitórias na Europa: o futebol (e a nação) uruguaio era tão forte no estrangeiro como em casa. “Estamos fartos de glória” foi uma das manchetes do dia seguinte, acompanhado, na mesma página, do seguinte texto: “Montevideú foi ontem um grande campo de futebol”, referindo-se ao interesse e à expectativa que aquela partida provocou nos montevideanos¹¹³. A final foi um fenômeno que teria chegado a todos os cantos da cidade através da imprensa escrita, mas, especialmente, pela rádio e pela circulação dos milhares de pessoas que foram ao Estádio Centenário. Do mesmo jeito, Buenos Aires viveu o abalo da derrota,

¹⁰⁸ Roque Sillitti foi um dos radialistas esportivos pioneiros da Argentina, foi ele quem, desde 1926, transformou-se na voz dos jogos de futebol na rádio Prieto. Contudo, essa não era a primeira transmissão esportiva internacional feita por uma emissora argentina: em 1924, o locutor Horacio Martínez Seeber transmitiu o combate de boxe entre Jack Dempsey e o argentino Luis Angel Firpo, em Nova York. Agradeço por essa informação ao administrador do projeto Viejos Estadios (cf.: www.viejosestadios.blogspot.com).

¹⁰⁹ “El héroe y la multitud”. *Caras y Caretas*, 1661, 2 de Agosto de 1930.

¹¹⁰ Neves (2018) assinala que o árbitro belga da final, John Langenus, tinha consciência de que a partida seria bastante tensa, condicionando seu trabalho à assinatura de um seguro de vida para ele e toda a sua família. Aliás, ele pediu que fosse reservado uma vaga no primeiro vapor que zarpasse do Rio da Prata após o jogo final.

¹¹¹ “Los nuevos barqueros del Volga o la venta de entradas en Buenos Aires”. *El País*, 29 de Julho de 1930, p. 7.

¹¹² “Seis mil argentinos sin entradas llegarán hoy”. *El País*, 30 de Julho de 1930, p. 12.

¹¹³ “Estamos saturados de gloria”. *El País*, 31 de Julho de 1930, p. 12.

inclusive com dezenas de pessoas jogando pedras contra o Consulado do Uruguai da cidade¹¹⁴. O triunfo estava consumado, agora começava a solidificação do mito.

A Copa, mas especialmente o Estádio Centenário, fez parte da construção de uma iconografia da nação impulsionada pelo *batllismo* durante toda a década de 1920, produzida em boa parte por meio de monumentos na cidade. Seguindo a explicação de Antola e Ponte (2000), o academicismo triunfante do monumento ao herói José Artigas – uma escultura equestre feita pelo italiano Angel Zanelli, inaugurada em 1923 –, pode ter sido a primeira de várias peças que estabeleciam um relato nacional monumental dentro de Montevideu. Se a primeira estátua tinha sido uma homenagem ao grande herói nacional, a seguinte, o Monumento ao Gaucho, era sua continuidade lógica. Fazendo referência ao “*homem que, produto das ações e reações sociológicas, apareceu na nossa terra, com rasgos fisionômicos diferenciais que a própria terra lhe forjava*”, a construção mítica do gaucho ganhou uma representação no espaço público através da obra do escultor Juan Zorrilla de San Martín¹¹⁵. Durante o mesmo período, uma série de estátuas foi distribuída em diferentes pontos de Montevideu, as quais representavam pessoas anônimas que simbolizavam a conformação da sociedade uruguaia dos últimos cinquenta anos. Assim, o Imigrante (do escultor Juan D’Aniello), o Operário Urbano (Bernabé Michelena), a Professora (Severino Pose), o Estivador (José Pagani) e o Aguateiro (José Belloni), estabeleciam-se como um reflexo dos uruguaios que tinham construído a nação, como uma exibição do Uruguai popular forjado por aqueles que desceram dos navios e edificaram sua história no solo oriental. O Estádio Centenário não ficou fora desse esforço pela representação do ser uruguaio: o projeto original de Scasso incluía uma estátua da Vitória de Samotrácia, feita pelo próprio Zorrilla, que comemorava os triunfos no futebol olímpico ao invés da vitória naval em Rodes (Scheps, 2008; Alonso et al., 2010).

Se a Copa tinha sido organizada para exaltar o talento futebolístico da seleção uruguaia, bem como para demonstrar ao mundo a modernidade do pequeno país da América do Sul, o estádio era, além de um campo de futebol, um monumento idealizado para reafirmar simbolicamente o talento esportivo do povo. Ademais, o estádio representava a sua capacidade para realizar grandes façanhas, nesse caso, construir um dos maiores edifícios do continente naquela época. Era, ainda, um jeito de mostrar o Uruguai como uma nação moderna e protagonista do circuito internacional de bens simbólicos. Em dezembro de 1929, uma crônica do *Mundo Uruguayo* falava sobre o estádio como o “*grande templo laico, onde os jovens prestigiarão a vida, o valor e a luta nobre*”¹¹⁶. De certa forma, a era do *batllismo* encontrou no futebol uma ética pública laica, em alguns aspectos coincidentes com aquela moral laica e progressista fundada em princípios independentes do poder do clero católico (Barrán, 2011), que os sucessivos governos colorados vinham tentando implementar desde 1904. Embora alguns setores tenham criticado o Campeonato Mundial desde o começo até o fim¹¹⁷, a vitória na Copa condensou as aspirações de diferentes agentes para ratificar o Uruguai como potência esportiva e vanguarda da modernização da indústria do espetáculo futebolístico. Aliás, a vitória ajudou na construção do imaginário social – e até do mito – do Uruguai como o resultado de forças modernizadoras que fizeram do país uma extraordinária exceção em termos de desenvolvimento, cosmopolitismo e integração, ainda que houvessem enormes fraturas, que seriam comprovadas nos anos seguintes à explosão da crise econômica e ao Golpe de Estado de 1933.

¹¹⁴ “Un grupo de exaltados atacó a pedradas nuestro consulado en Buenos Aires”. *El País*, 31 de Julho de 1930, p. 13.

¹¹⁵ “El monumento al Gaucho”. *Arquitectura* (SAU), 122, Janeiro/1928, pp. 2-5.

¹¹⁶ “Las obras del Estadio Nacional”. *Mundo Uruguayo*, 5 de Dezembro de 1929.

¹¹⁷ A crônica do dia seguinte à vitória do jornal comunista *Justicia* dizia assim: “*Temos que confessar que o capitalismo conseguiu seu intuito. As massas foram envenenadas previamente, e nessas condições, com o cérebro entorpecido e incapacitado para discernir e pensar, foram levadas para uma coisa que não era delas, mas que as faziam acreditar que era, mesmo se levasse impresso o selo infundível do capitalismo dominante. (...) Uruguai campeão! Enquanto milhares de mulheres e crianças são exploradas de modo terrível nas fábricas. Uruguai campeão! Mas campeão pelos – e para – os interesses da burguesia*”. Em “Ante Uruguay campeón”. *Justicia*, 3351, 31 de Julho de 1930, p. 1.

Imagem 4.20. Plano diretor de Montevideu, anteprojeto da equipe dirigida pelo arquiteto Mauricio Cravotto, 1930.

Logo após a final da Copa e o triunfo uruguaio, começaram a ser publicados textos com balanços sobre o torneio e sobre o estádio. Em uma publicação da própria Comissão Administrativa do estádio (CAFO, 1930), o arquiteto Mauricio Cravotto fez uma elogiosa crítica ao projeto de Scasso e Domato, descrevendo-o como um resultado perfeito em termos arquitetônicos e urbanísticos. Do projeto do Centenário, ele salientou a capacidade dos projetistas para resolverem problemas técnicos de visibilidade, comodidade, amplitude e fluxos de grandes quantidades de pessoas ao mesmo tempo. Esta questão aludia tanto aos acessos do próprio coliseu, como na relação do complexo esportivo com as avenidas circundantes ao parque. O texto também elogiava algumas características da forma do projeto, tal como a leveza da torre, em oposição à pesada estrutura horizontal do estádio, e as diferentes vistas existentes em cada arquibancada, que ofereciam diferentes experiências aos espectadores. Além disso, afirmava que o estádio tinha a qualidade de valorizar uma região da cidade e beneficiar seu futuro através das múltiplas atividades que poderiam ser desenvolvidas no lugar.

Para Cravotto, a localização do estádio nessa área da cidade era útil para sua própria agenda de intervenção urbana e, mais especificamente, para os objetivos que perseguia em sua proposta de plano diretor para Montevideu – que ele havia desenvolvido, por volta dessa mesma época, junto à uma equipe de jovens arquitetos. Cravotto não era um arquiteto qualquer: um dos mais importantes arquitetos em exercício na cidade, era professor no curso de projetos da Faculdade de Arquitetura desde 1921 e da cátedra de urbanismo desde 1925. Vencedor do Grande Prêmio da mesma Faculdade, viajou pela América Latina e Europa entre 1918 e 1921. O estágio no escritório de León Jaussely, em Paris (1921), seguramente ajudou a desenvolver seu interesse pela prática urbanística, o que ficou evidente em seu anteprojeto de plano diretor para Montevideu de 1930, assim como pela fundação do Instituto Uruguaio de Urbanismo, em 1936. Amigo de Scasso, eles ensinavam juntos no curso de Projeto na Faculdade de Arquitetura e compartilham o interesse pelo desenvolvimento da região do Parque de los Aliados.

Tal como assinalam Craciun et al. (2014), o anteprojeto proposto pela equipe de Cravotto dependia fortemente da re-localização do centro da cidade e de sua reorientação em direção ao norte, a partir da criação de um centro cívico que irradiasse investimentos urbanos e contrastasse com o impulso suburbano da região leste da cidade. O plano diretor propunha limitar a população máxima da cidade a três milhões de pessoas, e estabelecia um sistema viário de *parkways*, avenidas arborizadas que funcionariam também como limites administrativos dos bairros.

Ademais, o plano projetava a criação de novas áreas verdes na cidade, além de cinquenta arranha-céus residenciais no limite norte montevideano, estes funcionariam como uma demarcação urbano-rural com limites bem definidos e como uma contenção da expansão residencial.

O novo centro projetado por Cravotto para Montevideu localizava-se a poucos quarteirões do Parque Batlle, no chamado centro geométrico da cidade. Esse atrativo era também utilizado por Scasso, quando procurou justificar outro importante projeto que estava em andamento durante toda a edificação do Centenário: a proposta para o novo estádio do Club Nacional de Montevideu, que ficaria perto do seu já tradicional estádio, o Parque Central, e do novo centro proposto por Cravotto para a capital uruguaia. Como assinala Nudelman (2015), o projeto liderado por Cravotto pode ser compreendido como uma proposta de transformação metropolitana através do alargamento de avenidas e da redistribuição de funções urbanas.

O anteprojeto desenvolvido pela equipe coordenada por Cravotto foi publicado na revista da Sociedade de Arquitetos do Uruguai em março de 1931, dando conta do relatório que tinha sido entregue ao Conselho Departamental de Montevideu em maio do ano anterior¹¹⁸. A proposta, encomendada pelos ex-Presidentes da República Baltasar Grum (1919-1923) e José Serrato (1923-1927) e pelos empresários Alejandro Gallinal, Horacio Mailhos e Numa Pesquera (Articardi, 2016), fundamentava-se nos problemas que o centro histórico da cidade tinha naquele momento. Localizado em um dos extremos da cidade, a área sofria com congestionamentos e com as escassas possibilidades de alongamento e verticalização (em função do tamanho dos lotes), o que frustrava seu desenvolvimento. Ademais, isso produzia problemas de comunicação e dificuldades para definir a especialização dos usos do solo na região, problemas que só poderiam ser resolvidos a partir da readequação funcional de uma outra região da cidade. Para os planejadores, a solução para Montevideu passava pelo deslocamento do “centro de gravidade” da cidade, levando-o para a região do que hoje é conhecida como Tres Cruces, na vizinhança do Parque Batlle e na intersecção da Avenida 18 de Julio e o Bulevar Artigas, principal eixo estruturante norte-sul da cidade. O novo centro ajudaria a descongestionar a cidade, seria estruturado através de avenidas radiais e *parkways* que uniriam o resto de Montevideu com o novo polo – o centro histórico tinha a Avenida 18 de Julio quase como a única via de acesso para a zona leste da cidade –, que, por sua vez, ajudariam a valorização fundiária de outras regiões da capital uruguaia. Assim, o anteprojeto propunha produzir uma rede de avenidas suficientemente largas para facilitar os fluxos de veículos. O memorial da proposta afirma: “O automóvel é o veículo moderno. É útil quando corre. Limitar a velocidade é anti-econômico, deve ser fomentada a velocidade e só a restringir quando perturbar a fisiologia humana ou a segurança coletiva”. Nesse sentido, segundo o juízo dos projetistas, a mobilidade motorizada reduzia as distâncias e comprimia os longínquos lugares da cidade através do aproveitamento do tempo.

Para impulsionar essa nova centralidade, Cravotto e sua equipe propuseram deslocar os principais escritórios de negócios da península da Cidade Velha, assim como os edifícios administrativos da cidade, que ficariam nas imediações do projetado novo centro cívico de governo. Do mesmo modo, o anteprojeto considerava útil e necessária a concentração das diversas faculdades da Universidad de la República, aproveitando que as faculdades de Medicina e Odontologia seriam transferidas junto ao premiado projeto do Hospital de Clínicas¹¹⁹. A proposta planejava deslocar a Faculdade de Arquitetura para o interior do Parque de los Aliados¹²⁰, assim como outros institutos da Universidade, com exceção das Faculdades de Di-

¹¹⁸ “Anteproyecto de plan regulador de Montevideo”. *Arquitectura (SAU)*, 160, 1931, pp. 51-66.

¹¹⁹ O concurso público de projetos para o Hospital das Clínicas, organizado pelo Conselho Nacional de Administração, teve como vencedor o arquiteto Carlos Surraco. O segundo lugar foi para o próprio Mauricio Cravotto.

¹²⁰ A Faculdade de Arquitetura realizaria o concurso de anteprojetos para seu edifício só em 1938. O projeto vencedor dos arquitetos Ramón Fresnedo Siri e Mario Muccinelli foi inaugurado em 1946. Para mais informações, cf.: “Facultad de Arquitectura. Concurso de anteproyectos”. *Arquitectura (SAU)*, 196, 1938, pp. 21-34.

reito e Engenharia, e construir, na sua vizinhança, conjuntos residenciais estudantis, salões de exposições universitários e auditórios. Todo esse conjunto, chamado de “centro cultural” dentro do anteprojeto, era complementado com os diversos espaços esportivos e recreativos já existentes no Parque (o estádio Centenário e a Pista Atlética), mas também por um outro projeto que havia sido anunciado alguns meses antes da divulgação da proposta de Cravotto: o novo complexo esportivo do Clube Nacional de Football, projeto que tinha sido feito por um velho conhecido seu, Juan A. Scasso, em parceria com Jose H. Domato. Essa ideia permaneceu em discussão, pelo menos até 1934, quando o decano da Faculdade de Engenharia, Luis Giorgi, solicitou ao Intendente de Montevideu a possibilidade de localizar seu novo edifício no interior do Parque Batlle (Scheps, 2008).

Não foi por acaso que Cravotto e Scasso coincidiram em suas propostas de desenvolver edifícios de diferentes propósitos no interior do parque. Para os dois arquitetos, tal como afirma Scheps (2008), o espaço livre do parque começa a ser progressivamente entendido como um lugar onde era possível localizar edifícios públicos, estabelecendo limites bem mais difusos que os da lógica dos bairros diferenciados em termos funcionais. Como veremos nas páginas seguintes, ambos arquitetos compartilhavam interesses no desenvolvimento de outro projeto esportivo, o novo estádio do Clube Nacional de Football. Nessa medida, Cravotto e Scasso estavam interessados em replanejar o crescimento montevideano, o que fica explícito em alguns dos trabalhos que exigiam dos seus alunos na disciplina que ministravam na Faculdade de Arquitetura, uma espécie de laboratório de algumas hipóteses da proposta de plano diretor da equipe de Cravotto (Craciun et al., 2014). Um projeto dos estudantes Carlos Gómez Gavazzo e Ernesto Leborgne, de 1931, dá conta desse processo¹²¹: eles projetaram um bairro para servidores públicos, localizado na intersecção de Bulevar Artigas e General Urquiza, em um lote de 6 bairros localizado a poucos metros do novo centro cívico do plano diretor de Cravotto. O conjunto incluía vários edifícios de seis andares, com um parque interior que articulava espaços residenciais, comércio e outros equipamentos, como espaços esportivos, cinema e restaurantes¹²².

Se Cravotto e Scasso estavam testando suas ideias para uma nova Montevideu nas aulas da Faculdade, também se utilizariam das oportunidades que o mercado imobiliário e o governo municipal abriam. Uma dessas alternativas foi um concurso para uma entidade privada, patrocinado pelo poder público e localizado na vizinhança da região do novo centro cívico. A proposta de um novo complexo esportivo para o Clube Nacional foi uma nova chance para que Scasso continuasse desenvolvendo suas ideias sobre a relação entre áreas verdes e espaços construídos, assim como para que Cravotto tivesse mais um equipamento urbano nas proximidades da região que pretendia que fosse o novo centro montevideano.

Um estádio para o centro geométrico da cidade

O clube Nacional, assim como o Peñarol, seu rival mais tradicional, tinha a intenção de construir um novo estádio, ainda que já fosse proprietário do Parque Central desde 1900, um campo de futebol para quase 20 mil espectadores. Em dezembro de 1929, o Clube decidiu iniciar sua própria coleta entre sócios e torcedores para financiar a compra de um novo terreno. A diretoria achava que o estádio tinha ficado pequeno para os jogos do seu time, mas também queria um novo local para oferecer possibilidades “à juventude que deseja instruir-se nos conhecimentos do esporte e deseja praticá-los”. Milhares de pessoas que tinham interesse em participar de atividades esportivas perdiam seu entusiasmo ao não conseguir praticar os esportes que elas desejavam no Clube. Em uma nota de imprensa explicando o projeto, um dos diretores do Clube afirmou que o Nacional

¹²¹ Carlos Gómez Gavazzo e Ernesto Leborgne serão figuras reconhecidas no campo da arquitetura, do urbanismo e das artes plásticas nos anos seguintes. O primeiro deles fez estágio no ateliê de Le Corbusier, entre 1933 e 1934, e logo depois, em 1936, participou da fundação do Instituto de Teoria e Urbanismo (ITU) da Faculdade de Arquitetura, liderado por Mauricio Cravotto. Por sua parte, Leborgne se destacou nas artes plásticas, estabelecendo relações profissionais e conceituais com Joaquín Torres García.

¹²² “Curso de trazado de ciudades y arquitectura paisajística. Tema del trabajo: un barrio para empleados.” *Arquitectura (SAU)*, 166, Setembro/1931, pp. 203-211.

devia assumir, mais decididamente, a tarefa de se transformar em “uma escola e um atelier de cultura física” que convidasse a maior quantidade de esportistas possível. Para conseguir isso era imperativa a construção de um grande complexo esportivo que funcionasse como uma grande “cidade esportiva” – um termo tão atual e já utilizado naquele texto de 1929. Um folheto publicitário do projeto produzido pelo Clube dizia:

Ajudar na realização [do projeto do estádio] é propiciar o engrandecimento do país, incentivar as alegrias saudáveis, expandir os ideais democratas, semear saúde, impulsionar a aproximação dos povos, trabalhar pela fraternidade universal, cuidar do futuro da raça, espalhar o espírito da disciplina, pregar o apogeu da energia, do caráter e do desejo, participar da ascensão do nível cultural. Em uma frase: contribuir ao triunfo dos maiores princípios humanos. (Club Nacional de Football, 1930: 16).

A ambição do projeto era enorme, o que fica evidente também na descrição do programa arquitetônico do complexo. As autoridades do Clube almejavam construir um estádio para 100 mil pessoas – o terceiro coliseu de esse tamanho prometido durante o segundo semestre de 1929 –, dois campos de futebol auxiliares, quadras de tênis, basquete, vôlei, praças de esportes infantis, uma piscina de natação, frontão, ginásio, stand de tiro, sala de esgrima, anfiteatro, biblioteca, restaurante e cantina, hotel para delegações esportivas e espaços administrativos do clube¹²³. Para isso o Clube desejava comprar um terreno de 9 hectares, localizado no “centro geométrico” da cidade. É importante manter essa categoria em vista, pois ela está intimamente ligada a outro grande projeto que tentava materializar-se naqueles anos em Montevideu e, como veremos mais adiante, com alguns agentes em comum: o Plano Diretor para Montevideu, projetado pela equipe liderada pelo arquiteto Mauricio Cravotto, encomendado pelos ex-Presidentes da República e sócios do Clube Nacional, Baltasar Brum e José Serrato, entre outros. O que chama a atenção é que essas importantes figuras políticas do *batllismo* eram também presidente e vice-presidente da comissão encarregada da construção do novo estádio. Naquele momento, Brum era presidente do Conselho Nacional de Administração, instituição criada na constituição de 1918 como “co-governo” presidencial, além de presidente da Comissão Nacional das comemorações do Centenário.

Era tal a proximidade entre as autoridades do Nacional e representantes do governo municipal que, no começo de janeiro, José Serrato, José María Delgado e Roberto Espil participaram de uma reunião no Conselho Municipal em que apresentaram o projeto e pediram o auxílio público à missão esportiva do clube através de verbas para o estádio. O município constituiu uma comissão mista que analisaria o projeto e planejava seu financiamento¹²⁴. A estratégia da diretoria do Nacional foi negociar com o governo municipal enquanto era feita a primeira fase da grande coleta entre sócios e torcedores do clube, que tinha começado duas semanas antes. Um dia após essa reunião, o Nacional anunciou que tinham sido reunidos um pouco mais de 42 mil pesos na coleta, que se somariam a outros aportes feitos por sócios honorários do clube, assim como por vizinhos interessados na urbanização e requalificação da região¹²⁵. O esquema financeiro proposto pela comissão calculava que era necessário arrecadar cerca de 100 mil pesos para começar as obras, o que equivalia aproximadamente a 15-20% do custo total do complexo esportivo (CNF, 1930).

Logo após o sucesso da coleta, as autoridades do Clube anunciaram publicamente a realização de um concurso de arquitetura para escolher o projeto para o novo complexo esportivo. Tal como havia feito o Peñarol alguns meses antes, os diretores do Nacional também consideraram melhor fazer uma competição em vez de uma designação direta. No dia 25 de janeiro foram recebidas treze propostas. Quase um mês depois foram divulgados os resultados. O ganhador foi, novamente, Juan A. Scasso, mais uma vez em parceria com Jose H. Domato. Arquitetos responsáveis pelo projeto do Centenário, ganhadores do segundo prêmio no concurso do

¹²³ “Nacional inicia hoy su gran colecta”. *El País*, 26 de Dezembro de 1929, p. 8.

¹²⁴ “El estadio de Nacional y el municipio”. *El País*, 11 de Janeiro de 1930, p. 11.

¹²⁵ “Anoche terminó la colecta de Nacional”. *El País*, 12 de Janeiro de 1930, p. 11.

Imagem 4.21. Desenho de perspectiva do projeto vencedor do concurso para o estádio do Club Nacional de Football, proposta de Juan. A. Scasso e José H. Domato, 1930.

estádio de Peñarol, eles eram agora os vencedores do projeto da cidade esportiva do Nacional. Transformados praticamente em especialistas, sua proposta venceu o projeto dos arquitetos Octavio de los Campos, Hipólito Tournier e Milton Puente, que obteve o segundo lugar¹²⁶. Coincidência ou não, os três jovens arquitetos eram parte da equipe que desenvolvia a proposta do Plano Diretor de Montevideu¹²⁷, liderada por Mauricio Cravotto e encarregada pelos já mencionados Serrato, Grum e os empresários Alejandro Gallinal, Horacio Mailhos e Numa Pesquera (Articardi: 2016), esse último ex-presidente do Clube Nacional entre 1923 e 1925.

O projeto de Scasso e Domato foi avaliado pelo júri como excelente, salientando sua adaptação ao programa arquitetônico requerido e sua otimização no uso do lote. As atas do concurso distinguem os acessos, assim como a interessante distribuição dos diferentes edifícios no interior do complexo. Em relação ao coliseu, afirmaram que tinha sido uma boa decisão aumentar o número de assentos nas arquibancadas, em detrimento de lugares de pé, mas mantendo a capacidade máxima de 100 mil espectadores.

O campo principal, assim como todas as quadras de futebol, basquete e vôlei estariam orientadas pela relação norte-sul. Em termos de composição, o complexo estaria dividido em duas seções; enquanto uma delas estaria composta pelo coliseu e algumas quadras de basquete, bochas e frontão, a outra teria um campo menor de futebol – que, mesmo secundário, teria algumas pequenas arquibancadas –, praça de esportes infantis, quadras de tênis, basquete e vôlei, a piscina e a sede social do clube. As seções e os edifícios estariam unidos através de um parque¹²⁸.

¹²⁶ Entre os outros projetos reconhecidos com menções estava a proposta feita pelos arquitetos Luis R. Crocco e Román Fresnedo Siri. Nesse mesmo ano, Fresnedo fez o projeto do edifício-sede do Club Nacional de Regatas e, entre 1938 e 1945, foi o responsável pelas arquibancadas do Hipódromo de Maroñas. Os membros do júri foram: José Serrato, José María Delgado e Luis Durán e Veiga como representantes do Clube; Eugenio Baroffio da Intendência Municipal; Carlos Surraco e Rafael Terra Arroceña representando a Sociedade de Arquitectos do Uruguai; e o delegado do concurso Juan A. Rius. “Concurso de anteproyectos para el estadio de Nacional”. *El País*, 18 de Fevereiro de 1930, p. 9.

¹²⁷ É importante dizer que De los Campos, Fournier e Puente tinham experiência no desenvolvimento de grandes projetos na cidade, pois nesses mesmos dias estavam prontos para inaugurar o Edifício Centenário na Cidade Velha. Como estudantes da Faculdade de Arquitetura, o trio de estudantes já tinha desenvolvido algumas propostas para programas parecidos com grandes complexos esportivos dentro das disciplinas de Projeto ministradas por Mauricio Cravotto e José Carré. Por exemplo, desenvolveram projetos como um centro esportivo e de lazer estruturado ao redor de uma piscina olímpica, e um centro de formação educacional com instalações esportivas chamado Casa del Pueblo (Casa do Povo). Apenas uns meses mais tarde, o trio venceu o concurso do projeto “Casa de la Salud”, um complexo hospitalar localizado também na vizinhança do estádio de Nacional. O presidente da instituição médica era Alejandro Gallinal, um dos impulsores da proposta do novo plano diretor para Montevideu. Para mais detalhes, cf.: “Composición decorativa. Un Edén en Cinelandia”. *Arquitectura, Sociedad de Arquitectos del Uruguay*, 122, Janeiro/1928, pp. 17-21; “Proyectos de Arquitectura IX y X. La Casa del Pueblo”. *Arquitectura, Sociedad de Arquitectos del Uruguay*, 135, Fevereiro/1929, pp. 42-48; “Concurso de planos de la Casa de Salud”. *Arquitectura (SAU)*, 151, Junho/1930, pp. 204-211.

¹²⁸ “Como concibe Nacional su gran obra”. *El País*, 11 de Março de 1930, p. 8.

Provavelmente, para Scasso, já era uma experiência conhecida trabalhar com essa escala, uma vez que, em diversos sentidos, era parecido ao que ele já havia feito como Diretor Municipal de Passeios Públicos por mais de uma década, em termos de acomodar diferentes programas no interior de um espaço. Ele já tinha feito isso, por exemplo, na expansão do Jardim Botânico e nos jardins do Restaurante Municipal do Parque Prado, na construção de diversos edifícios no interior do Parque Rodó (Restaurante El Retiro) e do Parque Rivera (Hotel del Lago), assim como do Parque de los Aliados (sede do Clube Universitário). Nos anos seguintes, ele continuaria se especializando nessa matéria, pois planejou a edificação da Pista Atlética e do Velódromo dentro do próprio Parque de los Aliados – a poucos metros do Estádio Centenário –, assim como o projeto não construído do Parque Escolar de Florida (Gatti e Alberti, 2010).

É importante compreender a visão de Scasso sobre os programas esportivos no interior dos espaços verdes da cidade. Em *Espacios Verdes* (1941), ele analisa a relação entre campos esportivos e parques dentro das cidades modernas, atentando para função social do verde no espaço público. Sobre os equipamentos esportivos diz:

Os campos de cultura física e esportes são elementos estáveis dentro da cidade, pois respondem para uma necessidade fixa e permanente. É preciso compreendê-los desse jeito, para assim projetá-los com suficiente antecedência e assegurar sua permanência indefinida na estrutura formal da cidade. (...) O espaço verde da cidade não é um espaço disponível para qualquer uso; no conceito moderno, ele é um espaço que tem uma função específica, um motivo de ser. (...) A única forma de conseguir essa estabilização é fazer que o espaço verde e o espaço esportivo estejam inseridos dentro de um sistema: o sistema do verde urbano e, dentro desse, um espaço reservado para a prática esportiva. (...) O estádio para espetáculos é necessário, faz parte do prestígio da cidade. O estádio da cultura física é imprescindível, dele depende a saúde da população. O primeiro poderia não existir; o segundo não deve faltar nunca, e não individualmente, mas repetido e orientado para os diferentes segmentos da população (...). Achar que ter um estádio para o esporte-espetáculo é tudo, é desconhecer o problema da cultura física no seu conjunto, assim como seu significado e suas implicações higiênicas e sociais. (Scasso, 1941: 119-120)

O esporte, fosse como prática amadora ou como espetáculo profissional, deveria ter um espaço nas áreas verdes da cidade. Scasso propõe uma explicação para essa necessidade quase adaptativa: os rigores da vida metropolitana fazem com que a população precise de vida ao ar livre e atividade física: sendo assim, qualquer planejamento urbano deve incorporar programas que atendam a esse novo requerimento coletivo. Nesse sentido, um grande campo esportivo deveria ser localizado no interior de uma área verde – Scasso fala de arvorada ou parque – no qual fosse possível assegurar “um ambiente de higiene para o exercício físico e o descanso reparador” (Scasso, 1941: 122), um contexto perfeito para isolar os diferentes espaços do conjunto.

Os interesses cruzados dos agentes públicos e privados começaram a ser desvelados para a opinião pública durante o mês de janeiro de 1930, inclusive antes do anúncio do projeto vencedor. Em diversas notas na imprensa foram divulgados os projetos de abertura da Avenida Centenario como parte do plano de obras do novo complexo esportivo do Nacional. O município se comprometeu com a desapropriação de vários imóveis para a abertura da Avenida Centenario, que uniria o Parque de los Aliados até uma travessa da prolongação do Bulevar General Artigas, nesse momento ainda não construído¹²⁹. Na conjunção das Avenidas 8 de Octubre, Larrañaga e Centenario, também seria edificada uma nova praça. As obras viárias municipais ainda retificariam e alargariam a Avenida Larrañaga¹³⁰. O governo municipal dispôs de 200 mil pesos para as desapropriações, justificando

¹²⁹ “Las asambleas de Nacional”. *El País*, 24 de Fevereiro de 1930, p. 8.

¹³⁰ “El Estadio del Club Nacional provocará la realización de una gran obra edilicia”. *El País*, 30 de Janeiro de 1930, p. 13.

Imagem 4.22. Cerimônia de lançamento da pedra fundamental do novo estádio do Club Nacional de Football, no atual bairro Mercado Modelo, Montevideú, 1930.

o investimento com base no fato de que a Avenida Centenario serviria a uma área em que a rede viária era deficiente e conseguiria, por fim, unir o distante bairro do Hipódromo de Maroñas e a região do Parque de los Aliados – a partir de onde seria possível acessar a rede de avenidas que levavam para o centro, as Ramblas e a região de Pocitos. Não por acaso, nesses mesmos dias, os diretores do Nacional pediram às autoridades do Jockey Club que também apoiassem a construção do estádio e a inauguração da Avenida Centenario¹³¹.

Além do compromisso assumido com a cessão de verbas para as desapropriações na região, o governo municipal doou 30 mil pesos para a campanha da construção do estádio¹³². Com quase três quartos do valor inicial pretendido arrecadado, os diretores do Clube decidiram estender a coleta por mais dez dias, a primeira quinzena de fevereiro, poucas semanas antes da entrega dos resultados do concurso de projetos para o novo estádio. O convênio entre o Clube e o Município incluiu a entrega dos novos recursos para desapropriação, a serem cedidos no primeiro trimestre de 1930 e de 1931, no valor de 15 mil pesos cada um. Essas verbas estavam condicionadas à existência de garantias que assegurassem que o Clube investiria pelo menos 500 mil pesos nas obras do complexo esportivo. Por sua vez, o governo municipal assumia os custos da arborização e ajardinamento na vizinhança do estádio e nas novas avenidas. Alguns artigos do contrato já previam a eventualidade de que o Nacional não construísse o estádio, o que acabou acontecendo. As cláusulas diziam que, nesse caso, o Município de Montevideú teria prioridade na aquisição do lote, por um preço de venda segundo seu valor fiscal. Além disso, seriam descontadas todas as verbas que o Município tivesse transferido ao Clube.

Poucos dias antes das semifinais da Copa do Mundo, o Clube Nacional oficializou a compra do lote para seu novo complexo esportivo. Um terreno de dez hectares, propriedade do empresário José Antonio Ferreyra, foi adquirido pelo valor de 180 mil pesos – quantia que foi paga com o dinheiro arrecadado pela Comissão Estádio do Nacional e por um crédito imobiliário do Banco Hipotecário, entidade financeira pública, presidida, em períodos anteriores, pelos já mencionados ex-Presidentes Serrato (1914-1922) e Brum (1927-1928). Supostamente, a licitação das obras começaria no mês seguinte, segundo as declarações do arquiteto Scasso. Em setembro de 1930, o Nacional organizou a cerimônia de colocação da pedra fundamental do novo estádio, uma festa que incluiu a participação de autoridades de governo, do futebol uruguaio e da imprensa, além dos arquitetos responsáveis pelo projeto e representantes dos clubes argentinos Boca Juniors e Newells Old Boys¹³³.

¹³¹ “La construcción del estadio del Club Nacional”. *El País*, 31 de Janeiro de 1930, p. 13.

¹³² *Ibid.*, p. 13.

¹³³ “Fue colocada la piedra fundamental del Estadio del Club Nacional de Foot-ball”. *Mundo Uruguayo*, 610, 18 de Setembro de 1930.

Imagem 4.23. Jogadores do Club Nacional de Football no Estádio Centenário, Campeonato Profissional Uruguaio de 1933, Montevideu, 1934.

Pouco sabemos sobre o porquê o projeto do novo complexo esportivo do Nacional não foi levado a cabo. Ainda que um plano de 1932 faça referência ao estádio como “em construção”, as obras viárias asseguradas pelo governo – isto é, a construção da Avenida Centenario e a retificação da Avenida Larrañaga – não tinham sido feitas. É inevitável pensar que a grande crise econômica mundial tenha impactado diretamente o investimento público em grandes projetos de infraestrutura e o patrocínio às iniciativas privadas. A desvalorização do peso uruguaio em 1931, a falência de centenas de companhias e indústrias, o calote técnico e a suspensão do pagamento da dívida externa no começo de 1932, entre outros fenômenos econômicos e políticos, levaram ao golpe de Estado de Gabriel Terra, em março de 1933. No mesmo dia em que Terra dissolveu o Congresso Nacional e suspendeu a Constituição de 1918, o ex-Presidente e promotor do projeto do clube Nacional, Baltasar Brum, suicidou-se (Klein, 2017). No entanto, esse fato, de alto simbolismo político, não pode ser entendido como uma repressão do novo governo em relação às autoridades do Clube. Isso porque, por exemplo, outro grande promotor do projeto, o ex-Presidente José Serrato, assumiu, na mesma época, a presidência do Banco de la República, cargo que exerceu até 1934. Se o novo contexto político dificultou a solicitação de créditos, pelo Clube, ao Banco Hipotecário é uma questão em aberto e difícil de responder. Aparentemente, em algum momento do ano 1934, o terreno do estádio foi comprado pela Intendência de Montevideu para a construção do Mercado Modelo. As obras do mercado iniciaram-se no dia 4 de fevereiro de 1935, sendo inaugurado no verão de 1937. O estádio não foi construído, mas, de toda forma, o mercado também era funcional à proposta de plano diretor de Craviotto: um uso complementar e de alto fluxo, localizado no primeiro anel de expansão do seu novo centro.

Outro fator que não pode ser subestimado é que as finanças do Clube, tal como a grande maioria dos setores da economia uruguaia, sofreram os efeitos da crise. Porém, a comodidade de utilizar o Estádio Centenário pode ter sido outro fator decisivo, além de lógico, na decisão de abandonar o projeto do novo estádio. Logo após a Copa e, especialmente, desde 1932, quando foi organizado o primeiro torneio uruguaio da era profissional, o Nacional utilizou seu estádio, o Parque Central, para alguns jogos, e o Centenário para os de maior convocatória – e mais lucrativos.

Tal como aconteceu com o Nacional, seu tradicional rival Peñarol também embarcou na utopia de um novo estádio próprio. Ainda que o processo do estádio

*carbonero*¹³⁴ tenha sido diferente em vários sentidos, é útil analisá-lo, pois auxilia na compreensão de alguns elementos sobre as relações pensadas entre os complexos esportivos e os grandes projetos de transformação urbana que aconteciam na cidade.

Um estádio com vista para o rio, uma rambla com vista para um monumento ao futebol

Entre as várias notícias sobre o estádio Centenário que a imprensa publicou nos dias posteriores à nomeação do Uruguai como sede da Copa, uma delas surpreende. A diretoria do Clube Peñarol, bem como a do Clube Nacional, os dois times mais populares do país, anunciaram a constituição de uma comissão financeira para a construção de seus novos estádios¹³⁵. A decisão, ou desejo, desses clubes privados em planejar a construção de seus próprios complexos esportivos, em paralelo à edificação do maior coliseu da cidade, era possível se pensarmos que o estádio da Copa seria de propriedade pública. Ainda que o Peñarol já fosse proprietário de um estádio no bairro de Pocitos – região balneária da cidade e, progressivamente, um dos lugares preferidos das classes mais abastadas de Montevideu –, isso não foi um obstáculo à aspiração por um moderno complexo esportivo. Tal intento pode ser entendido como mais um passo no processo de fortalecimento institucional e financeiro dos clubes mais avançados na profissionalização do esporte, além de um reconhecimento das dinâmicas imobiliárias de Pocitos que, mais cedo ou mais tarde, acabariam expulsando o estádio do novo bairro residencial de alta renda. Vale lembrar também que, ademais de seu estádio, o clube era proprietário de uma sede social, que foi ampliada em 1927, e já tinha a ideia de construir um ginásio, projeto que seria concretizado entre 1930 e 1931 (Buzzetti, 1962). Porém, o que chama a atenção, analisando retrospectivamente o processo, é que o projeto de novo estádio teve o patrocínio do governo municipal.

Ora, o lugar escolhido para o estádio não era qualquer um. Localizado em um dos extremos da maior intervenção urbanística litorânea que estava sendo desenvolvida na cidade, o projeto Rambla Sur, o lote era uma concessão da Intendência de Montevideu para o Peñarol. O terreno situava-se no interior do Parque Rodó, em frente à Praia Ramírez, de onde havia uma vista privilegiada para a Rambla Sur, para o Parque Hotel até o Dique Mauá e para as instalações da Companhia de Gás da cidade. Não é possível ter certeza de quando foi exatamente que o Peñarol se interessou pela primeira vez por esse lote, mas sabemos que, já em 1920, a AUF tinha pedido à Intendência a cessão de uma parcela de terreno no interior do Parque Rodó¹³⁶. Com efeito, em 1928, a Intendência de Montevideu assinou um contrato de concessão de terreno com o Peñarol e promulgou o uso do lote pelo clube pelos próximos 30 anos (CAP, 1929). Por sua vez, o Clube Peñarol se comprometia a construir, em etapas, seu campo de futebol e as arquibancadas, com um investimento mínimo de 100 mil pesos uruguaios, seguindo algumas especificações materiais e formais – como ser um edifício construído em concreto armado e alvenaria, além da obrigatoriedade de utilizar “materiais nobres”. O governo municipal, tal como no caso do contrato do Estádio Centenário, arrecadaria uma porcentagem específica dos ingressos vendidos, assim como do dinheiro recebido pelo Clube pela publicidade estática do interior do estádio.

A Rambla Sur era um projeto extremadamente ambicioso. Iniciado em 1923, tinha o intuito de orientar a Montevideu tradicional para o rio. A concepção do projeto estabelecia uma via de circunvalação fluvial na orla do Rio de la Plata compreendida entre o quebra-mar Sarandí, da Cidade Velha, até a rua Juan D. Jackson, onde ficava o Casino Parque Hotel, um dos principais centros turísticos da cidade. Essa grande avenida litorânea se conectaria com o Parque Rodó e a Praia Ramírez, um dos principais balneários da cidade naquele momento. Como afirma Artcardi (2016), a Rambla Sur foi um projeto decisivo da diferenciação funcional da área

¹³⁴ O Clube Peñarol tem diferentes apelidos, como *manyas*, *carboneros* e *mirasoles*.

¹³⁵ “Hacia la construcción del stadium de Peñarol”. *El País*, 13 de Junho de 1929, p. 8.

¹³⁶ “Parcela municipal en el Parque Rodó. Pedido de la Asociación Uruguaya de Football”. *Boletín Municipal*, 1928/920, Tomo IV, Janeiro-Junho/1920.

histórica de Montevideu e da fisionomia da orla fluvial: se o plano regulador de 1912 estabeleceu a baía como o local definitivo do porto, a Rambla Sur foi a via expressa de interligação litorânea entre a área tradicional e a região de expansão urbana à leste.

É importante dizer que o projeto tinha sido idealizado desde a última década do século XIX, mas só em 1922 o engenheiro Juan P. Fabini, funcionário do Conselho Departamental de Montevideu, conseguiu apresentar uma proposta que acabaria sendo aprovada pela instituição. Os objetivos da iniciativa eram múltiplos e representavam diferentes agendas e interesses que existiam, pelo menos, desde 1891, quando o setor administrativo da cidade, a Junta Económica Administrativa, contratou o paisagista francês Edouard André para projetar um bulevar marítimo dentro do plano de alongamento e embelezamento de Montevideu (Schelotto, 2000). Desde então, propostas alternativas para a abertura do litoral para a cidade transitaram entre proposições viárias, higienistas, turísticas e imobiliárias, o que ficou evidente no projeto de Fabini (CDF, 2016).

Com certo propósito higienista, o projeto incluiu a demolição de um número importante de edificações na região sul da Cidade Velha, assim como do chamado Bairro Sur, em uma área de aproximadamente 30 quarteirões. A desapareição do *Bajo*¹³⁷, uma área residencial popular da cidade com uma alta concentração de cortiços, prostíbulos e bares, obedeceu a uma estratégia de especulação imobiliária e de disciplinamento de alguns hábitos das classes populares montevidéanas (Articardi, 2016), que aconteceu paralelamente ao debate da lei de higiene da habitação¹³⁸. A atmosfera daquele bairro é descrita pelo escritor Juvenal Ortiz Saralegui, em 1927, no seu poema *Muchachos Palermenses*:

Canta à noite meu bairro / com as vozes de vinte moleques. / Canta músicas fáceis: / algum foxtrot, algum tango... / O mercadinho da esquina / vende-lhes álcool aos seus cantos / Vinte vozes andando / bêbadas pelo quarteirão!¹³⁹ (Ortiz Saralegui, 1927).

Além das demolições de moradias, a retificação litorânea eliminou as praias Patrio e Santa Ana, localizadas em frente aos bairros Sur e Palermo, ganhando, assim, espaço do rio e disponibilizando-o para operações fundiárias. Desde 1925, quando foram aprovados os fundos para o desenvolvimento das obras através da recém-criada Comissão Financeira das Obras da Rambla Sur, a margem do rio passaria por uma década de sucessivas obras que definiriam a relação da cidade e da orla para todo o século seguinte. A Rambla Sur não seria inaugurada até 1935. No ano seguinte seriam entregues os jardins e áreas verdes localizados entre a Cidade Velha e Parque Rodó. Tal como já era esperado, tais obras também foram projetadas por Juan A. Scasso.

Foi nesse contexto de planos e obras que o estádio do Peñarol se inseria geograficamente. O compromisso municipal com o projeto não era unicamente fundiário, mas também organizativo e técnico, o que foi evidente quando, em julho de 1929, a Intendência organizou um concurso de projetos para o estádio do clube *manya*. Os resultados do concurso do estádio do Peñarol foram divulgados na mesma semana da colocação da pedra fundamental do Estádio Centenário. Os dois primeiros lugares foram para alguns dos mais importantes arquitetos da cidade: Julio Vilamajó conseguiu o primeiro prêmio, enquanto Juan A. Scasso, novamente em

¹³⁷ O conhecido tango “Adios Barrio Querido”, de 1930, foi composto por Ramón Collazo e Víctor Solido e tem os seguintes versos que expressam a sensação que a destruição do bairro produziu entre seus residentes: “Meu velho Barrio Sur / triste e sentimental / a civilização / te crava o seu punhal”. O próprio Collazo publicou, em 1967, “Historias del bajo: crónicas”.

¹³⁸ A lei, sancionada em 10 de fevereiro de 1928, exigia que todos os quartos tivessem luz e ventilação natural, especificava materiais de construção, a distância das divisórias, o tamanho dos corredores e das escadas, além de detalhar os requisitos para obter um alvará de construção. Para mais detalhes, cf.: “Ordenanza sobre higiene de la habitación, sancionada con fecha 10 de febrero de 1928 y modificada por resolución de 11 de abril del mismo año”. *Arquitectura (SAU)*, 124, Março/1928, pp. 53-56.

¹³⁹ Os versos originais em espanhol são: “Canta de noche mi barrio / con las voces de veinte muchachos. / Canta canciones fáciles: / algún foxtrot, algún tango... / El almacén de la esquina / les vende alcohol a sus cantos. / ¡Veinte voces dando vueltas / borrachas por la manzana!”.

Imagem 4.24. Obras de drenagem das Praias Santa Ana e Patricio, projeto Rambla Sur, Montevideu, 1930.

Imagem 4.25. Construção do projeto Rambla Sur, Montevideu, c.1923-1926.

Imagem 4.26. Construção do projeto Rambla Sur, setor Rambla Argentina e Rua Ejido, Montevideu, c.1926-1935.

parceria com Jose H. Domato, ficou em segundo lugar¹⁴⁰. Não deixa de ser surpreendente que Scasso e Domato participassem do concurso, uma vez que ambos já eram responsáveis pelo projeto do estádio da Copa e desenvolviam o projeto para o estádio do Nacional – projeto que venceria o concurso. Além disso, Scasso continuava em sua posição de diretor da Direção de Passeios Públicos. Não temos certeza se, naquele momento, Scasso já era diretor do Peñarol, questão que se efetivaria de fato em 1932, quando assumiria a posição de Presidente do Conselho Diretivo do clube. Essas relações pessoais e institucionais podem ter tido influência na eleição da localização do estádio dentro da cidade. Outro agente importante nessa trama será o engenheiro Luis Giorgi, ele era o chefe de obras do projeto de reforma balneário da Rambla Sur¹⁴¹, presidente de Peñarol no período 1930-1931 e decano da Faculdade de Engenharia, instituição que utilizaria o lote do estádio no Parque Rodó quando o clube desistisse de edificar seu complexo esportivo, em 1935 (Scheps, 2008). Dessa forma, interesses cruzados atravessaram as decisões de localização e financiamento do projeto.

O júri do concurso salientou vários elementos do projeto, tais como sua adaptação ao terreno, sua monumentalidade e alguns pontos clássicos da proposta. Em sua tese de doutorado sobre o projeto do arquiteto Julio Vilamajó para a Faculdade de Engenharia, Gustavo Scheps (2008) analisa algumas das características do projeto que Vilamajó tinha pensado anteriormente para o estádio do Peñarol, que seria no mesmo local. Segundo Scheps, ao aproveitar o desnível do terreno, o arquiteto uruguaio abriria o estádio para vistas panorâmicas do Rio de la Plata, da Rambla Sur e do Parque Rodó, área verde onde estaria inserido. O estádio teria uma forma parecida aos anfiteatros gregos, especialmente pela estratégia de aproveitamento do declive natural para colocar as arquibancadas (Loustau, 1994). As referências clássicas não acabam aí: um conjunto de colunas atuaria como pórtico de acesso às arquibancadas populares, seção do estádio em que, segundo alguns desenhos preliminares de Vilamajó, existiria também um conjunto escultórico. Além disso, é um pouco surpreendente o plano de fazer uma grande coluna colocada no ponto mais baixo do terreno e no meio do eixo longitudinal do projeto. Simbolicamente relevante como elemento que exageraria a simetria absoluta da composição, a coluna também teria a função de estação radiofônica com alto-falantes, assim os jogos seriam narrados para quem ficasse de fora do estádio (Ponte, 2005). O projeto executivo do estádio analisado por Scheps tem uma cara modernista, expressada no uso do concreto aparente e das figuras circulares sobre a fachada levemente parabólica de uma das arquibancadas. Nesse sentido, o estádio imaginado por Vilamajó era tão classicista como modernista, dependendo da fachada que fosse analisada. Isso é consoante com outros projetos que o arquiteto desenvolvia naqueles anos, em que coexistiam propostas ecléticas com soluções funcionais, especialmente na planta e na utilização do concreto armado (Alemán, 2017).

A riquíssima análise de Scheps mostra como Vilamajó trouxe arquétipos do passado para criar um *estádio-monumento*, um edifício que albergaria 100 mil pessoas e seria um tributo dedicado aos heróis uruguaios contemporâneos, os mesmos que em Amsterdã-1928 tinham conseguido “*vencer ao desejo de vingança que tinha toda Europa*”, após o triunfo da celeste em Paris-1924¹⁴². Tal interpretação ganha força se voltarmos nosso olhar para alguns meses antes da proposta de Vilamajó ser escolhida como vencedora, quando foram publicados dois trabalhos da disciplina de Projeto do terceiro ano da Faculdade de Arquitetura para um monumento aos campeões olímpicos¹⁴³. As duas propostas são edifícios-obeliscos

¹⁴⁰ Como vários dos seus colegas da época, Scasso exerceu a prática privada em seu escritório de arquitetura, embora fosse funcionário público. Tal como analisam Gatti e Alberti (2010), Scasso já vinha desenvolvendo projetos residenciais durante a década de 1920, em paralelo à sua função pública. Alguns desses projetos foram feitos em parceria com Horacio Azzarini e com o próprio Julio Vilamajó, enquanto outros foram de sua autoria exclusiva. Durante a década de 1930 Scasso continuaria ligado ao desenvolvimento de equipamentos esportivos, nesse caso como consultor para o projeto do estádio Monumental do clube River Plate em Buenos Aires, desenvolvido pelos arquitetos José Aslan e Héctor Ezcurra. Agradeço a Mariana Alberti pelas informações.

¹⁴¹ “La Rambla Sud será pronto una hermosa realidad”. *Mundo Uruguayo*, 587, 10 de Abril de 1930.

¹⁴² “Con el capitán del Club Peñarol”. *El Ring*, 3, 23 de Julho de 1927, p. 7.

¹⁴³ “Proyectos de arquitectura V y VI. Tema: un monumento a los campeones olímpicos”. *Arquitectura (SAU)*, 134, Janeiro/1929.

Imagem 4.27. Desenho da fachada do estádio do Club Atlético Peñarol, projeto de Julio Vilamajó, 1929.

Imagem 4.28. Desenho de perspectiva do estádio do Club Atlético Peñarol, projeto de Julio Vilamajó, 1929.

Imagem 4.29. Maquete do projeto de Julio Vilamajó para o estádio do Club Atlético Peñarol, 1929.

Imagem 4.30. Desenho do estádio do Club Atlético Peñarol, projeto de Julio Vilamajó, 1929.

Imagem 4.31. Projeto de Juan A. Scasso para o estádio do Club Atlético Peñarol, segundo lugar no concurso organizado pela Intendência de Montevideú, em 1929.

Imagem 4.32. Desenho do estádio do Club Atlético Peñarol, projeto de Julio Vilamajó, 1929.

Imagem 4.33. Desenho da fachada posterior do estádio do Club Atlético Peñarol, projeto de Julio Vilamajó, 1929.

que seriam localizados no fim de uma grande avenida, e que, de algum modo, remetem à coluna de Vilamajó, mas também à “Torre de los Homenajes” do estádio Centenário – nesse momento ainda não projetada –, e, obviamente, à torre do estádio olímpico de Amsterdã. Como outros projetos que seriam feitos na América do Sul alguns anos depois, o projeto de Vilamajó também procurou fundir a tradição grega com reivindicações nacionalistas (Gumbrecht, 2007: 101), uma forma que seria radicalizada na mais famosa proposta da época: o estádio olímpico de Berlim. Os obeliscos projetados na disciplina da Faculdade de Arquitetura, assim como a coluna de Vilamajó, poderiam ser elementos da tentativa de construção de um panteão laico e contemporâneo daquela cultura popular e urbana uruguaia impulsionada pelo *batllismo*. Quem viesse do centro pela Rambla Sur, ao se aproximar da Praia Ramírez descobriria o Parque Rodó do lado esquerdo e, quase em frente, enxergaria o imponente estádio do Peñarol. De alguma forma, o monumentalismo operaria tanto para o público do jogo, quanto para qualquer um que transitasse pela região. Nesse sentido o estádio agregaria um edifício de grande escala a essa região da cidade, tal como acontecera durante a década de 1920 com algumas novas edificações em outros bairros da cidade – como o Palácio Legislativo, o Estádio Centenário e o Palácio Salvo.

Imagem 4.34. Lançamento da pedra fundamental do novo estádio do Club Atlético Peñarol, Parque Rodó, Montevideu, 1929.

Logo após a entrega dos resultados do concurso que decretou o projeto de Julio Vilamajó como o vencedor, a comissão financeira do projeto do estádio organizou uma coleta entre os torcedores do clube. O objetivo era cobrir as primeiras despesas das obras e, se fosse possível, ajudar no financiamento da construção do complexo esportivo. Embora a contribuição coletiva fosse parte fundamental do relato do projeto – os torcedores do Peñarol eram imprescindíveis no engrandecimento da instituição –, a diretoria considerava que os grandes aportes tinham que vir do governo e do capital privado. No final de outubro de 1929, o presidente do clube, Arturo Abella, encaminhou uma carta ao *El País* pedindo o apoio do jornal na difusão de um projeto que “*educa cada final de semana e afasta multidões das tabernas e de outros vícios*”¹⁴⁴. De certa forma, essa visão coincidia com o que se pensava no interior do governo, tal como ficou demonstrado no discurso dado pelo ministro de Instrução Pública, Santín Carlos Rossi, no dia da colocação da pedra fundamental do estádio. Em sua fala, Rossi descreveu o futuro estádio como um templo ao músculo, onde o esporte cumpriria sua função social e moral de dar mais vigor e saúde à vida do povo uruguaio¹⁴⁵, sendo, então, um grande centro de educação cultural no qual seria possível desenvolver um programa pedagógico integral¹⁴⁶.

Nessa medida, a inauguração da pedra fundamental foi planejada como um evento de caráter nacional. O Peñarol, intimamente ligado aos círculos do poder político e econômico do país – assim como seu rival, o Nacional –, convidou para a cerimônia as mais altas autoridades do país, como o Presidente da República, ministros do gabinete, congressistas e autoridades municipais, diretores da AUF, da Câmara de Comércio, do Banco da República e da Comissão Nacional de Educação Física, além de representantes de outros clubes do futebol uruguaio, sócios honorários, ex-jogadores e torcedores do clube¹⁴⁷. Os promotores do projeto atribuíam uma ideia missionária ao esporte nacional, o que fez que escolhessem o dia 18 de julho para colocar a pedra fundamental. Exatamente um ano depois seria inaugurado o Estádio Centenário, peça central do programa de educação física planejado pela CNEF desde sua criação, e espaço essencial para o desenvolvimento da indústria do futebol no Uruguai.

Vilamajó desenvolveu várias versões do plano entre 1929 e 1934, data da última versão conhecida do projeto executivo. Ainda que tenham feito a movimentação

¹⁴⁴ “Del Club A. Peñarol a El País”. *El País*, 24 de Outubro de 1929, p. 9.

¹⁴⁵ “El primer paso hacia la realización del gran Stadium de Peñarol”. *El Día*, 26 de Agosto de 1929.

¹⁴⁶ “El gran estadio de Peñarol”. *El Ideal*, 25 de Agosto de 1929.

¹⁴⁷ “La colocación de la piedra fundamental del estadio de Peñarol”. *El País*, 20 de Julho de 1929, p. 12.

de terras no lote do Parque Rodó, as obras não avançaram mais do que isso. Em novembro de 1936, o Clube Peñarol desistiu definitivamente da construção do seu próprio estádio dentro do Parque Rodó. Aquele terreno retornou, então, para a Intendência, que novamente o cedeu, mas agora para a Faculdade de Engenharia. O decano da Faculdade, e ex-presidente do Clube Peñarol, Luis Giorgi, contratou seu velho conhecido para a realização do novo projeto para o terreno, Julio Vilamajó. Os trabalhos de movimentação de terra feitos pelo Clube foram pagos pela Faculdade de Engenharia. Com efeito, existe, por parte da diretoria do Clube, uma hipótese técnica para explicar a desistência de desenvolver o projeto ali. As escavações descobriram sérios problemas hidráulicos que poderiam comprometer a edificação do estádio (Scheps: 2008). Vilamajó utilizou os planos de elevação do estádio dos seus primeiros croquis para o novo edifício acadêmico; igualmente, sobrepôs uma pequena lagoa ali aonde ficaria o campo de futebol – lagoa que por anos vem sendo utilizada pelo Instituto de Hidráulica da Faculdade. Não podemos esquecer que, entre 1929 e 1934, o Clube Peñarol construiu um ginásio no bairro de Palermo e seu campo de treinamento na região de Las Acacias. Seguramente essas construções tiveram impacto sobre as finanças do clube que, ademais, foram golpeadas, como a maioria das instituições do país, pelo efeito tardio da crise econômica global no Uruguai.

Com certeza, a re-orientação orçamentária redefiniu o apoio financeiro a projetos como o do estádio *manya*. Desde o primeiro campeonato profissional de clubes, disputado em 1932, até 1936, quando o Peñarol decidiu oficialmente abandonar o projeto do seu estádio, a AUF utilizou intensamente o Estádio Centenário. Desse modo, é possível pensar que a experiência do uso do grande coliseu montevideano também ajudou ao Peñarol, assim como ao Clube Nacional, a desistir da ideia de ter seu próprio estádio. A localização privilegiada e a acessibilidade do Centenário, além da enorme capacidade, pode ter sido um dos desincentivos na construção de outros estádios para quase 100 mil pessoas.

O Peñarol só conseguiria inaugurar seu próprio estádio em 2017, a quase 20 quilômetros do local original. No entanto, o Centenário conseguiu se transformar, inclusive antes mesmo da sua inauguração, em um dos mais emblemáticos e utilizados edifícios montevideanos. Sua capacidade, o fácil acesso a partir de qualquer canto da cidade, assim como o fenômeno multitudinário vivenciado por qualquer dos espectadores, deve ter feito do Centenário um lugar imbatível como experiência para as massas montevideanas.

O utopismo revisitado

Um dos vários empregos que o escritor Juan Carlos Onetti exerceu em sua vida foi o de vendedor de ingressos na bilheteria do Estádio Centenário. Em uma carta ao artista e amigo pessoal Julio E. Payro, de junho de 1937, Onetti descreve esse ofício:

Imagina o Senhor uma tarefa mais autenticamente uruguaia? Na minha frente, o povo. Acima de mim o orgulhoso mastro onde ondulara o emblema pátrio nos dias que já pertencem ao bronze da história, as gloriosas tardes do 4x0, 4x2 e 3x1, a glória entre gritos, chapéus, garrafas e laranjas. Inveja a quem avança na vanguarda da civilização sul-americana, sem grandiloquências nem rastros da decadente Europa, como um macho entre as genuínas massas do Novo Mundo. Inveja o Senhor, manchado pelos dólares do mercantilismo ianque (...) Nesse momento vou para o *Stadium*, procuro me criar na sensibilidade de massas, multitudinária e unânime¹⁴⁸ (Onetti, 2009).

O estádio, esse templo laico da juventude, foi o cenário de uma experiência pública urbana em uma escala até aquele momento inexistente em Montevidéu. A excitação popular frente às destrezas físicas dos futebolistas encontrou no Cente-

¹⁴⁸ Esse texto é referenciado no catálogo de “5 narrativas, 5 edifícios”, exposição no Pavilhão Uruguio da XII Bienal de Arquitetura de Veneza 2010, dos curadores Sebastián Alonso, Martín Craciun, Lucio de Souza e Emilio Nisioviccia.

Imagem 4.35. “Alegría del Football”, poema visual da Troupe Ateniense, 1932.

nário um lugar único, onde também era representada uma forma de ser uruguaio – a celeste como modelo do êxito do projeto nacional – e montevidiano – moderno, inserido nos fluxos da competição e do espetáculo internacional, ao contrário do resto do país. “Cimento, arquibancadas, geral, excitação”, assim poderia ser traduzido o poema visual que a Troupe Ateniense (1932) fez para representar a experiência de participar de um jogo no Centenário. O coliseu esportivo conseguiu condensar dentro de si uma paixão arrebatadora que já vinha sendo desenvolvida pelo negócio do futebol desde inícios do século XX. Paixão essa que incluiu também a exaltação nacionalista que a comemoração centenária produziu em alguns segmentos da sociedade uruguaia, assim como o pseudo-cientificismo dos que consideravam que os espaços esportivos tinham um poder para transmitir valores e uma ética do esforço, extensível para a construção de um caráter da nacionalidade uruguaia. Dessa forma, o estádio representaria tanto a atitude frenética do espetáculo, como aquele ideal reflexivo dos que entendiam o esporte como um campo de formação cívica, mesmo que o estádio fosse exclusivo para a prática do futebol. Para o principal projetista do estádio, Juan A. Scasso, a localização do estádio dentro do parque era fundamental para impulsionar a prática física entre a população, o que teria efeitos positivos em termos sanitários, mas também morais.

O projeto do estádio suscitou a adesão de boa parte da sociedade uruguaia, com algumas exceções, como certos segmentos da esquerda comunista que se opuseram à construção de um palco para o esporte burguês e a exaltação nacionalista. Foi nesse contexto que o utopismo dos estádios se desenvolveu. Se em algum momento foi quase um senso comum, dentro das elites, a possibilidade do financiamento e construção de três grandes estádios, isso ocorreu porque elas sabiam que o Estado tinha a disposição para financiar, patrocinar e impulsionar concursos, projetos e obras. Para que isso acontecesse era necessária a inter-relação entre os clubes e o poder público, para que ajudassem a estabelecer o apoio do Estado aos projetos. Dessa forma, foi fundamental que as elites estivessem envolvidas nos núcleos de poder político e nas diretorias dos principais clubes do futebol uruguaio, uma vez que assim conseguiram acordos e o comprometimento do Estado em orçamentos e créditos, obras complementares urbanas, apoio técnico de organismos públicos e até a organização e premiação dos concursos de arquitetura.

Imagem 4.36. Tribuna Olímpica do Estádio Centenário nos dias prévios a inauguração do complexo esportivo. Capa de *Mundo Uruguayo*, 10 de Julho de 1930.

Imagem 4.37. Seleção uruguaia vence ao time iugoslavo na semifinal da Copa do Mundo, no Estádio Centenário. Capa de *Mundo Uruguayo*, 31 de Julho de 1930.

ra. Ainda que o tamanho das elites (e da sociedade montevidéana) possa ter influenciado nessa presença das mesmas pessoas em diferentes círculos, é indiscutível que existiu um interesse nas cúpulas do poder em impulsionar o futebol em termos tanto econômicos quanto simbólicos. Que alguns agentes estivessem nos clubes e no poder público foi, provavelmente, indispensável para que os projetos avançassem a tal ponto que fosse considerado viável a construção de três estádios para quase 100 mil pessoas cada dentro de uma cidade de um pouco mais de 600 mil habitantes. Construir três estádios dessa envergadura era, para um lugar do tamanho de Montevidéu, um completo absurdo em termos de gasto de recursos públicos e privados.

Contudo, simbolicamente os novos estádios devem ter representado, para as diretorias de Peñarol e Nacional, uma grande chance de modernizar seus equipamentos assim como a imagem que projetavam para o resto da sociedade. Nessa medida, a imagem que queriam mobilizar era a de instituições esportivas e culturais modernas, que faziam parte das transformações que o futebol mundial experimentava, mas também das mudanças pelas quais a própria cidade de Montevidéu passava. Se o Estado uruguaio investia na modernização física de instituições tão diferentes como bancos, escolas e edifícios ministeriais, por que não iria fazê-lo em equipamentos esportivos privados de acesso público que funcionariam como espaços de impulso à prática esportiva e à vida ao ar livre?

Dentro do campo do planejamento urbano racionalista montevidéano, os equipamentos esportivos tinham funções relevantes. A decisão de construir o Centenário no interior do Parque Batlle não foi uma questão exclusiva para dar continuidade aos planos de meados da década de 1910, mas igualmente o resultado de uma visão sobre os usos sociais que os parques públicos deviam ter na cidade contemporânea. Para Juan A. Scasso, Diretor de Passeios Públicos da cidade e arquiteto responsável do projeto do estádio, a construção do grande complexo esportivo no interior do parque era também uma demonstração do seu interesse pelo desenvolvimento de estratégias de ativação dos grandes jardins públicos da cidade, que não deveriam ser espaços exclusivos para contemplação e passeio. Tal como afirmou em *Espacios Verdes* (1941), parques e áreas verdes eram espaços privilegiados para inserir dentro deles edifícios reservados à prática esportiva, fosse profissional ou amadora. Não por acaso, nos anos seguintes, Scasso projetaria o Velódromo e a nova Pista Atlética ao lado do Centenário.

No caso do projeto do estádio para o Clube Nacional, a proposta era funcional aos interesses de transformação e redefinição funcional da cidade, impulsionada pela ideia de Mauricio Cravotto – e dos contratantes do seu ante-projeto – de valorizar

a região do centro geométrico da cidade, hoje conhecido como Tres Cruces, em detrimento da península da Cidade Velha, núcleo histórico do desenvolvimento de Montevideu. A proposta da equipe de Cravotto suscitou diversos debates no interior da comunidade dos arquitetos da cidade, inclusive com a participação de Julio Vilamajó como um dos principais detratores da ideia. Se, para Vilamajó, a proposta de plano diretor desconhecia as tendências históricas e os valores existentes na estrutura tradicional de Montevideu, além de se fundar em uma arbitrária decisão de localização do novo centro, para Cravotto o crescimento da cidade e a complexidade das novas práticas modernas fazia que fosse necessária a redistribuição das funções urbanas e o redesenho da planta da cidade. Como o próprio Scasso (1941) afirmava, não era admissível que a construção de um grande estádio fosse feita sem uma grande operação de transformação urbana da região onde ele fosse localizado. Planejar um grande coliseu era, em primeiro lugar, projetar a reforma de toda uma área da cidade.

Nesse cenário, o estádio transformou-se em uma oportunidade para testar uma estratégia de zoneamento em uma área completa de Montevideu e, através disso, desenvolver uma estratégia de valorização fundiária. O complexo esportivo seria um atrativo naquela região, o projeto transformava o estádio privado em um grande parque público, o que rentabilizaria os lotes vizinhos – algo que já tinha sido feito por alguns grandes proprietários de terra da cidade, como Francisco Piria, que na década de 1910 cedeu lotes para a construção de praças de esportes infantis em troca de urbanização e áreas verdes ornamentais para os seus terrenos (Etchandy, 2011).

Por sua vez, o projeto do estádio de Peñarol tinha diferentes funções: enquanto fazia parte de uma operação imobiliária do próprio clube apoiada pela Intendência, era também uma oportunidade para o próprio poder público de completar a urbanização desse fragmento do Parque Rodó e da frente da Praia Ramírez, o ponto final da grande operação urbana da Rambla Sur. A cidade aberta para o Rio de la Plata que hoje conhecemos é, em grande medida, resultado desse projeto de transformação das décadas de 1920 e 1930. Como um grande coliseu e símbolo de desenvolvimento, o estádio prestigiaria a transformação daquela região da cidade, servindo ainda como sede de um dos maiores clubes do Uruguai e da América do Sul.

Mesmo que o Estádio de Peñarol não tenha sido construído, podemos descobrir rastros daquela estratégia nas décadas seguintes. Em meados dos anos 1950, foi inaugurado o Teatro de Verano no lote vizinho do que seria destinado para o estádio de Peñarol e do elitista Clube de Golfe Pinta Carretas. O Teatro foi estabelecido para sediar os espetáculos de teatro, ópera e balé que eram realizados no Parque Rodó desde os anos 1930 (Da Cunha et al., 2012). No início da década de 1960, foi inaugurado o estádio Luis Franzini, um campo de porte mediano e de propriedade do clube Defensor Sporting e, em 1968, também em frente à Praia Ramírez, foi inaugurado um pequeno parque de diversões. Todos esses equipamentos ratificaram a ideia de transformar a região em uma área de lazer e entretenimento da cidade.

A história dos três estádios condensa uma parte da história cultural montevidiana da longa década de 1920, que se estende até a crise econômica mundial e o Golpe de Estado de Terra, em 1933. Por meio dos projetos de infraestrutura esportiva é possível compreender discursos, planos e controvérsias urbanísticas. Do mesmo modo, partindo das lentes do futebol pode-se analisar algumas questões essenciais da cultura popular urbana de Montevideu, em especial essa mistura de nacionalismo, cosmopolitismo e aprofundamento da indústria do espetáculo esportivo através dos grandes eventos e investimentos fundiários.

5. AL ESTADIO! AL ESTADIO! VISÕES URBANÍSTICAS, INTERESSES IMOBILIÁRIOS E PROGRAMAS DE USO DO ESTÁDIO NACIONAL DE SANTIAGO (1935-1945)

No dia 3 de dezembro de 1938 foi inaugurado o principal coliseu esportivo chileno, o Estádio Nacional de Santiago. Sua construção tornou realidade um velho anseio da comunidade esportiva da cidade – existem registros desse desejo desde, pelo menos, as comemorações do Centenário da República, em 1910. Ademais, a obra cumpriu a promessa, feita por diferentes governos, de construir a “universidade do músculo” que, segundo alguns, o país precisava há décadas. A edificação do estádio foi possível mediante um complicado e multifacetado processo de discussão sobre a localização do complexo esportivo, bem como sobre o financiamento das obras. Tal debate envolveu o governo do Presidente Arturo Alessandri Palma (especificamente, o seu segundo mandato, de 1932 a 1938), a Câmara de Deputados e o Senado da República, além da participação das Federações Esportivas, do Instituto de Educação Física e de alguns agentes imobiliários, entre outros.

As principais controvérsias sobre a localização do estádio tiveram relação com o grande orçamento disponibilizado para a construção de um projeto entendido, por vários congressistas, como “centralista” e prescindível, em razão das enormes necessidades habitacionais do país, da paupérrima qualidade da edificação escolar, e da insuficiência dos sistemas de saneamento e infraestrutura básica em boa parte das cidades chilenas, entre outros problemas estruturais. Durante a discussão parlamentar da Lei 5.799¹ – que disponibilizou as verbas para a construção do Estádio Nacional e para o fomento da educação física no país –, houveram muitas críticas aos interesses imobiliários de parlamentares e de autoridades do governo, com acusações de favorecimento da seleção de alguns terrenos em detrimento de outros, que seriam, com efeito, melhor localizados em relação aos sistemas de transporte público e à rede viária santiaguina da época.

Nesse sentido, nas próximas páginas analisaremos as diferentes propostas de localização do estádio no interior de Santiago e os interesses imobiliários por trás da defesa de determinadas opções. Nesse percurso, serão discutidas as primeiras alternativas de localização para o Estádio Nacional, que incluíram a possibilidade de situar o complexo esportivo na comuna de Renca, na zona norte da capital, próximo da ferrovia Santiago-Valparaíso. Da mesma forma, serão analisadas as opções posteriores, que propunham o interior de algum dos grandes parques da cidade, como a Quinta Normal e o Parque Cousiño. Em relação a esta última opção, descrevemos, aqui, a estratégia do governo de chamar um concurso de anteprojetos para o estádio no interior do parque nos mesmos dias em que era discutida a Lei de financiamento das obras. Essa tática do governo para pressionar o Congresso tinha a intenção de conseguir a aprovação das verbas destinadas às obras e forçar a localização do complexo esportivo na principal na área verde da cidade.

O capítulo analisa, ainda, as visões urbanísticas e os interesses imobiliários que fizeram que os especialistas do governo mudassem de opinião sobre onde localizar o estádio – além de modificar, radicalmente, o projeto arquitetônico vencedor. A escolha da comuna de Ñuñoa, em detrimento das opções em Renca, no Parque Cousiño e no Parque da Quinta Normal, é examinada em relação às propostas urbanísticas que estavam sendo discutidas naquela época, tanto no Chile como no resto do continente. Desse modo, descrevem-se os princípios que sustentaram a localização desses equipamentos urbanos nas áreas de expansão da cidade, assim como os interesses que alguns empreendedores imobiliários tinham na região da pré-cordilheira à leste de Santiago.

Ademais, nas páginas seguintes serão analisadas algumas visões dos projetistas do estádio, no que se refere à escolha de algumas linguagens para o desenho do

¹ Lei 5.799, sancionada no dia 23 de Janeiro de 1936.

edifício e às decisões programáticas dos administradores do complexo esportivo logo após a sua inauguração. Por meio de ambas discussões, tentaremos mostrar a presença e convivência de diferentes agendas e interesses que definiam o que deveria ser um Estádio Nacional como recurso pedagógico, palco esportivo, espaço público, local de lazer metropolitano e motor do desenvolvimento imobiliário de toda uma região da cidade.

Um velho anseio

Ainda que o núcleo da primeira parte desse capítulo sejam os debates suscitados sobre a localização do Estádio Nacional de Santiago, é preciso considerar o que se passou entre a constituição da comissão de estudo do projeto do Estádio, de 1934, e a sanção do decreto que oficializou a escolha do bairro de Ñuñoa como local do complexo esportivo – uma vez que seria uma grande omissão desconhecer os diferentes momentos nos quais a ideia de um grande complexo esportivo esteve no debate público. Os antecedentes levantados na pesquisa revelam exigências da comunidade esportiva metropolitana às autoridades do governo desde, pelo menos, a primeira década do século XX. Algumas crônicas mencionavam a existência de um estádio como parte das obras comemorativas que seriam edificadas dentro da festa do Centenário da República (1910). Ainda que secundária dentro do plano geral de obras comemorativas, a possibilidade de um estádio em Santiago foi ganhando força entre esportistas, pedagogos e o próprio governo, que cogitou algumas alternativas para financiar as obras de um edifício que contribuiria ao progresso da nação por meio do fortalecimento físico e moral dos seus cidadãos.

Desse modo, no dia 20 de maio de 1909, quase 15 mil estudantes santiaguinos se reuniram em frente ao Palácio Presidencial para exigir a construção de um grande estádio na capital. Além disso, eles pediam a aprovação de outras medidas, como o impulso à construção de praças de jogos infantis, a isenção do pagamento de impostos na importação de artigos esportivos e a inclusão de uma tarde esportiva dentro do currículo escolar (López et al., 2004). A passeata seguiu para o Congresso e para o edifício da Prefeitura para pressionar que a obra fosse desenvolvida (Modiano, 1997). Um documento do Ministério de Instrução Pública (1910), de junho de 1910, relata que o desempenho da delegação que participou esse ano das comemorações esportivas do Centenário da República da Argentina, em Buenos Aires, nesse mesmo ano, tinha sido de tão boa qualidade que os atletas chilenos teriam, de alguma forma, “*ganhado o direito*” a ter um grande complexo esportivo onde pudessem treinar e competir. Por esse motivo, o Presidente da República, Pedro Montt, encaminhou uma proposta ao Congresso, pedindo que fossem aprovados \$200 mil pesos para a construção do estádio.

Embora a morte do Presidente Montt, em agosto desse ano, possa ter mudado um pouco a agenda, o projeto continuou sendo desenvolvido pelo Ministério de Indústria e Obras Públicas, em conjunto com o Ministério de Instrução Pública. Em dezembro, o arquiteto José Luis Mosquera apresentou o memorial do Estádio Nacional de Santiago, que seria localizado na região sul da cidade, em uma das laterais da ferrovia Santiago-San Bernardo. O estádio teria arquibancadas para 30 mil espectadores, um velódromo de 500 metros de comprimento e uma pista para atletismo. No interior seriam instaladas duas quadras de futebol, uma de tênis e uma piscina. Essa estranha configuração interior seria complementada com outras instalações esportivas no exterior do estádio, como um ginásio para dois mil espectadores, um campo de polo, outro de cricket e um área de tiro esportivo. Ademais, o complexo teria um pequeno edifício de alojamento embaixo de uma das arquibancadas – à disposição de esportistas do interior do país ou das tropas do Exército – e dois salões para reuniões. Na vizinhança do estádio estaria localizado o campo de golfe nacional, que também serviria para exibições aeronáuticas da Escola de Aviação, que seria instalada naquela região da cidade². A desmedida proposta precisava, portanto, de grandes investimentos para ser completamente

² A Base Escola de Aviação Militar foi criada em 1913, nos terrenos da atual Base Aérea El Bosque. A base permanece, até hoje, na região sul da cidade de Santiago.

construída, o que, provavelmente, foi a principal barreira para sua edificação. Mesmo tendo o suporte financeiro da Federação Sportiva Nacional, o projeto era caro para ser desenvolvido em uma área longe do centro da cidade e de pouco interesse para o mercado imobiliário que começava a se estruturar durante esses anos.

No entanto, em 1913, o cônsul chileno em São Francisco (Califórnia) contratou os serviços do arquiteto inglês Ernest Coxhead, que elaborou um plano diretor para a cidade de Santiago. Esse polêmico projeto, especialmente pelo seu desconhecimento das características geográficas da cidade (Martínez Lemoine, 2007), propôs uma nova configuração para a urbe. A proposta *haussmanniana* estabelecia uma rede de grandes avenidas diagonais sobre o traçado quadriculado tradicional da cidade, assim como uma absurda avenida de circunvalação que desconhecia completamente a topografia santiaguina. Esse anteprojeto incluiu, ainda, um grande complexo esportivo nos extramuros de Santiago, mas agora na região norte, próximo da ferrovia Santiago-Valparaíso, tradicional acesso para a capital. Seguramente, essa proposta foi elaborada a partir de documentos já existentes, enviados do Chile ao arquiteto californiano. Afinal, um ano antes, em 1912, uma comissão do Congresso, encarregada do estudo da transformação física da capital, também tinha posicionado o complexo esportivo na mesma região. Diferentemente da proposta de 1910, elaborada pelo governo, a Comissão do Congresso priorizava a execução do projeto nas proximidades do eixo ferroviário que unia Santiago e Valparaíso, assim como Santiago e Los Andes, ferrovia internacional que ligava à capital chilena com a Argentina.

Em meados da década de 1910 foram propostas várias alternativas de plano diretor para a cidade de Santiago. Se a proposta feita por Coxhead carecia dos imprescindíveis conhecimentos sobre o território, a versão melhorada dessa proposta, feita pela Sociedad Central de Arquitectos, ainda em 1913, corrigiu e projetou, igualmente, algumas avenidas. O interessante é que este anteprojeto manteve a ideia de um grande complexo esportivo-recreativo na região norte da cidade e estabelecia um grande aeródromo ao lado do estádio. Em 1915, uma nova proposta, agora feita por uma comissão presidida pelo Intendente da cidade, Alberto Mackenna, se afastava das ideias *haussmannianas* e centrava-se no alongamento de avenidas principais, na consolidação de um anel interior e na extensão de alguns eixos para a região leste da pré-cordilheira – prefigurando o que seria a expansão residencial das classes médias e, especialmente, das classes mais abastadas para as zonas mais altas da cidade.

De todo modo, a proposta mais concreta daquela década foi a doação, por parte do empresário industrial Samuel Salcedo, de um lote de um pouco mais de 10 hectares para a Federação Esportiva Nacional – naquele momento, a principal instituição esportiva do país, que reunia às federações dos diferentes esportes organizados. O lote estava localizado na região norte da cidade, no bairro de Renca, uma área predominantemente industrial e popular da cidade, onde ainda existiam terrenos destinados à produção agrícola. O projeto gerou um grande entusiasmo entre esportistas e diretores das diversas federações, pois o governo se comprometeu a participar. Sendo assim, no dia 5 de novembro de 1916, o Presidente da República, Salvador Sanfuentes, junto à comunidade esportiva de Santiago, representantes da Igreja Católica e autoridades locais participaram da colocação da pedra fundamental do novo estádio³. Inclusive, o Clube Hípico da cidade doou suas antigas arquibancadas de ferro para o novo estádio⁴. Parecia que, finalmente, os esportistas chilenos conseguiriam um estádio para Santiago. Porém, essas ilusões foram rapidamente frustradas pela indefinição com relação àquela localização, assim como pelas dificuldades econômicas que o final da Primeira Guerra Mundial – e, especialmente, com a queda da demanda internacional por salitre – impôs à economia chilena (Ortega, 2012; González et al., 2016).

³ Cf.: “Visitando el futuro estadio”. *El Mercurio*, 1 de Novembro de 1916, p. 1; “La fiesta del Estadium”. *El Mercurio*, 4 de Novembro de 1916, p. 1; “El Estadio Nacional”. *El Mercurio*, 5 de Novembro de 1916, p. 1.

⁴ Câmara dos Deputados, Boletines de Sesiones, 79ª Sessão Ordinária, 17 de Setembro de 1935, p. 3501-3502. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

Imagem 5.1. Cerimônia do lançamento da pedra fundamental do Estádio Nacional, na região de Renca, Santiago. No centro da imagem, o Presidente da República Salvador Sanfuentes. 1916.

O que aconteceu, afinal, para que esse projeto não fosse desenvolvido? Embora não exista uma só resposta, algumas crônicas do periódico esportivo *Los Sports* afirmavam que, durante o início da década de 1920, existiram dificuldades financeiras para desenvolver o projeto, bem como resistências de algumas das diretorias das federações e de congressistas, o que impediu o começo da execução das obras⁵. Na mesma publicação, tal situação é fortemente criticada, argumentando que não havia defesa possível para que um país que possuía um recorde mundial na maratona, ciclistas de alto nível, tenistas de comprovados méritos internacionais e campeões continentais de boxe, não conseguisse edificar um grande complexo poliesportivo. Além da incapacidade política dos diferentes governos – que prometiam, mas não cumpriam – algumas crônicas descreviam como outros países – alguns tão longínquos como Argélia – conseguiram construir grandes estádios nos quais desenvolveram seus planos nacionais de impulso à educação física⁶. Era comum que essa crítica fosse atualizada a cada participação das delegações esportivas chilenas em torneios, como nas Olimpíadas Sul-Americanas, nos Torneios Sul-Americanos de Atletismo e Futebol, nos Jogos Olímpicos – especialmente após a medalha de prata do atleta Manuel Plaza em Amsterdã-1928 –, entre outros. Isso também ocorreu durante o debate parlamentar de 1935, que aconteceu em paralelo a uma das melhores campanhas internacionais da tenista chilena Anita Lizana, vencedora de torneios na Inglaterra e na Escócia.

Durante boa parte da década de 1920, foram construídos, em Santiago e em outras cidades do país, importantes espaços para a prática esportiva – tal como foi analisado nos capítulos anteriores sobre a cidade. Projetos públicos e privados conseguiram impulsionar a inauguração de quadras de futebol, ginásios, piscinas e campos esportivos de médio porte. Se no início da década foram inaugurados os estádios Santa Laura, El Llano e Policial – que se somavam ao já existente Campos de Sports –, além da piscina do parque da Quinta Normal, durante a ditadura ibañista foi instituída a Seção de Parques e Praças da Direção de Educação Física, encarregada de projetar equipamentos esportivos nas cidades de Iquique, Constitución e Angol, entre outras. Nesse período, foi inaugurada, na cidade de Santiago, uma das mais modernas piscinas da América Latina, a Piscina Escolar de Independencia, que, logo, foi cedida, administrativamente, à Universidade de Chile.

De fato, todos esses projetos foram importantes, mas para boa parte da comunidade esportiva chilena eles não tinham a escala nem cumpriam os requisitos programáticos de um grande complexo poliesportivo nacional. Nem o monumental estádio portenho de Playa Ancha, financiado pelo governo da cidade de Valparaíso, era compreendido pela imprensa de Santiago como o grande estádio nacional que o país precisava para dar início a um ciclo virtuoso de impulso à prática esportiva em Santiago e, por consequência, no Chile.

⁵ “Don Felipe Casas Espínola, deportista activo y entusiasta dirigente”. *Los Sports*, 101, 13 de Fevereiro de 1925, p. 3. “Y nosotros, ¿Cuándo?”. *Los Sports*, 129, 28 de Agosto de 1925, p. 6.

⁶ “¡Estadio!”. *Los Sports*, 143, 4 de Dezembro de 1925, p. 3.

Imagem 5.2. Desfile do Exército do Chile no Parque Cousiño, Santiago, c.1915-1925.

Na imaginação de vários agentes públicos e privados, a construção de um estádio nacional em Santiago era um requisito dentro do processo de modernização da cidade. Nesse desejo confluíram diferentes discursos e interesses: enquanto, para alguns, o estádio era essencial para o impulso à cultura física e o aprimoramento racial por meio do esporte⁷, outros, como diretores de clubes e federações, opinavam que um grande complexo poliesportivo seria importante para o crescimento da indústria do espetáculo esportivo. Aliás, tal como analisaremos a partir do debate parlamentar sobre o financiamento do projeto, existiam diversos interesses imobiliários na discussão sobre a localização do estádio – a maioria deles não explicitados.

Nesse sentido, embora a localização do estádio no bairro de Renca tenha se mantido como uma possibilidade – imaginada, pelo menos, pelo Presidente Arturo Alessandri Palma⁸ durante o seu primeiro mandato (1920-1925) –, a ideia de construir o complexo esportivo no interior do Parque Cousiño se fortaleceu durante toda a década de 1920. Seus principais impulsores foram os próprios atletas, que apelaram para a tradição do espaço, assim como para sua localização privilegiada dentro da cidade e sua vantajosa acessibilidade. Alguns esportes já tinham conseguido se estabelecer no Parque – talvez o tênis seja o melhor exemplo, com a constituição do Clube Santiago em seu interior –, enquanto outros tinham abandonado o lugar, como aconteceu com a demolição do velódromo, em 1923, e a construção de um salão de baile em seu lugar. A construção de um estádio no interior do Parque implicava, segundo algumas autoridades da época, uma negociação com o Exército, pois ele era o principal usuário da área onde, supostamente, caberia o grande complexo esportivo. A “elipse” era – e ainda é – o local tradicional do desfile das Forças Armadas durante as comemorações pátrias de setembro, o que, em teoria, fazia que qualquer plano de novos equipamentos tivesse que ser aprovado pelo Exército.

A grande crise econômica nacional e mundial de 1930-31, assim como a fratura político-social de 1931-32, fizeram que os planos de construção do estádio fossem, novamente, adiados pelas autoridades. Mesmo que durante a ditadura de Ibáñez (1927-1931) tenham existido esforços institucionais para constituir uma política de investimento na construção de equipamentos esportivos, também não foi possível edificar o grande complexo poliesportivo metropolitano. Seria apenas

⁷ “A propósito de la ubicación del Estadio Nacional”. *Boletín de Educación Física*, 2, Outubro/1934, pp. 92-93. “Trigésimo aniversario de nuestro Instituto y los 50 años de servicios en la Educación Pública de su Director, señor Joaquín Cabezas G.”. *Boletín de Educación Física*, 9, Julho/1936, pp. 397-411.

⁸ “Debemos trabajar por la difusión de la educación física, dice S. E. el Presidente de la República”. *Los Sports*, 1, 16 de Março de 1923, p. 3.

em 1934, no início do segundo mandato do Presidente Alessandri, que diretores de federações esportivas, congressistas e jornalistas esportivos exigiram do novo governo a retomada do projeto de construção do grande coliseu *santiaguino*.

Entre tentativas governamentais e discussões parlamentares

A crise econômica de 1930 e 1931 – que acabou com a saída de Ibáñez da presidência e pôs fim à sua ditadura –, bem como os movimentos de insurreição de 1932 – que fizeram chegar ao poder no governo, por algumas semanas, a chamada República Socialista –, fizeram que os planos de construção do estádio fossem engavetados. Somente em 1934, já no segundo mandato de Alessandri Palma (1932-1938), é que essa discussão foi retomada, a partir da ação conjunta de diretores de Federações esportivas, congressistas e funcionários do governo.

No final de 1934, o governo constituiu uma comissão para estudar a melhor localização para o estádio. Dirigida pelo arquiteto Ricardo Müller — que foi o primeiro diretor da Seção de Parques e Praças da Direção de Educação Física durante o regime ibañista, e logo em seguida, foi promovido para a recém-criada Seção de Urbanismo da Direção Geral de Obras Públicas —, seu trabalho foi amplamente discutido pela imprensa, bem como por algumas publicações de arquitetura, urbanismo e educação física. Após o início dos trabalhos da Comissão, algumas instituições, como o Instituto de Educação Física da Universidade do Chile, solicitaram que, dentro do novo complexo poliesportivo, fosse construída uma nova sede para o centro acadêmico, que até esse momento ficava em um antigo casarão no centro da cidade⁹. Cheia de “puxadinhos”, sem lugar e espaço para fazer aulas práticas ao ar livre e distante dos campos esportivos da cidade, a sede era radicalmente diferente da escola que vários professores e diretores do Instituto almejavam replicar, a Escola de Educação Física alemã, localizada no interior do Complexo Olímpico de Berlim.

Outros agentes importantes, como o secretário do Instituto Nacional de Urbanismo, Carlos Carvajal, tentaram persuadir o governo e os congressistas que o grande estádio da capital não precisava, necessariamente, ser localizado no interior das grandes áreas verdes *santiaguinas*:

Se consideramos todos os terrenos do Parque Cousiño, da Quinta Normal, do Cerro Santa Lucía e do San Cristóbal, além de outros locais públicos de lazer, temos somente 170 hectares dentro dos 3600 hectares que conformam toda a área urbana do Município de Santiago, isso significa que são só 5% de áreas verdes em relação ao total da cidade. Segundo a normativa higienista, é necessário ter 15% do total, quer dizer, 540 hectares. Por isso, seria um crime urbanístico suprimir qualquer superfície arborada de alguns dos parques da cidade para estabelecer ali o Estádio Nacional¹⁰.

Sua proposta se voltava ao que ele havia sugerido 22 anos antes: o Plano de Transformação de Santiago, da Sociedad Central de Arquitectos. Nessa proposta, o melhor local para construir o estádio era região norte da cidade, no bairro de Renca, em uma área lateral da ferrovia Santiago - Valparaíso. Aliás, Carvajal se contrapôs à ideia de localizar o complexo poliesportivo na região leste da cidade, no chamado bairro de Lo Contador, próximo do rio e do Cerro San Cristóbal. Ao seu ver, tal decisão seguiria os interesses do mercado imobiliário e impulsionaria o crescimento em extensão da cidade, em detrimento das áreas centrais e pericentrais.

Com efeito, é preciso lembrar que a retomada da discussão sobre a necessidade de um moderno complexo esportivo metropolitano se deu no momento em que os trabalhos do urbanista Karl Brünner para o recém-criado Departamento de Urbanismo, do Ministério de Obras Públicas (entre dezembro de 1929 e abril de 1933), e para a Prefeitura de Santiago (entre agosto e dezembro de 1934), estavam

⁹ “A propósito de la ubicación del Estado Nacional”. *Boletín de Educación Física*, 2, Outubro/1934, pp. 92-93.

¹⁰ “La Transformación de Santiago”. *Boletín Municipal de la República*, 51, Outubro/1934, pp. 44-50.

em plena discussão (Pavez, 2015). Contratado pela ditadura ibañista, Brünner fez uma série de recomendações para o centro de Santiago e para os arredores do Palácio de La Moneda durante seu primeiro período no Chile, continuando o trabalho feito pelos arquitetos Smith Solar e Smith Miller em sua proposta de constituição de um Centro Cívico (Gurovich, 2015). Além disso, Brünner propôs avenidas diagonais que conectariam o centro da cidade com as regiões sudeste e sudoeste e que, em sua segunda etapa, seriam suprimidas para dar espaço a um grande eixo central que estruturaria o Bairro Cívico. Da mesma forma, vários dos seus estudos recomendavam a aplicação de zoneamento para diferentes regiões da cidade, extensões de ferrovias e linhas de tranvia, e novos parques para a região noroeste e sudeste da cidade (Brünner, 1930).

É interessante notar que esta última recomendação se refere explicitamente à região de Ñuñoa, Maestranza e Santa Elena, perto de onde acabará sendo construído o Estádio Nacional. Isso não significa que Brünner tenha definido uma localização para o complexo esportivo, tal como assinala Rozas (2014). Contudo, é significativo que entre as referências que ele utilizou para sustentar sua ideia estivessem o Bois de Vincennes, de Paris, e o Grunewald, de Berlim, onde estavam construídos um velódromo e um hipódromo, no caso francês, e um grande estádio multi-propósito, o Deutsches Stadion, no caso alemão. Como foi apresentado no capítulo anterior, seus estudos para Santiago incluíram um grande complexo esportivo a menos de um quilômetro de onde acabou sendo construído o Estádio Nacional. Nesse sentido, a proposta projetava um considerável complexo esportivo no interior de um terreno de 90 hectares, onde seria localizado um estádio poliesportivo, além de piscinas, áreas equestres, quadras de tênis, restaurantes e uma “casa do sportista”, que serviria, provavelmente, como centro de treinamento e alojamento para competidores nacionais e internacionais.

Em paralelo à constituição da Comissão pró-Estádio, a administração de Alessandri solicitou ao Congresso que aprovasse verbas extraordinárias dentro do orçamento do ano 1935. Tal negociação não prosperou, mas o governo atuou rapidamente e, em fevereiro 1935, publicou o edital do concurso de anteprojetos para o Estádio Nacional. Decidido a levar adiante o projeto no interior de uma das principais áreas verdes da cidade, o governo organizou o concurso para que o estádio fosse localizado no Parque Cousiño. Essa ideia vinha sendo amplamente discutida e alavancada desde, pelo menos, a década de 1920, quando federações e alguns setores da imprensa apoiaram o local, baseando-se na tradição esportiva do parque, na sua centralidade e boa acessibilidade a partir de diferentes cantos da cidade. Ou seja, a escolha do Parque Cousiño tinha também um sustento histórico pelos seus usos: era o local tradicional do futebol *santiaguino* durante as primeiras décadas do século XX, ali havia se estabelecido também o tênis – um dos mais tradicionais clubes da cidade tem, até hoje, sua sede no Parque – e o ciclismo, mesmo que o velódromo tenha sido demolido em 1923 e nunca substituído por um novo – tal como havia sido prometido pelo primeiro governo de Alessandri, pela Prefeitura de Santiago e a pela Federação de Ciclismo da época.

Dessa forma, mesmo sem existir um consenso entre os especialistas sobre a melhor localização do complexo esportivo dentro da cidade, o Ministério de Educação Pública organizou o concurso. Mas também existiam dúvidas em relação à qual seria a melhor localização do estádio dentro do próprio Parque. Ademais, uma tensão permanente, mas pouco declarada, era a possível negociação com o Exército, usuário histórico do setor da elipse, a principal área aberta do Parque, onde eram realizados todos os desfiles militares anuais, assim como alguns dos seus exercícios de guerra.

O concurso solicitava aos participantes projetos para um estádio poliesportivo para 45 mil espectadores¹¹. O campo de futebol deveria ser adaptável para a prática de outros esportes, como rúgbi, boxe, hóquei, voleibol, basquete e tênis. De-

¹¹ “Apruébanse las siguientes bases para el Concurso de Ante-Proyectos para la construcción del Estadio Nacional en el Parque Cousiño de Santiago”. Decreto 805/35, Vol. 6875, Ministério de Educação Pública, 25 de Fevereiro de 1935. Arquivo Nacional do Chile.

veria possuir uma pista atlética e um velódromo, além de um ginásio, áreas para combates de esgrima, áreas de aquecimento, vestiários e salas de massagem, e, por fim, serviços complementares, como salas de imprensa, auditório, biblioteca, restaurantes e uma área de atenção médica.

O júri do concurso foi composto pelo Ministro de Educação (Osvaldo Vial), o Diretor Geral de Obras Públicas (Teodoro Schmidt), o Diretor do Departamento de Arquitetura do Ministério de Obras Públicas (Hermógenes del Canto), um representante das federações esportivas (Jorge Lawrence) e um dos próprios participantes do concurso (Alfredo Johnson). O concurso teve dois meses como prazo para que os projetos fossem enviados. Em abril de 1935, foram recebidas sete propostas, seis delas devidamente encaminhadas. Sem restrições à participação de servidores públicos, o júri entregou o primeiro e o segundo prêmio ao mesmo arquiteto, Ricardo Müller. Embora Müller fosse o principal especialista nesse tipo de programa arquitetônico, não deixa de ser surpreendente que ele tenha obtido os dois primeiros lugares, ainda mais considerando que um dos seus chefes diretos no Ministério, Hermógenes del Canto, era parte do júri. Diferentemente do que era discutido na época – e que tem sido reproduzido em alguns trabalhos historiográficos contemporâneos –, o concurso não explicitava que o local do estádio seria no interior da elipse – a tradicional área central utilizada, majoritariamente, pelo Exército nos desfiles das Festas Pátrias de setembro, como dito acima –, mas sim na esquina sudeste do Parque, em um espaço pouco arborado em frente à lagoa.

Com efeito, a proposta vencedora de Müller, em pareceria com os arquitetos Alberto Cormatches e Aníbal Fuentealba, não era de um grande complexo poliesportivo, mas um estádio multiuso para 45 mil espectadores com alguns edifícios menores ao seu redor¹². Alguns dos elementos reconhecíveis dessa proposta – que, estranhamente, foram pouco documentados na imprensa – eram o acesso monumental e a torre, elementos presentes em vários dos grandes estádios construídos naquela época no mundo, como nos casos do Olímpico de Amsterdã, do Centenário de Montevideu e do Comunale de Florença, entre outros. Para baratear custos, o campo ficaria 2,5 metros abaixo do nível do Parque. Circundando o campo de futebol seria construído um velódromo para competições ciclistas e motociclistas, além de uma pista atlética. O edifício principal teria vestiários, salas de massagens e áreas médicas, além de restaurantes, uma sala de imprensa, uma agência dos correios e telégrafos, um auditório, uma biblioteca especializada em questões esportivas e salões de usos mistos. Ademais, dentro do estádio seriam habilitadas áreas de alojamentos para esportistas. Por fim, junto ao coliseu, seria levantado um pequeno ginásio com salas de esgrima e boxe, além de um prédio administrativo e das bilheterias. É interessante que alguns elementos desse projeto, pelo menos conceitualmente, acabaram sendo integrados na proposta que terminaria sendo feita no terreno do bairro de Ñuñoa, onde, por fim, será construído o estádio. Entre esses elementos, estão a configuração do coliseu central (campo futebol, pista atlética, velódromo), a forma das escadas de acesso às arquibancadas e a persistência de espaços complementares, como os salões da tribuna de honra.

Não foi encontrado, até o momento, registro gráfico das cinco outras propostas. A única informação disponível são os nomes dos vencedores do segundo e terceiro lugar: enquanto Müller, em pareceria com os arquitetos Marcelo Deglin e Andrés Murillo, conseguiu o segundo prêmio, a equipe formada por Rodolfo Oyarzun, Federico Behrens e Carlos Strunz conseguiu a terceira colocação¹³.

Paralelamente ao concurso, o governo desenvolveu uma estratégia legislativa para viabilizar, financeiramente, a construção do estádio por meio de um projeto de Lei encaminhado ao Congresso. No começo do mês de abril, algumas semanas após a divulgação do edital do concurso de anteprojetos para o estádio no Parque Cousiño, o Presidente Alessandri encaminhou uma proposta para o Senado, exigindo a

¹² “Santiago tendrá un estadio con capacidad para 45 mil espectadores”. *La Nación*, 1 de Setembro de 1935, p. 32.

¹³ “Acta de resultados del concurso”. Vol. 6642, Ministério de Educação Pública, 13 de Agosto de 1935. Arquivo Nacional de Chile.

Imagem 5.3. Registro de Luis Bisquertt de sua participação, como delegado do Instituto Superior de Educação Física da Universidade de Chile, no VII Congresso de Educação Física. Bruxelas, 1935.

colaboração dos congressistas para, finalmente, construir o Estádio Nacional, um complexo esportivo que levaria ao desenvolvimento físico e moral do povo chileno¹⁴. Desse modo, o novo local esportivo era descrito como um meio higiênico que aprimoraria a moral dos chilenos e, portanto, sua construção era uma obrigação pública e patriótica. O estádio capitalizaria, e seria reforçado, pela formação de um campo de especialistas em educação física, tal como acontecia com a participação dos professores chilenos em diversos encontros internacionais – caso da participação de Luis Bisquertt no VII Congresso Internacional de Educação Física, em Bruxelas, em julho de 1935, e sua posterior viagem por diversas cidades europeias com a missão de conhecer novas metodologias de trabalho e inovações nas edificações esportivas¹⁵. Um editorial no jornal “oficialista” *La Nación* descreve bem a função que o governo reservava para o estádio como projeto pedagógico e de saúde pública:

Entre nós, onde o comum é que a vida não seja nem cômoda nem descansada, onde quase não existe o hábito da prática do exercício físico, tal como em outros países, é preciso criar estímulos e atrações para que a juventude saia de suas insalubres habitações e se engaje, entusiasmaticamente, na vida saudável ao ar livre. (...) A questão principal é ter um grande centro de atração para a juventude, capaz de absorver o nosso povo, afastando-o dos bilhares e da vagabundagem, das tentações dos prostíbulo e dos bares. Em vários momentos, temos salientado a diferença, triste para nós, com as gerações que se formam perto daqui, na beira do Atlântico, onde é cada vez mais intenso o culto esportivo. Os exemplares da nossa raça são, geralmente, pequenos, de caras humilhadas e doentias, enquanto os povos vizinhos já têm uma porcentagem considerável de jovens fortes, que realizam exercícios constantemente, ao ar livre. A passividade monótona de um carácter falsamente cientificista tem sido o principal meio de educação da nossa juventude, que parece ter envelhecido prematuramente. É comum entre os nossos universitários que, nos seus horários livres, estejam de agasalho discutindo política ou comentando escolas filosóficas, ao invés de estarem se saturando de oxigênio e fatigando seus músculos, para assim descansar seus cérebros¹⁶.

Para dar um alcance nacional ao projeto – e conseguir as verbas necessárias para construir o grande estádio em Santiago –, a proposta do governo requeria dez milhões de pesos, dos quais cinco iriam para o complexo esportivo da capital, quatro para edifícios esportivos em outras cidades, e o milhão restante para finalizar obras de estádios, ginásios e praças infantis que ainda estavam sem completar. Ainda que não seja a questão central desse capítulo, é importante dizer que o debate parlamentar sobre a distribuição das verbas para as cidades do interior do país foi repleto de conflitos e tensões, muitas das quais replicavam o centralismo a

¹⁴ Câmara de Senadores, *Boletines de Sesiones*, 5ª Sessão Extraordinária, 6 de Abril de 1935, pp. 95-96. Arquivo Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

¹⁵ “El Congreso de Educación Física en Bruselas”. *Boletín de Educación Física*, 6, Outubro/1935, pp. 251-256. “En Dinamarca”. *Boletín de Educación Física*, 8, Abril/1936, pp. 334-340.

¹⁶ “El Estadio Nacional”. *La Nación*, 24 de Julho de 1935, p. 3.

uma escala regional: deputados da mesma região discutiram em relação à decisão de investir em estádios ou ginásios nas capitais provinciais em detrimento das cidades menores, tradicionalmente esquecidas ou desfavorecidas na execução de obras de equipamentos públicos.

O projeto foi debatido, primeiramente, no Senado, que, após algumas sessões de discussão da proposta, encaminhou para a Câmara dos Deputados, com a condição que o Estádio fosse construído no bairro de Renca, na região norte da cidade¹⁷. Foram várias as argumentações que defenderam tal posição. Para o Senador comunista Manuel Hidalgo, por exemplo, o projeto devia aproveitar o terreno que a Federação Sportiva Nacional tinha na área e, além disso, melhorar as condições da vida dos habitantes dessa região popular da cidade. Juan Pradenas, senador de um dos partidos da oposição, o Partido Democrático, igualmente se opunha à construção no interior do Parque Cousiño. Para ele, a construção do Estádio Nacional – que poderia fazer parte das comemorações do IV Centenário da cidade de Santiago, em 1941 – era uma excelente chance para planejar e investir nas periferias de Santiago. Já o senador Luis Puga, também do Partido Democrático, afirmou que Renca tinha excelentes condições de acessibilidade para o resto da cidade, em função da ferrovia que conectava o bairro com o centro da cidade em poucos minutos. Além disso, o Senado determinou que o projeto de Lei devia investir uma proporção maior das verbas em outras cidades do país, propondo que 6,5 milhões de pesos fossem destinados a edifícios esportivos nas províncias.

A Comissão de Educação Pública da Câmara dos Deputados tinha a missão de avaliar o projeto encaminhado pelo Senado. Assim que receberam a proposta, os membros da Comissão reprovaram a ideia de localizar o estádio no bairro de Renca, descrevendo esse local como “absolutamente inapropriado para uma construção desse caráter”. O contra-argumento da Comissão era que a área onde estava situado o lote da Federação Esportiva tinha problemas de acessibilidade, estava escassamente urbanizado e era uma área majoritariamente industrial, logo, não compatível com a prática do esporte, como se fosse uma zona de abandono ratificada pelo Estado. Ademais, a comissão também se opôs aos “mais que prováveis” interesses imobiliários, que estariam procurando a valorização da região por meio do investimento público no estádio e na urbanização da sua vizinhança.

Com efeito, não deixa de chamar a atenção que a discussão no Congresso tivesse voltado a imaginar o estádio no bairro de Renca, ainda mais quando, nos mesmos dias, o governo entregava os resultados do concurso de anteprojetos para o Estádio Nacional no Parque Cousiño. De diferentes formas, a administração de Alessandri tentava assentar sua visão do complexo esportivo no principal parque da cidade. Não por acaso, durante esse período, o jornal governista *La Nación* publicou vários editoriais e artigos¹⁸ sobre as vantagens de edificar o estádio no Parque – em contraposição à possibilidade de construí-lo em Renca:

Os sérios estudos realizados pelo Professor Brünner, urbanista contratado pela Prefeitura de Santiago, concluíram que o bairro de Renca devia ser a “despensa” da capital, transformando-se em uma zona industrial, liberando o resto da cidade da contaminação do ar produzida pelas fábricas. Foram até mesmo desenhados os planos que delimitavam a zona industrial, dentro da qual fica, precisamente, o terreno do estádio. Ora, nenhum lugar do mundo aceitaria construir um estádio dentro de uma área industrial. Se nós permitimos isso, o estádio ficará, mais cedo ou mais tarde, rodeado de chaminés¹⁹.

Se, dentro da proposta de Brünner, a região de Renca deveria se consolidar como um polo industrial, outros consideravam ela que deveria manter seu caráter semi-rural e se especializar na produção agrícola para o consumo da capital, man-

¹⁷ Câmara de Senadores, *Boletines de Sesiones*, 35ª Sessão Ordinária, 5 de Agosto de 1935, pp. 1074-1077. Arquivo Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

¹⁸ “La ubicación del Estadio Nacional”. *La Nación*, 8 de Agosto de 1935, p. 3.

¹⁹ “El Estadio Nacional no puede ubicarse en Renca”. *La Nación*, 10 de Agosto de 1935, p. 3.

tendo as escassas indústrias já existentes apenas nas imediações da ferrovia²⁰. Em qualquer um dos cenários para o desenvolvimento urbano de Renca o estádio tinha detratores.

A urgência por assegurar o financiamento das obras do estádio antes do fim do ano legislativo de 1935 fez com que a discussão se estendesse por várias sessões, ordinárias e extraordinárias, da Câmara. O principal motivo de desentendimento nessas reuniões foi se era necessário fixar a localização do Estádio dentro da redação da Lei de financiamento, questão que o governo solicitou ao Congresso que não fosse feita²¹. Da mesma forma, foram vários os congressistas que discutiram a necessidade de desenvolver um projeto dessa escala, considerando as múltiplas urgências que o Estado deveria resolver. Essa era a preocupação do deputado do Partido Radical, e futuro Presidente da República, Juan Antonio Ríos, naquele momento representante da Província de Arauco, uma das regiões mais pobres do país. Em uma das suas mais importantes intervenções dentro do debate, Ríos chamou a atenção para o “abandono criminoso” das escolas públicas de sua província²², atentando que em vez de investir dez milhões de pesos em estádios e na construção de “luxuosos edificios públicos e cadeias, antes de acabar com as tão criticadas obras do Bairro Cívico”²³, a prioridade deveria ser construir escolas e saneamento básico para milhares de pessoas. Efraín Urrutia, também deputado radical, chegou a solicitar que o projeto fosse retirado e que as verbas fossem utilizadas para construir escolas públicas, o que foi grosseiramente rebatido pelo deputado conservador Arturo Gardeweg: “Honorável deputado: O que você prefere? Uma população de intelectuais raquíticos e degenerados, ou uma raça ignorante, mas forte e saudável?”²⁴. Outros agentes, como o Presidente do Comitê Olímpico do Chile, Enrique Barbosa, já intuindo a dificuldade que seria conseguir aprovar Lei antes do fim do ano legislativo, solicitou que parte das verbas que estavam sendo discutidas no Congresso fossem destinadas à sua instituição, que preparava a participação nacional nos Jogos Olímpicos do ano seguinte²⁵.

A dicotomização do debate atravessou a discussão durante diferentes momentos. Não por acaso o próprio deputado Ríos afirmou que, por trás da urgência de construção do estádio, existiam interesses eleitorais dos parlamentares, que faziam cálculos para conseguir ter crédito nas votações de 1937²⁶. Ele também criticou o projeto como centralista, uma expressão que remetia ao favorecimento dos investimentos na capital, embora a lei em discussão estabelecesse verbas para construção de equipamentos esportivos fora de Santiago, que seriam distribuídas entre todas as Províncias do país. Nesse sentido, o deputado conservador Joaquín Prieto questionava: por que chamar de Nacional um novo investimento que era, afinal, para Santiago²⁷? De todo modo, ainda que os posicionamentos de Ríos, Urrutia, entre outros, como o deputado Fortunato Navarro (Partido Agrario)²⁸, tenham sido minoritários dentro do debate, seus diagnósticos sobre o paupérrimo estado da edificação escolar demonstrou ser certo e representativo dos esforços institucionais que estavam sendo constituídos no interior do Estado: no começo de 1937, foi fundada a Sociedad Constructora de Establecimientos Educacionales

²⁰ “Memorándum sobre el Ante-Proyecto de transformación de la comuna de Renca”. *Boletín Municipal de la República*, Janeiro/1933, pp. 67-68.

²¹ “El Gobierno solicitará del Congreso que no fije en la ley la ubicación del Est. Nacional”. *La Nación*, 5 de Setembro de 1935, p. 21.

²² Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 79ª Sessão Ordinária, 17 de Setembro de 1935, pp. 3498-3499. Câmara de Deputados, *Boletines de Sesiones*, 3ª Sessão Extraordinária, 30 de Outubro de 1935, pp. 159-164. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

²³ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 3ª Sessão Extraordinária, 30 de Outubro de 1935, p. 163. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

²⁴ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 4ª Sessão Extraordinária, 4 de Novembro de 1935, pp. 241-242. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

²⁵ “Un llamado del Comité Olímpico de Chile”. *La Nación*, 21 de Setembro de 1935, p. 3.

²⁶ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 7ª Sessão Extraordinária, 11 de Novembro de 1935, p. 418. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

²⁷ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 78ª Sessão Ordinária, 17 de Setembro de 1935, p. 3491. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

²⁸ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 4ª Sessão Extraordinária, 4 de Novembro de 1935, p. 251. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

(SCEE), uma parceria público-privada para a construção de escolas em todo o país (SCEE, 1987; Torres et al., 2015).

Por sua vez, outros deputados, como o socialista Emilio Zapata, voltaram a defender a opção do bairro de Renca, assegurando que seria uma grande oportunidade para impulsionar o desenvolvimento de uma das regiões mais pobres da cidade. Sua proximidade em relação ao centro e sua fácil acessibilidade para os esportistas de outras cidades, como Valparaíso, Viña del Mar e Los Andes – por meio da ferrovia –, além dos planos de investimento da Empresa de Ferrocarriles de Chile (FFCC), foram os principais argumentos de Zapata. Como afirmou Elsey (2011: 95), o deputado era parte de uma jovem geração de políticos de esquerda interessados em promover a cultura popular. Representante de vários bairros populares da zona norte de Santiago, ele argumentou que várias comunas dessa área da cidade, como Quilicura, Quinta Normal e Conchalí, também apoiavam a localização do Estádio Nacional em Renca, cansados da “*política do centralismo*” e do elitismo, que só investia nos lugares nobres da capital. O estádio seria, dessa forma, uma oportunidade para ressarcir o esquecimento histórico do bairro²⁹ e investir nele – tal como tinha sido feito, na década de 1920, nas áreas próximas dos Campos de Sports de Ñuñoa, que eram, naquele momento, quase rurais, sem saneamento básico nem meios de transporte habilitados³⁰. Aliás, escolher Renca seria, no entender de Zapata, uma chance única para apoiar o esporte operário, tão difundido na área por clubes como o Estrella de Bulnes, que encaminhou sua própria solicitação ao Congresso para que o complexo esportivo fosse construído no bairro. Os interesses pelo projeto não eram só da sociedade civil; em 16 de setembro de 1935, o Prefeito de Renca, Ernesto Mouat, encaminhou um relatório ao Congresso detalhando as boas condições do terreno e os certificados dos planos já aprovados de pavimentação, abertura e alongamento de avenidas e ruas³¹.

Tal opinião foi criticada por outros deputados, como Arturo Torres Molina, do Partido Democrático, que afirmou que Zapata usava esse argumento para esconder seus próprios interesses imobiliários, especificamente em relação ao pagamento das desapropriações que seriam feitas para complementar as obras do Estádio³². Em outra ocasião, Torres Molina argumentou que o complexo esportivo deveria ser rapidamente construído, pois o país estava em total desvantagem em relação aos países vizinhos, como Peru e a Bolívia, que já tinham seus próprios estádios nacionais, além da Argentina, que tinha desenvolvido uma rede de grandes estádios em Buenos Aires e nas principais cidades do país há mais de 15 anos³³.

Torres Molina não foi o único que associou um certo nacionalismo à construção de equipamentos esportivos no país. O deputado Julio Martínez Montt, do opositor Partido Democrático, afirmou que, muitas vezes, os esportistas eram os melhores embaixadores que um país podia ter, exemplificando tal ideia com os triunfos sul-americanos e olímpicos do maratonista Manuel Plaza e com as vitórias que, por esses mesmos dias, a tenista Anita Lizana conseguiria na Europa³⁴. A lógica do argumento era a seguinte: se a prática esportiva ajudaria milhares de crianças e jovens a melhorar sua saúde, também colaboraria para produzir modelos para a população. Nesse sentido, a volta de Lizana ao Chile é um grande acontecimento popular, impulsionado pelo governo e pela sociedade civil³⁵. Sua recepção rivali-

²⁹ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 22ª Sessão Extraordinária, 11 de Dezembro de 1935, pp. 1395-1396. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

³⁰ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 4ª Sessão Extraordinária, 4 de Novembro de 1935, pp. 230-231. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

³¹ *Ibid.* p. 232.

³² Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 79ª Sessão Ordinária, 17 de Setembro de 1935, p. 3497. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

³³ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 3ª Sessão Extraordinária, 30 de Outubro de 1935, pp. 168-169. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

³⁴ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 7ª Sessão Extraordinária, 11 de Novembro de 1935, pp. 414-415. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

³⁵ Alguns trechos das partidas europeias de Anita Lizana foram transmitidos no cinema. Isso ocorreu em Julho de 1935, quando o Teatro Victoria do centro de Santiago programou esse material junto ao filme de Hollywood “De fina raza” (Dark Hazard). A história do filme norte-americano se desenvolvia em um clube de corridas de cachorros, o que foi interessante para o Canódromo de Santiago, que deu de presente ingressos para suas corridas a todas as pessoas que assistissem ao filme.

Imagem 5.4. A tenista chilena Anita Lizana na capa do periódico esportivo *As*, 1935.

za, inclusive, com a visita de outro ídolo da cultura popular da época, o ator de Hollywood Clark Gable que, por acaso, também estava em Santiago durante o mês de outubro de 1935³⁶. Lizana foi recebida, primeiro, no porto de Valparaíso, onde participou de atos oficiais na Intendência e no Comando da Marinha, além de um ato no Teatro Vitória da cidade, organizado pelas instituições esportivas, operárias e feministas portenhas³⁷. No dia seguinte, ela viajou para Santiago, em que mais de trinta mil pessoas aguardavam por ela na Estação Mapocho, dali ela desfilou por todo o centro *santiaguino* até chegar ao Palácio Presidencial de La Moneda³⁸. A recepção do Presidente Alessandri foi seguida por um grande ato no Teatro Municipal. Ela participaria, ainda, no dia posterior, de um jogo de exibição em um pequeno estádio de tênis habilitado para a ocasião no interior dos Campos de Sports. Em síntese, a figura da tenista chilena foi utilizada como exemplo das virtudes que um Estádio Nacional traria para a sociedade chilena, que veria, desse modo, a multiplicação de esportistas bem-sucedidos e de representantes do progresso da Nação.

Contudo, esses não foram os únicos pontos de vista do debate parlamentar. Outros deputados, como Joaquín Rodríguez, mantiveram a ideia de construir o estádio dentro do Parque Cousiño, mesmo sabendo que tal opção tinha sido rejeitada pelo Senado e era a preferida do governo, do qual seu partido, o Democrático, era oposição. Como Presidente da Associação de Futebol Amador de Santiago, Rodríguez defendeu a acessibilidade do Parque, comparando a possibilidade de um Estádio Nacional no coração da cidade, como o que acontecia em Montevidéu, em que o Estádio Centenário, “*sem dúvidas, o melhor campo esportivo do continente*”, estava no interior do maior parque urbano e no centro da metrópole³⁹. Sua

³⁶ “Clark Gable llegó ayer a Antofagasta” *La Nación*, 7 de Outubro de 1935, p. 16. “Las chilenas son sensacionalmente encantadoras, dijo Clark Gable”. *La Nación*, 8 de Outubro de 1935, p. 7.

³⁷ “Valparaíso tributará un magno recibimiento a Anita Lizana”. *La Nación*, 17 de Outubro de 1935, p. 17. “Cargada de las glorias conquistadas en Europa, Anita Lizana recibió ayer el cálido homenaje de Valparaíso”. *La Nación*, 22 de Outubro de 1935, p. 13.

³⁸ “Triunfal recibimiento tributó Santiago a Anita Lizana”. *La Nación*, 24 de Outubro de 1935, p. 13. “Festival deportivo en los Campos de Sports, y baile en el S. Français, habrá mañana en honor a Anita”. *La Nación*, 25 de Outubro de 1935, p. 12.

³⁹ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 4ª Sessão Extraordinária, 4 de Novembro de 1935, pp. 247-248. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

posição era representativa de vários dos grupos de esportistas e dirigentes que preferiam fazer do Parque Cousiño o núcleo esportivo da capital e da nação. O Parque era um lugar de fácil e econômico acesso para todos que desejassem treinar diariamente. Aliás, o deputado ofereceu uma singular argumentação contra a construção do estádio na periferia, opinião que dava conta da visão de alguns dos participantes do debate que também compreendiam o complexo esportivo como um centro de irradiação de uma cultura física e melhoramento da saúde e dos costumes:

É uma completa falta de critério pensar que levando o estádio para fora da cidade se assegurará afastar ao povo do vício e da imoralidade (...). Se na distância média entre as vilas operárias e o estádio temos centenas de bares, prostíbulos e algum hipódromo, certamente será mais complicado para o trabalhador, para o filho do povo, chegar a esse campo de esportes, pois terá mais tentações e possibilidades de deixar para outro dia a prática esportiva⁴⁰.

O já mencionado deputado Torres Molina também argumentou favoravelmente à opção do Estádio no Parque. Segundo ele, a construção levaria ao melhoramento da área verde que, no seu entender, encontrava-se em um estado de total abandono⁴¹. Em contrapartida, uma das argumentações mais fortes contra a localização do Estádio dentro do Parque Cousiño foi feita pelo deputado radical Fernando Maira, para quem um novo complexo esportivo para Santiago não poderia ser realizado em troca da destruição da maior área verde da cidade. Mesmo que o estádio fosse construído no Parque conservando a maior quantidade de árvores e vias interiores possíveis, o complexo esportivo seria, então, “*ruim, pequeno e desconfortável, incapaz de cumprir com o programa de usos*”⁴². Maira criticava a estratégia do governo de realizar um concurso de anteprojetos e de fixar o Estádio no Parque Cousiño, antes mesmo de garantir a aprovação de verbas para o início das obras⁴³, discutindo, ainda, se todos os espaços exigidos no edital caberiam no Parque. Para oferecer um ponto de comparação, Maira resenha o Estádio Olímpico de Berlim como o exemplo que deveria ser seguido por Santiago: um grande poliesportivo, de 97 hectares, onde existem campos para diferentes esportes, piscinas, áreas de treinamento e praças de jogos infantis, questão absolutamente impossível de replicar no Parque Cousiño sem que isso significasse a sua completa destruição⁴⁴. Também exemplificou com o caso do estádio de Antuérpia e de que “*quase todas as capitais europeias, que tem construído seus estádios nas periferias da cidade*”⁴⁵, em contraste com o Centenário de Montevideú, um estádio construído no centro da cidade, mas somente como uma máquina lucrativa do futebol profissional, tal como um “*espetáculo que produz dinheiro, como um teatro qualquer*”⁴⁶. Por sua vez, o deputado liberal Roberto Barros Torres, Diretor de Parques e Jardins da Prefeitura de Santiago entre 1915 e 1931, afirmou que o Parque, como o principal local de passeio da cidade, era inalienável aos cidadãos e que sua proteção e melhoramento tinha sido recomendado por reconhecidos urbanistas que tinham passado pela cidade, como Karl Brünner⁴⁷.

Maira, como Zapata, também defendia a opção de Renca, pois era um lugar onde já existia um terreno à disposição e o valor do solo ainda era baixo, o que permitiria construir o complexo poliesportivo em diversas etapas, reduzindo a carga fiscal. Do mesmo modo, a ação do Estado seria uma oportunidade para desenvol-

⁴⁰ Ibid.

⁴¹ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 23ª Sessão Extraordinária, 16 de Dezembro de 1935, p. 1463. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

⁴² Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 20ª Sessão Extraordinária, 9 de Dezembro de 1935, p. 1250. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

⁴³ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 79ª Sessão Ordinária, 17 de Setembro de 1935, p. 3514. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

⁴⁴ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 21ª Sessão Extraordinária, 10 de Dezembro de 1935, pp. 1325-1326. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

⁴⁵ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 3ª Sessão Extraordinária, 30 de Outubro de 1935, p. 158. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

⁴⁶ Ibid.

⁴⁷ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 79ª Sessão Ordinária, 17 de Setembro de 1935, p. 3513. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

Imagem 5.5. Campeonato de futebol profissional nos Campos de Sports, 1935.

ver uma região da cidade desconsiderada e, assim, também melhorar, em termos urbanísticos e paisagísticos, o acesso norte da capital⁴⁸.

Outros agentes, como o deputado Gardeweg, se opunha à ideia que o Congresso definisse a localização do Estádio. Para ele, eram os técnicos, especialmente os funcionários do Ministério de Obras Públicas, que deveriam decidir o melhor local em função de critérios urbanísticos⁴⁹. Porém, suas sucessivas argumentações foram mudando até chegar ao ponto de exigir que o projeto não fosse desenvolvido em nenhuma das principais áreas verdes santiaguinas, e, em seguida, propondo como localização ideal algumas das áreas de expansão das classes médias e mais abastadas da sociedade chilena. Se, em uma das suas intervenções, propôs que o estádio fosse construído em Providencia, na chácara de Lo Contador, próximo ao Cerro San Cristóbal e ao rio Mapocho, em outra de suas falas apresentou a ideia de localizar o poliesportivo em San Miguel (bairro de classe média na região sul da cidade) ou em Ñuñoa, região que estava experimentando um forte processo de urbanização e onde estava localizado o principal complexo esportivo da cidade, o Campos de Sports. Tal como o deputado Torres Molina, Gardeweg também acreditava que existiam interesses imobiliários ocultos na proposta de Renca. Suas propostas foram diretamente refutadas pelo deputado Joaquín Walker Larrain, do Partido Conservador. De acordo com Walker Larrain, Gardeweg igualmente não revelava quais eram seus interesses para que o estádio fosse construído em Providencia⁵⁰.

O debate na Câmara abriu a imaginação projetual (e os interesses imobiliários) de vários dos deputados. Esse foi o caso do deputado conservador Juan Antonio Coloma⁵¹, que, baseando-se em uma argumentação higienista, propôs que o Estádio Nacional fosse construído no bairro de Maipú, uma afastada região da zona oeste da cidade, onde estavam “os melhores ares para a prática esportiva”. Assim como o Prefeito de Renca, o Prefeito de Maipú tentou convencer que seu bairro era a melhor possibilidade dentro da Província de Santiago por meio de uma missiva encaminhada aos congressistas⁵². Segundo a resolução do Conselho

⁴⁸ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 79ª Sessão Ordinária, 17 de Setembro de 1935, p. 3516. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

⁴⁹ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 4ª Sessão Extraordinária, 4 de Novembro de 1935, pp. 238-239. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

⁵⁰ *Ibid.* pp. 240-241.

⁵¹ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 4ª Sessão Extraordinária, 4 de Novembro de 1935, p. 243. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

⁵² Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 7ª Sessão Extraordinária, 11 de Novembro de 1935, pp. 415-416. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

Municipal, Maipú, uma região rural até aquele momento, não tinha a poluição de bairros industriais como Renca e contava com os melhores ventos de toda a bacia do vale de Santiago, o que garantiria um ar puro durante todo o ano. As vantagens não seriam só ambientais, mas também viárias, em função das diferentes ferrovias e estradas próximas, que comunicavam a cidade com Valparaíso, San Antonio e a região centro-sul do país, assim como com o Aeroporto de Los Cerrillos, localizado a alguns quilômetros de distância. Ademais, o Prefeito argumentou que era lógico que Maipú, o local por excelência do patriotismo chileno – em 1818, o Exército Libertador venceu o Exército Realista, em uma batalha considerada pela historiografia chilena como decisiva para conseguir a independência da monarquia espanhola –, fosse a casa da máxima expressão contemporânea de patriotismo e fortalecimento da raça chilena: o esporte. Por esses motivos, a Prefeitura se comprometeu em ceder os terrenos necessários para situar o estádio na região e construir uma estação ferroviária.

Parques sem estádios

Por fim, em janeiro de 1936, após mais de seis meses de discussão parlamentar, foi sancionada a lei que assegurava as verbas para a construção de estádios e complexos esportivos em todo o país. O plenário da Câmara acabou decidindo não exigir uma localização específica para o Estádio Nacional. No entanto, uma cláusula, proposta pelo deputado Maira, estabeleceu a proibição da edificação do poliesportivo *capitalino* em qualquer parque ou praça pública da cidade, seguindo a recomendação feita pelo Presidente da Comissão do IV Centenário da Fundação de Santiago, que preparava as comemorações de 1941⁵³. Essa restrição estabeleceu um difícil cenário para o governo, que teve que procurar um novo local para o estádio, mesmo que já tivesse sido realizado o concurso de anteprojetos para o complexo esportivo no interior do Parque Cousiño. Sem interesse na possibilidade de construir no lote da própria Federação Sportiva Nacional, em Renca, o governo fez uma rápida negociação com a Universidade do Chile para conseguir a cessão de um terreno de 23 hectares no interior do Parque da Quinta Normal. A polêmica decisão poderia contrariar a proibição legal de edificar o Estádio no interior de qualquer área verde da cidade, mas, segundo o argumento da administração de Alessandri, isso não aconteceria, posto que o complexo esportivo seria construído no terreno da Universidade onde estavam localizadas a Escola de Aplicação de Agronomia e a Escola Prática de Agricultura⁵⁴. Em troca, seriam cedidas verbas para que a Universidade trasladasse essas escolas para a região de Maipú, onde a própria Faculdade de Agronomia já era proprietária de um grande terreno dentro da chácara La Rinconada⁵⁵. Além disso, o Reitor Juvenal Hernández e o governo negociaram que o Estado se comprometesse a construir edifícios para o Instituto de Educação Física, o Instituto Superior de Humanidades, o Instituto Pedagógico, o Instituto de Cinematografia Educativa e o Liceu Experimental nos outros terrenos que a Universidade detinha no interior da Quinta Normal⁵⁶. Ora, o Reitor tinha um duplo interesse na rápida concretização do projeto: em paralelo à sua função como chefe da principal universidade do país, ele havia sido designado como Presidente da Junta Administrativa do Estádio, entidade encarregada do desenvolvimento e da execução das obras e administração do Estádio Nacional⁵⁷.

Por sua vez, a Sociedade dos Arquitetos de Chile manifestou sua posição dentro desse debate em relação ao local do estádio. Em um artigo publicado também em janeiro de 1936, em *Urbanismo y Arquitectura*, foi defendida a opção de procurar um local na periferia santiaguina, especialmente na região leste da pré-cordilhei-

⁵³ Câmara dos Deputados, *Boletines de Sesiones*, 3ª Sessão Extraordinária, 30 de Outubro de 1935, p. 157. Arquivo da Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

⁵⁴ “Al señor Presidente de la Soc. Nac. de Agricultura de Chile”. Ofício 424, vol. 7277, Ministério de Educação Pública, 22 de Abril de 1936. Arquivo Nacional de Chile.

⁵⁵ “La ubicación del Estadio en la Quinta debe ser definitiva”. *La Nación*, 3 de Novembro de 1936, p. 9.

⁵⁶ “Al señor Rector de la Universidad de Chile”. Ofício 406, vol. 7277, Ministério de Educação Pública, 18 de Abril de 1936. Arquivo Nacional de Chile.

⁵⁷ “Propuestas públicas para la construcción del Estadio Nacional”. *El Mercurio*, 1 de Setembro de 1936, p. 11.

Imagem 5.6. Estudantes da Escola de Medicina Veterinária, almoço no restaurante do Parque da Quinta Normal, Santiago, 1933.

ra⁵⁸. Auxiliado por referências internacionais – “na Europa e nos Estados Unidos existe uma marcada tendência a sair da cidade” –, o autor defende a conveniência de se construir fora da cidade, onde “esportistas e espectadores se saturem de natureza”. As condições do mercado de terrenos em Santiago permitiam que o Estado comprasse um grande terreno nas partes altas da cidade, antecipando e conduzindo a expansão residencial da cidade⁵⁹.

Dessa forma, em 18 de maio de 1936, foi aprovado o projeto de construção do Estádio na Quinta Normal por meio de um decreto do Ministério de Educação Pública e, no final do mês, foi constituída a recém mencionada Junta Administrativa do complexo esportivo, composta pelo Ministro de Educação Pública, o Reitor da Universidade de Chile, representantes da Prefeitura de Santiago e do Conselho Nacional de Esportes (CND), além de outros dois funcionários do governo designados pelo Presidente da República⁶⁰.

Contudo, essa alternativa tampouco prosperou, especialmente pela oposição da própria Faculdade de Agronomia e da Sociedade Agronômica de Chile – a ordem dos agrônomos chilenos – ao deslocamento dos campos experimentais agrícolas para a zona oeste da cidade, posto que seriam necessários anos (e muitos recursos) para conseguir reproduzir e alcançar o desenvolvimento que havia nos campos da Quinta Normal. Tais críticas centraram-se principalmente na péssima acessibilidade do novo terreno, assim como na questionável decisão de separar os edifícios de aulas – que continuariam no Parque da Quinta Normal – dos campos de experimentação agrícola e da clínica veterinária⁶¹. Outra instituição que se opôs fortemente à localização do Estádio no interior do Parque foi a Associação de Educação Nacional (AEN)⁶² em razão de duas questões fundamentais: o pouco espaço disponível dentro dos 23 hectares do terreno cedido pela Universidade, já que se visava a construção de um estádio de características olímpicas e das instalações do Instituto de Educação Física; e a desnecessária destruição do parque,

⁵⁸ “El futuro del Estadio Nacional”. *Urbanismo y Arquitectura*, 1, Janeiro/1936, p. 19.

⁵⁹ O texto não foi assinado, mas seu autor tinha, como vários arquitetos, médicos e pedagogos da época, certo interesse pelo desenvolvimento da cultura física da Alemanha, tanto pelo princípio clássico de *mens sana in corpore sano*, quanto pela importância dada aos estádios como espaços para o aprimoramento do espírito. O esporte, como “única força que engrandece aos povos e entrega homens fortes à humanidade”, era um dos princípios orientadores do autor do texto. Embora não comprovado, esse texto poderia ter sido escrito pelo próprio Ricardo Müller, antecipando as dificuldades que apareceriam para conseguir a aprovação do projeto no Parque da Quinta Normal, e já cogitando uma alternativa na periferia, tal como o Estádio Olímpico de Berlim, que ele visitaria meses mais tarde, na ocasião dos Jogos Olímpicos.

⁶⁰ “Créase una Junta Administrativa del Estadio Nacional”. Decreto 3792, vol. 7234, Ministério de Educação Pública, 30 de Maio de 1936. Arquivo Nacional de Chile.

⁶¹ “El Instituto Agronómico y sus dependencias deben funcionar en la Quinta Normal”. *El Mercurio*, 23 de Outubro de 1936, p. 11.

⁶² A Associação de Educação Nacional foi fundada em 1904, pelo educador Carlos Fernández Peña, seguindo os princípios pedagógicos de John Dewey, especialmente os do *aprender fazendo* e da escola experimental (Caiceo, 2017).

que acabaria desestruturando também a Faculdade de Agronomia⁶³. O Presidente da AEN, Carlos Fernández Peña, escreveu, no começo de 1936, sobre a necessidade de construir um estádio olímpico poliesportivo que seguisse o modelo do complexo olímpico de Berlim e que pudesse, assim, servir como sede de eventuais Jogos Olímpicos em Santiago, no ano 1944, como uma extensão das comemorações do IV Centenário da fundação da cidade, em 1941⁶⁴.

Ao mesmo tempo em que era discutida a localização definitiva do Estádio Nacional no parque da Quinta Normal, o arquiteto vencedor do concurso de anteprojetos, Ricardo Müller, participava como um dos chefes da delegação chilena nos Jogos Olímpicos de Berlim, realizados no mês de agosto. Além de suas funções como dirigente do Comitê Olímpico Chileno, Müller foi enviado pelo Ministério de Educação Pública, em sua condição de assessor técnico do organismo para o planejamento das obras de edificação de equipamentos esportivos em todo o país. Sua missão era estudar os avanços na construção de estádios, campos esportivos e ginásios na Europa⁶⁵. Essa viagem pode ser considerada importante para o futuro do Estádio Nacional, pois o projeto definitivo, que acabou sendo construído em Ñuñoa, assumiu as características de um grande complexo esportivo, bem diferente do estádio multiuso que de Müller, Cormatches e Fuentealba haviam proposto e que venceu no concurso de anteprojetos de 1935. Um texto, escrito por Müller no final de 1936, revela um pouco do conceito que o projetista perseguia para o Estádio ao mudar seu complexo poliesportivo para um conjunto olímpico:

Os esportistas profissionais precisam de um estádio, que seja rapidamente construído, com grande capacidade para receber milhares de espectadores e, se possível, próximo às linhas de tranvias e de ônibus. O esporte nacional profissional se sustenta da venda de ingressos, logo, precisa que isso aconteça frequentemente. O esporte e, de modo geral, o país precisam de um estádio que impulse a educação física, entendida como defesa e aprimoramento biológico e espiritual da raça. Precisa de um local que seja útil ao progresso e o futuro da República: um estádio verdadeiramente olímpico (...). Se tivéssemos que satisfazer os desejos imediatos do esporte profissional, só precisaríamos de um campo de futebol e de arquibancadas. Mas isso não é, nem deve ser, um Estádio Olímpico. O que o país precisa, o que o esporte reivindica, é um lugar que pertença ao povo, a todo o mundo, disponível para as práticas de educação física, treinamentos e competições. Um palco que sirva somente à competição não nos interessa. (...) Defendamos o conceito de um Estádio Olímpico. Trata-se de algo bem maior que só um campo. Trata-se de cimentar o grande palácio da nossa cultura física⁶⁶.

Durante todo o período compreendido entre os meses de maio a novembro houveram vários intercâmbios na imprensa entre o Reitor, professores da Faculdade, o Presidente do CND e a diretiva da Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), cada um tentando fazer valer seus interesses. No começo de novembro, Jorge Lawrence, Presidente do CND e membro do júri do concurso de anteprojetos de 1935, criticou a mesquinhez da Sociedade Agronómica e da SNA que bloqueavam o traslado da Faculdade, que já havia sido aprovado, primeiro, em 1931, quando foi comprado o terreno em Maipú e, então, naquele momento, em 1936, com a promulgação do decreto-lei mediante o qual o governo se comprometeu a construir os edifícios necessários para a Faculdade e para outros institutos da Universidade. De alguma forma Lawrence critica essas instituições por exercerem seu poder para defender o valor simbólico de permanecer no centro da cidade e, assim, manter-se como um agente político central dentro da sociedade *capitalina*, especialmente em um momento em que a industrialização urbana ganhava espaço dentro da economia nacional.

⁶³ “El estadio no tiene cabida en terrenos de la Quinta”. *El Mercurio*, 14 de Setembro de 1936, p. 3.

⁶⁴ “Solución del problema del Estadio Nacional”. *Boletín Municipal de la República*, 66, Janeiro/1936, p. 34-40.

⁶⁵ “Al señor Director General de Obras Públicas”. Ofício 612, vol. 7277, Ministério de Educação Pública, 22 de Abril de 1936. Arquivo Nacional de Chile.

⁶⁶ “Concepto del Estadio Olímpico”. *El Mercurio*, 25 de Novembro de 1936, p. 3.

Interessada em manter a Faculdade dentro de uma das mais tradicionais áreas verdes da cidade, as associações agrônomas rejeitaram qualquer transferência para a periferia santiaguina. Para essas autoridades, não era motivo suficiente que o Parque da Quinta Normal tivesse sido o principal palco do esporte *capitalino* por décadas – ali estava localizada uma das primeiras piscinas de uso público construídas em Santiago e o tradicional Mundial Lawn Tennis Club, além de ter sediado competições automobilísticas em seu interior⁶⁷. Tampouco fez diferença que o Prefeito do município de Quinta Normal estivesse a favor da localização do Estádio no parque⁶⁸. Até mesmo o Ministério de Educação solicitou à Direção Geral do Ministério de Obras Públicas que fosse planejado um plano de transporte público para o novo Estádio Nacional, para que se pudesse atender os mais de 45 mil espectadores que iriam aos jogos e competições no novo campo esportivo da cidade⁶⁹. Ademais, em outubro de 1936, a Junta Administrativa recebeu as propostas técnicas das construtoras para a execução das obras do Estádio no Parque da Quinta Normal⁷⁰.

Nesse sentido, o governo defendeu sua opção original de projetar o Estádio Nacional no interior de algum dos grandes parques da cidade, criticando quem ainda defendia a ideia de construir o complexo esportivo em Renca ou em qualquer outra região da periferia santiaguina. Sobre Renca, voltou a se discutir na imprensa os interesses particulares de “*alguns poucos latifundiários*” que tentavam “*especular com recursos do Estado em benefício próprio*”, enquanto outros desejavam continuar com um modelo de crescimento de arquipélago nos subúrbios *capitalinos*:

Em Santiago, foram construídas grandes mansões e até luxuosos palácios nesses bairros suburbanos, que carecem de energia elétrica e pavimentação, enquanto existem becos miseráveis e edifícios ruinosos a poucos metros do centro comercial da cidade. Alguns querem, agora, aplicar esse mesmo critério para favorecer, teoricamente, a sua comuna, que ainda se localiza na periferia. Amanhã, quando se deseje construir outra grande obra relevante, Conchalí, Las Condes ou San Miguel, por exemplo, reclamarão, com melhores ou piores argumentos, o mesmo privilégio excepcional que solicita Renca. Se aceitarmos todas essas reivindicações, em poucos anos, Santiago será uma velha cidade desarrumada, separada por empoeirados caminhos de um fabuloso cinto de grandes edifícios isolados que, entre si, não conseguiram constituir uma urbanização digna para o futuro⁷¹.

Aparentemente tudo isso foi pouco frente à pressão do grêmio agrícola, que fez valer sua influência, impedindo que as obras fossem iniciadas e obrigando ao governo a procurar um novo local para o Estádio⁷². Uma última tentativa de pressionar e alavancar a construção no parque foi executada pela Prefeitura de Quinta Normal. Uma sessão extraordinária da Câmara Municipal de Quinta Normal elaborou um documento, enviado ao governo, listando as vantagens de construir o Estádio no município. Acessibilidade fácil e econômica a partir de todos os cantos da cidade, pavimentação definitiva da área, proximidade com as principais ferrovias, abundante vegetação e atributos paisagísticos, além de sua cercania com escolas públicas e bairros operários, foram os principais argumentos para defender a possibilidade do Estádio nessa área da cidade⁷³. Aliás, a Prefeitura, em conjunto

67 “Festival automovilístico habrá el sábado en la Quinta Normal”. *El Mercurio*, 8 de Setembro de 1936, p. 13.

68 “Al Señor Alcalde de Quinta Normal”. Ofício 741, vol. 7277, Ministério de Educação Pública, 3 de Julho de 1936. Arquivo Nacional de Chile.

69 “Al Señor Director General de Obras Públicas”. Ofício 839, vol. 7277, Ministério de Educação Pública, 24 de Julho de 1936. Arquivo Nacional de Chile.

70 As empreiteiras participantes foram Salinas y Fabres, Franke, e Saa y Vial, que eram três das maiores companhias que operavam em Santiago naquela época. “Preparativos para la construcción del Estadio Nacional”. *El Mercurio*, 12 de Outubro de 1936, p. 17.

71 “La ubicación del Estadio Nacional”. *La Nación*, 21 de Setembro de 1935, p. 3.

72 “Estadio Nacional disminuirá medios de enseñanza agrícola”. *El Mercurio*, 4 de Novembro de 1936, p. 13. “No deben disminuirse los medios de enseñanza agrícola con la instalación del Estadio Nacional en la Quinta Normal de Agricultura”. *El Mercurio*, 4 de Novembro de 1936, p. 20.

73 “Necesidad de no innovar en la actual ubicación del Estadio se acordó representar al gobierno”. *El Mercurio*, 21 Novembro de 1936, p. 19.

com associações esportivas e culturais do bairro e com as autoridades dos outros municípios da região oeste da cidade, organizou, no dia 22 de novembro, um ato no Teatro O'Higgins. Nele participaram os prefeitos das comunas da Quinta Normal, Maipú e Renca, alguns deputados *capitalinos*, como Joaquín Walker Larraín⁷⁴ e Juan Silva Pinto, representantes de alguns clubes esportivos locais (como do Caupolicán Sporting Club, o Deportivo Bélgica e o Círculo de la Juventud Quinta Normal), além de representantes da Frente Única de Poblaciones Obreras, do sindicato operário da Fundação Cintolesi e da Frente Única de Campesinos Pobres, entre outras organizações da região centro-oeste de Santiago⁷⁵. Mesmo assim, o comício não teve o efeito esperado. As autoridades tiveram, então, que procurar novamente por um local para o complexo esportivo.

Um estádio para o povo, um negócio para as elites?

Em novembro de 1936, quando a opção do Parque da Quinta Normal foi definitivamente descartada, diferentes agentes reativaram suas agendas e interesses. Tal foi o caso do Exército do Chile: sabendo que seu uso da elipse do Parque Cousiño era um dos principais obstáculos para a construção do Estádio Nacional nesse parque, o exército teria oferecido deslocar o local de realização de todos seus exercícios e desfiles militares para os terrenos de Lo Contador⁷⁶. Esse terreno, localizado na região do nordeste da cidade, na área de expansão residencial das classes mais abastadas santiaguinas, já havia sido sugerido no debate como um potencial local para o Estádio Nacional – essa foi a posição que mantiveram alguns congressistas conservadores no debate parlamentar. Inclusive, esse bairro era objeto dos mais diversos projetos para ser transformado em um ponto de lazer de escala metropolitana, como na proposta de um empresário argentino de construir um grande balneário de mais de um quilômetro de extensão na beira do rio Mapocho⁷⁷. O interesse do Exército pela nova localização para seus exercícios pode ser entendido, ainda, como parte de um deslocamento maior das suas operações para novos edifícios institucionais dentro da cidade. Como afirmaram alguns reportes da imprensa em 1935, o Exército já tinha constituído uma comissão para estudar um novo local para a Escola Militar⁷⁸, traslado que foi efetivado a partir de 1940, quando foi comprado um grande terreno na periferia da pré-cordilheira de Santiago, também na área de expansão residencial das classes altas *capitalinas*.

Ao que tudo indica, a opção de construir o estádio em Lo Contador nunca foi realmente considerada pelo governo, ainda que o próprio Alessandri tivesse proposto, em 1935, um grande parque nessa região da cidade⁷⁹. Descartada também a opção do Parque Cousiño, pelas restrições legais à edificação de equipamentos esportivos no interior de áreas verdes, a administração de Alessandri procurou, então, uma nova alternativa. No final do mês de novembro, começou ser noticiado na imprensa a informação que o governo estava pronto para anunciar a construção do Estádio no bairro de Ñuñoa, em um terreno que quase não havia sido mencionado previamente: a chácara Lo Valdivieso. A operação imobiliária planejada pelo governo implicava uma negociação com a Caja del Seguro Obrero Obligatorio (CSO), proprietária do lote desde 1934⁸⁰. O local escolhido era um terreno

⁷⁴ A fala de Joaquín Walker Larraín teria sido uma das mais aplaudidas: “O governo só quer ouvir as falas de um grupo de agrônomos que, em vez de decidir praticar a agricultura em uma ampla chácara como a de Rinconada de Maipú, preferem continuar no estreito campo da Quinta Normal, fazendo experimentos em vasos”, assinalou, representando a visão de vários dos que se opuseram ao lobby dos agrônomos e sua persistência para ficar no Parque da Quinta Normal. “Se pidió mantener la ubicación del Estadio Nacional en terrenos de la Quinta Normal”. *El Mercurio*, 23 de Novembro de 1936, p. 15.

⁷⁵ “Que el Estadio Nacional se construya en los terrenos de la Quinta Normal”. *El Mercurio*, 22 de Novembro de 1936, p. 33.

⁷⁶ “En el Parque Cousiño sería construido Estadio Nacional”. *El Mercurio*, 12 de Novembro de 1936, p. 20.

⁷⁷ “En las riberas del Mapocho se levantará uno de los mejores sitios de atracción de Sud-América”. *La Nación*, 15 de Setembro de 1935, p. 17.

⁷⁸ “Se buscará una nueva ubicación a la Escuela Militar de Chile”. *La Nación*, 23 de Agosto de 1935, p. 10.

⁷⁹ “Se proyecta dotar a Santiago de un gran bosque. La iniciativa ha sido del Presidente de la República”. *Boletín Municipal de la República*, 59, Junho/1935, pp. 34-35.

⁸⁰ A chácara de Lo Valdivieso era propriedade do empresário e político Guillermo Edwards Matte, quem tinha sido Ministro de Fazenda durante o primeiro mandato de Alessandri (Municipalidad de

de mais de 60 hectares, localizado na região leste da cidade, em uma comuna da cidade que já experimentava um processo de dinamização imobiliária impulsionado pela expansão residencial de classes médias e altas. A CSO – uma das três instituições público-privadas encarregadas do sistema de previdência e seguro social da população chilena – comprometia-se a ceder gratuitamente o terreno de Ñuñoa, em troca da urbanização do bairro por parte do Estado, da pavimentação das avenidas de acesso ao Estádio e do melhoramento dos serviços básicos na região. De fato, tal possibilidade tinha sido apresentada, um ano antes, pelo deputado Pedro González (Partido Radical Socialista) durante o debate parlamentar da Lei de Financiamento do Estádio, quando afirmou que a CSO cogitava a opção de construir um grande complexo esportivo como parte de uma operação imobiliária maior, em que a infraestrutura esportiva serviria para impulsionar o projeto residencial na periferia santiaguina⁸¹.

Frente à possibilidade de perder mais um ano na construção do Estádio, Jorge Lawrence do CND, afirmou que, mesmo as melhores opções sendo o Parque Cousiño e a Quinta Normal, as federações esportivas decidiram apoiar a proposta do governo para edificar o complexo esportivo no bairro de Ñuñoa, próximo do Campos de Sports⁸². Alberto Mackenna, ex-Intendente de Santiago (1921-1927), ex-Presidente do Instituto de Urbanismo (1931-1935) e, naquele momento, diretor do Museu de Belas Artes (1933-1939) e Administrador do Cerro San Cristóbal (1932-1939) (Gurovich, 1993), fez um último apelo às autoridades para construir o estádio na chácara de Lo Contador. Segundo ele, a várzea do rio Mapocho era uma possibilidade melhor que qualquer opção que planejasse destruir algum dos parques públicos da cidade⁸³. Aliás, a escolha pela chácara seria, ainda, uma opção mais conveniente pela conservação de certos elementos naturais dentro do desenvolvimento urbano e imobiliário que experimentava a região nordeste da cidade:

Não é razoável que, existindo um local maravilhoso, único e magnífico presente da natureza para nossa cidade, continuemos nessas discussões estéreis. A chácara de Lo Contador fica aos pés do San Cristóbal, atravessada pelo rio em toda sua extensão, e no meio dos bairros de Providencia e Los Leones, centros da Santiago do futuro. Ali existem 85 hectares que podem ser desenvolvidos para todas as necessidades e atividades que o esporte precise, hoje e no futuro. O Mapocho atravessa toda sua extensão, o que fará possível a prática da natação, de remo e de regatas. Existe, também, uma grande arvoreda de castanheiros e nogueiras, cuja frondosa sombra acolherá os esportistas nos longos dias do verão. Tem vias de acesso pelos bairros de Bellavista e Providencia, assim como pela nova e ampla Avenida Costanera (...). Se observamos o campo verde de Lo Contador descobriremos que esse local, inserido no coração da cidade do futuro, tem todas as condições de higiene, acessibilidade e adaptação ao programa de um estádio. (...) Não esqueçamos as palavras dos grandes urbanistas franceses, Lambert e Agache, que, observando Lo Contador, disseram: “Paris invejaria um terreno como Lo Contador para construir seu Estádio Nacional”⁸⁴.

Mesmo que tivessem sido declarados diversos apoios à proposta de Lo Contador, o governo já estava desenvolvendo uma estratégia para assegurar o terreno de Ñuñoa. Nesse sentido, é importante descrever o último trimestre de 1936 para compreender o contexto político que teria permitido alcançar uma solução fundiária para o projeto do estádio. Os últimos meses do ano estiveram marcados pela crise microeconômica no país, o que incluiu a escassez e especulação de al-

Ñuñoa, 1953). Em 1939, ele se tornou diretor do Banco de Chile, um dos principais agentes urbanizadores da região, especialmente por meio do Departamento de Confianças.

81 Câmara de Deputados, *Boletines de Sesiones*, 3ª Sessão Extraordinária, 30 de Outubro de 1935, pp. 174-175. Arquivo Biblioteca do Congresso Nacional de Chile.

82 “El Consejo Nacional de Deportes acepta que el Estadio Nacional se construya en Ñuñoa”. *El Mercurio*, 21 de Novembro de 1936, p. 9.

83 Mackenna já tinha divulgado algumas de suas ideias para aquela região da cidade no começo da década. Segundo ele, a região aos pés do Cerro San Cristóbal poderia se transformar no lugar de maior progresso da cidade, pois tinha as melhores condições paisagísticas e de conectividade para o desenvolvimento residencial, em razão do ar puro, a pavimentação das ruas e a abertura da Avenida Andrés Bello, respectivamente. Cf.: “El Santiago del Porvenir”. *Comuna y Hogar*, 19, Janeiro/1931, pp. 10-11.

84 “La mejor ubicación para el Estadio”. *El Mercurio*, 28 de Novembro de 1936, p. 3.

guns alimentos básicos da cesta básica, como batatas e carne, assim como uma repentina alta nos preços de outros alimentos, como pão, açúcar, arroz, azeite, pescado, e de outros itens essenciais, como carvão, lenha e tecidos. Esse clima de insatisfação popular, bem descrito por Milos (2008) em seu livro sobre a configuração da Frente Popular chilena entre os anos 1935 e 1938, produz uma tensão tal na administração de Alessandri que faz que, no começo de setembro, a Presidência convide o Partido Radical para formar parte do governo. Para o governo, a ameaça de uma revolta popular não era impensável, ainda mais considerando os 15 meses de experimentação política e revoltas militares que antecederam o segundo mandato *alessandrista* (Vergara, 2018), a memória do levante camponês e indígena em Ranquil, no sul de Chile, em julho de 1934, que foi reprimido sangüinariamente pelo governo (Palacios, 1992; Ulianova, 2003), ou ainda a greve dos trabalhadores ferroviários, que teve a adesão dos grandes sindicatos comerciais e bancários no começo de 1936 e a declaração do estado de sítio como resposta das forças oficiais (Garcés, 2012).

O motivo de maior tensão dentro do governo era a estruturação da Frente Popular como força disruptiva dentro do mapa de forças políticas do Chile. Parte de uma estratégia transnacional da Terceira Internacional Comunista, o PC chileno procuraria, a partir de então, estabelecer acordos e alianças com organizações e movimentos não necessariamente proletários, como uma tática de combate ao fascismo dentro do campo democrático liberal (Milos, 2008: 27-28). Comunistas, socialistas e setores do radicalismo e do Partido Democrático, impulsionados pela vitória da esquerda nas eleições gerais da Espanha, em fevereiro de 1936, oficializaram a conformação da Frente Popular no mês seguinte, traçando um plano eleitoral para as eleições parlamentares de março de 1937. O compromisso de boa parte dos intelectuais chilenos de esquerda contra o fascismo na Europa, e a favor da República espanhola e dos movimentos das frentes populares (Subercaseaux, 2008), também deve ter sido um motivo de preocupação no governo.

Além da crise inflacionária dos preços e da fome do povo, outra situação tensionou ainda mais o governo durante a segunda metade do ano. Na noite de 23 de agosto, foi assassinado o jovem escritor e militante socialista Hector Barreto em uma emboscada feita por uma milícia nacional-socialista. Sua morte produziu, tal como a do poeta José Domingo Gómez Rojas, em 1920 (Craib, 2017), uma grande mobilização popular: primeiro, durante seu funeral (Moraga, 2009) e, logo depois, em um comício antifascista realizado no dia 4 de setembro. Nesse contexto, o governo convidou o Partido Radical para formar parte do gabinete ministerial, como parte de uma estratégia para tentar ganhar legitimidade popular ao fazer uma aliança com um dos maiores partidos de centro-esquerda do país e para contaminar, assim, as relações internas da Frente Popular. Controversa, a medida gerou conflitos tanto no governo como na Frente Popular e no próprio Partido Radical. Se, para alguns, a atitude do Presidente do Partido, Octavio Señolet, tinha sido uma grande traição, como foi o caso da posição do escritor e militante comunista Pablo de Rokha⁸⁵, para outros, dentro do radicalismo, o convite foi entendido como uma oportunidade para reduzir o custo de vida das classes populares, mesmo sabendo que aquilo tensionaria as relações com a Frente Popular (Milos, 2008: 113-114).

Desse modo, a entrada de três militantes radicais no gabinete do governo agravou ainda mais o conflito entre o Partido Radical e os outros partidos da Frente Popular. Durante todo o mês de setembro, houve intercâmbios na imprensa entre as cúpulas de ambos, assim como denúncias diretas ao governo por parte da Frente Popular, dirigidas, especialmente, ao Ministro de Fazenda, Gustavo Ross. Da mesma forma, a relação entre a diretiva Radical e a Frente Popular ficou cada vez mais tensa, até o ponto de ser discutida a continuidade do radicalismo no interior do bloco de esquerda⁸⁶. Nesse contexto, uma renúncia específica pode ter sido importante para o futuro do Estádio Nacional. No dia 16 de outubro, *Frente Popular*, o periódico do bloco de partidos de esquerda, noticiou a saída do

⁸⁵ "Chaplin en Palacio". *Frente Popular*, 26 de Outubro de 1936, p. 2.

⁸⁶ "Dos caminos, un dilema". *Frente Popular*, 3 de Outubro de 1936, p. 1.

radical Santiago Labarca do seu cargo como Administrador da CSO⁸⁷. A renúncia à sua posição dentro dessa instituição semi-pública aconteceu nos mesmos dias em que o Comitê Central do radicalismo deliberava se o Partido deveria continuar formando parte da Frente Popular. Labarca preferiu não contar detalhes da sua saída, mas o próprio periódico revelou que o radical se opôs a determinados negócios imobiliários que estavam sendo maquinados no interior do governo⁸⁸. Mais explícito sobre os motivos da renúncia foi o periódico de sátira política *Topaze*, que revelou a oposição de Labarca à “lei que entrega todas as poupanças dos trabalhadores chilenos ao Departamento de Confianzas do Banco de Chile para a construção de imóveis”⁸⁹. O ex-Administrador da CSO suspeitava que os fundos populares acabariam financiando conjuntos de classes médias e altas, desconsiderando a urgência por atender o enorme déficit de habitações populares⁹⁰, o que fez que dirigentes oficiais do governo desejassem, por vários meses, a saída de Labarca da chefia da instituição⁹¹. O jornal *Frente Popular* também informou que Luis Alamos Barros, Ministro de Fomento e um dos três radicais do gabinete, tinha recebido a solicitação da Frente Popular para que não permitisse que a administração da CSO, principal executor de obras de habitação popular, ficasse nas mãos do Partido Conservador⁹².

Pouco menos de uma semana após a saída de Labarca, o Comitê Central do radicalismo definiu sua continuidade no interior da Frente Popular, em uma decisão não livre de polêmicas, com o enfrentamento das principais lideranças do Partido (Millos, 2008: 122-123). A decisão significou a imediata saída dos ministros radicais do gabinete do governo, assim como uma nova estratégia do governo de Alessandri, que poderia ser definida como uma virada autoritária. A detenção do Secretário do Partido Socialista, Óscar Schnacke, durante uma passeata na cidade Antofagasta⁹³, e a tramitação da Lei de Segurança Interior do Estado (Donoso, 2016), que pode ser entendida como uma reação à articulação de uma central sindical unitária – a Confederação de Trabalhadores de Chile (CTCH), que acabaria sendo fundada em 27 de dezembro de 1936 –, constituíram um contexto de recomposição das forças conservadoras no interior do governo.

Com efeito, as forças de esquerda não conseguiram manter a chefia da CSO, uma vez que o recém-nomeado Ministro de Salubridade, o conservador Joaquín Prieto Concha, colocou seu colega de partido, Pedro Lira Urquieta, como chefe da CSO⁹⁴. Aparentemente, sua chegada à CSO significou uma rápida reestruturação da instituição, o que aconteceu também com outros organismos dependentes do Ministério, como o Serviço Médico, no qual o diretor teria sido demitido por motivos políticos⁹⁵. Segundo *Frente Popular*, outros médicos da CSO teriam sido alvo de Lira Urquieta por suas atividades “comunistas” e suas atitudes “ameaçadoras à reorganização do serviço”⁹⁶.

Tudo indica, portanto, que a chegada de Lira Urquieta à CSO foi a peça-chave para que o terreno do bairro de Ñuñoa fosse cedido para a construção do Estádio, facilitando a chegada dos investimentos públicos que os setores privados tanto aguardavam, posto que interessados na expansão residencial das classes médias e altas nessa região da cidade. Chama a atenção que enquanto o acordo entre a CSO e o Ministério de Educação era discutido, o recém-assumido Administrador Geral da CSO divulgava na imprensa que sua instituição passava por uma grande dificuldade financeira e precisava da ajuda do governo para pagar as dívidas de

87 “Labarca habla sobre su renuncia”. *Frente Popular*, 16 de Outubro de 1936, p. 3.

88 “El ‘radical’ Piwonka reprocha a Labarca su altivez frente al zarpazo conservador”. *Frente Popular*, 16 de Outubro de 1936, p. 3.

89 “Desembarcó a tiempo”. *Topaze*, 16 de Outubro de 1936, p. 10.

90 Segundo Gebhard (1936), em Santiago moravam, aproximadamente, 250 mil pessoas nos 3 mil cortiços espalhados pela cidade.

91 “El cojo y la caja”. *Topaze*, 3 de Julho de 1936, p. 8.

92 “Alamos saca el cuerpo”. *Frente Popular*, 16 de Outubro de 1936, p. 3.

93 “Nuevo paso hacia la dictadura constituye la prisión de Óscar Schnacke”. *Frente Popular*, 24 de Outubro de 1936, p. 1.

94 “Un ministro técnico”. *Topaze*, 6 de Novembro de 1936, p. 13.

95 “La ofensiva conservadora en el Seguro Obrero”. *Frente Popular*, 10 de Novembro de 1936, p. 1.

96 “Malestar por el programa del señor Lira Urquieta”. *Frente Popular*, 30 de Outubro de 1936, p. 2.

mais de 33 milhões de pesos com bancos privados⁹⁷ – só para comparar, a lei de financiamento de equipamentos esportivos repartiria dez milhões para todo o país. Contudo, no dia seguinte à publicação dessa notícia, Lira Urquieta, o Ministro de Educação Francisco Garcés Gana e Ricardo Müller se reuniram para acertar os últimos detalhes da cessão do terreno⁹⁸. Aparentemente, foi nessa reunião que a decisão da localização do Estádio foi, finalmente, resolvida. Na semana seguinte, o Ministro de Salubridade, Joaquín Prieto Concha, exigiu de Lira Urquieta que, antes de fazer qualquer novo investimento, a CSO deveria ordenar suas dívidas com seus assegurados – especialmente aqueles referentes às despesas de atenção médica, hospitalização e compra de medicamentos –, que não recebiam pagamentos havia, pelo menos, sete meses⁹⁹. Ademais, o Ministro recomendava que a CSO liquidasse alguns dos seus investimentos e se concentrasse em reduzir sua dívida com seus associados. Nesse contexto, parece um tanto insólita a decisão de ceder gratuitamente um terreno de mais de 60 hectares em uma área de interesse imobiliário da cidade. Sem provas dos motivos de sua demissão, o Ministro Prieto deixou a pasta em meados de janeiro de 1937. Já Lira Urquieta permaneceu no seu cargo até o fim do governo Alessandri, tendo que lidar com os problemas financeiros produzidos, especialmente, pelo encargo do governo de construir novas habitações operárias sem aumentar o orçamento da CSO e nem permitir o aumento dos subsídios patronais às cotizações dos associados (Huneus e Lanas, 2002).

Elsey (2011) assinala que um dos maiores interessados na construção do estádio nessa região da cidade era a própria família Alessandri, proprietária histórica de vários lotes da área. Guillermo Alessandri, sobrinho do Presidente, administrava o latifúndio familiar na região e tinha sido nomeado por seu tio, no final de 1934, como parte da comissão que estudaria a melhor localização para o Estádio Nacional. Os interesses imobiliários de Guillermo eram parte de sua herança familiar: filho de José Pedro Alessandri (1864-1923), um dos principais urbanizadores da comuna de Ñuñoa, enquanto seu irmão Carlos foi um dos investidores do balneário de Algarrobo, estabelecido durante a década de 1930 no litoral da região de Valparaíso. Além disso, Guillermo Alessandri era esposo de Gabriela Fabres Pinto, irmã de Alberto e Raúl Fabres Pinto, sócios fundadores da Salinas y Fabres, construtora vencedora da licitação das obras do Estádio Nacional¹⁰⁰. Ora, essa trama levanta algumas suspeitas, mesmo considerando que a construtora era uma das maiores do país nesses anos e participava de outros empreendimentos, como a importação de maquinarias industriais, automóveis e caminhões¹⁰¹.

As pesquisas de Téllez (1995; 2010) mostraram que ocorriam operações do Departamento de Confianzas do Banco de Chile no bairro de Ñuñoa desde meados da década de 1930. A abertura da Avenida Campos de Deportes implicou a demolição dos Campos de Sports que era, até esse momento, o principal complexo poliesportivo da cidade e importante local para o esporte amador e universitário. Esse eixo seria essencial para estruturar o novo bairro, pertencente originalmente à chácara de José Domingo Cañas e, logo, à Eduardo Suárez Mujica e sua família, junto ao Banco de Chile. Como afirma Rozas (2014), o bairro Estádio Nacional – hoje também conhecido como bairro Suárez Mujica – foi um negócio imobili-

⁹⁷ “La difícil situación económica de la Caja de Seguro Obrero expone el Administrador Gral. de la institución”. *La Nación*, 2 de Dezembro de 1936, p. 14.

⁹⁸ “La Caja del Seguro Obrero cedería gratuitamente los terrenos para el Estadio”. *La Nación*, 4 de Dezembro de 1936, p. 15.

⁹⁹ “La Caja de Seguro Obrero debe ponerse al día en el cumplimiento de sus obligaciones antes de emprender cualquier otro negocio”. *La Nación*, 11 de Dezembro de 1936, p. 15.

¹⁰⁰ José Fabres Pinto, irmão de Gabriela, Alberto e Raúl Fabres Pinto, foi acionista e parte do Conselho Administrativo do Banco de Agustín Edwards y Cia., um dos bancos privados mais tradicionais do país e um dos mais importantes operadores imobiliários da cidade, pelo menos durante toda a década de 1930. Em 1941, ele quintuplicou seu pacote acionário, transformando-se em uma das pessoas com o maior número de ações no país. Cf. “Cuadragésima novena memoria que el Consejo de Administración presenta a los señores Accionistas en la Junta General Ordinaria de 8 de Julio de 1938”. Valparaíso: Sociedad Imprenta y Litografía Universo, 1938. “Quincuagésima sexta memoria que el Consejo de Administración presenta a los señores Accionistas en la Junta General Ordinaria del 6 de Enero de 1942”. Valparaíso: Sociedad Imprenta y Litografía Universo, 1942.

¹⁰¹ A construtora Salinas - Fabres Hnos. foi fundada em 1929. Em 1932, foi reestruturada como Salinas y Fabres, logo após a morte de Alberto Fabres Pinto. Para mais detalhes, cf.: “Medalla de oro y diploma de honor a don Ramón Salinas Donoso”. *Anales del Instituto de Ingenieros de Chile*, 49 (1-2-3), Janeiro - Fevereiro - Março/1956, pp. 68-75.

Imagem 5.7. Casa Salvador Hasbún, Ñuñoa, Santiago, 1937.

Imagem 5.8. Casa Salomón Hasbún, Ñuñoa, Santiago, 1937.

liário que procurou capitalizar os investimentos públicos das obras do complexo esportivo. Ao mesmo tempo, o Departamento de Confianzas do Banco de Chile operava como um banco hipotecário estatal para produtos imobiliários dirigidos a profissionais liberais e funcionários públicos que procuravam uma nova residência em algum dos novos bairros da cidade. Como descreveu Aguirre (2014), durante a segunda metade da década de 1930, o mercado imobiliário operou intensamente no centro de Santiago e nas áreas da expansão nobre da cidade, como por exemplo, na vizinhança do local do Estádio. Alguns projetos construídos na região do Estádio Nacional naquela época foram documentados, como a residência Hasbún, dos arquitetos Fedorov e Jayme, de 1937¹⁰², a residência Cifuentes, do arquiteto Maurício Despouy, de 1938 (Vargas, 2014), ou os projetos de Viterbo Castro para os herdeiros de Suárez Mujica, no início da década de 1940 (Téllez, 1995).

Um novo estado de ânimo nacional

Alguns agentes, como Jorge Lawrence, do CND, aceitaram prontamente e quase sem críticas a nova localização do estádio, enquanto outros foram menos condescendentes. No final do mês de dezembro de 1936, *El Mercurio* publicou um extenso artigo escrito por Carlos Fernández Peña, da AEN, um participante constante do debate sobre a localização do Estádio¹⁰³. Primeiramente, ele critica a decisão de localizar o complexo esportivo em um terreno remoto, localizado em uma área industrial, cujos custos de urbanização seriam enormes e deveriam ser executados pelo Estado. Com problemas de acessibilidade, a área não tinha avenidas pavimentadas nem linhas de tranvia que servissem à região. Mesmo que os problemas de conectividade tenham sido reais, também é certo que o Estádio ficaria localizado a poucos quarteirões do antigo Campos de Sports, um complexo esportivo que já tinha uma capacidade para mais de 20 mil espectadores. Aliás, como foi dito nos parágrafos anteriores, o bairro não era uma área industrial, mas um projeto de constituição de um bairro do tipo cidade-jardim que estava sendo construído onde já existia alguns poucos chalés espalhados pela região desde finais do século XIX. Da mesma forma, Fernández Peña discutiu que um projeto dessa escala fosse executado exclusivamente pela Junta Administradora, sem participação de uma comissão interministerial, em que o pessoal dos ministérios da Fazenda e Obras Públicas estivesse envolvido. Por último, ele também foi um dos poucos críticos da operação imobiliária por trás da construção do Estádio que, ao seu ver, tentava valorizar essa região, ainda que a Lei que financiava as obras proibisse isso.

O Decreto-lei sancionado em 9 de janeiro de 1937 estabeleceu que, em troca pelo terreno da CSO na antiga Chácara Lo Valdivieso, o Estado deveria pavimentar as avenidas de acesso ao Estádio e melhorar os serviços de saneamento e água potável do bairro. Além disso, o Estado se comprometia a conectar o sistema de saneamento urbano metropolitano dos dois bairros construídos pela CSO na região sudeste de Santiago (La Legua e Lo Ochagavia), que ficavam há alguns quilômetros do Estádio¹⁰⁴. Nesse mesmo mês, o governo assinou o contrato com a construtora Salinas y Fabres, a mesma que tinha vencido o concurso público para edificar o

¹⁰² “Residencia del señor Salvador Hasbún”. *Urbanismo y Arquitectura*, 9, 1937, pp. 10-13.

¹⁰³ “Estadio Olímpico en Lo Valdivieso”. *El Mercurio*, 31 de Dezembro de 1936, p. 23.

¹⁰⁴ “Aprueba convenio entre Ministerio y Caja de Seguro Obligatorio”. Decreto 54/1937, vol. 7289, Ministério de Educação Pública, 9 de Janeiro de 1937. Arquivo Nacional de Chile.

Imagem 5.9. Entrada principal do Estádio Nacional (norte) e a recém-inaugurada Avenida Campos de Deportes, nos dias prévios à inauguração do complexo esportivo. Ñuñoa, Santiago, dezembro de 1938.

Estádio Nacional no Parque da Quinta Normal. Por fim, em 25 de fevereiro foram iniciadas as obras no terreno de Ñuñoa – depois de quase trinta anos parecia que, dessa vez, o Estádio seria construído.

Não deixa de ser surpreendente que a oposição de esquerda à administração de Alessandri não tenha criticado os interesses imobiliários por trás desse grande projeto urbano, ainda mais considerando que as outras grandes obras que estavam sendo desenvolvidas em Santiago foram fortemente discutidas em seus meios de comunicação. Por exemplo, a reforma da Plaza de la Constitución, uma praça que ocupava todo o quarteirão norte do Palácio Presidencial de La Moneda, foi desqualificada por Topaze como “Plaza de la Desolación”¹⁰⁵, um trocadilho em razão de sua frialdade e de sua rápida transformação em praça de estacionamento para o novo Barrio Cívico. Chamado de o “capricho de Ross”, fazendo referência ao Ministro de Fazenda, Gustavo Ross, o jornal criticava o que considerava uma obra absurda, em que tinha se gastado mais de quatro milhões de pesos, que só teriam retorno por meio do aluguel dos estacionamentos subterrâneos¹⁰⁶. Frente Popular também critica o “deserto de cimento” que estava sendo construído do lado sul do Palácio, referindo-se à operação urbana do Bairro Cívico, proposta por Karl Brünner em 1934 (Rosas et al., 2015). O “projeto faraônico”, as “suntuosas obras” e o “formidável processo de devastação”, foram algumas das qualificações pejorativas dadas a esse grande projeto de transformação do centro da cidade:

Enquanto falta dinheiro para construir habitações modestas e confortáveis para os milhares de trabalhadores que apodrecem nos infestos cortiços santiaguinos, uma fantástica dança de milhões continua embelecendo esse canto oligárquico de Santiago¹⁰⁷.

Nessa medida, a imprensa de esquerda criticava esses projetos, por serem custosos e desconsiderarem a realidade que milhares de pessoas passavam diariamente. O “jejum do povo”¹⁰⁸ e o “vegetarianismo à força”¹⁰⁹ são algumas das denominações à crise de preços que castigava à população mais pobre do país. As reportagens agudizaram o tom e não pouparam adjetivos apelativos à gestão econômica do governo. Nesse cenário, como foi, então, que o projeto do Estádio Nacional conseguiu se esquivar de toda crítica à sua pertinência e relevância em um momento de encarecimento do custo de vida e de precariedade material de centenas de milhares de chilenos?

¹⁰⁵ “Setiembre”. Topaze, 233, 8 de Janeiro de 1937, p. 54.

¹⁰⁶ “Desierto de cemento parece la nueva Plaza de la Constitución”. Frente Popular, 19 de Setembro de 1936, p. 12.

¹⁰⁷ “Plaza de cemento habrá al sur de la Alameda”. Frente Popular, 5 de Novembro de 1936, p. 12.

¹⁰⁸ “Ayuno del pueblo ha comenzado”. Frente Popular, 22 de Outubro de 1936, p. 12.

¹⁰⁹ “El pueblo, vegetariano a la fuerza”. Frente Popular, 21 de Outubro de 1936, p. 12.

Imagem 5.10. Fotografia aérea do Estádio Nacional e da urbanização da área norte do complexo esportivo, totalmente urbanizada, Santiago, c. 1945.

Ora, os partidos de oposição tinham grandes expectativas em relação à construção do Estádio, adiado por décadas pelos diferentes governos que imaginavam o grande complexo esportivo nacional, mas não conseguiam financiá-lo. Em pleno debate sobre a possibilidade de construí-lo no Parque da Quinta Normal, *Frente Popular* publicou um artigo sobre o novo estádio da cidade de Talca, que vinha sendo planejado pelo Departamento de Construções Esportivas desde o regime de Ibáñez, departamento que era dirigido por Ricardo Müller. O texto diz: “nos tempos atuais, o estádio é um elemento que não pode faltar em nenhuma cidade, é uma questão indispensável”¹¹⁰. Um mês depois, o jornal critica o estado de manutenção dos campos esportivos de Santiago, como um chamado aos proprietários desses imóveis a fazer as reformas necessárias para oferecer um local confortável ao público e condições mínimas de segurança aos esportistas¹¹¹. Sem dúvida, a lembrança da grande tragédia da final do campeonato de 1932 – quando as arquibancadas de madeira do Estádio Italiano caíram estrondosamente, deixando três falecidos e dezenas de feridos – estava presente na memória do autor da reportagem, que criticava o precário estado dos acessos e arquibancadas nos estádios dos Campos de Sports, Carabineros e Santa Laura. Além disso, *Frente Popular* não deixa de falar sobre o Estádio durante os últimos meses de 1936, sempre com um tom majoritariamente otimista sobre o novo espaço público da cidade, inclusive imaginando como poderia ser sua inauguração¹¹².

Chama a atenção que, em novembro de 1938, dias antes da inauguração oficial do Estádio, *Frente Popular* tenha publicado uma reportagem intitulada “Um doloroso problema nacional: o povo não tem estádios”¹¹³, na qual descreve a precária infraestrutura esportiva nacional como um dos principais motivos que impediam o melhoramento da saúde das classes populares e envergonhavam as cidades chilenas que tentavam parecer modernas. O Estádio Nacional, “um dos três principais campos esportivos do mundo”, serviria para remediar, mas não para resolver, um problema que afetava o progresso nacional. No dia 5 de dezembro, dois dias depois da inauguração oficial do Estádio, *Frente Popular*, agora o jornal da coalizão vencedora das eleições presidenciais de outubro, criticou os enormes gastos da Caja de Empleados Particulares em seu edifício institucional do Bairro Cívico, enquanto “milhares de trabalhadores moram em pocilgas”, sem a possibilidade de aceder a uma “residência higiênica e medianamente confortável”¹¹⁴. Os gastos em

¹¹⁰ “Talca inaugura un flamante Estadio para los Deportes”. *Frente Popular*, 30 de Setembro de 1936, p. 3.

¹¹¹ “Arreglo en las canchas”. *Frente Popular*, 5 de Novembro de 1936, p. 6.

¹¹² “Nuestro Estadio Nacional y el día de su inauguración”. *Frente Popular*, 28 de Outubro de 1936, p. 8.

¹¹³ “El pueblo no tiene estadios”. *Frente Popular*, 22 de Novembro de 1938, p. 6.

¹¹⁴ “La Caja de los Empleados Particulares construye un gran edificio en Barrio Cívico”. *Frente Popular*, 5 de Dezembro de 1938, p. 4.

novas edificações foram recorrentemente vistos como supérfluos, mas o estádio estava livre dessa crítica, uma vez que a função social do esporte era continuamente reivindicada. O complexo esportivo era entendido como uma necessidade nacional, como a chave que conseguiria pôr em prática vários dos discursos eugênicos que circulavam entre alguns políticos, esportistas e pedagogos. Sendo assim, o estádio era uma obra totalmente justificada, pois complementaria as ações sanitárias e pedagógicas que o Estado aplicava, com maior ou menor sucesso, entre os cidadãos. Desse modo, o investimento em equipamentos esportivos e de lazer era visto como imprescindível para incrementar as chances de levar a cabo o programa desenvolvimentista de impulso à indústria nacional: sem justiça social, educação e saúde para as classes trabalhadoras seria impossível levar à frente qualquer projeto de radical transformação da matriz econômica nacional. Assim, diferentemente de um prédio-sede de alguma instituição pública ou da reforma de uma praça em frente ao Palácio do governo, o Estádio contribuiria ao combate à tuberculose e ao alcoolismo, ao fortalecimento dos corpos dos chilenos, à tentativa de consolidação de um certo tipo de ética do rigor e à formação de um tipo de cidadão comprometido com o progresso da Nação.

Um texto de Raúl Ampuero, um dos mais importantes dirigentes do Partido Socialista Chileno em toda sua história, pode ajudar a compreender o significado e a função que a esquerda chilena dava à educação física e ao impulso ao esporte. Publicado alguns meses após a chegada da Frente Popular ao poder, o militante da Juventude Socialista e da Secretaria Nacional de Cultura do partido, em 1939, afirmou:

As desastrosas condições econômicas dos jovens são a base e o motivo de todos os problemas vitais, como nosso recorde mundial de mortalidade infantil, as enormes porcentagens de mortalidade entre os 13 e 25 anos, e nossa baixa expectativa de vida. As instituições estatais dedicadas a esses assuntos têm sido absolutamente ineficazes, mas esse panorama começa a ser revertido na atual administração, que assumiu o compromisso de elevar o nível da vida das classes populares como tarefa primordial.

Sempre consequentes com nossa ideia de atuar em paralelo às instituições estatais e a partir de dentro do povo, temos criado um plano de impulso à educação física popular, orientado ao aprimoramento físico da raça e que responde às exigências atuais (...). Nossa proposta tem que rejeitar as formas excessivamente esquemáticas de organização para adotar uma estrutura elástica, democrática e variada. Em relação às bases ideológicas, o plano tem que incorporar, além de definições democráticas e anti-imperialistas, os postulados da educação física moderna, que não procura o descobrimento de grandes talentos individuais – quase sempre casos excepcionais no interior de um povo raquítico –, mas a superação e o aperfeiçoamento das condições biológicas da massa (Ampuero, 1939).

Nesse mesmo ano, o Ministro de Salubridade da Frente Popular, Salvador Allende, publicou “La realidad médico-social chilena”, um livro onde apresenta o programa de ação da sua pasta ministerial. O texto discute a necessidade de resolver o problema sanitário no país como condição irrenunciável para impulsionar o desenvolvimento industrial e econômico chileno.

Nós não podemos ficar lamentando nossa triste realidade nacional. É preciso que o nosso corpo-nação e nossas massas populares assumam o desafio, precisamos reivindicar as capacidades da nossa raça e o direito a ser um povo culto. Precisamos que todos reajam, movimentando-se e tentando resolver todos os erros, males e imprevistos. Que todas as forças e reservas econômicas, morais e espirituais dos habitantes decidam executar uma ação conjunta para sanear o país. Para estabelecer as condições que permitam aos chilenos desenvolver suas atividades dentro de um meio favorável, para iniciar tenazmente uma luta contra os flagelos e vícios, com o intuito de levar os conhecimentos da engenharia sanitária e da medicina social até os cantos mais remotos do país. (Allende, 1939: 195).

Nessa missão, o esporte e a educação física faziam parte dos processos de urbanização e construção de habitações populares. Na visão de Allende, fortemente in-

fluenciada pela participação dos arquitetos Enrique Gebhard¹¹⁵ e Mario Antonioletti, era inconcebível imaginar as cidades do futuro sem a existência de quadras e campos esportivos, ginásios, piscinas e estádios. Dentro da esquerda chilena conviviam visões que, sem dúvida, apoiavam os discursos eugênicos do esporte como campo de formação moral e ética, com outras que entendiam que a provisão de equipamentos esportivos nas diferentes regiões da cidade e do país era um assunto de equidade e justiça. Provavelmente existiram militantes dos partidos da esquerda que tinham afinidade com essas duas linhas de pensamento. Decerto, a educação física e o esporte continuaram sendo um eixo importante dentro do programa da Frente Popular, fosse através dos seus programas de construção de equipamentos, mediante o patrocínio de torneios nacionais e internacionais organizados pelas federações esportivas, ou ainda, como assinala Elsey (2011: 118-126), por meio da participação dos partidos políticos na rede de instituições e associações esportivas amadoras. O campo esportivo era, também, um campo de disputa eleitoral.

Também é chamativo que, aparentemente, durante o processo de discussão do modelo de financiamento das obras do Estádio Nacional, não foi cogitada a possibilidade de aplicar uma fórmula de captura de mais-valia. Não existem registros dentro das discussões parlamentares e, até o momento, não foi descoberta nenhuma nota na imprensa nem nos periódicos especializados sobre a viabilidade de implementar um sistema desse tipo. Ao escrever sobre sua visita ao Chile, em 1941, o urbanista da Universidade da Califórnia, Francis Violich (1944: 117), notabiliza a incorporação desse sistema de financiamento em uma grande operação urbana, o Parque e a Avenida Bustamante, que foi implementada quase em paralelo à definição da localização definitiva do Estádio Nacional. O projeto original, apresentado pelos deputados Luis Gardeweg e Julio Pereira, em 1933, suprimia as estações Providencia, Ñuñoa e Santa Elena e a ferrovia Llano del Maipo, que, até aquele momento, dividia as comunas de Providencia e Ñuñoa do centro histórico da cidade (Cáceres et al., 2011). Esse projeto será atualizado em setembro de 1936 pela Comissão de Vias e Obras Públicas da Câmara, seguindo as indicações de Karl Brünner. Ao invés de apenas vender os terrenos das estações como único mecanismo de obtenção de recursos para a execução das obras do Parque, a proposta incluiu uma fórmula de captura de mais-valia por meio de impostos prediais em seis áreas de tributação predefinidas, cobrados a partir do semestre em que se iniciaram as obras de cada setor. Esses recursos serviriam para financiar desapropriações e obras de pavimentação e retificação de ruas e avenidas, enquanto as Direções de Obras Municipais de Providencia e Ñuñoa gerariam as despesas associadas à habilitação do Parque. Não deixa de surpreender, portanto, que as discussões financeiras do Estádio Nacional não instigassem um debate sobre fórmulas de financiamento alternativas que taxassem os beneficiários do investimento público em urbanização, saneamento básico e serviços de transporte, de um equipamento esportivo de alto padrão – afinal, mesmo com os cinco milhões de pesos assegurados pela Lei 5.799, esse montante não cobrirá as despesas totais da construção do complexo esportivo até o momento da sua inauguração.

¹¹⁵ Enrique Gebhard é uma figura fundamental dentro da transformação da arquitetura chilena na década de 1930. Crítico da pedagogia conservadora da Escola de Arquitetura da Universidade de Chile, participa como estudante, em 1933, do grupo que tenta reformar o currículo e os métodos de ensino da arquitetura. Junto com Waldo Parraguez e Mario Antonioletti, fundou, em 1935, o periódico ARQuitectura, onde serão apresentados trabalhos de autores como Walter Gropius, David Alfaro Siqueiros, Sigfrid Giedion, Le Corbusier, Wladimiro Acosta e Joaquín Torres García, entre outros. Embora os estudos de Gebhard tenham sido suspensos, uma sanção aplicada pela Escola de Arquitetura, ele trabalhou, entre 1934 e 1938, como pesquisador do Departamento de Estatística da Prefeitura de Santiago, onde desenvolveu pesquisas sobre a situação habitacional dos pobres da cidade, especialmente dos moradores de cortiços. Militante socialista, em 1939 será convidado pelo Ministro de Salubridade, Salvador Allende, para organizar a Exposição da Habitação Popular de Santiago. O terremoto de Chillán, no dia 24 de Janeiro de 1939, alterou a agenda habitacional do governo, o que fez que Gebhard fosse chamado por Jorge Aguirre para participar da equipe encarregada da reconstrução da região de Bío Bío. Aguirre e Gebhard voltaram a trabalhar juntos, agora em Santiago, ainda em 1939, quando desenvolveram projetos para a instituição Defesa da Raça e Aproveitamento das Horas Livres, especificamente para o Hogar Hipódromo Chile, no bairro de Independência, um dos primeiros complexos esportivo-culturais voltado às classes populares do país. Cf.: Atria (2012), Torrent (2016).

Assim que foi sancionado o Decreto de cessão do terreno de Ñuñoa para a construção do Estádio, o Ministério de Educação Pública, responsável pelo projeto, encaminhou uma solicitação à Dirección Geral de Obras Públicas para que se estudasse um plano de transporte e mobilidade para o novo complexo esportivo¹¹⁶. As obras começaram no final do verão de 1937, em um clima de descontentamento popular contra a aprovação da Lei de Seguridad Interior do Estado, e com protestos e greves operárias no interior de duas das mais importantes construtoras do país, Franke¹¹⁷ e Demars y Fantinatti¹¹⁸. Aparentemente, a greve não se estendeu para a construtora Salinas y Fabres, que, durante o primeiro semestre, desenvolveu as tarefas de sondagem e fundações do coliseu principal do Estádio Nacional. Contudo, a provisão de materiais começou a ser um problema a partir de meados de 1937, quando as importações de ferro da Europa foram adiadas e o Ministério de Educação solicitou empréstimos de toneladas de material a outras entidades públicas, como à Dirección Geral de Obras Públicas e ao Ferrocarriles del Estado¹¹⁹. Do mesmo modo, existiram atrasos nos pagamentos à construtora¹²⁰, o que aparentemente teria tensionado as relações entre Salinas y Fabres, o Ministério e Ricardo Müller, que fez a vistoria ao longo de toda a execução das obras.

Em paralelo com os avanços das obras do Estádio, consolidava-se a pavimentação das principais avenidas da região, incluindo a nova Avenida Campo de Deportes. Porém, uma das mais relevantes instituições esportivas do país, o Instituto de Educación Física da Universidad de Chile, não estava satisfeita. A promessa de construir sua sede no interior do terreno do Estádio ficou em segundo plano quando se tomou a decisão de não estabelecer o complexo esportivo no Parque da Quinta Normal. Em outubro de 1937, o Instituto se queixava do esquecimento do seu edifício dentro do projeto executivo do Estádio, assim como dos laboratórios de fisiologia e química da alimentação e das salas de fisioterapia e biotipologia humana.

O futuro professor de educação física precisa de material humano de experimentação, material humano que só pode ser encontrado nos campos e quadras de treinamento do estádio. Só dessa forma o professor poderá transformar-se em um guia dessas atividades fundamentais da vida. É inconcebível manter o Instituto no centro metropolitano, em um ambiente sombrio pela falta do sol, asfixiado pela falta de ar puro, sem espaços amplos para o jogo e o esporte, longe dos estádios que constituem o clima favorável para a formação de um professor moderno de educação física¹²¹.

Chama a atenção que o Instituto não tenha conseguido incorporar sua demanda de ser incluído no interior do terreno de mais de 60 hectares. O plano diretor do projeto executivo do Estádio Nacional, elaborado por Müller, Fuentealba e Cormatches, continha, além do coliseu principal –composto pelo campo de futebol, a pista atlética e o velódromo –, um ginásio, duas piscinas, um estádio atlético, um estádio de tênis e uma dezena de quadras para a prática desse esporte, campos de futebol, hóquei e rúgbi, quadras de basquete e voleibol, uma área para competições equestres, uma comedoria, áreas de administração e pequenos volumes espalhados por todo o complexo, que serviriam para usos múltiplos. Como detalhou Rozas (2014), várias dessas unidades não foram edificadas antes da inauguração do Estádio, em dezembro de 1938. Outras foram construídas anos mais tarde,

¹¹⁶ “Solicita se estudie movilización hacia el Estadio Nacional”. Ofício 59, vol. 7527, Ministério de Educação Pública, 21 de Janeiro de 1937, Arquivo Nacional de Chile.

¹¹⁷ “Huelga indefinida acuerdan los obreros de Franke”. *Frente Popular*, 13 de Janeiro de 1937, p. 7. “Se amplió la huelga de Franke”. *Frente Popular*, 20 de Janeiro de 1937, p. 8. “Continuará huelga Franke”. *Frente Popular*, 23 de Janeiro de 1937, p. 8.

¹¹⁸ “Entre la vida y la muerte trabajan”. 2 de Fevereiro de 1937, p. 9.

¹¹⁹ “Solicita en préstamo 100 toneladas de fierro p. el Estadio Nacional”. Ofício 603, vol. 7527, Ministério de Educação Pública, 19 de Julho de 1937; “Solicita se conceda en préstamo a los Srs. Salinas y Fabres Ltda., 200 tons. de fierro p. el Estadio Nacional”. Ofício 630, vol. 7527, Ministério de Educação Pública, 23 de Julho de 1937. “Solicita 80 ton. de fierro en calidad de préstamo”. Ofício 726, vol. 7527, Ministério de Educação Pública, 19 de Julho de 1937. Arquivo Nacional de Chile.

¹²⁰ “La firma Salinas y Fabres Ltda., se ha dirigido a este Ministerio en los siguientes términos”. Ofício 871, vol. 7527, Ministério de Educação Pública, 16 de Outubro de 1937. Arquivo Nacional de Chile.

¹²¹ “El Estadio Nacional y nuestro Instituto de Educación Física”. *Boletín de Educación Física*, 14, Outubro/1937, p. 613.

como o caso da Piscina Olímpica, o Court Central de Tênis¹²² e o novo Velódromo¹²³, inauguradas apenas nas décadas de 1960 e 1970. O Instituto de Educação Física aparecerá em um plano diretor de 1940, junto a um grande campo de polo em toda a área sul do complexo, mas nenhum deles acabará sendo construído, embora o Instituto tivesse, novamente, acreditado na possibilidade de ter sua sede no interior do Estádio¹²⁴.

O coliseu foi circundado por um projeto escultórico, distribuído em diversos pontos dos jardins do complexo esportivo. Tal como Rozas (2014) e Montealegre (2014) descobriram analisando o plano diretor do Estádio de 1937, a proposta de Müller, Fuentealba e Cormatches não incluía nem os jardins que circundavam os edifícios do complexo esportivo, nem as esculturas distribuídas nesses espaços. Rozas afirma que estas poderiam ter sido uma imposição que veio de fora, mas não especifica quem teria sido o responsável por essa decisão, nem seus motivos. Por sua vez, os jardins, segundo Montealegre, apareceram pela primeira vez em um plano das instalações hidráulicas de 1938, o que pode reforçar a hipótese das exigências exógenas ao projeto. Embora, essas duas hipóteses não possam ser descartadas, existem indícios para pensar que Müller e Cormatches – Fuente-Alba faleceu em 1938 – tinham levado em consideração esses espaços e elementos, mesmo que isso não estivesse na documentação de 1937.

Müller viajou pelo menos duas vezes pela Europa, em 1928 e 1936, conhecendo estádios, ginásios, piscinas e campos esportivos. Se o Estádio Olímpico de Amsterdã foi uma referência para o desenho da configuração do coliseu do Estádio Nacional, Berlim foi fundamental para planejar um complexo poliesportivo de grande escala, assim como para decidir alguns dos elementos da composição do conjunto, como o portão principal onde se localizam as bilheteria. Contudo, isso não significa que essas foram as únicas referências nos projetos de Müller. O projeto estético do Estádio Nacional de Santiago se ancorou em alguns elementos clássicos que estavam presentes em alguns dos conjuntos esportivos do fascismo italiano, como no caso do Estádio dos Mármore (Stadio dei Marmi) do Foro Mussolini romano, que foi divulgado na revista *Urbanismo y Arquitectura*, em abril de 1936¹²⁵, e também, com toda probabilidade, nos jornais chilenos que reproduziram fotografias da Copa do Mundo de futebol na Itália, em 1934.

As esculturas do complexo *santiaguino* eram referências ao ideal greco-romano de beleza e corpo que era difundido na época, mas também a um certo ideal racial, tal como mostra a pesquisa de Riobó (2015) sobre as relações entre beleza e fortaleza racial reproduzidas nos discursos de algumas das autoridades do Instituto de Educação Física. O ideal clássico perdurou pelas décadas seguintes, tal como relembra o arquiteto Miguel Lawner (2018) em seu recente livro de memórias, quando assinala que, em 1958, na ocasião da modificação do nome da Avenida Sur por Avenida Grécia, uma placa de bronze foi colocada na portaria do Estádio, dizendo: “Avenida Grécia: alma mater do esporte e da cultura”. Grécia como berço civilizatório do Ocidente, o Estádio Nacional como berço civilizatório da sociedade chilena. Junto às esculturas clássicas dos jardins do estádio foi instalada uma reprodução da estátua de Caupolicán feita pelo escultor Nicanor Plaza. Liderança histórica da resistência do povo mapuche, Caupolicán foi compreendido por alguns discursos do início do século XX como símbolo da força física da Nação chilena. Tal como afirma uma crônica de *Los Sports*, publicada antes dos Jogos Olímpicos de 1924¹²⁶, os esportistas chilenos eram os descendentes de Lautaro e Caupolicán, a mesma filiação que define a *chilenidade* em *Raza Chilena*, de Nicolás Palacios (1904). Caupolicán era, segundo outra interpretação de *Los Sports*, o

¹²² “Cancha internacional de tenis, Estadio Nacional de Santiago. Dirección de Arquitectura MOP”. *AUCA*, 32, Agosto/1977, p. 54.

¹²³ “Velódromo Estadio Nacional”. *AUCA*, 32, Agosto/1977, p. 54.

¹²⁴ “Nuevo local para el Instituto de Educación Física”. *Boletín de Educación Física*, 25, Julho/1940, p. 2.

¹²⁵ As esculturas clássicas do Foro Mussolini eram representações masculinas, cada uma com o nome de uma cidade italiana. No caso do Estádio de Bologna (o *Stadio Littoriale*), inaugurado em 1926, foi instalada uma escultura equestre do próprio Mussolini dentro do coliseu, embaixo da Torre da Maratona. Cf.: “Mármoles”, *Urbanismo y Arquitectura*, 3, Abril/1936, p. 30.

¹²⁶ “Chile y la VIII Olimpiada”. *Los Sports*, 40, 14 de Dezembro de 1923, pp. 10-11.

início de uma linhagem “*forte, viril e masculina*” que se reproduzia nos triunfos de alguns esportistas nacionais, como o atleta Manuel Plaza e os boxeadores Estanislau Loayza e Quintino Romero, todos eles expressões da “*glorificação da raça chilena*” através do esporte¹²⁷. Desse modo, esse símbolo patriótico, representante da identidade nacional (Voionmaa, 2005), foi escolhido para ficar próximo do acesso da tribuna de honra do Estádio. A fachada dessa tribuna incluiu, também, um friso de motivos clássicos e um baixo-relevo do brasão nacional. Com efeito, uma ideia parecida à da estátua de Caupolicán já estava no projeto para o Estádio Nacional de Renca, de 1916. Uma nota de imprensa da cerimônia de colocação da pedra fundamental do estádio afirmava que os escotistas de Santiago estavam arrecadando fundos para encomendar a Nicanor Plaza uma escultura de um mapuche jogando *palín*¹²⁸, um tipo de hóquei tradicional do povo indígena da região sul do Chile.

As obras do Estádio avançaram sem muitos sobressaltos durante 1938, diferentemente do que acontecia com o clima político, marcado pelas eleições presidenciais de outubro. Não foram encontradas informações sobre a participação dos trabalhadores da construção do complexo esportivo nas greves de julho, que foram iniciadas pelos operários da mineradora Braden Cooper, na mina de cobre de El Teniente, e, logo, seguidas pelos trabalhadores de construção em Valparaíso e Santiago, além dos operários da “Papelera”, a empresa de manufatura de papéis de Puente Alto, na região sul da capital (Milos, 2008). Mesmo assim, não pode ser descartado o envolvimento dos trabalhadores do Estádio no movimento popular contra a miséria e a desigualdade, pois o plano original de Alessandri era inaugurar o complexo esportivo antes das eleições, em setembro, no mês das festas patrióticas. Como se sabe, isso acabaria não acontecendo, uma vez que o Estádio seria inaugurado por ele apenas no dia 3 de dezembro de 1938, mas com o candidato oficial do, até então, governo, o poderoso Ministro de Fazenda Gustavo Ross, já derrotado¹²⁹. Durante a campanha, ambos candidatos tiveram propostas para o impulso da prática física entre a população chilena. Enquanto Ross prometeu a criação de um Ministério dos Esportes no caso de vencer as eleições, instituição que ajudaria coordenar e financiar as atividades das federações e dos clubes¹³⁰, a proposta da Frente Popular centrava-se no desenvolvimento do esporte por meio da construção de campos esportivos tanto nas grandes cidades quanto nos pequenos vilarejos do país. O programa da Frente Popular compreendia o esporte como um elemento central na formação de uma cultura “*marcadamente nacional*” e capaz de aprimorar os “*valores vitais e primitivos da raça*”¹³¹. Seguramente, a agenda de atividades do Estádio Nacional durante o período *frentista* (1938-1948) teve muito a ver com essa mistura de valores nacionais, “alta cultura” e cultura de massas, assim como com a convivência do esporte amador e o profissional, tal como discutiremos nas próximas páginas. De algum modo, na imaginação do novo governo, o Estádio seria um espaço público aberto às mais diversas manifestações políticas, sociais e culturais, quebrando qualquer possibilidade de uso exclusivo esportivo do local.

Tal como descreve Rozas (2014: 63-65), o estádio foi inaugurado inacabado. O concreto armado da estrutura não tinha sido revestido, muitos dos acabamentos

¹²⁷ A crônica assinala: “Antes, ao som das trutucas e as pifilcas, os caciques se reuniam para disputar o singular torneio da supremacia física (...). Hoje, os filhos do Chile heroico, do Chile orgulhoso e trabalhador, desafiam também, tal como seus indomáveis antepassados, suas supremacias físicas em honráveis disputas, que lembram dos tempos da Grécia antiga”. Cf.: “La glorificación de la raza en el deporte”, *Los Sports*, 122, 10 de Julho de 1925, p. 3.

¹²⁸ “La fiesta del Estadium”. Op. cit.

¹²⁹ O Estádio Nacional não foi o único edifício público inaugurado por Alessandri nos seus últimos dias como Presidente. Dois dias antes ele participou do ato inaugural da primeira escola construída pela Sociedade Construtora de Establecimientos Educacionales, a Escola Superior num. 36 “Claudio Matte”. Uma semana mais tarde, Alessandri participou da inauguração da Vila Operária Pedro Montt, construída pela Caixa de Habitación Popular próxima do Pátio Ferroviário San Eugenio, no bairro de Estación Central. Cf.: “S.E. inauguró ayer la primera Escudela que entrega la Soc. Constructora de Establecimientos Educacionales”. *La Nación*, 2 de Dezembro de 1938, p. 13. “El Presidente Alessandri inauguró la Población Obrera Pedro Montt construida por la Caja de la Habitación”. *La Nación*, 10 de Dezembro de 1938, p. 11.

¹³⁰ “La posibilidad de crear un Ministerio de Deportes aborda “Crack” en su entrevista exclusiva con el señor Ross”. *Crack*, 54, 21 de Outubro de 1938, p. 5.

¹³¹ “¿Qué significa el deporte para el F. Popular?”. *Crack*, 56, 4 de novembro de 1938, pp. 4-5.

Imagem 5.11. Estátua de Caupolicán, localizado no acesso norte do Estádio Nacional. Registro do “Dia do Estádio”, 3 de dezembro de 1945.

Imagem 5.12. Estátua de Caupolicán, localizada no acesso norte do Estádio Nacional. Capa da edição extraordinária da revista *En Viaje* em ocasião da Copa do Mundo de Futebol, 1962.

interiores não tinham sido feitos, as instalações elétricas e sanitárias estavam inconclusas e o terceiro andar de circulação do coliseu não tinha sido habilitado – permanecendo, até hoje, inacabado. Vários desses trabalhos só seriam finalizados entre 1939 e 1940, alguns deles com a participação de outros arquitetos, como foi o caso do húngaro Tibor Weiner¹³², que estabeleceu uma conflituosa relação laboral com Ricardo Müller¹³³, desde sua chegada a Santiago, em julho de 1939, até a morte de Müller, em 1943 (Talesnik, 2016). Em termos econômicos, o Estádio acabou custando 19 milhões de pesos no momento da sua inauguração¹³⁴ – bem mais que os cinco milhões iniciais que foram colocados à disposição pela Lei de 1936.

Sobre o ato inaugural propriamente dito, existem vários trabalhos que descrevem bem a atmosfera daqueles dias de dezembro (Else, 2011; Rozas, 2014). Marcados pela derrota do governo, pela ascensão da Frente Popular e do Presidente Pedro Aguirre Cerda ao poder e, ainda, pela viva lembrança da intentona golpista e da carnificina dos militantes nazistas no Edifício da CSO, ocorrida no dia 5 de setembro, os dias da inauguração tiveram fortes demonstrações de rejeição pública ao Presidente Alessandri. Foi o caso, por exemplo, dos insultos bradados pelos milhares de assistentes durante o seu discurso da inauguração, no dia 3 de dezem-

132 Assim como Weiner, outro húngaro chegou a Santiago em 1939. Tratava-se do ex-futebolista e treinador Ferenc Platko (também conhecido como Franz ou Francisco), que se destacou como goleiro do FC Barcelona durante a década de 1920 e como treinador de diversos times europeus durante os anos 1930, até sua chegada ao time chileno Colo Colo. Nesse sentido, ele desenvolveu sua carreira profissional como técnico majoritariamente no Chile e na Argentina – tendo sido treinador da seleção chilena entre 1941 e 1945 –, até sua aposentadoria, em 1965. Faleceu em Santiago, em 1983. Seus restos mortais estão no Cemitério General de Santiago, no Mausoléu do Colo Colo. Platko não foi o primeiro treinador húngaro no futebol chileno: no começo da década, Gyorgy Orth, ex-futebolista da seleção da Hungria e recém-formado como professor de educação física no Instituto Superior de Educação Física de Berlim, foi contratado pela Federação de Futebol de Chile como diretor técnico da seleção que participaria na Copa do Mundo de Montevidéu, em 1930. Logo após a participação no torneio organizado pela FIFA, foi contratado pelo Colo Colo, durante a temporada de 1931, a única que disputou no Chile antes de voltar para a Europa.

133 Uma carta escrita por Tibor Weiner a Hannes Meyer foi descoberta por Talesnik (2016) no acervo do arquiteto suíço. Nela, Weiner descreve Müller como um sócio inescrupuloso, que não tinha problemas em ficar com o 60% do seu salário, aproveitando que Weiner não tinha seu diploma de arquiteto convalidado. Junto com Müller, eles teriam feito 35 projetos, que incluíram residências e concursos públicos, entre eles o conhecido mercado da cidade de Concepción. Logo após a morte de Müller, aparentemente ocasionada pelo alcoolismo – Weiner afirma que ele faleceu de *delirium tremens* –, Weiner teria desenvolvido uma carreira profissional solo no Chile, até sua saída do país, em 1948.

134 “Inauguración del Estadio Nacional”. *Zig Zag*, 1938, 8 de Dezembro de 1938, p. 27.

Imagem 5.13. A inauguração do Estádio Nacional em quadrinhos. Capa de Topaze, 9 de dezembro de 1938.

Imagem 5.14. Fachada do Estádio Nacional em quadrinhos. Capa de En Viaje, novembro de 1938.

bro¹³⁵. Fosse pelas suspeitas de corrupção que recaíram sobre o seu governo, fosse pelas difíceis condições econômicas pelas quais centenas de milhares de chilenos passaram durante sua administração, provavelmente a festa não foi aquela que Alessandri tinha imaginado quando propôs a construção do Estádio em seu primeiro mandato, no início da década de 1920. Durante o primeiro dia, milhares de esportistas e escolares desfilarão para os mais de 80 mil espectadores, enquanto centenas de outros estudantes participaram das apresentações de ginástica no interior do campo¹³⁶, bem como das apresentações de dança, que foram organizadas pela bailarina suíça Andreé Haas¹³⁷. Além dos discursos de autoridades civis, houve apresentações dos cadetes da Escola Militar e dos estudantes do Instituto de Educação Física da Universidade de Chile. O segundo dia teve como programação o jogo entre Colo Colo e o São Cristovão, do Rio de Janeiro, antecedido por uma série de partidas de futebol amador¹³⁸. Três dias depois, foram inaugurados o II Campeonato Sul-Americano de Ciclismo e o Campeonato Nacional de Atletismo¹³⁹, que teve a participação de esportistas uruguaios, peruanos e argentinos como convidados especiais.

Dessa forma, no dia da inauguração, o arquiteto Müller deu uma entrevista destacando os méritos do Estádio como uma obra nacional, feita por e à disposição dos chilenos. É interessante que isso também tenha sido um assunto em discussão no interior outros campos de bens culturais de consumo de massa, como era o caso da produção cinematográfica chilena, praticamente suspensa durante quase toda a década de 1930 e, portanto, em total desvantagem frente às produções estadunidenses, argentinas e mexicanas. Segundo Morales (2013), será com o projeto pro-

¹³⁵ Topaze fez piada com o ocorrido, dizendo que Alessandri solicitava ajuda para encontrar a única pessoa do estádio que não o tinha vaiado nesse dia. Cf.: “Urgueteador universal”. *Topaze*, 331, 9 de Dezembro de 1938, p. 9.

¹³⁶ “Fue gigantesca la inauguración del Estadio”. *La Nación*, 4 de Dezembro de 1938, p. 1. “La inauguración del Estadio Nacional marcará una nueva era de engrandecimiento para el deporte chileno”, *La Nación*, 4 de Dezembro de 1938, p. 4.

¹³⁷ A crônica publicada pelo periódico *Crack* definiu o espetáculo como “de características gregas” e, certamente, o mais impressionante da inauguração. A apresentação foi organizada pela bailarina suíça, que morava no Chile desde 1928. Segundo Cifuentes (2007), em 1931 foi contratada pelo Instituto de Educação Física da Universidade de Chile, e, logo, em 1936, foi contratada como professora titular do Conservatório Nacional de Música. Cf.: “Estadio Nacional”, *Crack*, 61, 9 de Dezembro de 1938.

¹³⁸ “Colo Colo debutó con un gran triunfo en el Estadio Nacional”. *La Nación*, 5 de Dezembro de 1938, p. 14. “Valparaíso y Valdivia, por sus triunfos de ayer han merecido ser los finalistas”. *La Nación*, 5 de Dezembro de 1938, p. 17.

¹³⁹ “Mañana se inicia el Campeonato Nacional de Atletismo”. *La Nación*, 6 de Dezembro de 1938, p. 13. “Seis países sudamericanos lucharán desde hoy por la disputa del título máximo en ciclismo”. *La Nación*, 7 de Dezembro de 1938, p. 14.

Imagem 5.15. Desfile de esportistas amadores na inauguração do Estádio Nacional. Ciclistas da Maestranza Central San Bernardo, equipe dos trabalhadores ferroviários. Santiago, 3 de dezembro de 1938.

gressista da Frente Popular que será institucionalizado o apoio estatal à produção cinematográfica local.

Mas voltemos a Ricardo Muller e sua visão sobre o Estádio. Seguramente, ele considerava que o funcionalismo do seu projeto de arquitetura precisava ser complementado com um plano de educação física cientificamente elaborado, que entregasse a possibilidade a milhares de pessoas de conduzir sua vida saudavelmente e, dessa forma, melhorar suas condições vitais e as de suas famílias. Conforme ele afirma na entrevista:

O Estádio Nacional será um grande laboratório do esporte. Não se trata somente de um campo qualquer onde os jovens consigam praticar as atividades físicas de sua escolha. O plano de construção inclui – além das pistas de atletismo e ciclismo, das quadras de futebol e basquete e das piscinas – um grande local para a Escola de Educação Física, pavilhões de alojamento para delegações esportivas nacionais e estrangeiras, comedoirias e cafeterias, etc.

O conforto que o Estádio oferecerá aos esportistas será a razão para desenvolver um grande plano de trabalho no esporte. Por exemplo, os treinadores dos diversos esportes ficarão à disposição do Estádio. Ao meu ver, eles poderão ser professores de educação física. Orientados por eles, poderão ser realizados numerosos cursos, seja para esportistas ou para dirigentes e professores, sejam de Santiago ou do interior do país. Para estes últimos, o Estádio será especialmente útil como laboratório, pois ali se criará uma nova consciência esportiva para toda a nação, baseada em conhecimentos técnicos, que são os únicos que podem conduzir adequadamente essas atividades saudáveis.

Quem parar para pensar na grandiosidade do Estádio Nacional poderia achar, erroneamente, que ele será uma obra desnecessariamente enorme. Porém, se o assunto é analisado em detalhe e conhecendo o que ele significará como meio para impulsionar o esporte científico, como elemento indispensável para o aprimoramento vital da nossa raça, então se descobrirá que sua construção está totalmente justificada. Não existe necessidade de imaginar que teremos nele uma obra perdurável para toda a vida.

O Estádio Nacional, construído por operários e materiais absolutamente nacionais – com exceção dos holofotes trazidos da Alemanha que permitirão organizar competições e treinamentos noturnos no verão –, cumprirá, no meu entender, uma tarefa de uma transcendência tal que, não duvido, será a alavanca necessária para impulsionar o aperfeiçoamento físico dos chilenos¹⁴⁰.

Imaginado por ele e pelos pedagogos do Instituto de Educação Física como um grande laboratório esportivo, o estádio ficaria à disposição de atletas, estudantes e técnicos que, finalmente, teriam um local moderno, de acesso público e respaldado pelo Estado chileno para desenvolver suas aptidões e talentos. Embora esse plano eugênico e cientificista tivesse sido fortemente divulgado ao longo dos anos em que o projeto foi analisado, desenhado e construído, a realidade acabou fazendo do laboratório dos corpos um espaço de usos múltiplos e radicalmente diferentes entre si, cujas utilidades excediam, em muito, a prática esportiva. Após a cerimônia de posse de Pedro Aguirre Cerda, no dia 24 de dezembro de 1938, dois eventos foram organizados no Estádio. Em 28 de dezembro, ou seja, apenas 25 dias após a inauguração do complexo esportivo, foi realizado o primeiro ato político organizado pelo governo da Frente Popular: um comício de arrecadação de dinheiro para as vítimas republicanas da Guerra Civil Espanhola¹⁴¹, no qual participaram Indalecio Prieto, Embaixador Extraordinário da República Espanhola, e Angel Ossorio y Gallardo, político conservador espanhol, exilado na Argentina (Prieto, 1938)¹⁴². O ato foi também uma das primeiras grandes manifestações políticas da Frente Popular no poder¹⁴³ e, com ele, se inaugurava uma característica marcante do Estádio: a participação política militante e popular que o acompanhará, pelo menos, até o Golpe de Estado de 1973.

Já no dia seguinte, outro grande acontecimento terá sede no Estádio: a primeira partida de futebol noturna¹⁴⁴. Na noite do dia 29 de dezembro, inaugurou-se uma nova experiência urbana: talvez nunca antes na cidade, esse número de pessoas, dezenas de milhares, dividiram um mesmo edifício nesse horário. O estádio abriu uma nova dimensão do espetáculo em Santiago, tanto pela escala dos acontecimentos, como por sua magnitude em termos emocionais – próxima à excitação descrita por Sevcenko (1992) e Vigarello (2011) dos espectadores frente às destrezas físicas dos competidores. O escritor e cronista Joaquín Edwards Bello narra sua percepção do Estádio Nacional alguns dias após participar da sua inauguração. Seu texto, tal como o do Ricardo Müller, está impregnado de um otimismo frente ao futuro nacional e suas possibilidades de progresso, pelo menos em termos sanitários. Porém, Edwards Bello não se centra, exclusivamente, em quem pratica o esporte, mas também em quem o admira a partir da arquibancada. Seu interesse está colocado em construir uma narrativa de uma cidade imbuída em um processo de acelerada modernização e cosmopolitismo, onde se experimenta um espírito de transformação, talvez parecido àquele prometido, em 1920, pelo próprio Alessandri, naquele “*juvenil e fascinante drama*”¹⁴⁵ que significou a queda da República Parlamentar. Subercaseaux (2008) fala de uma “*Santiago agitada e cosmopolita da Frente Popular*”, uma frase que toma emprestada do escritor e editor peruano Luis Alberto Sánchez, exilado, naquele momento, na capital chilena. Edwards Bello valoriza a possibilidade de se deixar levar pelo que o Estádio oferece. Sua crônica vislumbra um futuro onde o Estádio ofereça diferentes práticas e experiências tanto para quem assiste algum espetáculo dentro dele, quanto

Dezembro de 1938, p. 15.

¹⁴¹ “Frente a una Europa desvencijada, América debe salvar a la humanidad del fascismo”. *La Nación*, 29 de Dezembro de 1938, p. 1.

¹⁴² Dois meses antes, durante as comemorações do Dia da Raça, em 12 de Outubro, uma das grandes passeatas de campanha da juventude frentista homenageou à Espanha Republicana. Jovens militantes, estudantes, empregados e operários aclamaram os nomes de Pedro Aguirre Cerda, candidato chileno à presidência, de Manuel Azaña, presidente da República Espanhola, e de José Miaja, Chefe do Estado-Maior republicano e líder da defesa de Madri. Cf.: “‘Así se hizo la marcha de la juventud’”. *Crack*, 53, 14 de Outubro de 1938, p. 40.

¹⁴³ O comício no Estádio Nacional antecipou a política de asilo do governo de Pedro Aguirre Cerda para a população espanhola, concretizada durante o segundo semestre de 1939. O cônsul chileno em Paris, o poeta Pablo Neruda, recebeu a tarefa de organizar uma estratégia de saída para os milhares espanhóis republicanos que escaparam da Guerra Civil e que permaneciam no sul da França. A criação do Comitê Chileno de Ajuda aos Refugiados Espanhóis e a organização da viagem a bordo do navio Winnipeg podem ser consultadas no dossiê especial sobre a viagem organizado pelo periódico *Nerudiana* da Fundação Pablo Neruda (8, Dezembro/2009).

¹⁴⁴ “Hoy se inauguran en el Estadio los espectáculos nocturnos”. *La Nación*, 29 de Dezembro de 1938, p. 17.

¹⁴⁵ “Alessandri, o el paroxismo de la fiebre presidencial”. Manuscrito, Santiago, 1950. Arquivo Joaquín Edwards Bello, Biblioteca Nacional Digital. Disponível em <http://www.bibliotecanacionaldigital.cl/bnd/623/w3-article-309819.html>. Acessado em: 10 de Novembro de 2018.

Imagem 5.16. Plano diretor do complexo esportivo do Estádio Nacional, projeto de Müller, Cormatches e Fuentealba. O projeto inclui o coliseu central, pista atlética, quadras de futebol, tênis, basquete, rúgbi e hóquei, piscinas, ginásio, praças de jogos infantis, entre outros. 1937.

para quem simplesmente escuta a transmissão radiofônica de uma partida de futebol, um discurso ou de um show musical.

Quando alguém se deixa levar pelo espetáculo, dizem os mais bem-humorados, essa pessoa fica “eletrizada”. Eu gosto dessa expressão. Sem sofrer danos à minha saúde, eu vi o estádio e fiquei “eletrizado”. Senti como meu sangue subia e descia de uma forma mais forte que o comum. Quero aproveitar essa circunstância para escrever, sem me deixar influenciar pelas pequenas paixões de toda hora.

O estádio não é uma coisa, não é só matéria. É um novo estado de ânimo nacional. É a continuação do impulso iniciado em 1920. O estádio dá início a caminhos de bem-estar em diversos âmbitos da vida chilena. As ondas humanas que foram conseguir um lugar nas arquibancadas, e as outras ondas que tentavam entrar, mas não conseguiam um espaço dentro, experimentaram o entusiasmo que o nosso povo reserva às emoções viris. Até a madrugada, as ruas cheias desse entusiasmo, distribuído às mais longínquas regiões através da rádio. É necessário chamar a todos os *santiaguinos* para que olhem uma obra que se erguia silenciosamente em uma das suas mais prósperas periferias.

Somos céticos, incrédulos, esquecemos nossas virtudes... É por isso que a inauguração do Estádio tem feito explodir, se for possível dizer isso, uma enorme afirmação de força e confiança. Um povo maleável e objetivo como o nosso achou o que o excesso da sua riqueza corporal precisava para transformá-la em saúde: o Estádio. É a coroação, grandiosa, das conquistas de 1920.

O Estádio Nacional aparece como um estado de ânimo, como expressão de um progresso iniciado em 1920, com a quebra do parlamentarismo aristocrata, como uma possibilidade de bem-estar. Os desafios eram, portanto, maiúsculos. Que tipo de agenda de atividades, então, seria construída para os primeiros anos de vida do complexo esportivo?

Os primeiros anos do Estádio Nacional

O ciclo político da Frente Popular estabeleceu funções múltiplas para o Estádio, seguramente algumas delas distintas das imaginadas pelo Presidente Alessandri. Como veremos, o Estádio Nacional de Santiago foi palco de atividades esportivas, culturais, sociais e políticas, enquanto também acolheu, parcialmente, os programas, discursos e as agendas de atividades de uma instituição falida criada pela própria coalizão de governo. Em 1939, a Frente Popular estabeleceu uma instituição inédita dentro da história das políticas sociais do século XX no Chile. Criada durante o governo do Presidente Aguirre Cerda, a Defesa da Raça e Aproveitamento das Horas Livres nasceu com a missão de desenvolver o “*coeficiente físico, moral, intelectual e social de todos os chilenos*”. O novo projeto, como assinala Junemann (1996), tinha como missão melhorar os índices educacionais, sanitários e de consumo cultural das classes operárias do país. Para isso, a instituição impulsionaria a construção dos Hogares Modelo, edifícios públicos que estariam localizados em diferentes bairros de Santiago, assim como em outras cidades do país, nos quais existiriam equipamentos esportivos, praças infantis, auditórios, escolas práticas ao ar livre, oficinas e ateliês, comedorias, consultórios médicos e dentais, além das áreas de alojamento para as crianças. Segundo o próprio Presidente Aguirre, a nova política conseguiria “*aprimorar a raça chilena através do fortalecimento do vigor físico dos compatriotas, por meio das práticas esportivas e ao ar livre adequadas, tonificando assim a saúde moral da vida doméstica*”. Os operários e suas famílias passariam pela experiência de uma nova sociabilidade popular, baseada em uma conjunção de patriotismo, cultura, educação extraescolar, lazer e atividade ao ar livre acessível aos mais pobres do país.

Com efeito, o projeto, um dos mais peculiares do programa de bem-estar da época, estava ligado a outras propostas desenvolvidas em diferentes regimes de Ocidente, orientadas especialmente às crianças e jovens. Podemos tomar como exemplos os casos da Opera Nazionale Balilla e a Gioventù Italiana del Littorio do fascismo italiano (Gentile, 2007; Ponzio, 2008; Rosa, 2009), os Parques

Imagem 5.17. Projeto para o Parque de Reposo e Cultura, proposta da instituição Defensa de la Raza na região rural de Curacavi, a 40 quilômetros de Santiago. 1940.

Imagem 5.18. Uniformes e brasão da instituição Defensa de la Raza, 1940.

de Cultura e Reposo da União Soviética (Siegelbaum, 1999; Grant, 2014), os Parques Infantis e as colônias de férias de São Paulo (Niemeyer, 2002; Dalben e Soares, 2011; Dalben, 2014) e outras experiências desenvolvidas anteriormente no Chile, como as colônias escolares da Junta de Beneficência Escolar. A instituição, fortemente dependente da figura do Presidente da República, foi um compêndio de contradições e tensões tanto na sua concepção quanto no seu programa. Como afirma Sánchez (2016), a Defesa da Raça estava inspirada nas políticas sanitárias e de seguridade social dos regimes fascistas, mas era implementada por uma coalizão política explicitamente antifascista. Dentro da diretoria da instituição, foi nomeado como assessor um dos principais líderes do nacional-socialismo chileno, Francisco Díaz Valderrama, o que provocou a rápida oposição do comunismo chileno ao projeto (Else, 2011: 121). Em termos arquitetônicos, a instituição estava orientada pelas ideias modernas de Jorge Aguirre, arquiteto-chefe e projetista dos únicos Hogares que puderam ser edificadas, os Hogares Parque Cousiño – curiosamente localizado bem próximo do terreno cogitado, em 1935, para a construção do Estádio Nacional – e Hipódromo Chile. Esses dois projetos, talvez como poucos da cidade, compatibilizaram a continuidade dos discursos eugênicos com o fortalecimento do discurso moderno em alguns segmentos da comunidade arquitetônica chilena, em termos conceituais e formais. Tal como afirma Vera (2008), o utopismo da nova sociedade contido nos projetos dos Hogares tinha uma relação direta com alguns dos princípios da Carta de Atenas de racionalização do tempo livre, manifestado em algumas decisões de projeto. Isso pode ser visto no uso de pilotis para fomentar a circulação dentro dos lotes, o impulso do uso das áreas ao ar livre, a criação de novos espaços programáticos, como os terraços solarium ou o bar lácteo, e a integração de obras plásticas aos projetos, como foram os casos do baixo-relevo de Tótila Albert na fachada do Parque Cousiño¹⁴⁶, ou do painel do artista Xavier Guerrero no hall do Hogar Hipódromo.

O editorial do primeiro número do periódico esportivo *Estádio*, de setembro de 1941, expressou, de algum modo, um certo clima de época que atravessava o campo esportivo e o projeto de construção de equipamentos esportivos e de lazer na cidade de Santiago. “Acreditamos contribuir, com o nosso trabalho, ao desenvolvimento da campanha de chilenidade e aprimoramento racial que está levando

¹⁴⁶ Logo após o fim da Defesa da Raça, foram sucessivas as transformações e transferências do prédio, que incluíram agências públicas, sedes da polícia e projetos para sede de museus, como a proposta de Mário Pedrosa para a coleção do Museu da Solidariedade, durante o governo de Salvador Allende (1970-1973). Durante a ditadura militar de Pinochet (1973-1990), o prédio foi convertido em sede de uma das instituições mais conservadoras impulsionadas durante o regime: a CEMA-Chile. Essa foi uma fundação de defesa dos “valores tradicionais da mulher chilena”, em oposição às visões emancipadoras e feministas que apareciam na luta de resistência à ditadura. Como assinala Sánchez (2016), o baixo-relevo de Tótila Albert, obra conhecida como “El vuelo del genio”, foi destruído a marteladas por ter representações de corpos nus.

Imagem 5.19. Apresentação de ginástica das estudantes dos liceus femininos de Santiago, Estádio Nacional, 1953.

a cabo pelo Presidente da República”¹⁴⁷, afirmou o texto, publicado quando a Defesa da Raça já estava funcionando e o Estádio Nacional se encontrava em plena atividade. O periódico se colocava como cumprindo uma função dentro de uma engrenagem maior, ou seja, compreendia seu trabalho como parte de uma missão nacional.

A morte por tuberculose do Presidente Pedro Aguirre Cerda, em novembro de 1941, antes do final do seu mandato, trancou a expansão da instituição. Intimamente ligada às visões do falecido mandatário, a Defesa da Raça foi extinta em 1943, enquanto os dois únicos Hogares construídos foram reconceitualizados: o Hogar Parque Cousiño foi transferido para o Serviço Nacional de Beneficência e Auxílio Social; por sua vez, o Hogar Hipódromo Chile nunca seria utilizado como centro educativo e de lazer popular, sendo transferido prontamente para o próprio clube equestre, que, nos anos seguintes, descaracterizou quase por completo o edifício original projetado por Jorge Aguirre e Enrique Gebhard. Ainda que outro projeto de características parecidas tenha sido impulsionado pelo segundo governo da Frente Popular, como foi o caso da Ciudad del Niño, aparentemente, a agenda da eugenia perdeu força dentro dos programas governamentais de construção de equipamentos públicos. Encabeçado pelo Presidente Juan Antonio Ríos (1942-1946) e sua esposa, Marta Iñe, a Ciudad del Niño era um grande orfanato para as crianças abandonadas de Santiago, localizado no sul da cidade e projetado para ter 30 pavilhões residenciais, campos esportivos, teatro, auditório, estádio, velódromo e piscina, áreas de experimentação agrícola e escolas técnicas dentro de um terreno de quase 35 hectares (Dirección General de Informaciones y Cultura, 1943). Diferentemente dos Hogares de Defesa da Raça, a Ciudad del Niño era um projeto orientado para um segmento específico da sociedade, ancorado nos princípios da reclusão compulsória, em oposição à promoção de uma sociabilidade e pedagogia alternativas para as classes populares.

Nos anos seguintes à inauguração do Estádio Nacional foram organizadas atividades dos mais diversos tipos no interior do complexo esportivo. Se, já em dezembro de 1938, no seu primeiro mês de vida, o coliseu tinha sediado futebol, atletismo, comícios políticos e até uma comemoração natalina para as crianças órfãs da cidade, no início da década de 1940 a agenda de atividades incluiu competições esportivas internacionais, atividades culturais e filantrópicas¹⁴⁸, a celebração de uma monumental primeira comunhão, com mais de 130 mil crianças nas arquibancadas, na ocasião do VIII Congresso Eucarístico Nacional, de 1941¹⁴⁹, e até a

¹⁴⁷ “Editorial”. *Estadio*, 1, 12 de Setembro de 1941.

¹⁴⁸ “En el Estadio Nacional a beneficio de la pascua de los niños pobres”. *Zig Zag*, 1865, 12 de Dezembro de 1940. “Regocijada fiesta en el Estadio Nacional. Fue bello fin del paseo de los huerfanitos”. *Zig Zag*, 1866, 19 de Dezembro de 1940.

¹⁴⁹ “135 mil niños de ambos sexos recibieron a Jesus sacramentado en la ceremonia del Estadio”. *Zig Zag*, 1912, 13 de Novembro de 1941.

Imagem 5.20. Apresentação de ginástica das estudantes do Liceu 7 feminino de Santiago, Estádio Nacional, 1948.

instauração de um Dia do Estádio, comemorado todos os dias 3 de dezembro a partir de 1945¹⁵⁰. O calendário esportivo nacional e internacional cresceu rapidamente, mesmo que as obras dos outros edifícios a serem construídos no complexo não avançassem¹⁵¹.

A multiplicidade de interesses que promoveram a construção do Estádio Nacional de Santiago ficou demonstrada na agenda de atividades dos primeiros anos após a inauguração do complexo poliesportivo. A administração do Estádio Nacional – assim como da Defesa da Raça nos seus curtos anos de vida – prosseguiram com uma ideia que já vinha sendo tematizada desde princípios do século XX na sociedade santiaguina: o esporte era uma possibilidade para disciplinar os jovens e para projetar modelos suficientemente exemplares, bem como para promover hábitos e condutas entre a população. Uma expressão disso foram os campeonatos escolares nacionais, rapidamente estabelecidos dentro do calendário anual esportivo. Os torneios, com a participação de estudantes de todo o país, tiveram sua primeira versão em setembro de 1941 e foram organizados pela Inspeção de Educação Física da Direção Geral de Educação Secundária. Naquela oportunidade, popularizou-se a realização de apresentações de ginástica, juramentos à bandeira e competições de torcidas escolares. Campeonatos escolares de futebol, organizados pela Associação Escolar de Esportes, também tiveram como campo principal e sede o Estádio Nacional¹⁵².

Ainda durante a década de 1940, seguramente influenciado pelo clima bélico internacional desses anos, foram institucionalizados os Jogos Olímpicos Militares no estádio¹⁵³, além da medalha de ouro ao “Chileno fisicamente mais apto”, prêmio entregue aos cidadãos que exibissem “provas de suficiência, garantias de ‘estado atlético’ e, portanto, de saúde e vigor”, realizado pela Direção de Informações e Cultura, organizadora da campanha¹⁵⁴. Com certeza, a fórmula serviria também

¹⁵⁰ “Digna celebración”. *Estadio*, 134, 8 de Dezembro de 1945.

¹⁵¹ “Deporte y gobierno”. *Estadio*, 90, 2 de Fevereiro de 1945.

¹⁵² “Futbol escolar auspiciado por Estadio”. *Estadio*, 18, 22 de Maio de 1942.

¹⁵³ “La Olimpiada Militar está deparando hermosas y nobles luchas”. *Estadio*, 124, 29 de Setembro de 1945.

¹⁵⁴ A campanha do “Chileno fisicamente mais apto”, organizada pelo Departamento de Esportes da Direção de Comunicações e Cultura do governo, foi criada em 1945. Com homens e mulheres como

para a promoção de modelos de vida saudável na sociedade. Tal como afirmava a imprensa da época, “só quando se tem praticado o esporte, quando a vida tem sido sempre sóbria e limitada pela disciplina dos treinos, só assim é possível manter uma juventude vigorosa e resplandecente, um físico forte e dúctil. Assim, não será possível que a preguiça e a apatia tenham espaço”. Tal como a indústria esportiva, as ideias sanitárias foram relevantes para o desenvolvimento do urbanismo esportivo. A educação física e o aproveitamento do tempo livre – que transforma o lazer em uma atividade edificante da moral – operaram como dispositivos higiênicos e ações sanitárias sobre a cidade e a população, especialmente aquelas pertencente às classes operárias.

O “*melhor estádio da América do Sul*”, para reproduzir a expressão chauvinista da época utilizada recorrentemente na imprensa, também foi utilizado para alimentar algumas narrativas nacionalistas, que fortaleciam o discurso do aprimoramento da raça chilena. O Estádio Nacional é palco do processo de formação das almas, tomando emprestada a expressão de Murilo de Carvalho (1998). Portanto, não é estranho que, em 1945, em um dos recém-criados espetáculos dos intervalos das partidas, nesse caso entre as equipes da Universidad de Chile e a Universidad Católica – o clássico universitário –, fosse realizado uma homenagem, organizada pela torcida de um dos times, para os veteranos da Guerra do Pacífico¹⁵⁵, campanha militar em que as Forças Armadas chilenas enfrentaram seus pares peruanos e bolivianos. É importante dizer que o Estádio foi útil, igualmente, para uma agenda de transmissão da “alta cultura” para um público de massas, tal como aconteceu nos concertos sinfônicos¹⁵⁶ e as óperas¹⁵⁷ encenadas no Coliseu principal do complexo esportivo. Instituições como a Orquestra Sinfônica ou a Companhia Lírica Nacional participam do programa amplo de atividades que foram organizadas no Estádio pela Junta Administradora.

Sobretudo, o Estádio foi um importante recinto do esporte nacional e sul-americano, assim como um espaço em que era possível a convivência do esporte profissional, semiprofissional e a prática amadora, nas quais participaram vizinhos do bairro, bem como estudantes da cidade e do resto do país. Durante a década de 1940, o Estádio foi sede de diversos eventos esportivos, como o Campeonato Sul-Americanos de Ciclismo (1938), de Futebol (1941, 1945) e de Atletismo (1943), o Primeiro Torneio Sul-Americano de Futebol de Clubes (1948), além de exibições equestres nacionais e internacionais e de dezenas de apresentações ginásticas escolares ou combates internacionais de boxe, em ringues construídos no interior do Coliseu. O estádio foi, portanto, muito mais que disciplinamento: sua existência ajudou, de forma ostensiva, na consolidação da indústria do espetáculo esportivo chileno – as fotorreportagens do periódico *Estadio* dessa década mostram arquibancadas lotadas tanto em partidas do campeonato chileno de futebol, como em torneios atléticos escolares e universitários –, no fortalecimento do circuito de competições internacionais e no aumento da competitividade dos esportistas chilenos.

público-alvo, o projeto do governo aspirava que dentro de escolas, universidades, clubes esportivos, fábricas e escritórios, entre outros lugares, fossem realizadas competições que escolheram os representantes para a grande final nacional, que seria realizada no Estádio Nacional. Para participar, todos os inscritos deviam realizar uma série de provas de velocidade, resistência, elasticidade e força, que poderiam incluir competições de atletismo, natação, halterofilia, tiro com revólver ou equitação. Cf.: “Acudamos al llamado”. *Estadio*, 97, 23 de Março de 1945.

¹⁵⁵ “El chuncho victorioso”. *Estadio*, 132, 24 de Novembro de 1945.

¹⁵⁶ Em Abril de 1939, a Orquestra Sinfônica de Santiago dirigida pelo regente Victor Tevah, junto com o Orfeão Catalã, apresentaram concertos de Verdi, Beethoven, Grieg, Borodin e Rimsky-Korsakov para os quase 25 mil assistentes. Cf.: “A pleno aire, junto a la cordillera, la Sinfónica ejecutó su programa”. *Zig Zag*, 1778, 28 de Abril de 1939.

¹⁵⁷ Em 1941, a Defensa de la Raza patrocinou a temporada da recém-criada Companhia Lírica Nacional do Teatro Municipal de Santiago, onde foram apresentadas as seguintes óperas: Barbeiro de Sevilha, La Bohème, Don Pasquale, Fausto, Madame Butterfly, Pagliacci, Rigoletto. No ano seguinte, a Companhia apresentou a ópera Aida no Teatro Municipal, que já tinha sido encenada, no verão de 1940, no coliseu do Estádio Nacional, como parte das atividades do conselho de Defensa de la Raza. Cf.: “En el Estadio Nacional el pueblo, artista intuitivo, aplaude la ejecución de Aida”. *Zig Zag*, 1817, 18 de Janeiro de 1940; “Teatro Municipal. Temporada Lírica Oficial. 1941”. Santiago: Smirnow Impresores; “Teatro Municipal. Temporada Lírica Oficial. 1942”. Santiago: Smirnow Impresores.

Imagem 5.21. Vista aérea da Villa Olímpica, projeto habitacional construído em ocasião da Copa do Mundo de Futebol, de 1962. Nuñoa, Santiago, 1964.

A consolidação da agenda do Estádio avançava tanto como a urbanização do seu bairro, especialmente o setor norte, beneficiado pelas obras das Avenidas Campos de Deportes e Sur. O mercado imobiliário foi colonizando a região. Contudo, o setor sul do Estádio permaneceu semi-rural, bem como o setor oeste, urbanizado apenas quando ocorreram as obras do Instituto Bacteriológico e da Piscina Mund, um empreendimento esportivo privado de um antigo professor alemão de natação, trazido pelo regime de Ibáñez para impulsionar os esportes aquáticos no país. Essa região só seria fortemente urbanizada nos anos anteriores à realização do Campeonato Mundial de Futebol, em 1962, com a construção da Villa Olímpica e de outros conjuntos habitacionais desenvolvidos pela CORVI (Corporación de Vivienda). Nessa medida, a construção do Estádio e o sucesso da sua implementação como projeto urbano ajudaram à consolidação do processo de urbanização daquela região da cidade, que, até esse momento, era subdividida seguindo características mais rurais que urbanas.

Edwards Bello diz ter ficado maravilhado por aquilo que chamou como um novo estado de ânimo nacional, representado pelo entusiasmo dos milhares que procuravam compartilhar a experiência de estar juntos no interior do Estádio Nacional. Como nenhum outro espaço da cidade, o complexo esportivo se transformou rapidamente em um lugar de usos e significados múltiplos. O local conseguiu acolher uma infinidade de discursos e atividades, muitas vezes, inclusive, dentro do mesmo evento. Assim, uma partida de futebol podia transformar intervalo do jogo em uma atividade para as crianças órfãs da cidade ou em um espetáculo de apelações nacionalistas. Um combate noturno de boxe podia ser a oportunidade para conhecer um craque global do esporte, como Joe Louis. O coliseu principal podia ser a extensão das aulas de educação física de dezenas de escolas públicas da cidade, enquanto os clubes esportivos amadores tinham a oportunidade de jogar em um estádio frente a dezenas de milhares de pessoas. Ou, simplesmente, o Estádio Nacional podia ser o campo esportivo para centenas de jovens que procuravam um espaço na cidade para jogar uma “pelada”. Difícilmente outro lugar da cidade podia convocar tantos propósitos diferentes. Difícilmente outro edifício público conseguiu se transformar em um espaço significativo para tantas agendas distintas durante todos os dias da semana.

6. O ESTÁDIO E O BAIRRO. O COMPLEXO ESPORTIVO E SOCIAL DO PACAEMBU (1936-1950)

No dia 27 de abril de 1940, frente a dezenas de milhares de espectadores, foi inaugurado o Estádio Municipal do Pacaembu em São Paulo. De propriedade pública, o complexo esportivo foi longamente desejado pela comunidade esportiva paulista e por diferentes autoridades políticas da cidade e do Estado de São Paulo, assim como pela Companhia City, proprietária, desde inícios da década de 1910, dos terrenos do vale do Pacaembu. Até aquele momento, a cidade de São Paulo não contava com um grande equipamento esportivo de propriedade pública, com exceção de alguns espaços públicos urbanos, como os rios Tietê e Pinheiros – utilizado pelos vários clubes sociais e esportivos que se instalaram nas suas margens – e as ruas da capital paulista, frequentemente utilizadas para competições atléticas, ciclísticas e automobilísticas. Ao contrário de outras cidades do continente em que o poder público tinha desenvolvido obras importantes de construção de estádios, piscinas e velódromos, entre outros, a geografia esportiva de São Paulo, em meados da década de 1930, parecia ter sido impulsionada, quase exclusivamente, por clubes privados, às vezes com a colaboração financeira ou fundiária da Prefeitura ou do governo do Estado. Ou seja, até esse momento não existia nenhum edifício esportivo importante que tivesse sido projetado, construído e gerenciado pelo poder público.

Foi nesse cenário que, em 1936, foi lançada a pedra fundamental do Estádio Municipal do Pacaembu, em uma operação que incluiu o recém-criado Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, o governo do Estado de São Paulo, o Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares e a Companhia City. O poder público, os arquitetos projetistas e a companhia urbanizadora tinham uma série de interesses diferentes, às vezes compartilhados, por trás da ideia de construir um grande complexo esportivo na região de Pacaembu, uma área que se desenvolvia, até esse momento, em um ritmo mais lento do que os urbanizadores almejavam.

Diferentemente dos dois grandes estádios discutidos nos capítulos anteriores – o Centenário de Montevideu e o Nacional de Santiago –, o Pacaembu foi impulsionado por um agente privado fortemente interessado no desenvolvimento em seu terreno. Localizado em uma região muito íngreme, conformado nas zonas baixas pela várzea do córrego do Pacaembu, o terreno era complicado para ser urbanizado. Esse fato abre uma série de perguntas fundamentais que atravessam o capítulo e que dão conta das características bem específicas do caso paulista: por que uma incorporadora privada, determinada a construir um bairro de alto padrão orientado às classes altas da sociedade paulistana, decide incluir em seu projeto um estádio público? Por que a incorporadora decide incluir um estádio no seu plano diretor, em vez de, por exemplo, um clube para os residentes do seu bairro? Por qual razão a incorporadora decide doar o terreno para o estádio ao poder público, ao invés de se manter como proprietária desse imóvel e, assim, financiar parte das obras de construção do complexo esportivo? Qual é a lógica por trás da decisão de reservar um grande terreno para um conjunto esportivo? Enfim, por que um estádio, nessa época, era compreendido como um bem público que rentabilizava um grande empreendimento imobiliário residencial, como o desenvolvido pela Companhia City no vale do córrego do Pacaembu? O que um estádio oferecia como equipamento urbano para um bairro de alto padrão?

Evidentemente existiram questões muito diferentes entre si que ajudaram a compor o projeto arquitetônico e urbano no vale do Pacaembu. Nesse sentido, não se pode esquecer que a Companhia City procurou um projeto para uma área dentro de seus terrenos, o fundo do vale, que continuamente alagava e que, portanto, era difícil de converter em um local atrativo para o desenvolvimento imobiliário. Nesse contexto, a escolha de um estádio para a região parece ousada, uma vez que significava um investimento importante e um projeto cuja execução de obras demoraria, pelo menos, dois anos. Além disso, o funcionamento de um estádio produziria, na prática, a chegada de habitantes de todos os cantos da cidade ao

bairro da elite. Ainda que fossem poucas horas por semana, por que a Companhia City estava disposta a desenvolver um projeto que, no dia-a-dia, poderia ir contra a exclusividade e o sossego que ela mesma prometia em seus anúncios?

Embora vários trabalhos tenham analisado a história do bairro do Pacaembu e do complexo esportivo, esse capítulo propõe uma história da cidade vista a partir do complexo processo de planejamento e construção do Estádio Municipal, prolongado por quase trinta anos no debate político, legislativo e urbanístico. Narrar o Pacaembu é interessante para compreender tanto os interesses imobiliários por trás da construção do Estádio Municipal, quanto a força das outras agendas do urbanismo esportivo, que tinha grandes interesses na construção do complexo esportivo, pois serviria como incentivo à indústria do futebol, mas também para desenvolver uma série de práticas orientadas a fortalecer as narrativas da formação cívica, do aprimoramento racial e da adoção de valores patrióticos. A intervenção federal *estadonovista*, em 1937, e uma série de novas organizações públicas exerceram sua influência sobre o projeto que seria construído, assim como em relação à agenda de atividades pedagógicas desenvolvidas no estádio. Contudo, seria um erro pensar que uma única agenda de interesses definiu o projeto arquitetônico que foi inaugurado e o programa de atividades desenvolvido no conjunto esportivo. Dessa forma, neste capítulo se mostrará como, apesar das sucessivas transformações do projeto e, mais ainda, das mudanças dos encarregados das obras, convergiram, dentro do Estádio Municipal, diferentes visões e agendas em relação a como esse espaço deveria ser utilizado e disponibilizado à população paulistana. O capítulo analisa, então, algumas dessas visões e iniciativas que estavam no programa do Departamento de Cultura de Mário de Andrade e Nicanor Miranda, e que conseguiram ser integradas dentro do calendário de eventos do Pacaembu, pelo menos durante a década de 1940. Nesse sentido, o capítulo trabalha com a hipótese de que o projeto de arquitetura do complexo esportivo conseguiu incorporar, no interior do edifício, uma série de interesses que estavam colocados inclusive antes da conformação do Departamento, em 1935.

Para isso, a última seção do texto se centrará em três espaços do complexo esportivo que conformaram uma tríade de usos alternativos ao predomínio do futebol-espetáculo e dos programas de formação cívica inspirados na educação física de base eugênica. Dessa forma, serão discutidos a concha acústica, o salão de festas e o ginásio como espaços representativos de uma sociabilidade distinta das agendas do impulso à indústria do espetáculo esportivo e do disciplinamento da sociedade por meio da atividade física. O Estádio Municipal do Pacaembu, como vários dos seus pares sul-americanos, acabou sendo um espaço de usos múltiplos e pluriclassistas, com atividades que excediam, de longe, o exclusivismo esportivo. Antes disso, porém, o capítulo percorrerá a trajetória de conformação do bairro do Pacaembu e sua relação intrínseca com o projeto do Estádio. Para isso, o texto examinará as dificuldades que a Companhia City teve para dinamizar a venda dos lotes e as urgências que isso produziu sobre a elaboração e execução do projeto do complexo esportivo municipal. Uma vez decidida a construção do Estádio por parte do poder público, o capítulo analisará a evolução do projeto, mostrando, inclusive, alguns projetos estudantis inéditos, de finais da década de 1920, que podem ter servido de base para as diferentes propostas feitas pelo Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, projetistas responsáveis pela obra.

O bairro de Pacaembu antes do Pacaembu

Durante a década de 1910, a região do vale do Pacaembu foi caracterizada pela imprensa, em diferentes momentos, como um grande descampado onde não era incomum que acontecessem práticas ilegais ou clandestinas, como duelos¹, encontros sexuais furtivos, roubos e até homicídios². Eram poucos os edifícios construídos,

¹ “Deverão hoje bater-se em duello dois jornalistas”. *A Gazeta*, 16 de Julho de 1914, p. 8.

² Vários crimes foram noticiados, durante a década seguinte, relacionados à condição de descampado da área. Evidentemente, o bairro do Pacaembu não era a região exclusiva do crime paulistano, mas suas características geográficas, junto à solidão dos seus descampados e recantos, colaboraram para que acontecessem crimes como o abandono do cadáver de um recém-nascido ou o homicídio de um

sendo o Asilo dos Expostos da Santa Casa, um orfanato para crianças abandonadas regido pela Igreja Católica, o principal imóvel da região. O “colossal terreno da baixada do Pacaembu” também serviu, em diferentes momentos, como depósito ilegal de lixo³, aproveitado por dezenas de pessoas e construtoras que jogavam lixo e entulhos na região. Pacaembu era, portanto, uma das últimas áreas da região centro-oeste da cidade sem urbanização. Circundado pelos luxuosos casarões de Higienópolis, a ambivalente e plural Avenida Angélica (Ferreira, 2016), a mistura de usos residenciais e industriais pluriclassistas da Barra Funda (Borin, 2014) e o relativamente isolado bairro de Perdizes, até então pouco povoado e conectado ao centro da cidade unicamente pela Rua das Palmeiras (Pacheco, 1983), o bairro do Pacaembu se manteve como uma promessa de futuro residencial trazida por um empreendimento privado que, no início da década, se aventurou a lotear uma região geograficamente difícil de ser urbanizada.

Segundo Arruda (1992), em 1911, Fontaine de Laveleye, um banqueiro francês na procura de novos negócios e investimentos, encontrou em São Paulo uma possibilidade aparentemente lucrativa. Com o assessoramento do arquiteto, também francês, Joseph Bouvard⁴, interessa-se pelo mercado imobiliário paulistano e, especificamente, pela possibilidade de desenvolver empreendimentos residenciais na cidade, que por esses anos, testemunhava a consolidação de novas regiões, como as das avenidas Paulista e Higienópolis, ambas inauguradas na última década do século XIX (Martins, 2016). Interessado nos lucros que poderia obter em uma economia em expansão como a do Estado de São Paulo, Fontaine de Laveleye decidiu atuar rapidamente e iniciar o processo de compra de 1200 hectares em diferentes pontos de São Paulo, embora a maior parte deles estivessem localizados na região sudoeste da cidade⁵. Logo após uma negociação entre Fontaine de Laveleye e os irmãos ingleses Boulton, ativos participantes do setor financeiro londrino que ajudariam a capitalizar a operação, é estabelecida a City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited (Cia City), uma companhia de capitais europeus com sede em Londres, Paris e São Paulo. A Cia City iniciou suas operações em São Paulo já em 1912, quando começou a planejar alguns dos seus projetos imobiliários residenciais.

O negócio começaria a tomar forma em 1915, quando a Companhia contratou os serviços do escritório dos arquitetos ingleses Barry Parker e Raymond Unwin como consultores do projeto do primeiro bairro jardim da cidade, o Jardim América. Seguidores das ideias de William Morris e do movimento de *Arts and Crafts*, ambos arquitetos tinham trabalhado na Inglaterra na aplicação dos princípios urbanísticos de Ebenezer Howard e seu modelo de cidade-jardim. Além da conhecida Letchworth, entre seus projetos estiveram as urbanizações de Hampstead Garden Suburb e Brentham Garden Suburb, desenvolvidas em Londres na primeira década do século XX. Nesses projetos eles testaram algumas das suas hipóteses sobre o modelo da cidade-jardim: expansão residencial em baixa densidade; convivência de diferentes classes sociais dentro do bairro; espaços públicos, como parques e *playgrounds*, à disposição dos moradores da região; eliminação de grades ou muros divisórios dos lotes como estratégia de recuperação da vida comunitária; arruamentos curvos e ruas para pedestres; entre outros elementos tomados da tradição das cidades medievais da Grã Bretanha e da França (Hall, 2014: 107).

Unwin assinou o projeto da urbanização do Jardim América (Andrade, 1998), enquanto Barry Parker participaria de uma segunda etapa de empreendimentos da Companhia, chegando a São Paulo em fevereiro de 1917. Foi nessa visita que Parker

homem. Cf.: “Suicídio? Nas mattas do Pacaembu foi encontrado o cadáver de um homem”. *A Gazeta*, 29 de Maio de 1914, p. 8. “Nos campos do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 8 de Julho de 1922, p. 5.

3 “Queixas e reclamações”. *A Gazeta*, 9 de Julho de 1914, p. 2.

4 Bouvard já tinha trabalhado em projetos nas cidades de Istambul (1902) e Buenos Aires (1907-1910), quando foi contratado pela Prefeitura de São Paulo para projetar um plano de melhoramento da cidade, que incluiu um sistema de áreas verdes e a reorganização do sistema viário. Cf.: D’Elboux, 2015.

5 Em 1933, o advogado da Cia City, Plínio Barreto, afirmou, que em 1911 “havia em São Paulo um vasto campo de atividade para um banqueiro esperto”. Segundo Andrade (1998: 181), que resgatou esse trecho, São Paulo oferecia, nas primeiras décadas do século XX, condições de transporte, produção de energia e potencial industrial similares às de Manchester e Chicago.

conheceu a região do Pacaembu, imaginando a construção de um grande parque público nos terrenos da Companhia. Essa imagem era parecida com a do plano diretor de Hampstead Garden Suburb, que Parker e Unwim tinham proposto em 1907: no projeto de urbanização, uma grande área verde, extensão do parque do Hampstead Heath, era reservada e ocuparia, pelo menos, a terça parte do total do terreno⁶, o que conformaria uma área verde ecológica junto com o parque e o Hampstead Golf Club, também localizado na área. Sabendo que um projeto como esse para a área do Pacaembu seria inviável – em razão do alto custo dos terrenos para o poder público e pelos interesses do seu contratante –, Parker sugeriu, em, 1917, que qualquer adoção de um modelo de cidade jardim para Pacaembu deveria passar por uma modificação na legislação para facilitar a implantação de um modelo diferente do traçado xadrez (Andrade, 1998). Apesar da nova legislação, em 1913, ter permitido a possibilidade de traçados com curvas, outras questões continuaram proibidas, como as ruas estreitas ou sem saída e os quarteirões pequenos⁷, o que ainda inviabilizava a possibilidade de desenvolver um grande projeto residencial com as características do bairro-jardim imaginadas por Parker para o vale do córrego Pacaembu.

O diagnóstico de Parker foi acompanhado por uma proposta de loteamento que evitava o desmonte – mediante um projeto de arruamento respeitando a geografia da região – e consolidava a área central do córrego para a construção de jardins públicos. Porém, Bouvard já tinha feito uma primeira proposta de traçado viário para o bairro em 1913, estruturado por uma via no fundo do vale que seguiria ao longo do córrego. Essa proposta, inteligentemente, integraria o novo bairro aos espaços residenciais mais prestigiados e valorizados da cidade, ligando o fundo do vale à Avenida Higienópolis e ao final da Avenida Paulista (Campos, 2002: 232-233).

Não foi fácil que a proposta de Parker fosse digerida nem pela Cia City, nem pelas autoridades da cidade. O modelo da “cidade esparramada e ainda provinciana de inícios da década de 1920”, como assinala Castro (2008), era questionado pela novidade que significava a urbanização da região de Pacaembu. A possibilidade de construir um bairro-jardim em um dos pontos mais íngremes de toda a atual região central da cidade era um desafio técnico, financeiro e legislativo. Isso explica, em parte, porque foram necessárias mais de duas décadas desde a compra dos terrenos para que a Companhia City pudesse dinamizar seu empreendimento imobiliário. Tal como afirma Morse (1954: 286), o projeto de Pacaembu, assim como o Jardim América, também da Cia City, estavam orientados a um novo segmento social (a elite imigrante, industrial e comercial), e esses bairros procuravam representar uma “*imagem anglo-saxônica de uma plutocracia dinâmica, trabalhadora, endinheirada, dedicada ao lar, e dada aos esportes e ao conforto*” que, de alguma forma, como afirma Almandoz (2004), relembra mais as visões de prosperidade suburbana norte-americana, que a opulência dos centros urbanos latino-americanos. Desse modo, a Cia City apontava, como seu público alvo, a segmentos das elites, que eram mais parecidas com as que colonizaram a Avenida Paulista – as elites das fortunas industriais dos imigrantes –, do que propriamente com as tradicionais famílias dos barões do café, que privilegiavam Higienópolis e Campos Elísios como seus lugares de residência (Marins, 2016). Da mesma forma, a urbanizadora também apontava para faixas das classes médias altas, como funcionários públicos de alto escalão, que tinham como comprar os terrenos de 500 metros quadrados em um bairro de alto padrão, pagando parcelas mensais relativamente razoáveis em relação aos seus rendimentos⁸.

⁶ Uma história completa do bairro está disponível no site Hampstead Garden Suburb Heritage, uma associação de defesa do patrimônio do bairro, conformada por organizações civis e moradores do bairro. Cf.: <https://hgsheritage.org.uk/>. Acessado em: 12 de Dezembro de 2018.

⁷ Lei Municipal número 1.166, 26 de Março de 1913. Cf.: Malta Campos (2002: 233).

⁸ Um caso que pode ser demonstrativo do interesse dos segmentos da classe média-alta é a trajetória de Max Cymbalista. Tendo chegado a São Paulo em 1927, em seus primeiros anos trabalhou como marceneiro, que, posteriormente virou uma fábrica de móveis. Morador do Bom Retiro, ele decidiu, em meados da década de 1940, comprar um terreno no Pacaembu de 500 metros quadrados, com a ideia de construir ali sua casa. O lote, localizado na Avenida Arnaldo Azevedo, foi beneficiado pela mudança do zoneamento da área, que permitiu imóveis comerciais. No início da década de 1950, Max Cymbalista recebeu uma oferta de compra do seu terreno, onde acabou sendo construído um posto de gasolina. Neste percurso de vida, Cymbalista nunca pertenceu às elites tradicionais da cidade, mas às classes

É difícil definir se o lento desenvolvimento do bairro tinha relação com algumas características desse novo segmento social – eles não eram tão numerosos assim para conseguir urbanizar toda a nova região rapidamente –, ou se o motivo principal esteve no modelo de negócio estabelecido pela própria Cia City e os embates da crise econômica mundial de finais da década de 1920. É importante pensar, também, que os empreendimentos da urbanizadora competiam com outros projetos residenciais que, igualmente, buscavam seduzir a elite e as classes médias profissionais paulistanas que procuravam, nessa época, transformarem-se em proprietária de terrenos ou imóveis. Contudo, o que parece mais claro na dificuldade de urbanização era que a legislação desse momento só permitia ruas retas em esquinas de 90 graus, que não se ajustavam às condições geográficas da região. Foi somente com a mudança da lei que permitiu o arruamento em terraços que o desenvolvimento imobiliário foi possível.

Ao longo de toda a década de 1920, a região de Pacaembu foi um lugar onde vários usos esportivos e de lazer tomavam forma. O bairro foi local de excursões dos grupos de escotismo da cidade, que aproveitaram aquele caráter ainda rural da região para acampar⁹, bem como a aristocrata Sociedade Hípica Paulista, que organizava saídas de caça pelas chácaras de Pacaembu, Sumaré, Perdizes e Vila Pompéia¹⁰. Entretanto, a área do Pacaembu não será de uso exclusivo para atividades de lazer da elite paulistana: já em meados da década de 1910, o lugar era palco do desenvolvimento do futebol amador paulistano, com vários campos de futebol funcionando como sede das várias competições que aconteciam na cidade. Se as crônicas de 1914 falavam de um ground na rua Conselheiro Brotero¹¹, já na década seguinte são vários os textos que resenham os jogos no “Parque do Pacaembu”, localizado no final da avenida Higienópolis¹², com a participação de clubes como a Associação Atlética São Geraldo, o Clube Atlético Santa Cecília, o Perdizes Futebol Clube ou a Associação Atlética Vila Buarque, entre outros. Outras notas da imprensa afirmavam que o campo ficava no final da rua Tupi. Esses três endereços noticiados na imprensa poderiam estar falando do mesmo lugar, referenciando diferentes esquinas do mesmo lote¹³, mas também poderiam se referir a um conjunto de campos de uso coletivo ou pertencentes a clubes diferentes que participavam da mesma associação. Independentemente do regime de propriedade, esse campo esportivo era sede oficial da zona Perdizes - Pacaembu no Campeonato Municipal de Futebol da cidade, e era conectado ao centro da cidade por meio do serviço de bonde que passava por toda a avenida Higienópolis. Ao que tudo indica, os terrenos vizinhos do campo de futebol foram utilizados, por algumas temporadas, como áreas de pastagem de gado, tal como acontecia em outras áreas da cidade, como Osasco e Penha, segundo a crônica de um viajante estrangeiro pelo Brasil, reproduzida pelo jornal *A Gazeta*¹⁴, o que dá conta da permanência de alguns usos rurais nessas regiões da cidade e da debilidade do processo de urbanização de certas áreas.

Entre 1919 e 1920, o urbanista George Dodd fez um projeto de loteamento para Pacaembu que seguia as recomendações feitas por Parker, o que foi essencial para a aprovação de uma nova lei, em 1924. Esse plano serviu como fundamentação para avanços do urbanismo moderno e para as necessidades de atualização da regulamentação de loteamentos. Nessa proposta, a Companhia já tinha incorporado o estádio como um elemento da composição geral da região. O complexo esportivo seria um elemento estruturante da conformação física do bairro, assim como da oferta de bens públicos e culturais para os novos moradores do Pacaembu e para o resto dos habitantes da cidade de São Paulo. Mesmo que a Companhia

médias em processo de mobilidade ascendente dentro da estratificação social paulistana. Agradeço a Renato Cymbalista pelas informações.

⁹ “Escotismo”. *Correio Paulistano*, 6 de Janeiro de 1920, p. 1. “Excursão em conjunto”. *Correio Paulistano*, 11 de Setembro de 1920, p. 2.

¹⁰ “Hippismo”. *Correio Paulistano*, 7 de Dezembro de 1921, p. 5.

¹¹ “Nota Sportiva”. *A Gazeta*, 20 de Fevereiro de 1914, p. 2.

¹² “Brilhante victoria alcançada pela Associação Athletica Liberdade sobre as primeiras e segundas esquadras da A. A. São Geraldo”. *A Gazeta*, 24 de Janeiro de 1922, p. 2.

¹³ “Perdizes FC x E. C. Primeiro de Julho”. *A Gazeta*, 31 de Março de 1923, p. 3.

¹⁴ “Luiz D’Aguillar. Impressões do Brasil (dez mezes em São Paulo)”. *A Gazeta*, 20 de Março de 1923, p. 6.

tivesse sido proprietária dos terrenos desde 1912, sucessivas negociações com a Prefeitura para co-financiar as obras de urbanização da região não prosperaram, o que não impediu que a urbanizadora executasse algumas tarefas de retificação do terreno. Apenas em 1924 serão anunciadas obras de melhoramento urbano na região, coincidente com o início do loteamento do bairro por iniciativa da Cia City. Para que isso acontecesse, foi necessário que a uma nova lei de loteamentos fosse aprovada, em junho de 1923. O novo código, impulsionado pelo então vereador Luiz de Anhaia Mello¹⁵, permitiu os traçados sinuosos, assim como os jardins não murados e espaços livres comuns no interior das quadras, elementos centrais dentro do plano de urbanização da Cia City (Malta Campos, 2002: 243). A partir desse ano os trabalhos de urbanização foram dinamizados, tal como foi noticiado em um curioso anúncio de setembro de 1924, no qual se advertia que seriam realizadas as explosões de algumas rochas e que nada tinham a ver com os bombardeios da Revolução tenentista do mês de Julho¹⁶. A Companhia City tinha características que lhe permitiram aguardar mais de uma década para iniciar os trabalhos de urbanização. Por um lado, era uma firma fortemente capitalizada, que tinha condições financeiras para esperar o melhor momento para executar seu plano. Por outro, sua posição como proprietária de centenas de hectares em diferentes regiões da cidade lhe proporcionava um alto poder de negociação frente ao poder público, o que inclusive lhe permitiu propor mudanças na legislação urbana.

Chama a atenção que a Cia City estabelecesse, desde tão cedo, a possibilidade de construir um estádio de grande porte. Nas primeiras décadas do século XX, a maioria dos equipamentos esportivos de São Paulo eram de propriedade privada. Sem entrar em muitos detalhes sobre a história da chegada e organização do futebol em São Paulo e o papel fundamental exercido por algumas pessoas, como Charles Miller ou Charles Dulley (Giglio, 2007; Bocketti, 2008; Gambeta, 2013), a prática esportiva foi, tal como em outras cidades da América Latina, importada e organizada por imigrantes, sendo rapidamente socializada entre as classes altas e médias da população local, bem como dentro da sociabilidade operária. Como mostrou Gambeta (2013), rapidamente se estabeleceu uma divisão entre o futebol informal e o futebol de espetáculo. Para o primeiro caso, a Prefeitura cedeu alguns espaços para a prática esportiva, caso da Várzea do Carmo (2013: 289), em 1914. Por sua vez, a indústria do espetáculo esportivo avançava mediante a organização de clubes, ligas federadas, meios de imprensa especializados, abertura de lojas de artigos esportivos, entre outros, muitas vezes com o apoio financeiro ou fundiário do poder público.

Na primeira década do século XX, o Hipódromo do bairro da Mooca e o Velódromo Paulistano, no bairro da Consolação, funcionavam como os dois principais palcos do esporte-espetáculo da cidade. Vários dos clubes que até hoje permanecem no futebol profissional, inaugurariam seus primeiros complexos esportivos na década seguinte. É o caso, por exemplo, do Palestra Italia (hoje, Palmeiras) que, em 1917, começou a alugar o campo do Parque Antarctica, criado pela própria Companhia Antarctica Paulista na virada do século como uma área de lazer para seus trabalhadores. Atique (et. al, 2015) utiliza a expressão “*times em busca de arquibancadas*” para se referir ao interesse dos clubes de futebol para se transformarem em proprietários dos seus próprios complexos esportivos, uma vez que isso estruturaria suas economias através das rendas dos ingressos para os jogos em que fossem mandantes. Foi o caso do Palestra Italia, mas também do Corinthians que, logo após sua fundação no Bom Retiro¹⁷, em 1910, inaugurou seu es-

¹⁵ Tal como afirma Somekh (1997), Anhaia Mello estava fortemente interessado nas ideias de Ebenezer Howard e no modelo da cidade-jardim, especialmente nas questões da descentralização urbana, limitação da população e a constituição de cinturões verdes. Essas ideias teriam sido parte constitutiva do programa preparado por Anhaia Mello para a disciplina de Composição Geral e Urbanismo I e II na Escola Politécnica, em 1926 (Krogh e Salgado, 2016). Segundo Lima de Toledo (1996: 110), Anhaia Mello considerava *Town planning in practice*, o livro mais conhecido de Howard, como a “Bíblia do urbanismo”.

¹⁶ “Aviso à população”. *Correio Paulistano*, 4 de Setembro de 1924, p. 5.

¹⁷ Segundo Feldman (2011) e Siqueira (2011), o Corinthians fazia parte de um conjunto maior de clubes culturais e esportivos de origem operária e imigrante que tiveram origem no bairro do Bom Retiro. Foi o caso do clube operário EC Saturno, o Grêmio Dramático e Musical Luso-Brasileiro e o Clube de Gênova, entre outros.

Imagem 6.1. Largada da XVIII “Travessia de São Paulo a nado”, última prova realizada no rio Tietê, São Paulo, 1944.

tádio na região da Ponte Grande, em 1918, estádio que utilizou até 1928, quando inaugurou seu novo complexo esportivo no bairro de Tatuapé, na região leste da cidade. Foi também o caso da Associação Atlética das Palmeiras, predecessor do São Paulo FC (SPFC), que adquiriu, em 1913, o complexo esportivo do Clube de Regatas São Paulo, o estádio da Chácara da Floresta, para inaugurá-lo em 1915. O SPFC seguiria utilizando esse mesmo local desde sua criação, em 1930. Esse estádio serviria como um dos principais estádios de futebol após a demolição do Velódromo Paulista, em 1915, quando foi desapropriado para a abertura da rua Nestor Pestana. O Clube Paulistano, proprietário do velódromo também adquiriu um novo terreno, agora no novo bairro de Jardim América, onde, em 1917, inaugurou seu complexo esportivo (Gonçalves Junior, 2008).

Ora, mas não só de futebol vivia a cidade. Conforme narra Jorge (2006) o remo foi, desde a virada do século, um das atividades e espetáculos esportivos mais atraentes da cidade. Nas margens dos rios Tietê e Pinheiros se formaram vários clubes de regatas, que foram progressivamente se abrindo para outros esportes, como a natação, o atletismo e o tênis. Entre eles estavam a Società Italiana di Canottieri - Club Espéria, fundado em 1899, e o Clube de Regatas São Paulo, aberto em 1903. Nos anos seguintes seriam inaugurados outros dois clubes na região: o Clube de Regatas Tietê, em 1907, e a Associação Athletica São Paulo, em 1914. Localizados nas proximidades da Ponte Grande, essas associações rapidamente instigaram a atenção de milhares de pessoas, que assistiam as competições de remo que eram realizadas no rio Tietê. O rio também foi cenário de competições de natação, como foi o caso da prova “Travessia de São Paulo a nado”, organizada entre 1924 e 1928, e retomada a partir de 1932 até 1944¹⁸. Com efeito, o rio Pinheiros era, igualmente, local de prática de esportes: o Clube Germânia (hoje EC Pinheiros) foi fundado em 1899 pelo alemão Hans Nobiling, instalando-se em 1919 nos terrenos atuais da instituição (Viana, 1992).

Alguns materiais de arquivo dos anos prévios à inauguração do Pacaembu são significativos para demonstrar a força do esporte como campo de integração social: as fichas dos jovens esportistas associados à Federação Paulista de Esportes Aquáticos, disponíveis hoje no Arquivo Público do Estado de São Paulo, mostram centenas de crianças e adolescentes nascidos em lugares tão diferentes como China, Japão, Itália, Hungria, Lituânia, Checoslováquia ou Suécia, entre outros, participando da vida social de clubes como o Espéria, Regatas Tietê, Germânia, Ypiranga ou a Associação Athletica São Paulo. De certa forma, o poder público, ou pelo menos uma parte dele, como veremos nas próximas páginas em relação ao Departamento de Cultura, reconhecia esse poder do esporte. Isso pode explicar porque, durante essas primeiras décadas do século XX, a Prefeitura tenha cedido

¹⁸ “A XVIII Travessia de São Paulo a nado”. *Revista Brasileira de Educação Física*, 3, Março/1943.

obras. As despesas dos trabalhos seriam pagas pela Cia City, enquanto qualquer desapropriação e custos suplementares seriam cobertos pela Prefeitura. Com efeito, meses antes, a Prefeitura já havia feito algumas obras nos bueiros do córrego Pacaembu na altura da Rua das Palmeiras²³, o que também pode ser considerado como parte do plano de consolidação de uma estrutura base para o loteamento da região. Já no começo de 1925, a Cia City conseguiu que a Câmara Municipal aprovasse o melhoramento da encosta do vale, na área próxima à Avenida Higienópolis, o que permitiria a ligação dos lotes do fundo do vale com as áreas nobres dos bairros de Higienópolis e Vila Buarque²⁴. Por sua vez, a Companhia também avançava nos trabalhos na baixada da Avenida Paulista²⁵. Da mesma forma, a Prefeitura projetava a ampliação da rede de esgoto e águas pluviais da cidade, incluindo dentro do plano uma nova rede do Pacaembu até Vila Anastácio na Zona Oeste paulistana²⁶.

Durante a segunda metade da década de 1920, as obras de loteamento avançavam, mas eram poucos os terrenos onde já tinham sido construídas residências. A “*casta privilegiada dos automóveis e dos choferes impunes*” (Sevcenko, 1992) aproveitou isso e chegou também ao bairro do Pacaembu assim que suas “*ruas largas e pouco transitadas por pedestres*” foram pavimentadas. Isso transformou a região em um dos locais preferidos pelos motoristas para corridas clandestinas, especialmente aos domingos e feriados, quando “*tem-se ali a impressão de que se está num autódromo*”²⁷. Contudo, também foram organizadas competições oficiais de rua²⁸, tal como já vinha acontecendo na cidade desde a pavimentação da Avenida Paulista. A abertura de novas ruas e avenidas continuou sendo feita pela Cia City, tendo entregue uma boa parte do traçado viário da urbanização em agosto de 1927, quando a Câmara Municipal autorizou a Prefeitura a receber as áreas de terrenos que constituíam os leitos das novas ruas abertas no bairro pela companhia loteadora²⁹.

O início dessas primeiras obras em Pacaembu também dinamizou os bairros vizinhos: não foram poucos os anúncios de venda de palacetes no bairro de Perdizes³⁰, promovidos por sua localização próxima à nova Avenida Pacaembu. Da mesma forma, um ano depois foi iniciado o loteamento da região de Sumaré, chamada também como “Pacaembu de cima” em algumas publicidades da Sociedade Sumaré Ltda., loteadora dos terrenos³¹. A própria urbanizadora City começou, já em meados de 1925, uma agressiva campanha publicitária na imprensa escrita, salientando alguns atributos do que seria a compra de um terreno no novo bairro:

Dos terrenos de alta classe, são os do Pacaembu os melhores actualmente à venda na cidade de São Paulo, dada a sua situação privilegiada, preços razoáveis, condições suaves de pagamento a longo prazo e demais vantagens que, sob todos os pontos de vista, a Companhia City notoriamente garante aos seus clientes. Plantas e informações à Rua Libero Badaró, n. 144³².

²³ “O córrego Pacaembu tem defeitos que ameaçam a rua das Palmeiras”. A *Gazeta*, 3 de Abril de 1924, p. 6.

²⁴ Lei municipal núm. 2826/28 de Abril de 1925. “Aprova o melhoramento da encosta do Valle de Pacaembú, entre as ruas Rio de Janeiro e Mangueiras”.

²⁵ Aparentemente as obras da baixada da Avenida Paulista foram complexas. Em abril de 1925, aconteceu um acidente nos trabalhos das escavações que deixou vários operários gravemente feridos, após um grande deslizamento de terra cair sobre eles. “Sob um bloco de terra. Três operários feridos”. A *Gazeta*, 4 de Abril de 1925, p. 6.

²⁶ “A ampliação da rede de águas e exgottos da capital”. *Correio Paulistano*, 22 de Setembro de 1926, p. 4.

²⁷ “No Pacaembú. Um auto, em grande velocidade, tomba, ficando feridas três pessoas”. A *Gazeta*, 14 de Novembro de 1927, p. 8.

²⁸ “A grande prova automobilística do circuito de S. Paulo”. *Correio Paulistano*, 14 de Agosto de 1926, p. 8. “A rainha do volante”. A *Cigarra*, 285, Setembro/1926, p. 29. “Prova Rainha do Volante de 1927”. *Correio Paulistano*, 16 de Agosto de 1927, p. 8.

²⁹ “Autoriza à Prefeitura a receber da Cia. City of São Paulo Improvements, a título de doação livre, as áreas de terrenos que constituem os leitos das novas ruas que foram abertas no bairro de Pacaembu”. Câmara Municipal de São Paulo, Res. 458, 26 de Agosto de 1927.

³⁰ “Palacetes”. *Correio Paulistano*, 6 de Outubro de 1925, p. 11. “Palacete Novo”. *Correio Paulistano*, 13 de Setembro de 1927.

³¹ “Sumaré (Pacaembú de cima)”. A *Gazeta*, 25 de Junho de 1926, p. 5.

³² Anúncio Companhia City. *Correio Paulistano*, 6 de Setembro de 1925.

Imagem 6.6. Residência de D. Altimira de Oliveira, na Rua Bahia 121. Projeto e construção da Cia City, Pacaembu, São Paulo, 1928.

A propaganda, orientada especialmente às classes médias e altas da capital paulista oferecia bons preços e facilidades de pagamento, o que ficou ainda mais acentuado nos últimos anos da década, quando vários dos anúncios diziam que o dinheiro do aluguel bastaria para comprar a casa. A Cia City combinou, então, duas estratégias de venda. Por um lado, ofereceu residências já construídas, disponíveis imediatamente para ser ocupadas, tal como era o caso de um “*fino palacete de estilo normando, situado na Rua Avaré*”, com quatro quartos disponíveis, um “*grande e moderníssimo banheiro*”, hall, salas de visitas e jantar, um “*elegante salão de bilhar*”, além de garagem para dois automóveis³³. Isso também pode ser entendido como uma estratégia da própria Cia City de oferecer um repertório de possibilidades aos compradores dos terrenos, apresentando uma imagem de como o bairro poderia ser no futuro, o que pode ser corroborado pelas múltiplas referências publicadas na imprensa. Por outro lado, a Companhia também ofereceu preços promocionais àqueles que decidissem construir rapidamente nos lotes comprados, o que era um mecanismo de ampliação do mercado potencial de clientes da nova classe média, que ansiava em se transformar em proprietária de alguns dos diferentes empreendimentos imobiliários que estavam sendo desenvolvidos nos bairros e subúrbios paulistanos (Lira, 2011).

A Companhia City adianta capitais a prazo longo e juros moderados, para a construção de residências nos bairros de Pacaembu, Jardim América, Alto da Lapa, ou qualquer outro de sua propriedade, independentemente do pagamento integral do preço do terreno, cuja compra a Companhia também faculta a prazo longo, em prestações mensais, trimestrais ou semestrais³⁴.

Poder-se-ia pensar que a primeira das fórmulas da Cia City procurava combinar hábitos modernos residenciais (a ideia do lazer doméstico do bilhar ou a possibilidade de mais de uma vaga para automóvel) dentro de um palacete eclético à serviço das imensas ambições decorativas dos futuros moradores (Lira, 2011: 200). Ao passo que a segunda opção deixava em aberto a escolha de estilos e desenho de espaços ao comprador do lote. Contudo, isso é discutível, considerando que o regulamento da urbanização proibiu, desde a década de 1920, uma série de questões referentes a altura das residências e a ocupação máxima do lote que pretendiam preservar um certo elitismo do bairro. A regulamentação adicional, estabelecida pela Cia City, proibiu a construção de mais de uma casa no interior do lote, bem como a possibilidade de construção de qualquer prédio para habitação coletiva (Arruda, 1992). “*O bairro aristocrático por excelência*”, tal como era oferecido pela própria City, já tinha duzentos lotes vendidos em setembro de 1928³⁵.

³³ “Companhia City. Com o dinheiro do aluguel compre sua casa!”. *A Gazeta*, 22 de Abril de 1929, p. 3.

³⁴ Anúncio Companhia City. *Correio Paulistano*, 26 de Junho de 1927.

³⁵ “So há um Pacaembu!” *Correio Paulistano*, 9 de Setembro de 1928, p. 3.

Imagem 6.7. Residência Luiz da Silva Prado, projeto de Gregori Warchavchik. Vista da Rua Bahia, Pacaembu, São Paulo, 1930.

Mesmo assim, a construção das residências e a chegada de residentes ao bairro não será um processo incontestado. Conforme descreve Lira (2011: 210-211), foram diversas as críticas feitas à Casa Modernista da Rua Itapólis, projeto de Gregori Warchavchik, construído entre 1929 e 1930, e exposto entre os dias 24 de março e 20 de abril de 1930. A *casa-manifesto* que aproximou arte e arquitetura doméstica, tal como assinalou Herbst (2011), foi amplamente debatida em termos do que ela significava para a constituição de um novo habitar na metrópole. Patrocinada pela própria Cia City, a casa representava, segundo Sagawa (1998), uma aproximação ao ideal de integração artística da Bauhaus com obras de Tarsila de Amaral, Di Cavalcanti, Cícero Dias, Victor Brecheret e Anita Malfatti, entre outros, no seu interior. Enquanto Guilherme de Almeida qualificava o projeto como “*uma divisa moderna para um bairro moderno*” e Carlos Pinto Alves a definia como reflexo da “*vida moderna, árdua, mecanizada, esportiva e destemida*”³⁶, houveram outras miradas mais conservadoras – inclusive maldosas, como afirmou Bruand (1981) –, como a do arquiteto Christiano Stockler das Neves, que afirmou que a residência parecia mais um dos túmulos de concreto armado do Cemitério de Araçá que uma casa do bairro-jardim de Pacaembu, afetando o valor dos terrenos vizinhos³⁷. Nessa medida, fosse para criticá-lo negativamente ou para simplesmente conhecê-lo, o bairro entra no campo de interesse da comunidade arquitetônica, como, por exemplo, na ocasião da visita a São Paulo dos participantes do IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, no Rio de Janeiro, em junho de 1930. O Pacaembu foi parte dos marcos da cidade que conformaram o roteiro, que incluía, ainda, o Edifício Martinelli, o novo Mercado Municipal, a Penitenciária do Estado, o Cinema Odeón, a Estação Sorocabana, as obras da Faculdade de Medicina, e o bairro Jardim América, outro empreendimento imobiliário da Cia City³⁸.

Da mesma forma que a Companhia City patrocinou a Casa Modernista da rua Itapólis, ela construiu o palacete de estilo normando da rua Avaré. Ou seja, antes que uma adesão irrestrita a um determinado estilo, a urbanizadora parecia mais

³⁶ Cf.: Lira (2011: 210).

³⁷ As críticas à arquitetura modernista de Warchavchik foram feitas em um momento de duras controvérsias sobre os estilos arquitetônicos. Meses após o episódio, Warchavchik foi contratado por Lúcio Costa, diretor da Escola Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro (1930-1931), para participar do processo de reforma do ensino da instituição. Ainda que, durante a década de 1930, alguns novos prédios funcionalistas tenham sido construídos no centro de São Paulo, como foi o caso do Edifício Esther (projetado por Álvaro Vital e Adhemar Marinho, inaugurado em 1938), também estava sendo produzida uma arquitetura neocolonial, como foi o caso da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, projeto de Ricardo Severo inaugurado em 1939, um ano antes que o Estádio do Pacaembu. Cf.: Segawa (1998), Pinheiro (2012).

³⁸ “IV Congresso Pan-Americano de Architectos”. *Correio Paulistano*, 29 de Junho de 1929, p. 6.

Imagem 6.8. Levantamento aerofotogramétrico do bairro Pacaembu. As poucas casas construídas se localizavam próximas do bairro de Higienópolis e da Avenida Angélica. 1930.

interessada em definir seu bairro a partir do arruamento, da regulamentação de alturas e recuos, da orientação das casas. Isso não quer dizer, como analisamos acima, que os projetos residenciais que começavam a ser construídos no bairro não gerassem debate na comunidade de arquitetos da cidade. Se as linguagens de vanguarda de algumas residências podiam ser um elemento de tensão dentro do bairro de Pacaembu, também o foi a continuidade de algumas práticas existentes na região, pelo menos, desde meados da década de 1910. No início de 1931, um leitor de *A Gazeta* encaminhou uma reclamação ao jornal, pedindo mais policiamento para a área. Seu protesto pareceu uma expressão da elitização do bairro e dos preconceitos dos novos moradores em relação à algumas práticas populares:

Em nome de vários moradores do bairro do Pacaembu, escreve-nos um leitor pedindo-nos que solicitemos a quem de direito providências no sentido de ser melhorado e ampliado o policiamento desse local. Aí há grande número de campos de futebol, onde diariamente joga toda casta de indivíduos, cuja maioria é composta de vagabundos. A passagem de senhoras, ali, é quase impossível, pois as que a isso se arriscam, expõem-se a toda sorte de gracejos baixos e soezes. Como é de ver, tais abusos se verificam apenas pela deficiente, ou quase total falta de policiamento³⁹.

Do mesmo modo como na década anterior, a região permaneceu, como assinalou ironicamente *A Gazeta*, sendo “o ponto preferido pelos moços boêmios para o seu passeio noturno”. Encontros amorosos e consumo de bebidas foram, aparentemente, comuns nas noites do descampado Pacaembu, o que fez com que houvessem, mais de uma vez, roubos com armas, especialmente nas imediações da “biquinha”⁴⁰ – uma fonte de água localizada na cabeceira do vale, instalada pela Cia City em 1926 nos terrenos reservados para a construção do Estádio Municipal, provavelmente como uma das ações da urbanizadora para tornar o bairro mais

³⁹ “O bairro do Pacaembu precisa ser melhor policiado, para evitar abusos de certos vagabundos”. *A Gazeta*, 26 de Fevereiro de 1931, p. 9.

⁴⁰ O mais famoso dos crimes acontecidos na biquinha do Pacaembu aconteceu em Janeiro de 1929, quando a imprensa noticiou que um casal teria sido roubado durante um passeio noturno pela região. O ladrão teria dado um tiro em José de Barros Poyares, jovem “da nossa alta sociedade”, como afirmou *A Gazeta*, que teria falecido no local. As pesquisas criminalísticas mostraram que, na realidade, o homem foi assassinado por sua mulher, Masia das Neves Castagneri. Cf.: “O passeio da morte”. *A Gazeta*, 14 de Janeiro de 1929, p. 8.

Imagem 6.9. Vista da região do Vale do Pacaembu que fazia parte de anúncio publicitário da Cia City. Em primeiro plano, os prédios da Faculdade de Medicina e o Cemitério do Araçá. No centro da imagem, o Asilo dos Expostos. Como na imagem anterior, as poucas residências edificadas estavam localizadas próximas da Avenida Angélica e do bairro de Higienópolis. 1934.

aprazível⁴¹. Ali foram cometidos até assassinatos⁴², o que levou à *Folha da Noite* a definir a Pacaembu como “o cenário predilecto dos protagonistas de todas as nossas tragédias mais ou menos passionais”⁴³. Foram comuns também os assaltos aos poucos motoristas e *chauffeurs* que atravessavam o bairro com rumo à Avenida Paulista⁴⁴, assim como aos transeuntes noturnos da região⁴⁵. Igualmente, foram noticiados roubos a alguns dos poucos palacetes habitados no início da década de 1930, como foi o caso uma propriedade da rua Novo Horizonte⁴⁶.

Durante esses anos outros acontecimentos evidenciaram a lenta comercialização de lotes e as dificuldades que a Cia City tinha para seduzir os compradores para construir suas residências rapidamente. Em 1932, durante os meses da chamada Revolução Constitucionalista, o Batalhão de Caçadores Paulistas, acantonado no Quartel de Arouche, fez várias jornadas de exercícios militares e combates simulados no Vale do Pacaembu⁴⁷, enquanto o MMDC organizou um curso de oficiais de emergência na área⁴⁸. Alguns meses mais tarde, uma notícia na seção de queixas e reclamações de *A Gazeta* volta a alertar sobre a lenta urbanização da região: um grupo de residentes do bairro reclamava pelo barulho noturno de algumas vacas que pastavam na região, perturbando “o sono e o sossego” dos moradores⁴⁹. Esse episódio, tal como a icônica fotografia de Claude Lévi-Strauss (c.1937) das vacas em meio aos bondes na Rua da Liberdade⁵⁰, dá conta de uma cidade em um processo de transição acelerada, de avanços a ritmos sincopados, no qual o convívio da mais dinâmica modernidade com o provincianismo tradicional da sociedade era uma constante.

Aparentemente, a Cia City enfrentava os embates de uma realidade econômica que dificultava a rápida construção das residências. Essa questão é ratificada por

⁴¹ Existente até hoje, a pedra da fonte está localizada dentro do complexo esportivo do Pacaembu, perto da piscina e do ginásio.

⁴² “Nos campos de Pacaembu, uma moça de côr preta é atingida por uma bala”. *Correio Paulistano*, 4 de Fevereiro de 1926, p. 4. “O crime de Pacaembu”. *A Gazeta*, 6 de Fevereiro de 1926, p. 8.

⁴³ “O Pacaembu trágico”. *Folha da Noite*, 6 de Junho de 1931, p. 2.

⁴⁴ “Continuam os crimes contra os automobilistas. Um chauffeur assaltado no Pacaembu, próximo à avenida Paulista”. *Diário Nacional*, 31 de Março de 1928, p. 8. “A cidade está entregue aos assaltantes”. *Diário Nacional*, 19 de Janeiro de 1929, p. 12.

⁴⁵ “Uma garçonette atacada e gravemente ferida na rua Juvenal Parada”. *Diário Nacional*, 26 de Janeiro de 1929, p. 4.

⁴⁶ “Os assaltos estão se repetindo com mais audácia”. *Diário Nacional*, 23 de Maio de 1930, p. 10.

⁴⁷ “O Batalhão de Caçadores Paulistas”. *A Gazeta*, 11 de Julho de 1932, p. 4.

⁴⁸ “Officiaes de emergencia do M.M.D.C.”. *Folha da Noite*, 2 de Setembro de 1932, p. 1.

⁴⁹ “Reclamam os moradores do Pacaembu”. *A Gazeta*, 20 de Janeiro de 1933, p. 3.

⁵⁰ Rua da Liberdade, c. 1937. Bairro da Liberdade, São Paulo. Foto de Claude Lévi-Strauss. Acervo Instituto Moreira Salles. Cf.: <https://ims.com.br/titular-colecao/claude-levi-strauss/>. Acessado em: 8 de Novembro de 2018.

algumas estatísticas da atividade imobiliária da época, que mostram que, ainda que a construção de habitações tivesse aumentado por volta de 75% no período 1926-1936, a grande crise de 1929 e os abalos políticos que agitaram o Brasil entre 1930 e 1932 afetaram a dinâmica imobiliária na cidade⁵¹. Certamente, existiu uma pressão da Companhia City no Governo Estadual e na Prefeitura para que levassem à frente o projeto de construção do Estádio no grande terreno vazio reservado para isso, tal como descreveram Peixoto-Mehrtens (2010) e Atique (et al., 2015). No início da década de 1930, o terreno abandonado se transformou em um obstáculo à venda dos lotes vizinhos, e a edificação do complexo esportivo se transformou em uma necessidade para impulsionar, novamente, a venda de lotes e incrementar seu valor, além de acelerar o desenvolvimento urbano da região.

A Cia City não foi a única interessada na concretização do projeto de Estádio no Pacaembu, pois também existiram interesses e pressões de outros segmentos da sociedade para impulsionar a construção de um grande complexo esportivo para São Paulo. Desde 1925, quase simultaneamente com as primeiras obras de loteamento, foram publicadas notícias sobre a construção de um estádio no vale do Pacaembu. Uma das primeiras iniciativas teria sido da Federação Paulista de Atletismo, em conjunto com a Associação Paulista de Esportes Atléticos⁵² – entidade organizadora do Campeonato Paulista de Futebol de 1913 até 1936, quando a Liga de Futebol do Estado de São Paulo, apoiada pela Confederação Brasileira de Desportos, transformou-se em hegemônica. Salvo engano, essa ideia não passou de um simples intercâmbio de boatos, pois não foram publicadas muitas informações sobre o projeto nem sobre planos financeiros para executar obras. Bem mais séria foi a discussão sobre a possibilidade de construir um Estádio Universitário e uma sede para a Casa do Estudante no fundo do Vale de Pacaembu, iniciada em meados de 1930⁵³. Inspirada no exemplo dos campos esportivos das universidades estadunidenses, inglesas e alemãs⁵⁴, a associação formada por estudantes das Faculdades de Direito e de Medicina, da Escola Politécnica e da Escola de Engenharia, da Mackenzie, solicitaram a Heitor Penteado, naquele momento Vice-Presidente do Estado de São Paulo, a cessão do terreno que o governo estadual tinha recebido da Companhia City em 1921, durante a administração de Washington Luís, para a construção de um complexo esportivo na cidade:

A Casa do Estudante foi criada com o intuito de proporcionar à classe acadêmica aquilo que até hoje lhe tem faltado: educação física, maior sociabilidade entre os seus membros e suavização econômica da vida. Para a execução do seu programa social e educativo, aquela associação resolveu iniciar as suas atividades pela construção do Estádio Universitário, visto que com isso atenderia, desde logo, a duas necessidades primordiais: união da classe e uma fonte de renda para custear as outras construções constantes do seu programa: dormitórios e clube universitário. (...) É sabido que uma Universidade se compõe de três partes: a de ensino, a residencial e a esportiva. Para a parte esportiva e talvez mesmo para a residencial não há em Pinheiros local com dimensões suficientes. Próximo existe um único terreno pertencente ao Estado que serviria para localizar aquelas construções: é o do Pacaembu, cedido em 1921 pela Cia. City, terreno esse pleiteado pela Casa do Estudante. Negar o pedido daquela entidade equivale a colocar, futuramente, a residência dos alunos e o Estádio Universitário em lugar afastado da Universidade. Para tal não acontecer, serão necessárias grandes despesas com desapropriações. A objeção feita de que o governo precisa construir um estádio e que por isso não poderá ceder aquele imóvel, não procede, visto que ele tem, próximo da cidade, no local onde está sendo construído o prédio Instituto Biológico, vastos terrenos, perfeitamente aproveitáveis para tal fim⁵⁵.

⁵¹ Cf.: Brito (1939: 368). Segundo Rose (2001), as classes mais abastadas de São Paulo preocupavam-se de estar perdendo dinheiro durante o governo Vargas e suas perspectivas de futuro não eram promissoras. A solução passava por achar uma fórmula de voltar ao sistema de divisão de poder que lhes devolvesse o controle da economia e da política paulista. A guerra civil da Revolução Constitucionalista estava em processo.

⁵² “O Estádio Paulista”. *A Gazeta*, 9 de Outubro de 1925, p. 5.

⁵³ “Estádio Universitário”. *A Gazeta*, 10 de Junho de 1930, p. 10.

⁵⁴ “Os nossos académicos querem construir no Pacaembú o Estádio Universitário”. *Diário Nacional*, 11 de Junho de 1930, p. 8.

⁵⁵ “A Casa do Estudante”. *A Gazeta*, 17 de Setembro de 1930, p. 5.

Os estudantes estavam decididos a conseguir o local do Pacaembu, considerado ideal pela sua centralidade e fácil acesso de distintos cantos da cidade, tal como afirmou o Presidente do Centro Académico Oswaldo Cruz⁵⁶. Mesmo que aquele grêmio tivesse seu próprio campo de esportes, ao lado da Faculdade de Medicina, o objetivo era que um só local reunisse as atividades físicas e recreativas dos estudantes de todas as escolas superiores da cidade. De alguma forma, essa ideia dos estudantes universitários paulistas estava relacionada com o desejo de segmentos das autoridades das escolas superiores da cidade por conformar a Universidade de São Paulo, questão que só começaria a tomar forma a partir de janeiro de 1934, com a sanção do decreto de criação da USP, e em junho de 1935, quando foi constituída a comissão para escolher o local para a Cidade Universitária (Xavier, 2005).

De fato, a ideia de um estádio de propriedade pública estava sendo discutida nos círculos universitários, como demonstra o trabalho de conclusão do curso na Mackenzie, de 1927, dos engenheiros-arquitetos Plínio Botelho do Amaral⁵⁷ e Evaristo Valladares Costa, dedicado a um estádio poliesportivo no bairro do Pacaembu⁵⁸. Publicado na *Revista de Engenharia Mackenzie*⁵⁹ – primeiro em 1928 e, logo, em 1930, já como uma versão modificada da tese –, o projeto tem várias das características do complexo esportivo projetado pelo Escritório Ramos e Azevedo, Severo e Villares⁶⁰, que acabaria sendo inaugurado em 1940. O estádio estava estruturado por um eixo central norte-sul, enquanto a disposição das arquibancadas era em forma de U.

A proposta de Botelho e Valladares se localizava no mesmo terreno reservado pela Cia City no fundo do Vale, ainda que na primeira versão a utilização do lote fosse menor (4,8 hectares), pois o complexo só estava composto por dois grandes volumes – estádio e ginásio –, além de uma quadra de tênis e outra de basquete, colocadas nos espaços restantes entre os dois grandes edifícios. O estádio teria um acesso monumental, composto por um arco de 8 metros de pé direito e 6 de largura, sobre o qual estaria localizada a tribuna de honra. Embaixo da arquibancada norte seriam construídas as bilheteria, um bar e alguns depósitos. Por sua vez, as arquibancadas leste e oeste teriam algumas áreas cobertas, totalizando uma lotação máxima de 63 mil pessoas no interior do estádio. O campo de futebol estaria circundado por duas pistas de atletismo, de 400 e 500 metros de comprimento. Do lado oposto à entrada monumental seria construído o edifício do ginásio, planejado como um prédio de dois pavimentos. Enquanto o térreo abrigaria um ginásio retangular para a prática de ginástica sueca, basquete, hóquei em patins e boxe, além de vestiários, banheiros e salas técnicas, no subsolo seria localizada uma piscina de 33 metros de comprimento, destinada à prática de esportes aquáticos. Como afirma o memorial do projeto, a fachada do ginásio “compõe-se de um corpo central formado por uma série de arcos separados por colunas. Nos extremos do corpo central foram colocados nichos os quais protegem dois guerreiros: Romano e Grego”. A versão de 1930⁶¹ mantinha os desenhos do estádio e do ginásio e incorporava um estádio de tênis no fundo do terreno, na área sul do complexo, assemelhando-se ainda mais à utilização do terreno que acabou sendo escolhida na proposta de Severo e Villares. Essa versão ampliada do

⁵⁶ “O Clube Universitário conta com uma boa praça de esportes”. *Folha da Noite*, 31 de Janeiro de 1931, p. 6.

⁵⁷ Botelho do Amaral era também esportista, especificamente atleta e esgrimista do Clube Atlético Paulistano e da Mackenzie nas competições universitárias. Logo, tornou-se Juiz de atletismo, Diretor (1931) e até Presidente (1932-1933) da Federação Paulista de Atletismo. Engenheiro-arquiteto, construtor licenciado pela Prefeitura desde 1929, nos anos seguintes desenvolveu alguns projetos de arquitetura esportiva e de lazer, como um campo de minigolfe para a Sociedade Hípica Paulista (1931) e o estádio do CR Tietê-São Paulo FC (1937). Ademais, foi delegado da equipe brasileira nos Jogos Olímpicos de Los Angeles-1932, diretor do São Paulo FC (1935) e Presidente do Comitê Olímpico Universitário Brasileiro (1935). Segundo Ficher (2005), o engenheiro-arquiteto da Politécnica, Ícaro de Castro Mello, outro arquiteto-esportista do meio paulista, trabalhou como estagiário no escritório de Plínio Botelho de Amaral de 1933 até 1936.

⁵⁸ “O Palácio do Congresso”. *Correio Paulistano*, 26 de Fevereiro de 1929, p. 7. Cf.: Alvim et al. (2017).

⁵⁹ “Projecto de um estádio no Pacaembu”. *Revista de Engenharia Mackenzie*, 46, Março/1928, pp. 32-36.

⁶⁰ Como afirma Mello (2005b), mesmo após a morte de Francisco Ramos de Azevedo, em 1928, o escritório continuou levando seu nome até 1938, quando passou a se chamar Severo & Villares Cia Ltda.

⁶¹ “Página de Architectura”. *Revista de Engenharia Mackenzie*, 52-53, Junho/1930, pp. 102-104.

Imagens 6.10 - 6.12. Projeto dos estudantes de engenharia Plínio Plínio Botelho do Amaral e Evaristo Valladares Costa para um Estádio no Pacaembu. Planta, fachada do estádio e fachada do ginásio. 1928.

Imagens 6.13. - 6.15. Versão corrigida do projeto dos estudantes de engenharia Plínio Plínio Botelho do Amaral e Evaristo Valladares Costa para um Estádio no Pacaembu. Perspectiva, fachada do ginásio e fachada do estádio. 1930.

projeto dispôs de um terreno maior. Nos fundos do lote foram localizadas várias quadras de tênis, além um jardim rodeado por esculturas clássicas, elemento que também perdurou no projeto final do Estádio através da reprodução do David de Michelangelo, localizada na lateral leste da concha acústica⁶².

Até agora não temos certeza se Botelho do Amaral e Valladares Costa foram contratados pelo Escritório para desenvolver sua proposta, ou se alguns conceitos desse trabalho universitário acabaram sendo copiados pelos projetistas que, finalmente, produziram os desenhos e planos para o Estádio Municipal. Ambas opções expressam uma questão. Ora, o projeto vinha sendo imaginado e discutido fazia vários anos, muito antes da gestão de Fábio Prado como Prefeito da cidade (1934-1938), quando foram iniciadas as obras. Assim, mesmo existindo diferenças estilísticas e programáticas – por exemplo, o edifício de alojamento de atletas da proposta dos universitários acabou sendo substituído pela concha acústica, enquanto o conjunto aquático ganhou uma importância maior no projeto final –, existiram evidentes ligações entre o trabalho de conclusão do curso de Engenharia e o projeto que acabou sendo inaugurado em 1940.

A ideia da Casa do Estudante estava respaldada também por alguns acadêmicos universitários, que solicitaram à Câmara de Deputados a cessão do terreno para a construção de um Estádio para a “*sonhada Universidade de São Paulo*”⁶³. Hermes Lima, professor da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, afirmava que a futura Universidade já contava com três escolas superiores e centros científicos de estudo e pesquisa, como o Instituto Biológico e o Butantan, mas carecia de um centro de desenvolvimento da cultura física, o que completaria o projeto científico-cultural universitário.

Em 1931, algumas notas de imprensa também divulgaram que o São Paulo Futebol Clube (SPFC) tinha comprado um grande terreno dentro do Pacaembu, diferente do que tinha sido solicitado pela Casa de Estudante ao governo estadual. Até aquele momento usuário do estádio da Chácara da Floresta, o novo SPFC, surgido em 1930 da fusão da AA das Palmeiras e setores do Paulistano, rapidamente conseguiu excelentes resultados no campo de futebol, o que o popularizou entre os torcedores paulistanos. Isso deve ter ajudado que a diretoria do clube avaliasse a possibilidade de construir um novo estádio de maior capacidade. A suposta compra do terreno não era real, mas o interesse pela possibilidade de ter seu próprio estádio na região se manteve, pelo menos, até 1933, quando vazaram notícias de um possível pedido de concessão do estádio pela diretoria *tricolor*.

É difícil não relacionar esse interesse por um novo e moderno complexo esportivo com as obras que estavam prontas para ser inauguradas a poucos quilômetros do Pacaembu: no dia 13 de agosto de 1933, o clube Palestra Italia inaugurou suas novas arquibancadas de concreto armado em um jogo do Torneio Rio-São Paulo contra o EC Bangú (Atique et al., 2015), que substituíram as velhas estruturas de madeira. Tal acontecimento deve ter estabelecido um novo patamar em relação ao que os maiores clubes esportivos de futebol da cidade deveriam fazer para atrair um maior número de torcedores e, assim, incrementar a venda de ingressos dos jogos. Segundo o *Correio de São Paulo*, o SPFC tinha cogitado a possibilidade de solicitar ao poder público a concessão do terreno do fundo do vale do Pacaembu, onde executaria as obras de edificação do seu estádio, que viria substituir seu velho campo das margens do Tietê⁶⁴. As negociações do SPFC, segundo o jornal,

⁶² A reprodução do David de Michelangelo ficou no interior, entre a concha acústica e a arquibancada leste, até a reforma de 1969-1970 do estádio, que acabaria com a demolição da concha acústica e do salão de festas. A construção de um novo volume de arquibancadas, conhecido como o “tobogã”, fez que a estátua do David fosse retirada dali e colocada na Praça Charles Miller, o que pode ser interpretado como um apelo à origem do esporte no mundo clássico. Em 1974, a Prefeitura transferiu a obra para o acesso principal do Centro Educativo, Recreativo e Esportivo do Trabalhador (CERET), um parque inaugurado esse mesmo ano no bairro de Tatuapé. Como hipótese, podemos dizer que quem decidiu o traslado pode ter associado a estátua do David com a fachada do Parque, composta por arcos que relembram a alguns projetos arquitetônicos do fascismo italiano, como o Palazzo della Civiltà Italiana ou o Foro Mussolini.

⁶³ “A Universidade de S. Paulo”. *Correio Paulistano*, 8 de Agosto de 1930, p. 2.

⁶⁴ “O S. Paulo F. C. e o Valle do Pacaembu”. *Correio de S. Paulo*, 5 de Agosto de 1933, p. 7.

teriam sido motivadas pela ameaça de uma eventual desapropriação do seu campo como parte das obras de retificação do Rio Tietê, projeto que estava em curso desde 1923, quando foi constituída a Comissão de Melhoramentos do rio (Brito, 1926). Algumas semanas depois, um diretor do SPFC desmentiu tal possibilidade afirmando que o clube não tinha intenções de deixar o campo da Floresta, mas também dizendo que estava sendo estudando a possibilidade de construir um estádio na região de Pacaembu⁶⁵.

Essa informação coincide com algumas das sigilosas negociações que estavam sendo levadas a cabo entre o SPFC, a Cia City e o Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo e Villares desde inícios de 1933. O Escritório cooperaria no financiamento de uma proporção das despesas da City na construção do Estádio, desde que a urbanizadora conseguisse que o governo escolhesse a tradicional firma de arquitetura para desenvolver o projeto (Peixoto-Mehrtens, 2010: 141). A City conseguiria também a concessão do estádio para o clube *tricolor*, mas o SPFC cederia os direitos comerciais e de publicidade do complexo esportivo para a Companhia. As três entidades já tinham interesses para trabalhar juntas, o que só cresceu quando, em agosto de 1933, designaram Armando Sales de Oliveira como interventor federal: a Cia City e o escritório de arquitetura precisavam do clube *tricolor*, uma vez que seu Presidente, Horácio Belfort Sabino, era amigo de longa data da nova autoridade (Peixoto-Mehrtens, 2010: 141-142).

Em paralelo ao avanço da negociação para um Estádio Municipal no Vale de Pacaembu, outros estádios e campos esportivos eram também imaginados no interior de outros terrenos públicos, o que parece ter sido uma busca de alternativas viáveis aos terrenos da Cia City. Esse foi o caso, por exemplo, dos sucessivos projetos para um campo esportivo dentro do Parque Ibirapuera, desde inícios da década de 1930. De acordo com o estudo de Barone (2018), em 1929 a gestão do Prefeito Pires do Rio autorizou a transferência do Jockey Clube para os terrenos do Parque. Até esse momento localizado no bairro da Mooca, o Hipódromo paulistano ocuparia um vasto espaço no interior do terreno reservado para o Parque. Em 1928, a proposta tinha sido encaminhada à Câmara pelo vereador Goffredo da Silva Telles e, quando Prefeito da cidade, em 1932, ele aprovou um projeto para a implantação do hipódromo no Ibirapuera. A proposta foi realizada pelo paisagista Reinaldo Dierberger, que, além do hipódromo, reservou terrenos para a construção de um estádio e um complexo de piscinas. Segundo a diretoria do Jockey Clube, a troca de terrenos era desfavorável para sua instituição, pelo que solicitaram ao poder público um pagamento compensatório, o que foi rejeitado pela Prefeitura. Barone explica que a Prefeitura estava interessada nos terrenos da Mooca, em razão das possibilidades que aquele espaço permitia para construir uma área de praças infantis e lazer ao ar livre dentro de uma região popular. Isso foi defendido por alguns membros da Sociedade de Amigos da Cidade (SAC), uma organização participante do debate público sobre as transformações e os investimentos públicos desenvolvidos pelo poder público. Da mesma forma, essa possibilidade estava alinhada com a valorização das áreas verdes e *playgrounds* para as regiões densamente habitadas da cidade, o que apareceu no Plano de Avenidas, de Francisco Prestes Maia, trabalho encomendado pelo próprio Prefeito Pires do Rio, em 1930, e que serviria também como precedente para o programa de Parques Infantis do Departamento de Cultura de Mário de Andrade.

A rejeição do Jockey Clube à contraproposta da Prefeitura fez que o projeto para o bairro da Mooca não fosse executado. Por sua vez, o Hipódromo recebeu uma proposta da mesmíssima Cia City, que ofereceu a doação de um terreno no bairro de Cidade Jardim, área na região sudoeste de São Paulo, onde a companhia loteadora também desenvolvia um dos seus novos empreendimentos. Assim como no Vale do Pacaembu, o Hipódromo era funcional aos seus interesses, pois se esperava que a chegada do clube fosse útil para valorizar os lotes residenciais localizados nas proximidades do rio Pinheiros. Tal como o hipódromo, o estádio e o conjunto aquático do Parque Ibirapuera seriam esquecidos, e esses programas esportivos

65 “O S. Paulo F. C. não vae dispor do seu campo na Floresta”. A Gazeta, 25 de Agosto de 1933, p. 7.

só voltariam a ser discutidos no início da década de 1950, quando era debatido o calendário esportivo das comemorações do IV Centenário da cidade, o que analisaremos no sétimo e último capítulo da tese.

O estádio do Departamento de Cultura

A nomeação de Fábio Prado como Prefeito de São Paulo durante a intervenção federal de Armando Sales de Oliveira, em 1934, mudou o rumo da discussão sobre a construção de um estádio para a cidade de São Paulo. Já no começo de 1935 a imprensa noticiou o acordo entre a Cia City e a Prefeitura de São Paulo para executar as obras de construção do Estádio Municipal no Vale do Pacaembu. Alguns desses textos utilizaram um tom prestigioso para se referir ao novo complexo esportivo. Por exemplo, o *Correio de São Paulo*, descreve o Estádio como mais um grande enfeite para a Avenida Paulista, tal como a reforma do monumento a Olavo Bilac que, por esses dias, era construído no belvedere localizado no remate da avenida, com patrocínio da Liga Nacionalista e do Centro XI de Agosto⁶⁶. O estádio, que começava a ser catalogado como um dos maiores do mundo antes mesmo de começarem suas obras⁶⁷, era apresentado não só como “um grande centro de cultura física e artística, mas também de educação física e social”. As primeiras informações revelaram um programa multipropósito para o Estádio Municipal, que incluiu o coliseu central – campo de futebol, pistas atléticas –, um palco para grandes concertos sinfônicos e corais, um ginásio coberto, uma piscina para diversos esportes aquáticos, um complexo de tênis e uma área de *playground*, que incluiria um ginásio aberto e uma área de brinquedos para crianças. Em março de 1935, a imprensa começou a noticiar que a execução dessas obras demoraria um prazo máximo de 24 meses e seria levada a cabo pela própria Cia City.

Em paralelo à negociação pela construção do Estádio, o Prefeito Fábio Prado avançava na constituição de uma nova instituição municipal que, nos anos seguintes, estaria fortemente envolvida nas decisões referentes à edificação do complexo esportivo. No dia 30 de maio de 1935, foi sancionado o decreto de fundação do Departamento de Cultura municipal, que seria dirigido por Mário de Andrade. A equipe também teria a participação de outros importantes membros do meio intelectual paulista, como Nicanor Miranda (Educação e Recreio), Eurico de Goes (Bibliotecas) e Sérgio Milliet (Documentação Histórica e Social). A constituição do Departamento de Cultura será fundamental dentro da história do Estádio do Pacaembu, pois será essa instituição que ficará encarregada, por meio do Departamento de Educação e Recreio, do desenvolvimento do esporte e do lazer na cidade, assim como da gestão dos projetos de edificação de equipamentos esportivos. A responsabilidade pela realização do projeto do Estádio Municipal ficou com o Departamento de Cultura, o que é revelador das intenções que a Administração de Fábio Prado tinha para esse novo espaço público da cidade. O esporte, como prática e espetáculo, era compreendido como parte de processos maiores relacionados com a promoção da atividade física, a provisão de lazer e a formação de um certo tipo de cultura cívica. A construção do Estádio Municipal, junto com o programa de Parques Infantis, seriam os principais projetos de infraestrutura do Departamento de Cultura. Em comparação com várias das outras experiências estudadas nesta tese, chama a atenção que o poder público paulistano tenha decidido localizar institucionalmente o impulso ao esporte, lazer e recreação dentro de um organismo de promoção cultural, ao invés de uma Direção de Obras Públicas ou de Parques Públicos. Essa particularidade paulistana pode ser explicada pelas visões atribuídas por alguns segmentos das elites paulistanas à função social do recreio e do lazer, que seriam uma parte constitutiva da formação das pessoas, bem como elementos indispensáveis para a formação da força de trabalho.

⁶⁶ “Para maior beleza de nossa Avenida Paulista”. *Correio de S. Paulo*, 7 de Fevereiro de 1935, p. 3. “Os melhoramentos projectados para a remodelação da praça central da Avenida Paulista”. *Folha da Noite*, 21 de Fevereiro de 1935, p. 5.

⁶⁷ “O estádio que S. Paulo irá ter no Pacaembú rivalizará com os maiores do mundo”. *Correio de S. Paulo*, 11 de Março de 1935, p. 7.

Com efeito, isso não significa que as relações entre as visões sobre o esporte e a cultura física do Departamento de Cultura não tivessem gerado discussões dentro da sociedade paulistana, especialmente entre alguns segmentos da juventude, um dos principais beneficiários do impulso à prática esportiva e à construção de edifícios orientados para esses fins. “Se o Departamento de Cultura se voltasse contra o esporte, seria desmentir-se a si próprio”, foi a manchete do dia 1 de fevereiro de 1936⁶⁸. As palavras foram ditas pelo Diretor do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, Mário de Andrade. Alguns dias antes, o Departamento tinha publicado o edital para um concurso de peças teatrais, cujo tema devia basear-se no seguinte argumento: “Uma comédia cujo assunto deverá de qualquer modo criticar ou mesmo satirizar, a paixão desordenada da mocidade pelos esportes, em detrimento da cultura intelectual”. A indignação da comunidade esportiva da cidade, especialmente a universitária, não demorou em manifestar-se. Mário de Andrade explicou as intenções do concurso, mostrando-se surpreso pela reação de parte do público, que não teria compreendido que o intuito era discutir o desequilíbrio entre o desenfreado interesse pelo esporte em detrimento da “cultura intelectual”, mas sem especificar demasiado o que isso significava. Porém, ele aproveitou a oportunidade para defender o trabalho do Departamento, especialmente da Seção de Esporte e Recreação, dirigida por Nicanor Miranda, apresentando os diferentes projetos de infraestrutura esportiva que sua pasta estava desenvolvendo:

Já estamos em estudos para a construção, ainda este ano, de um primeiro campo público de atletismo, assim como de uma piscina pública. A esses outros campos e piscinas se seguirão, todos regulamentados com assistência médica, etc. Por outro lado, ainda existe o Estádio, que apenas não está iniciado, mas cujos estudos já estão feitos e até o local escolhido. Cumpre ainda dizer que, nos Parques Infantis o esporte é sistematicamente cultivado e até já recebemos censuras pelo exagero de alguns dos jogos escolhidos⁶⁹.

Alguns dias depois, o Inspetor Regional de Educação Física, Mário Miranda Rosa, publicou uma nota analisando a controvérsia pública suscitada pelo concurso⁷⁰. No seu entender, o texto do edital poderia ser considerado excessivo em sua redação, mas o diagnóstico estava certo, mesmo que isso causasse raiva em alguns esportistas. O principal problema estava na profissionalização do esporte e no interesse desmedido pelo espetáculo das competições, em detrimento do impulso à educação física como prática cotidiana, necessária para o cuidado do corpo e da formação da “personalidade futura”. Seu texto estava influenciado pelo trabalho de dois intelectuais da época: o médico e endocrinologista espanhol Gregorio Marañón, e o educador e intelectual Fernando de Azevedo. Do primeiro, Rosa resgatava a ideia do esporte competitivo como prejuízo físico e moral para os competidores – que nunca seriam máquinas prontas para funcionar a qualquer momento que seus clubes desejassem. Em relação a Azevedo⁷¹, ele salientava sua visão em relação à educação física como elemento central do processo da formação dos indivíduos, prática pedagógica que nunca deveria estar orientada ao “endeusamento tão prejudicial na formação dos falsos campeões”.

⁶⁸ “Se o Departamento de Cultura se voltasse contra o esporte, seria desmentir-se a si próprio”. *Correio de S. Paulo*, 1 de Fevereiro de 1936, p. 1.

⁶⁹ *Ibid.*

⁷⁰ “Gregory Maranon e a paixão da mocidade pelos esportes”. *Correio de S. Paulo*, 5 de Fevereiro de 1936, p. 4.

⁷¹ Em 1916, Fernando de Azevedo prestou concurso para a vaga de professor de educação física no Ginásio Mineiro, apresentado seu trabalho “A poesia do corpo”, escrito o ano anterior. Nesse texto, ele defende uma concepção da educação e dos processos pedagógicos em que exista um equilíbrio entre corpo e espírito. Para ele, através educação física seria possível impulsionar uma cultura do trabalho coletivo, do esforço e da perseverança, em oposição ao hedonismo e à moral do prazer, tal como afirma Camargo (2006). Em 1920, Azevedo publicou “De educação física”, no qual defende a necessidade de construir campos de jogos, piscinas e campos esportivos em todas as regiões urbanas, mas especialmente nos bairros operários, onde a educação física seria uma questão de higiene social e equidade. É interessante que, tal como vários pedagogos da época, Azevedo se interessa pela experiência uruguaia de praças de jogos infantis, instaurada em Montevideu pela Comissão Nacional de Educação Física, em 1911. Cf.: Piletti (1994).

Os estudantes da Politécnica não tardaram em responder a Mário de Andrade, perguntando-lhe por que, afinal, nos países de “grande cultura intelectual” o esporte era promovido pelo governo, fazendo parte de um projeto civilizatório maior⁷². O texto dos representantes dos estudantes de Engenharia o acusava de querer “envenenar o ambiente para o progresso do esporte”, enquanto informava a transformação da “boemia dos estudantes de outrora”, fieis “aos bares e botequins da cidade”, em muito diferente das gerações estudantis do momento, que tinham incorporado o princípio da união do “intelecto ao físico robusto”. Tal como nas principais universidades norte-americanas, o esporte ganhava espaço entre os universitários paulistas, o que já tinha sido demonstrado, primeiro, em 1934, com a fundação da Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE)⁷³, e, logo depois, em 1935, com a organização da primeira versão das olimpíadas universitárias do Brasil, sediadas em São Paulo, com a participação de delegações cariocas, fluminenses e mineiras⁷⁴.

O que estava em jogo na declaração de Mário de Andrade e nas réplicas dos diferentes agentes? O debate se assemelhava um pouco às cenas do filme hollywoodiano *College* (1927), de Buster Keaton, em que o protagonista, um calouro universitário, despreza a vida esportiva, mas se sente obrigado a participar dela, pois disso depende sua vida social e amorosa universitária. Por sua vez, as explicações de Mário de Andrade ao texto escolhido para o edital lembram a entrevista com a poeta e educadora Gabriela Mistral, publicada uma década antes no jornal esportivo chileno *Los Sports* – e resenhada em um dos capítulos anteriores da tese. De fato, a influência norte-americana do desenfreamento esportivo e do excesso de cultura física, ou o “delírio muscular da rapaziada”, segundo João do Rio⁷⁵, já tinha sido qualificado por Lima Barreto como o golpe de misericórdia à ética da sensibilidade e o predomínio dos princípios da rivalidade e do egocentrismo (Sevcenko, 1983).

Desse modo, era nesse jogo de forças e concepções com relação ao impulso ao esporte e à atividade física que se encontrava o Departamento de Cultura. Se, para alguns, o esporte era suspeito de ser uma atividade alienante ou insensível, para outros era uma prática que deveria ser impulsionada e valorizada pelo poder público, pois melhorava as condições de vida das pessoas, estruturava padrões de conduta e colaborava com a consolidação de certos hábitos relacionados com o esforço, a perseverança e a disciplina. Da mesma forma, alguns promoviam a dimensão lúdica do esporte como um impulso à criatividade e à imaginação. Na polêmica acima descrita, Mário de Andrade tentou se defender dizendo que seu Departamento procurava o justo equilíbrio entre as diferentes perspectivas sobre o esporte, promovendo sua inclusão dentro de um projeto pedagógico maior, como aspirava conseguir nos projetos de parques infantis. Embora Mário de Andrade não afirme isso diretamente, é possível interpretar que ele entende que o esporte privado, elitista ou popular, poderia servir para o divertimento, mas não necessariamente ajudava na formação das pessoas. Dessa forma, era necessário que o poder público impulsionasse a cultura física e, para tanto, era imprescindível que o Estado construísse estádios, campos atléticos, piscinas e ginásios, entre outros. Mas também era crucial que se oferecesse, nesses espaços, atividades extradesportivas impulsionadas pelo próprio Departamento de Cultura, como eram as peças do Coral Paulistano⁷⁶, dirigido por Camargo Guarnieri, da Orquestra do Centro Musical⁷⁷, e as atividades da Companhia do Teatro Municipal.

Atendendo a essa orientação política, em meados de maio de 1936, foi publicado o edital de concorrência pública para a construção do Estádio, no qual se exigia que

⁷² “Chronicas da Polytechnica”. *Correio Paulistano*, 12 de Fevereiro de 1936, p. 10.

⁷³ Um dos primeiros secretários da FUPE foi o engenheiro-arquiteto Ícaro de Castro Mello, quem logo se transformará em um dos principais especialistas em projetos de arquitetura esportiva no Brasil. Cf.: “Pela Federação Universitária Paulista de Esportes”. *Correio de S. Paulo*, 3 de Novembro de 1934, p. 5.

⁷⁴ “1a Olympiada Universitaria Brasileira”. *Correio Paulistano*, 17 de Abril de 1935, p. 8. “A primeira olympiada universitária brasileira”. *Correio Paulistano*, 30 de Abril de 1935, p. 7.

⁷⁵ Sevcenko (1992) resgata a expressão de uma crônica de João do Rio, “A hora do football”, publicada em 1917 no livro *Pall-Mall Rio, o inverno carioca de 1916*. Cf.: Martins (1971).

⁷⁶ “Collocando a arte ao alcance do povo”. *Correio de S. Paulo*, 2 de Outubro de 1936, p. 1.

⁷⁷ “Nono concerto do Departamento de Cultura”. *Correio de S. Paulo*, 3 de Setembro de 1936, p. 4. “O Departamento de Cultura e seus concertos”. *Correio de S. Paulo*, 13 de Outubro de 1936, p. 5.

os participantes fornecessem o projeto de arquitetura e se comprometessem a executar as obras, sendo fiscalizados pela Prefeitura durante todo o processo⁷⁸. Na semana seguinte também foi divulgado o edital para a execução e financiamento das obras de pavimentação de algumas vias públicas do bairro de Pacaembu, tais como a Praça do Estádio e as ruas Itápolis e Itatatiara, próximas ao complexo esportivo⁷⁹. Só algumas semanas mais tarde, no dia 15 de junho de 1936⁸⁰, foi realizado o ato de abertura das propostas para financiamento e construção do Estádio, concorrência pública para a qual apenas o Escritório Técnico Ramos de Azevedo, Severo e Villares compareceu⁸¹. Como descreve Peixoto Mehrtens (2010: 150), o interesse da Companhia City pela construção do estádio era tal que, inclusive, decidiu fazer um empréstimo financeiro para o escritório de arquitetura, que, antes do concurso, tinha algumas dúvidas em relação às possibilidades de conseguir créditos na banca paulista.

Não foram poucas as críticas ao programa do Departamento de Cultura, responsável pelo projeto do Estádio Municipal através da Divisão de Parques Infantis e Campos de Atletismo, Estádios e Piscinas, dependente da Divisão de Educação e Recreio. Na brevíssima legislatura da Câmara Municipal de São Paulo dos anos 1936 e 1937, houve críticas explícitas, como as do vereador do Partido Republicano Paulista Marrey Junior direcionadas às elevadas despesas da instituição dirigida por Mário de Andrade, em comparação ao enorme índice de analfabetismo da população, bem como em relação à enorme carência de escolas noturnas que pudessem atender aos milhares de adolescentes e adultos que trabalhavam nas indústrias da cidade⁸². O mesmo vereador, em agosto de 1936, discutiu os gastos excessivos que a construção do grande complexo esportivo demandaria, especialmente quando cotejado com os fracos esforços para habilitar praças esportivas nos bairros operários da cidade, onde quase não existiam possibilidades de recreação e lazer para crianças e jovens, com exceção de campos de futebol nas várzeas e em terrenos abandonados⁸³. Necessário, mas insuficiente, o Estádio Municipal seria incapaz de impulsionar o esporte em cada bairro da cidade:

É necessário que o governo municipal construa em cada bairro pequenas praças de esporte, modestas mesmo, dotadas, todavia, de piscinas e aparelhamento apropriado para a mocidade escolar, do comércio e das fabricas; torne obrigatórios a prática e o ensinamento esportivo nas suas futuras escolas e grupos escolares, estabelecendo planos de preparação técnica de toda a criança escolar; crie bases náuticas com o necessário aparelhamento, nos diversos trechos do rio Tietê, para uso do povo em geral, ampare as iniciativas dos sindicatos de classe, para a criação e desenvolvimento dos seus departamentos esportivos.

Tal visão acompanharia o projeto por um bom tempo, como demonstram algumas opiniões contra a profissionalização do esporte brasileiro e a transformação dos potenciais esportistas em público de espetáculos esportivos. Essa foi a crítica que, uma década mais tarde, era levantada pela *Associação Cristã de Moços*, que se opôs à consolidação do esporte como passatempo passivo, em contraste com a prática ativa dos esportes em praças infantis, escolas, parques, campos de recreio,

⁷⁸ “Editaes Prefeitura Municipal”. *Correio de S. Paulo*, 19 de Maio de 1936, p. 5.

⁷⁹ “Prefeitura Municipal de São Paulo. Departamento de Obras e Serviços Municipaes (Divisão de Vias Públicas). Edital”. *Correio de S. Paulo*, 26 de Maio de 1936, p. 7.

⁸⁰ “Dentro de dois annos deverão estar concluídas as obras do Estádio Municipal do Pacaembu”. *Folha da Noite*, 11 de Maio de 1936, p. 1.

⁸¹ Estádio do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 16 de Junho de 1936, p. 2.

⁸² “Sr. Marrey Junior”. 3a Sessão Ordinária, Câmara Municipal de São Paulo, 25 de Julho de 1936, pp. 100-103.

⁸³ “Sr. Marrey Junior”. 6a Sessão Ordinária, Câmara Municipal de São Paulo, 22 de Agosto de 1936, pp. 209-210. A escalada de tensão entre Marrey Junior e Mário de Andrade teve um dos seus pontos mais altos em Junho de 1937, quando o escritor pediu demissão do cargo como Diretor do Departamento de Cultura logo após o vereador ter criticado, em uma sessão da Câmara Municipal, a subvenção municipal à Orquestra Sinfônica da Sociedade de Cultura Artística. O pedido de demissão não foi admitido pelo Prefeito Fábio Prado, que rejeitou as críticas e salientou o trabalho de Mário de Andrade como chefe das políticas culturais municipais. Cf.: “Pedi demissão o diretor do Departamento de Cultura”. *Correio Paulistano*, 12 de Junho de 1937, p. 4.

piscinas e banhos populares, ginásios, locais para acampamentos, entre outros, levando-o a dizer que “mais vale um lugar no campo do jogo do que mil nas arquibancadas”⁸⁴.

Nada disso impediu que o contrato entre a Prefeitura e o Escritório Severo e Villares fosse assinado. No final de outubro de 1936, a imprensa divulgou alguns detalhes do acordo: o prazo máximo para a finalização dos trabalhos era de 24 meses, devendo ser iniciados em um prazo menor que 40 dias. As imagens do projeto apresentadas na imprensa correspondiam à proposta de 1934, em que o estádio teria duas arquibancadas e sem o fechamento em U. Sobre esse projeto, o jornal *Correio Paulistano* salientou que a operação financeira teve a colaboração da Cia City, que cedeu o terreno, e frisou algumas características do projeto desenvolvido por Ricardo Severo, um dos oradores na solenidade do lançamento da pedra fundamental no mês seguinte⁸⁵. Já o *Correio de S. Paulo* definiu o impacto do projeto dentro do campo esportivo e da educação física paulista e brasileira da seguinte maneira:

Essa grande obra não será, apenas, uma praça de esportes. Será um verdadeiro laboratório de cultura física com um centro destinado aos estudos e às pesquisas para o melhoramento biológico da população, por intermédio de uma assistência ampla e bem orientada. Nesse ponto, os nossos administradores parecem seguir as pegadas do governo italiano, quando fez construir em Roma o Fórum Mussolini para servir de “peneira” para as novas gerações, proporcionando-lhes um completo e eugênico curso de cultura física⁸⁶.

Não deixa de ser revelador que uma das referências estéticas e programáticas seja a Itália fascista de Mussolini, que durante a década de 1920 e início dos anos 1930, tinha desenvolvido um ambicioso plano de construção de equipamentos esportivos, vários deles utilizados durante a Copa do Mundo da FIFA, de 1934. É possível, inclusive, relacionar alguns elementos que logo serão instalados no Pacaembu com alguns projetos italianos, como o caso das esculturas clássicas, presentes no projeto paulista – sendo a reprodução de David a mais famosa das peças de arte do estádio – e no Foro Mussolini, em Roma. Além disso, o artigo fez uma elogiosa crítica ao trabalho da Cia City dentro do projeto e da transformação de toda a região:

A Companhia City, quando há anos iniciou a urbanização do Vale do Pacaembu, prometeu à população paulistana que lhe daria um terreno para uma praça de esportes ao nível de suas necessidades. A princípio ninguém acreditou que aquela empresa pudesse fazer o milagre de transformar aquele matagal alagadiço, cheio de mosquitos e de reptéis, em um bairro habitável. Com a experiência do seu aparelhamento, porém, a Companhia City realizou o milagre. De um imenso trecho abandonado, por onde ninguém se atrevia a passar, aquela empresa fez um bairro elegantíssimo, com lindas alamedas e amplas avenidas, ladeadas de jardim cuidadosamente traçados. Aproveitando as singularidades topográficas do terreno, com suaves colinas margeando o primitivo vale, os engenheiros daquela companhia criaram quadras estudadas para a construção, exclusivamente, de residências, obtendo-se assim, para cada lote o máximo do sol, luz e das suas belezas naturais.⁸⁷

No sábado, dia 28 de novembro de 1936, foi realizada a cerimônia do lançamento da pedra fundamental do Estádio⁸⁸. A atividade teve a presença das autoridades máximas municipais e estaduais, deputados e vereadores, além de representantes da Cia City, do Escritório Severo & Villares, das forças militares e de diversos clubes e federações esportivas da cidade, como a Associação Paulista de Esportes Atléticos, a Liga Paulista de Futebol, o Clube Esperia, o EC Germânia e o São Pau-

⁸⁴ “Menos estádios!” *Revista Brasileira de Educação Física*, 18, Junho/1945, p. 10.

⁸⁵ “O estádio do Pacaembú”. *Correio Paulistano*, 31 de Outubro de 1936, p. 1.

⁸⁶ “Dentro de dois annos S. Paulo possuirá um dos melhores estádios da América do Sul”. *Correio de S. Paulo*, 3 de Novembro de 1936, p. 4.

⁸⁷ Ibid.

⁸⁸ “O lançamento da pedra fundamental do Estádio do Pacaembu”. *Folha da Noite*, 28 de Novembro de 1936, p. 1.

lo Futebol Clube, entre outros. Com efeito, um dos oradores dessa manhã foi Ricardo Severo, que apresentou detalhes do projeto. Também discursaram Nicanor Miranda, como representante do Departamento de Cultura, e o Interventor Federal, Armando de Salles Oliveira⁸⁹. A fala de Miranda colocava os equipamentos esportivos como parte central dentro do processo de industrialização e urbanização acelerada que a cidade de São Paulo já começava a viver. Segundo ele, o acelerado crescimento da cidade tinha deixado boa parte dos paulistanos, especialmente os mais pobres, sem áreas verdes para o lazer. Sem os terrenos baldios – afinal, na “cidade ciclópica” se edificava uma casa por hora e os esqueletos dos arranha-céus cresciam dia a dia⁹⁰ –, era necessário que o poder público atuasse, afirma Miranda, o que era feito por meio do Departamento de Cultura, encarregado do planejamento de mais parques infantis, bem como do estudo de novos campos atléticos e piscinas públicas para os bairros industriais. Por esses mesmos dias, uma reportagem do *Correio de S. Paulo*, jornal notavelmente simpático às atividades do Departamento, asseverava que aproximadamente 450 mil crianças frequentavam os Parques Infantis do Parque Pedro II, e dos bairros da Lapa e Ipiranga⁹¹, onde, além de assistência médica e “indumentária” – isto é, distribuição de roupas entre os participantes que precisassem –, eram oferecidas jogos infantis, excursões, leituras coletivas de historinhas, aulas de tricô, modelagem de argila, xadrez, entre outros. Centrado na necessidade de repensar o lazer como parte de um projeto educativo, mas também imprescindível para o fortalecimento do crescimento econômico, o discurso explicita a função que o Estado deveria cumprir na provisão de espaços para a recreação e a atividade física. Seu discurso dirigia-se também para os que entendiam o esporte de uma forma puramente economicista, orientado apenas ao aumento da produtividade das classes populares:

Relegar a um plano secundário o conteúdo moral e social da educação física é não sentir a etapa econômico-social que atravessamos, é ignorar as necessidades vitais impostergáveis da vida contemporânea, é desconhecer as exigências tumultuárias da hora presente, é não pensar nos destinos das novas gerações⁹².

Ao analisar esse discurso, Negreiros (1998) afirma que a construção do Pacaembu como um estádio municipal era parte de uma estratégia maior, que compreendia o impulso da cultura física entre os trabalhadores paulistas, mas também a formação cidadã e um programa pedagógico extra-escolar. O autor escolhe um fragmento fundamental do discurso de Miranda, quando vaticina quem seria o público do Estádio Municipal:

A todo o povo da cidade, competições, campeonatos, torneios ginásticos, atléticos e esportivos, comemorações de sentido cívico, concertos e atividades dramáticas ao ar livre (...) O Estádio Municipal (...) cuidará, pois, da recreação popular⁹³.

Como assevera o próprio Negreiros (1998), o poder público, através do Departamento de Cultura, assumia a responsabilidade de planejar, instituir e gerenciar um programa de atividades de lazer popular, organizadas e dirigidas pelo Estado, e orientadas ao fortalecimento físico e à formação cidadã da população. Não bastava, portanto, que os trabalhadores e seus filhos se divertissem nas tardes ou nos finais de semana, as atividades deveriam responder ao programa projetado pelo Departamento em seus locais de funcionamento. A singularidade da construção institucional do Departamento de Cultura permitiria isso: a combinação de educação física e artística seria promovida nos Parques Infantis, no Estádio Municipal do Pacaembu e em todo edifício esportivo-cultural que o Departamento projetasse.

⁸⁹ “Noticiário - Estádio Municipal - Lançamento da pedra fundamental”. Op. cit.

⁹⁰ “S. Paulo - Cidade Cyclopica”. *Correio de S. Paulo*, 30 de Agosto de 1935, p. 3.

⁹¹ “450.000 creanças frequentam parques infantis”. *Correio de S. Paulo*, 24 de Dezembro de 1936, p. 15.

⁹² “Noticiário - Estádio Municipal - Lançamento da pedra fundamental”. Op. cit.

⁹³ Ibid.

Imagem 6.16. Anúncio da Cia City, pela primeira vez a incorporadora incluiu o estádio dentro das imagens publicitárias do seu empreendimento. 1936.

Por sua vez, a Cia City também valorizou que as obras do estádio finalmente começaram. Em dezembro de 1936, algumas semanas após a cerimônia do lançamento da pedra fundamental, um dos seus anúncios incluiu uma imagem de uma planimetria da urbanização, que incorporava o Estádio dentro do traçado do projeto. O texto oferecia aos futuros residentes do bairro a possibilidade de morar a poucos metros do mais completo estádio da América do Sul, “um justo motivo de orgulho para São Paulo”, que estaria concluído em outubro de 1938⁹⁴.

Mesmo que o compromisso entre o poder público e a construtora fosse inaugurar o complexo esportivo em 24 meses, as obras avançaram lentamente durante os primeiros meses de 1937. De todas formas, o Departamento de Cultura se encarregou de informar os planos municipais para o novo estádio. Em maio de 1937, Nicenor Miranda apresentou o projeto do estádio na *Revista do Arquivo Municipal*, canal oficial de comunicação do Departamento de Cultura⁹⁵. O Diretor da Seção de Educação e Recreio argumentava que o projeto conseguiria pagar uma dívida do poder público com a cidade de São Paulo, que precisava de um local dessas características para impulsionar a prática esportiva entre a população. Para ele, a realização do Estádio era o resultado dos avanços organizativos da administração de Fábio Prado, que, logo após a promulgação da Constituição de julho de 1934, teria conseguido institucionalizar políticas de promoção da cultura física em diferentes escalas, como era o caso do programa de parques infantis e da gestão do projeto do Estádio Municipal. O conjunto esportivo municipal tinha diferentes funções, segundo Miranda:

Quanto às suas finalidades ele visa, antes do mais, desenvolver a recreação em São Paulo, incrementar a educação física, facilitar a realização de grandes competições, torneios e solenidades cívicas, constituindo destarte uma obra de arquitetura educacional dentro do mais puro sentido do pensamento coubertiniano⁹⁶.

⁹⁴ Anúncio Companhia City. *Correio de S. Paulo*, 28 de Dezembro de 1936, p. 3.

⁹⁵ “O Estádio Municipal”. *Revista do Arquivo Municipal*, 35, Maio/1937, pp. 67-82.

⁹⁶ Ibid.

Embora o Departamento de Cultura fosse importante para constituir um corpo de especialistas e de práticas físicas dentro da cidade, não pode ser omitida a existência de outras instituições operando no território, como o Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo. O Departamento, existente desde 1931 como órgão subordinado à Secretaria da Educação Física e Saúde Pública do Estado, tinha a função de organizar, fiscalizar, incentivar e registrar a prática de esportes em São Paulo (Gomes e Dalben, 2011). Vários clubes particulares, assim como Federações dos mais diversos esportes, estavam passando por um ciclo de expansão e fortalecimento institucional, como fica em evidência quando se analisam os novos edifícios esportivos que foram inaugurados durante a década de 1930. Nesse sentido, a Escola de Educação Física de São Paulo, fundada em 1934, foi primeiro curso civil desse tipo no Brasil – a Escola de Educação Física do Exército, localizada no bairro de Urca, no Rio de Janeiro, tinha sido fundada em 1922 –, criada para formar os professores de educação física do Estado, seguindo os princípios científicos e eugênicos. Nesse contexto institucional, eram vários os agentes da comunidade esportiva paulista interessados no desenvolvimento do projeto do Estádio, o que deve ter incentivado Miranda a esclarecer os avanços e detalhes da construção do complexo esportivo de Pacaembu.

O estádio ocuparia um terreno de 7,5 hectares, levando Miranda a evitar a denominação “olímpica” para o estádio, optando por utilizar o termo “municipal” para se referir a ele, tendo como exemplos os estádios municipais de Frankfurt e Colônia, em vez do Estádio Olímpico de Berlim, o qual era a referência quase obrigatória entre os especialistas da América do Sul da década de 1930. Apesar do projeto do Estádio Municipal do Pacaembu ter um coliseu central, um ginásio, um complexo de tênis e uma piscina olímpica, além da concha acústica e salões de festas, que davam conta desse espírito *coubertino* amador que Miranda pretendeu resgatar, ele resistiu a dar esse nome ao complexo do Pacaembu. Essa recusa se devia ao tamanho reduzido do terreno, quando comparado aos quase 90 hectares de Berlim, mais de 60 do Estádio Nacional de Santiago, ou à localização do Centenário de Montevideu no interior do maior parque da capital uruguaia.

O projeto maximizava as possibilidades do lote reservado pela Cia City no fundo do Vale. Isso quer dizer que os autores da proposta, o Escritório Severo & Villares, estruturaram todo o complexo esportivo em um eixo norte-sul, o que dava uma certa composição tradicional a todo o conjunto, interrompida somente pela área das quadras de tênis, que quebravam a simetria. Assim como a proposta de Botelho do Amaral e Valladares Costa, o anteprojeto de 1934 também aproveitava a encosta do vale e seus declives naturais para construir as arquibancadas do estádio. Entretanto, diferentemente da proposta dos estudantes da Mackenzie, o projeto de 1934 tinha arquibancadas somente nos setores leste e oeste do estádio. A fachada norte do coliseu estava composta por:

(...) dois torreões laterais e quatro pilones centrais, em posições simétricas, destinados às 7 largas portei­ras de 8 metros de abertura para ingressos e saídas no campo do estádio, tendo 2 pavilhões mais baixos nos extremos para bilheterias com um total de 10 guichês, e espaço interno para instalações relativas à polícia e administração do estádio⁹⁷.

Essa fachada, distinta da que acabaria sendo construída, seria translúcida e bem mais leve que o arco de oito metros de pé direito da proposta de 1928, deixando ver o outro extremo do campo de futebol, onde foi construída a concha acústica. Esse espaço, situado na parte traseira do pavilhão de recepção e festas, era uma inovação do projeto, que serviria para sediar shows musicais e culturais. Ainda que a planta de situação de 1934 não tenha incluído a concha acústica, ela aparece no desenho da fachada desse projeto. Já em 1936, a concha acústica faria parte da planta, tal como a arquibancada do acesso norte do coliseu. Com certo tom ufanista, Miranda descreve que várias das modificações feitas ao projeto do Estádio Municipal entre 1934 e 1936 foram feitas por decisão do Departamento de Cultura. Entre essas opções esteve a de completar a forma do U do estádio com a

97 “O Estádio Municipal”. Op. cit., p. 69.

Imagem 6.17. Fachada do Estádio Municipal do Pacaembu, projeto do Escritório Severo e Villares, 29 de Junho de 1934.

Imagem 6.18. Planta do Estádio Municipal do Pacaembu, projeto do Escritório Severo e Villares. 1934.

arquibancada norte, que além de aumentar a capacidade de assistentes, adotava uma forma clássica, tal como a do estádio Panathinaiko, de Atenas, projeto de reforma do arquiteto grego Anastasios Metaxas para sediar os primeiros Jogos Olímpicos modernos, em 1896.

O artigo-relatório de Miranda forneceu, ainda, detalhes dos outros edifícios do complexo, como o salão de festas, localizado entre o campo de futebol e o ginásio coberto. O pavilhão, de pouco mais de 800 metros quadrados de superfície, seria destinado a recepções, festividades e solenidades. A fachada desse volume, orientada para o campo de esportes, seria um espaço aberto para a esplanada, a conhecida concha acústica, que funcionaria como palco para orquestras e outros espetáculos, além de festividades cívicas. Por sua vez, o ginásio ficaria encostado no pavilhão de festas, em uma área de 60 metros de comprimento por 30 metros de largura. Planejado para receber 2 mil espectadores em suas arquibancadas, o ginásio serviria para a prática de esportes como o basquete, voleibol, hóquei, artes marciais e tênis, além de festas diurnas e noturnas. O último edifício do Estádio Municipal do Pacaembu seria o conjunto aquático, que seria composto pela piscina olímpica, de 50 metros de comprimento por 20 de largura, e pela torre de saltos de cimento armado, com plataformas aos 5, 7,5 e 10 metros de altura. Apesar do texto não mencionar nem especificar as características do estádio de tênis, uma planimetria apresentada mostra um estádio descoberto de forma elíptica, diferente do estádio que acabaria sendo construído, composto por uma quadra coberta, uma descoberta e dois terraços, que serviriam como solário e para atividades sociais.

O estádio de Prestes Maia e do Estado Novo

Uma nota na imprensa, do dia 17 de setembro de 1937, alertou sobre um problema que poderia ter a ver com o atraso na entrega das obras, mas também com

as transformações de alguns elementos do projeto finalmente executado e que foram decisivas para definir a fisionomia do estádio municipal paulistano. Nesse dia, a *Folha da Manhã* noticiou um passeio do Prefeito Fábio Prado em companhia do urbanista francês Alfred Agache, de passagem pela cidade⁹⁸. O roteiro serviu para que Agache desse sua opinião sobre algumas obras que estavam sendo projetadas ou desenvolvidas na cidade, como era o caso das Avenidas Anhangabaú e Rebouças, os túneis da Avenida Paulista, o bairro Jardim América, o Parque Ibirapuera, as propostas de reforma das porteiras ferroviárias do Brás e o Estádio Municipal do Pacaembu. Na visão do especialista francês, assinalou a reportagem, a falha mais séria do projeto era a ausência de um local para o estacionamento de veículos nos dias de eventos. As estreitas ruas da vizinhança não teriam a capacidade para receber milhares de pessoas. O texto terminava com três perguntas: ainda era possível remover esses inconvenientes? No estádio, caberiam 30, 40, 50, 100 mil pessoas? Como lá chegariam com facilidade e conforto?

As redes de transporte e a provisão de estacionamentos para veículos motorizados se transformaram em uma questão a ser discutida nos seguintes meses. No final de julho de 1938, a *Folha da Noite* fez uma comparação que, até aquele momento, tinha sido pouco utilizada na imprensa, com o projeto do Stadium Nacional que estava sendo planejado no Distrito Federal do Rio de Janeiro⁹⁹. Esse projeto, que ficaria localizado na região Restinga de Jacarepaguá, zona oeste carioca, em uma das margens da Lagoa de Marapendi, era planejado como um grande complexo olímpico, com um grande coliseu para 150 mil pessoas, uma vila olímpica, um ginásio coberto, um conjunto aquático, auditório, estádios para polo, hóquei e tênis, um anfiteatro grego, uma pista de decolagem para aviões e uma área de estacionamentos para 20 mil veículos¹⁰⁰. A reportagem foi publicada após a visita de Getúlio Vargas a São Paulo, nos dias 24 e 25 de julho¹⁰¹, oportunidade em que o Presidente esteve no canteiro de obras do estádio, antes de participar da cerimônia de inauguração do túnel da Avenida 9 de Julho¹⁰². Os editores da *Folha da Noite* juntaram as duas informações para questionar os motivos pelos quais um complexo esportivo moderno, projetado para 90 mil espectadores e representativo dos progressos que a cidade de São Paulo experimentava, não tinha planejado uma área de estacionamentos suficientemente grande para oferecer comodidade ao público. O texto parecia uma mensagem para Francisco Prestes Maia, o novo Prefeito da cidade desde maio desse ano: se não fossem executadas as obras de melhoria dos planos do estádio, toda a região sofreria um colapso cada vez que houvesse um jogo ou qualquer outra atividade. Um mês antes da visita do Presidente Vargas a São Paulo, outra autoridade do governo federal visitou as obras do Estádio Municipal. No início de outubro, o Secretário de Interior e Segurança, Comandante Attila Soares, destacou o trabalho do Interventor Federal, Adhemar de Barros, qualificando-o como “um notável administrador e, além disso, também um grande sportsman”, que entende o esporte como “elemento disciplinador e de grande eficiência na formação das gerações futuros”¹⁰³. De sua fala podem desprender-se duas ideias: o projeto do estádio e a modernização da cidade – através de obras como a retificação do rio Tietê, o túnel da Avenida 9 de Julho e o Mataradouro Modelo, como assinalou o Interventor Federal – seriam entendidos como iniciativas levadas à frente pelo governo federal e seus operadores no Estado de São Paulo; enquanto o complexo esportivo seria parte dos esforços nacionalistas

⁹⁸ “Problemas da cidade”. *Folha da Manhã*, 17 de Setembro de 1937, p. 6.

⁹⁹ “À margem dos factos”. *Folha da Noite*, 25 de Julho de 1938, p. 2.

¹⁰⁰ Em novembro de 1938, o Secretário Geral de Viação, Trabalho e Obras Públicas do Distrito Federal, Antonio A. Saviola, apresentou um anteprojeto da cidade olímpica na Revista Municipal de Engenharia. Sem detalhar capacidade do estádio, nem a distribuição dos diferentes edifícios dentro do terreno, ele expôs um plano de transporte que incluiu a extensão de um ramal da Estrada de Ferro Central do Brasil de Madureira até a Restinga, em uma extensão de 15 quilômetros, e um plano de abertura de ruas e avenidas que conectariam o complexo esportivo com as estradas de rodagem próximas. Cf.: “Ante-projeto para a Cidade Olímpica (a ser construída na Restinga de Jacarepaguá)”. *Revista Municipal de Engenharia*, 5 (6), Novembro/1938, pp. 89-95.

¹⁰¹ “À margem dos factos”. Op. cit.

¹⁰² “Assumiu proporções de uma apoteose a homenagem hontem tributada, pelo povo de São Paulo, ao sr. Presidente Getulio Vargas”. *Correio Paulistano*, 24 de Julho de 1938, p. 1. “O dia de hontem do presidente da República”. *Folha da Noite*, 25 de Julho de 1938, p. 1.

¹⁰³ “S. Paulo e a admirável obra administrativa que está realizado o sr. Adhemar de Marros”. *Correio Paulistano*, 11 de Outubro de 1938, p. 1.

Imagem 6.19. Construção da fachada principal do Estádio Municipal do Pacaembu, registro do dia 7 de Junho de 1937.

orientados à formação moral dos cidadãos. Em termos narrativos, o Estádio do Pacaembu tentava ser incorporado pelo Estado Novo como uma obra de carácter nacional, antes que exclusivamente paulista.

De acordo com Ferreira (2008), no início da administração de Prestes Maia foram paralisadas as obras do Estádio, pois o prefeito procurou fazer modificações no projeto arquitetônico e no modelo de financiamento das obras. Evidentemente, isso atrasou o cumprimento dos prazos concordados, além de produzir transformações profundas no edifício principal, tal como a estética da fachada e a criação dos acessos laterais. A fachada, sem dúvida uma das características mais singulares do projeto, teria ganhado um certo monumentalismo com as colunas do portão principal, assim como certa leveza, muito em voga na época, mediante o uso das janelas circulares do primeiro andar do prédio. Conforme afirma o arquiteto responsável, Ricardo Severo, em um artigo de janeiro de 1940, esse acesso central serviria para “as paradas dos atletas ou formaturas cívicas”, dando conta do programa multi-propósito que tinha sido pensado para o Estádio, o que também era expresso pelo bar do térreo, o restaurante do primeiro andar e os apartamentos para delegações esportivas do segundo andar. Esses conceitos já vinham das versões anteriores do Estádio, do mesmo modo que o Pavilhão de Festas e a Concha Acústica aberta para esplanada. Ainda que Ferreira afirme que a forma de U foi, igualmente, parte das decisões tomadas em meados de 1938, isso pode ser contradito a partir das imagens publicadas no artigo de divulgação do projeto, assinado por Nicanor Miranda, na *Revista do Arquivo Municipal*, de maio de 1937, como foi mencionado anteriormente. Dito isso, o replanejamento das obras conseguiu que a Cia City aportasse mais verbas para a construção do complexo esportivo (Prefeitura de São Paulo, 1940).

A Cia City continuava anunciando a venda de lotes e casas dentro da urbanização do Pacaembu. Vários apelativos surgiram, ao longo de 1938, para descrever o projeto: em contraste com “os enervantes ruídos que assolam as ruas comerciais” do centro, as famílias deveriam optar pelas higiênicas condições que ofereciam os bairros residenciais da City, tal como o “maravilhoso” Pacaembu, um empreendimento imobiliário com mais de 5 quilômetros de ruas asfaltadas, serviços públicos e em plena região central da cidade¹⁰⁴. Pacaembu era oferecido como um bairro,

¹⁰⁴ “Pacaembu, Companhia City”. *Folha da Manhã*, 30 de Novembro 1937, p. 1.

Imagem 6.20. Anúncio publicitário da Cia City, comparação entre o passado (o centro da cidade) e o presente (o bairro do Pacaembu), 1937.

Imagem 6.21. Anúncio publicitário da Cia City, destacam-se uma estética suburbana, as colinas da região e o arruamento do bairro, 1937.

“pitoresco”, “sossegado”, “distinguido”, “belo” e, principalmente, “salubre”¹⁰⁵. A publicidade diferenciava o bairro dos antigos casarões que tinham ficado no meio da pujante atividade comercial do centro, mas também da crescente verticalização residencial da região central de São Paulo, que surgia como um novo produto dentro da oferta do mercado imobiliário (Somekh, 1997; Pinheiro, 2008). Não por acaso, várias das imagens dos anúncios mostraram o amplo quintal das casas, às vezes neocoloniais, às vezes chalés ingleses, com o automóvel estacionado na rua, acentuando a motorização e o modelo de cidade-jardim como duas caras da mesma moeda.

Durante o segundo semestre de 1938, a Divisão de Urbanismo do Departamento Municipal de Obras levou a cabo alguns estudos para a prolongação da Avenida Pacaembu. A proposta, encabeçada pelo próprio Prestes Maia, definiu que essa via passaria por sob a rua General Olympio de Silveira, prolongando-se até o pátio da Estrada de Ferro Sorocaba, na estação da Barra Funda¹⁰⁶. Para que isso acontecesse, o projeto definia que a rua General Olympio seria sobrelevada para dar passagem à Avenida Pacaembu. A Prefeitura avançava na construção de um sistema de transporte e infraestruturas, antecipando o que seria uma das maiores transformações feita pelos técnicos municipais ao projeto do estádio até esse momento: no final do ano 1939, quatro meses antes da inauguração oficial do Estádio Municipal, foi anunciada a construção da Praça do Estádio – a atual Praça Charles Miller –, aberta em frente ao complexo esportivo e planejada para facilitar o acesso de pedestres, ônibus e automóveis¹⁰⁷. Como algumas notas da imprensa assinalaram, a Praça foi projetada não só para dar escoamento aos veículos que frequentassem o estádio, mas também para sediar desfiles militares nas festas patrióticas¹⁰⁸. Ademais, um dos textos afirma que a intervenção também respondia

¹⁰⁵ “Em pleno centro da cidade”. *Folha da Manhã*, 25 de Janeiro de 1938, p. 10. “Distinção e beleza, mas principalmente salubridade”. *Folha da Manhã*, 29 de Março de 1938, p. 1.

¹⁰⁶ “A Avenida Pacaembu será prolongada”. *Folha da Manhã*, 12 de Novembro de 1938, p. 1. “O estádio e a avenida”. *Folha da Noite*, 17 de Janeiro de 1939, p. 2.

¹⁰⁷ “Melhoramentos no conjunto architectonico do Estádio Municipal”. *Correio Paulistano*, 28 de Dezembro de 1939, p. 5.

¹⁰⁸ “Será a maior praça de S. Paulo”. *Folha da Noite*, 17 de Fevereiro de 1940, p. 3.

a questões estéticas do conjunto arquitetônico¹⁰⁹. Seguramente, essa nota de imprensa reproduz o relatório que Prestes Maia encaminhou para o Departamento Administrativo do Estado:

De fato, a composição arquitetônica do Estádio requer um pátio ou moldura proporcional à massa da fachada. E o fator visual deriva do fato de que hoje os barrancos laterais, apontando o vale, ocultam o edifício ao visitante que se aproxima justamente pela via principal de acesso, a avenida Pacaembu. Por ora são os barrancos, e dentro de um ou dois anos, serão as construções e a arborização¹¹⁰.

Cândido Malta Campos (2002: 410) assevera que várias das rotatórias, praças e conjuntos arquitetônicos monumentais, propostos por Prestes Maia para o perímetro do seu Plano de Avenidas (1930), foram concebidos tanto como soluções viárias, quanto intervenções para embelezar a cidade. Da mesma forma, a intervenção proposta para a frente do estádio resolvia questões relativas aos fluxos veiculares, à movimentação dos assistentes antes e depois dos eventos no Estádio, e à composição visual do conjunto. A praça se transformaria na maior da cidade, com quase meio quilômetro de comprimento e uma largura máxima de 216 metros.

Em termos administrativos, também existiram algumas controvérsias em relação à futura propriedade do complexo esportivo. Ainda no segundo semestre de 1938, Prestes Maia recebeu a duas autoridades estaduais: o Secretário de Educação e Saúde Pública, Edmundo de Carvalho, e o Secretário do Departamento de Educação Physica (DEP-SP), Arne Ragnar Enge¹¹¹. O motivo da reunião era a solicitação de um estádio para o DEP, e a solução proposta foi que o Município transferisse o Estádio do Pacaembu a essa entidade. Prestes Maia rapidamente descartou essa possibilidade, afirmando que o estádio seria patrimônio da cidade e que qualquer solução para o problema deveria passar pela construção de uma edificação esportiva de uso exclusivo do Departamento.

Nessa medida, as obras avançaram rapidamente ao longo do inverno de 1939, ainda que, lamentavelmente, tenham acontecido alguns acidentes fatais no canteiro de obras¹¹². É difícil dizer se esses acidentes tiveram relação com a, mais que possível, aceleração do ritmo da construção, que estava atrasada em mais de um ano do prazo original de entrega. Desde meados de 1939, a imprensa começou a imaginar e anunciar a próxima inauguração do Estádio. Se, no início, pensaram que uma equipe argentina poderia participar da primeira partida no Pacaembu¹¹³, essa ideia foi rapidamente substituída pela possibilidade de conseguir a viagem da seleção italiana para São Paulo¹¹⁴. Aparentemente, essa proposta nunca foi factível, pois a equipe europeia já tinha sua agenda completa para os anos 1939 e 1940¹¹⁵. Frente a esse cenário, a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) cogitou a possibilidade de organizar a Copa Roca, tradicional campeonato de partida única entre as seleções de Brasil e Argentina, no novo estádio paulista. Luiz Aranha, Presidente do CBD, teria feito algumas negociações com a Associação do Futebol Argentino e a Prefeitura de São Paulo para conseguir que o estádio estivesse disponível antes do final desse ano. Frente à negativa da Prefeitura, a CBD continuou pressionando para conseguir sediar o jogo no novo estádio, agora solicitando que a partida fosse realizada em janeiro de 1940¹¹⁶. Novamente o Município decidiu negar o pedido, mesmo sabendo que existiam pressões do Rio de Janeiro para que a Copa

¹⁰⁹ A pesquisa de Sampaio (2017), realizada no Arquivo Histórico Municipal, mostrou que existiu uma proposta de colocar um grande obelisco no meio da praça, alinhado ao eixo do estádio. Tal como na proposta de Júlio Vilamajó para o estádio do clube Peñarol, em Montevideu, o obelisco teria quatro alto-falantes transmitindo para a cidade. Além disso, seria instalado um grande relógio, esculturas monumentais na base e uma pira olímpica no topo.

¹¹⁰ “Melhoramentos no conjunto architectonico do Estádio Municipal”. Ibid.

¹¹¹ “Gazetilha”. *Folha da Manhã*, 28 de Agosto de 1938, p. 7.

¹¹² “Acidente no trabalho”. *Correio Paulistano*, 9 de Agosto de 1939, p. 15.

¹¹³ “Vae a Buenos Aires o combinado Vasco-Flamengo”. *Folha da Noite*, 10 de Junho de 1939, p. 10.

¹¹⁴ “Impossível a vinda da esquadra azzurra”. *Folha da Noite*, 13 Junho 1939, p. 23.

¹¹⁵ “Fracassou a vinda da famosa squadra azzurra ao brasil”. *Folha da Noite*, 28 de Junho de 1939, p. 4.

¹¹⁶ “Impossível a realização da Copa Roca, no Pacaembu”. *Jornal dos Sports*, 17 de Outubro de 1939, p. 1.

Imagem 6.22. Construção do Ginásio do Estádio Municipal do Pacaembu, registro de obra. São Paulo, c.1939.

Imagem 6.23. Vista geral da construção do complexo esportivo do Pacaembu. Piscina, Ginásio, salão de festas e estádio em obras. São Paulo, c.1939.

Imagem 6.24. Construção da Piscina do Estádio Municipal do Pacaembu. São Paulo, 17 de janeiro de 1940.

Roca fosse realizada em São Paulo. Como última possibilidade, foi anunciada a data 18 de fevereiro como o dia do jogo entre as duas seleções sul-americanas¹¹⁷, chegando mesmo a ser informado, na imprensa carioca, que o time brasileiro utilizaria o Estádio do Pacaembu como local de alojamento e centro de treinamento¹¹⁸.

Frente às pressões, Prestes Maia declarou, no final de 1939, que esperava que o gramado do campo de futebol, as arquibancadas e os acessos, além da grande praça monumental, fossem entregues no dia 25 de janeiro, mas que outros elementos do complexo, como salões e mobiliários, filtros e bombas da piscina, trampolins, detalhes do sistema de iluminação e holofotes ficariam prontos apenas em abril¹¹⁹. Nessas condições, o Prefeito mantinha sua oposição à realização da inauguração oficial do Estádio, em razão da agenda de atividades extra-futebolísticas que também estava sendo planejada para a abertura do conjunto esportivo. Nem mesmo a reunião entre Luiz Aranha, Sylvio Padilha e Prestes Maia conseguiu que este último habilitasse o complexo esportivo para a partida entre Brasil e Argentina¹²⁰. Nessas condições, a disputa da Copa Roca foi levada para o estádio do Palestra Itália, no Parque Antarctica.

Enquanto o Departamento de Educação Física estadual tentava conseguir a participação de um time norte-americano de basquete que prestigiasse a inauguração do ginásio coberto¹²¹, a Federação de Esportes Aquáticos solicitou a Maria Lenk que convidasse as equipes sul-americanas a participar de um Campeonato Sul-Americano Extraordinário, que teria como sede a piscina olímpica e o trampolim de saltos do Pacaembu¹²². A Prefeitura também precisava testar outras questões do Estádio, como os sistemas de amplificação do som: para isso, a banda musical da Força Policial e, logo depois, a Orquestra Sinfônica do Teatro Municipal, fizeram uma passagem de som na concha acústica do Estádio¹²³.

No começo de fevereiro de 1940, foi definida a data de inauguração do Estádio: 27 de abril de 1940, dia do segundo aniversário do mandato do Interventor Federal, Adhemar de Barros. Desse modo, a abertura do Estádio também seria uma celebração do Estado Novo, evitando-se o dia da cidade, 25 de janeiro, e, ainda mais, o dia 9 de julho, comemorativo da Revolução Constitucionalista de 1932. A partir de meados de março de 1940, começaram os convites da Prefeitura para diversas pessoas e instituições. Se, primeiro, foram convidados representantes dos jornais e das rádio-emissoras paulistas¹²⁴ – dos quais, seguramente, se esperava a redação de uma nota positiva –, em seguida foi inaugurada uma exposição em um dos salões do Estádio, organizada pelo Diretoria Regional de Geografia de São Paulo e patrocinada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que serviu como uma primeira prova para os espaços complementares extra-esportivos do Estádio¹²⁵. Da mesma forma, os participantes da II Olimpíada Universitária Brasileira, que estava sendo realizada na cidade durante os primeiros dias de abril, também foram convidados para uma visita guiada pelo novo complexo esportivo¹²⁶.

Já no início de abril, começaram a ser divulgadas pela imprensa as atividades do dia da inauguração e da semana de festejos esportivos, realizadas entre os dias 27 de abril e 5 de maio. Assim, foi ratificado o calendário futebolístico, com a par-

¹¹⁷ “De todo um pouco”. *Correio Paulistano*, 17 de Novembro de 1939, p. 8.

¹¹⁸ “Concentração do scratch brasileiro no estádio de Pacaembu”. *Jornal dos Sports*, 10 de Janeiro de 1940, p. 1.

¹¹⁹ “O gramado e as archibancadas ficarão concluídos até 25 de Janeiro”. *Jornal dos Sports*, 30 Dezembro de 1939, p. 4.

¹²⁰ “Visitara os cracks”. *Jornal dos Sports*, 26 de Janeiro de 1940, p. 4.

¹²¹ “Convidados os campeões do mundo. A inauguração do gymnasio do Estádio de Pacaembu” *Jornal dos Sports*, 16 de Janeiro de 1940, p. 3.

¹²² “Um campeonato Sul-Americano Extra de natação em Pacaembu”. *Jornal dos Sports*, 9 de Fevereiro de 1940, p. 6. “De todo um pouco” *Correio Paulistano*, 29 de Fevereiro de 1940, p. 8.

¹²³ “As obras complementares do estádio municipal”. *Correio Paulistano*, 10 de Fevereiro de 1940, p. 8.

¹²⁴ “Visitando a maior praça de esportes da America do Sul”. *Correio Paulistano*, 24 de Março de 1940, p. 3.

¹²⁵ “Inaugurou-se o domingo último a exposição de Mappas Municipaes do Estado de São Paulo” *Folha da Noite*, 26 Março 1940, p. 6. “O Dr. Adhemar de Barros visitou a exposição de mappas municipaes”. *Correio Paulistano*, 30 de Março de 1940, p. 12.

¹²⁶ “A segunda Olympiada Universitaria Brasileira”, *Folha da Noite*, 3 de Abril de 1940, p. 8.

ticipação de Palmeiras e Corinthians, além dos clubes campeões do Paraná (Coritiba) e de Minas Gerais (Atlético Mineiro)¹²⁷, assim como a programação dos combates de boxe que seriam realizados no ginásio¹²⁸ e da exibição dos nadadores argentinos, peruanos e chilenos convidados, que competiriam contra as equipes de natação da cidade na nova piscina¹²⁹. Outros esportes, como a esgrima, o basquete e o tênis, também teriam um lugar dentro da semana esportiva, enquanto outras atividades, organizadas por entidades particulares, igualmente prestariam homenagem ao estádio, como ocorreria com um programa de carreiras de cavalos no Jockey Clube, partidas de polo na Sociedade Hípica Paulista e um grande prêmio no autódromo de Interlagos, que seria inaugurado no dia 12 de maio¹³⁰. Ademais, a inauguração teria um grande desfile, com a participação de atletas dos principais clubes da cidade, assim como de entidades como a Guarda Civil e os Bombeiros, além de representações de clubes do interior do Estado¹³¹. Por esses dias, a população também foi informada de alguns detalhes particulares do complexo esportivo, que o diferenciavam das outras praças esportivas da cidade, como a existência de um espaço, no terceiro andar no edifício principal, para alojar a delegações esportivas nacionais e estrangeiras¹³², do restaurante do primeiro andar e das cafeterias localizadas em uma lateral das bilheterias¹³³.

Oito dias antes da inauguração, foi realizado o ato de entrega do Estádio à Prefeitura pelo Escritório Severo e Villares, em uma atividade no salão de festas do Estádio¹³⁴. Na semana prévia ao grande evento, a imprensa noticiou os mínimos detalhes das cerimônias e dos eventos esportivos, além de oferecer informações sobre os pontos de venda dos ingressos. Quem quisesse ir à inauguração deveria comprar seu ingresso em alguma das lojas conveniadas do centro, ou na bilheteria do estádio, somente um dia antes do evento¹³⁵.

O segundo aniversário do mandato de Adhemar de Barros teve como convidado principal o Presidente Getúlio Vargas. A agenda repleta de atividades incluiu a inauguração do Parque Infantil de Vila Romana, na Água Branca, uma visita ao Complexo Hospitalar Mandaqui, no bairro de Santana, e um almoço oferecido pelos prefeitos paulistas no grande salão no Trianon¹³⁶. Logo após essas atividades, todas as autoridades se dirigiram ao Estádio Municipal. A presença de Vargas, junto à participação de Adhemar de Barros e Prestes Maia, dotou a inauguração de uma solenidade única, em que os três âmbitos do poder estatal estariam reunidos prestigiando a grande conquista do campo esportivo paulista¹³⁷. Também participaram da inauguração outros interventores federais, como Amaral Peixoto e Benedicto Valadares, dos estados de Rio de Janeiro e Minas Gerais, respectivamente, além do prefeito do Distrito Federal, Henrique Dodsworth. As bandeiras brasileiras, hasteadas por todo o estádio, junto com as músicas executadas pelas bandas do Batalhão de Guardas e do Exército construíram a atmosfera inaugural. Milhares de pessoas nas arquibancadas assistiram ao desfile das delegações esportivas estrangeiras que participavam dos festejos, dos principais clubes esportivos e universidades da cidade, assim como representações dos 270 municípios paulistas e das Forças Armadas, da Polícia e dos Bombeiros. Após esse desfile, veio

¹²⁷ “Organizado o programma de futebol para a inauguração do Pacaembu”. *Folha da Noite*, 5 de Abril de 1940, p. 10.

¹²⁸ “Gaucho vs Antonio Soares na inauguração do Estádio do Pacaembu”. *Folha da Noite*, 9 de Abril de 1940, p. 8.

¹²⁹ “A inauguração do estádio do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 21 de Abril de 1940, p. 16.

¹³⁰ “A corrida inaugural do autodromo de Interlagos”. *Correio Paulistano*, 28 de Abril de 1940, p. 16.

¹³¹ “Desfile na inauguração do Estádio do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 14 de Abril de 1940, p. 17.

¹³² “Visitando a maior praça de esportes da America do Sul”. *Correio Paulistano*, 24 de Março de 1940, p. 3.

¹³³ “A inauguração do estádio do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 10 de Abril de 1940, p. 8.

¹³⁴ “Foi entregue ontem à Prefeitura o Estádio do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 20 de Abril de 1940, p. 3.

¹³⁵ “O Presidente Vargas será recebido nesta capital com imponentes homenagens”. *Correio Paulistano*, 26 de Abril de 1940, p. 1.

¹³⁶ “O transcurso do segundo aniversario do governo Ademar de Barros”. *Correio Paulistano*, 28 de Abril de 1940, p. 1.

¹³⁷ Utilizo, aqui, a frase de Ricardo Assumpção presente na seguinte entrevista. “Como o projeto do Estado Novo se traduziu na inauguração do Pacaembu”. *Jornal da USP*, 4 de Dezembro de 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/como-o-projeto-do-estado-novo-se-traduziu-na-inauguracao-do-pacaembu/>. Acessado em: 10 de Janeiro de 2019.

Imagem 6.25. Exterior do Estádio Municipal do Pacaembu, dia da inauguração. São Paulo, 27 de abril de 1940.

o discurso do Prefeito Prestes Maia, que ofereceu o Estádio ao Presidente Vargas e explicitou os objetivos do edifício:

O exemplo de Vossa Excelência, aliás, nos ensinou a não reivindicar para nós senão a satisfação do dever cumprido. Este estádio, que se impõe pela grandeza e pela sobriedade, é um monumento oferecido à administração de V.E., que erigiu a educação moral e física da sociedade em princípio fundamental.

Nesta praça a juventude se adestrará na prática de todos os esportes necessários e úteis. Não lhe demos majestade, para que ela venha a servir somente de palco a exhibições profissionais, pessoais ou decorativas. Mas demos-lhe majestade, para que aí se valorize o elemento humano, de maneira a que todo cidadão, imitando o Hércules de lenda, se faça capaz de carregar o Brasil sobre os ombros¹³⁸.

O discurso de Prestes Maia, uma homenagem ao Estado Novo e à visão patriótica e missionária do esporte, foi também uma declaração sobre as expectativas que a Prefeitura tinha em relação ao programa de usos do complexo esportivo. Mais que um palco para o esporte profissional, o Estádio Municipal devia ser um local em que toda pessoa que quisesse poderia praticar esporte. Depois de sua fala, o Presidente Vargas falou ao público, salientando o Estádio Municipal como uma “afirmação da nossa capacidade e do esforço criador do novo regime na execução do programa de realizações”¹³⁹. O complexo esportivo deveria ser, agregou, “um marco de grandeza de São Paulo a serviço do Brasil”. Se a fala de Prestes Maia tinha enfatizado no esporte como fonte de saúde, educação e civismo, Vargas fundou seu discurso nas formas através das quais o regime pretendia associar esporte e nação, ou, ainda melhor, educação física e pátria.

A semana do esporte começou no dia seguinte à inauguração, com a abertura da piscina e as provas de natação saltos, quase em simultâneo ao primeiro jogo de futebol no estádio, entre o Palestra Italia e o Coritiba. Após esse jogo, foi realizada a partida entre Corinthians e Atlético Mineiro. À noite, foi organizada uma série de combates do boxe no ginásio, entre as equipes do Brasil e da Argentina. No domingo, dia 28, continuou o programa dos esportes aquáticos e começou a esgrima, competição organizada no interior do salão de festas. No dia 29, uma partida entre as seleções universitárias de São Paulo e Buenos Aires inaugurou o basquete no complexo esportivo¹⁴⁰.

¹³⁸ “O transcurso do segundo aniversário do governo Ademar de Barros”. Op cit.

¹³⁹ Ibid.

¹⁴⁰ “As competições esportivas no estádio do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 25 de Abril de 1940, p. 8.

Imagem 6.26. Interior do Estádio Municipal do Pacaembu, dia da inauguração. São Paulo, 27 de abril de 1940.

Esses dias inaugurais do Estádio Municipal serviram como demonstração das agendas que estavam por trás da construção do conjunto: se, para alguns, o estádio seria um dinamizador dos espetáculos esportivos na cidade, tal como afirmou um organizador dos combates de luta livre, para outros, deveria ser um espaço de formação patriótica e cívica. Ambas agendas, no núcleo do urbanismo esportivo desse período na América do Sul, se efetivaram durante toda a década de 1940, como analisaremos a seguir.

A Concha Acústica, uma síntese programática

Nos primeiros anos após a inauguração, o Estádio Municipal foi intensamente utilizado para o esporte paulista, brasileiro e internacional, bem como para o esporte escolar, o operário e o esporte-espetáculo. Esportistas amadores e profissionais utilizavam as instalações do complexo esportivo durante todos os dias da semana. A agenda de atividades noticiada na imprensa mostra apresentações de ginástica escolar, combates internacionais de boxe e luta livre, torneios sul-americanos de natação, competições universitárias e partidas do campeonato paulista de futebol, entre tantas outras. O Estádio foi, sem dúvida, um dinamizador do esporte metropolitano, estadual e brasileiro. Alguns trabalhos têm analisado, por exemplo, o significado da contratação de Leônidas – o maior craque do futebol brasileiro desde a Copa do Mundo da França, em 1938 – pelo São Paulo Futebol Clube, em 1942, como um ponto de inflexão dentro da trajetória do futebol paulista (Rocha e Corbo, 2017), e como expressivo da capacidade financeira de alguns clubes e do grau de mobilização popular que esse espetáculo produzia na capital paulista.

Para Negreiros (1998), esse acontecimento teria marcado a rápida transformação do estádio como “*espaço para a formação física, moral e cívica da juventude*” em um “*palco das grandes partidas do futebol, com plateias a cada dia maiores e mais apaixonadas*”. Entretanto, algumas crônicas da época foram mais otimistas e entenderam que o Estádio Municipal ajudava na popularização de outros esportes. Por exemplo, algumas crônicas salientaram que o ginásio teria feito renascer o boxe paulista, trazendo novamente combates internacionais competitivos à cidade¹⁴¹. No caso da piscina, ela servia tanto aos vizinhos que se associassem ao Clube Municipal – o sistema de cadastro para participar das atividades esportivas do complexo –, como aos sócios do São Paulo Futebol Clube, instituição que assinou um convênio com a Prefeitura para que seus associados também pudessem

¹⁴¹ “O reaparecimento do pugilismo entre nós”. *Correio Paulistano*, 20 de Maio de 1941, p. 12. “A melhor luta de box que já se realizou em São Paulo”, *Correio Paulistano*, 17 de Novembro de 1942, p. 6.

Imagem 6.27. Agenda de atividades noturnas no Estádio Municipal do Pacaembu. São Paulo, c.1940-1945.

Imagem 6.28. Inauguração da pista coberta do Ginásio do Pacaembu. São Paulo. 1942.

utilizar o natatório¹⁴². Outros, como o time de futebol profissional do Corinthians, chegaram a utilizar a área de alojamentos do estádio como concentração antes dos jogos¹⁴³.

Ademais, campeonatos escolares, universitários, interestaduais e nacionais de natação, polo aquático e saltos foram sucedendo-se¹⁴⁴, assim como exibições e competições com clubes e seleções internacionais¹⁴⁵. O estádio também apresentou inovações para o esporte sul-americano, especialmente com a construção da primeira pista atlética coberta da região, instalada no interior do ginásio¹⁴⁶. Esse projeto, desenvolvido pelo atleta e arquiteto Ícaro de Castro Mello, foi inaugurado em agosto de 1942, como uma demonstração dos avanços do esporte paulista, mas também como uma expressão da flexibilidade e adaptabilidade que os equipamentos esportivos poderiam alcançar. A pista coberta era semelhante à que tinha sido instalada no Madison Square Garden, em Nova York, em meados da década de 1910, conforme apontou o periódico esportivo chileno *Estadio*. Alguns anos mais tarde, na mesma revista, o tenista chileno Alfredo Trullenque definiu o estádio de tênis do Pacaembu como o melhor da América do Sul e um dos me-

¹⁴² “S. Paulo F. Clube”, *Correio Paulistano*, 22 de Janeiro de 1941, p. 8.

¹⁴³ “Sou o rei do barulho no bairro do silêncio”, *Mundo Esportivo*, 2 de Maio de 1955, p. 4.

¹⁴⁴ “Bela vitória do Ginásio S. Bento”. *Correio Paulistano*, 14 de Outubro de 1941, p. 12. “Realiza-se hoje o campeonato universitário de natação e saltos”. *Correio Paulistano*, 4 de Maio de 1941, p. 17. “O Mackenzie venceu a Medicina em polo-aquático”. *Correio Paulistano*, 15 de Setembro de 1942, p. 4. “Prosseguirá hoje o campeonato brasileiro de natação”, *Correio Paulistano*, 15 de Abril de 1944, p. 8.

¹⁴⁵ “Dentro de uma semana terá início a temporada internacional de natação”. *Correio Paulistano*, 12 de Dezembro de 1946, p. 10.

¹⁴⁶ “Inaugurada a pista coberta do Pacaembú”, *Correio Paulistano*, 25 de Agosto de 1942, p. 6. “Até um recorde mundial foi batido!”. *O Globo Esportivo*, 4 de Setembro de 1942, p. 6. “Dos chilenos vencen en Pacaembu”, *Estadio*, 26, 11 de Setembro de 1942.

lhores do mundo¹⁴⁷. Outros esportes-espetáculo surgiram como alternativa de entretenimento oferecidas no Pacaembu. Foi o caso da luta livre, organizada por promotores privados da Empresa Sul-America de Lutas que alugavam o ginásio, às vezes simultaneamente à realização de um jogo de futebol, como aconteceu no verão de 1947: enquanto clube argentino Boca Juniors vencia o Corinthians no campo de futebol, o Homem Montanha era desafiado no ringue do ginásio¹⁴⁸. Nessa medida, o complexo esportivo do Pacaembu tinha uma agenda esportiva consolidada, mesmo que, às vezes, o valor dos ingressos dos espetáculos esportivos fosse motivo de debate na imprensa esportiva¹⁴⁹. Difícilmente poderia se afirmar que o estádio não cumpriu as expectativas dos que o imaginaram durante as primeiras décadas do século XX. O local foi um sucesso em termos da variedade de esportes e número de esportistas e espectadores que esses eventos conseguiam mobilizar. O estádio conseguiu oferecer espetáculos esportivos diurnos e noturnos para o público paulistano, incluindo atividades para diferentes idades e classes sociais.

Mas não apenas de esporte-espetáculo era feita a agenda de atividades do Estádio. Como no resto das cidades do continente, durante o período do entre guerras e, depois, durante os primeiros anos da década de 1940, a educação física era entendida como um mecanismo de disciplinamento e formação cívica. Essa visão esteve presente no Pacaembu desde sua inauguração e se manteve presente, por exemplo, através do funcionamento do Centro de Educação Física. Esse foi um programa de educação física extra-escolar, fundado em julho de 1942 e dependente do DEP-SP da Secretaria de Educação e Saúde Pública do Estado (Gomes e Dalben, 2011). Por meio de diferentes cursos, a instituição procurava impulsionar o esporte entre a população paulista, mas também estudar e classificar a população por meio de exames biométricos e fisiológicos. Esse enfoque eugenista estava presente, ainda, em questões tão diferentes como a instauração, em janeiro de 1940, do “Distintivo esportivo da mocidade paulista”¹⁵⁰ – uma competição para jovens e adultos, homens e mulheres, do Estado de São Paulo, que premiaria as capacidades físicas dos participantes –, na organização de campeonatos inter-colegiais de educação física ou nos Jogos Abertos do Interior, coordenados pelo mesmo DEP-SP. Além disso, a presença da Escola de Educação Física do Estado de São Paulo no Estádio, onde esteve localizada por mais de uma década, replicava, até certo ponto, o funcionamento da Escola Superior de Educação Física no Estádio Olímpico de Berlim: o Pacaembu era o laboratório dos estudantes da escola, futuros professores de educação física dos colégios da cidade e do Estado.

A concha acústica foi um espaço peculiar, quase único, dentro dos conjuntos esportivos que eram inaugurados no Ocidente – inclusive em comparação com os estádios que tinham sido inaugurados na América do Sul na década de 1930 –, oferecendo um palco para espetáculos culturais no interior do próprio campo principal do estádio. Sua existência era tão singular como os mirantes do Túnel da 9 de Julho (1938) e das torres do Ponte das Bandeiras (1942), duas infraestruturas também inauguradas durante a gestão de Prestes Maia. Em primeiro lugar, esse espaço deve ser entendido como parte da agenda extra-esportiva que era projetada para o conjunto. Como tem sido discutido ao longo dos capítulos anteriores, não era estranho que os novos complexos esportivos que estavam sendo construídos no continente incluíssem salões de festas, restaurantes, bibliotecas e auditórios dentro dos projetos de arquitetura. Além disso, os novos estádios, e aqui se faz referência, especialmente, aos coliseus centrais, foram imaginados para sediar eventos temporais, como comícios políticos, concertos sinfônicos, festas natalinas ou atividades de benfeitoria para as crianças dos orfanatos públicos. Isso ocorreu, por exemplo, nos primeiros meses de funcionamento do Estádio Nacional de Santiago, entre 1938 e 1939, assim como no Pacaembu durante seus primeiros anos de existência, o que será discutido nas próximas páginas. Contudo, uma concha

¹⁴⁷ “Muito engrassado”. *Estadio*, 123, 22 de Setembro de 1945.

¹⁴⁸ “Yano vs. Homem Montanha, a sensação do programa de hoje à noite no ginásio do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 8 de Janeiro 1947, p. 8. “Fragorosa derrota sofreu o Corinthians” *Correio Paulistano*, 9 de Janeiro de 1947, p. 2.

¹⁴⁹ “Notas & comentários. Luta-livre”. *Correio Paulistano*, 26 de Fevereiro de 1947, p. 4.

¹⁵⁰ “A organização da educação física no Estado de São Paulo”. *Revista Brasileira de Educação Física*, 5, Maio/1944.

Imagem 6.29. Aulas de ginástica, atividades do Centro de Educação Física de São Paulo. Concha Acústica do Pacaembu, São Paulo, 1945.

Imagem 6.30. Décimo aniversário da Escola de Educação Física e Desportos do Estado de São Paulo, Estádio Municipal do Pacaembu, São Paulo, dezembro 1944.

acústica só foi, até agora, registrada em um outro estádio que incorporou essa edificação dentro do campo principal do complexo esportivo: o Estádio Durival Britto, de Curitiba, hoje conhecido como Vila Capanema, inaugurado em 1947 e uma das sedes da Copa do Mundo de 1950¹⁵¹. Talvez inspirada no modelo do Pacaembu, a concha acústica curitibana apareceu sempre nas imagens dos jogos da Copa, como pano de fundo entre o gol e arquibancada geral.

Duas hipóteses podem explicar a existência da concha acústica dentro do Estádio. Por um lado, ela pode ser entendida como uma extensão do programa de Parques Infantis que o Departamento de Cultura desenvolvia na cidade desde meados de 1936. De fato, Nicanor Miranda narra que o Departamento tinha projetado a constituição de um Parque Infantil no interior do Estádio, mas logo desistiu da ideia para priorizar a construção desses espaços no interior de “bairros proletários ou [nas] proximidades de escolas ou casas de habitação coletiva”¹⁵². Dentro da priorização dos recursos, parecia mais lógico que os Parques Infantis fossem localizados próximos aos bairros operários e fora das áreas de residência da elite, cujos filhos participavam de atividades recreativas e de lazer em outros locais, como escolas ou clubes privados. Mesmo assim, a concha acústica pode ter ficado como uma reminiscência de um palco para as atividades das crianças que participariam do Parque Infantil, ou talvez como um espaço complementar aos parques infantis e que serviria para a realização de atividades massivas, com a participação de crianças dos diferentes parques ou das escolas públicas da cidade.

A experiência de raiz *froebeliana* e fortemente inspirada na experiência dos *playgrounds* norte-americanos tinha como intuito oferecer atividades lúdicas extra-escolares “em amplos espaços livres para a prática do lazer dentro do preconizado ideal de salubridade representado tríade ar, sol, vegetação” (Niemeyer, 2002:

¹⁵¹ “Um pouco de desporto universitário”. *Revista Brasileira de Educação Física*, 55, Outubro/1948, pp. 10-13.

¹⁵² “O Estádio Municipal”. Op. cit., p. 81.

Imagem 6.31. Fachada da concha acústica e corte das arquibancadas. O desenho inclui um relógio na concha acústica. São Paulo, 1939.

101). Os Parques Infantis desenvolvidos pelo Departamento de Cultura, tinham funções que não se limitavam exclusivamente a fins disciplinares, mas também de expansão da produção e consumo de práticas culturais que o próprio Departamento estava pesquisando e produzindo, tais como músicas folclóricas, danças e cantos populares. Aliás, como afirma Carlos Niemeyer, para Mário de Andrade a experiência do jogo era um terreno fértil para a promoção da cultura nacional e popular entre crianças e jovens. Ainda que a concha acústica aparecesse apenas parcialmente nos planos de 1934, já nos projetos seguintes, inclusive nas modificações feitas durante o período de Francisco Prestes Maia como Prefeito da cidade, ela é mantida como um elemento do programa do Estádio Municipal.

Ao longo dos primeiros anos, ela sempre aparecerá como pano de fundo nas fotografias dos jogos do campeonato paulista de futebol, assim como nos registros das apresentações de ginástica das escolas da cidade. A concha acústica e seu reverso, o grande ginásio do Pacaembu, devem ser entendidos observando a relação entre o programa arquitetônico do complexo esportivo, os residentes do bairro de Pacaembu e as elites paulistanas. Não podemos esquecer que, por várias décadas, a Cia City foi a principal impulsora da realização de um projeto que significaria um bem público para a cidade, mas, especialmente, para a vizinhança da região. Quando são analisadas algumas das atividades extra-esportivas realizadas posteriormente à inauguração do Estádio Municipal, é possível observar que existiram inúmeras atividades organizadas pelas elites da cidade, como bailes, concertos sinfônicos, apresentações de canto lírico e festas de carnaval, que tiveram como sede o salão de festas, a concha acústica ou o ginásio. Foi o caso, por exemplo, no verão de 1941, do baile de carnaval organizado por Leonor Mendes de Barros, esposa do Interventor Federal, Adhemar de Barros, para arrecadar verbas para a instituição Casa Maternal e da Infância¹⁵³, ou dos bailes carnavalescos cujas rendas iriam para os Parques Infantis da capital, por iniciativa do próprio Prefeito Prestes Maia¹⁵⁴, ou, ainda, das Festas Juninas organizadas pelo governo estadual em benefício do Sanatório Padre Bento¹⁵⁵. No verão seguinte, cinco grandes bailes carnavalescos foram organizados no salão de festas do estádio, um deles pela Associação Cívica Feminina – uma instituição assistencialista formada por mulheres de elite no contexto da Revolução Constitucionalista de 1932 – em benefício do Albergue Noturno¹⁵⁶.

O estádio serviu, ademais, para o lazer da elite, mediante apresentações do Teatro Infantil carnavalesco ou das atividades culturais realizadas no ginásio¹⁵⁷, como, por exemplo, em junho de 1941, quando foi organizada a “Serenata Brasileira”, um

¹⁵³ “No estádio do Pacaembú”. *Correio Paulistano*, 9 de Fevereiro de 1941, p. 8.

¹⁵⁴ “Os bailes carnavalescos do gymnasio do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 21 de Fevereiro de 1941, p. 4.

¹⁵⁵ “Festa em benefício dos hansenianos do Sanatório Padre Bento”. *Correio Paulistano*, 10 de Junho de 1942, p. 3.

¹⁵⁶ “Os gestos filantrópicos do Carnaval”. *Correio Paulistano*, 1 de Fevereiro de 1942, p. 12. “O Pacaembú em preparativos para o carnaval”. *Correio Paulistano*, 6 de Fevereiro de 1942, p. 6.

¹⁵⁷ “Theatros”. *Correio Paulistano*, 11 de Fevereiro de 1941, p. 8.

programa de eventos culturais que incluíram o corpo de baile do Theatro Municipal, apresentações de canto lírico e peças de música clássica interpretadas pela Orquestra Sinfônica¹⁵⁸. Esse espetáculo, tal como alguns dos anteriormente assinalados, teve a função de arrecadar renda, nesse caso para a construção do monumento à Duque de Caxias. Com efeito, a tríade da sociabilidade do Pacaembu se completava com os salões de festas que, junto com a concha acústica e o ginásio, constituíram-se como parte do sistema de lazer e vida social da elite da cidade. Não por acaso, as elites políticas, neste caso representadas pelos prefeitos do interior do Estado, utilizavam o ginásio e os salões do Estádio para homenagear as autoridades representantes do poder federal, tal como aconteceu em 1944, com as comemorações à nomeação de Fernando Costa como interventor federal¹⁵⁹.

Isso não significa que, durante a década de 1940, os salões de festas e o ginásio foram utilizados exclusivamente para as atividades da elite política, comercial e industrial da cidade. Algumas reportagens na imprensa contam de algumas atividades organizadas pelo Departamento de Educação para a população não alfabe-

158 “Serenata brasileira”. *Correio Paulistano*, 12 de Junho de 1941, p. 8

159 “Significativa homenagem dos Prefeitos do interior do Estado ao Interventor Fernando Costa”. *Correio Paulistano*, 3 de Junho de 1944, p. 3.

Imagem 6.34. Restaurante do Estádio Municipal do Pacaembu. São Paulo, c.1940-1945.

tizada, como a campanha “Biblioteca do Alfabetizado”, durante mês de dezembro de 1948¹⁶⁰. A festa popular entregaria 40 mil livros para o público participante, quase como se fossem presentes de Natal. A meio caminho entre os preceitos da caridade tradicionais e os programas de educação contínua, a ocasião levou centenas de pessoas aos luxuosos salões do Estádio. Nessa mesma linha, talvez um dos eventos extra-esportivos de maior participação popular tenha sido as comemorações do Natal de 1949, quando dezenas de milhares de pessoas participaram da Missa do Galo organizada pela Confederação das Famílias Cristãs e com a participação do Coral Lírico do Departamento de Cultura e da Banda da Força Pública. O campo principal do estádio foi adaptado de tal modo que a concha acústica foi transformada em uma cripta gótica, enquanto o som do repicar dos sinos da Basílica de São Pedro foi retransmitido pelos alto-falantes do estádio, talvez em um intento de fazer do Pacaembu a catedral que a cidade não tinha¹⁶¹.

Outros frequentes usuários do conjunto esportivo foram os clubes esportivos da cidade, que utilizaram o ginásio e os salões para estruturar a vida social das instituições e de seus associados. Comemorações das fundações de clubes, como foi o caso do 35º aniversário do CR Tietê¹⁶² ou do 33º do Corinthians¹⁶³, foram celebradas com jantares e festas noturnas.

Outras organizações civis, mesmo não pertencentes à elite tradicional da cidade, também sediaram parte de suas atividades de lazer e celebração nas instalações do Estádio Municipal. A comunidade judaica da cidade organizou, em novembro de 1945, um comício de apoio à criação do Estado de Israel na Palestina (Bartel, 2012). O ato, realizado no ginásio, teve a participação de Jorge Amado, Sergio Millet e Caio Prado Jr., entre outros¹⁶⁴. Em julho de 1946, foi realizado um novo comício, e, em maio de 1949, foi comemorado o primeiro aniversário da proclamação da independência de Israel¹⁶⁵. Entretanto, essa não foi a única comunidade imigrante que utilizou as dependências sociais do Estádio: no verão de 1944, a comunidade russa, através do Sub-Comitê russo em São Paulo, organizou um festival artístico-

¹⁶⁰ “Campanha de alfabetização”. *Correio Paulistano*, 10 de Dezembro de 1948, p. 11.

¹⁶¹ “A grande missa do galo no Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 23 de Dezembro de 1949, p. 5. “Em amplitude, beleza e expressão, a festa do Pacaembu foi a maior já realizada no Brasil”. *Correio Paulistano*, 27 de Dezembro de 1949, p. 1.

¹⁶² “Serão homenageados os fundadores do Tietê”, *Correio Paulistano*, 6 de Maio de 1942, p.8.

¹⁶³ “Baile do Corinthians no Pacaembu” *Correio Paulistano*, 30 de Setembro de 1943, p. 9.

¹⁶⁴ “Israelitas e amigos do povo de Israel. Grandiosa manifestação em prol do lar judaico”. *Correio Paulistano*, 9 de Novembro de 1945, p. 9.

¹⁶⁵ “Noticiário”. *Nossa Voz*, 5 de Maio de 1949.

cultural para arrecadar fundos para as vítimas da guerra na Rússia¹⁶⁶, tal como, no verão seguinte, faria a Liga de Defesa Nacional, com a realização de um festival de cooperação com as Forças Expedicionárias Brasileiras, em favor das famílias dos soldados e com a participação dos principais artistas radiofônicos paulistas¹⁶⁷.

Talvez um dos casos mais interessantes seja a realização, em 1948, das festas de confraternização operária organizada pelo Sesi (Serviço Social da Indústria) e as Federações e Sindicatos de Trabalhadores na Indústria, com convites repartidos pelas próprias federações a seus associados e eleição da rainha dos trabalhadores¹⁶⁸. A proximidade do Estado Novo com os trabalhadores, assim como as políticas de impulso do lazer e da recreação operária, evidenciada em projetos como o Serviço de Recreação Operária (1943) (Peixoto, 2008; Brêtas, 2010), podem ser entendidos dentro de um processo de conformação e controle de uma classe social, mas também de impulso à democratização do acesso ao bem-estar.

Não era uma novidade que os trabalhadores organizados realizassem suas atividades no Estádio: em 1944, foi comemorado o Dia do Trabalho no Pacaembu, quando, pelo menos, 50 mil pessoas participaram das atividades no estádio, como já acontecia, desde 1938, no Rio de Janeiro, onde o estádio São Januário era continuamente o palco das comemorações da festa cívica (Drummond, 2009). Nesse mesmo dia, a Federação de Sindicatos dos Trabalhadores paulista convidou os Sindicatos Industriais de Volta Redonda para um almoço no ginásio, em uma atividade de confraternização operária¹⁶⁹. Com efeito, a atividade de 1944 foi uma antecipação a um dos maiores comícios políticos sediados no estádio em toda sua história: o ato organizado pelo Movimento Unificador dos Trabalhadores para Luiz Carlos Prestes, no dia 15 de julho de 1945. Logo após a anistia outorgada por Vargas, Prestes reuniu cerca de 100 mil pessoas em São Paulo – algo parecido com o que tinha feito no Rio de Janeiro em 23 de maio de 1945, no comício em São Januário. Tal evento foi descrito pelo poeta e senador chileno Pablo Neruda, orador desse dia no Pacaembu, nos seus versos do *Canto Geral* (1950)¹⁷⁰, em um ato que trouxe de volta à vida pública a militância comunista e proletária paulista.

Desde inícios da década de 1950, a tríade continuaria sendo utilizada para usos sociais, como aconteceu durante as comemorações do IV Centenário, durante todo o ano de 1954. Se, em dezembro de 1953, a Bienal de São Paulo tinha solicitado aos administradores do Estádio a cessão temporária dos alojamentos para receber estudantes brasileiros e sul-americanos¹⁷¹, em janeiro do ano seguinte, foram 300 músicos do interior do Estado de São Paulo que ficaram nas instalações do estádio para participar do concurso de bandas civis do dia 25 de janeiro¹⁷². O ginásio e o salão de festas também seriam importantes em outras atividades do IV Centenário, tal como em março de 1954, quando a festa de abertura do Festival Internacional do Cinema foi realizada ali, ou no final desse mesmo ano, quando o Balé do IV Centenário, organizado pelo próprio Nicanor Miranda, teve que procurar um local para estreiar seu espetáculo, em razão do atraso das obras

¹⁶⁶ “Festival em favor das vítimas de guerra na Rússia”. *Correio Paulistano*, 27 de Fevereiro de 1944, p. 23.

¹⁶⁷ “Festival de cooperação com as Forças Expedicionárias Brasileiras”. *Correio Paulistano*, 21 de Janeiro de 1945, p. 8. “Festival em favor dos Expedicionários Brasileiros”. *Correio Paulistano*, 3 de Fevereiro de 1945, p. 11.

¹⁶⁸ “Rainha dos trabalhadores de 1948”. *Correio Paulistano*, 8 de Dezembro de 1948, p. 2.

¹⁶⁹ “O dia do trabalho nesta capital”. *Correio Paulistano*, 26 de Abril de 1944, p. 1.

¹⁷⁰ Dois dos cantos de Neruda fazem referência ao Comício do Pacaembu. Ambos dão conta da atmosfera desse dia nas arquibancadas do complexo esportivo. Um deles, uma transcrição do discurso de Neruda no estádio, afirma: “Hoy estoy orgulloso de verlo rodeado / de un mar de corazones victoriosos. / Voy a decirle a Chile: lo saludé en el aire / de las banderas libres de su pueblo”. (*Dicho en Pacaembu*, canto XLI, 1945). O segundo, escrito em 1949, afirma: “Por primera vez / hablaba, en Pacaembu. / El gran estadio pululaba / con cien mil corazones rojos / que esperaban verlo y tocarlo. / Llegó en una indecible / ola de canto y de ternura, / cien mil pañuelos saludaban / como un bosque su bienvenida. / Él miró con ojos profundos / a mi lado, mientras hablé” (Prestes del Brasil, canto XL, 1949). Cf.: Neruda (1950).

¹⁷¹ “Sobre estabelecimento de uma linha especial de ônibus, estacionamentos, pontos de taxis, um serviço de lotações e uso dos alojamentos do Estádio do Pacaembu”. Processo 2644/53, caixa 117. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

¹⁷² “Apresenta orçamento para alimentação de 300 músicos que ficarão alojados no Estádio Municipal do Pacaembu”. Processo 2927/54, caixa 229. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

da reforma do Teatro Municipal¹⁷³. Uma rápida adequação do ginásio – além de uma negociação com o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos Paulistas, que já tinham reservado o local há meses – permitiu que a peça fosse apresentada no dia 6 de novembro.

Diferentes usuários e agendas de atividades pareciam manter-se dentro da programação do Pacaembu. A indústria do espetáculo continuou em uma fase ascendente, o que fez que, como veremos na última seção do capítulo, fossem discutidas algumas características físicas do Estádio, ao mesmo tempo em que outros equipamentos esportivos eram planejados e construídos na cidade, como foi o caso do Estádio do Morumbi, propriedade do São Paulo FC, e do Ginásio do Ibirapuera, projeto desenvolvido pelo Departamento de Educação Física e Esportes do Governo do Estado de São Paulo. No entanto, o estádio das narrativas patrióticas foi perdendo força, tal como aconteceu em todo o continente nos anos do pós-guerra, quando os discursos que combinavam nacionalismo e eugenia ficaram desacreditados pelos horrores da Segunda Guerra Mundial e viraram ética e cientificamente inaceitáveis (Stepan, 1991).

Naquele período a urbanização residencial do bairro estava quase completa, com a maioria dos lotes já vendidos e as casas construídas. Precisáramos fazer outra pesquisa – sabendo, ademais, das dificuldades que seria encontrar vivos esses compradores originais – para estabelecer quantos dos moradores de Pacaembu decidiram comprar pela possibilidade de ter um grande complexo esportivo próximo de suas residências. Imagino que, com grande probabilidade, seriam poucos os que responderiam afirmativamente. Porém, acredito que, quando consultados por sua participação nas atividades esportivas e extra-esportivas organizadas no estádio, teriam sido muitos os que responderiam positivamente. As atividades elitistas sediadas na tríade social do complexo devem ter chamado a atenção dos moradores da “colina verdejante e mais aristocrática do Pacaembu” (Lévi-Strauss, 1957: 100), mas também os múltiplos espetáculos esportivos organizados no campo de futebol, na piscina, no estádio de tênis e no ginásio. Contudo, esses não foram os únicos. Moradores de todos os cantos da cidade se locomoveram para assistir um jogo de futebol, fazendo dessa atividade a de maior convocatória entre todas as que eram organizadas no estádio. Como analisaremos a seguir, isso fez, desde finais da década de 1940, que se questionasse o programa de atividades e, inclusive, a forma do Estádio Municipal. De alguma forma, as agendas de uso entraram em tensão.

A futebolização do Pacaembu: o fim do estádio dos usos múltiplos?

Já no final da década de 1940 começaram a ser publicados textos na imprensa que pediam uma reforma do Estádio, visto como um estádio pequeno e sem envergadura para as necessidades do futebol paulista¹⁷⁴. Apesar da principal demanda proceder do futebol profissional, interessado em expandir a capacidade do estádio para vender um maior número de ingressos, outros agentes também começaram a pressionar pela construção de outros equipamentos esportivos para a cidade e o estado de São Paulo, como foi o caso de uma piscina e de um ginásio cobertos e de grande porte que começaram a ser exigidos pela imprensa esportiva. Assim que São Paulo foi escolhida como uma das cidades-sede da Copa do Mundo da FIFA de 1950, começa uma pressão de alguns setores da imprensa para promover a reforma do Estádio e a ampliação de sua capacidade. Para isso, a principal transformação deveria ser a demolição da concha acústica ou, pelo menos, a instalação de arquibancadas naquele setor do estádio. Se a primeira proposta planejava o fechamento da ferradura, calculando mais de 20 mil novos lugares para o estádio¹⁷⁵, a segunda discutia a possibilidade de construir “mais uma bancada, entre

¹⁷³ “Sobre a adaptação do Ginásio do Pacaembu para apresentação do Ballet do IV Centenário”. Processo 4398/54, caixa 107. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

¹⁷⁴ “Tema obrigatório”. *Mundo Esportivo*, 29 de Abril de 1952, p. 11.

¹⁷⁵ “Cenário da Copa do Mundo”. *O Globo Sportivo*, 28 de Outubro de 1949, p. 2.

o alambrado e a concha acústica” de trinta metros de comprimento e degraus de vinte centímetros, onde também caberiam 20 mil novos espectadores¹⁷⁶.

A realização da Copa do Mundo e, especialmente, a construção do estádio do Maracanã, no Rio de Janeiro, tensionaram as discussões sobre as características do Estádio Municipal do Pacaembu, que, aparentemente, começou a ser visto como ultrapassado pelas necessidades de aforo, assim como também pela sua aparente obsolescência em comparação com o moderno estádio carioca. O Maracanã era um estádio de uso exclusivo para o futebol, era enorme – o “*monstro de ferro e cimento*”, o “*colosso*” ou o “*maior estádio do mundo*” foram alguns dos apelidos dados pela imprensa ao complexo esportivo¹⁷⁷ –, sua arquitetura era completamente inovadora em relação aos estádios já existentes no país e destinava um espaço importante das arquibancadas, a geral, para a venda de ingressos econômicos.

O crescimento dos grandes clubes de futebol da cidade e o desenvolvimento do campeonato paulista devem ter pressionado ainda mais por uma reforma do Estádio que acelerasse o processo de “futebolização” do complexo esportivo. Em meados da década de 1950, apareceram fortes críticas ao gerenciamento do estádio, que tinha enormes dificuldades para fechar as contas da manutenção da grama, limpar as arquibancadas ou reparar o sistema de iluminação, o que tornava, por exemplo, impossível organizar jogos noturnos, como tinham sido feitos durante toda a década de 1940¹⁷⁸. O Pacaembu, o “*rei do barulho no bairro do silêncio*” enfrentava uma crise financeira, mas também de definição do seu futuro. Uma nota da revista *Mundo Esportivo* exigia que os administradores do complexo esportivo definissem a vocação do estádio, entendendo que, mesmo sendo local de outras disciplinas esportivas e, inclusive, de “*enfadonhos bailes de formatura*”, eles deveriam estabelecer um modelo de negócios que fosse rentável, mas, sobretudo, favorável para os interesses da indústria do futebol. Um mês antes, o mesmo periódico tinha afirmado que as modificações do Pacaembu eram necessárias, e mesmo inevitáveis, apontando à concha acústica e ao salão festas como os edifícios que deviam ser demolidos para abrir passo a novas arquibancadas. Em 1955, *Mundo Esportivo* descrevia assim a concha acústica:

Beleza arquitetônica construída para realização de concertos ao ar livre, mas usada apenas duas vezes na sua verdadeira finalidade. Lugar que atualmente serve para ficar vazio enquanto o resto do Estádio fica cheio. Local destinado a sofrer profundas modificações para dar ao Estádio capacidade para 100.000 pessoas. Lugar muito olhado durante certas partidas, porque o placar está aí¹⁷⁹.

Como se fosse um veredicto, a concha acústica e os usos múltiplos do salão de festas foram duramente desdenhados. Contudo, vários anos passariam até que a demolição desse edifício fosse executada, o que aconteceu em 1968, durante a administração de Paulo Maluf. O tobogã, a nova arquibancada do Pacaembu, foi inaugurada em 1970, mesmo ano em que as obras do grande estádio monumental paulista, o Morumbi, foram finalizadas. Nenhum outro estádio municipal foi construído, como também sugeriu o *Mundo Esportivo*, em 1952, quando afirmou que o Pacaembu era uma glória, “*mas uma glória que estava ficando para trás, símbolo de um império que nasceu, viveu e cresceu e que por isso precisa de um palácio maior*”¹⁸⁰. As pressões pela demolição da concha acústica e pela construção de um novo grande estádio, instaladas já desde finais da década de 1940, relembram o trecho de *Tristes Trópicos* em que Lévi-Strauss (1957) descrevia São Paulo como um lugar que não era apenas uma cidade recém-construída, mas uma metrópole construída para renovar-se com a mesma velocidade com que foi erguida. Só uma década após a inauguração do Pacaembu que as agendas do urbanismo esportivo voltaram a se ativar, como uma resposta a um suposto envelhecimento prematuro

¹⁷⁶ “Obras de ampliação do estádio do Pacaembu”. *Correio Paulistano*, 24 de Novembro de 1949, p. 3.

¹⁷⁷ Cf.: Tavares e Votré, 2015. “Eleva-se cada vez mais o monstro de ferro e cimento”. *Jornal dos Sports*, 15 de Março de 1949, p. 5. “Mais uma visão da obra grandiosa onde se desenrolará a Copa do Mundo”. *Jornal dos Sports*, 21 de Maio de 1950, p. 5.

¹⁷⁸ “Sou o rei do barulho no bairro do silêncio”, Op. cit.

¹⁷⁹ “Enciclopedia venenosa”. *Mundo Esportivo*, 8 de Abril de 1955, p. 5.

¹⁸⁰ “Tema obrigatório”. Op. cit.

Imagem 6.35. A recém-construída arquibancada do “tobogã”, Estádio Municipal do Pacaembu. São Paulo, 1970.

do Estádio. A demolição da concha acústica foi, ainda, a expressão da derrota do modelo administrativo proposto por Mário de Andrade e Fábio Prado, no qual o esporte era organizado pelas políticas culturais. A visão vencedora, representada majoritariamente por agentes da indústria do espetáculo esportivo, mas também por autoridades políticas, conseguiu que o esporte ganhasse uma autonomia organizacional. Esse processo, iniciado na administração de Prestes Maia em diante, ganhou mais força na década de 1950, quando o esporte, como prática, se afasta dos discursos pedagógicos e sanitários, que ficaram circunscritos, quase exclusivamente, ao campo da educação física. O esporte como espetáculo ganhou força nos grandes complexos esportivos do continente, e o Pacaembu não foi a exceção. Tal como hoje, os anseios da indústria do espetáculo por um novo coliseu eclipsaram a discussão sobre os diversos usos cotidianos de estádio, como se o futebol fosse a atividade que tivesse que dominar qualquer ato imaginativo em relação os destinos do complexo esportivo. Como se o Estádio Municipal não tivesse uma função social para além do espetáculo.

7. O IV CENTENÁRIO ESPORTIVO DE SÃO PAULO: DO ENTUSIASMO À DECEPÇÃO (1951-1955)

Este último da capítulo da tese examina um evento esportivo pouco estudado, organizado na cidade de São Paulo, em 1954, na ocasião das comemorações do IV Centenário e da consagração da missão jesuíta que deu origem à capital paulista. Agendado como parte da agenda de festejos da cidade, o calendário de eventos esportivos proposto pela Comissão do IV Centenário de São Paulo, entidade autárquica criada para coordenar todas as atividades de 1954, incluiu a realização de campeonatos mundiais, pan-americanos, sul-americanos e nacionais de diferentes disciplinas. Além disso, o programa incluiu a construção de novos complexos esportivos na cidade, como um grande ginásio coberto, um velódromo e um edifício de alojamento para atletas¹, que se somariam à moderna Piscina Coberta do Parque Água Branca, projeto do Departamento de Esportes do Estado de São Paulo (DEESP), iniciado em 1948 e inaugurado em 1953.

Anunciado desde 1951, o programa de eventos esportivos do IV Centenário pretendia, como a agenda geral das comemorações propostas pela Comissão, celebrar o progresso e a modernidade da cidade por meio de instâncias que mostrassem uma cidade avançada, cosmopolita e interessada na promoção da cultura, das artes e do lazer. Para isso, os organizadores dos festejos solicitaram à instituição esportiva especialista do Estado, o Departamento de Esportes (DEESP), e ao seu diretor, Sylvio Magalhães Padilha, que coordenassem junto às federações esportivas paulistas e internacionais a agenda de eventos que seriam propostos para conformar um calendário de torneios e competições. Em documentos encaminhados pelo próprio Magalhães Padilha para a Comissão², ele pediu, em diferentes momentos do ano, apoio financeiro para a realização dos seguintes campeonatos internacionais: mundiais masculinos de basquete e voleibol; Pan-Americano de ciclismo; Latino-Americano de boxe; Sul-Americano de atletismo, natação, esgrima e tênis, além do feminino de basquete. A esses nove eventos se somariam eventos já tradicionais da cidade, como a Corrida de São Silvestre, organizada pela *Gazeta Esportiva*, e outras propostas feitas por diversas instituições que solicitaram à Comissão patrocínio, financiamento ou inclusão dentro do calendário comemorativo oficial do IV Centenário. Nessa categoria poderiam ser contabilizados: o Campeonato Sul-Americano de remo, proposto pela Federação Paulista desse esporte; um Campeonato Sul-Americano de hóquei, proposto pela Federação Paulista de Hóquei e Patinação; um grande prêmio no Autódromo de Interlagos, proposto pelo Automóvel Clube de Brasil; a Primeira Volta Ciclista do Atlântico, organizada pelo jornal *Folha da Manhã*; as provas hípicas e equestres propostas pelo Jockey Clube e pela Sociedade Hípica Paulista, respectivamente. Ademais, a Federação Universitária Paulista de Esportes também solicitou à Comissão apoio para a organização dos XII Jogos Universitários de 1954, em São Paulo.

A agenda esportiva do IV Centenário seria a coroação de um ciclo de crescimento do esporte da cidade, que se desenvolveu graças à organização de federações, clubes e competições, bem como pela construção de equipamentos esportivos disponíveis na cidade. A consolidação das instituições públicas esportivas paulistas, como a Escola de Educação Física ou o DEESP, e das instituições privadas, que iam de jornais esportivos especializados à promotores privados de lutas e combates, foram fundamentais para a transformação de São Paulo em um dos principais polos do esporte latino-americano. Nesse contexto, era lógico que o esporte paulista – e, aqui, referimo-nos ao DEESP, mas também a uma série de outros agentes públicos e privados – sentisse ser capaz de organizar um grande evento.

O contexto de internacionalização do esporte paulista – que acontecia em paralelo ao fortalecimento do pan-americanismo esportivo, com a realização de megae-

¹ “A Comissão do IV Centenário ao povo de São Paulo”. *Anhembi*, 21, Agosto/1952, pp. 534-535.

² “Encaminha processo em que o Departamento de Esportes presente sugestões sobre o aproveitamento de terrenos situados no Ibirapuera”. Processo 24/51, caixa 38. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

ventos como os Primeiros Jogos Pan-Americanos, organizados em Buenos Aires, no verão de 1951 –, coincidiu com as aspirações que fundaram os festejos de 1954. A comemoração do IV Centenário não era um momento para simplesmente trazer obras, artistas, esportistas e visitantes do exterior. O “*ufanismo paulista*” (Queiroz, 1992; Marins, 1999) procurava salientar os ideais de progresso, liderança econômica e industrialismo, fazendo da construção de novos edifícios (e da aplicação de novas linguagens arquitetônicas) um imperativo para a cidade que mais crescia no mundo e que impressionava a maioria dos visitantes de passagem por São Paulo³. Esse foi o caso do jornalista esportivo e diretor do periódico *Estádio*, Antonino Vera, que, logo após sua visita à capital paulista, em março de 1954, descreveu a metrópole como a “*Chicago da América Latina*”, onde “*se aprende a viver rápido, a comer de pé e a produzir*”⁴. A industrialização e urbanização de São Paulo no pós-guerra era acelerada e evidente para os que habitavam a cidade. No final da década de 1950, quase a metade de todo o emprego fabril do Brasil se concentrava no Estado de São Paulo, especialmente na região metropolitana (Fontes, 2013). Durante essa década, a cidade recebeu quase um milhão de novos habitantes, boa parte deles de outros estados do país, especialmente da região Nordeste (Fontes, 2008). Apesar de alguns lugares da cidade ainda expressarem o ciclo cafeeiro, a comemoração da metrópole paulista era também uma celebração do seu rosto comercial e industrial, rosto que estava conseguindo transformar São Paulo no centro manufatureiro hegemônico do país (Arruda, 2001) e, progressivamente, na cidade mais populosa da América do Sul. Um dos anúncios que apareceram na imprensa, em 1953, fazia um trocadilho de palavras em que, com certa vaidade, era reafirmado o espírito produtivo que imperava na cidade: “*São Paulo trabalha... para os festejos do seu IV centenário*”. Segmentos das elites locais reivindicavam a expansão dos seus próprios negócios em setores tão diferentes como o financeiro-bancário, o comercial, a construção, entre outros. Dessa forma, 1954 era um momento de autorreconhecimento e invenção de um passado que ajudasse a sustentar suas visões de progresso.

Para que o calendário de atividades esportivas fosse possível de ser desenvolvido, era necessário que as obras de infraestrutura estivessem prontas em 1954. O Ginásio do Ibirapuera, provavelmente o edifício mais importante dessa história, era entendido como o grande coliseu coberto que a cidade precisava para sediar grandes eventos esportivos, shows musicais, atividades culturais e comícios políticos – tal como as grandes metrópoles do mundo. Projetado para receber entre 20 e 30 mil pessoas, o Ginásio do Ibirapuera impulsionaria a vida esportiva e cultural da cidade, oferecendo um espaço maior do que o ginásio do Estádio Municipal do Pacaembu. O Ginásio seria a sede do basquete, voleibol, boxe e hóquei, enquanto o Velódromo do Ibirapuera seria a sede do grande torneio internacional de ciclismo. Por sua vez, a recém-inaugurada piscina da Água Branca serviria ao polo aquático, enquanto o Pacaembu seria sede do atletismo, natação, tênis e esgrima. Já os esportistas utilizariam as instalações do Edifício de Alojamento dos Atletas, no Parque Água Branca.

Ainda que houvesse grandes expectativas entre esportistas, dirigentes, autoridades políticas e jornalistas paulistas, o calendário esportivo do IV Centenário foi, diferentemente de outras atividades organizadas pela Comissão, um verdadeiro fracasso. O Ginásio não conseguiu ser inaugurado em 1954, enquanto o Velódromo, construído com sérias dificuldades, foi fortemente criticado pela qualidade do seu desenho. Por sua vez, a Comissão negou à Federação de Remo a construção de um estádio no rio Tietê. Assim, várias das atividades do programa acabaram sendo adiadas, levadas para recintos menores, ou, em alguns casos, relocadas para o Rio de Janeiro. Nesse sentido, como foi possível que uma atividade tão aguardada e sobre a qual existiam tantas esperanças acabasse não sendo organizada tal como tinha sido planejada?

³ Esse foi o caso de William Faulkner, que, em ocasião da sua participação no Congresso Internacional de Escritores, fez um passeio pelo triângulo do centro junto a um repórter da revista *A Cigarra*. Faulkner, como vários estrangeiros que passavam pela cidade, perguntava se aquela riqueza era simplesmente resultado da atividade cafeeira, desconhecendo o peso do comércio e da indústria na economia paulista. Cf.: “Foto-reportagem com William Faulkner”, *A Cigarra*, 35 (11), Novembro/1954, pp. 34-35.

⁴ “48 horas em São Paulo”. *Estádio*, 567, 27 de Março de 1954, pp. 14-15.

À primeira vista, o episódio analisado parece ter mais a ver com um ciclo distinto de construção de edifícios e de organização de eventos esportivos, bem diferente dos edifícios e projetos esportivos produzidos entre as décadas de 1920 e 1940, que foram estudados nos capítulos anteriores. De fato, a escala das comemorações previstas para o IV Centenário foram mais parecidas com a realização de Jogos Pan-Americanos ou, inclusive, de Jogos Olímpicos, mesmo que os campeonatos não fossem disputados simultaneamente: era um evento multiesportivo, em diferentes sedes da cidade, para o qual seriam construídos alguns conjuntos, como foi o caso do Ginásio e do Velódromo, e para qual outros foram propostos, mas não concretizados, caso da raia e do estádio de remo no rio Tietê. Essas novas características de escala, que significaram o envolvimento de instituições transnacionais – como a Federação Internacional de Basquete ou a União Ciclista Internacional, além de outros órgãos esportivos, como a Confederação Brasileira de Desportos –, adicionaram novos desafios e dificuldades à realização dos eventos e à construção dos edifícios. Além disso, como demonstrou a crescente “futebolização” do Pacaembu de finais da década de 1940, a indústria do espetáculo esportivo foi ganhando força em detrimento de outras agendas e visões em relação ao esporte, que entendiam sua prática como parte de um projeto pedagógico ou sanitário.

Nesse contexto, é necessário discutir se a categoria urbanismo esportivo, bem como as quatro grandes agendas de impulso à edificação esportiva, é útil para analisar esse novo ciclo. Parece claro que, no caso do IV Centenário, existiu um orgulho identitário ativo, que fez que, para muitos agentes, o calendário esportivo fosse um campo a mais de demonstração do orgulho paulista. Nesses anos da década de 1950, não eram as narrativas nacionalistas as que mais operavam, mas uma representação metropolitana e regional que aglutinava os diversos eventos por trás da ideia do desenvolvimento paulista. Nesse sentido, como operaram as outras agendas? Que interesses a indústria do espetáculo tinha em relação à realização do calendário de atividades esportivas do IV Centenário? Esses projetos participaram dentro de operações urbanas e imobiliárias maiores? Existiram relações, como no caso do Pacaembu, entre agentes privados e o poder público? Por fim, as narrativas sanitaristas compareceram de alguma forma, tendo em vista ser esse um período imediatamente posterior ao descrédito das propostas que associavam prática esportiva, educação cívica e patriotismo?

Em síntese, nas próximas páginas analisaremos o acidentado percurso do IV Centenário esportivo, observando as relações entre os diferentes agentes que impulsionavam a construção dos novos equipamentos esportivos e a organização de um ativo calendário de eventos internacionais. Utilizando os arquivos da Comissão do IV Centenário como fonte principal, analisaremos as tensões e dificuldades que marcaram o processo. A partir disso, discutiremos a pertinência da categoria do urbanismo esportivo para analisar esse episódio de meados da década de 1950.

São Paulo-400: transformações socioculturais na metrópole

Durante os primeiros anos do período do pós-guerra, a cidade de São Paulo passou por inúmeras transformações físicas e socioculturais, que mudaram padrões residenciais, ritmos de vida e hábitos de consumo, entre outros aspectos da vida metropolitana. Novos espaços de sociabilidade e profissionalização marcavam o lazer e o trabalho na cidade, ao mesmo tempo em que se produziam mudanças radicais na estratificação social e na pirâmide demográfica metropolitana (Pontes, 2016). Em fase de expansão, o mercado imobiliário da cidade desenvolveu processos tão diferentes como o fortalecimento da verticalização do centro – existente, pelo menos, desde a década de 1930, após o Plano de Avenidas, quando o centro da cidade foi projetado como “a zona privilegiada dos negócios, da riqueza e do poder” (Mello, 2011) –, a expansão urbana via incipientes processos de suburbanização e a construção de grandes equipamentos urbanos. Por sua vez, a cidade informal também cresceu, impulsionada principalmente pelos processos de migração interna que a região metropolitana de São Paulo experimentava, que, nesse momento, estava pronta e prestes a se transformar no principal polo industrial da América Latina.

A produção de habitação em altura e o fortalecimento da região central como projeto residencial e cultural, especialmente para milhares de pessoas beneficiadas pela densificação habitacional, respondiam a uma crescente demanda habitacional de segmentos médios da sociedade e às novas tipologias de composição das famílias. Segmentos da nova classe média, vinculados à atividade comercial e ao setor de serviços, profissionais liberais, assim como funcionários públicos de médio escalão, paulistanos ou recém-chegados à cidade, optaram pela prolífica oferta de apartamentos orientada a públicos e composições familiares diferentes⁵. A verticalização avançava em bairros tão diferentes como Liberdade, Higienópolis ou a região de Santa Ifigênia⁶, em um ritmo acelerado, tal como detalhou o superintendente da incorporadora Companhia Nacional de Investimentos, Floriano de Toledo:

Vale a pena destacar o dinamismo com que estamos levando avante as construções. Trabalham-se ativamente em todos os prédios. No Edifício Montreal, por exemplo, fundiu-se no mês passado 5 lajes, um fato extraordinário na construção civil em São Paulo. Outro exemplo: Edifício Eiffel trabalha-se 23 horas por dia. E note não para recuperar atrasos, mas para antecipar a entrega, o que é extremamente importante para os condôminos e para todos⁷.

Essas transformações radicais nos modos de habitar foram também modificando a paisagem da região central paulistana, assim como as práticas urbanas dessas áreas. Novas tipologias surgiram na região da Praça da República, do Largo do Arouche, nas Avenidas São Luis, Ipiranga e São João, entre outras, dando forma a isso que foi sendo conhecido como Centro Novo⁸. Da mesma forma, nesses anos também foram construídos e inaugurados novos edifícios corporativos, talvez a última grande onda desse tipo de prédios antes do boom da Avenida Paulista como principal centro de negócios da cidade⁹. Alguns deles, inovaram na combinação de programas, como foi o caso do novo edifício institucional do jornal *O Estado de São Paulo*, inaugurado em 1953, que combinava as salas de escritórios com o salão das rotativas – “visível da rua através de quatro janelões que oferecem ao público o espetáculo das máquinas em funcionamento”¹⁰ –, um hotel, restaurantes, bar e uma estação de rádio. Além disso, o conjunto era completado por um grande relógio de concreto armado na cobertura e painéis de Di Cavalcanti e Clóvis Graciano: a produção fabril, a integração plástica e a maximização do tempo apareciam integrados no mesmo prédio.

5 Por exemplo, a aparição de uma tipologia como as quitinetes deu conta não só de algumas variações do valor da terra e das novas estratégias das incorporadoras, mas também da mudança da sociabilidade urbana produzida pela metropolização e modernização cultural de São Paulo (Mello, 2013). Esses processos fizeram possível a aparição, dentro do mercado habitacional paulistano, de pequenos apartamentos orientados à solteiros ou casais que podiam prescindir de grandes cozinhas, salões de visita ou gabinetes, substituindo-as pelos bens e serviços que a cidade oferecia. Os edifícios de quitinetes começaram a ser cada vez mais comuns no centro de São Paulo, assim como outras tipologias, como os apartamentos duplex, que existiam como habitações para classes médias e altas no centro da cidade desde finais da década de 1930 (Costa, 2018).

6 “Apartamentos”. *Correio Paulistano*, 19 de Setembro de 1954, p. 20.

7 “Entregue aos condôminos moderno edifício na rua Bento Freitas”. *Correio Paulistano*, 10 de Junho de 1953, p. 5.

8 Cf.: Algumas incorporadoras entenderam o IV Centenário como uma possibilidade de dotar seus projetos com uma certa aura comemorativa, pelo menos em termos publicitários. Foi o caso do Edifício Montreal, entregue em 1954. Projeto de Oscar Niemeyer, construído pela Companhia Nacional de Investimentos, incorporadora presidida por Francisco Prestes Maia (Lofego, 2002), a mesma responsável por outros projetos na região central da cidade, como na Rua Bento Freitas ou na Rua dos Andradas. Outras incorporadoras atuantes na região central, como a comercial e construtora Dácio A. de Moraes, já especializada na construção em altura desde meados da década de 1930, diversificaram seu mercado e ofereceram novos projetos em diferentes zonas da região central orientados a diferentes públicos. Cf.: “Prédio Ita, Rua Barão de Itapetininga”. *Acrópole*, 18, Outubro/1939, p. 1. “Futuro edifício Othon”. *Acrópole*, 134, Junho/1949, pp. 60-61. “Prédio de apartamento a Avenida Ipiranga”. *Acrópole*, 182, Junho/1953, p. 77.

9 Alguns desses prédios de salas de escritórios, como o Esplanada (1948) do Vale de Anhangabaú, inovaram no uso do concreto armado e na incorporação das grandes salas livres (Fialho, 2007). No entanto, o centro tradicional também passava por um processo de verticalização comercial, com projetos como o Edifício Triângulo, e os novos edifícios institucionais do Banco do Brasil e do Banco Cruzeiro do Sul. Cf.: “Edifício Banco Cruzeiro do Sul”. *Acrópole*, 191, Agosto/1954, pp. 519-521.

10 “Edifício O Estado de São Paulo”. *Acrópole*, 181, Maio/1953, pp. 461-464.

Com efeito, o acentuado investimento privado em construções em altura foi acompanhado de uma renovada oferta de bens culturais e públicos, que atendiam aos *urbanitas* que procuravam os serviços e amenidades que a cidade oferecia. Não por acaso, são cada vez mais comuns os edifícios residenciais ou de salas de escritórios que incorporaram galerias comerciais no térreo,¹¹ assim como a massificação de espaços de entretenimento. Por exemplo, foi durante a década de 1950 que mais salas de cinema foram inauguradas na cidade¹², algumas delas qualificáveis como “*luxuosos templos de entretenimento*” (Santoro, 2002).

Os anos do pós-guerra em São Paulo também foram importantes para o fortalecimento de uma rede de instituições artísticas e culturais, impulsionadas por segmentos das elites da cidade, que ganharam presença no espaço público da cidade por meio de eventos, exposições, cursos e encontros profissionais. Orientadas pelo desejo de conduzir a modernização cultural paulista e brasileira, assim como pelo interesse de internacionalizar a produção cultural local, surgiram diversas instituições patrocinadas pelo mecenato privado. O projeto de inclusão de São Paulo nos circuitos internacionais de bens artísticos e simbólicos também é explicativo do surgimento de instituições como o Museu de Arte de São Paulo (MASP), fundado em 1947, por Assis Chateaubriand, com a colaboração próxima de Pietro Maria Bardi¹³. Esse foi, igualmente, o caso Museu de Arte Moderna, inaugurado em 1948, como iniciativa de Francisco Matarazzo Sobrinho, o Ciccillo, um dos principais empresários da cidade¹⁴, e do Teatro da Sociedade de Cultura Artística, aberto em 1950¹⁵. Em 1951, foi organizada a I Bienal de São Paulo, que surgiu como resultado do mecenato artístico de Matarazzo Sobrinho e de sua esposa, Yolanda Penteado, com a missão de constituir um espaço expositivo que impulsionasse a circulação nacional e internacional de obras e discursos artísticos, estéticos e arquitetônicos¹⁶. Embora independente institucional e administrativamente das comemorações do IV Centenário, a Bienal deve ser entendida como uma peça fundamental dentro da trama organizativa dos festejos dos 400 anos em virtude de, pelo menos, três motivos: oficialmente, ela fazia parte do calendário dos festejos de 1954; era dirigida por Ciccillo Matarazzo; e foi a primeira atividade pública na qual foi utilizado o Parque Ibirapuera, principal espaço público legado pela Comissão do IV Centenário à cidade de São Paulo. Em termos práticos, a inter-relação entre Bienal e Comissão ficou demonstrada aquela quando ocupou, em dezembro de 1953, dois dos prédios que foram construídos no Parque¹⁷, e na ocasião da

11 Isso aconteceu com alguns projetos emblemáticos da época, como o edifício e a galeria California, na Rua Sete de Abril, projeto de Oscar Niemeyer e Carlos Lemos (1951), o Edifício Eiffel da Praça da República, também de Niemeyer (1953), e o Conjunto Nacional, localizado na Avenida Paulista e projetado por David Libeskind (1954).

12 Esse foi o caso, por exemplo, dos cinemas *Marrocos*, na Rua Conselheiro Crispiano (1951), *República*, na praça do mesmo nome, *Oasis*, na Praça Julio Mesquita (1950), *Plaza*, na Praça Marechal Deodoro, *Paris*, no Bom Retiro, e *Monark*, na Bela Vista — todos inaugurados em 1952 (Jorge, 1999; Santoro, 2002). O *Marrocos*, como vários dos principais cinemas do centro, se transformou em um novo local para a sociabilidade e lazer das elites econômicas e culturais da cidade, que tinha a oportunidade de desfrutar do bar e dos salões antes, nos intervalos e após as sessões dos filmes. Esse cinema, ponto de encontro da intelectualidade da cidade foi escolhido, já dentro dos festejos do IV Centenário, como a sede do Festival Internacional de Cinema. Cf.: “Baile das quatro artes nos Mares do Sul”. *Correio Paulistano*, 13 de Janeiro de 1951, p. 3. “O novo e majestoso Cine Marrocos será inaugurado dia 25 do corrente”. *Correio Paulistano*, 14 de Janeiro de 1951, p. 17.

13 No início de 1950, o MASP organizou uma exposição sobre os trabalhos arquitetônicos e urbanísticos de Le Corbusier e Richard Neutra, enquanto organizava sua própria Escola de Design Industrial (Leon, 2014).

14 Além de um dos maiores empresários da indústria paulista e latino-americana, Ciccillo tinha também uma extensa rede de contatos e relações no mundo artístico-cultural continental e europeu, como colecionista, mecenas e fundador do Museu de Arte Moderna (1948), da Companhia Cinematográfica Vera Cruz, de São Bernardo do Campo (1949) — que foi criada em parceria com Franco Zampari, produtor teatral e empresário italiano radicado em São Paulo, e fundador, em 1948, do Teatro Brasileiro de Comédia —, e da já mencionada Bienal de São Paulo (1951).

15 O projeto do teatro, feito pelo arquiteto Rino Levi, respondeu a um anseio que vinha sendo discutido desde meados da década de 1940.

16 A I Bienal de São Paulo foi organizada na esplanada do Trianon, na Avenida Paulista. Nela participaram, entre outros, o suíço Siegfried Giedion, o japonês Junzo Sakakura e o mexicano Mario Pani. A participação de Giedion, histórico secretário-geral dos Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna (CIAM), pode ser entendida como uma dupla estratégia para dotar de prestígio à exposição e divulgar a produção brasileira dentro do cenário internacional (Oliveira, 2005).

17 A II Bienal teve como sede o Palácio dos Estados (atual Pavilhão das Culturas Brasileiras) e o Palácio das Nações (atual Museu Afro Brasil), e foi realizada entre meados de dezembro de 1953 a meados de janeiro de 1954.

Feira da Internacional da Indústria de São Paulo, que foi inaugurada no dia 21 de agosto de 1954. Esses segmentos das elites paulistas, vinculadas às artes e cultura, participavam de um processo de reprodução de suas posições de poder e prestígio dentro da cidade, mas, sobretudo, no sistema internacional de bens artísticos e culturais.

Havia vários anos, pelo menos desde 1948, que as autoridades municipais, junto ao governo do Estado, assim como empresários, agentes culturais e diferentes meios de imprensa, estavam trabalhando na organização dos festejos do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo. Com efeito, já em 1948 existiram tentativas, no interior da Câmara Municipal de São Paulo, para organizar os festejos do IV Centenário da fundação da cidade, constituindo-se, nesse ano, a primeira Comissão de Festejos (Lofego, 2002). A estruturação dessa instituição passou por várias discussões no interior da Câmara Municipal e nos gabinetes dos diferentes Prefeitos que a cidade teve entre 1948 e 1951 – foram cinco no total: Paulo Lauro, Milton Improta, Asdrúbal Euritsses da Cunha, Lineu Prestes e Armando de Arruda Pereira – até que, em maio de 1951, foi constituída a Comissão Municipal dos Festejos Comemorativos do IV Centenário da Fundação da Cidade de São Paulo. Nesse formato, os sete membros da comissão eram nomeados pela Prefeitura, conforme estabeleceu a lei municipal 4.052 sancionada pela Câmara Municipal¹⁸. Por questões políticas – e, seguramente, também orçamentárias –, no final do ano foi oficializada uma nova configuração administrativa, que outorgou maior poder ao governo estadual. Por meio da promulgação da lei municipal 4.166¹⁹ era criada a entidade autárquica “Comissão do IV Centenário de São Paulo”, que cedia três das sete cadeiras à designação do Governador do Estado, Lucas Nogueira Garcez. O convênio entre Prefeitura e Governo do Estado designou Francisco Matarazzo Sobrinho como presidente da Comissão, a cargo de uma equipe *quatrocentona* formada “quase exclusivamente por paulistas de vastos e velhos sobrenomes” (Marins, 1999).

Ora, o clima de “auto-comemoração” que predominava em 1954 não era novo – vale lembrar, por exemplo, o início do filme *São Paulo, sinfonia da metrópole* (1929) que afirmava que revelaria “aos próprios paulistas, a grandeza desta soberba metrópole, que se fez vertiginosamente, graças à energia construtiva do seu povo”²⁰. Porém, as condições socioeconômicas da década de 1950 eram bem diferentes, em razão do seu poderio industrial e de sua condição de grande polo metropolitano da América Latina. Nesse sentido, os 400 anos da cidade foram uma oportunidade para conceitualizar visões sobre o passado e o futuro, reafirmar certas narrativas sobre progresso e transformação, e exaltar um orgulho regional baseado na capacidade construtiva, produtiva e criativa do ser paulista. As comemorações do IV Centenário serviram para que segmentos hegemônicos das elites paulistas elaborassem novas leituras e encenações do passado, procurando estratégias de associação desses conteúdos com o presente, baseados em um imaginário de uma cidade civilizada, culta e progressista (Arruda, 2011). Se, por um lado, existiram esforços na cidade para dar continuidade a algumas imagens representantes de um passado heroico, também se empregaram distintos meios para divulgar a ideia de uma cidade na vanguarda da transformação física, demográfica e cultural do país e do continente.

Nesse sentido, ainda que os bandeirantes tivessem sido figuras reivindicadas durante boa parte do século XX, tal como mostraram os trabalhos de Makino (2003) e Garcez (2007) em relação às coleções escultóricas e pictóricas do Museu Paulista, foi por meio do Monumento às Bandeiras, inaugurado no dia 25 de janeiro de 1953, que a narrativa adquiriu uma escala e preeminência no espaço público. Da mesma forma, outras operações, como a restauração da Casa do Bandeirante

¹⁸ Cria a comissão encarregada de promover os festejos comemorativos do IV Centenário da fundação da cidade de São Paulo. Lei Municipal 4.052, 30 de Maio de 1951.

¹⁹ Cria uma entidade autárquica denominada “Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo” e dá outras providências. Lei Municipal 4.166, 29 de Dezembro de 1951.

²⁰ “São Paulo, sinfonia da metrópole”. Dirigida por Adalberto Kemeny e Rodolfo Rex, 1929. O filme é definido por Peixoto e Bispo (2016) como uma propaganda do progresso paulista produzida prévio à grande crise econômica mundial e política do Brasil.

do Butantã, conduzida pelo arquiteto Luis Saia, entre 1954 e 1955 (Sodré, 2003), também podem ser entendidas como parte das tentativas de ancorar as narrativas do progresso em um passado supostamente heroico²¹.

Balanceando-se entre o vanguardismo e a restituição de certos valores históricos, de um modo de ser e de atuar política e economicamente, o Parque Ibirapuera e o Monumento às Bandeiras seriam os dois eixos representativos dessas agendas de produção espacial. Provavelmente, a maior intervenção sobre a cidade promovida pela Comissão do IV Centenário foi a inauguração do Parque Ibirapuera. O espaço foi desejado por décadas por diferentes segmentos das elites da cidade que, não sem dificuldades, conseguiram defender a ideia de um parque metropolitano dos embates por transformar o grande descampado (ou, pelo menos, algumas áreas dele) em hipódromo, aeroporto, clube social e esportivo, entre outras possibilidades discutidas desde meados da década de 1920. Como bem analisou Barone (2018), o programa proposto pela comissão tinha a peculiaridade de condensar indústria, ciência e arte dentro de uma grande área verde urbana, por meio de um calendário de atividades que incluíam feiras de produtos industriais, exposições de arte e congressos científicos dos mais variados temas²². A ideia de organizar a Feira Internacional da Indústria de São Paulo, surgida em 1951, exigiu a construção de um complexo de edifícios para exposições permanentes – o projeto dos pavilhões encomendados a Oscar Niemeyer –, além de um plano para edificações temporárias. Esse modelo para o Parque foi rebatido por diversos setores da própria elite paulistana. Antes que um processo incontestado, alguns argumentaram que a construção dos pavilhões destruiria a possibilidade de um parque público inteiramente verde à semelhança de cidades europeias e norte-americanas – como foi proposto pela Sociedade de Amigos da Cidade e pelo jornal *O Estado de São Paulo* (Barone, 2018). Por outro lado, outros, como Christiano Stocker das Neves, discutiram, a partir de uma posição extremamente conservadora, que as atividades organizadas nos pavilhões tinham sido preparadas para uma audiência estrangeira – “*tudo para satisfazer os caprichos do snobismo*” –, e, como no caso da Bienal, afastada dos interesses da população²³.

Em termos morseanos, a conjunção dos projetos de alguns segmentos das elites culturais e industriais da cidade, com filiações políticas liberais e adesões estéticas modernistas, tem constituído a arena cultural privilegiada a partir da qual tem sido compreendidas as comemorações dos 400 anos de São Paulo. Visões funcionais do passado e desejos de progresso teriam sido articulados através de diferentes estratégias político-culturais, que teriam exigido táticas e dispositivos de planejamento, produção e divulgação de obras e atividades. Esse campo cultural de aspirações construtivas tem sido compreendido, predominantemente, como a narrativa do orgulho de ser paulista ou da reivindicação de um passado heroico, reatualizado e utilizado funcionalmente para a reafirmação dessa altivez regional, condensados na continuidade histórica e simbólica da figura do bandeirante. Tal como afirmam Cymbalista e Kuhn (2019), embora boa parte dos trabalhos sobre o IV Centenário tenham se ancorado na análise da realização improvável do programa modernista do Parque do Ibirapuera, no qual conviveram vanguardas artísticas e projetos de promoção do industrialismo local, as comemorações do IV Centenário envolveram agentes de diferentes instituições e campos de ação e co-

²¹ Sodré (2003) afirma que o interesse pela construção das pontes com o passado bandeirante fazia parte de um esforço de segmentos da intelectualidade paulista desde inícios do século XX. A chegada, em março de 1954, de Guilherme de Almeida à direção da Comissão do IV Centenário teria acentuado esse processo, com operações como a da Casa Bandeirante do Butantã.

²² Mesmo que instituído pelo IAB, o IV Congresso de Arquitetos do Brasil foi organizado como parte das comemorações do IV Centenário. Marcadamente internacionalista em seus debates, o congresso teve a participação de Walter Gropius e Alvar Aalto, além de dezenas de outros arquitetos estrangeiros, a maioria da América do Sul. Em 1954 foram organizados, entre outros, o Congresso Brasileiro de Sociologia, os Internacionais de Americanistas, de Escritores e de Teatros, assim como o Panamericano de Puericultura e Pediatria. Cf.: Dedecca (2012). “A Comissão do IV Centenário ao povo de São Paulo”, Op.cit.

²³ Stocker das Neves criticou fortemente a estética do projeto de Niemeyer, assim como a programação da Bienal, sobre a qual ele se referiu como uma “manifestação internacionalista de uma pseudo arte que ao contrário da arte pura, só produz galhofas, revolta, náuseas”, um comentário que relembra suas críticas à Casa Modernista de Warchavchik, em 1930. “Chagrin-Lá”. *Correio Paulistano*, 14 de Janeiro de 1954.

Imagem 7.1. Mapa geral oficial do Parque Ibirapuera, que inclui o ginásio e velódromo (canto inferior direito) como parte do programa da nova área verde da cidade. Comissão do IV Centenário de São Paulo, 1954.

nhecimento, com interesses mais diversos que os dos proprietários das indústrias e que os das elites intelectuais e liberais da cidade. Por exemplo, trabalhos recentes têm mostrado o processo de retorno da religião à paisagem urbana (Kuhn, 2018), que também fez parte das comemorações do IV Centenário e que incluiu a inauguração da nova Catedral da Sé, a reconstrução do Pátio do Colégio e até a construção de uma cabana no local, simulando uma das habitações originais dos missionários jesuítas.

O trabalho de Barone (2018), interessado pelas tensões, rupturas e permanências no longo percurso até a Comissão executar as obras do Parque, entendeu o Ibirapuera também como um projeto de ampliação da oferta de acesso pluriclasse ao lazer, onde era possível ter contato com a natureza, um contraponto ao crescimento e densificação urbana paulista. Seguindo o programa de investigação do IV Centenário proposto por Cymbalista e Kuhn (2019), este capítulo propõe entender essa região também como o local em que ficaria um dos novos e modernos complexos esportivos, que sediaria boa parte do calendário esportivo do IV Centenário. Mesmo que localizados em um canto do Parque – aliás, atravessado pela Avenida Brasil, e circunscritos pelas Ruas Manuel de Nóbrega e Abílio Soares –, o Ginásio e o Velódromo do Ibirapuera formavam parte, inclusive dos folhetins oficiais que apresentavam o Parque à população. Administrativamente, sua construção dependeu igualmente, dos recursos da Comissão do IV Centenário, tal como os pavilhões e a marquise. Porém, como analisaremos nas páginas seguintes, esses espaços não tiveram o grau de urgência e atenção dos edifícios expositivos do Parque. Ainda que houvessem verbas importantes prometidas, o gerenciamento das obras foi deficitário, o que fez que o calendário esportivo do IV Centenário sofresse modificações importantes, que, inclusive, privaram a cidade de receber o principal evento esportivo agendado para os festejos dos 400 anos. O Ginásio e o Velódromo do Ibirapuera seriam, também, espaços públicos de qualidade, que serviriam à prática física da população e como sede de espetáculos esportivos, sociais e culturais da cidade das próximas décadas. Embora essa ideia possa ter tido espaço dentro da Comissão do IV Centenário, ela não foi uma preocupação prioritária.

Partindo de uma abordagem da ineficácia administrativa, nas próximas páginas discutiremos as dificuldades e desinteresses que os organizadores tiveram para cumprir o plano de comemorações esportivas proposto por Sylvio de Magalhães Padilha – diretor do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo (DEESP) e diretor do calendário esportivo do IV Centenário –, e pelas diferentes federações e agentes envolvidos na cena esportiva paulistana da época. O calendário era extenso, assim como as expectativas das federações, do DEESP, dos esportistas e da imprensa especializada. Esse entusiasmo enfrentou sérias dificuldades econômicas para financiar os torneios e construir os equipamentos

solicitados pelas federações esportivas nacionais e paulistas. Além disso existiram atrasos e negligências na execução de algumas obras, como resultado de problemas orçamentários, discussões sobre a propriedade dos lotes, e até acidentes nos canteiros.

Como hipótese podemos afirmar que a autonomização dos campos da cultura e do esporte, já acentuada desde finais da década de 1940, fez que o calendário esportivo do IV Centenário tivesse uma posição secundária dentro da Comissão, marcadamente interessada em divulgar as vanguardas artísticas, arquitetônicas e produtivas nos espaços expositivos do Parque. A pesquisa mostrará como, mesmo existindo uma responsabilidade institucional, a Comissão deixou em segundo plano, provavelmente por questões financeiras, o gerenciamento do programa esportivo. Ademais, a análise do calendário esportivo do IV Centenário servirá para discutir a aplicabilidade da categoria do urbanismo esportivo em um contexto em que, aparentemente, algumas das agendas que, anteriormente, dominaram a produção de complexos esportivos – como os discursos sanitaristas e as visões que associavam esporte e educação – perderam força.

O ano 401

Desde 1925, quando o jornalista Casper Líbero e *A Gazeta Esportiva* organizaram a primeira versão da Corrida de São Silvestre, o ano esportivo começava no último dia do ano anterior. 1954 não foi exceção: no dia 31 de dezembro de 1953 foi realizada a XXIX Corrida, até aquele momento a de maior repercussão internacional e que serviria como inauguração do calendário das comemorações esportivas do IV Centenário²⁴. A estrela convidada da prova era Emil Zatopek, o grande atleta checoslovaco, recordista mundial e tricampeão olímpico nos Jogos Olímpicos de Helsinki-1952, em que venceu a maratona, além dos prêmios de 5 e 10 mil metros rasos. Nessa noite de verão, 800 mil pessoas lotaram as ruas do centro de São Paulo para assistir à exibição do grande campeão checo, que venceu os outros 2.139 atletas participantes no percurso dos 7,3 quilômetros (Askwith, 2016). Zatopek, apelidado como a “locomotiva humana” pela imprensa europeia, veio para São Paulo, a “locomotiva do Brasil”, como a maior atração da prova. Mas ele não era a única. Tal como descreveu o periódico esportivo chileno *Estadio*, os organizadores investiram importantes recursos na participação de esportistas internacionais, como o campeão mundial de *cross-country* e vencedor da São Silvestre do ano anterior, o iugoslavo Franjo Mihalić, além da participação dos melhores maratonistas da América do Sul²⁵. Os dias de Zatopek antes da Corrida foram tão movimentados quanto o dia da carreira. Seus treinamentos na pista do Clube de Regatas Tietê foram observados por dezenas de técnicos, atletas e espectadores (Nicolini, 2015). Dos detalhes mais rotineiros dos dias em São Paulo até as mínimas novidades sobre a organização da prova, tudo era difundido pelos canais de televisão e pelas quinze estações radiofônicas. Publicidade nas ruas e nos periódicos conformavam uma cena de euforia esportiva que surpreendeu o repórter chileno, impressionado pelos esforços que eram demonstrados para impulsionar o esporte e a indústria do espetáculo esportivo na sociedade paulistana. Como outros acontecimentos esportivos desde 15 de outubro de 1950, quando o jogo Palmeiras x São Paulo inaugurou as transmissões esportivas da TV Tupi (Alves, 2008), o triunfo de Zatopek foi também registrado pelas câmeras da televisão.

“Os olhos do mundo estarão voltados para São Paulo em 1954”, dizia uma propaganda oficial da Comissão do IV Centenário, publicada em outubro de 1953, e reproduzida em vários anúncios publicados em distintos jornais e revistas de todo o Brasil. A Comissão, envolvida em uma euforia comemorativa da modernidade da capital paulista – ou, pelo menos, de celebração do bem-estar, desenvolvimento, poder aquisitivo e gosto das elites²⁶ –, planejava um extenso programa de festejos,

²⁴ “A corrida de São Silvestre marca o início das comemorações esportivas do IV Centenário”. *Correio Paulistano*, 23 de Dezembro de 1953, p. 12.

²⁵ “La XXIX Corrida de San Silvestre. Corrida espectacular”. *Estadio*, 557, 16 de Janeiro de 1954, pp. 20-21.

²⁶ O biógrafo de Cicillo Matarazzo, Fernando Azevedo de Almeida (1976), afirma que, no início da

Imagem 7.2. Vitória de Emil Zatopek na XXIX Corrida de São Silvestre, organizada pelo jornal *Gazeta Esportiva*. São Paulo, 31 de dezembro de 1953.

que incluíram, além da grande exposição internacional no novo Parque Ibirapuera, a reinauguração da Catedral da Sé, a construção do Monumento das Bandeiras e a inauguração do Mausoléu do Soldado Constitucionalista (que acabaria sendo inaugurado em 1955). Ademais, foi planejada a organização da Orquestra Sinfônica e do Balé IV Centenário, festivais de música popular e cinema, turnês de companhias internacionais e nacionais de teatro, congressos científicos e culturais, concursos literários, assim como um completo programa de campeonatos esportivos nacionais e internacionais das mais diversas disciplinas esportivas. Outras atividades, organizadas por agentes privados, como a recém-mencionada II Bienal de Arte de São Paulo – a bienal de Guernica, de Picasso, e da Grande Aranha, de Calder –, também formaram parte do espírito cosmopolita e global que, aparentemente, atravessava muitas das ações culturais do período. Esse afã internacional dos festejos do IV Centenário não era simplesmente uma promessa nos discursos dos organizadores do evento: em meados de 1952, a agência de imprensa holandesa Vaz-Dias foi contratada pela Comissão do IV Centenário para produzir uma campanha de propaganda em grande escala, publicando informações sobre as comemorações paulistanas em mais de duzentos jornais do mundo, de cidades tão diferentes como Zurique, Luanda, Buenos Aires, Dar es Salaam, Milão ou La Paz²⁷.

Desse modo, o convite para Zatopek era também uma demonstração do alcance internacional que o esporte paulista e brasileiro pretendia ganhar naqueles anos. Embora já tivessem passado por São Paulo, nas décadas anteriores, grandes esportistas estrangeiros, como o campeão europeu de boxe, Hermínio Spalla²⁸, ou a seleção argentina de futebol, foi somente após a II Guerra Mundial, e com a consolidação do estádio do Pacaembu como o grande palco do esporte brasileiro durante a década de 1940, que a capital paulista fez diversos esforços para se integrar ao circuito mundial do esporte-espetáculo. Dessa forma, não foi por acaso que, alguns anos antes do IV Centenário, a Piscina do Pacaembu recebeu um dos seus maiores espetáculos internacionais, com a apresentação do time masculino

década de 1950, a linha aérea São Paulo - Rio de Janeiro estava classificada como a segunda no ranking mundial de movimento de passageiros, abaixo somente da rota Nova York - Washington.

²⁷ “H.L.Pach oferece seus préstamos profissionais no sentido de ser feita propaganda eficiente e lucrativa em Amsterdam (Holanda) do IV Centenário da Cidade, e apresenta forma de pagamento”. Processo 927/52, caixa 358. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

²⁸ “O sensacional encontro de hoje no Parque Antarctica - Spalla vs. Benedicto”. *Correio Paulistano*, 11 de Maio de 1924, p. 6.

japonês de natação, conhecido como os “peixes-voadores”²⁹. Essa visita dos japoneses deve ser entendida como resultado da gestão do Departamento de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo (DEESP), a instituição pública esportiva mais forte depois da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), que era a entidade reitora do esporte brasileiro. O DEESP conseguiu fechar um acordo com a Federação Japonesa de Esportes Aquáticos para que os “peixes voadores” se apresentassem paralelamente à realização do Campeonato Brasileiro de Esportes Aquáticos (CBD, 1950). Com efeito, a exibição dos nadadores japoneses na Piscina Municipal do Pacaembu aconteceu quase em simultâneo ao começo da liberação dos bens da colônia japonesa confiscados pelo regime Vargas desde 1942³⁰, o que pode ser interpretado, também, como um gesto de reconciliação simbólica que o esporte paulista propôs à comunidade nipo-brasileira residente na cidade.

A relação estabelecida entre o DEESP e o esporte japonês na ocasião dessa exibição não foi o único vínculo entre as instituições esportivas paulistas e o país do Oriente: logo após aceitar um convite para visitar o Japão, Magalhães Padilha conseguiu que a equipe de tênis japonesa fizesse uma turnê pelo Brasil, o que incluiu jogos no Pacaembu e no interior paulista, durante todo o mês de abril de 1951³¹. Dois meses depois, foi a equipe atlética japonesa que participou de um torneio, organizado pelo próprio DEESP, na pista do Clube de Regatas Tietê³². Da mesma forma, nos últimos meses desse mesmo ano, o campeão brasileiro de judô, Hélio Gracie, lutou três vezes contra as estrelas japonesas do jiu-jitsu, Jukio Kato e Masahiko Kimura (este último era a grande estrela do judô mundial³³), em combates organizados em São Paulo e no Rio de Janeiro. Se o esporte paulista já tinha vínculos bem estabelecidos com o esporte sul-americano, pelo menos desde a década de 1910, a relação com as instituições esportivas japonesas demonstrou um novo patamar organizativo e político das instituições do Estado, estabelecendo contatos intercontinentais.

Entretanto, os japoneses não foram os únicos esportistas internacionais que vieram para São Paulo. Em 1947, *A Gazeta* internacionalizou sua tradicional “Prova Ciclista 9 de Julho” – criada em 1933 como homenagem à Revolução Constitucionalista –, com a participação de esportistas argentinos e uruguaios. Em maio de 1950, uma turnê internacional levou o endividado Joe Louis para o ginásio do Pacaembu³⁴, alguns meses antes que a comunidade italiana da cidade sofresse assistindo a derrota da Itália contra a Suécia na Copa do Mundo de Futebol. Foram várias equipes nacionais que, assim como a Itália e a Suécia, disputaram jogos da Copa no estádio municipal paulistano, como brasileiros e suíços, que se enfrentaram na estreia da Copa, além das seleções do Paraguai, Uruguai e Espanha.

No início da década de 1950, São Paulo era um lugar importante dentro do circuito esportivo internacional. O tamanho de sua indústria esportiva, a densidade de sua rede de clubes e federações, o desenvolvimento da arquitetura esportiva na cidade e sua posição privilegiada dentro do mapa esportivo brasileiro, faziam da capital paulista um ponto atrativo para sediar eventos esportivos de grande escala. Ademais, o esporte chamava a atenção de milhares de pessoas todos os finais de semanas, que participavam tanto como praticantes amadores quanto como espectadores de jogos do campeonato profissional de futebol, mas que também par-

²⁹ Após a II Guerra Mundial, a equipe olímpica japonesa foi impedida de participar dos Jogos Olímpicos de Londres, em 1948. Alguns dos seus melhores esportistas, especificamente quatro nadadores, começaram, então, a viajar pelo mundo fazendo exposições. O time de natação, que contava com o Hiro-noshin Furuhashi como seu maior craque, participou do Campeonato Nacional dos Estados Unidos de 1949, batendo vários recordes mundiais. Tal sucesso os levou a realizar uma turnê pela América do Sul, que incluiu uma longa visita ao Brasil, em março de 1950.

³⁰ Segundo o jornalista Henrique Nicolini (2013), naquele momento repórter da *Gazeta*, foi a primeira vez que o hino nacional japonês foi tocado após quase uma década de perseguição política.

³¹ “Chegaram os tenistas japoneses”. *Folha da Manhã*, 10 de Abril de 1951, pp. 7.

³² “Esperam-se ótimos resultados técnicos na competição internacional do DEESP”. *Folha da Manhã*, 15 de Junho de 1951, p. 7.

³³ “Os 3 reis amarelos”. *O Cruzeiro*, vol. XXIII (47), 8 de Setembro de 1951, pp. 76-82. “A morte entre os punhos do campeão”. *O Cruzeiro*, vol. XXIV (1), 20 de Novembro de 1951, pp. 104-110.

³⁴ “Punhos que emocionaram o mundo”. *O Cruzeiro*, vol. 32 (31), 20 de Maio de 1950, pp. 94-98. “Joe Louis en Brasil”. *El Gráfico*, 1607, 26 de Maio de 1950, pp. 26-27.

Imagem 7.3. Maquete do Ginásio de Sorocaba, projeto de Ícaro de Castro Mello, c.1949.

Imagem 7.4. Planta do Ginásio de Ribeirão Preto, anteprojeto de Ícaro de Castro Mello, c.1950.

ticipavam e assistiam competições atléticas, combates e lutas de artes marciais, exibições de esportes aquáticos e corridas de ciclismo pela cidade.

Esse contexto favorável fez que o esporte fosse considerado como parte das comemorações do IV Centenário. Popular, fortemente organizado, e de interesse público e privado, o esporte era um campo social em que a cidade de São Paulo também poderia projetar sua excepcionalidade e seu espírito progressista dentro do plano de atividades proposto pela Comissão. A autarquia, criada pela Prefeitura em maio de 1951, conseguiu avançar em várias frentes antes da nomeação de Matarazzo como Diretor Geral dos festejos. Ainda que sua chegada trouxesse novas ideias para o plano de festejos, já existiam várias iniciativas em andamento, graças à nomeação de vários diretores de projetos. Em agosto de 1951, dois anos e meio antes do começo das festividades, agentes importantes da vida cultural da cidade foram convocados para encabeçar algumas iniciativas, tais como Assis de Chateaubriand, Francisco de Almeida Salles e Nicanor Miranda³⁵, que foram designados para conduzir os projetos do Festival de Música Popular, o Festival de Cinema e a organização do Ballet do IV Centenário, respectivamente. Porém, o programa de atividades não incluiu apenas eventos artísticos, mas também um calendário extenso de eventos esportivos, que se estenderiam ao longo de todo o ano de 1954. Junto a Chateaubriand, Almeida Salles e Miranda, foi escolhido o diretor das comemorações esportivas do IV Centenário, delegadas para o Major do Exército Sylvio Magalhães Padilha, Diretor Geral de Educação Física e Esportes do Estado de São Paulo (DEESP). A escolha não deve ter sido uma surpresa para ninguém.

³⁵ Em uma viagem de Nicanor Miranda à Europa, Ciccillo Matarazzo solicita a missão de contratar um coreógrafo para a constituição do Balé do IV Centenário. Nessa viagem, teria sido contatado o húngaro Aurélio Milloss, no momento maître de ballet da Scala de Milão. "Solicita do sr. Nicanor Teixeira de Miranda, aproveitando o ensejo de sua viagem à Europa, sem ônus para a Autarquia, tratar de assuntos que estão afetos ao Serviço de Comemorações Culturais". Processo 839/52, caixa 36. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

Campeão sul-americano de atletismo e finalista olímpico em Berlim-1936³⁶, ele se transformou em Diretor do Departamento estadual em 1939, instituição pioneira dentro do esporte brasileiro, criada durante o mandato do interventor federal Adhemar de Barros³⁷. A partir dali, desenvolveu uma série de iniciativas e programas para a cidade de São Paulo e o interior paulista, como o impulso aos Jogos Abertos do Interior. Criados em 1936 pelo jornalista esportivo Horácio Barioni, os Jogos ganharam força durante os anos seguintes, especialmente no pós-guerra, por meio da construção de estádios, ginásios e piscinas nas cidades-sede dos campeonatos. O Departamento já tinha demonstrado sua capacidade para executar projetos de grande e médio porte nos últimos anos, como foram os ginásios de Sorocaba e Ribeirão Preto, assim como a Piscina Coberta da Água Branca, os dois últimos ainda em construção em 1951.

Conforme dissemos no capítulo anterior, no final da década de 1940, o principal complexo esportivo público da cidade, o Pacaembu, começou a ser visto como ultrapassado, embora tivesse sido inaugurado há menos de dez anos. A construção e a inauguração do estádio do Maracanã para a Copa de 1950 pode ter tido muita relação com essa ideia: enquanto o grande coliseu carioca era capaz de alojar mais de 150 mil pessoas, o projeto original do Pacaembu tinha uma capacidade normal de 50 mil pessoas – ainda que algumas partidas tenham recebido quase 80 mil espectadores. Já em 1949, alguns setores da imprensa mencionaram a ideia de demolir a concha acústica para construir uma arquibancada atrás desse gol e, assim, aumentar a capacidade do estádio para a Copa do Mundo do ano seguinte, ao invés da alternativa de adicionar novas filas nos largos degraus das arquibancadas³⁸. Por sua vez, outros agentes analisavam a possibilidade de construir um novo grande estádio para a cidade, e criticavam que as autoridades da cidade houvessem menosprezado esse projeto para as comemorações do IV Centenário:

Há tempos, quando surgiu [o Pacaembu], foi julgado dez anos adiantado, hoje está outro tanto atrasado. Obsoleto como se apresenta, é bem uma prova do progresso constante de São Paulo, mas não podemos parar aí. Se crescemos em todos os setores, se a seqüência de ascensão é ininterrupta, há necessidade de fazê-la repercutir na seara esportiva (...). Falou-se na construção de um estádio monumental, que seria uma das notas marcantes da comemoração do Quarto Centenário de São Paulo em 1954. Isto, entretanto, pela carência de tempo, pela falta de verba talvez, não será possível. (...) O Pacaembu é uma glória, mas uma glória que está ficando para trás, o símbolo de um império que nasceu, viveu e cresceu e que por isso precisa de um palácio maior. Nós queremos e exigimos o Estádio Piratininga³⁹.

Tal diagnóstico também era compartilhado por alguns clubes do futebol profissional, tal como o São Paulo FC, que, em 1952, cogitava a construção do seu próprio estádio⁴⁰. Em 1954, o clube iniciou as obras de construção do seu complexo esportivo no bairro do Morumbi, que seria “três vezes maior do que o Pacaembu” e o “maior estádio do mundo pertencente a uma entidade privada”⁴¹. O Pacaembu como medida de todas as coisas também seria utilizado para analisar outros projetos que eram discutidos na cidade ao longo da década de 1950. Ao longo de 1954, a imprensa divulgou os planos que a Universidade de São Paulo tinha para suas instalações esportivas na Cidade Universitária. Projetado pelo arquiteto Ícaro de Castro Mello, teria um estádio olímpico “maior que o Pacaembu”⁴² e “aberto

³⁶ “Grandes vultos do esporte brasileiro”. *Mundo Esportivo*, 4 de Julho de 1947, p. 8.

³⁷ Magalhães Padilha foi, junto ao Capitão Homero de Almeida Magalhães, diretor da Escola Nacional de Educação Física do Rio de Janeiro, um dos organizadores do I Congresso Pan-Americano de Educação Física, organizado em Buenos Aires, em 1941. “Ata da reunião preparatória do Primeiro Congresso Panamericano de Educação Física”. *Boletim de Educação Física*, 2, Setembro/1941, pp. 51-55.

³⁸ “Cenário da ‘Copa do Mundo’”. *O Globo Esportivo*, 28 de Outubro de 1949, p. 2.

³⁹ “Tema obrigatório”. *Mundo Esportivo*, 29 de Abril de 1952, p. 11.

⁴⁰ “Vai sair o estádio tricolor”. *Mundo Esportivo*, 10 de Outubro de 1952, p. 4.

⁴¹ “Estádio de São Paulo F.C.: 150 mil pessoas”. *O Cruzeiro*, vol. XXVI (26), 10 de Abril de 1954, p. 36-37.

⁴² “Maior que o Pacaembu o futuro Estádio da Cidade Universitaria”. *A Gazeta*, 26 de Novembro de 1954, p. 14.

ao público em geral”⁴³, mas que só começaria a ser construído no início da década seguinte.

Uma questão semelhante aconteceu com o Ginásio do Pacaembu. Embora de uso intensivo pelas atividades esportivas e culturais da sociedade paulistana, sua capacidade era reduzida em comparação ao que era considerado por alguns como necessário para uma cidade do tamanho e da diversidade de atividades culturais como São Paulo. Inclusive, algumas cidades do interior paulista e clubes da capital já estavam projetando ou construindo (ou, ainda, com projetos prontos para serem executados) ginásios multipropósitos maiores que o do Estádio Municipal. Era o caso, por exemplo, dos ginásios de Sorocaba, Jundiaí⁴⁴ e Ribeirão Preto – este já estava em construção quando foi lançado o edital para a edificação do complexo do Ibirapuera, em 1952⁴⁵.

Ainda que o IV Centenário possa parecer um processo de aceleração do planejamento de equipamentos esportivos para São Paulo, o fato é que o DEESP já estava construindo alguns equipamentos esportivos urbanos na capital. É o caso da Piscina da Água Branca, projeto apresentado ao público em fevereiro de 1948 pelo arquiteto chefe do Departamento, Ícaro de Castro Mello⁴⁶. Até aquele momento, esse era o maior projeto de infraestrutura esportiva desenvolvido pela instituição na cidade de São Paulo. Em uma reunião no DEESP foi apresentada a proposta do “Palácio dos Sports”, como chamou a imprensa, um prédio de vários andares que conteria uma piscina coberta, um ginásio e escritórios para as distintas federações esportivas paulistas e que seria construído nos Campos Elíseos. Apesar do projeto construído ter sido totalmente diferente do que havia sido proposto – o edifício foi erigido ao lado do Parque da Água Branca –, ele foi o primeiro impulso a uma ideia que demoraria cinco anos em ser concretizada e aberta ao público.

O novo natatório, o primeiro complexo público para esportes aquáticos de água aquecida, era um grande desejo da comunidade esportiva paulista, que, no entender dos especialistas, mudaria o rumo da natação estadual e nacional⁴⁷. No inverno, os nadadores paulistas só conseguiam fazer “*treinos intensos de ginástica ou quando o permite a temperatura, batida de pé na borda da piscina*”⁴⁸, o que os deixava em desvantagem frente aos esportistas de outros estados mais cálidos do país, que podiam treinar o ano todo⁴⁹. A piscina pública era também, tal como assinalou Magalhães Padilha, uma fórmula de popularização dos esportes aquáticos entre “as massas”, antes quase exclusivos para “um grupo de privilegiados”⁵⁰ – apesar do fato de que a cidade já tinha piscinas de acesso aberto à comunidade, como a do Estádio Municipal do Pacaembu, e que vários clubes já tivessem seus próprios complexos aquáticos, como era o caso do Corinthians, o Paulistano e o Pinheiros, entre outros⁵¹. Alguns clubes também avaliavam a construção de suas piscinas, como era o caso do Palmeiras, do Juventus ou do Sírio⁵².

⁴³ “A cidade de São Paulo e suas adjacências”. *A Gazeta*, 5 de Abril de 1954, p. 8.

⁴⁴ O ginásio municipal de Jundiaí foi edificado nos primeiros anos da década de 1950, financiado com verbas municipais. Com uma capacidade para 15 mil pessoas, foi destacado na imprensa pela sua cúpula de concreto armado, projeto do arquiteto e ex-prefeito da cidade, Vasco Antonio Venchiarutti, construído pela Companhia Construtora Nacional S.A. “Escola de saúde e disciplina”. *Gazeta Esportiva Ilustrada*, 4, Outubro/1953, p. 54.

⁴⁵ “Ribeirão Preto apressa a construção do seu ginásio”. *Última Hora*, 21 de Julho de 1952, p. 7.

⁴⁶ “Será uma realidade a construção do Palácio dos Sports”. *Diário da Noite*, 4 de Fevereiro de 1948, p. 7.

⁴⁷ “Chegarão ao Brasil nos primeiros dias de março os famosos japoneses ‘devoradores de recordes’”. *Folha da Manhã*, 8 de Fevereiro de 1950, pp. 3.

⁴⁸ “No fim deste ano São Paulo terá uma piscina de água quente”. *Folha da Noite*, 18 de Julho de 1949, p. 18.

⁴⁹ “A natação brasileira se apresenta para o grande duelo com a Argentina”. *Mundo Esportivo*, 3 de Janeiro de 1947, p. 13.

⁵⁰ “No fim deste ano São Paulo terá uma piscina de água quente”. *Op. cit.*

⁵¹ “32 anos de lutas e de glórias”. *Mundo Esportivo*, 30 de Agosto de 1946, p. 5. “O Brasil se orgulhará do majestoso conjunto de piscinas do Corinthians”. *Mundo Esportivo*, 29 de Novembro de 1946, pp. 8-9. “O Paulistano foi vencido pelo tempo”. *Mundo Esportivo*, 21 de Fevereiro de 1947, pp. 8-9.

⁵² Fala Giuliano sobre o Palmeiras”. *Mundo Esportivo*, 16 de Junho de 1953, p. 7. “A gloriosa campanha do Juventus na Europa teve decisiva cooperação dos irmãos Nobis”. *Mundo Esportivo*, 7 de Julho de 1953, p. 10.

Imagem 7.5. Projeto do arquiteto Ícaro de Castro Mello para a Piscina Coberta da Água Branca do DEESP, São Paulo, 1949.

Imagem 7.6. Construção das arquibancadas da Piscina Coberta da Água Branca do DEESP, São Paulo, junho 1951.

Imagem 7.7. Piscina Coberta da Água Branca do DEESP, vista desde o Edifício de Alojamento de Atletas, São Paulo, 1954.

Imagem 7.8. Estádio de Beisebol, projeto do DEESP inaugurado em 1958, Bom Retiro, São Paulo.

A data de conclusão das obras da Piscina foi variando: em 1948, o diretor do DEESP afirmou que pretendia que a temporada da natação paulista de 1950 fosse aberta no novo complexo da Água Branca; em 1951, a imprensa cogitou a possibilidade da equipe brasileira de natação se preparar ali para sua participação nos Jogos Olímpicos de Helsinki-1952⁵³. O certo é que a solenidade da inauguração do novo natatório só foi realizada no dia 9 de julho de 1953. Contudo, a grande inauguração esportiva do complexo aquático do Parque da Água Branca ocorreu apenas em novembro desse ano, na ocasião de um campeonato internacional em que participaram esportistas de vários estados do Brasil, assim como da Argentina, Japão, França e Estados Unidos⁵⁴. Esse torneio foi, tal como a corrida de São Silvestre, uma demonstração da capacidade de convocatória de esportistas de nível internacional às competições esportivas organizadas em São Paulo.

Em 1950, a *Acrópole* apresentou detalhes do projeto de arquitetura da piscina⁵⁵. Idealizada para receber 4 mil pessoas em suas arquibancadas, a piscina de 25 metros de comprimento e 18 de largura, se caracterizaria pela estrutura de concreto armado de sua cobertura, em forma de um parabolóide hiperbólico. Se o primeiro projeto incluiu, junto à piscina, duas quadras de tênis e uma de basquete, a versão definitiva do conjunto mudou em razão das necessidades do DEESP e das mais que prováveis exigências de algumas federações, como as da Federação de Ciclismo Paulista, que precisava de um local para construir seu velódromo.

Contudo, a Piscina não foi o único novo equipamento esportivo para a cidade de São Paulo que estava sendo desenvolvido pelo DEESP. Em junho de 1948, a imprensa noticiou a construção de um estádio para baseball e softball, esportes surpreendentemente bem difundidos no Estado de São Paulo, especialmente dentro da comunidade nipo-brasileira, com quase 200 clubes praticando essas disciplinas⁵⁶. O projeto seria localizado dentro do terreno da Associação dos Professores de Educação Física, na várzea do rio Tietê, no bairro de Bom Retiro. É preciso dizer que essa obra, como vários equipamentos esportivos da cidade, demorou bastante em ser inaugurada, o que ocorreu no dia 21 de junho de 1958⁵⁷.

⁵³ “No fim deste ano São Paulo terá uma piscina de água quente”. Op. cit. “Azes da natação mundial na inauguração da piscina coberta”. *Última Hora*, 19 de Junho de 1951, p. 9.

⁵⁴ “Sensacional torneio de natação”. *Mundo Esportivo*, 6 de Novembro de 1953, p. 13. “Um sucesso absoluto a competição internacional de natação”. *Sport Ilustrado*, 815, 19 de Novembro de 1953, p. 13.

⁵⁵ “Piscina coberta Adhemar de Barros”. *Acrópole*, 143, Março/1950, pp. 269-272.

⁵⁶ “Um campo oficial para a prática do Base-ball!” *A Gazeta Esportiva*, 23 de Junho de 1948, p.4.

⁵⁷ A inauguração só aconteceu dez anos após seu primeiro anúncio, e teve a presença dos príncipes do Japão, Takahito e Yuriko Mikasa, que visitavam Brasil na ocasião das comemorações dos 50 anos da imigração japonesa. Cf.: “Os príncipes Mikasa cumpriram ontem movimentado programa”. *Folha da*

Imagem 7.9. Fotografia aérea do velódromo do Parque Tres de Febrero, Palermo, Buenos Aires, 1958.

Assim como o Ginásio e o Velódromo do Ibirapuera, o Edifício Alojamento de Atletas foi construído com verbas da Comissão do IV Centenário. Localizado próximo à Piscina da Água Branca, no interior do mesmo complexo esportivo, ele também foi projetado por Ícaro de Castro Mello. Entendido como uma grande deficiência do esporte paulista⁵⁸, o edifício serviria como local de hospedagem para esportistas nacionais e estrangeiros que participassem de competições em São Paulo, com uma capacidade máxima para 150 pessoas⁵⁹. O prédio era parte do projeto original do complexo esportivo do Ibirapuera, em que, além do Ginásio, seriam construídos os edifícios de alojamento dos atletas e das federações, como demonstram as plantas do primeiro projeto no terreno do Parque⁶⁰. Em algum momento de 1952, foi decidida a construção de um velódromo, o que tornou necessário realocar os imóveis que seriam construídos nos terrenos do DEESP. Certamente, a inauguração do velódromo do Parque Tres de Febrero, em Buenos Aires, para os Jogos Pan-Americanos de 1951, deve ter pressionado as autoridades do esporte paulista. Construído com uma capacidade para 15 mil pessoas, por iniciativa do governo peronista e da Direção de Obras Municipal, o velódromo era, nesse momento, o mais moderno do tipo na América do Sul e, segundo uma nota chauvinista de *El Gráfico*, “um dos mais perfeitos que tenham sido vistos”⁶¹.

Nesse sentido, a realocação dos edifícios foi possível, em grande medida, devido ao fato de que ambos conjuntos esportivos – Ibirapuera e Água Branca – foram planejados e gerenciados pelo DEESP, e projetados por Ícaro de Castro Mello. É possível pensar que isso talvez não acontecesse, por exemplo, se as obras do Ibirapuera não tivessem sido parte do contexto dos planos do IV Centenário, o que deve ter impulsionado a construção do velódromo e dinamizado as urgências por construir um prédio para as concentrações esportivas em um novo local. Nessa medida, o Ginásio e o Velódromo foram localizados no Ibirapuera, enquanto o prédio de Alojamento de Atletas ficou junto à Piscina, no interior do complexo da Água Branca. Dentro deste último edifício, seriam acomodados, ainda, os escritórios das federações esportivas paulistas – com exceção da Federação de Futebol (FPF) – e a sede central do DEESP, que, até inícios da década de 1950, dividiam um

Manhã, 22 de Junho de 1958, p. 5.

⁵⁸ “Em pleno desenvolvimento o programa de arte da Secretaria do governo”. *Correio Paulistano*, 1 de Julho de 1954, p. 6.

⁵⁹ “Quarto Centenário de São Paulo. Obras comemorativas”. *Arquitetura e Engenharia*, 24, Janeiro-Fevereiro/1954, pp. 22-31.

⁶⁰ “Ginásio de Ibirapuera”. Projeto 028/52, caixa 2. Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello.

⁶¹ “¡Se hace el velódromo!” *El Gráfico*, 1592, 10 de Fevereiro de 1950, pp. 22-23. “Movilización en el Velódromo”. *El Gráfico*, 1644, 9 de Fevereiro de 1951, pp. 4-7.

Imagem 7.10. Delegações de São Paulo, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro no complexo esportivo da Água Branca, em ocasião do Campeonato Brasileiro de Boxe Amador. Piscina e Restaurante do Complexo Esportivo da Água Branca, São Paulo, 1954.

palacete nos Campos Elíseos. O projeto completaria o complexo esportivo, que, além da Piscina, teria um pequeno ginásio que serviria para outras disciplinas, como boxe e artes marciais. Sua construção, tal como o Ginásio do Ibirapuera, começou nos últimos meses de 1952⁶², sendo a construtora Cosmos a responsável pelas obras⁶³. Ainda que o contrato exigisse que as obras estivessem prontas em outubro de 1953⁶⁴, a construtora entregou o edifício apenas em janeiro de 1954, disponibilizando-o para o uso durante as comemorações do IV Centenário. O Alojamento de Atletas hospedou, em diferentes momentos do ano, as delegações esportivas participantes de algumas das atividades do calendário esportivo do IV Centenário, como foi o caso das equipes estrangeiras participantes dos campeonatos Sul-Americano de Natação e Sul-Americano Extraordinário de Atletismo, disputados no estádio do Pacaembu nos meses de março e abril, respectivamente⁶⁵. No final de abril, a seleção brasileira de futebol utilizou as instalações do DEESP como concentração antes de um jogo amistoso contra a Colômbia, disputado também no Estádio Municipal do Pacaembu⁶⁶.

No começo da década de 1950, era discutida a pertinência de um ginásio coberto para a cidade no interior dos círculos diretivos e na imprensa esportiva paulista. É interessante comprovar que, em outubro de 1951, antes do anúncio oficial da construção do Ginásio do Ibirapuera, Magalhães Padilha divulgou na imprensa uma proposta do DEESP para construir um grande estádio coberto no Parque Pedro II⁶⁷. O plano, completamente exagerado, propôs fazer ali o maior ginásio do mundo para os campeonatos mundiais do IV Centenário. Com uma capacidade

⁶² “Sobre a publicação, no Diário Oficial, do edital referente a concorrência pública para execução por empreitada, do Alojamento de Atletas, na Água Branca”. Processo 977/52, caixa 359. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁶³ “Solicita pagamento referente à primeira medição das obras do Alojamento de Atletas”. Processo 1465/52, caixa 255. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁶⁴ “Apresenta relatórios do andamento dos serviços de construção do Ginásio de Esportes e do Alojamento de Atletas”. Processo 2623/53, caixa 196. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁶⁵ O correspondente chileno do periódico *Estadio* assinalou que os pavilhões de alojamento da Vila da Água Branca eram, inclusive, melhores que os dos Jogos Olímpicos de Helsinki, de 1952. “Clima y aspectos del S.A. de atletismo de São Paulo”. *Estadio*, 571, 24 de Abril de 1954, pp. 12-13.

⁶⁶ “Em São Paulo os craques brasileiros”. *Folha da Manhã*, 28 de Abril de 1954, p. 7.

⁶⁷ “Uma praça de esportes no Parque ‘Pedro II’ para os certames mundiais do 40 centenário”. *Jornal de Notícias*, 18 de Outubro de 1951, p. 7.

para 50 mil pessoas e um grande complexo esportivo ao seu redor – que incluiria *playgrounds*, quadras de tênis, basquete e voleibol –, o novo edifício seria edificado no interior do Parque Dom Pedro II. Para o diretor do DEESP, a grande vantagem dessa localização era sua acessibilidade a partir de diferentes pontos da cidade. Ademais, a construção de um ginásio, ao contrário de um grande estádio, não exigiria a destruição do parque, mas só o aproveitamento de uma porção do terreno. O projeto implicaria uma negociação com a Prefeitura que, por sua vez, demandaria a troca do terreno pelo lote do DEESP no Parque do Ibirapuera. Tal proposta, resenhada em alguns jornais da época, não foi levada adiante, mas dava conta dos anseios do DEESP para construir seu ginásio dentro de um grande espaço público da cidade.

Como já dissemos na introdução do capítulo, alguns cronistas imaginavam o Ginásio do Ibirapuera como o Madison Square Garden que a cidade, há anos, precisava. Segundo a imprensa especializada do boxe, por exemplo, a cidade necessitava de uma arena que tivesse a capacidade de “*rivalizar com Buenos Aires como a meca do pugilismo continental*”⁶⁸, cidade que, desde 1932, tinha o Luna Park como sua principal praça esportiva coberta (Carelli e Bordón, 2017). As expectativas eram que o DEESP começasse as obras de um grande estádio coberto para a cidade, fosse qual fosse sua localização. O Ginásio do Ibirapuera seria esse grande complexo planejado para receber competições esportivas, shows musicais, espetáculos infantis, entre outros, com a comodidade e amplitude para grandes assistências. A cidade crescia tanto em tamanho quanto em aspirações; porém, esses planos enfrentariam uma série de problemas.

Uma resenha do projeto, publicada em *Arquitetura e Engenharia*, no verão de 1954, demonstra sua escala e algumas de suas características físicas e programáticas, que fariam dele um dos edifícios esportivos mais modernos do continente:

No Parque Ibirapuera, centro magno das comemorações do IV Centenário, em área do Departamento de Esportes do Estado, edifica-se o Ginásio de Esportes, o maior do mundo no gênero, com capacidade para 20 até 30 mil espectadores. Sua cúpula, a 30 metros do solo da quadra, terá altura correspondente à de um edifício de 11 andares. A quadra ficará num recinto circular de 40 metros de diâmetro, permitindo a prática de jogos de bola ao cesto, voleibol, luta livre, box, esgrima, hockey, patinação no gelo, etc. Sob as arquibancadas serão instalados vestiários, sanitários públicos, almoxarifados, secretarias, gabinetes médicos, pronto-socorro e um salão nobre junto à tribuna de honra, com bar e dependências próprias. O reservado da imprensa, rádio e televisão está dividido em dois grupos com 144 lugares para jornalistas, 24 cabines para transmissões radiofônicas e locais para televisão. A arquibancada terá 34 degraus, numa extensão de 15 quilômetros, se desdobrados numa só linha. A quadra de bola ao cesto, onde se disputará o campeonato mundial de 1954, será desmontável e parafusada no piso do concreto. A disposição das instalações é de tal ordem que um expectador por mais longe que esteja do centro da quadra, te-la-á sempre a apenas 52 metros de distância⁶⁹.

O que aconteceu para que esse grande projeto esportivo das comemorações, admirado e desejado por tantos, não conseguisse ficar pronto para o ano do IV Centenário nem fosse sede do Campeonato Mundial de Basquete? Aparentemente, demoras no início e atrasos nas obras, cortes orçamentários e até graves acidentes no canteiro de obras tornaram impossível que o Ginásio fosse inaugurado, quebrando, inclusive, o otimismo de Magalhães Padilha, o principal impulsor do projeto dentro da Comissão do IV Centenário. Enquanto o estádio coberto do Ibirapuera era descartado para sediar a Campeonato Mundial de Basquete – e, com isso, o esporte paulistano perdia o maior certame internacional que seria realizado na cidade em 1954 –, o Maracanzinho carioca, o grande ginásio coberto que estava sendo construído dentro do complexo esportivo do Maracanã, no Rio de

⁶⁸ “Pugilismo”. *Anuário de Esporte Ilustrado*, 6, 1955, p. 86.

⁶⁹ “Quarto Centenário de São Paulo. Obras comemorativas”. *Arquitetura e Engenharia*, 24, Janeiro-Fevereiro/1954, pp. 22-31.

Janeiro, recebia verbas extraordinárias que permitiriam executar as obras finais e receber o torneio em outubro desse ano.

Na Comissão e no canteiro

Embora a edificação do Ginásio já tivesse sido discutida em diferentes contextos no interior do DEESP nos anos anteriores, apenas após a nomeação de Magalhães Padilha como encarregado das comemorações esportivas do IV Centenário que foi, de fato, planejada a execução do projeto, em termos financeiros, fundiários e construtivos. Em 3 de abril de 1952, Magalhães Padilha escreve para Ciccillo Matarazzo, declarando que o DEESP colocava à disposição o terreno que a instituição tinha no Parque Ibirapuera⁷⁰. Nesse documento, Magalhães Padilha afirma que o projeto já era parte do Plano Quadrienal do Departamento, do 6 de abril de 1951⁷¹. Extraoficialmente, as tratativas pelo terreno já estavam bastante avançadas, pois, em janeiro desse ano, o próprio Matarazzo tinha pedido ao Prefeito de São Paulo, Armando de Arruda Pereira, sua colaboração para remover uma favela situada no lote onde seria construído o Ginásio, localizado entre as ruas Manoel da Nóbrega e Abílio Soares⁷². A expulsão das famílias moradoras daquela favela foi parcialmente realizada entre janeiro e abril de 1952, mas muitas pereceram no local à espera de um terreno da Prefeitura para onde pudessem ser levadas. Desconhecemos a data exata da expulsão definitiva dos moradores dessa área, mas ela deve ter sido levada a cabo entre maio e dezembro de 1952, pois as obras de construção do Ginásio começaram em meados de janeiro de 1953, com o propósito que ele estivesse pronto nos primeiros dias do ano de 1954⁷³.

Com efeito, a construção do Ginásio do Ibirapuera teve sempre a sombra da edificação do Maracanazinho ao seu lado, que seria uma subsede do Campeonato Mundial. O ginásio carioca, projetado no começo da década de 1950 como parte dos projetos de edificação esportiva do Distrito Federal, seria a grande arena multifuncional do Rio de Janeiro. Maior que o do Ibirapuera, em termos de capacidade, o Maracanazinho seria, inclusive, o maior ginásio fechado do mundo, adaptável para diversos esportes e espetáculos, como patinação no gelo ou shows musicais, entre outros⁷⁴. Ao que tudo indica, existiram contatos entre as equipes de ambos projetos, uma vez que, em agosto de 1952, o engenheiro Augusto Lindenberg, diretor do Serviço de Obras da Comissão, encaminhou para Matarazzo um relatório sobre sua visita ao escritório do Coronel Santa Rosa, superintendente da ADEM (Administração dos Estádios Municipais da Prefeitura carioca). O relatório destacava a visita ao canteiro do Maracanazinho, as discussões sobre as plantas de ambos ginásios entre Lindenberg e Mauro Coutinho, engenheiro responsável pelas obras, assim como as especificidades dos acessos, arquibancadas e cúpulas, entre outras. Além disso, o relatório discute a gestão da execução das obras e modalidades de contrato. Este ponto é relevante, pois até aquele momento a Comissão do IV Centenário não tinha publicado o edital de concorrência para a construção do Ginásio do Ibirapuera. Porém, também chama a atenção que essa visita tivesse sido feita sem a presença do arquiteto projetista do Ginásio do Ibirapuera, Ícaro de Castro Mello, que, nos mesmos meses, desenvolvia o projeto executivo da arena paulista. Poderia o seguinte fragmento ser interpretado como um gesto de desconfiança de Lindenberg com o projeto desenvolvido por Castro

⁷⁰ “Comunica que põe o seu terreno, situado no Parque Ibirapuera, à disposição desta Comissão, para ali ser construído o Ginásio”. Processo 450/52, caixa 57. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁷¹ “Encaminha processo em que o Departamento de Esportes presente sugestões sobre o aproveitamento de terrenos situados no Ibirapuera” Op. cit.

⁷² “Solicita providências do Senhor Prefeito, no sentido de ser conseguida a mudança dos grupos conhecidos por ‘favelas’ existentes nos terrenos do Parque Ibirapuera, para a localização das construções dos edifícios destinados à Feira de 1954”. Processo 224/52, caixa 42. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁷³ “Apresenta relatórios do andamento dos serviços de construção do Ginásio de Esportes e do Alojamento de Atletas”. Op. cit.

⁷⁴ “Ginásio de basquete para 35.029 pessoas”. *A Gazeta Esportiva*, 9 de Maio de 1952, p. 10.

Mello, e, talvez, uma demonstração de algumas dificuldades de entendimento entre a Comissão e o Departamento de Esportes paulista?

Conquanto o arq. Ícaro de Castro Mello, que está projetando o ginásio de Ibirapuera, seja um esportista, achamos de conveniência submeter o estudo do projeto, com todas as indicações de borboletas, instalações elétricas e hidráulicas acima mencionadas, à Administração do Estádio do Pacaembu, que possivelmente terá, em seu funcionalismo, técnicos capazes de opinar a respeito. Em caso negativo, essa consulta ou eventuais projetos poderiam ser solicitados aos técnicos do Maracanã⁷⁵.

Talvez Lindenberg só estivesse procurando uma segunda opinião, mas também é certo que, um mês antes, ele pediu ao Diretor Geral da Comissão, Waldemar Rodrigues Alves, que fosse recalculada a estrutura de concreto armado do Edifício de Alojamento de Atletas da Água Branca, em vista “*de ser exagerado o volume apresentado pelo Arq. Ícaro de Castro Mello, bem como a quantidade de ferro*”⁷⁶. De certa forma, portanto, Lindenberg desconsiderava a experiência que o arquiteto do DEESP tinha para desenvolver projetos desse tipo e discordava dos seus critérios profissionais.

Poder-se-ia dizer que, nesses anos, Ícaro de Castro Mello já tinha se transformado em um especialista nesse tipo de programa arquitetônico, pois tinha projetado uma série de outros ginásios, como o do Clube Atlético Santista (inaugurado em 1949), e os já citados ginásios de Sorocaba (1950) e Ribeirão Preto (1952), os estádios do Clube Guaraní, de Campinas, e do Clube Atlético Mineiro (ambos feitos em parceria com Oswaldo Corrêa Gonçalves e anunciados em 1948), e a Piscina Coberta da Água Branca – que ainda estava em construção nesse momento. Sobre o ginásio de Sorocaba, construído para os Jogos Abertos do Interior de 1950, a revista *Acrópole* o definiu como “*o maior gymnasium para disputas de bola ao cesto em recinto fechado, em todo o continente*”, possuindo uma “*capacidade muito maior do que qualquer outro do gênero em toda a América do Sul*”. Além disso, assinalou que:

Sua construção obedeceu aos mais rigorosos requintes da arquitetura moderna, não só no atinente às exigências técnicas impostas pelas leis internacionais do esporte para que se destina particularmente, como também na solução dos problemas de visibilidade por parte da assistência, acomodações, acesso e evacuação do recinto⁷⁷.

Também é curioso que a primeira opção de consultoria colocada por Lindenberg tenha sido a administração do Pacaembu, que, por sua vez, havia contratado, quatro anos antes, os serviços do próprio Ícaro de Castro Mello, que desenvolveu a adaptação do ginásio do Estádio Municipal para habilitar uma pista coberta de atletismo⁷⁸. Mesmo sem comprovação, esse antecedente pode ser relevante para pensar as relações entre a Comissão e o DEESP, dificultando a concretização da maioria dos edifícios esportivos planejados para serem inaugurados em 1954. Contudo, ainda não podemos concluir se essa suspeita inicial pode ter tido alguma influência sobre algumas das difíceis relações posteriores entre o DEESP e a própria Comissão, especialmente no que se refere aos prazos de entrega e os avanços das obras.

No final de 1952, foi publicado o edital para a construção do Ginásio, que estabelecia que o edifício devia ser entregue no início de 1954. A execução das obras do ginásio foi desenvolvida pela construtora Cavalcanti e Junqueira Ltda., uma das maiores do país e parte do consórcio responsável pela edificação do estádio do Maracanã alguns anos antes. Logo depois da assinatura dos contratos, foram ini-

⁷⁵ “Solicita autorização para contratar os serviços do engenheiro Paulo Franco Rocha, referente a execução de novos cálculos da estrutura de concreto armado do Alojamento de Atletas”. Processo 973/52, caixa 358, Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁷⁶ Ibid.

⁷⁷ “Gymnasium Municipal de Sorocaba - Est. de São Paulo”. *Acrópole*, 155, Março/1951, pp. 273-277.

⁷⁸ “Escreve o leitor. Carta de Ícaro de Castro Mello a Antônio Accioly Neto, diretor”. *O Cruzeiro*, Vol. XX (20), 6 de Março de 1948, p. 6.

ciados os trabalhos no terreno do Ibirapuera nos primeiros dias de março de 1953. Apenas iniciaram as obras, veio o primeiro problema administrativo. Em março, a Escola de Educação Física reclamou a propriedade dos terrenos da antiga Invernada dos Bombeiros, local onde se localizaria do Ginásio do Ibirapuera⁷⁹. A disputa pela propriedade do solo remetia a uma velha promessa das autoridades estaduais e municipais de São Paulo de construir o edifício institucional da Escola. Por meio da Secretaria de Viação e Obras Públicas estadual, a Escola criticou uma suposta apropriação do terreno pelo DEESP, exigindo a restituição da posse, considerando que o projeto do complexo esportivo do Ibirapuera não contemplava a construção do pavilhão estudantil no interior do lote, já completo com dois prédios principais: o Ginásio e o Velódromo. Fazendo referência ao Decreto-lei 13.291 do dia 21 de março de 1943, a Escola de Educação Física assegurava que a Fazenda do Estado tinha autorizado a transferência do terreno do Ibirapuera à Prefeitura, com a condição de que ali fosse construído um complexo esportivo-escolar. A resposta de Magalhães Padilha não demorou a chegar, declarando o DEESP como o verdadeiro detentor dos direitos sobre o terreno, pois tinha herdado esses direitos após a fusão do Departamento de Educação Física (DEFE) e do Departamento de Esportes. Em sua carta, ele não perde a oportunidade para criticar a Escola de Educação Física e seus “*dirigentes desnorteados e confundidos*”, uma instituição, para ele, negligente e historicamente incapaz de construir suas próprias instalações, posto que até esse momento continuava funcionando no interior do Estádio Municipal do Pacaembu⁸⁰. Aparentemente, a Escola de Educação Física desistiu de continuar com um processo judicial, o que permitiu que fossem retomadas as obras do Ginásio.

Com efeito, desde 1952, estava planejado que, em maio de 1954, o Campeonato Sul-Americano Feminino de Basquete seria o evento esportivo que inauguraria o Ginásio de Ibirapuera, quatro meses antes da realização do II Campeonato Mundial Masculino. O basquete paulista procurava oferecer ao esporte sul-americano um palco completamente diferente aos já conhecidos no continente: o Campeonato Sul-Americano de Lima, em 1950, tinha sido disputado em um estádio desmontável de madeira, instalado no interior de uma praça de touros da capital peruana⁸¹; o I Campeonato Mundial Feminino de Santiago do Chile, em 1953, teve como sede uma quadra instalada no espaço entre a arquibancada norte e o campo de futebol do Estádio Nacional⁸². Entretanto, para que isso acontecesse era necessário que, além de completar as obras de edificação, o Ginásio tivesse todo o equipamento indispensável instalado. Em uma carta de maio de 1953, Magalhães Padilha pede para Ciccillo Matarazzo que a Comissão providenciasse prontamente cadeiras, bancos, aparelhamento elétrico, telefônico e radiofônico, jogos de tabelas, um placar luminoso e outros acessórios extras⁸³. O pedido, além de excessivo segundo a Comissão, demonstrava uma lógica de funcionamento por parte de diferentes agentes que viam no IV Centenário a possibilidade de completar seus projetos, tentando investir o mínimo de recursos próprios possível. Na qualidade de diretor do DEESP e coordenador designado das comemorações esportivas do Centenário, Magalhães Padilha não tinha problemas para solicitar verbas e gastos que, muitas vezes, eram rejeitados pelos encarregados financeiros da Comissão. No caso do Ginásio, o Serviço de Engenharia da Comissão encaminhou um novo orçamento para Magalhães Padilha, pedindo que o próprio DEESP financiasse parte dos gastos, incluindo a compra das cadeiras para o complexo esportivo.

⁷⁹ “Solicita o pronunciamento desta Autarquia no sentido de serem elucidadas dúvidas referentes às construções já iniciadas no Parque Ibirapuera, local em que a Diretoria de Obras Públicas pretende levantar um dos pavilhões da Escola de Educação Física do Estado”. Processo 1884/53, caixa 57. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁸⁰ É possível que existisse um conflito entre a Escola de Educação Física e o DEESP, uma vez que esta instituição também tinha projetos no Estádio Municipal do Pacaembu, como era o caso do Centro de Educação Física. Em funcionamento desde 1942, o Centro oferecia aulas de diferentes esportes à população da cidade. Cf.: “Saúde de graça”. *Gazeta Esportiva Ilustrada*, 20, Junho/1954, pp. 32-35.

⁸¹ “Fue una campaña de campeonas”. *El Gráfico*, 1602, 20 de Abril de 1950, p. 58.

⁸² “Brillante, magnífica”. *Estadio*, 513, 14 de Março de 1953, p. 3.

⁸³ Fundo Comissão IV Centenário, processo 2355/53, caixa 196. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

Imagem 7.11. I Campeonato Mundial Feminino de Basquete, Estádio Nacional, Santiago do Chile, Fevereiro 1953.

Dessa forma, no final de 1953, apareceram grandes dúvidas sobre a realização do Campeonato Mundial de Basquete, relacionadas, especificamente com a falta de dinheiro para completar as obras em São Paulo durante o primeiro semestre de 1954. Coincidentemente, isso também acontecia com as obras do Maracanazinho, no Rio de Janeiro. Para boa parte da imprensa paulista e carioca, a inauguração do ginásio do Ibirapuera parecia mais factível que a do Maracanazinho, especialmente porque a Federação Paulista de Basquete e o DEESP tinham conseguido a sede do Campeonato Sul-Americano Feminino para São Paulo. Esse torneio, agendado para maio de 1954 como preparativo-teste para Copa do Mundo masculina de outubro, era entendido, de alguma forma, como uma garantia. No Rio, a situação financeira era complicada: em dezembro de 1953, a Construtora Prolar S.A. tinha deixado de receber dinheiro, faltando 55 dos 80 milhões de cruzeiros aprovados⁸⁴. Na espera que a Câmara de Vereadores do Distrito Federal liberasse as verbas, as obras foram paralisadas, o que manteve em suspenso a possibilidade de completar a construção nos dez meses restantes até a Copa. Em fevereiro de 1954, a situação não havia melhorado: sem dinheiro, as obras no Rio estavam quase totalmente paradas⁸⁵. É importante atentar para o Ginásio carioca, embora ele não fosse a sede principal da Copa do Mundo. Afinal, ao longo de todo o ano 1954, os avanços das duas obras foram tematizados, por alguns setores da imprensa, como uma corrida entre as duas cidades, ainda que a construção do Maracanazinho respondesse mais ao desejo da Prefeitura da cidade de completar as obras do complexo de Maracanã e de ter uma arena coberta para eventos esportivos, sociais e culturais.

Se, no final de 1953, tinha sido noticiado o atraso das obras no Rio, em março de 1954, começaram os boatos sobre a difícil conclusão das obras do Ginásio de Ibirapuera. A imprensa informou que o ritmo da construção do coliseu era lento, ao passo que a instalação da cobertura estava sendo especialmente difícil⁸⁶. Segundo a reportagem, isso teria feito que a Confederação Brasileira de Basquete, junto à Federação Paulista de Basquete, avaliasse mandar o Sul-Americano Feminino para outro local. Tal possibilidade fez que Magalhães Padilha desmentisse intensamente esses boatos na imprensa nacional e estrangeira⁸⁷, assegurando que a conclusão das obras seria cumprida no prazo estipulado e definido junto à Confederação Brasileira de Basquete.

No final do mês de maio, um dos engenheiros da Construtora Cavalcanti e Junqueira encarregado das obras do Ginásio do Ibirapuera, Teodoro Baiana de Carvalho, afirmou que no final de setembro estariam prontas as obras do estádio coberto, mesmo que houvesse atraso no pagamento por parte do Governo do Estado⁸⁸. Chama a atenção que, até esse momento, a imprensa carioca ainda

⁸⁴ “Periga o Mundial de Basquete”. *O Cruzeiro*, Vol. XXVI (11), 26 de Dezembro de 1953, p. 68.

⁸⁵ “Daqui a pouco, nem mais a C.B.D. acreditará no Ginásio do Maracanã”. *Última Hora*, 25 de Fevereiro de 1954, p.9.

⁸⁶ “Difícil a conclusão do ginásio de Ibirapuera para o próximo sul-americano de basquetebol”. *A Noite*, 11 de Março de 1954, p.1.

⁸⁷ “Ibirapuera ficará pronto para os certames internacionais”. *A Noite*, 22 de Março de 1954, p. 7.

⁸⁸ “Ibirapuera garantirá”. *A Noite*, 21 Maio 1954, p. 9.

Imagem 7.12. Realização do III Campeonato Sul-Americano de Remo, Estádio de Remo da Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro, abril 1954.

consideravam que as obras do Ibirapuera estavam bem mais adiantadas que as do Maracanzinho, paradas por falta de dinheiro⁸⁹.

Talvez revisar o caso das relações entre a Federação Paulista de Remo e a Comissão do IV Centenário seja útil para compreender as dificuldades financeiras pelas quais passava a organização do calendário esportivo das comemorações dos 400 anos de São Paulo. Assim que foi constituída a Comissão e nomeado Magalhães Padilha como organizador dos eventos esportivos, em dezembro de 1951, várias Federações pediram apoio para seus calendários do ano 1954. Um dos casos mais interessantes foi o da Federação do Remo de São Paulo, que, em julho de 1952, propôs organizar o Campeonato Brasileiro de Remo e o III Campeonato Sul-Americano da disciplina. Para que isso fosse possível, a Federação solicitou à Comissão que apoiasse um novo pedido à Prefeitura para que se construísse, o mais rápido possível, a raia olímpica, projeto incluído dentro dos planos da Comissão de Melhoramentos do Rio Tietê⁹⁰. Essas regatas seriam realizadas no verão de 1954, junto a outras, como a “Prova Fundação da Cidade de São Paulo” (em 25 de janeiro), a Regata das Forças Armadas (28 de março) e a dos Trabalhadores Brasileiros (2 de maio). Embora o plano da Comissão de Melhoramentos do rio Tietê, de 1939, tivesse incluído esses equipamentos como parte dos planos de intervenção (Lucchese, 2016), as obras não tinham sido executadas durante toda a década de 1940, talvez aguardando que os clubes da região desenvolvessem um projeto dessas característica por conta própria. Se, em alguns casos, a Comissão do IV Centenário conseguiu pressionar o governo municipal para que fossem realizadas obras e investimentos, isso não aconteceu no caso da raia do Tietê. Em 1953, logo após uma série de negociações fracassadas para que as regatas fossem realizadas em São Paulo, a Confederação Brasileira de Desportos acabou levando os Campeonatos Brasileiro e Sul-Americano para a Lagoa Rodrigo de Freitas, no Rio de Janeiro (CBD, 1954), onde estava sendo construído um estádio para a sediar torneios internacionais⁹¹. O Sul-Americano, com a presença das embarcações

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ “Comunica a efetivação do Campeonato Brasileiro do Remo e o III Campeonato Sul-americano do Remo, em São Paulo, por ocasião das comemorações do IV Centenário e solicita providências junto à Prefeitura no sentido de ser construída a respectiva raia olímpica, onde deverão realizar-se essas competições”. Processo 992/52, caixa 36. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁹¹ Aparentemente, as obras do estádio da Lagoa estavam em discussão, pelo menos, desde outubro de 1952. O projeto foi desenvolvido pelo arquiteto Benedicto de Barros, em parceria com o engenheiro

uruguaias, chilenas e peruanas, foi realizado em maio de 1954⁹², em águas cariocas, uma antecipação do que aconteceria em outubro, com o Campeonato Mundial de Basquete.

Nessa medida, se os pedidos de apoio feitos pelas federações em 1952 e 1953 tinham ampla aceitação dentro das divisões financeiras e executivas da Comissão, em 1954 quase todas as solicitações de patrocínio ou financiamento foram rejeitadas, alegando falta de verbas e calendários já fechados. Esse foi o caso da Federação de Remo que, em março de 1954, pediu à Comissão um auxílio para o pagamento de várias despesas relacionadas à realização das regatas “das Forças Armadas” e de “Fundação de São Paulo”, na Represa Billings. Ainda que essas competições tivessem sido parte do programa oficial dos dias 23, 24 e 25 de janeiro, a Comissão negou o pedido devido à falta de recursos financeiros⁹³. Do mesmo modo, a Federação Paulista de Hóquei e Patinação solicitou, também em março de 1954, uma contribuição para participar, em maio, do X Campeonato Mundial de Barcelona, Espanha. O que poderia ser visto como excesso e sem justificativa, tinha, de fato, um motivo: a participação do Brasil na Copa era requisito para que três das principais equipes mundiais – Itália, Espanha e Portugal – participassem do Torneio Quadrangular do IV Centenário, que seria realizado em setembro, no Ginásio do Ibirapuera⁹⁴. Algumas semanas depois, a resposta foi a mesma que a dada à Federação de Remo: não existem verbas disponíveis, menos ainda para participação em eventos no estrangeiro⁹⁵.

Em setembro de 1954, outra instituição privada, o jornal *Folha da Manhã*, solicitou à Comissão apoio financeiro e logístico para a “Primeira Volta do Atlântico”, uma prova ciclista entre Porto Alegre e São Paulo, que os organizadores queriam integrar ao programa esportivo do IV Centenário⁹⁶. Com equipes uruguaias, chilenas, venezuelanas e colombianas confirmadas, o percurso seria realizado entre os dias 12 e 30 de outubro. O jornal pediu à Comissão, em troca de organizar a última etapa da prova no interior do Parque Ibirapuera, um pagamento de cem mil cruzeiros. Esse pagamento também daria direito à publicidade sobre a Feira do IV Centenário ao longo de toda prova. A resposta da Comissão foi negativa, tal como vinha fazendo, desde meados desse ano, com a maioria dos pedidos. Por fim, a competição acabou sendo realizada, mas, como em outras atividades esportivas, sem respaldo financeiro dos organizadores das comemorações IV Centenário⁹⁷.

As distintas solicitações poderiam ser vistas como uma tentativa de diferentes instituições de tirar proveito e conseguir financiar projetos de distintos tipos, muitas vezes relacionados apenas tangencialmente com as comemorações do IV Centenário. Por exemplo, foram vários pedidos de instituições culturais para reformar ou completar seus edifícios institucionais, caso da Sociedade de Cultura Artística ou do Teatro Maria Della Costa⁹⁸. A lista desse tipo de pedidos e solici-

calculista Antonio Arlindo Laviola e o advogado Carlos Osório de Almeida. Como afirma Lobo (2006), os três eram remadores. O estádio incluía, além das arquibancadas, a sede para a Federação de Remo, restaurante e 14 boxes para os clubes náuticos da cidade. O Campeonato Sul-Americano foi realizado na raia da Lagoa, mas o estádio não ficou pronto. O edifício começou a ser utilizado intensamente a partir de 1956, quando uma equipe de remo de Cambridge fez uma exibição para o público carioca. As imagens da imprensa mostram o edifício principal pronto e as arquibancadas ainda em construção. “O estádio de remo”. *A Noite*, 30 de Outubro de 1952, p. 2. “Pede a comissão: cinco milhões de cruzeiros para ativar as obras do estádio de remo na lagoa Rodrigo de Freitas”. *A Noite*, 24 de Agosto de 1953, p. 7. “A guarnição de Cambridge ainda continua suscitando temas sobre o remo”. *A Noite*, 1 de Agosto de 1956, p. 18.

⁹² “Se sobró Brasil”. *Estadio*, 574, 15 de Maio de 1954, pp. 20-23.

⁹³ “Solicita uma verba para pagamento de várias despesas que foram realizadas durante as ‘Regatas das Forças Armadas’ e ‘Regata da Fundação da Cidade de São Paulo’”. Processo 3091/54, caixa 80. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁹⁴ “Solicita auxílio financeiro destinado à participação do Brasil no X Campeonato Mundial de Hóquei que se realizará em Barcelona - Espanha”. Processo 3150/54, caixa 80. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁹⁵ *Ibid.*

⁹⁶ “Sobre a inclusão de um carro de São Paulo, custeado por esta Autarquia, na caravana da I Volta do Atlântico”. Processo 4474/54, caixa 84. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

⁹⁷ “Llegar ya era una hazaña”. *Estadio*, 600, 13 de Novembro de 1954, pp. 26-27.

⁹⁸ O projeto do teatro foi desenvolvido pelo arquiteto Carlos Lemos. Cf.: “Coloca a disposição desta Autarquia, o Teatro Cultura Artística e solicita um auxílio de Cr\$ 4.000.000,00 a fim de atender às re-

tações das mais diversas organizações é longa, tendo sido realizada durante todo o ano de 1954. Como alguns exemplos, podemos destacar: em abril de 1954, a Sociedade Hípica Paulista pediu um auxílio de 8 milhões de cruzeiros para reformar e construir novos edifícios em suas instalações no bairro do Brooklin (a título de comparação, o principal investimento das comemorações esportivas, o Ginásio do Ibirapuera, tinha 25 milhões como orçamento inicial para sua construção⁹⁹). Em troca, a Sociedade organizaria torneios internacionais de polo e hipismo¹⁰⁰. Por sua vez, em setembro, a Seção de São Paulo do Automóvel Club do Brasil solicitou a autorização para utilizar o Parque do Ibirapuera para a realização das “100 Milhas do Ibirapuera”, prova que seria realizada em um circuito no interior do Parque, fechada ao público geral, com entrada exclusiva mediante a compra de ingresso¹⁰¹. Da mesma forma, em novembro, a Federação Paulista de Xadrez solicitou apoio financeiro para organizar o Campeonato Brasileiro desse ano, e obteve como resposta o oferecimento de medalhas comemorativas para os participantes¹⁰², uma prática recorrente da Comissão, feita para os participantes da Corrida de São Silvestre e do Campeonato Brasileiro de Voleibol¹⁰³. Inclusive, outras instituições, como a própria Federação Paulista de Hóquei e Patinação, solicitaram, em janeiro de 1955, financiamento de um outro torneio no Ginásio do Ibirapuera, quando a Comissão já tinha encerrado suas atividades¹⁰⁴. Fosse pelo alto valor das verbas solicitadas, pelo exagero dos pedidos ou pela precária condição do balanço financeiro da Comissão, nos três casos as respostas foram negativas.

É importante lembrar que todos esses pedidos foram feitos quando as obras do Parque Ibirapuera e da Feira Internacional da Indústria, as principais atrações do IV Centenário durante o segundo semestre do ano, ainda estavam em andamento – o Parque e a Feira foram inauguradas no dia 21 de agosto. Alguns trabalhos têm avaliado que quase 80% do orçamento total da Comissão do IV Centenário foi destinado às obras de construção do Parque e à habilitação dos pavilhões da Feira da Indústria (Gebauer et al., 2004). Nesse contexto, não era estranho que os requerimentos de outras instituições fossem denegados. Essa informação é útil para analisar os atrasos nos pagamentos das obras à construtora do Ginásio, assim como os problemas orçamentários para retomar os trabalhos após o grande incidente de setembro, que narraremos a seguir. Muito provavelmente, a crise no canteiro do Ginásio e o perigo da não realização do Campeonato Mundial de Basquete em São Paulo tiveram relação com os fluxos orçamentários e os balanços financeiros da Comissão durante o segundo semestre de 1954.

A notícia dos atrasos na execução das obras do Ginásio do Ibirapuera fez que, em junho de 1954, a Confederação Brasileira de Basquete (CBB), pressionada pela Confederação Sul-Americana, procurasse um novo local para sediar o Sul-Americano feminino. A solução estava ao alcance da mão: a organização escolheu o Ginásio do Pacaembu como local dos jogos. O Pacaembu, que já tinha sido sede,

formas necessárias para sua adaptação”. Processo 2090/53, caixa 80. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP. “Teatro Maria Della Costa, em São Paulo”. *Habitat*, 19, Novembro-Dezembro/1954, pp. 23-25.

99 “Sobre transferência das obras referentes ao Pavilhão das Indústrias, Palácio de Agricultura e Ginásio, para o controle do Estado”. Processo 2492/53, caixa 52. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

100 “Solicita um auxílio de Cr\$ 8.000.000,00 para a realização de seu programa às comemorações do IV Centenário”. Processo 3300/54, caixa 80. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

101 “Solicita desta Autarquia, patrocinar uma competição automobilística denominada 100 Milhas de Ibirapuera”. Processo 4319/54, caixa 59. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

102 “Sobre oferecimento, por parte desta Autarquia de medalhas comemorativas aos vencedores do Campeonato Brasileiro de Xadrez”. Processo 5534/55, caixa 73. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

103 Cf.: “Apresenta proposta do troféu confeccionado para a corrida de São Silvestre e solicita autorização para a confecção de mais nove”. Processo 2974/54, caixa 229. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP. “Solicita desta Autarquia, medalhas de prata e bronze - Campeonato Brasileiro de Volleyball”. Processo 4450/54, caixa 73. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

104 “Solicita desta Autarquia, auxílio financeiro para a realização de um torneio internacional de hóquei sobre patins”. Processo 6024/55, caixa 73. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

Imagem 7.13. Reportagem do periódico chileno *Estadio* sobre os avanços da arquitetura esportiva em São Paulo. Inclui encontro do diretor do periódico com Sylvio Magalhães Padilha e visita aos canteiros de obras do Ginásio e do Velódromo do Ibirapuera. Março de 1954.

em março, do depreciado Sul-Americano de natação¹⁰⁵ – que não contou com a participação da equipe argentina –, e em abril, do Sul-Americano de atletismo, serviria novamente como sede do basquete. Dessa forma, em julho, foi organizado o Sul-Americano de basquete no ginásio do Estádio Municipal, com a participação de quatro seleções (Bolívia, Chile, Paraguai e Peru), além da brasileira, em um torneio que só esgotou os ingressos para a final, entre a seleção local e a chilena¹⁰⁶. Entretanto, esse campeonato não foi o único evento das comemorações dos 400 anos de São Paulo que acabaria sendo transferido para o Estádio Municipal: isso também aconteceu com o Balé do IV Centenário que, em razão do atraso da reforma do Theatro Municipal de São Paulo, teve que procurar um novo local para apresentar suas peças durante a primeira quinzena de novembro de 1954¹⁰⁷.

Com efeito, a notícia das dificuldades de São Paulo para completar seu Ginásio foi rapidamente divulgada pela imprensa nacional e internacional, questão que era descrita como complicada por alguns, mesmo com verbas disponíveis para concluir a edificação do prédio¹⁰⁸. No início de agosto, a notícia começou a ser difundida no Rio, apesar da imprensa internacional ainda hesitar em relação à realização do torneio em São Paulo, aguardando uma definição da CBB e da Federação Internacional de Basquete (FIBA). Diversos informes dos avanços das obras do Ibirapuera foram divulgados por Magalhães Padilha, afirmando que o edifício seria entregue durante a primeira semana de outubro, pronto para receber o Campeonato Mundial¹⁰⁹. A confiança do diretor do DEESP era tal que, inclusive, detalhou como seriam os dias da seleção brasileira em São Paulo, que teria à sua

105 Uma nota do periódico chileno *Estadio* afirma que os jogos de polo aquático foram disputados na Piscina Coberta da Água Branca. Em sucessivas reportagens, o periódico assegurou que os atletas e nadadores chilenos se alojaram no prédio do complexo de Água Branca. Cf.: “48 horas en São Paulo”. Op.cit. “Torneo sin historia”. *Estádio*, 568, 3 de abril de 1954, pp. 20-21.

106 “El título quedó en casa”. *Estadio*, 585, 31 de Julho de 1954, pp. 12-16.

107 Guilherme de Almeida, presidente da Comissão IV Centenário solicitou ao Secretário de Educação e Cultura da Prefeitura, Valério Giuli, a cessão do Ginásio do Pacaembu por 20 dias. A mudança de local exigiu a adaptação dos cenários ao novo local, o que foi calculado no valor de um milhão de cruzeiros, além do pagamento de indenizações ao Sindicato dos Metalúrgicos e ao Centro de Educação Física, que tinham já alugado o Ginásio para suas festas de final de ano. Curiosamente, o representante do Centro de Educação Física era Magalhães Padilha. O balé estreou no dia 6 de novembro de 1954, apresentando-se até o dia 20 desse mês. A bailarina Vera Helena Andrade de Campos Maia, participante do Balé, afirma que vários dos ensaios da Companhia foram vistos pelos jogadores do Corinthians, concentrados nos alojamentos do Estádio. Cf.: “Sobre a adaptação do Ginásio do Pacaembu para apresentação do Ballet do IV Centenário”. Processo 4398/54, caixa 107. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP. “História. Vera Helena”. Disponível em: <http://www.museudapessoa.net/pt/conteudo/historia/vera-helena-47560>. Acessado em: 15 de Dezembro de 2018.

108 “Y va de empates...”. *Estadio*, 593, 25 de Setembro de 1954, pp. 14-15.

109 “Prossegue a CBB na organização do II Campeonato Mundial de Cestobol”. *Correio Paulistano*, 1 de Agosto de 1954, p. 10.

disposição a Casa do Atleta do complexo da Água Branca¹¹⁰. A imprensa paulista também participou do clima de otimismo, informando aos leitores sobre as características do ginásio e das equipes participantes do Mundial¹¹¹, e convidando o público a imaginar como seria o campeonato dentro do Parque Ibirapuera, esse novo grande espaço público da cidade:

Podemos prever hoje, depois de libertar de nosso íntimo todas as apreensões, o sucesso que iremos presenciar dentro de dois meses. Chegamos mesmo em certos momentos a imaginar como será uma das noites festivas de outubro, quando, pela realização de jogos do Campeonato Mundial, receberá o Parque Ibirapuera, todo iluminado, verdadeira multidão de esportistas. (...) Magnífico, sem dúvida alguma, o gesto do Governador do Estado de São Paulo, presenteando o povo de nossa metrópole com o grandioso monumento esportivo¹¹².

Embora existisse esse clima de bons augúrios para a finalização das obras, de fato, elas estavam atrasadas e precisavam que nada extraordinário acontecesse no canteiro. Era tal o nível de pressão, que o Governador Lucas Nogueira Garcez precisou desmentir que houve tentativas de sabotagem das obras no canteiro do Ibirapuera¹¹³. Como se os atrasos e os boatos não fossem suficientes, no dia 10 de setembro aconteceu um dos fatos mais graves dentro da edificação do Ginásio. Conforme afirma a crônica de *A Noite*, “no momento em que se pretendia colocar o anel de sustentação [da cobertura], ligando toda a armação de ferro, quebraram-se os parafusos de um dos guinchos, caindo o anel sobre as torres que não suportando o seu peso, de catorze toneladas, ruíram”¹¹⁴. Por sorte sem vítimas fatais, o acidente fez que boa parte da imprensa considerasse quase impossível que o Ginásio ficasse pronto para o dia 22 de outubro, data marcada para a inauguração do Campeonato Mundial. A torre, transformada em uma pilha de ferros retorcidos, era o símbolo do fracasso irremediável, ainda que as autoridades estaduais e um dos engenheiros da companhia construtora declarassem que as obras seriam entregues entre os dias 15 e 20 de outubro¹¹⁵.

No dia 22 de setembro de 1954, a CBB jogou sua última cartada, solicitando um apoio extraordinário à Comissão, com o intuito de retomar as obras do Ginásio do Ibirapuera logo após o acidente, que havia acontecido duas semanas atrás¹¹⁶. A CBB estava ciente que as obras do Maracanazinho também estavam atrasadas e que todo o Campeonato estava em sério risco de fracassar, pois a FIBA não aceitaria disputar o torneio em um ginásio de tamanho médio. Exatamente um mês antes do início dos jogos, o chefe da seção paulista da CBB escreveu para Guilherme de Almeida, presidente da Comissão, após a saída de Ciccillo Matarazzo, pedindo-lhe ajuda financeira, uma vez que o governo de Café Filho se negou a entregar a última parcela dos recursos prometidos por Getúlio Vargas para o Campeonato Mundial. Sua argumentação era simples: o torneio fazia parte das comemorações e seu fracasso seria também um golpe ao prestígio internacional da cidade, e da própria Comissão, frente ao mundo inteiro que seguiria com atenção a competição. Imediatamente recebida a mensagem, o Diretor Geral da Comissão, Antônio Rodrigues Alves Netto, pediu o parecer de Magalhães Padilha. Tal como em outras ocasiões, o diretor do DEESP tomou partido pelas federações esportivas, neste caso a CBB, solicitando à Comissão que considerasse apoiar um torneio para o qual a cidade de São Paulo tinha brigado tanto. Seu argumento, que também foi o da chefia da CBB, apelou ao prestígio paulista e ao bom nome do Brasil como organizador de certames internacionais. Sem dizê-lo, sua missiva era, ainda,

¹¹⁰ Ibid.

¹¹¹ “II Campeonato Mundial Masculino de bola ao cesto”. *Correio Paulistano*, 11 de Agosto de 1954, p. 8.

¹¹² “II Campeonato Mundial Masculino de basquetbol”. *Correio Paulistano*, 12 de Agosto de 1954, p. 10.

¹¹³ “Não haverá sabotagem no Ginásio de Ibirapuera”. *Correio Paulistano*, 7 de Setembro de 1954, p. 13.

¹¹⁴ “Ruíram as torres de Ibirapuera!” *A Noite*, 11 de Setembro de 1954, p. 8.

¹¹⁵ “O Mundial de basquete será realizado”. *Correio Paulistano*, 12 de Setembro de 1954, p. 10.

¹¹⁶ “Solicita desta Autarquia, um auxílio financeiro para a realização do II Campeonato Mundial Masculino de Basketball”. Processo 4400/54, caixa 73. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

Imagem 7.14. Construção da cobertura do Ginásio do Ibirapuera, São Paulo, c. Junho-Julho 1954.

uma última tentativa para conseguir as verbas para os equipamentos do Ginásio, que tinham sido rejeitadas pelo menos duas vezes durante os últimos meses.

Nos dias seguintes, a CBB não obteve a resposta oficial aguardada. Os dias passavam e as notícias na imprensa, durante o mês de setembro, eram completamente desalentadoras para os interesses do basquete paulista¹¹⁷. A possível postergação do Campeonato Mundial já circulava nas agências internacionais de notícias. O periódico esportivo chileno *Estadio* informava que o mais provável era que o torneio fosse adiado por um longo prazo, em razão da crise política brasileira, após a morte do Presidente Vargas, a chegada de Café Filho ao poder e o déficit de 20 milhões de cruzeiros necessários para terminar as obras dos dois grandes coliseus¹¹⁸. A imprensa chilena, tal como deve ter acontecido em outros países participantes do campeonato, perguntava pela preparação do time nacional e pelas dificuldades de marcar uma nova data para o torneio, considerando que em março de 1955 seriam disputados os II Jogos Pan-Americanos, na Cidade do México. Sem datas no calendário do primeiro semestre, o Campeonato Mundial no Brasil teria que ser adiado quase um ano, um cenário que prejudicava a imagem do esporte brasileiro.

A alta possibilidade do fracasso fez que fossem mobilizadas novas verbas no Rio de Janeiro, aprovadas pela Câmara Municipal do Distrito Federal, para a finalização das obras do Maracanzinho¹¹⁹. De alguma forma, isso faz pensar que, entre as autoridades cariocas, pode ter existido, desde o começo, a possibilidade de um cenário em que o Rio de Janeiro ficava com a sede principal do Campeonato Mundial. Essa aparição de verbas extraordinárias não ocorreu em São Paulo, onde os pedidos de novos recursos não tiveram repercussão. Com a realidade do fracasso cada vez mais próxima, Mário Amancio Duarte, chefe da seção paulista da CBB, encaminhou um longo relatório à imprensa¹²⁰. No dia 1 de outubro, quando vários jornais já noticiavam que o Campeonato se realizaria, exclusivamente,

¹¹⁷ “Esporte por esporte”. *Esporte Ilustrado*, 859, 23 de Setembro de 1954, p. 14. “O drama do II Mundial de Basquete”. *Correio Paulistano*, 30 de Setembro de 1954, p. 12.

¹¹⁸ “Y va de empates...”. *Estadio*, 593, 25 de Setembro de 1954, pp. 14-15.

¹¹⁹ “Maracanã, a realidade. Ibirapuera, o sonho desfecho”. *A Noite*, 11 de Outubro de 1954, p. 8.

¹²⁰ “Solicita desta Autarquia, um auxílio financeiro para a realização do II Campeonato Mundial Masculino de Basketball”. Processo 4400/54, caixa 73. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

no Rio de Janeiro, ele descarregou seus ressentimentos contra a Comissão do IV Centenário. Nesse documento, ele acusa a Comissão de total descaso, diferentemente do Governo do Estado de São Paulo, que garantiu o auxílio para financiar o V Campeonato Sul-Americano Feminino de Basquete, com a única condição que o torneio fosse realizado em São Paulo, como parte das comemorações de 1954. A Comissão teria negado continuamente os pedidos de apoio financeiro, inclusive os realizados por meio de Magalhães Padilha, o interlocutor válido entre o esporte paulista e os organizadores dos festejos do IV Centenário. Segundo Duarte, assim que o Governo Estadual soube que o Ginásio não ficaria pronto para o Sul-Americano Feminino, ofereceu ajuda para conseguir o ginásio do Estádio Municipal do Pacaembu, local que acabou sediando o torneio no mês de julho. Sabendo dos prejuízos financeiros que esse traslado acabou produzindo na CBB, afirmou Duarte, o basquete paulista continuou impulsionando a ideia do Campeonato Mundial no Ginásio do Ibirapuera, mesmo que fosse improvável que as obras estivessem prontas em outubro:

Deve ainda ser lembrado que todos os programas oficiais dos festejos do IV Centenário consta da relação das aludidas festas do II Campeonato Mundial Masculino de Basketball. Prova evidente de que a Autarquia em apreço conhecia, sabia, apoiava, e anunciava o magno certame de cestobol Mundial. Apenas não se dignou tomar posição, cerrar fileiras ao lado daqueles que batalhavam, trabalhavam, batalham e trabalham, inclusive empenhando seus patrimônios particulares, para que o Brasil não se submeta no setor esportivo a uma vergonha internacional capaz de fazer corar a um monge de pedra. Gastando milhões de cruzeiros com o Festival Internacional de Cinema, que só foi presenciado pelas classes privilegiadas de fortuna; gastando outros tantos milhões de cruzeiros com um Balé que relativa repercussão terá, e que a Comissão não sabe onde poderá exibi-lo, assombra ver a sua negativa em negar a presença dos dirigentes paulistas em sua sede, em data muito muito anterior àquela em que diz ter tomado conhecimento do já tão falado, discutido, e agora lamentado II Campeonato Mundial Masculino de Basketball, já que o mesmo não será realizado em nossa capital¹²¹.

Existiu um forte questionamento ao elitismo da Comissão por parte do principal dirigente do basquete paulista. De fato, é indiscutível que boa parte da programação, e do financiamento, estava relacionada com eventos tradicionalmente ligados ao consumo cultural das elites, ou, pelo menos à sociabilidade de alguns segmentos da elite branca e liberal paulistana. Porém, a crítica de Duarte à programação de peças de balé e do Festival de Cinema¹²² são também representativas de uma visão existente no interior do campo esportivo, uma que valoriza o espetáculo esportivo como uma atividade de acesso pluriclassista. É obvio que sua crítica está atravessada, ainda, pelo prejuízo aos seus interesses como organizador de um grande evento que produziria importantes lucros para a Federação Paulista. Contudo, da mesma forma que se pode dizer que a Comissão tinha um perfil elitista na programação de boa parte da agenda das comemorações, é também inegável que, por meio da sua ação, e em conjunto com a de outros agentes, foi possível que a cidade ganhasse um grande espaço público pluriclassista como o Parque Ibirapuera. Em alguns casos, a Comissão operou vetando o acesso de instituições da elite para auxílios financeiros – como foram os casos já citados da Sociedade Hípica Paulista e do Automóvel Clube do Brasil –, mas, em outras ocasiões, ela prestou cooperação econômica para algumas iniciativas populares, como foi o caso

¹²¹ Ibid.

¹²² O *Cruzeiro* afirma que o prefeito de São Paulo, Jânio Quadros, tinha cedido o Ginásio do Pacaembu para “uma grande festa popular (...), onde os artistas desfilarão para uma grande assistência de fãs”. Outra demonstração dos ares internacionais do IV Centenário era uma grande expectativa dos cineastas, atores e atrizes que participariam do Festival; em janeiro, a imprensa aguardava pela presença de Marlene Dietrich, Joan Crawford, Marilyn Monroe, Maria Félix, James Stewart e Ava Gardner. Nenhum deles acabou chegando a São Paulo, sendo o diretor Errol Flynn o mais conhecido das estrelas de Hollywood participantes. “Primeiro Festival Internacional de Cinema no Brasil”. O *Cruzeiro*, Vol XXVI (15), 23 de Janeiro de 1954, p. 58. “Encerramento do Festival-Pandemônio”. O *Cruzeiro*, Vol XXVI (22), 13 de Março de 1954, p. 110.

de um clube de futebol de várzea do bairro de Água Rasa, o Fla-Flu Futebol Club, para organizar torneios de futebol, shows artísticos e cinema ao ar livre, em abril de 1954¹²³.

Dentro da Comissão, a politização popular também operou como um critério de exclusão. Foi o caso, por exemplo, da Federação da Juventude Paulista, uma organização esportivo-cultural do bairro industrial do Brás, que solicitou, em outubro de 1953, incorporar suas atividades comemorativas do dia 1 de maio ao calendário oficial dos festejos do IV Centenário. A resposta do Diretor Substituto de Cultura da Comissão, Acyr Teixeira, foi negativa, afirmando que “as festividades (...), promovidas por uma ‘Federação’, com sindicatos e operários, correm elas perigo de fugir à simples intenção de festividades e lhe serem emprestadas intenções possivelmente políticas”¹²⁴. O esporte juvenil não deveria ser politizado nem instrumentalizado para agendas diferentes às do espetáculo-entretenimento e do esporte como espaço de formação cívica. Não por acaso, a Comissão acolheu, sem discussões, a proposta da Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE) para incluir os XII Jogos Universitários Brasileiros de 1954 dentro do calendário comemorativo da fundação de São Paulo. Os jogos foram realizados em setembro desse ano, com atividades no Estádio Municipal do Pacaembu, na Piscina Coberta da Água Branca e no ginásio do Clube de Regatas Tietê¹²⁵.

“Maracanã a realidade. Ibirapuera o sonho desfeito” foi a manchete do dia 11 de outubro de 1954 do jornal carioca *A Noite*. Na reportagem, qualquer chance de organizar o Campeonato Mundial de Basquete era abandonada. As dificuldades pelas quais tinha passado a construção do coliseu paulistano tornaram impossível cumprir com os prazos requeridos pela Confederação Sul-Americana. Por sua parte, o jornal *Mundo Esportivo*, de São Paulo, não poupou críticas à organização das comemorações esportivas do IV Centenário, considerando a não organização do torneio como uma afronta ao orgulho paulistano:

Foi longa a história do II Campeonato Mundial de Bola ao Cesto. As perspectivas que para ele se abriam, aqui em São Paulo, eram as mais risonhas possíveis. Abriam-se manchetes. Empolgou-se o nosso público, a ansiedade crescia, as rendas estavam antecipadamente asseguradas. O sucesso estava garantido. No entanto, o Ibirapuera caminhava a passos de cágado. A hipótese de que o Ginásio fosse falhar, não ficando terminado, era continuamente afastada pelos responsáveis, que vira e mexe vinham a público, dizendo da certeza da apresentação na data necessária. Agora, tudo se esboroou. Não mais vamos ter esse grande acontecimento esportivo, digno das comemorações do IV Centenário. Faliram as promessas. O povo caiu desamparado na desilusão de mais um fracasso de homens que prometem com facilidade, não antevendo as dificuldades de cumprimento das promessas. Mas uma vez, o Maracanã passa a perna nos paulistas. Até quando continuará essa situação vexatória?¹²⁶

O Campeonato Mundial de Basquete acabou sendo realizado no Rio de Janeiro, entre os dias 22 de outubro e 5 de novembro. Com a participação de 12 seleções, a fase final foi disputada entre as equipes dos Estados Unidos, Brasil e Filipinas. O título acabou nas mãos dos norte-americanos, algo talvez esperado pelos especialistas. Provavelmente, esse resultado pouco importou para as autoridades do basquete e do esporte paulista, que devem ter seguido as partidas pelas reportagens dos jornais, pelas transmissões radiofônicas e, talvez, pelos resumos televisivos. A festa esportiva paulista tinha perdido sua maior atração, enquanto isso, a finalização da construção do Ginásio do Ibirapuera deixou de ser prioritária. Em um episódio de transferências e circulações de ideias de arquitetura, os arquite-

¹²³ “Solicita um auxílio de Cr\$ 3.000,00 para fazer face às despesas oriundas do programa festivo que se realizará”. Processo 3290/54, caixa 80. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

¹²⁴ “Encaminha ofício da Federação da Juventude Paulista, sobre a sua participação nas comemorações do IV Centenário”. Processo 2844/54, caixa 84. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

¹²⁵ “Inauguram-se hoje à tarde os XII Jogos Universitários Brasileiros”. *Folha da Manhã*, 12 de Setembro de 1954, p. 7.

¹²⁶ “Promessas e nada mais!”. *Mundo Esportivo*, 594, 1 de Outubro de 1954, p. 11.

Imagem 7.15. Últimos trabalhos no canteiro de obras do Ginásio do Ibirapuera antes da inauguração, São Paulo, c. dezembro 1956 - janeiro 1957.

Imagem 7.16. Ginásio do Ibirapuera pronto para sua inauguração. São Paulo, 1957.

tos chilenos Mario Recordón e Augusto Gómez, junto ao engenheiro calculista Santiago Arias, viajaram ao Rio de Janeiro para conhecer o Maracanazinho, como parte de uma visita técnica à nova grande arena sul-americana. Acompanhados pelo superintendente do estádio, o Coronel Silvio Santa Rosa, procuravam dados e informações para a construção do Estádio Coberto de Santiago, que seria construído no interior do Parque Cousiño, o mesmo onde, em meados da década de 1930, planejou-se construir o Estádio Nacional¹²⁷.

Entre 1955 e 1957, foram várias as reportagens publicadas sobre o estado das obras no canteiro do Ibirapuera, além de entrevistas com autoridades esportivas da cidade, em que estas afirmavam que seu maior anseio era ver o Ginásio inaugurado. Isso só aconteceu em 25 de janeiro de 1957, quando, finalmente, foi inaugurado o Ginásio à comunidade esportiva paulista, ocasião da realização de um torneio de basquete entre as seleções masculinas do Brasil e da Argentina, além de um combinado dos melhores jogadores de São Paulo¹²⁸.

Com efeito, o Campeonato Mundial de Basquete não foi o único dos eventos que faziam parte do calendário esportivo do IV Centenário que acabaram sendo levados para o Rio de Janeiro. Isso também aconteceu com o já mencionado Campeonato Sul-Americano de remo e com o Sul-Americano de esgrima, realizado em novembro de 1954, no ginásio do clube Fluminense, com a participação das equipes do Brasil, Colômbia, Chile e Uruguai¹²⁹. O ciclismo poderia ter tido a mesma sorte, ou ter sido definitivamente suspenso, o que, de fato, quase aconteceu.

Aparentemente, a ideia de financiar a construção de um velódromo moderno para São Paulo, que servisse como local para a realização do Campeonato Pan-Americano de Ciclismo, surgiu tarde, tendo em vista o tamanho do projeto e o prazo estipulado, pois o torneio estava agendado para finais de 1954. Somente no final de julho de 1953 que foi aberta a concorrência pública para a construção do Velódromo do Ibirapuera, no interior do terreno pertencente ao DEESP e onde estava sendo construído o Ginásio há quatro meses¹³⁰. A decisão de localizar o Velódromo no Ibirapuera apareceu em comunicações do DEESP à Comissão já em meados de 1951¹³¹, mas o projeto apresentado por Ícaro de Castro Mello para o Ginásio, em 1952, incluía o Edifício das Federações e a Casa dos Atletas em vez do velódromo. Frente a essa dificuldade, dentro da Comissão do IV Centenário foi cogitada a possibilidade de construir o velódromo no antigo terreno do Hipódromo da Mooca¹³². A ideia foi rapidamente descartada, enquanto o arquiteto fazia

¹²⁷ “Glosas de Maracanã”. *Estadio*, 600, 13 de Novembro de 1954, pp. 14-15.

¹²⁸ “Brasil x Argentina a sensação em São Paulo”. *A Noite*, 25 de Janeiro de 1957, p. 8.

¹²⁹ “Se traje un laurel”. *Estadio*, 605, 18 de Dezembro de 1954, p. 10-11.

¹³⁰ “Sobre edital de concorrência pública para execução por empreitada de preços unitários, sem reajustamento, do Velódromo”. Processo 2255/53, caixa 176. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

¹³¹ “Encaminha processo em que o Departamento de Esportes presente sugestões sobre o aproveitamento de terrenos situados no Ibirapuera”. Op. cit.

¹³² “Ao Serviço de Esportes solicitando verificar as possibilidades de construção do ‘Velódromo’ no antigo Hipódromo da Moóca”. Processo 451/52, caixa 38. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

Imagem 7.17. Velódromo do Ibirapuera. No fundo, as obras suspensas do Ginásio do Ibirapuera, São Paulo, c. outubro-dezembro 1954.

Imagem 7.18. Sessão de treinamento no Velódromo do Ibirapuera, c. outubro - dezembro 1954.

as adaptações necessárias no seu projeto para conseguir situar o velódromo na área esportiva do Ibirapuera. Para que isso fosse possível, Ícaro de Castro Mello modificou o projeto para o complexo esportivo da Água Branca, localizando ali os prédios das federações e dos alojamentos dos atletas. A comunidade ciclista de São Paulo entendeu isso como um esforço do DEESP, e especialmente de Sylvio Magalhães Padilha, a quem homenagearam, em outubro de 1953, com a realização de uma prova ciclística com seu nome¹³³.

Em agosto de 1953, a construtora Zarzur & Kogan foi escolhida para executar o projeto criado no interior do Departamento de Esportes¹³⁴. Até agora não foi esclarecido, mas o projeto finalmente executado teria sido do arquiteto Oscar Arthur Moraes Teixeira, que, pelo visto, também era funcionário do DEESP, em parceria com os engenheiros Henrique Angelo Mariotto e Yasuo Yamamoto, além do engenheiro Arthur Luiz Pitta¹³⁵. A execução do projeto, de caráter urgente, tinha 120 dias como prazo máximo de execução, pois a Comissão aguardava que estivesse pronto no início de 1954. O período foi insuficiente para a construtora: acusada de não cumprimento de contrato e de deficiências técnicas no processo de edificação

¹³³ “Prova ciclística em homenagem ao major Silvio Magalhães Padilha”. *Correio Paulistano*, 4 de Outubro de 1953, p. 13.

¹³⁴ “Apresenta proposta para o projeto da estrutura em concreto armado do Velódromo”. Processo 2299/53, caixa 232. Fundo Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - AHMSP.

¹³⁵ “Velódromo de Ibirapuera”. *Habitat*, 20, 1955, pp. 14-15.

do velódromo (um relatório do Serviço de Engenharia da Comissão do IV Centenário, de agosto de 1954, afirmou que existiam graves problemas nas vigas de baldrame para fundações dos muros sob a pista¹³⁶), a construtora se escusou em razão de alguns custos extraordinários, um cálculo errado no orçamento inicial e demoras nos pagamentos por parte da Comissão. Tão atrasado como o Ginásio, a conclusão do Velódromo para finais de 1954 também parecia um assunto altamente complexo, com a vantagem que era uma obra mais econômica e mais simples de ser finalizada.

Com efeito, em novembro de 1954, o velódromo de Ibirapuera foi inaugurado com a realização do Campeonato Brasileiro de Ciclismo¹³⁷ – em finais de outubro, os ciclistas paulistas já estavam realizando seus treinamentos lá¹³⁸. Por sua vez, o Campeonato Sul-Americano de Ciclismo foi realizado nos primeiros dias de dezembro, com a participação de competidores uruguaios, colombianos, chilenos e brasileiros. Com pouco público nas arquibancadas –, o correspondente da revista chilena *Estadio* afirmou, sarcasticamente, que nem mesmo as famílias dos ciclistas brasileiros tinham acompanhado o campeonato¹³⁹ –, o campeonato tampouco teve muita atenção da imprensa local. A pista, de 500 metros de comprimento e 9 de largura, foi criticada por algumas questões do seu desenho, especialmente das curvas. A publicação chilena criticou, ainda, a pouca inclinação das curvas, o que ficou evidente poucos anos depois: primeiro, com as reformas de 1958, para a realização do VIII Campeonato Americano de Ciclismo de Pista; e, logo depois, nos Jogos Pan-Americanos de 1963, quando o velódromo ficou desatualizado em relação às normas da União Ciclista Internacional, que exigia pistas de 333 metros de comprimento. A reforma do edifício e sua mudança para um estádio atlético, projeto de Ícaro de Castro Mello, de 1965¹⁴⁰, foram a maior prova da rápida desatualização do projeto. O velódromo do Ibirapuera foi transformado em pista atlética, enquanto a comunidade ciclista de São Paulo só teria um novo local em 1977, quando inaugurado o velódromo da Cidade Universitária, na Universidade de São Paulo. O complexo esportivo do Ibirapuera¹⁴¹ foi complementado, em 9 de julho de 1968, com a inauguração do conjunto aquático¹⁴².

Ideias finais

Na contramão dos trabalhos que têm analisado as experiências bem-sucedidas das comemorações de 1954, esse capítulo narrou um processo ineficaz desses festejos em relação ao cumprimento dos seus objetivos. Em termos gerais, o calendário esportivo do IV Centenário não cumpriu nem as promessas nem as expectativas a que se tinha proposto. Dos nove eventos oficiais que foram aprovados dentro da Comissão (Mundiais masculinos de basquete e voleibol; Pan-Americano de ciclismo; Latino-Americano de boxe; Sul-Americano de atletismo, natação, esgrima e tênis, além do feminino de basquete), só cinco deles foram organizados em São Paulo durante 1954. As competições de atletismo, natação, tênis¹⁴³ e basquete feminino foram organizadas no complexo esportivo do Pacaembu, bem como o campeonato sul-americano de hóquei sobre patins¹⁴⁴, mesmo sem o patrocínio da Comissão. O torneio latino-americano de boxe foi adiado para o começo de 1955 e, logo, definitivamente suspenso¹⁴⁵, enquanto o campeonato mundial de voleibol não passou de uma simples ideia que nunca teve possibilidades reais de ser orga-

¹³⁶ Ibid.

¹³⁷ Cf.: “Programada a disputa do campeonato brasileiro de ciclismo”. *Correio Paulistano*, 28 de Outubro de 1954, p. 10. “No velódromo de Ibirapuera, inicia-se sábado a disputa do Campeonato Brasileiro de Ciclismo”. *Correio Paulistano*, 4 de Novembro de 1954, p. 10.

¹³⁸ “Treinam hoje os pedalistas bandeirantes para a disputa do Campeonato Brasileiro de Ciclismo”. *Correio Paulistano*, 24 de Outubro de 1954, p. 13.

¹³⁹ “Los uruguayos amos de la pista”. *Estadio*, 605, 18 de Dezembro de 1954, pp. 12-13.

¹⁴⁰ “Velódromo do Ibirapuera”. Projeto 156/65, caixa 10. Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello.

¹⁴¹ Em 1968, o conjunto foi chamado “Constância Vaz Guimarães”, em homenagem ao atleta fundador da Federação Universitária Paulista de Esportes.

¹⁴² O projeto foi realizado pelo arquiteto Nestor Lidenberg, responsável, entre outros, pelos estádios Walter Ribeiro, em São Bento, e Décio Vitta, em Americana, ambos no interior paulista.

¹⁴³ “Brasileiros e chilenos decidirão os títulos”. *Correio da Manhã*, 15 de Outubro de 1954, p. 13.

¹⁴⁴ “Cara y sello”. *Estadio*, 597, 23 de Outubro de 1954, p. 7.

¹⁴⁵ “Entre finta y golpe”. *Estadio*, 613, 13 de Fevereiro de 1955, p. 31.

nizada. O campeonato do mundo de basquete foi organizado no Maracanazinho do Rio de Janeiro, assim como o sul-americano de esgrima. Também poderíamos incorporar nessa lista às competições internacionais de remo, propostas pela Federação Paulista de Remo à Comissão, mas que finalmente foram organizadas também na lagoa Rodrigo de Freitas da Gávea, também no Rio. Somente o campeonato de ciclismo foi realizado em um dos novos edifícios esportivos da cidade – e com diversas dificuldades que fizeram que o velódromo quase não estivesse pronto para as competições.

Antes que reproduzir o relato do sucesso dos festejos, esse capítulo procurou mostrar o calendário esportivo do IV Centenário como uma experiência falida, em grande parte pela ineficácia da Comissão para gerenciar esse programa poliesportivo que exigia a construção de novos prédios. Das três obras que deviam ser executadas – ginásio, velódromo e edifício dos atletas –, somente a última conseguiu ser desenvolvida seguindo o calendário estabelecido no início. Coincidentemente, esse edifício foi o mais simples em sua execução, em grande parte porque já era um projeto do DEESP há vários anos, que precisava, além dos alojamentos dos atletas, de um novo local para as sedes das federações esportivas do Estado. No entanto, o Ginásio e o Velódromo do Ibirapuera dependeram, quase exclusivamente, do financiamento do Estado, sob responsabilidade da Comissão, que iniciou tardiamente as obras de construção desses edifícios. A aposta do esporte paulista foi arriscada, pois ficou dependendo do orçamento de uma instituição que acabou orientando boa parte dos seus recursos para a realização das obras do Parque Ibirapuera. Como bem estudaram Cymbalista e Kuhn (2019), em relação às comemorações religiosas do IV Centenário, as atividades que foram bem-sucedidas tiveram campanhas de apoio político e patrocínio financeiro promovidas pela sociedade civil e, portanto, não apostaram exclusivamente no financiamento do Estado. Além disso, alguns desses projetos vinham sendo discutidos há décadas, como foi o caso da edificação da Catedral da Sé ou da reconstrução do Pátio do Colégio.

É possível pensar que, sem o contexto dos festejos do IV Centenário, teria sido difícil planejar a realização de grandes eventos esportivos na cidade. Porém, como mostramos no começo do capítulo, o esporte paulista passava por uma fase de acelerada internacionalização que mobilizou atletas, clubes e seleções das mais diversas disciplinas esportivas, que viajavam para participar de competições na cidade. Da mesma forma, a cidade estava melhor preparada que outras metrópoles do continente para sediar grandes campeonatos, em razão do tamanho de sua indústria esportiva, o número de espectadores e torcedores de diferentes esportes, o crescimento da oferta privada de locais para a prática esportiva e o apoio do Estado à construção de complexos esportivos. São Paulo, Buenos Aires e Rio de Janeiro eram os grandes polos do esporte sul-americano, o que seria ratificado pelo apoio das federações internacionais, como a FIBA, e das confederações sul-americanas para organizar o calendário esportivo do IV Centenário. Ademais, a posição de Magalhães Padilha como coordenador do evento vaticinava o sucesso da atividade. O dirigente já era conhecido no continente e em outras latitudes, especialmente após exercer a função de chefe das delegações brasileiras nos Jogos Olímpicos de Londres-1948 e Helsinki-1952, o que deve ter sido uma garantia para agentes e instituições internacionais. O apoio do DEESP e da CBD foi fundamental para que a CBB vencesse, em 1950, França, Estados Unidos, Uruguai e Chile na eleição da sede do II Campeonato do Mundo de Basquete.

O modelo de administração das comemorações do IV Centenário, instituído pelo Estado de São Paulo, criou uma Autarquia, a Comissão do IV Centenário, que ficou a cargo de dezenas de eventos e atividades, incluindo o programa esportivo dos festejos dos 400 anos de São Paulo. Para organizar esse calendário, a Comissão convocou o líder do esporte paulista, Magalhães Padilha, que poderia facilitar as relações e negociações entre federações e clubes paulistas, comitês olímpicos e federações estrangeiras, poder público e a imprensa. De provada experiência, a participação de Magalhães Padilha ajudaria a conseguir recursos, patrocínios e apoios públicos e privados, nacionais e internacionais. No papel, essa fórmula parecia lógica: Magalhães Padilha atuaria transitando entre diferentes âmbitos,

aproveitando seu conhecimento das lógicas de financiamento e gerenciamento de projetos – afinal, ele tinha uma experiência de mais de 15 anos como diretor do DEESP. Porém, Magalhães Padilha não conseguiu ter o apoio da Comissão para cumprir com o plano que ele propôs no final de 1951. Ainda que algumas das atividades do calendário tenham sido cumpridas – as que estavam planejadas para ser realizadas no Estádio Municipal do Pacaembu –, e que dois dos edifícios projetados tenham sido inaugurados em 1954, o fato do Ginásio do Ibirapuera não ter ficado pronto para sediar o Campeonato Mundial de Basquete deve ter sido considerado pelo próprio Magalhães Padilha como um fracasso.

A Comissão, preocupada especialmente com as outras obras do Parque, dispôs a maior proporção do seu orçamento na construção dos edifícios do Ibirapuera, não abrindo mão da sua proposta de fazer das Comemorações do IV Centenário uma oportunidade para projetar as narrativas da São Paulo industrial, moderna e vanguardista. Barone (2018: 154) afirma que, na década de 1950, o Parque Ibirapuera “era proposto como lugar de vazão para uma ‘missão civilizatória’, herdeira do modernismo institucional paulistano da década de 1930, agora com feições voltadas para a massa urbana e para a construção de uma metrópole que tinha um futuro promissor”. Essa frase, centrada na continuidade de uma certa visão de mundo que entendia a promoção da cultura como um elemento essencial do desenvolvimento da sociedade paulista, nos leva de volta ao capítulo anterior e às ideias que existiam dentro da intelectualidade paulistana em relação ao impulso do esporte e da atividade física. Enquanto o desenho institucional do Departamento de Cultura de Mário Andrade acolheu a construção de equipamentos esportivos como parte do seu campo de ação e interesse, a Comissão do IV Centenário também assumiu essa função no início da década de 1950, embora em um contexto diferente. Nesse momento a indústria esportiva tinha conseguido um nível de autonomia maior em relação ao Estado, enquanto a educação física era circunscrita aos limites da escola.

Enquanto o DEESP dispôs de terrenos e fez os projetos dos complexos esportivos por sua conta, por meio do seu departamento de arquitetura, o financiamento das obras recaiu administrativamente, sobre a Comissão, que atuou com um certo desdém quando foi necessário que arranjasse e liberasse verbas que ajudassem a resolver os imprevistos no canteiro de obras do Ginásio. De fato, a Comissão decidiu se omitir ou, pelo menos, não atuar com a velocidade necessária, provavelmente porque já não dispunha de verbas depois dos investimentos realizados no Parque.

Por outro lado, devemos considerar a crítica do diretor do basquete paulista à Comissão como parte das suspeitas (ou, pelo menos, a indiferença) geradas pelo programa cultural, que, por sua vez, foi produzido pelo segmento da elite industrial e artística que comandou a administração dos festejos. A carta do dirigente é um documento demonstrativo de uma fratura entre as instituições esportivas (especialmente, o campo esportivo paulista) e esses segmentos da elite cultural, que não estava interessada ou que deixou de se sentir responsável pelo impulso ao esporte como prática cívica e pedagógica.

Até agora não foram encontrados documentos dentro do Fundo da Comissão do IV Centenário que mostrem solicitações do DEESP para cofinanciar as obras. Tampouco foram descobertas informações que deem conta das mais que prováveis tensões entre Magalhães Padilha e os membros da Comissão, assim como entre Magalhães Padilha e os representantes das federações esportivas paulistas interessadas que o calendário esportivo fosse desenvolvido na cidade. Pouco conhecemos da importância que Guilherme de Almeida, presidente da Comissão em 1954, atribuía ao esporte. Todas essas pistas poderiam informar mais sobre os motivos extra-financeiros que explicaram o fracasso do calendário esportivo, bem como revelar outras lógicas e interesses que operaram na realização das comemorações do IV Centenário.

Por fim, é importante voltar nossa atenção às agendas do urbanismo esportivo que operaram durante o processo de planejamento e construção dos edifícios es-

portivos do IV Centenário. Ora, o internacionalismo e o orgulho paulista pareceram dominar as narrativas que mobilizaram os agentes públicos e privados a participar da execução das obras do Ginásio e do Velódromo do Ibirapuera, bem como do edifício do Alojamento de Atletas. Da mesma forma, tal como mostraram alguns dados discutidos ao longo do capítulo, dentro da indústria do espetáculo esportivo existia, há vários anos, o desejo de ter em São Paulo um estádio coberto multiuso, que se assemelhasse ao Madison Square Garden e que competisse com o Luna Park de Buenos Aires como a grande arena da América do Sul. No entanto, os discursos sanitaristas já tinham perdido força, ainda que o próprio Magalhães Padilha justificasse a organização dos eventos como uma oportunidade para promover o esporte entre crianças e jovens da cidade e do país. Talvez a maior incógnita seja a relação que se esperava que o Ginásio e o Velódromo do Ibirapuera, através de uma agenda de usos, estabelecessem com seu entorno, o mesmo podemos pensar no tocante ao complexo esportivo da Água Branca com a região de Perdizes. Por enquanto, desconhecemos quais foram as visões existentes no interior do DEESP, da Comissão e de outras instituições públicas, como a Prefeitura Municipal, em relação a esses conjuntos e suas vizinhanças. Assim, e como sempre, uma pesquisa abre as portas para investigações seguintes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, a categoria do urbanismo esportivo foi útil para compreender diferentes processos de produção de equipamentos esportivos e de lazer em três grandes cidades do continente. A complexidade das agendas, os diferentes atores sociais envolvidos e a escala de mobilização de recursos mostraram que o urbanismo esportivo não foi uma simples subseção do urbanismo, mas um campo de reflexão e de prática com força específica. Para dizer de outro modo, o urbanismo esportivo, ainda que seja uma disciplina constitutivo do urbanismo, de forma alguma é subordinada a ele, que pode – e deve – ser problematizada em seus próprios termos. A tese, construída com sete ensaios históricos, revela os interesses, as práticas e as expectativas dos agentes envolvidos nas dimensões esportivas do território em Santiago, Montevideu e São Paulo.

Os textos podem ser lidos como peças separadas ou como uma narração estruturada cronologicamente. A leitura do conjunto dos textos propõe compreender a massificação desses equipamentos como parte da modernização urbana da primeira metade do século XX, a partir das semelhanças e as diferenças entre os casos estudados. Desde o começo, o trabalho teve pretensões de produzir uma análise transnacional, sabendo que, para tanto, seria necessário examinar em profundidade as agendas e as forças locais que impulsionaram a construção de edifícios esportivos. Estádios, ginásios, velódromos, piscinas e conjuntos esportivos foram cada vez mais comuns nas três cidades, participando da modernização do entretenimento e do lazer, dos discursos de disciplinamento corporal e da educação cívica da população, assim como das transformações das práticas e das instituições urbanísticas.

Esses projetos foram promovidos por agentes sociais variados, como autoridades de governo e parlamentares, empresários, intelectuais, diretores de clubes esportivos, esportistas, professores de educação física, jornalistas, arquitetos e urbanistas, entre outros. No entanto, a urbanização esportiva foi resultado de complexas tramas, debates, tensões e relações conflituosas entre esses mesmos agentes. Da construção da ideia de que havia a necessidade social de construir edifícios esportivos, até a definição dos usuários e os usos que seriam desenvolvidos no interior desses locais, o urbanismo esportivo foi se configurando, sobretudo a partir de referenciais teóricos, interesses e práticas diversas.

A tese procurou mostrar a articulação de interesses entre diferentes agentes, os conflitos entre o poder público e os agentes privados, bem como as diferenças existentes no interior do próprio Estado. Dessa forma, foram narrados casos bastante diferentes: um periódico esportivo que promovia a construção de estádios como missão cívica e nacional; um arquiteto, ex-esportista e ex-dirigente esportivo que desenvolvia uma política pública de construção de equipamentos públicos a partir da Direção de Arquitetura e Urbanismo do Ministério de Obras Públicas; o comitê organizador do I Campeonato do Mundo de Futebol da FIFA, que solicitava recursos ao poder público para comemorar o centenário da nação por meio do esporte que, para muitos, era sinônimo de orgulho patriótico; um grupo de arquitetos que entendeu os equipamentos esportivos como elementos centrais da proposta de transformação de uma nova área da capital uruguaia; parlamentares que debatiam como evitar a destruição do principal parque de uma cidade; uma incorporadora interessada na construção de um estádio municipal que impulsaria as obras de urbanização da região e, com efeito, dinamizaria o mercado imobiliário; um Departamento de Cultura responsável pela construção de estádios e parques infantis, e que compreendia o esporte como programa pedagógico; ou segmentos das elites liberais que hegemonizaram a organização das festas comemorativas da fundação de uma cidade, de maneira a incluir um extenso calendário de torneios esportivos que serviria para promover uma narrativa de progresso e vanguarda industrial e cultural.

Todos esses agentes tinham interesses específicos para levar a cabo os projetos de edificação esportiva, projetos esses que interagiam com as agendas e pautas de ação de outras pessoas ou instituições. Mesmo que o periódico chileno *Los Sports* louvasse a formação de clubes esportivos por todo o país e solicitasse a construção de um Estádio Nacional aos diferentes governos chilenos da década de 1920, essas diferentes administrações não conseguiam definir a localização desse complexo esportivo, tampouco as fórmulas de financiamento do projeto, mesmo tendo a educação física como parte de sua política sanitária. Da mesma forma, a definição da localização foi um processo que enfrentou diferentes pontos de vista e posicionamentos no Congresso Nacional, assim como nas diversas subprefeituras da cidade que almejavam assegurar a chegada do projeto a seus territórios. Ademais, a pressão sigilosa dos interesses imobiliários dos operadores privados, que entendiam o estádio como um ativo para o desenvolvimento residencial da região, foi um fator decisivo para escolher o bairro de Ñuñoa, uma região de expansão residencial das classes médias e médias-altas da sociedade santiaguina, como local definitivo. Mais explícitas foram as negociações entre a Cia City e a Prefeitura de São Paulo, a fim de conseguir a mudança da legislação e o início da urbanização residencial da região do vale do Pacaembu, que atravessaram a consolidação do projeto do Estádio Municipal.

Na medida que o texto avança, o leitor deve ter percebido que foram aparecendo relações, conexões conceituais, trânsitos de pessoas e de ideias, visões sobre corpos, espaços e espetáculos compartilhadas, utopias (e às vezes, também distopias) que atravessaram o continente. Certas matrizes do pensamento urbanístico e alguns projetos emblemáticos de edificação esportiva da Europa e dos Estados Unidos foram referências quase obrigatórias nos debates sobre a edificação esportiva no continente. Isso aconteceu, por exemplo, com o modelo alemão dos estádios municipais no interior de parques urbanos, algo que foi influente no pensamento e na produção do arquiteto Juan A. Scasso dentro da Direção de Passeios Públicos de Montevideu. Ou, também, com o modelo dos *playgrounds* norte-americanos, que chegou ao Uruguai por meio da Associação Cristã de Moços, adaptado às condições financeiras, pedagógicas e fundiárias pela Comissão Nacional de Educação Física. Da mesma forma, alguns complexos esportivos, como os estádios olímpicos de Amsterdã, Los Angeles e Berlim, o Foro Mussolini, em Roma, e o Madison Square Garden, em Nova York, transformaram-se em referência para projetistas e professores de educação física, como também para a opinião pública que se informava desses modernos edifícios por intermédio de extensas reportagens nos periódicos esportivos. Por meio da participação em Jogos Olímpicos, estágios profissionais, congressos disciplinares, visitas técnicas a canteiros de obras ou da leitura de revistas especializadas, os arquitetos sul-americanos foram conhecendo pouco a pouco esses projetos e avaliando seus programas de uso.

O interessante foi descobrir que os fluxos não vinham exclusivamente da Europa para a América do Sul, ou dos Estados Unidos para países latino-americanos, mas também dentro da América do Sul. A formação de um grupo de trabalho sobre arquiteturas esportivas no IV Congresso Pan-Americano de Arquitetos, de 1930, foi um indício de relações profissionais mais intensas no continente. A construção do Estádio Centenário (1929-1930) transformou a Juan A. Scasso em consultor para o projeto do Estádio Monumental do River Plate, de Buenos Aires (1934-1938), enquanto era também requerido pela Sociedade Central de Arquitetos da Argentina para apresentar sua experiência como Diretor de Passeios Públicos de Montevideu e orientar os modelos de parques urbanos que podiam ser aplicados na capital argentina.

Arquitetos viajaram para conhecer estádios e ginásios que estavam sendo construídos no continente, enquanto continuavam recebendo informações de projetos que estavam sendo desenvolvidos em outras regiões do mundo. De idas e vindas, o campo da arquitetura e do urbanismo esportivo foi continuamente especializando-se, trazendo novos referenciais e modelos que serviram tanto a profissionais projetistas, quanto a clientes, públicos e privados, interessados em edificar complexos esportivos de certas características. Seus debates, inclusive, ajudaram a constituir de novas instituições públicas, que capitalizaram esses conhecimentos

por meio da contratação desses profissionais como parte das suas equipes técnicas, como foi o caso dos arquitetos Ricardo Müller e Ícaro de Castro Mello, em Santiago e São Paulo, respectivamente.

Em certa medida, a tese é também um percurso pelas mudanças na compreensão sobre o que deveria ser o esporte, a educação física, o tempo livre e o lazer ao longo da primeira metade do século XX. No início do período estudado, a prática física, e especialmente a educação física escolar, estava fortemente envolvida por discursos científicos e pseudocientíficos que enfatizavam sua capacidade para afastar os jovens das “degenerações da vida moderna”. Da mesma forma, professores e intelectuais do campo pedagógico incorporaram a atividade física como parte fundamental dos modelos de transformação do ensino e da educação ao ar livre. Os rígidos modelos do século XIX, centrados na transmissão hierarquizada de conteúdos, deviam ser substituídos por novas relações entre professores e estudantes, assim como pela maior relevância que foram ganhando as atividades em espaços exteriores à sala de aula.

Nesse sentido, não é por acaso que as primeiras escolas de formação de professores de educação física foram organizadas nas primeiras décadas do século XX, e que segmentos desses novos profissionais participassem dos movimentos de reforma pedagógica que atravessavam o continente. Enquanto discursos sanitaristas e educacionais construía suas visões sobre a função social do esporte e da educação física, a indústria do espetáculo organizava eventos e calendários esportivos, criando meios de divulgação de suas atividades e consolidando táticas de construção de audiências. O esporte, como espetáculo urbano, ganhava força em meio à opinião pública, enquanto eram organizados clubes, campeonatos e federações em diversos segmentos da sociedade. Prática e espetáculo esportivo avançavam em paralelo, influenciando-se mutuamente. O tempo livre podia ser usado para fazer atividade física ou para assistir a um espetáculo esportivo, mas, para ambas as atividades, era necessário ter locais adequados. Nesse sentido, a construção de equipamentos esportivos nas cidades sul-americanas foi o resultado da constituição e da consolidação de um campo social suficientemente estruturado para planejar projetos, conseguir financiamentos, comprar terrenos ou negociar cessões de lotes públicos, edificar complexos esportivos, estabelecer programas de uso e gerenciar as atividades que neles seriam desenvolvidas.

Os sete episódios discutidos ao longo da tese foram sete escolhas específicas desde onde o urbanismo esportivo podia ser compreendido. De fato, não foram os únicos casos desse período histórico cogitados para ser apresentados na tese. Em termos operativos, a matriz de análise do urbanismo esportivo não se esgota nesses sete episódios, pois ela tem a capacidade explicativa para explorar os processos de produção espacial em diferentes cidades do continente. Os casos estudados nas três cidades mostraram que, em maior ou menor grau, as quatro grandes agendas de impulso à construção de equipamentos esportivos e de lazer, e suas interações, forjaram as decisões dos agentes em relação ao planejamento, ao gerenciamento, à edificação e à programação desses locais. Embora em alguns casos algumas dessas agendas aparecessem com menor intensidade, como no caso das narrativas sanitaristas durante o planejamento do calendário esportivo do IV Centenário, isso não quer dizer que elas tivessem desaparecido. Como um campo de forças, algumas agendas perderam, por momentos, visibilidade discursiva na opinião pública, mas persistiram como guias orientadoras da ação dos agentes. Magalhães Padilha, o histórico dirigente esportivo brasileiro e coordenador do programa esportivo dos festejos de 1954, mantinha, no início da década de 1950, sua visão do esporte como elemento fundamental da formação cívica dos brasileiros. Provavelmente, as condições históricas de crescimento da indústria do espetáculo e de descrédito dos discursos eugênicos de aptidões físicas e aprimoramento racial no pós guerra, fizeram com que o urbanismo esportivo se balanceasse para uma concepção do esporte mais ligada ao espetáculo, e dos equipamentos esportivos como espaços públicos que atenderiam as necessidades de ócio e lazer da comunidade em diversas escalas: praças infantis e quadras nos bairros, centros esportivos e comunitários nos distritos, estádios e grandes complexos esportivos como parte do equipamento metropolitano. Mesmo assim, as narrativas que as-

sociam esporte e saúde continuaram existindo e, inclusive, fortaleceram-se nas últimas décadas por meio dos discursos da vida saudável, do *fitness* e do *wellness*, que se adequaram aos ritmos do trabalho contemporâneo por intermédio de academias privadas, praças esportivas e ruas abertas ao lazer nos finais de semana.

Um caminho narrativo alternativo para a tese poderia ter sido o de estruturar os capítulos segundo as quatro agendas principais que impulsionavam a urbanização esportiva no continente. Entretanto, acredito, essa opção teria perdido precisão e sutileza na análise das especificidades locais das dinâmicas e interações dos agentes sociais que, em suas interações, iam definindo projetos, políticas, práticas e instituições. Essa decisão, talvez herdeira da minha formação como cientista social, me levou a rever o que inicialmente entendia como matriz de análise e considerar com maior cuidado o valor da narração da ação dos agentes dentro do relato geral da tese. Quando, em meados da década de 1990, Lepetit (2001) perguntava se a disciplina histórica levava os agentes sociais a sério, ele procurava debater se ficaríamos presos às narrações das estruturas de longa duração, em detrimento da análise das conjunturas, e se nossas práticas historiográficas permitiriam compreender processos espaço-temporais ao mesmo tempo que os seus significados.

Esse desafio, um dos maiores enfrentados durante a escrita da tese, exigiu repensar a categoria do urbanismo esportivo e sua eventual rigidez no observar dos casos. É certo que, quando trabalhamos com uma matriz, estamos decidindo estruturar o nosso olhar. Isso é necessário e até indispensável. Porém, também pode fazer com que deixemos de enxergar questões que estão fora da estrutura. Ao longo da tese, a saída para esse dilema foi trabalhar voltando continuamente para o arquivo, revendo os princípios explicativos da matriz desde as informações que o arquivo ia evidenciando. Como afirma Caimari (2017), o trabalho de arquivo pode ser entendido como um exercício de correção e rebote às generalizações. Acredito nessa verificação, assim como no poder dessa prática para a construção de novos saberes que consigam ajudar-nos a recuperar o sentido das ideias sobre espaços e corpos da primeira metade do século XX.

Na introdução da tese, afirmamos que este trabalho fazia parte de um momento de especialização das pesquisas do campo da história do urbanismo, caracterizado pela aparição de novas abordagens setorializadas. Ao longo da pesquisa discutimos como, dentro do urbanismo esportivo, foi construída uma lógica de produção do espaço, que compartilhava alguns elementos com outros urbanismos, mas que também tinha suas próprias singularidades, procedimentos e lógicas de ação. De alguma forma, a tese tentou mostrar como o urbanismo esportivo coexiste com outras lógicas de produção espacial, ora colaborando, ora competindo. O urbanismo esportivo é uma das forças que compõem o urbanismo (como se pudéssemos falar de uma prática unitária), participando da produção da cidade sul-americana desde os seus próprios termos e posicionamentos dentro da sociedade. Alguns episódios da tese mostraram a maneira como, muitas vezes, o urbanismo esportivo enfrentou oposições de fora do campo social do esporte, de parte de agentes que operavam impulsionando outras agendas de produção espacial. Isso aconteceu com os parlamentares chilenos que exigiam que as verbas para a construção do Estádio Nacional fossem investidas na construção de escolas públicas ou na ineficaz gestão do calendário esportivo de parte da Comissão das comemorações do IV Centenário de São Paulo, mais interessada, por exemplo, na construção de edifícios expositivos e culturais. Da mesma forma, o urbanismo esportivo foi útil para outras lógicas de produção espacial, tal como a dos especuladores imobiliários que operaram na área próxima do Estádio Nacional. A produção de projetos habitacionais para classes médias e médias-altas se beneficiou do novo complexo esportivo, que conseguiu investimentos estatais em saneamento básico, arruamento, pavimentação e redes de transporte público para o bairro. O caso do urbanismo esportivo serviu, portanto, para evidenciar que, antes que baseado em uma lógica central, a prática urbanística e a produção do espaço são o resultado do encontro de lógicas de ação, interesses e visões de mundo múltiplos.

Como em toda a produção escrita, no manuscrito final estão presentes dezenas de outras ideias que finalmente não foram desenvolvidas. De fato, vários rascunhos

de artigos aguardam uma oportunidade para ser redigidos. Entre esses, dois casos enunciados em distintos momentos da tese poderiam ter sido aprofundados e permanecem como uma possibilidade futura. Por um lado, o programa pioneiro de praças e parques infantis de Montevideu, organizado no início da década de 1910 para condensar agendas sanitárias, pedagógicas e imobiliárias em sua concepção, e que foi motivo de interesse e admiração por parte de professores e autoridades políticas de outras cidades do continente. Nos últimos meses, a história institucional desse programa tem sido revalorizada dentro do campo da história e das artes visuais uruguaias, por meio do descobrimento e exposição de parte do acervo fotográfico da instituição. Esse material poderia ser um excelente ponto de partida para repensar as lógicas espaciais dessas praças, suas funções educativas e sociais como lugar de integração dos milhares de filhos dos migrantes que chegavam ao país, ou as ideias de bem-estar e recreação que estavam por trás desses projetos de urbanização a escala de bairro. Por sua vez, as trajetórias profissionais de alguns dos arquitetos-esportistas que aparecem ao longo da tese, como o caso de Ícaro de Castro Mello, poderia ter sido um caminho diferente para analisar o urbanismo esportivo. Sua biografia incluiu diferentes tipos de participações dentro do campo social do esporte, primeiro como esportista amador, dirigente esportivo universitário e atleta olímpico, e logo como arquiteto do Departamento de Esportes de São Paulo, membro permanente das diretivas do Instituto Brasileiro de Arquitetos (IAB) e representante brasileiro na Comissão de Equipamentos Esportivos da União Internacional de Arquitetos (UIA). Várias das relações, tensões e ambiguidades do campo social do urbanismo esportivo estão condensadas na vida de Ícaro de Castro Mello, que poderiam ser narradas a partir de um outro enfoque – nessa vez vinculando biografia e desenvolvimentos institucionais.

O urbanismo esportivo foi uma categoria de análise extremamente útil para discutir a atuação dos diferentes agentes que participaram da provisão de equipamentos esportivos. Dito de outra forma, ela ajudou na explicação do processo de produção de uma oferta de espaços públicos disponíveis para a prática e o espetáculo esportivo, mas não conseguiu incorporar as agendas e os interesses dos usuários dos locais estudados. Mesmo que, em si mesmo, isso poderia ser uma outra tese de doutorado, a matriz de análise poderia incorporar as experiências daqueles que usaram os locais e a sua relevância sobre as transformações nos programas de uso desses lugares. De alguma forma, isso foi insinuado no final dos capítulos sobre o Estádio Nacional de Santiago e o Estádio Municipal do Pacaembu, quando foram discutidas as agendas de atividades realizadas e institucionalizadas nesses novos espaços públicos de Santiago e São Paulo, respectivamente. Uma história vista de baixo, como diria E. P. Thompson, enriqueceria a análise da história do urbanismo esportivo, assim como das transformações dos usos sociais do tempo livre e do lazer na América do Sul. Isso implicaria o desenvolvimento de novas estratégias metodológicas que, por sua vez, poderiam nos ajudar a compreender melhor as distâncias entre o imaginado no projeto arquitetônico e o acontecido na experiência prática dos usuários dos equipamentos esportivos da cidade.

A categoria também se enriqueceria se incorporasse mais decididamente perspectivas de gênero e raça. No primeiro caso, mesmo que enunciadas no segundo e terceiro capítulos, existiram diferenças, especialmente no período do entre guerras, nas atividades físicas que eram propostas a mulheres nos programas de educação física escolar e na imprensa. Schpun (1999), quando discute a interpretação de Sevchenko (1992) sobre a “mobilização dos corpos” da década de 1920, considera-a pouco sensível às diferenças existentes entre o impulso dado à cultura física masculina (entendida como atlética) e a feminina (higiênica e estética, nunca atlética). Na visão de Schpun, a mobilização dos corpos nos eventos públicos desportivos foi majoritariamente masculina, enquanto as mulheres ficaram confinadas “em práticas corporais adequadas à sua natureza”, como a seção de beleza e dança dos periódicos esportivos, assim como nos guias de exercícios físicos domésticos para emagrecer e responder ao cânone corporal que propunham as mesmas páginas. Mesmo que essas distinções foram significativas e produziram práticas diferenciadas em relação aos usos dos espaços para a prática esportiva, também os triunfos de figuras femininas do esporte, como os da tenista chilena Anita Lizana na segunda metade da década de 1930, foram usados como argumen-

tos a favor da construção de um grande estádio poliesportivo na cidade de Santiago. Nesse sentido, incorporar perspectivas de gênero também ajudaria a tornar mais complexo e sofisticado o programa de pesquisa sobre urbanismo esportivo.

Da mesma forma, a procura de interseccionalidades também deveria incorporar perspectivas raciais à análise da urbanização esportiva no continente. Mesmo que alguns capítulos debateram a relação entre discursos eugênicos e o incentivo ao esporte, como foi o caso das políticas de impulso à construção de equipamentos esportivos do *ibañismo* ou, inclusive, em alguns dos elementos do projeto do Estádio Nacional de Santiago – como a escultura de Caupolicán, o *cacique* mapuche sintetizado como representante da raça chilena –, foram poucas as abordagens sobre corpos negros ou indígenas. Essas categorias não teriam sido relevantes no planejamento dos equipamentos esportivos se, historicamente, as cidades latino-americanas também tivessem sido estruturadas em função de raça e classe? Assim como em relação às perspectivas de gênero, a raça deveria ser incorporada no campo de estudos sobre o urbanismo esportivo do continente.

Por fim, nos falta pensar sobre a categoria do urbanismo esportivo e sua capacidade para descrever e compreender outros tempos históricos. Em termos gerais, por meio da categoria conseguimos analisar o planejamento e a construção de equipamentos esportivos, entendendo a complexa trama de relações entre o poder público e os agentes privados na produção social das cidades sul-americanas da primeira metade do século XX. Isso nos faz reflexionar sobre a capacidade interpretativa que a matriz do urbanismo esportivo pode possuir para discutir os processos de construção, readaptação e transformação de estádios e outros complexos esportivos nas cidades sul-americanas do século XXI. Para isso, antes de qualquer análise, deveríamos avaliar se as quatro macro agendas utilizadas ao longo da tese, analisando esses conceitos em relação às condições do mercado da indústria do espetáculo e do lazer, às narrativas dominantes nos campos da saúde e da educação, às novas formas de representação das identidades geográficas e às lógicas do funcionamento do capital imobiliário nas grandes cidades da América do Sul.

Além de um objetivo teórico, a avaliação contemporânea da categoria do urbanismo esportivo tem também uma função política. Em tempos em que os equipamentos esportivos de acesso público sofrem com os embates da privatização e da elitização do espetáculo esportivo, é necessário reafirmar o valor do estudo das tramas sociais que determinaram as decisões sobre a provisão de bens públicos para o esporte e a recreação. Em um contexto em que o direito ao lazer gratuito é discutido por modelos de concessão que, inclusive, cogitam a possibilidade de alterar a função esportiva dos conjuntos transformando algumas áreas em locais comerciais é fundamental voltar o olhar acadêmico sobre esses processos. Devemos discutir a exploração privada dos bens de uso público que, como analisamos ao longo da tese, foram ganhados pela sociedade logo após tensos debates e conflituosas negociações para definir a localização, as políticas de financiamento e os projetos arquitetônicos e urbanísticos.

Acredito que, como matriz de análise, o urbanismo esportivo nos ajudará a compreender melhor o que hoje acontece com o plano de concessão do Estádio Municipal do Pacaembu, com as sigilosas operações imobiliárias por detrás da realocação do Centro de Alto Rendimiento Deportivo de Buenos Aires ou com os novos planos de transformação do Estádio Nacional de Santiago para os Jogos Pan-Americanos de 2023. Esses laboratórios abertos do urbanismo esportivo aguardam pesquisas e discussões acadêmicas, mas também mobilizações da sociedade civil em defesa da função pública do esporte e do lazer.

FONTES DA PESQUISA

Acervos, arquivos, bibliotecas e museus

Brasil

Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello.
Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP).
Arquivo Municipal de São Paulo (AMSP).
Biblioteca da Escola de Educação Física e Esportes, Universidade de São Paulo (EEFE-USP).
Biblioteca do Centro de Referência do Futebol Brasileiro (CRFB), Museu do Futebol, Estádio Municipal do Pacaembu.
Biblioteca Municipal Mário de Andrade.
Biblioteca da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (FAU-USP).
Biblioteca Florestan Fernandes, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).
Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo (IEB-USP).
Instituto Moreira Salles.
Museu de Saúde Pública Emilio Ribas.

Chile

Archivo Nacional de Chile.
Biblioteca del Congreso Nacional.
Biblioteca Nacional de Chile.
Biblioteca da Facultad de Arquitectura y Urbanismo, Universidad de Chile.
Centro de Información y Documentación Sergio Larraín García Moreno, Facultad de Arquitectura, Diseño y Estudios Urbanos, Pontificia Universidad Católica de Chile.
Centro Nacional de Patrimonio Fotográfico (CENFOTO).
Museo de la Educación Gabriela Mistral.
Museo Histórico Nacional.

México

Archivo de Arquitectos Mexicanos, Facultad de Arquitectura, Universidad Nacional Autónoma de México.

Uruguai

Arquivo do Instituto de Historia de la Arquitectura, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo, Universidad de la República.
Biblioteca Nacional del Uruguay.
Centro de Fotografía de Montevideo.
Museo Nacional de Artes Visuales.

Jornais, periódicos, revistas e boletins.

A Cigarra, São Paulo.
Acrópole, São Paulo.
A Gazeta, São Paulo.
Anales de la Universidad de Chile, Santiago.
Anales del Instituto de Ingenieros de Chile, Santiago.
A Noite, Rio de Janeiro.
Architectural Forum, Boston.
Arquitectura (Sociedad de Arquitectos del Uruguay - SAU), Montevideu.
Arquitectura y Arte Decorativo, Santiago.
Arquitectura e Engenharia, Belo Horizonte.
As, Santiago.
Auca, Santiago.
Boletim de Educação Física, Rio de Janeiro.
Boletín de Educación Física, Santiago.
Boletín de la Dirección General de Beneficencia y Asistencia Social, Santiago.
Boletín de Sesiones, Cámara de Diputados de Chile, Santiago.
Boletín Médico-Social de la Caja de Seguro Obligatorio, Santiago.
Boletín Municipal de Montevideo, Montevideu.
Boletín Municipal de Santiago, Santiago.
Boletín Municipal de la República, Santiago.
Boletín Sanitario, Santiago.

Brasil Arquitetura Contemporânea, Rio de Janeiro.
 Caras y Caretas, Buenos Aires.
 Comuna y Hogar, Santiago.
 Correio da Manhã, Rio de Janeiro.
 Correio de São Paulo, São Paulo.
 Correio Paulistano, São Paulo.
 Crack, Santiago.
 Diário da Noite, São Paulo.
 Diário Nacional, São Paulo.
 Educación Física, Santiago.
 El Día, Montevideu.
 El Gráfico, Buenos Aires.
 El Ideal, Montevideu.
 El Mercurio, Santiago.
 El País, Montevideu.
 Estadio, Santiago.
 Esporte Ilustrado, Rio de Janeiro.
 Frente Popular, Santiago.
 Folha da Manhã, São Paulo.
 Folha da Noite, São Paulo.
 Gazeta Esportiva Ilustrada, São Paulo.
 Habitat, São Paulo.
 Jornal de Notícias, São Paulo.
 Jornal dos Sports, Rio de Janeiro.
 Justicia, Montevideu.
 La Nación, Santiago.
 L'Architecture D'Aujourd'Hui, Paris.
 Los Sports, Santiago.
 Mundo Esportivo, São Paulo.
 Mundo Uruguayo, Montevideu.
 Nossa Voz, São Paulo.
 O Cruzeiro, Rio de Janeiro.
 O Globo Esportivo, Rio de Janeiro.
 Pacífico Magazine, Santiago.
 Topaze, Santiago.
 Renacimiento (Escuela de Artes y Oficios), Santiago.
 Revista Brasileira de Educação Física, Rio de Janeiro.
 Revista Chilena de Educación Física, Santiago.
 Revista de Arquitectura, Buenos Aires.
 Revista de Educação Física Brasileira, Rio de Janeiro.
 Revista de Educación Secundaria (Ministerio de Educación Pública), Santiago.
 Revista de Engenharia Mackenzie, São Paulo.
 Revista de Instituto Bacteriológico de Chile, Santiago.
 Revista do Arquivo Municipal, São Paulo.
 Revista Municipal de Engenharia, Rio de Janeiro.
 Técnica y Cultura, Boletín Anual de la Escuela de Artes y Oficios, Santiago.
 Última Hora, Rio de Janeiro.
 Urbanismo y Arquitectura, Santiago.
 Uruguay Radiotelefonía, Montevideu.
 Uruguay Sport, Montevideu.
 Zig Zag, Santiago.

BIBLIOGRAFIA

- Abdanur, Elizabeth. (1994), Parques infantis de Mário de Andrade. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 36, pp.263-270.
- Acevedo Hernández, Antonio (1928), *Plaza y la marathon : historia completa de la marathon en Chile con datos desde los araucanos y especialmente de Manuel Plaza, con numerosas fotografías*. Santiago: Nascimento.
- Adriá, Miquel; Cárdenas, Emilio; Guzmán, Xavier; Pérez Grovas, Alicia; González, Gonzalo; Hahn, Carlos. (2014), *Pedro Ramírez Vázquez, el estratega*. Ciudad de México: Arquine.
- Alabarces, Pablo. (2002), *Fútbol y patria: el fútbol y las narrativas de la nación en la Argentina*. Buenos Aires: Prometeo Libros.
- Alemán, Laura. (2015), Eugene Steinhof en Montevideo. *Vitruvia*, 2, pp. 83-100.
- _____. (2017), "Julio Vilamajó". *Curso Arquitectos Uruguayos - Instituto de Historia de la Arquitectura - Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo (Universidad de la República)*. Museo Nacional de Artes Visuales, Montevideo, 21 setembro 2017.
- Allende, Salvador. (1939), *La realidad médico-social en Chile*. Santiago: Ministerio de Salubridad, Previsión y Asistencia Social.
- Almandoz, Arturo. (2000), The Shaping of Venezuelan Urbanism in the Hygiene Debate of Caracas, 1880-1910. *Urban Studies*, 37 (11), pp. 2073-2089.
- _____. (2004), The garden city in early twentieth-century Latin America. *Urban History*, 31 (3), pp. 437-452.
- _____. (2018), *Modernización urbana en América Latina. De las grandes aldeas a las metrópolis masificadas*. Santiago: Ril Editores.
- Almeida, Fernando de Azevedo. (1976), *O Francisco Cicillo*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Almeida, Rony J. (2006), *Where the legend began. The history of the participation of the United States national soccer team in the first FIFA World Cup, Montevideo 1930*. Morrisville: Lulu Press.
- Alonso, Sebastián; Craciun, Martín; De Souza, Lúcio; Nisivoccia, Emilio. (2010), *5 narrativas, 5 edificios. 12a Bienal de Arquitectura de Venecia*. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura.
- Álvarez, Analía; Colleoni, Daniela; Horta, Luis. (2014), *El cine en el aula: el Instituto de Cinematografía Educativa de la Universidad de Chile (1929-1948)*. *Cuadernos Chilenos de Historia de la Educación*, 2, pp. 20-46.
- Alves, Vida. (2008), *TV Tupi. Uma linda história de amor*. São Paulo: Imprensa Oficial.
- Alvim, Angélica Tanus Benatti; Abascal, Eunice Helena Sguizzardi; Abrunhosa, Eduardo Castedo. (2017), *Arquitetura Mackenzie 100 anos FAU-Mackenzie 70 anos: pioneirismo e atualidade*. São Paulo: Editora Mackenzie.
- Ampuero, Raúl. (1939), *La juventud en el frente del pueblo*. Santiago: Departamento de Publicaciones Secretaria Nacional de Cultura.
- Andrade, Carlos Roberto Monteiro de. (1998), *Barry Parker, um arquiteto inglês na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- Antola, Susana; Ponte, Cecilia. (2000)., "La nación en bronce, mármol y hormigón armado". In: Caetano, Gerardo. (Comp.). *Los uruguayos del Centenario. Nación, ciudadanos, religión y educación (1910-1930)*. Montevideo: Santillana - Taurus.
- Araya, Alejandra; Biotti, Ariadna; Prado, Juan Guillermo. (2014), *La biblioteca del Instituto Nacional y de la Universidad de Chile. Matriz cultural de la República de las letras 1813-1929*. Santiago: Ediciones del Archivo Central Andrés Bello - Universidad de Chile.
- Archetti, Eduardo. (1995), *Estilo y virtudes masculinas en El Gráfico: la creación del imaginario del fútbol argentino*. *Desarrollo Económico*, 139, pp. 419-442.

Armus, Diego. (2007), *La ciudad impura. Salud, tuberculosis y cultura en Buenos Aires 1870-1950*. Buenos Aires: Edhasa.

Arruda, Maria Arminda do Nascimento. (2001), *Metrópole e cultura: São Paulo no meio século XX*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração.

Articardi, Juan (2016), *Dilemas modernos. El proyecto urbano en Montevideo y la costa balnearia*. Montevideo: Universidad de la República.

Atique, Fernando; Sousa, Diógenes; Gessi, Hennan. (2015), Uma relação concreta: a prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu. *Anais do Museu Paulista*, 23 (1), pp. 91-109.

Atria, Maximiano. (2012), Enrique Gebhard Paulus (1909-1978). Una particular recherche patiente. *AOA*, 18, pp. 30-49.

Azevedo, Fernando de. (1915), *A poesia do corpo ou a gymnastica escolar: sua história e seu valor*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais.

_____. (1920), *De educação physica*. São Paulo: Wiszflóg.

Azuela de la Cueva, Alicia. (2008), Militancia política y labor artística de David Alfaro Siqueiros: de Olvera Street a Río de la Plata. *Estudios de historia moderna y contemporánea de México*, 35, pp. 109-144.

Bacon, Mardges. (2001), *Le Corbusier in America. Travels in the Land of the Timid*. Cambridge: MIT Press.

Barone, Ana Cláudia Castilho. (2018), *Ibirapuera: Parque Metropolitano (1926-1954)*. São Paulo: Intermeios - Fapesp.

Barrán, José Pedro (2011), *Amor y transgresión en Montevideo: 1919-1931*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.

Bartel, Carlos Eduardo. (2012), *O movimento sionista e a formação da comunidade judaica brasileira (1901-1956)*. Tese (Doutorado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Rio Grande do Sul.

Benavides, Juan; Pizzi, Marcela; Valenzuela, María Paz. (1994), *Ciudades y arquitectura portuaria: los puertos mayores del litoral chileno*. Santiago: Editorial Universitaria.

Benzecry, Claudio. (2012), *El fanático de la ópera. Etnografía de una obsesión*. Buenos Aires: Siglo XXI.

Bértola, Luis. (2000), *Ensayos de historia económica. Uruguay y la región en la economía mundial 1870 - 1990*. Montevideo: Ediciones Trille.

Bocketti, Gregg P. (2008), Italian Immigrants, Brazilian Football, and the Dilemma of National Identity. *Journal of Latin American Studies*, 40, pp. 275-302.

Bongers, Wolfgang. (2010), El cine y su llegada a Chile. Conceptos y discursos. *Taller de Letras*, 46, pp. 151-174.

Booth, Rodrigo. (2002), El Estado Ausente: la paradójica configuración balnearia del Gran Valparaíso (1850-1925). *Revista EURE*, 83, pp. 107-123.

_____. (2004), Modernización, transformación y turismo de masas. Viña del Mar en la década del 30. *Revista Universitaria*, 84, pp. 36-43.

_____. (2014), Turismo, panamericanismo e ingeniería civil. La construcción del camino escénico entre Viña del Mar y Concón (1917-1931). *Historia*, 47, pp. 277-311.

Borin, Monique Félix. (2014), *A Barra Funda e o fazer da cidade: experiências da urbanização em São Paulo (1890-1920)*. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Bourdieu, Pierre (2000). “¿Cómo ser deportivo?” In: Bourdieu, Pierre. *Cuestiones de Sociología*. Madrid: Istmo.

- Brêtas, Angela. (2010), O Serviço de Recreação Operária (1943-1945): uma experiência do governo Vargas no campo do não-trabalho. *Cadernos AEL*, 28, pp. 145-173.
- Brito, Francisco Saturnino Rodrigues. (1926), *Melhoramentos do Rio Tietê em São Paulo*. São Paulo: F. Briguier - Seção de Obras D'O Estado de São Paulo.
- Brito, Roberto A. C. (1939). Cadastro imobiliário de São Paulo 1937-1938. São Paulo: União Paulista de Imprensa.
- Browne, Enrique. (1988), *Otra arquitectura en América Latina*. México: Gustavo Gili.
- Bruand, Yves. (1981), *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Brünner, Karl. (1930), Conceptos urbanísticos de Santiago. *Anales de la Universidad de Chile*, 8 (2), Abril-Junho/1930, pp. 872-906.
- Bullrich, Francisco. (1969a), *Nuevos caminos de la arquitectura latino americana*. Madrid: Blume.
- _____. (1969b), *Arquitectura latinoamericana 1930-1970*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.
- Burke, Peter. (2008), *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Buzzetti, José Luis (1962), *Crónica y comentario del Club A. Peñarol (1891-1961)*. Montevideo: s/n.
- Cáceres, Gonzalo. (1995), *Modernización autoritaria y renovación del espacio urbano: Santiago de Chile, 1927-1931*. Dissertação (Graduação em História), Pontificia Universidad Católica de Chile.
- Cáceres, Gonzalo; Millan, Rodrigo; Rozas, Valentina. (2011), La vuelta de la planificación urbana en Chile: notas sobre la integración inmobiliaria como horizonte proyectual. Disponível em: <http://www.plataformaurbana.cl/archive/2011/01/26/la-vuelta-de-la-planificacion-urbana-en-chile-notas-sobre-la-integracion-inmobiliaria-como-horizonte-proyectual/>. Acessado em: 3 de Setembro de 2018.
- Cáceres, Gonzalo; Sabatini, Francisco; Booth, Rodrigo. (2002), "La suburbanización de Valparaíso y el origen de Viña del Mar: entre la villa balnearia y el suburbio de ferrocarril (1870-1910)". In Pastoriza, Elisa. (Ed.), *Las puertas al mar. Consumo, ocio y política en Mar del Plata, Montevideo y Viña del Mar*. Buenos Aires: Editorial Biblos - Universidad Nacional de Mar del Plata, pp. 33-50.
- Caetano, Gerardo. (2011), José Vasconcelos y su paso por el Uruguay de los años veinte. *Secuencia*, 80, 111-130.
- _____. (2015), *La república batllista*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Caiceo Escudero, Jaime. (2017), Democracia y Educación presentes en las Reformas Educativas Chilenas de los últimos 100 Años. *Acta Scientiarum. Education*, 39 (4), pp. 395-407.
- Caimari, Lila. (2017), *La vida en el archivo. Goces, tedios y desvíos en el oficio de la historia*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Camargo, Elizabeth de Almeida Silveira Pompêo de. (2006), A poesia do corpo: a defesa de uma moral austera. *Educação & Sociedade*, 94, pp. 13-46.
- Campomar, Andreas (2014), *Golazo! A history of Latin American football*. Londres: Quercus Books.
- Cardinal-Pett, Clare. (2016), *A history of architecture and urbanism in the Americas*. New York: Routledge.
- Carelli, Guido; Bordón, Juan Manuel. (2017), *Luna Park. El estadio del pueblo. El ring del poder*. Buenos Aires: Sudamericana.
- Castillo, Eduardo. (2014), *EAO: la Escuela de Artes y Oficios*. Santiago: Ocho Libros.
- Castillo, Simón. (2008), *El barrio Mapocho y el parque Forestal: espacio público y representaciones de ciudad en Santiago de Chile (1885-1900)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidad de Chile, Santiago, Chile.

Castro, Ana Cláudia Veiga de. (2008), *A São Paulo de Menotti del Picchia. Arquitetura, arte e cidade nas crônicas de um modernista*. São Paulo: Alameda.

Castro, Ana Cláudia Veiga; Mello, Joana (2016) Fazer história: o estatuto das fontes e o lugar dos acervos nas pesquisas de história de arquitetura e da cidade no Brasil. *Anais do Museu Paulista*, 24 (3), pp. 11-18.

Cavalla, Mario. (2006), *Historia del tenis en Chile (1882-2006)*. Santiago: Ocho Libros.

Cendrars, Blaise. (2008), *Hollywood, a Meca do Cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Centro de Fotografia de Montevideo (CdF). (2014), *1930: El Primer Mundial*. Montevideo: Intendencia de Montevideo - Centro de Fotografía.

_____. (2016), *La construcción de la Rambla Sur (1923-1935)*. Montevideo: Intendencia de Montevideo - Centro de Fotografía.

Chagas, Jorge. (2003). *Gloria y tormento. La novela de José Leandro Andrade*. Montevideo: Rumbo.

Chahin, Samira Bueno. (2018), *Cidade nova, escolas novas? Anísio Teixeira, arquitetura e educação em Brasília*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

Cifuentes, María José. (2007), *Historia social de la danza en Chile: visiones, escuelas y discursos. 1940-1990*. Santiago: Lom Ediciones.

Club Atlético Peñarol. (1929), *Memoria y balance general correspondiente al ejercicio 1928*. Montevideo: s/n.

Club Nacional de Football. (1930), *Una obra de vastas y nobles proyecciones. Contribución al centenario patrio*. Montevideo: Lacaña.

Collazo, Ramón. (1967), *Historias del bajo: crónicas*. Montevideo: Ed. Alfa.

Colomina, Beatriz. (1994), *Privacy and publicity. Modern architecture as mass media*. Cambridge: MIT Press.

Comisión Administradora del Field Oficial (CAFO). (1930), *El Estadio Centenario*. Montevideo: Urta y Curbelo.

Confederação Brasileira de Desportos (CBD). (1950), *Campeonatos brasileiros de natação, saltos, water-polo e demonstrações dos nadadores japoneses. Em 23, 24, 25 e 26 de Março de 1950 na piscina do Estádio Municipal de Pacaembú - São Paulo*. Programa oficial.

_____. (1954), *Programa oficial do Campeonato Brasileiro de Remo a realizar-se na Lagoa Rodrigo de Freitas no dia 17 de Janeiro de 1954*. Rio de Janeiro: Gráfica Milone Ltda.

Congreso Mariano Femenino. (1918), *Relaciones y documentos del Congreso Mariano Femenino celebrado en Santiago de Chile, julio de 1918, para conmemorar el Centenario de la Proclamación de la Virgen del Carmen como Patrona Jurada de la República y de su Ejército*. Santiago: El Congreso.

Congreso Nacional de Protección a la Infancia. (1913), *Trabajos y actas: Primer Congreso Nacional de Protección a la Infancia*. Santiago: Imprenta, litografía y encuadernación Barcelona.

Cortés, Macarena; Puig, Anita; Vergara, Luz María. (2015), "Modernidad y turismo. Instalaciones balnearias en el Litoral Central de Chile. 1930 - 1962". In: Mondragón, Hugo; Mejía, Catalina. (Eds.). *Sudamérica Moderna: objetos, edificios, territorios*. Santiago: ARQ Ediciones, pp. 226 - 243.

Costa, Sabrina Studart Fontenele. (2018), *Apartamentos duplex: uma ideia moderna sobre o morar e a proposta de uma tipologia habitacional*. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 26, pp. 1-40.

Couyoumdjian, Juan Ricardo. (1986), *Chile y Gran Bretaña durante la Primera Guerra Mundial y la Postguerra, 1914-1921*. Santiago: Editorial Andrés Bello - Ediciones Universidad Católica de Chile.

_____. (2000), *El alto comercio de Valparaíso y las grandes casas extranjeras, 1880-1930: una aproximación*. *Historia*, 33, pp. 63-99.

- Craciun, Martin; Gambino, Jorge; Medero, Santiago; Méndez, Mary; Nisivoccia, Emilio; Nudelman, Jorge (2014), *La Aldea Feliz. Episodios de la modernización en Uruguay*. 14a Bienal de Arquitectura de Venecia. Montevideo: Ministerio de Educación y Cultura.
- Craib, Raymond. (2017), *Santiago subversivo 1920. Anarquistas, universitarios y la muerte de José Domingo Gómez Rojas*. Santiago: Lom Ediciones.
- Cruz Gonzalez-Franco, Maria Lourdes. (2011), El Estadio Olímpico Universitario del Pedregal. Permanencia y vigencia. *Bitácora Arquitectura, Facultad de Arquitectura UNAM*, 21, pp. 34-41.
- Cymbalista, Renato; Kuhn, João Carlos S. (2019). *IV Centenário de São Paulo, festa religiosa*. Inédito.
- Da Cunha, Nelly; Campodonico, Rossana; Maronna, Mónica; Duffau, Nicolás; Buere, Gabriel (Eds). (2012), *Visite Uruguay. Del balneario al país turístico. 1930-1955*. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Dalben, André; Soares, Carmen Lúcia. (2011), Uma educação pela natureza: vida ao ar livre e métodos terapêuticos nas colônias de férias infantis do Estado de São Paulo (1940). *Pro-Posições*, 64 (1), pp. 167-182.
- Dedecca, Paula Gorenstein. (2012), *Sociabilidade, crítica e posição. O meio arquitetônico, as revistas especializadas e o debate do moderno em São Paulo (1945-1965)*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- D'Elboux, Roseli Maria Martins. (2015), *Joseph-Antoine Bouvard no Brasil. Os Melhoramentos de São Paulo e a criação da Companhia City: ações interligadas*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- Departamento de Educación Física, Ministerio de Educación Pública. (1928), *Programa de Educación Física para las Escuelas Primarias de Hombres*. Santiago: Imprenta Pino.
- De Ramón, Armando. ; Gross, Patricio. (1984), Algunos testimonios de las condiciones de vida en Santiago de Chile: 1888-1918. *Revista EURE*, 31, pp. 67-74.
- De Rokha, Pablo. (1922), *Los Gemidos*. Santiago: Cónдор.
- De Shazo, Peter. (1983), *Urban Workers and Labor Unions in Chile, 1902-1927*. Madison: University of Wisconsin Press.
- Devés, Eduardo. (1989), *Los que van a morir te saludan: historia de una masacre: Escuela Santa María, Iquique, 1907*. Santiago: Eds. Documentas.
- Dirección General de Informaciones y Cultura. (1943), *Ciudad del niño Presidente Ríos: ellos serán felices*. Santiago: Ed. Zig-Zag.
- Dirección General de Obras Públicas. (1930), *Memoria, 1929*. Imprenta Nacimiento: Santiago.
- Dogliotti, Paola. (2012), Educación del cuerpo, higiene y gimnástica en la conformación de la educación física escolar en el Uruguay (1874-1923). *Historia de la Educación, Sociedad Argentina de Historia de la Educación*, 13 (2).
- _____. (2013), La formación de maestros de educación física en el Uruguay (1921-1930): Julio J. Rodríguez. *História da Educação*, 17(41), pp. 139-158.
- Domingues, Beatriz Helena (2017). *Cidades e cultura política nas Américas*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Donoso, Karen. (2016), “Los zarpazos del León”. La censura política contra la prensa en el segundo gobierno de Arturo Alessandri. Chile, 1933-1938. *Tiempo Histórico*, 12, pp. 109-134.
- Drummond, Maurício. (2009), Vargas, Perón e o esporte: propaganda política e a imagem da nação. *Estudos Históricos*, 22(44), pp. 398-421.
- Duarte, I.; López, M. (2009), Importancia del reposo en los sanatorios para tuberculosos. *Revista chilena de infectología*, 26 (3), pp. 273-278.

Edelman, Robert. (1993), *Serious fun: a history of spectator sports in the USSR*. New York: Oxford University Press.

Edwards Bello, Joaquín. (1927). *El roto*. Santiago: Nascimento.

Elias, Norbert. (1990), *Processo civilizador. Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar.

Elias, Norbert; Dunning, Eric. (1992), *Deporte y ocio en el proceso de la civilización*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica.

Else, Brenda. (2011), *Citizens and sportsmen: fútbol and politics in twentieth-century Chile*. Austin: University of Texas Press.

Emar, Juan. (1992), *Escritos de arte (1923-1925)*. Santiago: Dirección de bibliotecas, archivos y museos - Centro de Investigaciones Diego Barros Arana.

Errázuriz, Tomás. (2010), El asalto de los motorizados. El transporte moderno y la crisis del tránsito público de Santiago, 1900-1927. *Historia*, 43 (2), pp. 357-411.

_____. (2014), La administración de Ibáñez del Campo y el impulso a la circulación moderna (Santiago, 1927-1931). *Historia*, 47 (2), pp. 313-354.

Espeche, Ximena. (2016), "Montevideo. La ciudad y el campo". In: Gorelik, Adrián; Peixoto, Fernanda Arêas (Comp.). *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Etchandy, Alfredo. (2011), *100 años Comisión Nacional de Educación Física*. Montevideo: Dirección Nacional de Deporte - Letraeñe.

Fabbri, Nestor. (2006), *El nacimiento de una pasión. Historia de los clubes de fútbol*. Buenos Aires: Capital Intelectual.

Federación de Basquetbol de Chile. (1958), *3er. Campeonato Mundial de Básquetbol masculino*. Santiago: Impr. Lautaro.

Feldman, Sarah. (2011), "Bom Retiro: bairro de estrangeiros, bairro central (1928-1945)". In: Lanna, Ana Lúcia Duarte; Peixoto, Fernanda Arêas; Lira, Jose Tavares Correia; Sampaio, Maria Ruth Amaral (Eds.) *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda.

Ferreira, Pedro Beresin Schleder. (2016), *A Avenida das mil vias: conflito, contradição e ambivalência na modernização de São Paulo (1890-1920)*. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (FAU-USP).

Ferrière, Adolphe. (1930), *Conferencias dictadas al profesorado de Santiago*. Santiago: Impr. de la Escuela de Ciegos y de Sordo-Mudos.

_____. (1931), *Ferriere en América: mensaje de un educador a la América Latina: Conferencias dictadas en su gira a la América del Sur el año 1930*. Santiago: s/n.

Fialho, Roberto Novelli. (2007), *Edifícios de escritórios na cidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.

Ficher, Sylvia. (2005), *Os arquitetos da Poli. Ensino e profissão em São Paulo*. São Paulo: Edusp.

Fontes, Paulo. (2008), *Um Nordeste em São Paulo. Trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista: 1945-66*. Rio de Janeiro: Editora FGV.

_____. (2013), Trabalhadores e associativismo urbano no governo Jânio Quadros em São Paulo (1953-1954). *Revista Brasileira de História*, 33 (66), pp. 71-94.

Franzini, Fábio. (1998), Fútbol, identidad y ciudadanía en Brasil en los años '30'. *Lecturas Educación Física y Deportes*, 3. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd10/anos3oe.htm>. Acessado em: 1 de Dezembro de 2018.

Frau, Manuel. (2007), Fútbol e historia: la esquizofrenia oriental. *Caravelle*, 89, pp. 129-137.

- Frazatto, Bruno Castilho; Rego, Renato Leão. (2018), *Os country clubs de Ícaro de Castro Mello, a arquitetura moderna e a modernização do norte paranaense*. V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. FAUFBA, Salvador, Bahia, 13-19 de Outubro de 2018.
- Gaffney, Christopher. (2008), *Temples of the earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. Austin: University of Texas Press.
- Gambeta, Wilson. (2013), *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol. 1895-1916*. Tese de Doutorado (História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Garcés, Mario. (2012), *El despertar de la sociedad: lo movimientos sociales de América Latina y Chile*. Santiago: Lom Ediciones.
- García, Oscar. (1928), *Los juegos pedagógicos*. Santiago: Esc. Tip. Salesiana La Gratitude Nacional.
- Gatti Paula; Alberti, Mariana. (2010), *Juan Antonio Scasso*. Montevideu: Instituto de Historia de la Arquitectura, Facultad de Arquitectura, Universidad de la República.
- Gebauer, Günter; Lofego, Silvio Luiz; Wulf, Christoph. (2004), *Mimese na cultura: agir social, rituais e jogos, produções estéticas*. São Paulo: Annablume.
- Gebhard, Enrique. (1936), *Urbanismo y estadística*. *Boletín Médico-Social de la Caja de Seguro Obligatorio*, 31, Dezembro/1936, pp. 439-446.
- Gentile, Eduardo. (2004), "Revista de Arquitectura". In: Liernur, F.; Aliata, F. (Eds). *Diccionario de arquitectura en la Argentina. Estilos, obras biografías, instituciones, ciudades*. Buenos Aires: AGEA.
- Gentile, Emilio. (2007). *El culto del Littorio. La sacralización de la política en la Italia fascista*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.
- Giglio, Sérgio Settani. (2007), *Futebol: mitos, ídolos e imagens*. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).
- _____. (2014), "Muito mais do que um jogo": os embates entre o COI e a FIFA pelo controle do futebol olímpico. *Ciência e Cultura*, 66(2), pp. 47-50.
- Ginzburg, Carlo. (1998), *Olhos de madeira. Nove reflexões sobre a distância*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Giucci, Guillermo. (2007), *La vida cultural del automóvil. Rutas de la modernidad cinética*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmas – Prometeo.
- Godoy, Nicolás. (2010), *Casa de Orates de Los Olivos. Degeneración, racismo y locura. Chile 1891-1930*. Dissertação (Graduação em História) - Universidad Academia Humanismo Cristiano, Santiago, Chile.
- Gomes, Ana Carolina Vimeiro; Dalben, André. (2011), *O controle médico-esportivo no Departamento de Educação Física do Estado de São Paulo: aproximações entre esporte e medicina nas décadas de 1930 e 1940*. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, 18 (2), pp. 321-335.
- Gonçalves Junior, René Duarte. (2008), *Friedenreich e a reinvenção de São Paulo: o futebol e a vitória na fundação da metrópole*. Dissertação (Mestrado em História Social), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- González, Sergio; Calderón, Renato; Artaza, Pablo. (2016), *El fin del ciclo de expansión del salitre en Chile: la inflexión de 1919 como crisis estructural*. *Revista de Historia Industrial*, 65, pp. 83-110.
- Goodwin, Phillip. (1943), *Brazil builds: architecture new and old*. New York: The Museum of Modern Art (MOMA).
- Gorelik, Adrián. (1998), *La grilla y el parque: espacio público y cultura urbana en Buenos Aires, 1887-1936*. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes.

_____. (2004), *Miradas sobre Buenos Aires. Historia cultural y crítica urbana*. Buenos Aires: Siglo XXI.

Gorelik, Adrián; Peixoto, Fernanda Arêas (Comp.) (2016) *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Grant, Susan. (2014), Bolsheviki, Revolution and Physical Culture. *The International Journal of the History of Sport*, 31 (7), pp. 724-734.

Grez, Sergio. (2006), Una mirada al movimiento popular desde dos asonadas callejeras (Santiago, 1888-1905). *Revista de Estudios Históricos*, 3 (1), pp. 1-29.

Gross, Patricio. (1990), Santiago de Chile (1925-1990): planificación urbana y modelos políticos. *Revista Eure*, 52-53, pp. 27-52.

Guerrero, Bernardo. (2007), *Más duro que el Tani*. Iquique: Ediciones Campvs.

_____. (2016), *Pero alguien trajo el fútbol. Deporte y Nación en el Norte Grande de Chile*. Iquique: Fundación Crear - Ediciones El Jote Errante.

Guiño Cejudo, María Rosa. (2016), *Educación higiénica y cine de salud en México, 1925-1960*. Ciudad de México: El Colegio de México

Gumbrecht, Hans Ulrich. (1997), *In 1926. Living at the edge of time*. Cambridge: Harvard University Press.

_____. (1998), *Modernização dos sentidos*. São Paulo: Editora 34.

_____. (2007), *Elogio da beleza atlética*. São Paulo: Companhia das Letras.

Gurovich, Alberto. (1993), Evocando a don Alberto Mackenna Subercaseaux. En el Cincuentenario de la Facultad de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de Chile. *Revista de Arquitectura (Universidad de Chile)*, 4, pp. 32-33.

Gutierrez, Ramón. (1983), *Arquitectura y urbanismo en Iberoamérica*. Madrid: Cátedra.

Halperin, Tulio. (2003), *La Argentina y la tormenta del mundo. Ideas y ideologías entre 1930 y 1945*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Hentschke, Jens. (2012), Artiguista, white, cosmopolitan and educated: constructions of nationhood in Uruguayan textbook and related narratives, 1868 - 1915. *Journal of Latin American Studies*, 44, pp. 733 - 764.

Herbst, Helio. (2011), *Pelos salões das bienais, a arquitetura ausente dos manuais: contribuições para a historiografia brasileira (1951-1959)*. São Paulo: Annablume.

Herrera Gonzalez, Patricio. (2008), "Trabajar para beber o beber para trabajar". Campesinado, alcohol y relaciones sociolaborales en Chile. 1867-1910. In: *Programa de Estudios y Documentación en Ciencias Humanas. "Alcohol y trabajo. El alcohol y la formación de identidades laborales. Chile Siglo XIX y XX"*. Osorno: Editorial Universidad de Los Lagos.

Hidalgo, Rodrigo. (2000), El papel de las leyes de fomento de la edificación obrera y la Caja de la Habitación en la política de vivienda social en Chile, 1931-1952. *Revista INVI*, 15 (39), pp. 92-120.

Hobsbawm, Eric; Ranger, Terence. (1992), *The invention of tradition*. Cambridge: Cambridge University Press.

Hora, Roy. (2014), *Historia del turf argentino*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores

Huneus, Carlos; Lanús, María Paz. (2002), Ciencia política e historia: Eduardo Cruz-Coke y el Estado de Bienestar en Chile, 1937-1938. *Historia*, 35, pp. 151-186.

Ibáñez Santa María, Adolfo. (1983), Los Ingenieros, el Estado y la Política en Chile. Del Ministerio de Fomento a la Corporación de Fomento, 1927-1939. *Historia (Santiago)*, 18, pp. 45-102.

Ibarra, Macarena; Mora, Rodrigo. (2011), Habitar la escuela: El problema de la infraestructura y su relación con las enfermedades escolares en Chile. *Revista INVI*, 26 (71), pp. 109-131.

Illanes, María Angélica. (1991), “Ausente, Señorita”. *El niño chileno, la escuela para pobres y el auxilio. 1890 / 1990*. Santiago: Junta Nacional de Auxilio Escolar y Becas (JUNAEB).

_____. (2006), *Cuerpo y sangre de la política. La construcción histórica de las visitadoras sociales. Chile, 1887-1940*. Santiago: Lom Ediciones.

Iturriaga, Jorge. (2015), *La masificación del cine en Chile, 1907-1932: la conflictiva construcción de una cultura plebeya*. Santiago: LOM Ediciones.

Jalabert D’Amado, Lorenzo. (2017), *La lutte des classes face à l’internationalisme sportif. La gauche communiste uruguayenne à l’heure de la Coupe du monde de 1930. Conserveries mémorielles [Online]*, 20. Disponível em: <https://journals.openedition.org/cm/2559?lang=en>. Acesso em: 12 de Junho de 2018.

Jasienska, Grazyna. (2013), *The fragile wisdom: an evolutionary view on women’s biology and health*. Cambridge: Cambridge University Press.

Jorge, Clóvis de Athayde. (1999), *História dos bairros de São Paulo - Santa Ifigênia*. São Paulo: Departamento de Patrimônio Histórico.

Jorge, Janes. (2006), *Tietê, o rio que a cidade perdeu. São Paulo 1890-1940*. São Paulo: Alameda.

Junemann, Alfredo. (1996), *Jorge Aguirre Silva: un arquitecto del movimiento moderno en Chile*. Santiago: ARQ Ediciones.

Klein, Fernando. (2017), *Baltasar Brum. El suicidio de un presidente*. Montevideo: Planeta.

Krogh, Daniel da Silva Santos; Salgado, Ivone. (2016). *Anhaia Mello e sua contribuição para a difusão do urbanismo norte-americano: o debate urbanístico na cidade de Campinas na década de 1930*. IV Enanparq, Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Porto Alegre, 25 a 29 de Julho de 2016.

Kuhn, João Carlos Santos. (2018), *Resistências sagradas: Pátio de Colégio, secularização e reconstrução*. São Paulo: Annablume.

Labarca, Catalina. (2008), “Todo lo que usted debe saber sobre las enfermedades venéreas. Las primeras campañas de educación sexual estatales entre 1927 y 1938”. In: Zárata, María Soledad (Ed.). *Por la salud del cuerpo. Historia y políticas sanitarias en Chile*. Santiago: Ediciones Universidad Alberto Hurtado.

La Troupe Ateniense (1932). *Aliberti liquida. Primer libro neosensible de letras atenienses*. Montevideo: s/d.

Laval, Enrique. (2003), *Cincuentenario de la última epidemia de viruela en Chile*. *Revista chilena de infectología*, 20, pp. 111-112.

Lavrin, Asunción. (1995), *Women, feminism and social change in Argentina, Chile, and Uruguay, 1890-1940*. Lincoln: University of Nebraska Press.

Lawner, Miguel. (2018), *El barrio Matta-Portugal. Voces de la ciudad*. Santiago: Lom Editores.

Lemos, Carlos. (1979), *Arquitetura brasileira*. São Paulo: Melhoramentos.

Lepetit, Bernard. (2001), *Por uma nova história urbana*. São Paulo: Edusp.

Lévi-Strauss, Claude. (1957), *Tristes trópicos*. São Paulo: Editora Anhembi.

Liernur, Francisco. (2001), *Arquitectura en la Argentina del siglo XX. La construcción de la modernidad*. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes.

Liernur, Francisco; Silvestri, Graciela. (1993), “El torbellino de la electrificación. Buenos Aires 1880-1930”. In: Liernur, Francisco; Silvestri, Graciela. (Eds). *El umbral de la metrópolis. Transformaciones técnicas y cultura en la modernización de Buenos Aires (1870-1930)*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana.

Lira, José de Tavares. (2011), *Warchavchik: Fraturas da vanguarda*. São Paulo: Cosac Naify.

Lobo, Maria da Silveira. (2006), A morte dos pilotis do Estádio de Remo da Lagoa e o declínio do espaço público. *Minha Cidade*, 7. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/07.073/1942>. Acessado em: 3 de outubro de 2018.

Lofego, Silvio Luiz. (2002), *IV Centenário da cidade de São Paulo. A construção do passado e do futuro nas comemorações de 1954*. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

López, Hilda; Ahumada, Humberto; Matzner, Christian. (2004), *Tres miradas al Estadio Nacional de Chile: historia - deporte - arquitectura*. Santiago: Consejo de Monumentos Nacionales.

López, Marcelo. (2006), Un plan científico para combatir la peste blanca: el origen del Hospital Sanatorio El Peral, 1927-1938. *Anales Chilenos de Historia de la Medicina*, 16, pp. 57-84.

Lorenzini, Javiera. (2012), Huellas, umbrales y ciudades posibles. El fenómenos cinematográfico en Santiago (1896-1931). *Revista Electrónica de Estudios Culturales Urbanos Bifurcaciones*, 12. Disponível em: <http://www.bifurcaciones.cl/2012/11/huellas-umbrales-y-ciudades-posibles/> Acesso em 1 de Junho de 2017.

Loustau, Cesar (1994), *Vida y obra de Julio Vilamajó*. Montevideu: Dos Puntos.

Lowenthal, David. (1985), *The past is a foreign country*. Cambridge: Cambridge University Press.

Lucchese, Maria Cecília. (2016), João Florence de Ulhôa Cintra: influências, amizades e profissão. *Risco*, 14 (1), pp. 99-105.

Mac Iver, Enrique. (1900), *Discurso sobre la crisis moral de la República*. Santiago: Imprenta Moderna.

Makino, Miyoko. (2003), Ornamentação do Museu Paulista para o Primeiro Centenário: construção de identidade nacional na década de 1920. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 10-11(1), pp. 167-195.

Malaia, J.M.C.D; Drummond, M. Melo, V.A. (2012), Celebrando a nação nos gramados: o Campeonato Sul-Americano de futebol de 1922. *História: Questões & Debates (Curitiba)*, 57, pp. 151-174.

Malta Campos, Cândido. (2002), *Os rumos da cidade. Urbanismo e modernização em São Paulo*. São Paulo: Editora Senac.

Maraboli, Miguel. (1933), *Las plazas de juegos y los deportes*. Santiago: Imprenta El Esfuerzo.

Marín, Edgardo. (1995), *Centenario: historia total del fútbol chileno. 1895-1995*. Santiago: Editores y consultores REI.

Marins, Paulo César Garcez. (1999), O Parque do Ibirapuera e a construção da identidade paulista. *Anais Do Museu Paulista: História e Cultura Material*, 6(1), 9-36.

_____. (2007), Nas matas com pose de reis: a representação de bandeirantes e a tradição da retratística monárquica européia. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, 44, pp. 77-104.

_____. (2016), "San Pablo. La avenida Paulista de la Belle Époque: élites en disputa". In: Gorelik, Adrián; Peixoto, Fernanda Arêas (Comp.). *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Martínez, Felipe. (2015), *Cuerpos en movimiento. Circulación y generación de conocimientos en torno a la ejercitación de los cuerpos. Santiago de Chile, 1880-1931*. Dissertação (Mestrado em História), Departamento de Ciencias Históricas, Universidad de Chile.

Martínez Lemoine, René. (2007), Santiago, los planos de transformación. 1984-1929. *Revista Electrónica DU&P. Diseño Urbano y Paisaje*, 10, pp. 1-15.

Martins, Luís. (1971). *João do Rio (uma antologia)*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

Martland, Samuel J. (2017), *Construir Valparaíso: tecnologia, municipalidad y Estado (1820-1920)*. Santiago: Dibam - Centro de Investigaciones Barros Arana.

Mazzini, Elena; Méndez, Mary. (2011), *Polémicas de arquitectura en el Uruguay del siglo XX*. Montevideo: Universidad de la República.

Mehrtens-Peixoto, Cristina. (2010), *Urban space and national identity in Early Twentieth Century. São Paulo, Brazil. Crafting modernity*. New York: Palsgrave MacMillan.

Mello, Joana. (2005a), *Ícaro de Castro Mello. Principais projetos*. São Paulo: J. J. Carol Editora.

_____. (2005b), *Nacionalismo e arquitetura em Ricardo Severo. Porto 1869 - São Paulo 1940*. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído), Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos.

_____. (2011), "Os arquitetos estrangeiros e o mercado imobiliário através da experiência de Jacques Pilon". In: Lanna, Ana Lúcia Duarte; Peixoto, Fernanda Arêas; Lira, José Tavares Correia de; Sampaio, Maria Ruth Amaral de. (Eds.), *São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades*. São Paulo: Alameda.

_____. (2013), *Habitar a metrópole: os apartamentos quitinetes de Adolf Franz Heep*. *Anais do Museu Paulista*, 21 (1), pp. 141-157.

Miceli, Sergio. (2010), "O enigma portenho". In: Sarlo, Beatriz. *Modernidade periférica. Buenos Aires 1920 e 1930*. São Paulo: Cosac Naify.

Millan, Rodrigo. (2016a), Trabajo de "campus": el viaje de un educador chileno por universidades norteamericanas. *Anales del Instituto de Arte Americano*, 46 (1), pp. 51-64.

_____. (2016b), *Arquitetura esportiva no interior do Estado de São Paulo: os projetos de Ícaro de Castro Mello entre 1950 e 1964*. Anais IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Enanparq), Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 25-29 de Julho de 2016.

Milos, Pedro. (2008) *Frente Popular en Chile. Su configuración: 1935-1938*. Santiago: Lom Ediciones.

Mindlin, Henrique. (1956), *Modern architecture in Brazil*. New York: Reinhold Publishing Corporation.

Ministerio de Instrucción Pública. (1910), *Antecedentes sobre el "Stadium Nacional"*. Santiago: Imprenta Universitaria.

Modiano, Pilar. (1997), *Historia del deporte chileno: orígenes y transformaciones: 1850-1950*. Santiago: Digeder.

Moholy-Nagy, Sibyl. (1964), *Carlos Raul Villanueva y la arquitectura de Venezuela*. Caracas: Editorial Lectura.

Molina, Enrique. (1921), *De California a Harvard. Estudios sobre las Universidades Norteamericanas y algunos problemas nuestros*. Santiago: Sociedad Imprenta Litografía Universo.

Montaner, Josep Maria. (2014), *Arquitetura e crítica na América Latina*. São Paulo: Romano Guerra.

Montealegre, Pia. (2010), *Jardín para el pueblo: el imaginario de la Unidad Popular en el Parque O'Higgins*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano), Instituto de Estudios Urbanos, Pontificia Universidad Católica de Chile.

_____. (2014), "Olimpia en el jardín de la memoria". In: Rozas, Valentina. (2014), *Ni tan elefante, ni tan blanco. Arquitectura, urbanismo y política en la trayectoria del Estadio Nacional*. Santiago: Ril Editores.

Moraga, Fabio. (2009), El asesinato de Héctor Barreto y la cultura política de la izquierda chilena en la década de 1930. *Universum*, 24 (2), pp. 114-138.

Morales, Andrés. (2013), *Fútbol, identidad y poder 1916-1930*. Montevideo: Fin de Siglo.

Morales, Franklin. (1969), *La garra celeste*. Enciclopedia Uruguaya 42. Montevideu: Editores Reunidos - Arca.

Morales, Marcelo. (2013), *Los años 30: una década bisagra*. Disponível em: <http://www.cinechile.cl/crit&estud-327>. Acessado em: 8 de Outubro de 2018.

Morse, Richard. (1954), *De comunidade a metrópole*. Biografia de São Paulo. São Paulo: Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo - Serviço de Comemorações Culturais.

Municipalidad de Ñuñoa. (1953), *58 Años de vida comunal: 1895 - 19 de abril 1953*. Publ. oficial de la I. Municipalidad de Nuñoa ordenada por el Alcalde Dn. José M. Narbona. Santiago: Lit. Dayon.

Murilo de Carvalho, José. (1998), *A formação das almas. O imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras.

Myers, Jorge. (2016), "Montevideo. El anhelo de ser cosmópolis". In: Gorelik, Adrián; Peixoto, Fernanda Arêas (Comp.). *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Negreiros, Plínio José Cabriola de. (1998), *A Nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. 1998. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Neruda, Pablo. (1950), *Canto general*. Ciudad de México: América.

Neves, Emanuel. (2018). José Leandro Andrade: A Maravilha Negra. Puntero Izquierdo. Disponível em <https://medium.com/puntero-izquierdo/jos%C3%A9-leandro-andrade-a-maravilha-negra-aof8co693e53>. Acessado em: 10 de Junho de 2018.

Nicolini, Henrique. (2015). Zatopek na São Silvestre. Disponível em: <https://blogs.gazetaesportiva.com/henriquenicolini/2015/05/18/zatopek-na-sao-silvestre/>. Acessado em: 10 agosto de 2018.

Niemeyer, Carlos Augusto da Costa. (2002), *Parques infantis de São Paulo. Lazer como expressão de cidadania*. São Paulo: Annablume - Fapesp.

Nudelman, Jorge. (2015), *Tres visitantes en París. Los colaboradores uruguayos de Le Corbusier*. Montevideu: Universidad de la República.

Núñez, Iván. (2004), El pensamiento de un actor colectivo: los profesores reformistas de 1928. *Pensamiento Educativo*, 34, pp. 162-178.

O'Donnell, Julia. (2013), *A invenção de Copacabana. Culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890-1940)*. Rio de Janeiro: Zahar.

Oliveira, Fabiano Lemes de. (2005), *Siegfried Giedion e o caso brasileiro: uma aproximação historiográfica*. VI Seminário Docomomo Brasil. Niterói, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 2005.

Onetti, Juan Carlos. (2009), *Cartas de un joven escritor. Correspondencia con Julio E. Payro*. Montevideu: Ediciones Trilce.

Orellana, Tania. (2016), "Estereotipos femeninos de salud y belleza en Chile a través del género magazine: revista Familia (1910-1928)". In: Araya, Claudio; Leyton, César; López, Marcelo; Palacios, Cristián; Sánchez, Marcelo (Eds.). *República de la Salud. Fundación y ruinas de un país sanitario, Chile siglos XIX y XX*. Santiago: Ocho Libros.

Ortega, Luis. (2012), La crisis de 1914-1924 y el sector fabril en Chile. *Historia*, 45 (2), pp. 433-454.

Ortiz Saralegui, Juvenal. (1927), *Palacio Salvo*. Montevideu: Casa A. Barreiro y Ramos S.A.

Pacheco, José Aranha de Assis. (1983), *Perdizes: história de um bairro*. São Paulo: Prefeitura do Município de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura, Departamento do Patrimônio Histórico, Divisão do Arquivo Histórico.

Palacios, Germán. (1992), *Ranquil. La Violencia en la Expansión de la Propiedad Agrícola*. Santiago: Ediciones Instituto de Ciencias Alejandro Lipschutz.

Palacios, Nicolás. (1904), *Raza chilena: libro escrito por un chileno i para los chilenos*. Valparaíso: Impr. i Litogr. Alemana.

Peixoto, Elza. (2008), O serviço de recreação operária e o projeto de conformação da classe operária no Brasil. *Pro-Posições*, 55, pp. 115-140.

Peixoto, Fernanda Arêas; Bispo, Alexandre Araújo. (2016), “San Pablo. El edificio Martinelli y la euforia vertical (años 1930)”. In: Gorelik, Adrián; Peixoto, Fernanda. *Ciudades sudamericanas como arenas culturales*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Pérez de Arce, Mario. (2011), *Smith Solar & Smith Miller Arquitectos*. Santiago: Ediciones Universidad Finis Terrae.

Piglia, Melina. (2014), *Autos, rutas y turismo: El Automóvil Club Argentino y el Estado*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Piletti, Nelson. (1994), Fernando de Azevedo. Da Educação Física às Ciências Sociais. *Revista Instituto de Estudos Brasileiros*, 37, 81-98.

Pinheiro, Maria Lucia Bressan. Arquitetura residencial verticalizada em São Paulo nas décadas de 1930 e 1940. *Anais do Museu Paulista*, 16 (1), pp. 109-149.

_____. (2012), *Neocolonial, modernismo e preservação do patrimônio no debate cultural dos anos 1920 no Brasil*. São Paulo: Edusp.

Pompeu de Toledo, Roberto. (2015), *A capital da vertigem. Uma história de São Paulo de 1950 a 1954*. Rio de Janeiro: Objetiva.

Ponte, Cecilia. (2005), “Vilamajó y la sustancia histórica”. In: Bossi, Agostino. *Disegni per l'arredamento*. Napoli: Oxiana.

Pontes, Heloisa. (2016), “San Pablo. La ciudad en escena: teatro y culturas urbanas disidentes”. In: Gorelik, Adrián; Peixoto, Fernanda (Eds.). *Ciudades sudamericanas como arenas culturales..* Buenos Aires: Siglo XXI Editores.

Ponzio, Alessio. (2008), A forgotten story: The training for teachers of physical education in Italy during the fascist period. *Sport in Society*, 11 (1), pp. 44-58.

Pradenas, Luis. (2006), *Teatro en Chile: huellas y trayectorias, siglos XVI-XX*. Santiago: Lom Ediciones.

Prats, Luis. (2013), *Goles y votos: la íntima y agitada relación histórica entre fútbol y política en Uruguay*. Montevideo: Fin de Siglo.

Prefeitura de São Paulo. (1940), *Catálogo - Programa dos festejos inaugurais do Estádio Municipal de São Paulo*. São Paulo, 27.4.1940. São Paulo: s/i.

Prieto, Indalecio. (1938), *Dos discursos en el Estadio Nacional el 28 de Diciembre de 1938*. Santiago: Publicaciones del comité chileno de ayuda a España leal - Imprenta Antares.

Primer Congreso Nacional de Protección a la Infancia. (1913), *Trabajos y actas*. Santiago: Imprenta Barcelona.

Purcell, Fernando. (2012), *¡De película! Hollywood y su impacto en Chile, 1910-1950*. Santiago: Taurus.

Queiroz, Maria Isaura Pereira de. (1992), Ufanismo paulista: vicissitudes de um imaginário. *Revista USP*, (13), pp. 78-87.

Rago, Margareth. (1997), A liberdade entre a utopia e a história. Luce Fabbri e o anarquismo na América do Sul. *Cadernos Pagu*, 8-9, pp. 279-317.

Rama, Ángel. (1996), *La ciudad letrada*. Montevideo: Arca.

Rein, Raanan. (2015), *La cancha peronista. Fútbol y política (1946-1955)*. San Martín: Unsam Edita.

Riese, Steven. (1981) Power Without Authority: Los Angeles' Elites and the Construction of the Coliseum. *Journal of Sport History*, 8 (1), pp. 50-65.

Rinke, Stefan. (2002), *Cultura de masas, reforma y nacionalismo en Chile, 1910-1931*. Santiago: DIBAM.

- _____. (2009), "Las torres de Babel del siglo XX: cambio urbano, cultura de masas y norteamericanización en Chile, 1918-1931". In: Purcell, Fernando; Riquelme, Alfredo (Eds.). *Ampliando miradas. Chile y su historia en un tiempo global*. Santiago: RIL Editores – Instituto de Historia PUC.
- _____. (2013), *Encuentros con el yanqui: norteamericanización y cambio sociocultural en Chile, 1898-1990*. Santiago: Dibam - Centro de Investigaciones Diego Barros Arana.
- Riobó, Enrique. (2015), *Antigüedad y modernidad en el Ariel de José Enrique Rodó. Pléyade*, 15, Janeiro-Julho/2015, pp. 41-68.
- _____. (2016), *El cuerpo ideal para la nación chilena. Estudio desde sus referentes históricos en la Raza chilena y en el discurso sobre educación física en la década de 1930*. Apresentação no IX Congresso Chileno de Sociologia, Talca, 11-14 de Outubro.
- Riquelme, Fernando. (1996), *La arquitectura de Luciano Kulczewski: un ensayo entre el eclecticismo y el movimiento moderno en Chile*. Santiago: Ediciones ARQ.
- Risolo, Donn. (2010), *Soccer stories: anecdotes, oddities, lore, and amazing feats*. Lincoln: University of Nebraska Press.
- Rocca, Pablo; Paolini, Claudio. (Comp.). (2005), *Palacio Salvo y otros poemas (poesia, crítica y correspondencia)*. Juvenal Ortiz Saralegui 1909-1959. Montevideo: Ediciones de la Banda Oriental.
- Rocha, Everardo; Corbo, William. (2017), A star player and the world of goods: soccer and consumption in the public image of Leônidas da Silva. *Sociologia & Antropologia*, 7(3), pp. 799-823.
- Rojas, Jorge. (1993), *La dictadura de Ibáñez y los sindicatos (1927-1931)*. DIBAM - Centro de Investigaciones Diego Barros Arana: Santiago.
- _____. (2010), *Historia de la infancia en el Chile republicano, 1810-2010*. Santiago: Junta Nacional de Jardines Infantiles.
- Rolnik, Raquel. (2015), *Guerra dos lugares. A colonização da guerra e da moradia na era das finanças*. São Paulo: Boitempo.
- Romero, José Luis. (1976), *Latinoamérica: las ciudades y las ideas*. México DF: Siglo XXI
- Rosa, Cristina Souza da. (2009), Pequenos soldados do Fascismo: a educação militar durante o governo de Mussolini. *Antíteses*, 2 (4), pp. 621-648.
- Rosas, José; Hidalgo, Germán; Strabucchi, Wren; Bannen, Pedro. (2015), El Plano Oficial de Urbanización de la Comuna de Santiago de 1939: Trazas comunes entre la ciudad moderna y la ciudad preexistente. *ARQ (Santiago)*, 91, pp. 82-93.
- Rose, R. S. (2001), *Uma das coisas esquecidas: Getúlio Vargas e controle social no Brasil. 1930-1954*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Rozas, Valentina. (2014), *Ni tan elefante, ni tan blanco. Arquitectura, urbanismo y política en la trayectoria del Estadio Nacional*. Santiago: RIL Editores.
- Russell-Hitchcock, Henry. (1955), *Latin American Architecture since 1945*. Nova York: Museum of Modern Art.
- Salazar, Gabriel. (1987), Los dilemas históricos de la auto-educación popular en Chile. ¿Integración o autonomía relativa?. *Proposiciones*, 15, pp. 84-129.
- Salinas, Maximiliano; Prudent, Elisabet; Cornejo, Tomás; Saldaña, Catalina. (2007), *Vamos remoliendo mi alma! La vida festiva popular en Santiago de Chile: 1870-1910*. Santiago: Lom Ediciones.
- Sampaio, Gustavo de Almeida. (2017), *Tradição e modernidade. O novecento em São Paulo*. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo.
- Sanchez, Marcelo. (2014), La teoría de la degeneración en Chile (1892-1915). *Historia*, 47 (2), pp. 375-400.

- _____. (2016), "El cuerpo eugénico y el espacio público en Chile, 1941: El vuelo del genio de Tótila Albert". In: Correa, María José; Kottow, Andrea; Vetö, Silvana. (Eds.). *Ciencia y espectáculo. Circulación de saberes científicos en América Latina, siglos XIX y XX*. Santiago: Ocho Libros Editores.
- Sánchez Trolliet, Ana. (2014), Del sótano al estadio: transformaciones en los lugares de representación de música rock en Buenos Aires 1965-1970. *Anales del Instituto de Arte Americano e Investigaciones Estéticas*. Mario J. Buschiazzi, 44(2), pp. 175-190.
- Santa Cruz, Eduardo. (2001), "La prensa liberal moderna y las revistas deportivas". In Ossandon, Carlos; Santa Cruz, Eduardo (Eds.). *Entre las alas y el plomo. La gestación de la prensa moderna en Chile*. Santiago: Lom Ediciones – Universidad Arcis, pp. 79-112.
- Santoro, Paula. (2005), *A relação da sala de cinema com o espaço urbano em São Paulo: do provinciano ao cosmopolita*. XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR. Salvador, 23-27 de Maio de 2005.
- Sarlo, Beatriz. (1988), *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Scasso, Juan Antonio. (1941), *Espacios verdes*. Montevideo: Tipografía Atlántida.
- Schwarcz, Lilia Moritz. (1993), *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Scheloto, Salvador. (2000), "Montevideo 1829-1890: una urbanidad se gesta entre la civilización y la barbarie. La ciudad y la cultura urbana en el siglo XIX." In: Achugar, Hugo; Moraña, Mabel (Coord.) *Uruguay: imaginarios culturales. Desde las huellas indígenas a la modernidad*. Montevideo: Ediciones Trilce.
- Scheps, Gustavo. (2008), *17 registros. Facultad de Ingeniería de Montevideo (1936-1938) de Julio Vilamajó, arquitecto*. Tese Doutoral, Departamento de Proyectos Arquitectónicos, Escuela Técnica Superior de Arquitectura, Madrid, Espanha.
- Schpun, Mônica (1999) *Beleza em jogo. Cultura física e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Editora Senac - Boitempo.
- Secretaría General de la Defensa de la Raza. (1940), *Defensa de la raza y aprovechamiento de las horas libres*. Santiago: Zig Zag.
- Segawa, Hugo. (1998), *Arquiteturas no Brasil. 1900-1990*. São Paulo: Edusp.
- Sennett, Richard. (1997), *Carne e pedra. O corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record.
- Sevcenko, Nicolau. (1983), *Literatura como missão. Tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- _____. (1984), *A revolta da vacina. Mentres insanas em corpos rebeldes*. São Paulo: Brasiliense.
- _____. (1992), *Orfeu extático na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos fermentos anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Siegelbaum, Lewis. (1999) The Shaping of Soviet Workers' Leisure: Workers' Clubs and Palaces of Culture in the 1930s. *International Labor and Working-Class History*, 56, pp. 78-92.
- Silva, Patricio. (2006), Los tecnócratas y la política en Chile: pasado y presente. *Revista de Ciencia Política*, 26 (2), pp. 175-190.
- _____. (2010), *En el nombre de la razón. Tecnócratas y política de Chile*. Santiago: Ediciones UDP.
- Silvestri, Graciela. (2004), "Estadio". In: Liernur, F.; Aliata, F. (Eds.) *Diccionario de arquitectura en la Argentina. Estilos, obras biografías, instituciones, ciudades*. Buenos Aires: AGEA.
- Siqueira, Uassyr. (2011), Clubes recreativos: identidades e conflitos entre os trabalhadores paulistanos (1900-1920). *Mundos do Trabalho*, 3 (5), pp. 233-244.

- Smith, Juan A. (1913), *Stadium nacional de Montevideo*. Montevideu: Barreiro y Ramos.
- Sociedad Constructora de Establecimientos Educativos. (1987), *50 años de labor: 1937-1987*. Santiago: SCEE.
- SODRE. (2009), *SODRE: 80 años. Uruguay. Servicio oficial de difusión, radiotelevisión y espectáculos*. Montevideu: SODRE.
- Sodre, João Clark de A. (2003), A casa bandeirista de Luís Saia no IV Centenário de São Paulo: restauração e preservação da identidade paulista. Anais do V Seminário Nacional do Docomomo, São Carlos. Disponível em <http://docomomo.org.br/wp-content/uploads/2016/01/070R.pdf>. Acessado em: 5 de fevereiro de 2019.
- Somekh, Nadia. (1997). *A cidade vertical e o urbanismo modernizador. São Paulo, 1920-1939*. São Paulo: Edusp - Studio Nobel - Fapesp.
- Stepan, Nancy. (1991), *The hour of eugenics: race, gender and nation in Latin America*. Ithaca: Cornell University Press.
- Subercaseaux, Bernardo. (2007), Raza y nación: el caso de Chile. *A Contra Corriente*, 5 (1), 29-63
- _____. (2008), Editoriales y círculos intelectuales en Chile. 1930-1950. *Revista Chilena de Literatura*, (72), pp. 221-233.
- Tajam, Hector; Yaffé, Jaime. (2007), Industrialización y sustitución de importaciones en tiempos del primer batllismo y la primera guerra mundial (Uruguay, 1911-1930). *H-industria. Revista de historia de la industria argentina y latinoamericana*, 1, pp. 1-23.
- Talesnik, Daniel. (2016), *The Itinerant Red Bauhaus, or the Third Emigration*. Tese (Doutorado em Arquitetura), Graduate School of Arts and Sciences, Columbia University, Nova York, Estados Unidos.
- Tavares, Ana Beatriz Correia de Oliveira; Votre, Sebastião Josué. (2015). Estádio do Maracanã: dos alicerces ao colosso do derby. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, 37(3), pp. 258-264
- Teixeira Alves, C. (2011), *Cinejornal Brasileiro: A documentação do esporte no Estado Novo em comparação com a estética de Leni Riefenstahl*. Dissertação (Mestrado em Artes). Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais.
- Téllez, Andrés. (1995), *La moda, el estilo, la modernidad y el cambio en la arquitectura doméstica de Santiago. 26 casas en Ñuñoa y Providencia*. Dissertação (Mestrado em Arquitetura), Escola de Arquitetura, Faculdade de Arquitetura e Belas Artes, Pontificia Universidade Católica de Chile, Santiago, Chile.
- _____. (2010), Casas publicadas. *ARQ (Santiago)*, 75, pp. 20-29.
- Tinem, Nelci. (2006), *O alvo do olhar estrangeiro. O Brasil na historiografia da arquitetura moderna*. João Pessoa: Editora Universitária UFPB.
- Torrent, Horacio. (2016), *Tabula rasa meets resilience: urban reconstruction and the dilemmas of modern planning in Chillán, Chile (1939)*. 17th IPHS Conference, Delft. 17-21 de Julho de 2016.
- Torres, Claudia; Valdivia, Soledad; Atria, Maximiano. (2015), *Registro y análisis de las obras construidas por la "Sociedad Constructora de Establecimientos Educativos" en la zona centro del país: 1937-1960*. Valparaíso: Consejo Nacional de la Cultura y de las Artes - Facultad de Arquitectura Universidad de Chile (FAU).
- Ulianova, Olga. (2003), Levantamiento campesino en Lonquimay y la Internacional Comunista. *Estudios Públicos*, 89, pp. 173-223.
- Universidad de Chile. (1930), *Reglamento de la piscina temperada escolar*. Santiago: Impr. Chile.
- Urrutia, Santiago. (2015), Experiencias de educación libertaria en el movimiento popular chileno, 1900-1925. *Cuadernos chilenos de historia de la educación*, 3, pp. 90-117.
- Valdivia Ortiz de Zárate, Verónica. (1995), *Nacionalismo e Ibañismo*. Santiago: Universidad Católica Blas Cañas.

- Vera, Cecilia. (2008), El proyecto moderno como construcción de una utopía: las trazas de la Carta de Atenas en la institución Defensa de la Raza y Aprovechamiento de las Horas Libres. *Arteoficio*, 7, pp. 13-17.
- Vergara, Ángela. (2018), Identifying the Unemployed: Social Categories and Relief in Depression-Era Chile (1930-1934). *Labor: Studies in Working-Class History*, 15 (3), pp. 9-30.
- Viana, Alceu de Mello. (1992). *Germania, Pinheiros. IX décadas*. São Paulo: Alameda.
- Vicuña, Manuel. (2001), *La belle époque chilena: alta sociedad y mujeres de elite en el cambio de siglo*. Santiago: Sudamericana.
- Vidart, Daniel. (1969), El gran Montevideo. *Enciclopedia Uruguay* 58. Montevideo: Editores Reunidos - Arca.
- Vigarello, Georges. (2008), "Estádios. O espetáculo esportivo das arquibancadas às telas". In: Corbin, Alain; Cortine, Jean-Jacques; Vigarello, Georges (Eds.). *História do Corpo*. 3. *As mutações do Olhar - O Século XX*. Petrópolis: Vozes.
- _____. (2013), *Metamorphoses of fat. History of obesity*. New York: Columbia University Press.
- Violich, Francis. (1944), *Cities of Latin America. Housing and planning to the south*. Nova York: Reinhold Publishing Co.
- Voionmaa, Liisa Flora. (2005), *Escultura pública: del monumento conmemorativo a la escultura urbana: Santiago 1792-2004*. Santiago: Ocho Libros Editores.
- Walter, Richard J. (2005), *Politics and urban growth in Santiago, Chile, 1891-1941*. Stanford: Stanford University Press.
- Wright Mills, Charles. (1959), *The sociological imagination*. New York: Oxford University Press.
- Xavier, Marco Antonio. (2005), O campus e a cidade. In: Universidade de São Paulo. Centro de Preservação Cultural. "Cidades universitárias: patrimônio urbanístico e arquitetônico da USP". São Paulo: Edusp - Imprensa Oficial.
- Yáñez, Juan Carlos. (2016), "Alimentación abundante, sana y barata". Los restaurantes populares en Santiago (1936-1942). *Cuadernos de Historia*, 45, pp. 117-142.

CRÉDITO DAS IMAGENS

Capítulo 1.

1.1. En la Piscina Escolar, Santiago. *Los Sports*, 357, 10 de Janeiro de 1930, contra capa. **1.2.** Stadio dei Marmi, Roma. *Urbanismo y Arquitectura*, 6, Agosto/1936, p. 13. **1.3.** Estádio de Playa Ancha, Valparaíso. *Urbanismo y Arquitectura*, 3, Abril/1936, p. 30. **1.4. - 1.9.** Diversas imagens do Estádio Nacional, Santiago. *Urbanismo y Arquitectura*, II (10), 1940, pp. 518-525. **1.10.** Estádio do Club Atlético River Plate, Buenos Aires. Arquivo digital *Viejos Estadios*. Disponível em: <https://viejosestadios.blogspot.com/> Acessado em: 20 de Fevereiro de 2019. **1.11.** Estádio Giovanni Berta, Florença. *Revista de Arquitectura*, 155, Novembro/1933, capa. **1.12.** Projeto de estádio, estudante Ernesto Natinio. *Revista de Arquitectura*, 205, Janeiro/1938, p. 38. **1.13.** Piscina do clube Newell's Old Boys, Rosario. *Revista de Arquitectura*, 123, Março/1931, s/n. **1.14.** Piscina e quadra de basquete club Ferrocarril Oeste, Buenos Aires. *Revista de Arquitectura*, 174, Junho/1935, s/n. **1.15.** Piscina municipal de Mar del Plata. *Revista de Arquitectura*, 193, Janeiro/1937, p. 22. **1.16.** Estádio Monumental do Club Atlético River Plate, Buenos Aires. *Revista de Arquitectura*, 215, Novembro/1938, p. 467. **1.17.** Projeto para o Centro Olímpico Argentino, Buenos Aires. *Revista de Arquitectura*, 297, Setembro/1945, p. 353. **1.18.** Piscina Parque Chacabuco, Buenos Aires. *Revista de Arquitectura*, 259, Julho/1942, p. 305. **1.19.** Concha acústica do Estádio do Pacaembu, São Paulo. Fundo Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, Biblioteca Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo (FAU-USP). **1.20.** Projeto para o Estádio do Clube Atlético Mineiro. *Acrópole*, 132, Abril/1949, p. 334. **1.21.** Projeto para a Piscina Coberta do Departamento de Esportes de São Paulo. *Acrópole*, 143, Março/1950, p. 269. **1.22.** Estádio Municipal de Lyon, França. Acervo da Biblioteca Municipal de Lyon. **1.23.** Trampolim, *constructions sportives. L'Architecture D'Aujourd'Hui*, 76, Fevereiro/1958, capa. **1.24.** Ginásio de Bauru, Estado de São Paulo. *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, 76, Fevereiro/1958, p. 38. **1.25.** Ingresso inauguração Estádio Olímpico, Cidade do México. Acervo do Arquivo de Arquitetos Mexicanos, Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM).

Capítulo 2.

2.1. IV Campeonato Sul-Americano de Boxe, Hippodrome Circo, Santiago. *Los Sports*, 93, 19 de Dezembro de 1924, contra capa. **2.2. - 2.6.** Anúncios publicitários. *Los Sports*, 53, 14 de Março de 1924. *Los Sports*, 60, 2 de Maio de 1924, s/n. *Los Sports*, 53, 14 de Março de 1924, s/n. *Los Sports*, 147, 1 de Janeiro de 1926, s/n. **2.7.** Largada corrida de ascensão ao cerro San Cristóbal, Santiago. *Los Sports*, 81, 26 de Setembro de 1924, capa. **2.8.** Torneio de basquete, centro de Santiago. *Los Sports*, 21, 3 de Agosto de 1923, s/n. **2.9 - 2.14.** Combate Vicentini x Fernández. "Campeonato Sudamericano de Box, Vicentini vs Fernández", documentário, dirigido por Esteban Artuffo e Carlos Cariola, Talleres Artuffo e Cariola, 1923, 70'. **2.15.** Floridor Castillo. *Los Sports*, 102, 20 de Fevereiro de 1925, s/n. **2.16.** Manuel Plaza e José Santos Salas. *Los Sports*, 116, 29 de Maio de 1925, s/n. **2.17.** Jogadores da base do clube Ferroviários Centrales FC, Santiago. *Los Sports*, 131, 11 de Setembro de 1925, contra capa. **2.18.** Praças de jogos infantis, Santiago. *Los Sports*, 123, 17 de Julho de 1925, contra capa. **2.19.** Jogo de basquete no Estádio Policial, Santiago. *Los Sports*, 125, 31 de Julho de 1925, capa. **2.20.** Campeonato de natação, piscina da Quinta Normal, Santiago. *Los Sports*, 2, 30 de Março de 1923, s/n. **2.21.** Inauguração do velódromo do Club Barcelona, Santiago. *Los Sports*, 39, 7 de Dezembro 1923, s/n. **2.22.** Aviadores e ginastas no Club Hípico, Santiago. *Los Sports*, 86, 31 de Outubro de 1924, capa.

Capítulo 3.

3.1. Aula de educação física, Santiago. Acervo do Museo de la Educación Gabriela Mistral. **3.2.** Aula de puericultura, Chile. Acervo do Museo de la Educación Gabriela Mistral. **3.3.** Gota de leite, Santiago. Fundo Ricardo Larrain Bravo, Acervo Centro Nacional del Patrimonio Fotográfico (CENFOTO). **3.4.** Estudantes da Escola Nacional de Enfermeiras Sanitárias, Santiago. *Boletín Sanitario*, 8, 1927, s/n. **3.5.** Policlínico do bairro Estación Central, Santiago. *Boletín de la Dirección General de Beneficencia y Asistencia Social*, 2, Março/1929, p. 514. **3.6.** Caminhão da Direção Geral de Educação Sanitária, Santiago. Fonte: *Revista del Instituto Bacteriológico de Chile*, Outubro/1931, p. 77. **3.7.** Exame biométrico no Instituto de Kinesioterapia, Santiago. *Educación Física*, 3, Julho/1929, p. 33. **3.8.** Apresentação ginástica no Club Hípico. *Los Sports*, 246, Novembro/1927, s/n. **3.9.** Ginástica na escola José Abelardo Núñez. Acervo do Museo de la Educación Gabriela Mistral. **3.10.** Aulas na Escola de Educação Física. *Educación Física*, 8, Dezembro/1929, p. 25. **3.11.** Manuel Plaza campeão. *Los Sports*, 215, 22 de Abril de 1927, capa. **3.12.** Manuel Plaza nos Jogos Olímpicos de Amsterdã-1928. Acervo do Arquivo Nacional da Holanda. **3.13.** Reunião das equipes de basquete de Santiago. *Educación Física*, 6, Outubro/1929, p. 27. **3.14.** Estádio dos Carabineros, Santiago. *Educación Física*, 5, Setembro/1929, p. 58. **3.15.** Projeto para um campo esportivo, Linares. *Boletín Municipal de la República*, Setembro/1932. **3.16.** Campo esportivo, Constitución. *Boletín Municipal de la República*, Janeiro/1933. **3.17.** Piscina escolar, fotografia externa. Acervo do Museo de la Educación Gabriela Mistral. **3.18.** Piscina escolar, fotografia externa. Acervo do Museo de la Educación Gabriela Mistral. **3.19.** Presidente Ibáñez no Estádio Militar. *Educación Física*, 8, Novembro/1929, p. 19. **3.20.** Josephine Baker nos Campos de Sports, Santiago. *Los Sports*, 345, 18 de Outubro de 1929, capa.

3.21. Maquete de uma praça infantil, pavilhão argentino da Exposição Internacional de Sevilha, 1928. Maraboli (1933). **3.22.** Estádio e velódromo El Tranque, Viña del Mar, 1929. *Boletín Municipal de la República*, Março/1933. **3.23.** Piscina de Recreo, Viña del Mar, c.1930. Acervo Centro Nacional del Patrimonio Fotográfico (CENFOTO). **3.24.** Fachada do Estádio de Playa Ancha, Valparaíso. *Urbanismo y Arquitectura*, II (6), 1940, p. 264. **3.25.** Fotografia aérea do Estádio de Playa Ancha, Valparaíso. *Guía Valparaíso - Viña del Mar*, 1934.

Capítulo 4.

4.1. “Partido de fútbol”, Carmelo de Arzadún, c. 1919. Coleção Museo Nacional de Artes Visuais, Montevideu. **4.2.** Comemoração na Avenida 18 de Julho, Montevideu, 1920. Acervo Centro de Fotografia de Montevideo (CdF). **4.3.** Jogo entre as seleções da Argentina e do Uruguai, Gran Parque Central, Montevideu, 1916. Acervo Centro de Fotografia de Montevideo (CdF). **4.4.** Praça de Esportes número 3, Parque Rodó, Montevideu, 1916. Acervo Centro de Fotografia de Montevideo (CdF). **4.5.** Praça de Jogos Infantis, Villa del Cerro, Montevideu, 1925. Acervo Centro de Fotografia de Montevideu (CdF). **4.6.** Capa de “Palacio Salvo”, poemário de Juvenal Ortiz Saralegui (1927). **4.7.** Palácio Salvo no anúncio da Companhia Uruguia de Cimento Portland. *Arquitectura SAU*, 147, Fevereiro/1930, s/n. **4.8.** Cartão postal, Palácio Salvo e Praça Independência, Montevideu. Acervo digital da Biblioteca Nacional do Uruguai. **4.9.** Projeto para um Estádio Nacional, Comissão Nacional de Educação Física. Smith, 1913: 21. **4.10.** Fotografia aérea do Parque de los Aliados, obras Estádio Centenário, Montevideu. Acervo Centro de Fotografia de Montevideu (CdF). **4.11 - 4.15.** Canteiro de obras do Estádio Centenário, Montevideu, Março-Abril 1930. Acervo Centro de Fotografia de Montevideu (CdF). **4.16.** Mirante da Torre de los Homenajes, Estádio Centenário, Montevideu, 1930. *Arquitectura SAU*, 151, Junho/1930, p. 221. **4.17.** Inauguração do Estádio Centenário, arquibancada Colombes, Montevideu, 18 de Julho de 1930. Acervo Centro de Fotografia de Montevideu (CdF). **4.18 - 4.19.** Festejos do centenário da Constituição uruguia. Acervo Centro de Fotografia de Montevideu (CdF). **4.20.** Plano diretor de Montevideu, proposta da equipe de Maurício Cravotto. *Arquitectura SAU*, 160, Março/1931, p. 70. **4.21.** Projeto vencedor do concurso para o estádio do Club Nacional de Football, desenho. Club Nacional de Football, 1930:4. **4.22.** Lançamento da pedra fundamental do novo estádio do Club Nacional de Football, Montevideu. *Mundo Uruguayo*, 610, 18 de Setembro de 1930. **4.23.** Jogadores do Club Nacional de Football, Estádio Centenário, Montevideu. Acervo Club Nacional de Football, 1934. **4.24 - 4.26.** Construção projeto Rambla Sur. Acervo Centro de Fotografia de Montevideu (CdF). **4.27 - 4.28.** Desenhos do estádio do Club Atlético Peñarol, projeto de Julio Vilamajó. Acervo Instituto de Historia de la Arquitectura, FADU-UDELAR. **4.29.** Maquete do estádio do Club Atlético Peñarol, projeto de Julio Vilamajó. Acervo Instituto de Historia de la Arquitectura, FADU-UDELAR. **4.30.** Desenho do estádio do Club Atlético Peñarol, projeto de Julio Vilamajó. *Arquitectura SAU*, 151, Junho/1930, p. 223. **4.31.** Projeto de Juan A. Scasso para o estádio do Club Atlético Peñarol. Acervo Instituto de Historia de la Arquitectura, FADU-UDELAR. **4.32. - 4.33.** Desenhos do estádio do Club Atlético Peñarol, projeto de Julio Vilamajó. Acervo Instituto de Historia de la Arquitectura, FADU-UDELAR. **4.34.** Lançamento da pedra fundamental do estádio do Club Atlético Peñarol, Montevideu. Acervo Centro de Fotografia de Montevideu (CdF). **4.35.** Poema visual “Alegria del Football”. La Troupe Ateniense, 1932. **4.36.** Tribuna Olímpica do Estádio Centenário, Montevideu. *Mundo Uruguayo*, 600, 10 de Julho de 1930, capa. **4.37.** Seleção uruguia no Estádio Centenário, Montevideu. *Mundo Uruguayo*, 603, 31 de Julho de 1930, capa.

Capítulo 5.

5.1. Lançamento da pedra fundamental do Estádio Nacional, Renca Santiago. *Zig Zag*, 612, 11 de Novembro de 1916, s/n. **5.2.** Desfile militar no Parque Cousiño, Santiago, c.1915-1925. Fundo Obder Heffer Bissett, Acervo Acervo Centro Nacional del Patrimonio Fotográfico (CENFOTO). **5.3.** VII Congresso de Educação Física em Bruxelas, 1935. *Boletín de Educación Física*, 4, Abril/1935, p. 252. **5.4.** Anita Lizana. *As*, 1, 24 de Maio de 1935, capa. **5.5.** Campos de Sports. *As*, 2, 31 de Maio de 1935, s/n. **5.6.** Estudantes da Escola de Medicina Veterinária, Quinta Normal, Santiago, 1933. Acervo Centro Nacional del Patrimonio Fotográfico (CENFOTO). **5.7. - 5.8.** Casas Hasbún, Ñuñoa, Santiago. *Urbanismo y Arquitectura*, 9, 1937, pp. 10-11. **5.9.** Entrada principal do Estádio Nacional, Santiago. *La Nación*, 1 de Dezembro de 1938, p. 17. **5.10.** Fotografia aérea do Estádio Nacional e casas do bairro, Santiago, c. 1945. Fundo Enrique Mora, Acervo Centro Nacional del Patrimonio Fotográfico (CENFOTO). **5.11.** Estátua de Caupolicán, Estádio Nacional, Santiago. *Estadio*, 134, 8 de Dezembro de 1945, s/n. **5.12.** Estátua de Caupolicán, Estádio Nacional, Santiago. *En Viaje*, edição extraordinária Copa do Mundo de Futebol, 1962. **5.13.** Quadrinho da inauguração do Estádio Nacional. *Topaze*, 331, 9 de Dezembro de 1938, capa. **5.14.** Quadrinho da fachada do Estádio Nacional. *En Viaje*, 61, Novembro/1938, capa. **5.15.** Inauguração do Estádio Nacional. Acervo Ministério de Obras Públicas. **5.16.** Plano diretor do Estádio Nacional, 1937. Acervo Prefeitura de Ñuñoa. **5.17.** Projeto para Parque de Reposo y de Cultura, Curacavi, Santiago, 1940. Secretaría General de la Defensa de la Raza, 1940: 31. **5.18.** Uniformes e brasão da instituição Defensa de la Raza, Secretaría General de la Defensa de la Raza, 1940: 46.

5.19. Apresentação de ginástica das estudantes dos liceus femininos de Santiago, Estádio Nacional, 1953. Acervo Museo de la Educación Gabriela Mistral. **5.20.** Apresentação de ginástica das estudantes do Liceu 7 feminino de Santiago, Estádio Nacional, 1948. Acervo Museo de la Educación Gabriela Mistral. **5.21.** Vista aérea da Villa Olímpica, 1964. Acervo Archivo Visual de Santiago.

Capítulo 6.

6.1. Largada da prova “Travessia de São Paulo a nado”, rio Tietê, São Paulo, 1944. Revista *Brasileira de Educação Física*, 3, Março/1944. **6.2 - 6.5.** Fichas de participantes dos torneios organizados pela FPEA. Fundo Federação Paulista de Esportes Aquáticos, Arquivo Público do Estado de São Paulo. **6.6.** Casa da Rua Bahia 121, projeto Cia City, Pacaembu, São Paulo. Revista de Engenharia Mackenzie, **6.7.** Residência Luiz da Silva Prado, Pacaembu, São Paulo. Enciclopédia Itaú Cultural. **6.8.** Levantamento aerofotogramétrico do bairro Pacaembu, 1930. SARA Brasil. **6.9.** Vista da região do Vale do Pacaembu, São Paulo. *A Cigarra*, 2, Maio/1934, p. 6. **6.10 - 6.12.** Projeto para um Estádio no Pacaembu. Revista de Engenharia Mackenzie, 46, Março/1928, p. 32. **6.13 - 6.15.** Projeto para um Estádio no Pacaembu. Revista de Engenharia Mackenzie, 52-53, Junho/1930, pp. 102-104. **6.16.** Anúncio da Cia City. *Correio de São Paulo*, 28 de Dezembro de 1936, p. 3. **6.17.** Projeto do Estádio Municipal do Pacaembu, 29 de Junho de 1934. Fundo Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, Arquivo Municipal de São Paulo. **6.18.** Planta do Estádio Municipal do Pacaembu, 1934, Revista *Arquivo Municipal*, 35, Maio/1937, p. 76. **6.19.** Construção fachada principal do Estádio Municipal do Pacaembu, 7 de Junho de 1937. Fundo Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, Biblioteca FAU-USP. **6.20.** Anúncio publicitário da Cia City. *Folha da Manhã*, 30 de Novembro de 1937, p. 1. **6.21.** Anúncio publicitário da Cia City. *Correio de São Paulo*, 24 de Fevereiro de 1937, p. 1. **6.22 - 6.24.** Canteiro de obras do Estádio Municipal do Pacaembu, 1939-1940. Fundo Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, Biblioteca FAU-USP. **6.25 - 6.26.** Inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu, 27 de Abril de 1940. Fundo Hildegard Rosental, Acervo Instituto Moreira Salles. **6.27.** Vista noturna do Estádio Municipal do Pacaembu, c.1940-1945. Fundo Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, Biblioteca FAU-USP. **6.28.** Pista coberta de atletismo, Ginásio do Pacaembu, São Paulo. *Estadio*, 26, 11 de Setembro de 1942. **6.29.** Aulas de ginástica na Concha Acústica do Pacaembu, São Paulo. Revista *Brasileira de Educação Física*, 13, Janeiro/1945, p. 30. **6.30.** Escola de Educação Física e Desportos do Estado de São Paulo, Estádio Municipal do Pacaembu, São Paulo, Revista *Brasileira de Educação Física*, 12, Dezembro/1944, p. 6. **6.31.** Plano da Concha Acústica, Estádio Municipal do Pacaembu, 14 de Fevereiro de 1940. Fundo Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, Arquivo Municipal de São Paulo. **6.32 - 6.33.** Desenhos do salão de festas e do bar, Estádio Municipal do Pacaembu, 11 de Novembro de 1939. Fundo Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, Arquivo Municipal de São Paulo. **6.34.** Restaurante, Estádio Municipal do Pacaembu, c.1940-1945. Fundo Escritório Ramos de Azevedo, Severo e Villares, Biblioteca FAU-USP. **6.35.** Tobogã do Estádio Municipal do Pacaembu, 1970. Acervo iconográfico do Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Capítulo 7.

7.1. Mapa geral do Parque Ibirapuera, Comissão do IV Centenário de São Paulo. Acervo Fundação Bial de São Paulo. **7.2.** Vitória de Zatopek, Corrida São Silvestre, 31 de Dezembro 1953. *Estadio*, 557, 16 de Janeiro de 1954. **7.3.** Maquete do Ginásio de Sorocaba, c.1949. Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello. **7.4.** Planta do Ginásio de Ribeirão Preto. *Acrópole*, 162, Outubro/1951, pp. 204-205. **7.5.** Projeto para a Piscina Coberta do DEESP, Água Branca, São Paulo, 1949. Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello. **7.6.** Construção das arquibancadas da Piscina Coberta do DEESP, Água Branca, São Paulo, Junho 1951. Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello. **7.7.** Piscina Coberta do DEESP, Água Branca, São Paulo, 1954. Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello. **7.8.** Estádio de Beisebol, Bom Retiro, São Paulo, 1958. Arquivo O Estado de São Paulo. **7.9.** Velódromo do Parque Tres de Febrero, Buenos Aires, 19 de Novembro de 1958. Archivo General de la Nación Argentina, disponível em Sánchez Trolliet (2014). **7.10.** Delegações esportivas no complexo da Água Branca, São Paulo, 1954. *Esporte Ilustrado*, 20 de Janeiro de 1955. **7.11.** II Campeonato Mundial Feminino de Basquete, Estádio Nacional, Santiago, Fevereiro 1953. Federación de Basquetbol de Chile, 1958. **7.12.** III Campeonato Sul-Americano de Remo, Lagoa Rodrigo de Freitas, Rio de Janeiro, Abril 1954. *Estadio*, 574, 15 de Maio de 1954, p. 21. **7.13.** Reportagem do periódico chileno *Estadio* sobre avanços arquitetura esportiva em São Paulo. *Estadio*, 567, 27 de Março de 1954, pp. 14-15. **7.14.** Construção da cobertura do Ginásio do Ibirapuera, São Paulo, c. Junho-Julho 1954. Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello. **7.15.** Ginásio do Ibirapuera, São Paulo, 1957. Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello. **7.16.** Obras no interior do Ginásio do Ibirapuera, São Paulo, c. Dezembro 1956 - Janeiro 1957. Acervo Profissional Ícaro de Castro Mello. **7.17 - 7.18.** Velódromo do Ibirapuera, São Paulo, c. Outubro 1954 - Janeiro 1955. Fonte: *Habitat*, 20, Janeiro-Fevereiro/1955, pp. 14-15.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Comisión Nacional de Investigación en Ciencia y Tecnología do Chile (CONICYT), que por meio do programa Becas Chile me concedeu o auxílio financeiro para desenvolver esta pesquisa. A bolsa de doutorado me permitiu toda a dedicação necessária para fazer desse projeto o melhor trabalho possível. Da mesma forma, agradeço à Universidade de São Paulo, e, especialmente, ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, que me permitiu participar do seu programa de doutorado. O espírito público da FAU-USP promove o livre pensamento e a troca de ideias, da qual essa tese se alimentou.

Agradeço ao meu orientador Renato Cymbalista, pela confiança no meu trabalho, pela generosidade nos comentários e a criatividade nos seus conselhos, assim como por todas o auxílio que me ofereceu quando recém-cheguei à cidade. São coisas que não se esquecem.

Da mesma forma, agradeço a leitura cuidadosa e os comentários das professoras Ana Castro e Fernanda Peixoto no exame de qualificação. Sua colaboração foi fundamental para pensar melhor a estrutura do trabalho, as abordagens teóricas e também as perspectivas historiográficas da tese. Vários dos professores e professoras da FAU foram, direta ou indiretamente, críticos e interlocutores do trabalho em distintos momentos dos últimos quatro anos. Meu agradecimento a José Lira, Beatriz Bueno, Nilce Aravecchia, Paulo Garcez Marins e Flávia Brito do Nascimento.

Foram várias as oportunidades para discutir argumentos e avanços da tese durante os últimos anos. Uma primeira versão do capítulo “A modernização urbana pelos olhos de uma revista esportiva: Santiago na revista *Los Sports* (1923-1927)” foi publicada no livro *Urban Latin America. Imagens, words, flows and built environment*, editado por Bianca Freire Medeiros e Julia O’Donnell, e publicado em 2018. Os argumentos do capítulo “Saúde, higiene e educação física nos anos do regime de Carlos Ibáñez del Campo (1927-1931)” foram discutidos no seminário *Taller de Historia*, organizado por Javier Puente e Brandi Townsend no Instituto de História da Pontifícia Universidade Católica do Chile, no dia 19 de Maio de 2017, e também no ciclo de discussões historiográficas *Ventaja Retrospectiva*, organizado por Gonzalo Cáceres Q., no Instituto de Estudios Urbanos e Territoriais da mesma universidade, no dia 24 de Maio de 2017. Já o capítulo “Três estádios e uma Copa. O utopismo urbano montevidense do centenário (1929-1933)”, foi apresentado no *III Simpósio Internacional de Estudos sobre Futebol*, organizado pelo Museu do Futebol do Pacaembu e a Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), no dia 28 de Setembro de 2018. Uma versão do capítulo “Al estadio! Al estadio! Visões urbanísticas, interesses imobiliários e programas de uso do Estádio Nacional de Santiago (1935-1945)” foi apresentada no *II Encuentro de la red de Estudios Sociales del Deporte*, organizado por Bernardo Guerrero (Universidade Arturo Prat) e Rodrigo Soto (Rede Chile de Estudios Sociales do Esporte), na cidade de Iquique, nos dias 2 e 3 de Novembro de 2017. Da mesma forma, alguns dos temas discutidos no capítulo “O estádio e o bairro. O complexo esportivo e social do Pacaembu (1936-1950)” foram apresentados no simpósio *Perspectivas transacionais na historiografia*, organizado junto a Diego Inglez de Souza, Samira Chahin, Jonas Delecave e João Sodre no *V Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação*, realizado na Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Bahia, em Salvador, no dia 18 de Outubro de 2018. Por fim, alguns dos temas tratados no último capítulo da tese, “O IV Centenário esportivo: do entusiasmo à decepção em São Paulo (1951-1955)”, foram apresentados na mesa *Arquitetos viajantes*, coordenada por Renato Leão Rego no *IV Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação*, organizado pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal de Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, no dia 28 de Junho de 2016. Agradeço a todos os coorde-

nadores e coordenadoras desses encontros, momentos importantes para propor hipóteses, discutir argumentos e aprender de colegas.

Entre todas as pessoas que colaboraram comigo aqui em São Paulo, gostaria de agradecer especialmente a Joana Mello e a Christina de Castro Mello pela oportunidade de conhecer e mergulhar no acervo profissional do arquiteto Ícaro de Castro Mello. Catalogar esse arquivo foi uma das experiências mais interessantes que tive na minha vida profissional. Foi a primeira vez que tive a possibilidade de observar a trajetória profissional completa de alguém, de uma forma tão aprofundada. Muitas das lógicas de funcionamento e institucionalização do urbanismo esportivo foram, por mim, melhor compreendidas após abrir as centenas de tubos e caixas, limpar planos, digitalizar fotografias e revisar a documentação paralela. Obrigado pela confiança e o carinho, agora teremos tempo para organizar o livro sobre Ícaro. Gostaria de agradecer também a vários dos colegas da FAU, como João Kuhn, Jonas Delecave, Stephanie Guerra, Ricardo Assumpção e Fabiana Paiva, pelas trocas de ideias sobre nossas pesquisas, dividindo os prazeres e as angústias dos nossos trabalhos como tesistas.

Em Montevideú, agradeço toda a ajuda recebida dos professores Mariana Alberti, Martín Cobas e Gustavo Scheps, assim como da coordenadora Lucía Saibene, todos do Instituto de História da Arquitetura da Faculdade de Arquitetura, Design e Urbanismo, na Universidade de La República. A colaboração deles foi fundamental para ter acesso aos documentos profissionais de Juan A. Scasso e Julio Vilamajó, que estão disponíveis no Instituto. Agradeço também a Alexandra Novoa, do Centro de Fotografia da Intendência de Montevideú, que colaborou na minha pesquisa iconográfica sobre as transformações físicas e sociais que aconteciam na década de 1920 na capital uruguaia. Ademais, agradeço a Ino Guridi, importante guia na cidade e nos mistérios da Biblioteca Nacional do Uruguai e das livrarias de Tristán Narvaja.

Em Santiago, agradeço a colaboração de Gonzalo Cáceres Q., Horacio Torrent, Daniel Talesnik, María Soledad Zárate e Jorge Rojas, que, em distintas instâncias discutiram alguns argumentos do trabalho. Também a Samuel Salgado e Constanza Bravo, do Centro de Patrimonio Fotográfico (CENFOTO), que me facilitaram o acesso ao acervo da instituição e do jornal *La Nación*. Também a Marcelo Sánchez, Brenda Elsey, Jorge Iturriaga, Enrique Riobó, Camila Gatica, Pia Montealegre e Ricardo Greene por suas recomendações de leituras e comentários.

Não posso me esquecer das dezenas de trabalhadoras e trabalhadores de tantos arquivos, bibliotecas e museus latino-americanos, públicos e privados, que me ajudaram ao longo desses quatro anos. Por meio da sua colaboração tive acesso a dezenas de documentos, periódicos e imagens, que acabaram dando forma a minha tese. Com eles também aprendi a lidar com formulários, burocracias e ritos institucionais. Foram imprescindíveis para mim e para tantos outros pesquisadores e pesquisadoras que acreditamos no trabalho acadêmico e intelectual como um processo coletivo, de debates e trocas. Gostaria agradecer especialmente a Tomico Mitumori do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo pela disposição atenta para me ajudar a mergulhar no acervo da Comissão do IV Centenário de São Paulo.

Agradeço também a minha amiga Bruna Triana, que fez um minucioso e sacrificado trabalho de edição e correção da minha escrita em português. Sua ajuda foi vital para além da gramática e a sintaxe. Seus comentários me ajudaram a pensar melhor vários dos argumentos que foram redigidos ao longo dos últimos seis meses. Muitas das virtudes do texto são graças a sua ajuda.

Teria sido muito difícil completar esse trabalho sem a ajuda e companhia permanente de Andrea, Rodrigo e Dario, meus amigos queridos do Mercosul. Há vários anos estamos aprendendo juntos a querer e a sofrer por igual com São Paulo. Ademais, agradeço a Lucas e Julio, dois grandes amigos paulistanos que tem me acompanhado em um importante período da minha vida. Da mesma forma, também agradeço a minhas grandes amigas em Santiago, que desde o começo desse

longo percurso, têm se preocupado por saber dos avanços da minha tese, do meu estado de ânimo e da minha saúde. A Sergio, Genoveva, Orozco, Pedro, Alvin, Ignacia, Gonzalo, Daniel, Kiko e Ñeco, minha gratidão. Agradeço ainda a todos os membros de radioDop e Penal Largo. Tenho certeza que os longos debates sobre estádios, futebol, natação, badminton e Copa África foram valiosos para construir a categoria do urbanismo esportivo.

Agradeço a minha querida família, a meus pais, sogros, irmãos, cunhados e sobrinhos, apoios incondicionais do Chile. Obrigado por tudo e por todo o carinho nesses quatro anos.

Por último, agradeço a minha companheira Valentina, parceira da vida e inventora dos melhores planos. Com você tudo é melhor.

A presença de todos eles estão nas coisas boas do trabalho, em tudo o que pude fazer até esse momento. Já os erros e defeitos são da minha inteira responsabilidade.

Esta tese foi impressa no verão de 2019 em São Paulo.
Foi composta com a tipografia Reforma, criada por PampaType
em 2018, em homenagem ao centenário da Reforma Universitária
em Córdoba, Argentina.

Projeto gráfico: Fome.Press.

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Doutor em Arquitetura e Urbanismo.